HISTORIA
DO
REAL CONVENTO,
E SEMINARIO
DE
VARATOJO.

TOMO II.

Vende-se na mesma Officina na rua de S. Miguel nas casas N. 260; e na rua das Flores na loja de Livros á esquina da travessa do Ferraz, onde se acharaõ os mais livros compostos pelo mesmo Author.

HISTORIA
DO
REAL CONVENTO,
E SEMINARIO
DE
VARATOJO,
COM A COMPENDIOSA NOTICIA
das vidas de memoraveis Religiosos, e de
alguns Irmaõs da Terceira Ordem da
Penitencia sujeita a Varatojo.

DEDICADA
AO SERENISSIMO SENHOR
D. JOAÕ,
PRINCIPE REGENTE,

POR
Fr. MANOEL DE MARIA SANTISSIMA,
*Missionario Apostolico, e indigno filho
do dito Seminario.*

PORTO:
NA OF. DE ANTONIO ALVAREZ RIBEIRO,
ANNO M. DCCC.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

Intuere ſanctorum vivida exempla, in quibus vera perfectio perfulſit, ac Religio... Dati ſunt in exemplum omnibus Religioſis: & plus provocare nos debent ad bene proficiendum, quam tepidorum numerus ad relaxandum.

Olha bem para os exemplos vivos dos Santos Padres, nos quaes reſplandeceo a verdadeira perfeiçaõ, e a Religiaõ... Elles foraõ dados por exemplo a todos os Religioſos, e mais nos devem incitar para aproveitarmos no bem, que a multidaõ dos tibios para affrouxarmos nelle.

Do Author do Liv. Imit. de Chriſto, L. 1. c. 18.

INDEX

DOS

CAPITULOS, QUE SE CONTEM neste Segundo Tomo.

*

CAP.

APPENDICE.

COMPENDIOSA NOTICIA DAS VIDAS de alguns memoraveis Irmaõs Terceiros, que no lugar de Varatojo, e suas visinhanças, vivêraõ, e morrêraõ santamente.

CAP.

CAP.

HISTORIA
DE
VARATOJO.

CAPITULO I.

Vida do V. P. Fr. Francisco da Conceiçaõ; e do V. P. Fr. José da Natividade, Missionarios, e Filhos do Seminario de Varatojo.

1 A 25 de Dezembro do anno do Nascimento de Christo de 1720, nas montanhas de Judéa se desatou a venturosa alma do V. P. Fr. Francisco da Conceiçaõ das prisoens de seu corpo ferido de peste com opiniaõ de Santo. Chamava-se no Seculo Francisco de Sousa Macedo; era filho legitimo de Gonçálo de Sousa, Baraõ da Ilha grande, neto de Antonio de Sousa, Secretario, e Privado d'El-Rei D. Af-

FONSO VI., e de D. Marianna de Tavora e Mendonça das principaes Familias do Reino. Francisco de Sousa depois de Mestre de Artes em Evora, e formado nos Sagrados Cánones com applauso pela Universidade de Coimbra, ainda que lisonjeado com as esperanças dos emprêgos, que no Seculo podia alcançar facilmente, tudo abandonou pelo Habito penitente de S. Francisco.

2 Sem consultar, nem se despedir dos parentes, e amigos, fugio para Varatojo, onde tomando o Habito em Fevereiro de 1697, professou solemnemente no anno seguinte de 1698. Depois de estar Fr. Francisco da Conceiçaõ no retiro de Varatojo, fazendo vida de perfeitissimo, e exemplarissimo Religioso, sempre conduzido pelo espirito do Seraphico Patriarcha, desejou passar a terras de Infieis, a fim de prégar as verdades da Fé, e padecer martyrio. Conservando-se sempre nestes santos designios, com Patente do Reverendissimo Padre Geral da Ordem dos Menores, e com a bençaõ, e licença do Guardiaõ do Seminario de Varatojo, partio o servo de Deos cheio de fervor para os Lugares Santos de Jerusalem.

Che-

3 Chegou a Damasco, Cidade da Asia, onde se demorou algum tempo para aprender a lingua Arabia. Depois encaminhou a sua primeira Missaõ aos Surianos scismaticos, que viviaõ naquellas visinhanças, aos quaes reduzio todos venturosamente ao gremio da Santa Igreja Catholica Romana. O mesmo felizmente succedeo ao servo de Deos na Missaõ, que fez aos Gregos scismaticos, cujo Patriarcha com seus Bispos, Clerigos, Monges, e mais de dezaseis mil pessoas, que se reduzíraõ á verdadeira Fé, logo rendêraõ obediencia ao SS. Padre Vigario de Christo, Pontifice da Igreja Romana. Concluidas estas duas gloriosas Missoens, passou a Jerusalem no emprêgo de Definidôr. Todo o tempo, que esteve na Cidade Santa, se occupou na conversaõ dos scismaticos, e na instrucçaõ dos Catholicos, que alli habitavaõ. Passou depois a parochiar na Igreja de S. Joaõ nas montanhas de Judéa, onde assistio perto de seis annos no solícito cuidado de dar o saudavel pasto ás suas ovelhas, como tambem na reducçaõ dos scismaticos, e na conversaõ dos Infieis.

4 Entrou naquella terra huma peste taõ devastadora, que tudo hia de-

vorando. Naõ foi baſtante taõ fatal contagio, para que o ſervo de Deos deſamparaſſe aquelle rebanho, que lhe fôra commettido, antes entaõ meſmo deo as mais claras provas do ſeu ardente zêlo. Porque deſcuidado de ſi, cuidava ſolícito nos outros, naõ ſó aſſiſtindo-lhes peſſoalmente, exhortando-os, e conſolando-os com aviſos efficazes a bem de ſuas almas, mas tambem buſcando-lhes remedios para os corpos. Servia de Medico eſpiritual, e corporal juntamente.

5 Foi em fim ferido de peſte o V. P. Fr. Franciſco da Conceiçaõ, achando-ſe no actual exercicio de caridade, e converſaõ dos ſciſmaticos, e Infieis. Roborou o ſeu eſpirito com os Sacramentos da Igreja, com Actos de Fé, Eſperança, Caridade, e ſe diſpoz logo com tal conformidade, e alegria, a eſperar pela morte proxima, que cauſou admiraçaõ aos meſmos Turcos. Foi reputado, como Apoſtolo daquellas terras. Tanta veneraçaõ lhe tinhaõ todos os que o conheciaõ, que a pezar de morrer do contagio da peſte, naõ quizeraõ ſe queimaſſe couſa alguma das que elle tinha. Mas antes todos o traſtes, roupas, Habito, e tunica do uſo do ſervo de Deos ſe re-

par-

partíraõ em bocadinhos, entre o Prelado do Convento de Jerusalem, Religiosos, e Catholicos daquellas partes, os quaes guardando, e estimando estas cousas, como preciosas Reliquias, diziaõ cheios de Fé, que sendo ellas Reliquias de hum grande Santo, naõ tinhaõ medo á peste.

6 A morte deste servo de Deos originada da peste succedeo desta maneira. Dando o mesmo servo de Deos o Sagrado Viatico a hum enfermo do mal da peste, naõ pôde reter o enfermo a Sagrada Fórma, mas obrigado de violentos vomitos a lançou fóra. Que faria o servo de Deos Fr. Francisco? Pegou animoso na Sagrada Particula com toda a reverencia, e metendo-a na sua boca a commungou. Daqui se lhe originou a sua morte, a que de algum modo podemos chamar martyrio.

7 A 22 de Fevereiro do anno do Senhor 1722, passou da vida mortal para a eterna no Seminario de Varatojo o V. P. Fr. José da Natividade, Missionario Apostolico, e benemerito Filho do mesmo Seminario. Nasceo em Lisboa de Familia illustre tanto pela parte paterna, como pela materna. Seu pai Manoel Raposo de Andra-

dra-

drade, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, Tenente da Guarda, era criado muito eſtimado, e valido d'El-Rei D. PEDRO II. Criou Manoel Rapoſo de Andrade a ſeu filho logo deſde menino no ſanto temor de Deos, e em exercicios de piedade. E depois de o vêr bem inſtruido nas letras humanas, o mandou da Côrte para Coimbra.

8 Achava-ſe Joſé Rapoſo de Andrade na flor de ſua idade applicando-ſe aos Sagrados Cánones na Univerſidade de Coimbra, quando ſe reſolveo conſagrar-ſe a Deos no eſtado Religioſo. Huma Miſſaõ de Varatojo, que entaõ entrou em Coimbra, foi o motivo da converſaõ de Joſé Rapoſo. Pois tanto que elle ouvio aos Miſſionarios prégar com palavras, e exemplo as verdades Santas do Evangelho, o apreço dos bens eternos, e deſprezo dos terrenos, ficou o ſeu eſpirito taõ movido, que logo ſe reſolveo deixar o Mundo com ſuas vaidades, e eſperanças liſonjeiras para ſeguir a Chriſto debaixo das bandeiras de Franciſco, veſtido com a libré de ſeu Habito penitente no Seminario de Varatojo. Conſultou os Miſſionarios expondo-lhes os ſeus deſejos, e reſoluçaõ. Poucas eſperanças déraõ os Miſſionarios

rios ao fervoroſo mancebo de ſer entaõ acceito em Varatojo, porque, ainda que julgavaõ verdadeira ſua vocaçaõ, e que era adornado das mais bellas qualidades para a vida de Miſſionario, com tudo que ſuppoſta a ſua pouca idade, e os poucos annos, que tinha de Univerſidade, onde elle ainda naõ eſtava graduado, nem tinha feito formatura, lhe poderia iſto por entaõ ſervir de embaraço, e como de impedimento talvez dirimente á ſua pertençaõ, e acceitaçaõ no Seminario de Varatojo.

9 Poſto que Joſé Rapoſo de Andrade ficou mal ſatisfeito, muito ſentido, e aſſás triſte com a reſpoſta dos Miſſionarios taõ pouco favoravel a ſeus intentos, com tudo naõ deſiſtio delles, mas antes tenaz ſempre em ſua reſoluçaõ ſanta fugio de Coimbra, e foi bater ás portas do Seminario de Varatojo, onde lançado aos pés do Guardiaõ do Seminario lhe pedio com humildes inſtancias, e com mais lagrimas, que vozes, o Habito de S. Franciſco. Conhecida, examinada, e provada em Varatojo a ſólida vocaçaõ, e ſufficiencia do Pertendente, a pezar de naõ ter ainda vinte annos de idade, reſolveo-ſe o Guardiaõ acceitá-lo, e alcançan-

çan-

çando-lhe licença do Geral da Ordem para se dispensar na idade lhe lançou o Habito em 12 de Maio de 1703. Fr. José da Natividade em seu Noviciado, e Coristado se ensaiou, e exercitou fervoroso na disciplina Regular, nas observancias municipaes do Seminario, e na prática das virtudes, em que se vio, e admirou depois em toda a sua vida resplandecer. A candura, e ingenuidade natural, de que era dotado este servo de Deos, e a aptidaõ, que elle tinha para as cousas de Deos, e de espirito, e a promptidaõ com que praticava as virtudes, parecia, que ellas em Fr. José eraõ naturaes, e naõ adquiridas, e que elle no seu exercicio, e conducta era outro S. Boaventura.

10 A natural belleza do corpo de Fr. José da Natividade junta com a sua gravidade, e modestia exterior, offerecia aos olhos de todos a formosura da sua alma. Gozava o seu espirito de huma paz inalteravel, a qual nunca se conheceo, que elle perdesse, nem tambem jamais em toda a sua vida o víraõ irado, ainda levemente. Porque elle para sua humildade trazia sempre diante dos olhos, e na sua consideraçaõ, ser grande falta em hum

Re-

Religioſo, e ainda mais em hum Miſſionario irar-ſe, ou perturbar-ſe, poſto que leviſſimamente. Poz Fr. Joſé o ſeu principal eſtudo em alcançar huma profundiſſima humildade. Buſcava exercitar-ſe nos officios mais humildes. Goſtava, que os Frades, e Guardiaõ o deſprezaſſem. Reputava-ſe indigno de viver em Varatojo, e de trazer o ſanto Habito do Seraphico Patriarcha.

11 Elle com ſua alegria modeſta, com ſuas palavras cheias de ſuavidade, com ſua converſaçaõ toda doce, e agradavel, com ſeu genio ingenuo, candido, e columbíno junto com ar grave, ſério, e mageſtoſo, e em fim com ſeu comportamento irreprehenſivel attrahia, e encantava os coraçoens de todos. Deos tal Graça deo a eſte ſeu ſervo, que, como a outro S. Boaventura, ninguem o via, e tractava, que naõ ficaſſe captivo do ſeu amor. Deſde ſeus tenros annos teve eſpecial cuidado em guardar immaculada a precioſa joia da caſtidade, trazendo para eſte fim continuamente crucificada a ſua carne com os cravos do ſanto temor, e fechadas as portas de ſeus ſentidos com a chave de ouro de ſua modeſtia, e mortificaçaõ contínua. Para guardar inviolaveis os fóros deſta

An-

Angelica virtude era santamente sevéro com mulheres, evitando sempre conversar com ellas, ainda com pretexto de espiritualidade fóra das precisas instrucçoens, que lhes dava no Confessionario.

12 Tendo idade de vinte annos, quando entrou no Seminario, nelle aproveitou tanto nas letras Divinas, e Humanas tendentes aos Sagrados Ministros do Pulpito, Confessionario, e Altar, que em todos elles parecia Mestre, e naõ discipulo. Concorreo muito para os vantajosos progressos, que fez este servo de Deos nos estudos, ainda antes de ordenar-se de Ordens Sacras, a assidua applicaçaõ aos livros escolhidos junta com o talento raro, de que era dotado, e innocencia de seus costumes. Pouco depois de Presbytero, sendo examinado nas materias Theologicas, e em outras, que diziaõ respeito aos sagrados emprêgos do Pulpito, Confessionario, e Altar, em todas o acháraõ taõ consummado os Examinadores, que as podia ensinar de cadeira.

13 Instituido Fr. José Prégador, e Confessor, foi por vezes mandado pelo imperio da obediencia sahir do Seminario para illuminar com os raios

da

da ſua doutrina muitas terras do Reino de Portugal, onde ganhou para Chriſto almas innumeraveis, que converteo á Graça. He indizivel o goſto, com que eraõ ouvidos ſeus Sermoens, e os fructos, que com elles fez á Igreja, e ao Eſtado eſte ſervo de Deos. Concorrêraõ para iſto com a Graça de Deos os bellos dotes naturaes, de que era dotado. Elle tinha corpo gentil, roſto claro, ar mageſtoſo, voz perceptivel, ſonóra, e ſuave ao ouvido; accidentes, e geſtos indicativos da penitencia, e gravidade religioſa, ſem o mais leve ſignal de affectaçaõ, ou artificio. Elle com fortaleza de eſpirito arguía acre os vicios, e abuſos ſem excepçaõ de peſſoa; exhortava vehemente com efficacia ſagrada a prática da virtude, pintando com as mais vivas côres a ſua belleza, e formoſura: facilitava a obſervancia da Divina Lei, e caminho do Céo com tal ſuavidade, que inſinuando-ſe maravilhoſamente nos coraçoens de ſeus ouvintes, a todos movia, e attrahia para Deos. Ainda meſmo nos Sermoens fortes, que prégava da Morte, Juizo, Inferno, Eternidade, número de peccados, predeſtinaçaõ, e outros, era ouvido com igual goſto, e fructo. Porque era tal

a

a ſanta deſtreza, com que os ornava, tal a judicioſa miſtura, e tempêro, que nelles fazia do amargo com o doce; da ſeveridade com a ſuavidade; da juſtiça com a Miſericordia de Deos; que atterrados os peccadores com os Sermoens naõ fugiaõ de os ouvir, mas antes arrependidos buſcavaõ com maior ancia ao Miſſionario, para que ouvindo-os de Confiſſaõ, lhes remediaſſe ſeus males, e meteſſe no caminho da ſalvaçaõ. Todos ſe deſejavaõ a ſeus pés, todos ſe queriaõ conſolar, e confeſſar com elle.

14 Tal era o conceito, e opiniaõ, que os póvos geralmente faziaõ de Fr. Joſé da Natividade, que ainda vivo o veneravaõ, como a ſanto, e lhe cortavaõ pedaços do Habito, reputando eſtes, e outras couſas, que alcançavaõ do uſo deſte ſervo de Deos, como precioſas Reliquias, e eſtimaveis prendas de hum grande ſanto. Foraõ as ſuas Miſſoens de grande lucro para as almas, trouxe innumeraveis peccadores para Deos. Naõ teve enterrado o ſeu talento. Foi ſervo fiel. Alem do aggregado, e cúmulo das excellentes qualidades naturaes, e altiſſimos dons, de que era dotado, Deos ſe lhe moſtrou propicio a ſeus votos

pe-

pelas eximias virtudes, que ornavaõ a ſua alma. E por iſſo elle agradecido ao meſmo Senhor, em quanto teve vida, nunca deſcançou, ſempre cooperou fiel com a ſua Graça, ſempre trabalhou com zêlo infatigavel na ſeára Evangelica, de que ſe ſeguíraõ effeitos prodigioſos, como vio, e admirou grande parte de Portugal, onde miſſionou eſte Declamador Evangelico, e Miſſionario verdadeiramente Apoſtolico.

15 Porém naõ era o Mundo digno de taõ illuſtre Varaõ, e de taõ inſigne Miſſionario, cuja falta ſentio com a maior dôr Varatojo, e Portugal. Porque a cruel Parca lhe roubou a vida quaſi na flor da idade varonil, ſe bem que para o ſervo de Deos naõ foi morte repentina, e anticipada, porque antes que ella o ameaçaſſe com o golpe fatal, já elle a tinha previſto, já elle eſtava diſpoſto para ella. Lograva elle vigoroſa ſaude, quando ſem ſuſto prediſſe, que morreria brevemente, e que eſtava proxima a ſua jornada para a eternidade. Eſperou a morte com animo varonil já preparado para ella. Sentindo-ſe atacado com huma intenſiſſima dôr de cólica, menſageira da ſua morte, logo com a maior devoçaõ recebeo os ultimos Sacra-

cramentos da Igreja; fez a Proteſtaçaõ da Fé; renovou a ſua Profiſſaõ nas maõs do Guardiaõ; jurou o Myſterio da Conceiçaõ, de quem era terniſſimo, e cordialiſſimo devoto; começou com mais fervor a exercitar Actos ardentiſſimos de Amor de Deos, de Fé, de Eſperança, de confiança, e reſignaçaõ com a Divina vontade. Pedio ao Guardiaõ lhe mandaſſe cantar o Evangelho de S. Joaõ da Cêa do Senhor, e antes de elle ſe acabar de cantar acabou placidamente a ſua vida com morte de juſto o memoravel ſervo de Deos P. Fr. Joſé da Natividade, rodeado de ſeus Irmaõs, e Companheiros, coberto de pias preces, que todos choroſos, e enternecidos, faziaõ por elle a Deos. Morreo no meſmo momento, que no Côro de Varatojo á hora de Prima ſe repetia o verſo: *He precioſa diante do Senhor a morte de ſeus Santos.*

16 Ficou o corpo deſte ſervo de Deos flexivel, e tractavel, com o roſto taõ gentil, como quando eſtava vivo, e com os olhos taõ luzidîos, como ſe naõ foſſem de corpo morto. Todos os ſignaes do V. cadaver indicavaõ pureza de vida, e ſantidade de coſtumes. Falleceo na idade de 38

an-

annos, 19 dos quaes passou com Habito do Seminario, sempre com vida inculpavel, e edificante, tanto entre seus Irmaõs, e domesticos, como entre Seculares, e estranhos. Todos, huns, e outros ficáraõ com santa inveja das heroicas virtudes deste Angelico Varaõ, que mereceo por ellas, entre os que o conhecêraõ, e tratáraõ, ser appellidado o *S. Luís Gonzaga de Varatojo.* O fiel servo do Senhor, Fr. José da Natividade, que na terra fez vida de Anjo, ore por nós no Céo a Deos entre os Anjos, para que imitando-o nós na vida, o vamos acompanhar tambem na Gloria eterna, onde o considéro. Amen.

CAPITULO II.

Vida do V. P. Fr. Pedro das Chagas, e do V. P. Fr. Domingos das Chagas, ambos Missionarios Apostolicos, Filhos do Seminario de Varatojo.

17 A 28 de Agosto de 1710 falleceo com opiniaõ de santidade no Convento dos Religiosos Capuchos da Villa de Chaves o V. P. Fr. Pedro das

das Chagas, achando-se em actual Missaõ, cuja admiravel vida, ainda que por falta de noticias muito compendiosas, naõ se escreveo acima na ordem Chronologica, por causa de naõ chegarem as poucas memorias deste insigne Varaõ a tempo competente, em que se devia escrever. Era o V. P. Fr. Pedro das Chagas natural do Bispado de Viseu, do lugar de Arcosêlo. Achava-se Mestre em Artes, formado pela Universidade de Coimbra, quando sentindo-se movido pelo impulso da inspiraçaõ Celeste se resolveo deixar bens caducos, e conveniencias terrenas para se consagrar de todo a Deos, fazendo vida Apostolica no Seminario de Varatojo. Pedro Lopes de Mattos (fôra este o nome que tinha no seculo) sem se despedir de seus amigos, nem dar parte da sua vocaçaõ, e resoluçaõ aos parentes, fugio para Varatojo, onde acceito, e depois Professo pelo Guardiaõ do Seminario, deo naõ só em Noviço, e Corista, mas em toda a sua vida de Religioso, claras provas do seu fervor de espirito, e ardentes desejos de aspirar á maior perfeiçaõ do seu estado, com edificaçaõ, e admiraçaõ de domesticos, e estranhos, tanto na pontual

ob-

obſervancia da Regra, e vida Religioſa, como nos ſantos coſtumes, que ſe praticaõ no Seminario.

18 Fr. Pedro das Chagas inſtituido Confeſſor, e Prégador Miſſionario, foi pelos Prelados mandado a diverſas Miſſoens, nas quaes elle por ſeu ardente zêlo fazia prodigioſos fructos de almas innumeraveis, que converteo para Deos. Dava todas as boas eſperanças, e próvas de vir a ſer hum grande Operario na vinha do Senhor, e hum egregio Miſſionario. Porém naõ era o Mundo digno deſte inſigne Varaõ. Achava-ſe elle na Villa de Chaves, da Provincia de Traz dos Montes, no actual exercicio da Miſſaõ, quando foi accommettido de huma enfermidade, que lhe chamou pela morte. Conheceo o ſervo de Deos, que eſta eſtava proxima. Sem ſuſto, mas alegre, e confórme, ſe diſpoz para ella. Recolheo-ſe logo ao Convento do noſſo Padre S. Franciſco daquella Villa para morrer entre ſeus Irmaõs, onde roborado com os Sacramentos da Igreja, que pedio, terminou placidamente a carreira da ſua vida com geral acclamaçaõ de ſanto Miſſionario na idade de 32 annos.

19 Leváraõ os Religioſos, e Se-

culares prevenidas tisouras para cortarem o Habito do servo de Deos, tendo-se por venturoso aquelle, que ficava com alguma cousa de seu uso. Tal era a veneraçaõ, que todos lhe tinhaõ, que até as flores, e ramos do esquife guardavaõ como preciosas Reliquias de hum grande Santo. Foi sesepultado o seu veneravel cadaver no mesmo Convento, onde morreo.

20 A 16 de Fevereiro de 1722 falleceo no Senhor com opiniaõ de santidade no Seminario de Varatojo o V. P. Fr. Domingos das Chagas, Missionario Apostolico, Filho do mesmo Seminario. Chamava-se no Seculo Domingos Rodrigues, natural de Moimenta da Serra, junto á Villa de Gouvêa, Bispado de Coimbra. Depois de graduado em Filosofia, e Theologia Escolastica na Universidade de Coimbra, com inclinaçaõ, e vocaçaõ ao estado Ecclesiastico se ordenou de Presbytero. Com costumes irreprehensiveis, e vida de perfeito Ecclesiastico exercitou Domingos Rodrigues o emprêgo de Parocho, e da Prégaçaõ por alguns annos com conhecido fructo de suas ovelhas, e de todos os que ouviaõ seus Sermoens doutrinaes no Púlpito, e seus saudaveis conselhos na cadeira do Confessionario.

21 Sentio-se interiormente chamado por Deos para o seguir com a cruz da mortificaçaõ, e desprezo do Mundo debaixo das bandeiras do Patriarcha dos pobres, e humildes, S. Francisco, fazendo vida Apostolica no Seminario de Varatojo, onde foi acceito em Dezembro de 1686, e professou a 13 do Dezembro seguinte de 1687. Floreceo, como luminosa tocha, em toda a sua vida, exercitando virtudes heroicas com admiraçaõ de domesticos, e estranhos.

22 Achando-se Fr. Domingos depois de Missionario exercitando com fervor o ministerio da santa palavra em Portalegre, foi accommettido de huma enfermidade, que o obrigou a recolher-se ao Seminario, e o deixou inhabilitado para o exercicio das Missoens. Porém, ainda que Fr. Domingos sentisse a sua carne enferma, e fraca, sempre o seu espirito se achava robusto, e prompto para todos os exercicios, que se praticaõ dentro do Seminario. Sempre nelles queria ser o primeiro. Jamais o viraõ faltar aos actos da Communidade. Jamais pedio dispensa para algum delles, em quanto pôde arrastar os pés para o Côro, a que elle chamava as suas delicias, e o seu jar-

dim. E naõ poucas vezes o víraõ ir para o Côro, e ainda para Matinas á meia noite encoſtado a huma mulêta. Mais de vinte annos ſervio de Meſtre de Noviços com plena ſatisfaçaõ da Communidade. Achava-ſe neſte emprêgo, quando El-Rei D. JOAÕ V. veio a Varatojo viſitar ao Noviço Fr. Gaſpar da Incarnaçaõ, e depois que o meſmo Monarcha ouvio huma Prática, que Fr. Domingos entaõ fez a ſeus Noviços, lhe ficou muito affeiçoado, e tambem o ſervo de Deos do Monarcha; depois que o vio em Varatojo, naõ ſó aſſiſtindo ás Matinas da meia noite, mas tambem ás que ſe rezavaõ no Noviciado.

23 Indo Fr. Gaſpar da Incarnaçaõ, diſcipulo do ſervo de Deos, viſitar a El-Rei, já com o bordaõ lhe diſſe: Irmaõ Meſtre Fr. Domingos, vou á Côrte, quer V. C., que diga alguma couſa a El-Rei ſeu amigo? O ſervo de Deos, que ſe achava entaõ gravemente enfermo, levantando a voz trémula, reſpondeo, dizendo: « Diga-lhe, » que ſe lembre do nome, que lhe » puleraõ no Baptiſmo, que he Joaõ, » que quer dizer Graça, e que eu lhe » mando dizer iſto, para que o con» ſidére. » Andava Fr. Domingos taõ

eſ-

esquecido de si, e taõ lembrado de Deos, que fallando em suas molestias com este Senhor naõ se ouviaõ de sua boca queixas, mas frequentemente estas palavras: Ai Amor! Quando seus discipulos lhe perguntavaõ por graciosidade, porque naõ sahia para Missoens, respondia: « Filhos, porque » naõ quer o meu Crucificado. »

24 Estando o servo de Deos meio dormindo, ouvio por cinco noites huma voz, que lhe dizia: « Aparelha- » te para mais padeceres. » Assim o depoz o Prelado do Seminario, seu Confessor, depois da sua morte. Longe Fr. Domingos de se assustar, quando sentia a morte proxima, mas antes bem sim o viaõ banhado de huma tal alegria, que a todos causava admiraçaõ. Dizia: « Sinto grandes dôres no » corpo, porém quanto mais ellas me » atormentaõ, mais me regalaõ o es- » pirito. »

25 Dispoz-se o servo de Deos para morrer, fortalecendo o seu espirito com Actos de Fé, Esperança, Caridade, Contriçaõ, e com os Sacramentos da Confissaõ, Communhaõ, e Extrema-Unçaõ, que pedio, e recebeo com inteiro conhecimento. Pouco depois assistido da Communidade, e

co-

coberto das devotas Preces de ſeus irmaõs, expirou no Senhor com morte de Predeſtinado no conceito, dos que lhe aſſiſtíraõ a ella: a opiniaõ geral de ſantidade, que todos tanto domeſticos, como eſtranhos, Religioſos, e Seculares, tinhaõ do ſervo de Deos P. Fr. Domingos, foi a que moveo aos Religioſos, e aos Seculares, a fazerem piedoſos furtos naõ ſó no ſeu Habito, que lhe retalháraõ até os joelhos, deixando quaſi nû o veneravel cadaver, mas em todas as couſas, que foraõ do ſeu uſo, querendo com devota ambiçaõ conſervá-las, como precioſas Reliquias de hum grande Santo, e naõ menos eſtimaçaõ faziaõ dos cabellos da cabeça, que quaſi todos lhe arrancáraõ.

26 O V. P. Fr. Rodrigo de Chriſto, diſcipulo do meſmo ſervo de Deos Fr. Domingos das Chagas, ſendo Guardiaõ do Seminario, quando elle fallecceo, conluío o ſeu óbito com eſtas ternas palavras: « Diante dos noſſos olhos deſappareceo o noſſo muito amado Meſtre V. P. Fr. Domingos das Chagas. » Deſcançaõ ſeus veneraveis oſſos em hum caixaõ ao redor da ſepultura do V. P. Fr. Antonio das Chagas para a parte do Evangelho.

No

No Archivo do Seminario ſe conſerva hum Manuſcripto da prodigioſa vida deſte ſervo de Deos com mais extençaõ, individuando as ſuas heroicas virtudes, e os muitos milagres ſuccedidos por ſua interceſſaõ.

CAPITULO III.

Vida do V. P. Fr. Filippe da Madre de Deos, e dos Veneraveis Irmaõs Leigos Fr. Manoel da Cruz, e Fr. Luís da Eſtrella, Filhos de Varatojo.

27 A 8 de Junho de 1725 em huma Sexta feira pelas duas horas depois do meio dia entregou placidamente o ſeu eſpirito ao Creador no Convento de S. Franciſco da Villa de Torre de Moncorvo, Provincia de Traz dos Montes, o V. P. Fr. Filippe da Madre de Deos, achando-ſe com Fr. Antonio da Piedade, Filho dos Excellentiſſimos Condes da Ericeira, tambem Miſſionario de Varatojo em actual exercicio de Miſſaõ. Chamava-ſe no Seculo Belchior Pires Pimentel, natural do lugar de Urrós, Comarca, e Biſpado de Miranda, de Familia nobre de hum,

e

e outro lado na Provincia de Tras dos Montes.

28 Cuidáraõ solícitos os piedosos, e nobres Pais de Belchior em lhe dar com palavras, e exemplos educaçaõ honesta, fazendo, que elle logo desde menino com o leite, e depois de crescido com as letras, aprendesse as virtudes, e costumes santos, a fim de que fosse bom Christaõ. Nasceo no dito lugar a 23 de Fevereiro de 1682, e foi baptizado a 4 de Março do mesmo anno. Com inclinaçaõ ao estado Ecclesiastico se applicou Belchior ás letras, primeiro na sua naturalidade, e depois na Universidade de Coimbra, onde fez vantajosos progressos na sciencia Canonica, em que com applauso dos Mestres tomou o gráo de Bacharel. Tinha Belchior conducta irreprehensivel. Era sabio, e juntamente virtuoso. Achava-se na idade de vinte e cinco annos já Sacerdote, quando movido da vocaçaõ de Deos fugio do Seculo para o retiro de Varatojo, onde tomando o Habito a 30 de Abril de 1711, professou no primeiro de Maio do anno seguinte mudando o nome de Belchior no de Filippe em reverencia do Santo Apostolo, que se solemnizava neste dia, querendo imitá-

lo

lo na vida Apoſtolica, que abraçava goſtoſo.

29 Era Fr. Filippe de poucas carnes, de eſtatura menos, que ordinaria, parecia Zachêo no corpo, mas no fervor de eſpirito foi agigantado Apoſtolo. Tinha raro talento. Aproveitou em Varatojo grandemente dentro de pouco tempo no adiantamento da perfeiçaõ religioſa, e nas ſciencias tendentes aos ſagrados emprêgos do Pulpito, e Confeſſionario, mediante as conferencias literarias, e a liçaõ de bons livros. Inſtituido Confeſſor, e Prégador, e mandado para Miſſaõ á Cidade de Coimbra, foi alli ouvido, como trombeta do Evangelho pelo eſpirito, e efficacia, com que annunciava as verdades eternas. Fez com ſuas fervoroſas Miſſoens nos poucos annos, que viveo Miſſionario, prodigioſos fructos de almas innumeraveis, que converteo á Graça em beneficio da Igreja, e do Eſtado, e crédito do Seminario, cujas Leis municipaes, e ſantos coſtumes zelou, e guardou com a maior perfeiçaõ até morrer.

30 Achava-ſe Fr. Filippe em actual exercicio de Miſſaõ no Biſpado de Miranda, tendo por Companheiro, como já ſe diſſe, a Fr. Antonio da Pieda-

dade, Filho dos Excellentissimos Condes da Ericeira, quando antes de findar a seára Evangelica daquella Provincia terminou seus dias com morte de Justo. Depois de ter continuado o exercicio Apostolico da Missaõ pelo espaço de quatorze mezes, adoeceo gravemente começando a lançar sangue pela boca com tal abundancia, que houve dia, em que o lançou cinco vezes. Passou á Villa de Freixo-de-Espada-á-Cinta, a fim de continuar a Missaõ, ainda que enfermo. Porém vendo, que a molestia crescia mais, e mais, se resolveo a suspender de todo a seára Evangelica, e dispor-se para morrer. E que Hospicio buscaria? Naõ o de seus parentes; mas o Convento de S. Francisco da Torre de Moncorvo, cinco legoas distante de Freixo, querendo terminar a vida entre seus Irmaõs na Profissaõ da Regra Seraphica, e Evangelica.

31 Logo que o servo de Deos chegou enfermo ao dito Convento, chegáraõ os Medicos para lhe examinarem a queixa. Foi esta por elles capitulada febre tîsica, e de poucas esperanças de vida. Naõ desistíraõ elles todavia de lhe applicarem os remedios, que julgavaõ conducentes para allivio da

mo-

molestia, mas esta com elles crescia mais, e mais. O servo de Deos, ainda que atormentado com excessivo calor, e intensas dôres daquella molestia, longe de dar demonstraçoens de sentimento, elle por todo o tempo, que lhe durou, a soffreo com admiravel serenidade de espirito, e exemplarissima conformidade. Cresciaõ as dôres, crescia a paciencia. No meio de tantas afflicçoens, que causava a molestia ao corpo, jamais se ouvio da boca do servo de Deos hum ai, ou gemido; jamais deixou a Oraçaõ, e a continua presença de Deos, em que achava grande allivio o seu espirito, que conservava alegre, e com paz inalteravel.

Considerando a morte visinha, se preparou para ella com os Sacramentos, e soccorros da Igreja, com fervorosos Colloquios a Deos, com Actos de Fé, Esperança, Conformidade, e Contriçaõ. Confessava-se frequentemente, commungava com a maior devoçaõ cada semana tres, e quatro vezes. Na manhã do dia de seu transito tinha pedido com muitas instancias a Sagrada Communhaõ, e ficou com grande desconsolaçaõ, pela naõ receber; porque naõ lhe suppunhaõ

os

os Religiosos a morte taõ chegada. A Extrema-Unçaõ, que o servo de Deos tinha pedido cinco dias antes, a recebeo com grande edificaçaõ dos que lhe assistiaõ. Estando em amorosos Colloquios com este Senhor, e com a Santissima Virgem, acompanhado de alguns Religiosos, sem movimento, nem gesto, ou signal algum de morte, fechando os olhos, entregou placidamente o espirito ao Creador na idade de 43 annos, tendo vivido 14 destes com o Habito de Varatojo, como exemplar, e perfeito Religioso.

32 Foi a morte deste servo de Deos P. Fr. Filippe geralmente sentida na Provincia de Traz dos Montes, principalmente onde elle tinha feito Missaõ. Mostrou a Nobreza, Clero, e povo de Torre de Moncorvo o piedoso conceito, e grande veneraçaõ, que faziaõ deste illustre, e Apostolico Varaõ. Derramando ternas lagrimas em demonstraçaõ do mais vivo sentimento, lhe vieraõ assistir ás suas Exequias, que se lhe fizeraõ com solemne pompa. Todos os assistentes enternecidos tocavaõ contas, ou outras cousas no Veneravel cadaver, cortavaõ bocadinhos da sua mortalha, e

so-

ſolicitavaõ com devota ambiçaõ algumas couſas, que tinhaõ ſido do uſo do ſervo de Deos para conſervá-las, como prendas, e precioſas Reliquias de hum grande Santo. Foi ſepultado o Veneravel cadaver do P. Fr. Filippe na ſepultura terceira, ſahindo da Igreja para o Clauſtro do mencionado Convento. Naõ teve, quando falleceo, a conſolaçaõ de lhe aſſiſtir ſeu Companheiro, por ſe achar tambem elle gravemente doente neſſa occaſiaõ.

33 Ficou eſte vivamente ſentido com a falta de taõ amavel, e de taõ ſanto Irmaõ; e logo que Fr. Antonio experimentou algum allivio em ſua moleſtia, ſe deliberou recolher-ſe a Varatojo. Vendo porém, que tinha de tranſitar jornada aſſás incommoda de mais de 60 legoas para o Seminario de Varatojo, a pezar de que no ſeculo em caſa de ſeus illuſtres Pais tinha ſempre uſado de ricas carruagens, e bellas cavalgaduras, elle naõ ſolicitando, naõ buſcando, naõ querendo em taõ prolongada jornada outras carruagens, que as dos Apoſtolos, e as meſmas que deixou S. Franciſco a ſeus Filhos, neſtas voltou para Varatojo.

34 Os vantajoſos progreſſos, que nas virtudes, e letras fez o V. P. Fr.

Fi-

Filippe da Madre de Deos, se devêraõ em grande parte á sua primeira boa educaçaõ. Pois tendo presente seus illustres, e piedosos Pais, que a verdadeira nobreza deve ter por base a sólida piedade, e a Santa Religiaõ revelada, elles a fim de formarem a seu filho virtuoso, e perfeito Christaõ, se desvelaraõ solícitos em educá-lo dessde seus tenros annos com palavras, e exemplos no santo temor de Deos, nos principios da verdadeira Religiaõ, e dictames do Evangelho, fazendo, que elle com as letras aprendesse juntamente a praticar virtudes, e que com a verdadeira política do seculo soubesse exercitar costumes santos, e às maximas do Céo. Assim sucedeo venturosamente. Qual arvore boa, que produz fructos bons. Quaes troncos, e raizes, que quando saõ santas, tambem os ramos saõ santos. Sim. Teve o servo de Deos P. Fr. Filippe excellente educaçaõ; cultivou com ella o seu raro talento. Teve ainda no seculo costumes, e vida de bom Christaõ, e exemplar Ecclesiastico. Teve na Religiaõ perfeiçoens, e virtudes de santo Religioso. Teve qualidades de Operario Evangelico· Teve espirito, e caracter de Missionario Apostolico. Em fim

fim teve verdadeiro zêlo da falvaçaõ das almas. Elle pela clareza modesta, com que se insinuava no Pulpito Christaõ, pela facundia natural, e efficacia, com que persuadia as verdades santas, pelo ardor, e fortaleza, com que combatia os vicios, e abusos, pela doçura, e suavidade, com que attrahia os coraçoens de seus Ouvintes para Deos, mereceo ser elogiado pelos sabios da Universidade de Coimbra, como se disse acima, com o nome de egregio Missionario, de clarim animado, de trombeta do Evangelho, e de Operario infatigavel na vinha do Senhor. Porém naõ era o Mundo merecedor de conservar em si taõ illustre Varaõ. Deos para lhe dar o premio de seu zêlo, e fadigas Apostolicas, o chamou para si, depois de huma vida inculpavel, e de huma morte preciosa, como acabo de escrever.

35 A 12 de Dezembro de 1728 terminou seus dias em cheiro de santidade o V. Irmaõ Fr. Manoel da Cruz, Religioso Leigo de Profissaõ, Filho do Seminario de Varatojo, onde foi encorporado a 2 de Maio de 1684. Era natural da Freguezia de S. Mamede de Canissada, Comarca de Guimaraẽs, Arcebispado de Braga Primaz. O qual de-

depois de ter feito algumas peregrinaçoens a Roma, e á Italia com espirito de piedade no tempo de Secular, tomou o Habito de S. Francisco no Convento de Lisboa da Santa Provincia de Portugal no anno de 1676. Todo o tempo que assistio em Varatojo, viveo como perfeito Religioso de vida inculpavel, edificando com exemplo de virtudes dentro, e fóra do Seminario. Distinguio-se especialmente na fundamental virtude da humildade, na qual foi taõ singular, que para exercicio della buscava sempre santamente ambicioso tudo aquillo, de que lhe podia resultar desprezo, e abatimento proprio.

36 Conservou em seu espirito huma mansidaõ, e paz inalteralvel taõ contínua, que nunca o víraõ perturbado, nem jamais se lhe notou, nem conheceo movimento de ira, ou turbaçaõ. Ainda que era de entendimento claro, e sufficientemente instruido nas materias mysticas; muito habil, muito exacto, e muito prompto nos actos da Communidade, e nos exercicios, que diziaõ respeito ás obrigaçoens do seu estado, elle no tracto com as creaturas, tanto dentro, como fóra do Seminario, indicava tal

sim-

ſimplicidade, e candura de genio columbino, que parecia menino innocente. Inimigo elle ſempre declarado da preguiça jamais queria perder inſtante do tempo precioſo. Nunca víraõ ocioſo a eſte ſervo de Deos, mas ſempre occupado nos exercicios humildes proprios dos Irmaõs Leigos, já lavando a louça na cozinha, e a roupa no lavatorio; já varrendo a Igreja, Dormitorios, e Clauſtro; já cozendo a roupa do ſeu uſo, e de alguns Religioſos velhos, e enfermos; já aſſiſtindo fervoroſo aos actos da Communidade, ainda em ſua decrépita velhice; já ſervindo officioſo, e caritativo aos enfermos; já trabalhando, cavando, e regando cuidadoſo a Horta, e Cerca do Seminario, ſem matar o eſpirito da Oraçaõ, mas com taõ contínua preſença de Deos, como ſe elle ſe achaſſe no Côro, e como ſe eſtiveſſe orando na Igreja.

37 Eraõ eſtes os exercicios do ſervo de Deos Fr. Manoel da Cruz, vigoroſo no eſpirito, e corpo, ainda em ſua ancianidade. Porém huma grande quéda, que deo, lhe incurtou a vida, e lhe chamou pela morte. Viveo, e morreo no Senhor com opiniaõ de Religioſo ſanto, e Predeſtinado entre

todos os que víraõ, e admiráraõ as ſuas virtudes, e muito mais entre os que preſenciáraõ, e aſſiſtíraõ á ſua precioſa morte. Algumas peſſoas, e Religioſos enfermos depois da morte deſte ſervo de Deos, pela grande opiniaõ, e conceito, que faziaõ da ſua virtude, e ſantidade, invocando-o, e pedindo-lhe intercedeſſe a Deos por elles, alcançáraõ logo o beneficio da ſaude, que deſejavaõ. Reputando os Religioſos enfermos por milagroſos eſtes effeitos da ſua repentina ſaude, os trouxeraõ aſſignados, cada hum por ſeu nome, ao Guardiaõ do Seminario, que os recolheo no Arquivo, onde ſe conſervaõ.

38 Paſſados dezaſeis mezes, e alguns dias depois da morte do meſmo ſervo de Deos Fr. Manoel da Cruz, por occaſiaõ do abrimento de huma ſepultura proxima á do ſeu corpo, foi eſte com aſſombro, e admiraçaõ viſto totalmente inteiro, e incorrupto, com o Habito ſem leſaõ, como no dia em que fôra ſepultado, exhalando ſuave cheiro. Todos os que chegáraõ a vêr o Veneravel cadaver, fizeraõ nelle piedoſos roubos, tendo-ſe por felizes ficarem com algum retalhinho da ſua mortalha, ou couſa que

foi

foi de ſeu pobre uſo. Falleceo na avançada idade de ,76 annos com 50 de Habito Religioſo, 44 deſtes viveo em Varatojo, e tinha vivido 6 annos na Santa Provincia, donde viéra. Promettia mais duraçaõ, quando foi accommettido da graviſſima quéda precurſora da ſua morte. Eſtá enterrado na ſepultura, que fica para a parte do páteo, ou naſcente das tres, que ſe achaõ no fundo da ſepultura do V. P. Fr. Antonio das Chagas.

39 A 21 de Abril de 1730 falleceo em Varotojo com morte de Religioſo juſto, no conceito dos que o conhecêraõ, e aſſiſtíraõ a ſeu tranſito, o memoravel Irmaõ Leigo Fr. Luís da Eſtrella, Filho do Seminario de Varatojo, onde ſe encorporou da Santa Provincia de Portugal, ainda na vida do V. P. Fr Antonio das Chagas, com quem acompanhou em algumas Miſſoens. Aproveitou muito Fr. Luís na virtude, e perfeiçaõ com a prática, e liçoens de taõ ſanto Meſtre. Daqui procedeo, que quando os Prelados do Seminario o mandavaõ a negocios da Communidade, ou a peditorios, longe de que o ſervo de Deos em ſeu comportamento ſe eſqueceſſe das Leis da Religiaõ, e da perfeiçaõ

de ſeu eſtado, para ſe intrometter em negocios terrenos, e ſeculares, alheios, e improprios do ſeu eſtado, e profiſſaõ, antes bem ſim elle em ſua conducta, e tracto com os Seculares, ainda que Irmaõ Leigo de Profiſſaõ, parecia zeloſo Miſſionario. Todas as ſuas acçoens inculcavaõ eſpirito penitente, e modeſtia religioſa, todas as ſuas converſaçoens, e práticas eraõ do Céo.

40 Enſinava a Doutrina Chriſtã, perſuadia a Confiſſaõ como ſuave, e efficaz remedio de todos os males do eſpirito, e facilitava o modo de ſe fazer bem feita. Entretinha as peſſoas, com quem tractava, contando-lhes hiſtorias, e exemplos de Santos. Em toda a parte trazia por companheiro o eſpirito da Religiaõ. Nunca ſe eſquecia da perfeiçaõ inherente, e inſeparavel do ſeu eſtado. Fallava em Deos, e de Deos, e dos grandes bens da Religiaõ, trazendo ſempre a Deos, e a Religiaõ no coraçaõ, conſervava-ſe ſempre na preſença do meſmo Senhor, nunca ſe eſquecia delle, nem do crédito do Seminario. Muitas peſſoas inveteradas nos vicios, movidas das efficazes exhortaçoens do ſervo de Deos Fr. Luís, e ainda mais da ſua vida exemplar, ſe reſolvêraõ a buſcar o reme-

medio de ſeus males no Sacramento da Penitencia, fazendo nova vida, e ainda a fugir do ſeculo para os Clauſtros Regulares.

41 Paſſou eſte ſervo de Deos os ultimos annos de ſua velhice em Varatojo, ou no officio de Enfermeiro, ou no de Porteiro, comportando-ſe em huma, e outra occupaçaõ com grande promptidaõ, e com entranhas de caridade religioſa, ſempre com plena ſatisfaçaõ da Communidade, e dos Prelados. Quando os Seculares das viſinhanças de Varatojo ſe ſentiaõ enfermos, attrahidos da ſua caridade, e virtude, corriaõ á portaria do Seminario a pedir-lhe remedios para allivio de ſuas moleſtias. Fr. Luís além de ſua grande virtude, ainda que no ſeu conceito era nenhuma, pois ſe reputava ſempre pelo peior Frade, e pelo maior peccador do Mundo, como tinha larga experiencia de curar enfermidades, com licença dos Prelados promptamente conſolava aos que o buſcavaõ, dandolhes remedios para curar as ſuas enfermidades, e ainda, ſe eraõ pobres, eſmólas para as ſuas neceſſidades. Parecia, que Fr. Luís era dotado do dom de curar.

42 Terminou a carreira de ſua vida

da mortal na avançada idade de 80 annos. E he de notar, que achando-se este servo de Deos falto de acordo, e vigor, sem conhecimento para receber os Sacramentos nos ultimos mezes da sua vida, elle pouco antes de morrer se poz capaz de receber todos os ultimos Sacramentos, que pedio, e recebeo com as maiores demonstraçoens de ternura, e devoçaõ, e com inteiro conhecimento. Depois pondo os olhos no Prelado, lhe pedio a bençaõ, e a absolviçaõ da hora da morte. Tanto que a recebeo, abaixando os olhos entregou placidamente a alma ao Creador, conhecendo-se-lhe com admiraçaõ dos Religiosos assistentes, e chorosos, aquella alegria, e paz, que Deos algumas vezes costuma dar naquella hora a seus fieis servos, como principio já da eterna fruiçaõ. Morreo tambem fortalecido com os soccorros da Religiaõ, e Oraçoens da Communidade, que pedio. O Guardiaõ do Seminario, que assistio á morte deste servo de Deos, fallando delle, disse: Falleceo em fim nosso Fr. Luís, deixando-nos quasi seguras esperanças, de que foi immediatamente gozar da vista de Deos. Jazem suas veneraveis cinzas na sepultu-

tura, que fica aos pés do V. P. Fr. Antonio das Chagas no Capitulo de Varatojo.

CAPITULO IV.

Vida do V. P. Fr. Manoel de Deos, Missionario do Real Seminario de Varatojo.

43 A 6 de Outubro de 1730 pelas 4 horas da manhã consummou a carreira da sua vida mortal em cheiro de santidade no Real Seminario de Varatojo o V. P. Fr. Manoel de Deos, zelosissimo Missionario Apostolico, Filho, e singular ornamento do mesmo Seminario. Chamava-se no seculo Manoel Pires Ribeira. Era natural do Lugar da Amieira no Priorado do Crato da Provincia do Alemtejo. A primeira aula, onde Manoel Pires Ribeira, quasi desde o berço, e desde seus tenros annos começou a estudar, e aprender o santo temor de Deos, o espirito de piedade, a sciencia do Céo, e o methodo de viver Christãmente, foi a casa de seus virtuosos Pais. Scientes estes das grandes utilidades, que se seguem da boa educação, e dos indiziveis males, que resultão por fal-

ta

ta della, com esta consideraçaõ lembrados elles de que o primeiro *a b c* da meninice, e os primeiros rudimentos da adolescencia sempre devem ser o santo temor de Deos, a virtude, e a piedade, como bases fundamentaes, e firmes columnas da verdadeira sabedoria, e da boa política, e que ninguem póde ser util a si, e a outrem, nem servir bem á Igreja, e ao Estado, se naõ for bom Christaõ, e se naõ servir bem a Deos, estando nestes conhecimentos os virtuosos Pais de Manoel Pires Ribeira, que fariaõ a respeito de seu filho? Buscaraõ-lhe solícitos para seu ensino Mestres habeis, e virtuosos, aos quaes com o maior empenho, e efficacia recommendáraõ, que elles no magisterio do menino naõ tanto se deviaõ esmerar, e desvelar em instruí-lo, e illuminá-lo na arte de bem fallar, na política do seculo, e nos conhecimentos humanos, mas que o seu primeiro, e principal cuidado devia ser inspirar ao menino os verdadeiros sentimentos da Religiaõ, affecto, e inclinaçaõ á piedade, a prática das virtudes, a política do Céo, a sciencia de Deos, o modo, e arte de viver Christámente segundo as maximas do Evangelho. Que ex-

excellentes recommendaçoens! Oh se dellas usassem todos os Pais de familias a respeito do ensino, e educaçaõ de seus filhos! Que gloria resultaria a Deos, e que bens se seguiriaõ á Igreja, e ao Estado!

44 A boa indole, de que era dotado Manoel Pires Ribeira, junta com estas Christãs, e piedosas instrucçoens, que logo desde o berço, e primeira infancia recebeo de seus virtuosos Pais, e piedosos Mestres, contribuíraõ grandemente para que nelle obrasse a Graça, e para os vantajosos progressos, que elle depois fez, tanto nas letras, como nas virtudes. Servíraõ-lhe estes excellentes prelúdios, como columnas de ouro, em que o servo de Deos sustentou o elevado edificio do seu espirito por todo o tempo, que viveo. Elle sempre fiel á Graça, cultivando o talento raro, de que era dotado, com inclinaçaõ, e vocaçaõ ao estado Ecclesiastico, já desde os primeiros annos da sua adolescencia crescia mais, e mais, com admiraçaõ de todos, nas virtudes, e nos estudos menores, que frequentava.

45 Manoel Pires sufficientemente instruido nos estudos menores, e em humanidades na sua propria naturali-

da-

dade, passou depois á Universidade de Evora a estudar Filosofia. Graduado nesta faculdade com applauso dos Mestres, e admiraçaõ dos Companheiros, fez logo opposiçaõ para entrar no Real Collegio da Purificaçaõ, da mesma Cidade. Foraõ muitos, e doutissimos os Oppositores daquelle concurso, a todos venceo Manoel Pires nos argumentos, entre todos foi elle o que levou a palma, e o que mereceo receber com acclamaçoens de sábio a béca de Collegial. Applicou-se neste Collegio por alguns annos com particular desvélo ao estudo de Theologia Escolastica. Fez dentro de pouco tempo taõ vantajosos progressos nesta sagrada sciencia, e comprehendeo taõ perfeitamente as suas vastas materias, que com assombro, e admiraçaõ dos Collegiaes era Manoel Pires Ribeira reputado Theologo consummado.

46 Concorreo muito para estes rapidos progressos, e adiantamento, que em taõ pouco tempo fez nas sciencias Divinas, e humanas, a innocencia de seus costumes, a cordeal devoçaõ, que tinha á Santissima Virgem Mãi de Deos, e a assidua applicaçaõ aos livros. Tendo continuado em seus estu-

dos

dos ſempre firme na vocaçaõ ao eſtado Eccleſiaſtico, os Prelados ſcientes das relevantes qualidades, e excellentes diſpoſiçoens de Manoel Pires para no eſtado Eccleſiaſtico ſervir no Altar, e entrar no Santuario, julgáraõ, que era merecedor das Ordens Menores, que lhe conferíraõ com goſto.

47 Tendo elle por algum tempo exercitado com decóro, e eſpirito Eccleſiaſtico as Ordens Menores, veio á Côrte, a fim de receber as Sacras, que lhe faltavaõ. O ſeu genio amigo das ſciencias o levou ás Academias, e Congreſſos literarios para ter occaſiaõ de communicar com os ſabios, e ainda oſtentar erudiçaõ entre elles. Em todos os congreſſos, em que entrou, deo taes provas do ſeu engenho fecundiſſimo, da ſua magnifica, e polida locuçaõ, da ſua vaſta erudiçaõ, que mereceo ſeu nome ſer elogiado com os mais diſtinctos louvores entre os ſabios Academicos, os quaes admiráraõ todos os ſingulares talentos de Manoel Pires Ribeira. Tambem o Ex.^mo D. Franciſco Xavier de Menezes, Conde da Eiriceira, celeberrimo Academico Real, ſendo em ſua meſma caſa, onde ſe ajuntavaõ os Academicos, ouvinte de Manoel Pires lhe fez em pre-

ſen-

ſença delles os mais diſtinctos elogios.

48 Manoel Pires Ribeira por ſuas letras, e bellas qualidades naturaes ſe fazia attendido, e eſtimado de todos. Tinha com ellas concebido altos penſamentos, e bem fundadas eſperanças de alcançar, e obter com facilidade, e brevemente dignidades, e emprêgos honoríficos devidos aos ſeus merecimentos. Aſſim era grandemente liſongeado por ſeus amigos do ſeculo. Porém Deos, que o tinha deſtinado para Pregoeiro da ſua palavra, e para Apoſtolo de Portugal, naõ permittindo, que a malicia lhe contaminaſſe o entendimento no ſeculo, diſpoz, que elle, á maneira dos Apoſtolos, deixando o Mundo com ſuas eſperanças, e promeſſas liſongeiras, ſe reſolveſſe a buſcar os Clauſtros de Franciſco Patriarcha dos pobres, e humildes, para debaixo das ſuas bandeiras fazer vida Apoſtolica. Movido da inſpiraçaõ Celeſte, partio da Côrte para Varatojo, onde proſtrado aos pés do Guardiaõ do Seminario, lhe pedio com as mais humildes ſúpplicas o Habito de S. Franciſco.

49 Acceito Manoel Pires Ribeira em Varatojo, ſe lhe lançou o Habito com plena ſatisfaçaõ do Prelado,

e

e de toda a Communidade no mez de Novembro de 1717, e professou solemnemente no anno seguinte de 1718 a 12 do mesmo mez nas maõs do Guardiaõ Fr. José de Santa Maria de Jesus, que depois foi Bispo de Cabo Verde, de que adiante se fará mençaõ. Teve por Mestre em seu Noviciado ao memoravel P. Fr. Gaspar da Encarnaçaõ, do qual tambem se fallará adiante. Manoel Pires em seu Noviciado abrasado nos incendios do Amor de Deos, escolheo na Profissaõ o sobrenome do mesmo Deos, querendo chamar-se Fr. Manoel de Deos. Já mesmo elle desde o seu Noviciado por seu fervor de espirito começou a dar taes provas no exercicio das virtudes, na pontual observancia da disciplina Regular, e observancias municipaes do Seminario, que parecia Mestre, e espelho de perfeiçoens religiosas. Resplandecia nelle huma exactissima guarda de todas as regras, e Leis ainda as mais minimas da Religiaõ, hum singular desprezo do Seculo, e hum odio implacavel de si mesmo.

50 Instruido já sufficientemente Fr. Manoel nas santas ceremonias, e observancias municipaes, que se pratícaõ no Seminario, e nas rubrícas do

Bre-

Brevario para a perfeita recitaçaõ do Officio Divino, e nas do Miſſal para a celebraçaõ da ſanta Miſſa, lhe concedeo ſeu Meſtre licença para lêr pela Sagrada Eſcriptura, a qual lêo toda de joelhos em ſeu Noviciado. Tambem lhe concedeo licença, para que depois das Matinas da Communidade, e das Matinas da Mãi de Deos, que ſe rezaõ no Noviciado, tiveſſe na ſua cella de joelhos huma hora de meditaçaõ. Ordenado de Presbytero continuou ſeus eſtudos no Seminario mediante as conferencias literarias, que quaſi diariamente ſe fazem na Livraria de Varatojo, e a liçaõ de livros eſcolhidos, que continhaõ a Doutrina, e Moral mais sã para os emprêgos do Confeſſionario, e Pulpito. Os Prelados do Seminario, que conhecêraõ o eſpirito, virtudes, talentos, ſufficiencia, e admiraveis qualidades de Fr. Manoel para o miniſterio da ſanta palavra, o habilitáraõ Confeſſor, e Prégador. Pouco depois foi mandado para Miſſaõ.

51 Padeceo Fr. Manoel de Deos no princípio de Miſſionario algumas moleſtias, e vertigens, que lhe pareceo, lhe cortavaõ de todo as eſperanças, e o inhabilitavaõ inteiramente para podêr

dêr continuar o exercicio Apostolico das Missoens. Vendo elle, que com o uso dos remedios naturaes naõ experimentava allivios nas molestias, que o affligiaõ no corpo, e espirito, buscou remedios sobrenaturaes na Santissima Virgem Mãi de Deos, a quem desde o berço professava a mais terna devoçaõ. Dentro da concavidade de hum grande sobreiro da mata do Seminario de Varatojo apparecêra huma preciosissima, e devotissima Imagem, a quem a piedade dos póvos visinhos tem sempre venerado com o titulo da Senhora do Sobreiro. He esta prodigiosa Imagem a consolaçaõ de Varatojo, e de todos os póvos da sua visinhança. Em seus trabalhos, e afflicçoens recorrem á Senhora do Sobreiro, por Ella chamaõ, a Senhora lhes acóde. Fr. Manoel de Deos cheio de confiança se foi lançar aos pés desta Senhora, pedindo-lhe saude, se fosse vontade de seu Santissimo Filho. Logo experimentou repentinas, e perfeitas melhóras, ficando vigoroso para continuar no laborioso exercicio das Missoens.

52 Ornou Deos a Fr. Manoel com especialissimos dotes naturaes, que o constituíraõ hum perfeito, e egregio Mis-

Miſſionario. Tinha corpo gentil, e bem proporcionado; roſto claro, ar mageſtoſo, e reſpeitavel; engenho agudo, juizo profundo; entendimento claro, diſcurſo elegante, e eloquente; genio docil, e affavel; voz ſonora; geſto agradavel, e modeſto; facundia natural; accidentes cheios de gravidade religioſa. Era forte, e vehemente em arguir os vicios; doce, e ſuave em perſuadir virtudes. Elle de tal modo ſe inſinuava nos coraçoens de ſeus Ouvintes, que ainda aos mais rebeldes attrahia para Deos. Suas palavras tinhaõ tal força, e efficacia, quaes raios, e trovoens ameaçadores, e quaes ſéttas ardentes, que atterrando os peccadores mais endurecidos, imprimindo-ſe-lhes vivamente em ſeus coraçoẽs, ficavaõ elles, como manſos cordeiros, reduzidos á Graça. Parecia, que Fr. Manoel de Deos, qual outro Paulo, tinha eloquencia do Ceo, e naõ da terra, e que, quando apparecia no Pulpito, era Deos o que prégava, e naõ Fr. Manoel. Em toda a parte, onde elle chegou com ſuas fervoroſas Miſſoens, fez prodigioſos fructos de almas innumeraveis, que reduzio á Graça de Deos em beneficio viſivel da Igreja, do Eſtado, e grande crédito do Seminario. Saõ

53 Saõ indiziveis os fructos, que entráraõ no celleiro do Senhor por diligencia, e zêlo deste operario Evangelico, que em quanto viveo jamais deixou de seminar a Celestial semente da Divina palavra nos coraçoens humanos, já no Pulpito, já no Confessionario, já com a penna na maõ compondo preciosos Tractados todos tendentes á utilidade das almas. Grande número de Estudantes, e Doutores, que frequentavaõ as aulas, e Universidades, muitas Senhoras donzellas, que se achavaõ no regaço das delicias de Saulo, movidos das vozes efficazes de Fr. Manoel de Deos se resolvêraõ a sahir do Seculo, e recolherem-se nos claustros Regulares para fazerem penitencia, e cuidarem seriamente no grande, e importante negocio da propria salvaçaõ. Só da Universidade de Coimbra foraõ cento e cincoenta pertendentes bater aos claustros de Santa Cruz para pedir o Habito daquella Santa, e exemplarissima Congregaçaõ no tempo da memoravel Missaõ, que alli fez Fr. Manoel de Deos, levando por Companheiro nella ao V. P. Fr. Affonso dos Prazeres, do qual tambem adiante faremos honorifica memoria.

54 Era o V. P. Fr. Manoel de

Deos, quando prégava, ouvido, e attendido geralmente, como clárim celeste, como trombeta do Evangelho, como homem de Deos, como Varaõ de espirito, e zêlo verdadeiramente Apostolico, e consultado em materias de espirito, como Oraculo do seu tempo. Ainda depois de sessenta annos lembraõ, e se admiraõ os maravilhosos effeitos, e fructos de bençaõ, que com suas fervorosas, e estrondosas Missoens fez este insigne, e fervoroso Missionario em Lisboa, Leiria, Coimbra, e Evora. Missionando eu em Leiria encontrei muitas pessoas, que me disseraõ: depois que ha sessenta annos ouvi prégar ao P. Fr. Manoel de Deos, nunca mais tornei a rogar pragas, nunca mais tornei a quebrantar a Lei de Deos, e a peccar mortalmente.

55 Continuava Fr. Manoel de Deos o seu exercicio Apostolico das Missoens, qual luminosa tocha, illuminando a cegueira dos peccadores com a luz da Doutrina, e exemplo, dando grandes esperanças ainda de maiores colheitas para o Senhor, achandose robusto em idade varonil. Porém naõ era o Mundo digno de conservar em si taõ grande alma. Tendo-se o ser-

ſervo de Deos recolhido a Varatojo de huma làborioſa Miſſaõ, adoeceo gravemente da ſua ultima enfermidade, que foi huma febre maligna taõ ſummaria, que brevemente lhe tirou a vida, chamando-lhe pela morte, que teve precioſa no conceito de todos os que lhe aſſiſtíraõ a ella. Diſpoz-ſe o ſervo de Deos para morrer com os preparativos dos Sacramentos, ultimos ſoccorros da Igreja, e da Religiaõ. Elle com inteiro conhecimento, de que morria confórme com a Divina vontade, gaſtou os ultimos momentos da ſua vida em amoroſos Actos, e Colloquios com Deos, e fictos os olhos no Santo Chriſto, que tinha diante, expirou placidamente rodeado de ſeus irmaõs, que com o Prelado do Seminario alli ſe achavaõ, aſſiſtindolhe, e ajudando-o a bem morrer.

56 Ainda que taõ precioſa morte deixou cheios de conſolaçaõ a todos os que lhe aſſiſtíraõ, tanto Prelado, como Religioſos ſubditos firmes na pia crença, de que a alma deſte ſervo de Deos voára logo para o Céo a receber a eterna fruiçaõ, e corôa, que Deos coſtuma dar a ſeus fieis ſervos, ficáraõ todavia vivamente ſentidos por lhes faltar taõ efficaz Operario da vi-

nha do Senhor, e taõ ſingular ornamento, e columna do Seminario. Naõ ſó Varatojo, mas todo Portugal lamentou a perda deſte illuſtre Varaõ, e inſigne Miſſionario. Falleceo na idade de trinta e ſeis annos ainda naõ completos. Ficou depois de morto com apparencias de vivo. Quando ſe expoz o cadaver na Igreja para ſe lhe fazerem as exequias do coſtume, foi neceſſario com muito cuſto impedir a indiſcreta devoçaõ do povo, para que naõ deixaſſe o cadaver de todo nû. Pois todos os que ſe achavaõ preſentes com exceſſo de piedade buſcavaõ com a maior ancia cortar algum bocadinho do Habito, que lhe ſervia de mortalha, e com piedoſo furto tirar as couſas do uſo do ſervo de Deos, a fim de guardá-las, como Reliquias precioſas de hum grande Santo. Tal era o conceito, que geralmente ſe fazia do V. P. Fr. Manoel de Deos. Deſcançaõ ſuas cinzas na ſepultura, que fica junto á do V. P. Fr. Antonio das Chagas da parte do Evangelho.

57 No Archivo do Seminario ſe conſerva hum extracto com noticias mais individuaes da vida, morte, e de alguns ſucceſſos maravilhoſos deſ-

te

te illuſtre Varaõ conſiderado em ſeu tempo, como Meſtre de Miſſionarios Apoſtolicos, ordenado por hum Religioſo, que frequentou mais a ſua companhia, e aſſiſtencia. Elle, além de alguns Manuſcriptos, que ſe conſervaõ no Seminario, ordenou, e publicou varias obras, que correm impreſſas. A ſaber: 1.º *Luz, e Methodo em que ſe facilita a Oraçaõ Mental*, compoſto por elle, quando ſe achava na Miſſaõ de Leiria Companheiro de Fr. Joaõ do Naſcimento, que depois foi Biſpo do Funchal, pequeno, mas precioſo livro, de que ſe tem feito mais de trinta ediçoens. 2.º *Peccador Convertido ao caminho da verdade*; o qual ſe julga ter convertido mais almas, do que elle tem de letras. 3.º *Catholico no Templo*, em que ſe moſtra a reverencia, com que ſe deve eſtar na Caſa de Deos. Dos elogios, que vaõ abaixo, feitos pelos Cenſores das Obras deſte ſervo de Deos, ſe póde fazer conceito da ſua utilidade, e do zêlo do ſeu Author.

CA-

CAPITULO V.

Elogios, que homens ſabios fizeraõ ao V. P Fr. Manoel de Deos, ainda em ſua vida, e aos ſeus Eſcriptos.

58 O R. P. M. Fr. Manoel de Cerqueira, Eremita de S. Agoſtinho, na cenſura do *Peccador convertido* da primeira ediçaõ do anno de 1727, diz aſſim: « Eſte livro *Peccador Convertido ao caminho da verdade* composto pelo M. R. P. Fr. Manoel de Deos, Prégador Apoſtolico do Seminario de Varatojo ... contém Doutrina Catholica taõ propria, que me parece ſer eſte o Meſtre, de quem diſſe Iſaias em o Capitulo trigeſimo da ſua Profecia, que retirando a todos do caminho retorcido, os dirige, e os guia pelo caminho direito, o qual he o da verdade. Nelle attendeo o Author ſó á ſalvaçaõ das almas, argumento efficaz do fervor do ſeu eſpirito, e de que ſó o imprime para inſtruir fieis, e converter peccadores. » O R. P. M. Fr. Manoel de S. Boaventura do Real Con-

Convento de S. Francifco de Lisboa na cenfura do mefmo livro diz: « O
» livro *Peccador Convertido ao cami-*
» *nho da verdade*, que quer dar ao
» prélo o R. P. Fr. Manoel de Deos,
» digniffimo Filho do religiofiffimo Se-
» minario, e Real Convento de S.
» Antonio de Varatojo, cujo Clauftro
» fe deve venerar, como opulentiffi-
» mo erario de virtudes, e letras; e
» entre feus Alumnos (fem fazer of-
» fenfa aos mais) adequadamente de-
» fempenha (naõ fem particular Pro-
» videncia, ao que parece) as obri-
» gaçoens de Prégador Apoftolico o
» Author defte livro, no qual o vejo
» reproduzido, e retractado, já na
» fciencia, com que refolve, e enfi-
» na, já no efpirito, com que pré-
» ga, já na efficacia, com que per-
» fuade, já na difcriçaõ, com que fal-
» la, já nas vaftas noticias, de que
» ufa, e finalmente na clareza, com
» que fe explica. E fe agora por au-
» fente nos manda o feu livro, nelle
» nos communica taõ vivamente o feu
» efpirito, que parece o temos pre-
» fente, e que o eftamos vendo com
» os noffos olhos, como aquelle Dou-
» tor, e Meftre, de que falla Ifaias
» no Capitulo trigefimo. E affim era
» ne-

» necessario, que fosse para bem, e
» allivio de tantas almas, que no Pul-
» pito o ouvíraõ, e convertêraõ, e
» para remedio dos que o naõ ouví-
» raõ, e tiverem a fortuna de chegar
» á sua maõ este livro, em que ve-
» raõ expressadas a sua sciencia, o seu
» espirito, a sua efficacia, a sua dis-
» criçaõ, a vastidaõ das suas noticias,
» e a clareza da sua doutrina, sem
» que possaõ resistir ás efficacias da
» sua persuasiva. Este he o juizo, que
» faço deste livro. »

59 D. Manoel Caetano de Sousa, Clerigo Regular da Divina Providencia, Censor Regio, e bem conhecido por sua literatura, e piedade, diz assim: « Li com summa attençaõ o li-
» vro *Peccador Convertido* compos-
» to pelo R. P. Fr. Manoel de Deos,
» Missionario de Varatojo, Author,
» que com exemplar humildade que-
» ria occultar-nos o seu nome, quan-
» do todos os que temos ouvido a es-
» te Apostolico Prégador, o podera-
» mos vêr repetidas vezes retractado
» em todas as folhas deste seu livro,
» porque em cada huma dellas se está
» conhececendo o prudente zêlo, a
» incrivel suavidade, e a Evangelica
» eloquencia, que lhe admiramos no
» Pul-

» Pulpito, de tal modo, que naõ sei
» resolver, se este livro he o extra-
» cto de todos os seus Sermoens, ou
» se todos aquelles largos discursos
» foraõ tirados deste pequeno volume,
» no qual naõ só se lêm recopiladas
» aquellas importantissimas materias,
» que saõ sempre o bem tractado as-
» sumpto da sua fervorosa prégaçaõ,
» mas muito especialmente o princi-
» pal, antes unico empenho das suas
» Missoens, que he introduzir nos pó-
» vos o utilissimo uso da Oraçaõ Men-
» tal, que sendo o meio mais propor-
» cionado para o arduo fim da salva-
» çaõ de todos, se vê taõ facilitado
» neste livro, que nem ainda aos mais
» ignorantes deixa desculpavel a omis-
» saõ de taõ sublime exercicio, para
» o qual dá breves, mas certissimas
» regras, e armas aos Soldados da
» Milicia Christã contra todos os vi-
» cios. He a Doutrina deste livro mui
» confórme á dos Santos Padres, e
» Mestres da vida espiritual. Empenha
» o Author todas as forças da Theo-
» logia Mystica mais propria destas
» materias, e tambem as da positiva,
» e Escolastica, em que he versadissi-
» mo em demonstrar a importancia da
» Oraçaõ Mental em público . . . Prá-

» ti-

» tica, que eſpalhou por eſte Reino
» no Seculo paſſado o inſigne funda-
» dor do ſanto Seminario de Vara-
» tojo o V. P. Fr. Antonio das Cha-
» gas, Elias Portuguez, de cujo do-
» brado eſpirito parece herdeiro o ſeu
» digniſſimo filho Author deſte livro
» pelas muitas mil almas, a que tem
» perſuadido o uſo da Oraçaõ públi-
» ca. »

60 O R. P. M. Fr. Manoel de Sá, Ex-Provincial da Ordem da Senhora do Carmo da Provincia de Portugal, Chroniſta Geral da meſma Ordem, Qualificador do Santo Officio, na cenſura do *Catholico no Templo*, impreſſo em Abril de 1729, diz aſſim:
« Eminentiſſimo Senhor (Cardeal In-
» quiſidor) manda-me V. Excellencia,
» que veja o livro *Catholico no Tem-*
» *plo*, compoſto pelo Reverendiſſimo
» P. Fr. Manoel de Deos, Miſſiona-
» rio Apoſtolico do religioſiſſimo Con-
» vento de Varatojo, ſe depois de o
» ter attentamente viſto permittíra o
» preceito de V. Excellencia á minha
» attençaõ tecer-lhe em lugar de cen-
» ſura hum elogio, diſſera, que ſó
» o titulo de taõ douta, e eloquen-
» te Obra baſtava por ſi meſma pa-
» ra a piedade Chriſtã ficar bem inſ-
» trui-

» truida no principal fim do ſeu aſ-
» ſumpto, pois em quatro breviſſimas
» palavras o define, demoſtra, e com-
» prehende todo. Diſſera, que o acer-
» to da dedicaçaõ qualifica os dicta-
» mes da Doutrina, que involve, e
» enſina . . . Finalmente diſſera, que o
» ardente eſpirito do Author inflam-
» mado no ſanto zêlo da ſalvaçaõ das
» almas, parece, que ſe transforma,
» e reveſte todo (para naõ dizer, que
» excede) no do V. P. Fr. Antonio
» das Chagas, extirpando vicios, e
» convertendo peccadores, de que ſaõ
» abonados pregoeiros aſſim o fructo
» das ſuas indefeſſas, e fervoroſiſſi-
» mas Miſſoens, como a efficaz, e
» nervoſa elegancia de ſeus doutos,
» e aſceticos eſcriptos, pois ſe da-
» quellas ſaõ linguas os effeitos do
» livro, que já deo á luz intitula-
» do: *Peccador Convertido*, fallaõ as
» eſtampas em muitos milhares de
» exemplares, que já ſahíraõ do pré-
» lo em multiplicadas impreſſoens. »

61 O P. M. Fr. Franciſco de S. Giaõ da Santa Provincia da Soledade, Qualificador, Conſultor da Bulla da Cruzada, e Examinador das Tres Ordens Militares ſobre o meſmo livro: *Catholico no Templo*, diz: « O reli-
» gio-

„ gioſiſſimo, e exemplariſſimo Con-
„ vento de Varatojo, he o mais de-
„ voto Sanctuario, e o mais eſpecio-
„ ſo jardim da Ordem Seraphica, on-
„ de brotaõ as flores das virtudes en-
„ tre as aſperas eſpinhas da peniten-
„ cia, exhalando ſempre ſuaves fra-
„ grancias de pureza, e ſantidade;
„ precioſo Seminario de Sujeitos taõ
„ bem educados, que bebem no leite
„ de ſeu ſingular Inſtituto o eſpiritual
„ fervor, com que vivem, e a ex-
„ tremoſa caridade, com que apro-
„ veitaõ. Deſte Paraiſo ſahem muitos
„ Varoens Apoſtolicos a edificar o
„ Mundo, e a convertê-lo: a edifi-
„ cá-lo com o exemplo da ſua vida;
„ a convertê-lo com a prégaçaõ da
„ Divina palavra: taõ zeloſos da hon-
„ ra, e Gloria de Deos, e da ſalva-
„ çaõ do Proximo, que os buſcaõ com
„ a maior ancia, e exceſſivo trabalho
„ nos ſeus paizes, ſoffrendo em dila-
„ tadas jornadas a aſpereza dos cami-
„ nhos, e a inclemencia dos tempos,
„ como ſe ſó á ſua conta eſtivera a
„ reforma, e converſaõ das almas.
„ Saõ os melhores, e mais fieis En-
„ viados do grande Rei dos Céos, e
„ da terra, Medianeiros da paz entre
„ eſte Senhor, e os homens; e os
„ maio-

" maiores Pregoeiros, que annuncíaõ,
" e daõ a conhecer a Divina Essen-
" cia, o Verbo Incarnado, a infinita
" Bondade, e mais perfeiçoens, im-
" mensos beneficios, Misericordia, e
" Justiça; premio, e castigo: animo-
" sos Soldados da Milicia Christã, a
" quem escolheo entre muitos o me-
" lhor Gedeaõ para dar batalha aos
" vicios na certeza da victoria, e do
" triunfo."

62 "Naõ ha Pulpito neste Reino,
" (continúa o mesmo sabio Censor)
" que repetidas vezes naõ tenha sido
" theatro de sua Evangelica represen-
" taçaõ, nem Templo, em que naõ
" soassem os clamores de sua Aposto-
" lica voz. E como as Obras autho-
" rizaõ as vozes, e o exemplo fecun-
" da as palavras, e tanto movem,
" quanto edificaõ, naõ pódem deixar
" de fazer fructo áquelles, que exer-
" citaõ em si o que persuadem aos ou-
" tros. Porque lhes propoem á vista
" hum exemplar do que prégaõ, e
" hum espelho do que dizem. Desta
" religiosa Familia taõ conveniente á
" Igreja, e taõ necessaria ao povo
" Christaõ, hum dos Sujeitos mais fa-
" migerados he o M. R. P. M. Fr.
" Manoel de Deos, a quem a Divi-
" na

» na Providencia communicou eſpecial
» talento para Deçlamador Evangeli-
» co, e todos os dotes, e circumſ-
» tancias preciſas a hum perfeito Miſ-
» ſionario, tendo tal graça no dizer,
» e efficacia no perſuadir, que facil-
» mente concilía a attençaõ, e exci-
» ta a devoçaõ dos Ouvintes: cada
» palavra he huma ſétta, que pene-
» tra o peito, e fere o coraçaõ, re-
» duzindo a branda cera ainda ao mais
» endurecido: ſentindo as almas os
» effeitos das feridas, e a conſequen-
» cia dos golpes na mudança da vi-
» da, que fazem, e no eſtado, que
» muitos elegem, retirando-ſe do
» Mundo para os clauſtros, e buſcan-
» do as Religioens, ainda aquelles,
» cuja vocaçaõ lhes naõ vinha ao pen-
» ſamento, nem lhes paſſava pela me-
» moria. E naõ ſatisfeito o ſeu arden-
» te zêlo, e abrazado o eſpirito com
» o exercicio de prégar, ſe emprêga
» tambem no de compôr, procuran-
» do por varios modos o aproveita-
» mento, e ſalvaçaõ dos Fieis; já
» fallando, já eſcrevendo, e claman-
» do ſem ceſſar, ou com a lingua nos
» Pulpitos, ou com a penna nos eſ-
» criptos, para que cheguem os éc-
» cos da Eſcriptura, aonde naõ che-

» gá-

» gáraõ os brados da ſua voz; e pa-
» ra que ſe aproveitem da ſua dou-
» trina naõ ſó os preſentes, mas os
» vindouros... Pois tem moſtrado a
» experiencia do livro *Peccador Con-*
» *vertido*, que compoz, que multi-
» plicado em muitos volumes, me per-
» ſuado, tem illuſtrado mais almas,
» do que tem de ſyllabas, e tem con-
» vertido mais peccadores, do que
» tem de letras. »

CAPITULO VI.

Vida do V. P. Fr. Pedro de S. Catharina de Sena; e do V. P. Fr. Roque do Roſario, Miſſionarios de Varatojo.

63 A 24 de Setembro de 1732 terminou os dias de ſua vida mortal com geral acclamaçaõ de Santo o V. P. Fr. Pedro de S. Catharina de Sena, Miſſionario de Varatojo, achando-ſe em actual exercicio de Miſſaõ no Biſpado de Portalegre. Chamava-ſe no Seculo Antonio de Pina de Carvalho, natural da Cidade da Guarda, deſcendente das mais nobres, e illuſtres Familias da Provincia da Beira. Tinha

ſi-

ſido Meſtre em Artes na Cidade de Evora, e depois já Conego na Cathedral da meſma Cidade da Guarda, frequentava a faculdade dos Sagrados Canones na Univerſidade de Coimbra, quando movido de impulſo ſuperior, ſe reſolveo a deixar o Seculo, e abraçar a vida religioſa. Com ardentes deſejos de fazer vida Apoſtolica debaixo do Inſtituto, e bandeiras do Patriarcha dos humildes, e pobres Evangelicos S. Franciſco, foi pedir o ſeu Habito a Varatojo. Sendo acceito pelo Guardiaõ do Seminario em Fevereiro de 1723, profeſſou ſolemnemente no meſmo Seminario a 2 de Março do anno ſeguinte de 1724 mudando o nome de Antonio no de Pedro.

64 Fr. Pedro depois que entrou em Varatojo, reſplandeceo ſempre, como tocha luminoſa, no exercicio das virtudes, e deſejos da perfeiçaõ Evangelica. Tanto que elle ſe vio veſtido com o Habito de S. Franciſco, ainda que de groſſeiro, e pobre ſayal, o eſtimou, como a mais precioſa gala; e ſentindo o ſeu eſpirito banhado do maior prazer, e cheio de fervor, com reſoluçaõ generoſa propoz logo de ſe conduzir em toda a ſua vida pelo eſpi-

pirito Apoſtolico, e Seraphico do Patriarcha S. Franciſco, e ter ſempre á viſta eſte exemplar de virtudes, e perfeiçoens Evangelicas, para copiá-las na ſua alma. Naõ viveo Fr. Pedro muitos annos em Varatojo, mas neſſes poucos, que lhe durou a ſua vida, foraõ muitas, e heroicas as virtudes, que lhe admiráraõ dentro, e fóra do Seminario todos os que o conhecêraõ, e tractáraõ.

65 Elle na aſſiſtencia aos actos da Communidade era pontual; na obediencia a ſeus Prelados, e aos Directores eſpirituaes prompto, e ſem réplica; na pobreza Evangelica, que profeſſou extremoſo; na caridade com domeſticos, e eſtranhos compaſſivo, e officioſo; no tracto comſigo auſtéro, e penitente, e com os outros affavel, e benigno. A ſua humildade foi profunda: no exercicio della ſolicitava com ſanta ambiçaõ os emprêgos, e officios mais baixos, e humildes. A ſua Fé era viva; do que déraõ teſtemunho naõ ſó os actos, que o ſervo de Deos diariamente fazia deſta fundamental virtude mais de huma vez, mas tambem a gravidade, e reverencia, com que elle celebrava a Santa Miſſa, e a religioſa attençaõ, com que

recitava o Officio Divino de joelhos, achando-se sem Companheiro fóra do Côro; como tambem a presença habitual de Deos em que se conservava. Era a sua esperança dilatada, e a paciencia singular. Na mortificaçaõ, e guarda dos seus sentidos era taõ cuidadoso, que guardava o religioso silencio, ainda quando se achava fóra do Seminario, sem jamais se ouvir da sua boca palavra superflua, e desnecessaria. Na Oraçaõ era fervoroso, e contínuo: na comida parco, e moderado. Na castidade, que conservou immaculada, parecia Anjo; e no abrazado zêlo da salvaçaõ das almas Apostolo. Ainda antes de subir ao Pulpito prégava desenganos, e penitencia com a sua vida exemplar, e com a sua rara modestia.

66 Habilitado Confessor, e Prégador Fr. Pedro sahio pelo imperio da obediencia a exercitar estes emprêgos sagrados. Fez indiziveis fructos com a Celestial semente da santa palavra, que prégava inflammado no zêlo da salvaçaõ das almas. Achava-se na Missaõ do Bispado de Portalegre, quando terminou seus dias com preciosa morte. Para testemunho do ardente zêlo, espirito, virtudes, e morte de Predesti-

na-

nado deste insigne Declamador do Evangelho, e grande Missionario, bastará copiar aqui parte de huma carta, que escreveo a sua irmã Condessa da Ponte o Excellentissimo Bispo, que entaõ era daquelle Bispado: « Minha
» irmã, e Senhora (dizia) naõ pôde arribar o meu Fr. Pedrinho...
» Morreo. Confesso a V. Excellencia,
» que naõ podia eu ter cousa, que
» mais me magoasse... Era elle hum
» mancebo de trinta e tres para trinta e quatro annos, no modo, e
» criaçaõ Fidalgo; na figura, presença, genio, engenho, docilidade,
» prudencia, e graça admiravel; e por
» conseguinte revestido de comodimento, modestia, e talento, que deixava a perder de vista tudo o mais.
» Parece-me, que só por especial Providencia do Altissimo teraõ em Varatojo outro Fr. Pedro, cujo Santo
» Christo me fica por prenda. He incrivel o entranhavel respeito, e sequito dos póvos, por onde andava
» este bemaventurado servo de Deos,
» que o terá em sua santa Gloria. »
Todas saõ formaes palavras daquelle zeloso, e devoto Prelado. Sepultou-se no Convento da Santa Provincia da Piedade da mesma Cidade, onde fale-

leceo fortalecido com os Sacramentos da Igreja, que pedio, e acclamaçoens de Santo. Em poucos annos de idade colheo o ſervo de Deos P. Fr. Pedro de S. Catharina de Sena ſeculos de perfeiçaõ.

67 A 5 de Abril de 1734 terminou a carreira de ſeus dias o V. P. Fr. Roque do Roſario, Miſſionario de Varatojo com morte de Juſto. Achavaſe Roque Jacintho Pereira (era eſte o ſeu nome no Seculo) Meſtre em Artes com concluſoens já feitas nos ſagrados Cánones, e Doutorado em Leis pela Univerſidade de Coimbra, quando ſe ſentio movido para deixar a Univerſidade, as grandes conveniencias, e emprêgos, com que o Mundo o liſonjeava pelo retiro de Varatojo. Onde fervoroſo tomou o Habito de S. Franciſco a 15 de Abril de 1713, e profeſſou ſolemnemente no anno ſeguinte a 16 de Abril. Naſceo Fr. Roque em S. Antonio do Tojal, Freguezia do Patriarchado duas legoas diſtante de Lisboa. Era de Familia nobre; ſeu Pai deſcendia de Alcahins, termo de Caſtello-Branco, e ſua Mãi do Campo Grande, termo de Lisboa.

68 Era Fr. Roque dotado de grande talento, de profundo juizo, e de vaſ-

vaſta erudiçaõ, aſſim nas letras Divinas, como humanas. Foi Religioſo de vida exemplar, perfeito imitador do Seraphico Patriarcha. Em tudo o que obrava, dizia, e penſava, ſe conduzia pelo eſpirito do meſmo Santo Patriarcha. Sería Fr. Roque por ſuas relevantes qualidades, e virtudes, egregio Operario Evangelico na vinha do Senhor, e hum completo Miſſionario no laborioſo exercicio Apoſtolico das Miſſoens, porém as moleſtias lhe impedíraõ o emprêgo do Pulpito; ainda que nem ſempre o do Confeſſionario, onde eſte ſervo de Deos fez muitos ſerviços ao meſmo Senhor nos fructos de almas innumeraveis, que illuminou, e converteo á Graça. Tinha dom de conſelho. Era frequentemente buſcado com conſultas, a que promptamente reſpondia, como ſabio, e judicioſo Meſtre. Foi eleito para Companheiro, e Secretario do P. Fr. Gaſpar da Incarnaçaõ, mas as moleſtias lhe impedíraõ eſte emprêgo na Reforma da Congregaçaõ de Santa Cruz.

69 Ainda que os Prelados de Varatojo ſempre humanos, e caritativos, em conſideraçaõ das enfermidades habituaes, que ſempre acompanhavaõ a Fr. Roque, o diſpenſavaõ do Côro,

e

e de outros actos, o servó de Deos, posto que enfermo no corpo, robusto no espirito, queria sempre com santa tenacidade seguir os actos da Communidade, e naõ poucas vezes arrimando-se ás paredes, e encostado a huma mulêta. Achava-se elle confessando as Religiosas da Conceiçaõ no Convento da Luz, quando accommettido da ultima enfermidade, coroado de merecimentos, e cheio de virtudes consummou a carreira da sua vida mortal com morte preciosa. Meia hora antes, que ella chegasse, se confessou com inteiro conhecimento, e recebeo o Senhor por Viatico. Pedio, lhe lêssem a Paixaõ do Senhor, e que lhe rezassem o Officio da agonia, e o mais, que se costuma fazer, a quem está proximo a partir para a eternidade; pedio tambem a véla, e o seu Santo Christo, com o qual abraçado, depois de ternos, e amorosos Colloquios, que lhe fez, expirou placidamente com morte de Justo. Foi sepultado seu cadaver no estrado do Altar Collateral da parte do Evangelho no mesmo Convento da Luz. Cujas Religiosas, depois que este Convento se arruinou com o memoravel Terremoto do anno de 1755, passáraõ para o Convento de Ar-

Arroios proximo á Côrte, no qual se achaõ presentemente. Este mencionado Convento de Arroios tinha sido dos Religiosos da Companhia de Jesus.

CAPITULO VII.

Vida do V. P. D. Fr. José de Santa Maria, Bispo de Cabo-Verde, Filho do Seminario de Varatojo.

70 A 7 de Junho de 1736 pelas duas horas depois do meio dia falleceo placidamente no osculo do Senhor o V. D. Fr. José de Santa Maria, benemerito Filho do Seminario de Varatojo, e Bispo de Cabo-Verde. Era natural da Cidade de Evora, onde nasceo de Pais nobres a 8 de Novembro de 1670. Estudou Humanidades na sua patria. Passou depois á Universidade de Coimbra, onde unio as virtudes, e composiçaõ de seus honestos costumes ao estudo da Jurisprudencia, a que se applicou. Graduado nesta faculdade pertendeo o Habito de Varatojo, onde entaõ naõ foi acceito, por naõ haver lugar. Perseverando firme na vocaçaõ de deixar o Seculo, e seguir o Instituto de S. Francisco, foi accei-

to

to na Santa Provincia dos Algarves, onde com o maior prazer de espirito tomou o Habito á 14 de Agosto de 1694, e professou no anno seguinte dia da Assumpção da Santissima Virgem Mãi de Deos.

71 Propoz no mesmo dia, em que se consagrou a Deos pelos votos solemnes de pobreza, obediencia, e castidade, regular-se sempre na inteira observancia destes votos pelo espirito do Seraphico Patriarcha Instituidor da Regra Evangelica, e seguir os seus passos até morrer. Tambem propoz ser sempre cordeal devoto da Santissima Virgem Maria, cujo sobrenome elegeo na sua Profissaõ. Assistio dez annos na Provincia, onde sendo Noviço, Corista, Sacerdote, Philosopho, Theologo, Confessor, e Prégador, foi sempre conhecido, e admirado em seu comportamento, como exemplar, e modélo de virtudes, observancias, e perfeiçoens da vida Regular, e Evangelica. Quando elle assistia no Convento de Moura, commummente lhe chamavaõ o Santo. Morando depois no Convento de Serpa, adoeceo gravissimamente. Invocou a Virgem Mái de Deos, supplicando-lhe pelo beneficio da saude, e promettendo, que, se a alcançasse, to-

toda a empergaría em beneficio das almas, prégando Apostolicamente, e promovendo os Cultos, e excellencias da mesma Senhora. Foi Fr. José fiel, e agradecido. Naõ faltou á sua promessa.

72 Considerando elle, que a cura milagrosa, que experimentava, fôra effeito do voto, que fizera, deixou logo a Provincia, e se retirou para Varatojo, onde foi encorporado a 22 de Maio de 1704. Tal era a vida de Fr. José de Santa Maria em Varatojo, que por suas grandes austeridades, o intitulavaõ os Seculares Frade Santo. Era Varaõ de Oraçaõ, e de recolhimento, retirado do Commercio naõ só dos Seculares, mas ainda dos Frades, quando a caridade, ou a obediencia naõ pediaõ o contrario. Praticava á risca o santo silencio, e todas as observancias, ainda as mais minimas do Seminario. Missionou com grande acceitaçaõ, e fructo das almas na Cidade de Lisboa, e Coimbra; nos Bispados do Algarve, e Portalegre; no Arcebispado de Braga Primaz, e em outras muitas Cidades, e povoaçoens de Portugal. Foi Canonicamente eleito Guardiaõ do Seminario no anno de 1717, e no anno de 1720 foi eleito

Bis-

Biſpo de Cabo-Verde pelo Senhor Rei D. JOAÕ V. Eſcuſou-ſe, porém o conſelho de ſeu Prelado, e Confeſſor, o moveo acceitar eſta Mitra, julgando que era vontade de Deos.

73 Depois de ſagrado em Lisboa, naõ ſe quiz demorar na Côrte, ſenaõ o tempo, que foi preciſo para apromptar embarcaçaõ. Na qual embarcado chegou felizmente á Ilha de Sant-Iago de Cabo-Verde a 25 de Novembro de 1721. Logo que entrou na ſua Dioceſe, ſubindo ao Pulpito prégou a ſeus Dioceſanos com eſte Thema, e terna falla, que antigamente fizera Joſé, Filho de Jacob em o Egypto a ſeus irmaõs, dizendo: « Eu ſou Joſé voſſo » irmaõ, naõ vos aſſuſteis, pois pa» ra beneficio, e ſaude voſſa, me » mandou Deos á voſſa preſença. » * Prégava com tanto eſpirito (diz huma teſtemunha fidedigna, que ſe achou naquella Ilha), que lhe corriaõ as lagrimas a fio principalmente, quando fazia a exclamaçaõ á Imagem de Chriſto Crucificado, que tinha nas maõs. Continúa a meſma teſtemunha, dizendo, que fôra eſte Prelado Varaõ verdadeiramente Apoſtolico, e grande Miſ-

* *Gen.* 45. ℣. 4.

Miſſionario, que prégava todos os annos na ſua Sé em o mez de Outubro.

74 Como verdadeiro Succeſſor dos Apoſtolos, D. Fr. Joſé de Santa Maria, querendo imitá-los no zêlo, e fervor de eſpirito, e ſeguir os paſſos dos Biſpos da Igreja primitiva, poz todo o esforço em reger ſantamente o ſeu rebanho, trazendo para elle as ovelhas deſgarradas, e perdidas. Para eſte fim converteo o ſeu Paço em Seminario de virtudes, e eſcóla de perfeiçoens, fazendo com ſeus domeſticos, e familiares vida exemplar, e irreprehenſivel. Só tres até quatro horas reſervava para dormir. Levantava-ſe ſempre cedo para rezar as Horas Canonicas, e depois com os familiares o Terço da Mãi de Deos, e ter meia hora de Oraçaõ Mental. Nella ſe preparava para celebrar a Santa Miſſa, onde banhado de ternura, e devoçaõ derramava torrentes de lagrimas. Concluidas as devotas graças, que rendia a Deos no fim da Santa Miſſa, empregava o reſto do tempo até o meio dia no cuidado de ſuas ovelhas, e na liçaõ de livros ſantos, que continhaõ materias tendentes ao bom regimen do ſeu Epiſcopado. Por ſua Apoſtolica conducta mereceo ſer appellidado Biſpo ſanto, e o Apoſtolo de Cabo-Verde.

75 A moderaçaõ, a frugalidade, e aſpereza de vida, que tinha praticado em Varatojo, ſendo Religioſo particular a queria exercitar com ſua peſſoa no emprêgo Epiſcopal. Era Biſpo, e Miſſionario, ſem jamais deixar de ſer, e parecer no tracto de ſua peſſoa Religioſo obſervante, e mortificado. Longe de D. Fr. Joſé de Santa Maria uſar de meſa eſplendida de manjares delicados, e de exquiſitas iguarías, era elle parciſſimo na comida, e jejuava frequentemente os jejuns da Regra Seraphica, como ſe viveſſe em Varatojo, e tambem os Sabbados em reverencia da Santiſſima Virgem Mãi de Deos; orava ſem intermiſſaõ. Trazia a Deos na ſua viva lembrança, e com elle fallava frequentemente por meio de Jaculatorias, que ſe lhe ouviaõ principalmente, quando ſe via enfermo. Junto da noite fazia huma inſtrucçaõ doutrinal a ſeus familiares. Concluida eſta, elle meſmo lia o ponto da Oraçaõ, e Meditaçaõ, que ſempre tinha por eſpaço de meia hora com ſeus familiares. No fim da Oraçaõ ſe cantava a Ladainha da Senhora.

76 Todos os annos prégava na ſua Cathedral na Quareſma, e tambem no Advento, como acima ſe diſſe, a fim

de

de inſtruir o povo nos principios da Religiaõ, e nas diſpoſiçoens para o Sacramento da Penitencia. Tambem ſahia todos os annos em viſita pelas Freguezias do ſeu Biſpado, levando comſigo Confeſſores ſabios, e zeloſos, para ouvirem de Confiſſaõ aos penitentes. Elle meſmo naõ ſó prégava, enſinava, e inſtruía os póvos, rudes, e meninos na Doutrina, e rudimentos da Fé, mas tambem muitas vezes os ouvia de Confiſſaõ. Naõ havia diligencia, que naõ fizeſſe para conſervar unidos a ſeus Subditos com os ſagrados laços da caridade fraternal. Havia dous Seculos, que alguns poderoſos daquella Ilha tinhaõ vivido taõ diſcordes, e deſunidos, que paſſavaõ os odios, como por herança, de Pais para filhos, e netos, ſeguindo-ſe daqui facçoens, duellos, e mortes. Tanto que o zeloſo Prelado ſoube, que eſtas ovelhas viviaõ taõ deſgarradas, e em taõ manifeſto perigo de ſe perderem, foi, qual ſolícito Paſtor, peſſoalmente buſcá-las, e com tanta felicidade, que apênas ellas ouvíraõ a voz do ſeu Paſtor, logo ficáraõ pacificas, e obedientes.

77 Foi, em quanto viveo, Pai dos pobres da ſua Dioceſe, pelos quaes diſtri-

diſtribuia todos os ſeus réditos, ſendo-lhe algumas vezes neceſſario pedir dinheiro empreſtado para occorrer ás neceſſidades da ſua peſſoa, e moderada familia. Naõ ſó viſitou repetidas vezes a Ilha de Sant-Iago, onde tinha a ſua Cathedral, e reſidencia, mas todas as outras nove Ilhas do ſeu Biſpado, ainda que ſempre com trabalho indizivel, e perigoſo. Achando-ſe por occaſiaõ de viſita, quaſi em riſco de morrer affogado com ſua familia, lhe offerecêraõ huns Piratas a ſua náo, fingindo, que tinhaõ amizade com os Portuguezes, a fim de roubar o Prelado. Entrando elle naquella náo, ſó com ſua preſença converteo aos meſmos crueis Piratas, que arrependidos da ſua ſacrílega intençaõ, deixáraõ o ſanto Biſpo incólume, e intactas todas as couſas, que trazia; o que attribuíraõ á virtude, e milagre do ſanto Prelado.

78 Entrou em novas, e maiores fadigas Apoſtolicas o zeloſiſſimo Prelado; determinando paſſar á terra firme de Guiné, a fim de viſitar, e conſolar as ſuas ovelhas alli diſperſas. Embarcando-ſe para eſte continente a 19 de Março de 1732, e tendo feito feliz viagem ſuccedeo, que a embarca-

çaõ

çaõ já junto daquelle porto désse em hum banco de arêa, que reduzio a todos a tal afflicçaõ, que dando-se por perdidos, a cada momento esperavaõ pela morte. Porém o santo Prelado cheio, e armado de viva Fé, abraçando-se com huma Imagem da Santissima Virgem Mãi de Deos, esteve assim chorando sem dizer palavra pelo espaço de duas horas, passadas as quaes, sahio a náo do perigo, e se víraõ o Prelado, e os que o acompanhavaõ, livres do naufragio, que lhes parecia inevitavel. Demorou-se naquella remota regiaõ sempre occupado em trazer, ainda que com indizivel trabalho, ao caminho da salvaçaõ as almas, que alli se achavaõ em extrema necessidade pela falta de Doutrina, e conhecimento dos principaes Mysterios da Fé, e Religiaõ revelada. A fim de illuminar estas ovelhas, e dirigí-las para o Céo, lhes prégava, e as instruía a toda a hora sem cessar com zêlo infatigavel, soccorrendo aos pobres, vestindo os nûs, ameaçando os incorrigiveis, fazendo-se todo para todos, a fim de ganhar a todos para Deos, e se naõ deo de todo a vida por elles, perdeo entre elles, e por amor delles inteiramente a vista dos olhos, e tambem a saude. Em-

79 Embarcou-ſe outra vez para a Ilha de Sant-Iago, chegando porém á barra de cachaõ ſe quebrou o leme da náo, e naõ podendo forcejar contra a correnteza da agua, ſe víraõ obrigados a arribar para as terras do Brazil. Eſtando na Linha, teve a embarcaçaõ huma grande calmaria, que durou por eſpaço de oito dias, ſeguindo ſe taõ grande falta de agua, e mantimento, que ſe dava a cada peſſoa huma pequena porçaõ, aſſim de huma, como de outra couſa; mandando o Prelado, que naõ diſtinguiſſem a ſua peſſoa, pois que elle queria igualmente entrar na meſma repartiçaõ, como os mais da náo. Neſta conſternaçaõ ſe achavaõ, quando por beneficio da Divina Providencia ſe aviſtou huma náo Portugueza, que vindo á falla, logo que o Commandante Portuguez ſoube, que alli ſe achava hum Prelado ſagrado, o mandou viſitar pelo ſeu Capitaõ Tenente. E ſendo por eſte informado da grande neceſſidade em que eſtava, lhe mandou liberal, e generoſo promptamente refreſcos, e offerecer todo o neceſſario, tanto para elle, como para ſeus familiares, e comitiva.

80 Significou o Prelado com as maio-

maiores demonſtraçoens de agradecimento ao Commandante a grande caridade, que lhe fizera. Mandou dizer o Commandante, que em remuneraçaõ daquella pequena caridade pedia a Sua Excellencia, que ſubindo ao convez da náo dalli lhe deitaſſe a ſua ſanta bençaõ. O que logo ſatisfez o Prelado, conduzido pela maõ de hum Capellaõ por ſe achar cégo. Prodigio raro! No meſmo momento, em que o ſanto Prelado deitava a bençaõ, logo ſe ſentio hum vento favoravel, com o qual navegáraõ ambas as náos, como em maré de roſas, e com tanta felicidade, que em breves dias levou a embarcaçaõ, em que hia o Prelado, a dar fundo no porto da Cidade da Bahia; onde apênas ſe ſoube, que tinha alli aportado, logo tanto o Excellentiſſimo Arcebiſpo da Bahia D. Luís Alveres de Figueiredo, como o Illuſtriſſimo Vice-Rei Luís Ceſar de Menezes, o mandáraõ viſitar, e juntamente hum eſcaler para nelle ſahir em terra. Depois o levou o meſmo Excellentiſſimo Arcebiſpo para ſeu Palacio, mandando tambem por effeito de extremoſa caridade apromptar toda a matalotagem no navio, em que o Prelado enfermo havia de vir para Portugal.

81 A 21 de Novembro de 1734 partio da Bahia D. Fr. Joſé de Santa Maria, e deſembarcou na barra de Lisboa no princípio de Março de 1735. Fallou ao Monarcha, que era o Fideliſſimo Senhor Rei D. JOAÕ V.; do qual foi muito bem recebido, e mandado recolher ao Convento de Xabregas, em conſideraçaõ de que por falta de viſta, e outras enfermidades ſe achava impoſſibilitado para voltar a ſeu Biſpado, e exercitar nelle o ſeu zêlo Apoſtolico. D. Fr. Joſé de Santa Maria reſignado, e confórme com as determinaçoens do Altiſſimo, diſtribuio logo pelas Igrejas do ſeu Biſpado, e por ſeus familiares os traſtes, que foraõ do ſeu uſo.

82 Foi D. Fr. Joſé de Santa Maria o XIV. Biſpo de Cabo-Verde, onde as ſuas virtudes, e zêlo Apoſtolico fazem ſeu nome digno de eterna memoria. Alli de Pais para filhos ſe contaõ prodigios, que fizera eſte illuſtre, e ſanto Prelado Paſſando elle á Ilha de Sant-Iago no anno de fome, nunca mais eſta, em quanto viveo nella, ſe experimentou naquella Ilha; mas antes grande abundancia. Naõ ſó viſitava peſſoalmente eſta Ilha, mas todas as adjacentes, levando comſigo Viſitador para tirar as devaſſas, e Confeſ-

fessores cheios de zêlo para ouvirem as Confissoens, como ha pouco se disse, tendo precedido Missaõ, que elle sempre fazia, e a explicaçaõ da Doutrina Christã. Era taõ humilde, que nada queria obrar sem consultar com Deos, e o parecer de pessoas illuminadas, que tinhaõ razaõ de votar no que elle pertendia. Sendo informado de que certo Clerigo vivia mal, o mandou chamar, e levando-o a seu quarto, lhe mandou com pena de obediencia, que se assentasse, e que se naõ levantasse. Poz-se logo de joelhos o Bispo aos pés daquelle Clerigo, e lhe fez huma admoestaçaõ taõ efficaz, taõ compungente, e com palavras taõ edificativas, expondo-lhe com copiosas lagrimas o seu escandalo, e conducta, e o exemplo, que devia dar em razaõ do seu estado, e caracter, que ficando o Clerigo taõ confuso, taõ envergonhado, e taõ compungido, confessou, que fôra para elle o maior castigo, que lhe podia dar o seu Prelado. Tirou por fructo desta correcçaõ paternal a inteira mudança de vida nova, e exemplar, que fez dalli por diante o Clerigo.

83 Chamando inadvertidamente a hum seu escravo por nome pouco de-

coroſo, poſto que naquelle continente aſſim commummente ſe appellidaõ os eſcravos, reflectindo no que tinha dito, ſe proſtrou aos pés do meſmo eſcravo, pedindo, que lhe perdoaſſe, pois era creatura de Deos, como elle, e talvez que tiveſſe maiores merecimentos, e que com elles agradaſſe mais ao Senhor. Em quaſi todas as noites tinha em ſua reſidencia aula para Eſtudantes pobres, aos quaes mandava tomar liçaõ na ſua preſença, e os favorecia com liberalidade, eſpecialmente aquelles, que conhecia habeis com inclinaçaõ, e vocaçaõ para o eſtado Eccleſiaſtico. Taõ deſapegado eſtava das couſas do Mundo, que dizia, naõ tinha neſta vida maior prazer, do que viver, e morrer pobre para imitar a Chriſto, e ao ſeu Patriarcha Seraphico. Fallando hum Capitaõ de navios, que viajou a Cabo-Verde, e alli aſſiſtio algum tempo, e examinou a vida do Excellentiſſimo D. Fr. Joſé de Santa Maria, em huma hiſtoria, que delle eſcreveo, e eu tive entre maõs, a conclue por eſtas palavras: « Foi em fim Prelado verdadei-
» ramente Apoſtolico, que nunca ſe
» conheceo nelle a mais minima acçaõ,
» em que ſe lhe pudeſſe notar culpa. »

A

84 A huma vida taõ juſtificada, como poderia deixar de ſeguir-ſe huma morte precioſa? Aſſim foi julgada, a que teve o V. D. Fr. Joſé de Santa Maria. Elle o pouco tempo, que viveo em Xabregas, depois que veio de Cabo-Verde, a pezar da ſua cegueira, o empregou todo em exercicios de piedade, e em actos preparativos para a morte. Viſitava, e conſolava os enfermos; exhortava os Frades moços á perfeiçaõ, e á obſervancia da Regra; levado pela maõ, queria ſempre aſſiſtir ás horas do Côro, á Oraçaõ, e actos da Communidade, recitava frequentemente devoto, e fervoroſo a Deos, e á ſua Puriſſima Mãi piedoſas Preces, e Jaculatorias. Aſſim ſantamente entretido com a lembrança no Céo, confórme, como outro Tobias, com o Divino beneplacito pela privaçaõ inteira de ſua viſta corporal, foi acommettido da morte. Pedio os ultimos Sacramentos, e mais ſoccorros da Igreja, e da Religiaõ para aquella hora, e pegando logo na Imagem do Santo Chriſto, depois de abraçado com Elle, proferidas as palavras: *Lembrai-vos de mim, piedoſo Jeſus*, expirou na idade de ſeſſenta e ſeis annos, banhado em alegria. Seu

ve-

veneravel cadaver, que ficou flexivel, com apparencias de vivo, foi sepultado no Claustro do mesmo Convento.

85 Prégou nas exequias deste Veneravel Prelado o V. P. Fr. Joaõ de Nossa Senhora, intitulado o *Poeta*, cujo Sermaõ corre impresso. Viveo onze annos em Cabo-Verde com o emprêgo de Bispo. Quando chegou á Côrte, ainda que desejava terminar o r..o de seus dias no seu amado retiro de Varatojo, naõ se effeituáraõ nesta parte seus desejos pela debilidade de forças, e total cegueira em que se achava. Naõ chegou a viver hum em Xabregas onde morreo com dez annos no Habito da Provincia, desasete de Varatojo, e quinze de Bispo. Tanto no tempo de Religioso, como de Bispo alcançou por suas heroicas virtudes a opiniaõ de santidade, e se diz, que elle conhecia os interiores, e segredos do coraçaõ, fazendo muitas Confissoẽs geraes, descobrindo antes de as principiar peccados occultos dos penitentes, de que só Deos tinha sido testemunha, quando foraõ feitos. Tambem se diz, que tinha o dom de fazer milagres, e que só com o signal da Cruz sarára a huma pessoa enferma de huma grande ferida.

Pu-

86 Publicou para inſtrucçaõ das ſuas ovelhas o Livro *Brados do Paſtor*, no anno de 1731, do qual fallando o Reverendo P. Meſtre Luís Alvares, Religioſo da Companhia, Regio, e ſábio Cenſor, depois de examinar a dita Obra *Brados do Paſtor*, diz na informaçaõ ao Ex.^mo Cardeal Inquiſidor: « Li os dous Tractados *Brados* » *do Paſtor*: a primeira Parte contém » Práticas Doutrinaes para maior utilidade eſpiritual do Biſpado de Cabo Verde: a ſegunda hum eſpelho » de deſenganos para peccadores confiados. Seu Author o Reverendiſſimo Biſpo de Cabo Verde D. Fr. » Joſé de Santa Maria. E bem moſtra eſte Prelado, que naõ buſca as » ſuas couſas, ſenaõ as de Jeſu Chriſto. Porque, deixado o eſtylo, a » que a crítica mundana chama culto, uſa de hum modo de fallar ordinario, mas perceptivel, e conveniente. Que nem todo o paſto he » de proveito ás ovelhas, que naõ » tem capacidade para digerir qualquer alimento da Doutrina. Em fim » eſte ſagrado Orador, reveſtido do » eſpirito de S. Paulo, naõ préga a » ſi, mas a Chriſto Crucificado, deſpido de toda a pompa, e affecta-

» çaõ,

» çaõ, como quem he a mesma verda-
» de. Muito alheio sería, se hum Bis-
» po Missionario se desviasse daquel-
» la regra do mesmo Apostolo das
» gentes: *O meu Sermaõ, e préga-*
» *çaõ naõ se fundaõ em palavras,*
» *que inculcaõ humana sabedoria,*
» *mas nas demonstraçoens do espiri-*
» *to, e virtude* *. Mas nem por isso
» esta Obra está destituida de arte,
» que he grande no Orador, que sa-
» be na occasiaõ esconder a sabedo-
» ria, para naõ cegar os olhos do
» auditorio naõ acostumado a tanta luz.
» O certo he, que muitas das outras
» Obras por altas só as pódem con-
» templar as Aguias, e Lynces de a-
» guda vista; porém esta a todos ser-
» ve; porque nella aprendem os igno-
» rantes a Doutrina, os sábios a hu-
» mildade, e todos o desengano. Este
» he o mysterio, com que este insi-
» gne Mestre da escola de Christo, de-
» pois de nos facilitar com o seu
» exemplo o caminho da virtude, pas-
» sa aos preceitos della com o norte
» daquelle Oraculo Christo, que co-
» meçou a fazer, e a ensinar. Em tan-
» tas maximas, quantas saõ as regras,
» e

* 1. *Cor.* 2.

„ e em tantos diſcurſos, quantos ſaõ
„ os Capitulos da ſegunda Parte, ou
„ Tractado, nos enſina a vivêr ajuſ-
„ tados, e para ſegurarmos o mor-
„ rer bem. Eſte eſpelho ſim, que ſem
„ liſonja aviſa a cada hum dos ſeus
„ defeitos, quando ſe lhe poem dian-
„ te dos olhos. „

87 O R. P. M. Fr. Manoel de S. Guilherme, da Sagrada Religiaõ do Patriarcha dos Prégadores, meu Padre S. Domingos, Cenſor Regio, e bem conhecido por ſuas virtudes, e doutos Eſcriptos, fallando da dita Obra *Brados do Paſtor*, e de ſeu Author, diz aſſim: « Senhor, eſte Livro me-
„ rece, que Voſſa Mageſtade lhe dê
„ a licença pedida, porque cada pa-
„ lavra he huma ſetta, cada documen-
„ to huma ſcintillaçaõ do fervoroſo eſ-
„ pirito deſte grande Prelado, taõ co-
„ nhecido por exemplar dos Prelados.
„ S. Domingos de Lisboa. Junho de
„ 1730. „

CA-

CAPITULO VIII.

Vida de D. Fr. Manoel de Jesus Maria, Bispo de Nankin, e Filho do Seminario de Varatojo.

88 A 6 de Julho de 1739 subio a gozar de Deos, como piamente se crê, do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra o V. D. Fr. Manoel de Jesus Maria, Bispo de Nankin na India, Filho benemerito do Seminario de Varatojo. Era natural da notavel, e nobre Villa de Viana do Minho de Pais humildes, mas de nobre índole, e de excellente educaçaõ. Nasceo no primeiro de Novembro de 1682. Mandado para Coimbra se adiantou felizmente nos estudos, e nas virtudes, porque trazia sempre por companheiro inseparavel o santo temor de Deos, debaixo da direcçaõ de hum prudente, sabio, e illuminado Confessor. Graduou-se com louvor na faculdade da Jurisprudencia. Chamava-se no Seculo Manoel de Torres Costa. Era adornado de excellentes dotes naturaes, e docilidade de genio. Por seu grande engenho, inclinaçaõ, e applicaçaõ ás le-

letras aſpirava Manoel de Torres a couſas maiores na Univerſidade, onde ſe achava. Obedecendo porém á Divina vocaçaõ para o eſtado Religioſo, deſiſtio logo de todas as eſperanças, e pertençoens do Seculo, e foi humilde, e fervoroſo pedir o Habito de S. Franciſco ao Guardiaõ do Seminario de Varatojo, que tomou em 17 de Abril de 1715.

89 A excellente índole de Manoel Torres, a ſua humildade, o ſeu fervor, a ſua manſidaõ, e paz inalteravel, a ſua modeſtia alegre, a promptidaõ aos actos da Communidade, e ás mais leves inſinuaçoens dos Prelados, e de ſeu Meſtre, davaõ fiel teſtemunho de ſer ſólida a ſua vocaçaõ para a vida Apoſtolica do Seminario, onde com plena ſatisfaçaõ, e goſto de toda a Communidade profeſſou ſolemnemente a Regra de S. Franciſco no anno do Senhor de 1716 no mez de Abril, elegendo em reverencia dos Nomes dulciſſimos Jeſus, e Maria chamar-ſe Fr. Manoel de Jeſus Maria. O raro talento de Fr. Manoel; a ſua aſſidua applicaçaõ aos eſtudos tendentes aos emprêgos do Confeſſionario, e Pulpito, mediante as conferencias literarias, o diſpuſêraõ dentro de pouco tempo para

ra que os Prelados o instituissem Confessor, Prégador, e Missionario Apostolico, emprêgos estes, que exercitou com grande zêlo, e espirito, e com muita utilidade das almas no Arcebispado de Lisboa, e no Bispado de Leiria.

90 Porém a Providencia Divina sempre admiravel destinava a Fr. Manoel de Jesus Maria para cousas maiores. Pouco mais de cinco annos tinha o servo de Deos da vida de Varatojo, quando o Senhor Rei D. JOAÕ V., sciente das relevantes qualidades, que Fr. Manoel tinha para Prelado maior, e Principe da Santa Igreja, o elegeo Bispo de Nankin, a fim de que elle fosse prégar, e introduzir a Fé no Imperio vasto da China, servindo de Bispo, e juntamente de Missionario á imitaçaõ dos Apostolos. O humilde servo de Deos considerando, que naõ tinha hombros para esta dignidade se escusou acceitá-la. Porém o Monarcha por via de seu Secretario de Estado escreveo ao Guardiaõ, e Religiosos de Varatojo recommendando-lhes efficazmente, que persuadissem a Fr. Manoel de Jesus Maria acceitar a Mitra de Nankim para serviço, e exaltaçaõ da Igreja, honra da patria, e Gloria de Deos.

Deos. Dizia na carta o mesmo Monarcha, que naõ achava Sujeito adornado de engenho, dotes, virtudes, e sciencia igual a Fr. Manoel para se mandar á Regiaõ remotissima da China.

91 Considerando Fr. Manoel, que Deos lhe fallava por seu Prelado, e Confessor, a pezar das razoens, que a sua humildade tinha allegado para se escusar do emprégo daquelle Bispado, fazendo sacrificio de si mesmo acceitou a Mitra. Foi sagrado na Santa Basilica Patriarchal de Lisboa a 14 de Fevereiro de 1721 pelo Eminentissimo D. Thomás de Almeida primeiro Patriarcha de Lisboa, e Cardeal da Santa Igreja Romana. Embarcando-se na barra de Lisboa a 19 de Abril do mesmo anno de 1721, chegou á Cidade de Macáo a 7 de Agosto de 1722. Logo que D. Fr. Manoel de Jesus Maria chegou a Macáo, teve a infausta noticia, de que com grande detrimento da Christandade era fallecido o Imperador da China Kanhi, que tinha dado permissaõ aos Missionarios de prégarem a Fé, e Evangelho em seu vasto Imperio. E que em lugar deste Imperador defunto elegêraõ os Grandes, a que chamaõ

maõ *Mandarins* a ſeu Filho Venge-hing. Como pelo ceremonial da China de nenhuma ſórte permittia o Imperador, que alguem lhe fallaſſe em ſeu primeiro anno de lucto, naõ foi poſſivel ao zeloſo Prelado entrar eſte anno na ſua Dioceſe. Mas alcançando permiſſaõ do Supremo Governador das Armas para paſſar á Cidade de Cantonia, ahi começou com licença do Ordinario a exercer ſeu emprêgo Epiſcopal, e benzeo na ſemana da Paixaõ o Óleo Santo, de que ſe neceſſitava.

92 Sabendo porém, que naõ lhe era poſſivel no anno do lucto ter entrada com o Imperador, como ardentemente deſejava, movido elle do ſeu inflammado zêlo da ſalvaçaõ das almas, e bem da Chriſtandade, diſcorreo pela Dioceſe de Macáo, miniſtrando o Sacramento da Confirmaçaõ, levando Miſſionarios em ſua companhia para o ajudarem a confeſſar, aos quaes elle ſuſtentava. Viſitando aquellas Regioens, e remotas Provincias da Chriſtandade, achou nellas com grande mágoa ſua o ſal infatuado; a ſaber, hum Miſſionario Francez inficionado nos erros de Janſenio, os quaes hia ſemeando naquellas partes

com

com grande detrimento da Fé. Cuidou logo o zelofo Prelado em convencer a efte falfo Declamador, mas vendo, que elle contumaz fem emenda perfeverava em feus erros, o declarou herege, e excommungado; e para de todo feparar o contagio do rebanho Chriftaõ, e arrancar a fizania do trigo efcolhido do Senhor, cuidou logo efficazmente, que aquelle Impoftor, e Meftre de erros foffe expulfado do Imperio da China. Merecendo por efte zêlo fer grandemente louvado pela Santa Sé de Roma.

93 Naõ menos refplandeceo o ardente zélo, e caridade do vigilante, e Apoftolico Prelado em pacificar, e unir com os fagrados vinculos da caridade fraternal, os Miffionarios daquelle continente, que fe achavaõ affás difcordes. Sendo eftes de diverfas Naçoens confervavaõ diverfos fentimentos, e ainda oppofiçaõ naquellas remotas Regioens com offenfa de Deos, e efcandalo daquella Chriftandade. A prudencia porém, e fanta fagacidade do Prelado D. Fr. Manoel, junta com a brandura, e fuavidade de fuas palavras, fizeraõ tal effeito naquelles animos defunidos, que convencidos, de que tendo todos hum fó Deos, e huma

ma só Fé, deviaõ ter todos os mesmos sentimentos, ficáraõ dalli por diante inteiramente concordes, como se tivessem o mesmo entendimento, a mesma vontade, e o mesmo coraçaõ, amando se mutuamente, como se todos fossem da mesma Naçaõ. Achou tambem Missionarios pouco considerados, que se lhe oppunhaõ, querendo disputar-lhe a regencia da Diocese de Pekin, cuja administraçaõ lhe tiha vindo, e lhe pertencia pela morte do seu Prelado. Deffendeo constante os seus Direitos, e cohibio seus injustos Oppositores, merecendo por este zêlo, e constancia muitos elogios da sagrada Congregaçaõ de Propaganda Fide.

94 No anno do lucto do Imperador Chinense teve o cuidado, e zêlo de indagar, e inquirir com a maior exacçaõ o progresso das Missoens, a dilataçaõ da Fé, o augmento da Christandade, os costumes, e Ritos dos Christaõs naquellas partes, e as controversias com os Chinenses. Certificado de tudo o que aqui se tem dito, elle pela sabedoria, e prudencia de que era dotado, ou antes numen Celestial, achou meios, e modos faceis, e suaves naõ só para conservar, mas para multiplicar os Fieis naquellas Regioens,

gioens, e para o progresso das Missoens. O que tudo remetteo á sagrada Congregaçaõ *de Propaganda*, e a El-Rei de Portugal D. JOAÕ V.

95 Ainda mesmo quando durante o anno do lucto Chinense se achava impedido para ir á presença do Imperador, mandou a Fr. Manoel das Chagas, Missionario de Varatojo, que como seu Vigario Geral fosse acompanhado de outro Missionario da Companhia de Jesus á sua Diocese de Nankin dar o saudavel pasto da Doutrina, e Sacramentos ás Ovelhas do rebanho, que lhe confiára o Principe dos Pastores Jesu Christo. He assás dilatada a Diocese de Nankin, que comprehende a maior, e melhor Provincia do Imperio da China. A mesma Cidade de Nankin he muito grande, e populosa. Nella visitou muitas Igrejas o dito Vigario Episcopal Fr. Manoel das Chagas, e andando parte daquella Diocese achou em seu continente mais de cem mil almas Catholicas Romanas. Porém dentro de poucos mezes se vio com mágoa obrigado a sahir de Nankin por causa de hum Decreto do impiissimo novo Imperador, que, acabado o anno do lucto, marchou os princípios do seu governo com

a iniqua Lei, em que mandava ſahir de ſuas Provincias todos os Miſſionarios, que nellas ſe achaſſem, ſem excepçaõ alguma, para a Cidade de Macáo do Dominio de Portugal. Foi lavrado eſte cruel Decreto no princípio do anno de 1724.

96 Eſte Decreto turbou ſobremaneira os Zeladores da verdadeira Fé, e cauſou ao Biſpo o mais vivo ſentimento por naõ podêr entrar peſſoalmente em Nankin, a fim de apaſcentar as ſuas Ovelhas. Com tudo elle, ainda que expoſto a tantos perigos, encommendando-ſe a Deos com inceſſantes Preces, entregue á ſua Providencia, naõ deſamparou os Chriſtaõs da China. Antes a pezar de muitos trabalhos, e deſpeſas por ſi, e ſeus Miſſionarios ſolicitou a revogaçaõ, ou modificaçaõ daquelle Decreto. Nada baſtou, para que o ímpio Imperador o revogaſſe, apênas permittio, que elle Biſpo, e ſeus Miſſionarios ſe pudeſſem demorar na Cidade de Cantonia, mas com apertada prohibiçaõ para naõ propagar a Fé. Naõ obſtante eſta prohibiçaõ ſe conſerváraõ alli nove grandes Igrejas para homens, além de outras muitas deſignadas para mulheres, onde ſe adminiſtravaõ os Sacramen-

mentos aos Fieis, ainda que naõ ſem grande temor de alguma commoçaõ popular contra o Biſpo, e ſeus Miſſionarios.

97 Neſte tempo El-Rei D. JOAÕ V. querendo attender pelos negocios da Fé, mandou hum Legado Extraordinario ao novo Imperador, para o congratular, e pedir-lhe faculdade para exercicio livre das Miſſoens em ſeus Dominios. O Imperador Chinenſe recebeo o Legado naõ tanto com politica Aſiatica, mas como ſe foſſe da Europa, alegrando-ſe muito daquelle obſequio, que ſe fazia á ſua Peſſoa, agradecendo as dádivas, e donativos, que recebeo do Monarcha Portuguez, mas de nenhuma ſorte conſentio a entrada dos Miſſionarios em ſeus Dominios por conſelho dos aſtutos Mandarins, e ſuggeſtaõ do demonio. Vendo-ſe o attribulado Biſpo ſem eſperanças de exercer peſſoal, e publicamente o ſeu emprêgo Epiſcopal, fez por conſervar occulto, a pezar de grandes deſpeſas, o ſeu Vigario Geral na Cidade de Nankin para vigiar ſobre o ſeu Rebanho. Naõ ſatisfeito com iſto, ſempre diſpoſto a derramar o ſangue por ſuas Ovelhas, ſe meteo em novos, e manifeſtos perigos, determinando-ſe a entrar

occultamente em ſeu Biſpado. Depois de vinte dias de jornada fatigado por mar, e terra experimentou naõ ſó perſeguiçoens dos inimigos da Fé, mas guerra manifeſta, que lhe fez o inferno. Porque appareciaõ horriveis viſoens, ſoavaõ vozes eſpantoſas á maneira de horriveis trombetas, ouviaõ-ſe clamores medonhos, e deſconhecidos, ſentiaõ-ſe cheiros intoleraveis de tal ſorte que o meſmo Prelado ſe achava impedido para rezar, eſcrever, e fazer outras funçoens. O que tambem experimentavaõ os Miſſionarios. Julgando no principio, que eſtas couſas procediaõ de fantaſia, ou de enfermidade corporal, uſáraõ de remedios naturaes. Vendo porém, que eſtes nada aproveitáraõ, ſe valêraõ de Exorciſmos da Igreja, e com taõ feliz ſucceſſo, que logo que ſe poz preceito em virtude do Santiſſimo Nome de Jeſus contra os eſpiritos infernaes, inſtantaneamente deſapparecêraõ as viſoens, emmudecêraõ as vozes, e ceſſáraõ de todo os máos cheiros.

98 Porém inteiramente quebrado de forças o Prelado, vendo, que de nenhuma ſorte podia paſſar mais adiante voltou para a Cidade de Cantonia, onde permaneceo até o anno de 1730, que

que paſſou a Macáo a cuidar da ſua ſaude perdida. E ainda que enfermo, e diſtante da ſua Dioceſe ſempre reveſtido das qualidades de vigilante Paſtor dava todas as providencias neceſſarias, ſoccorrendo a ſuas Ovelhas por meio do ſeu Vigario Geral, e Miſſionarios, que alli ſuſtentava. Tendo voltado de Macáo para a Cidade de Cantonia no anno de 1731, neſte meſmo anno mandou o Imperador Chinenſe lavrar ſegundo ímpio Decreto, no qual ordenava, que dentro de tres dias ſahiſſem os Miſſionarios para Macáo. Achando-ſe os Miſſionarios auſentes, os Chriſtaõs Chinenſes, Serventes, e Bemfeitores dos Miſſionarios foraõ prezos, e verberados cruelmente com varas nas plantas dos pés, e os obrigavaõ por ordem dos Mandarins, a que deixaſſem a Religiaõ Catholica, e depois de muitos tormentos os deſterravaõ em odio da Fé. De mais diſto eſpalháraõ os cavilloſos Mandarins Libellos infamatorios contra a Lei de Chriſto, e Miſſionarios, accumulando-lhes crimes, e teſtemunhos falſos cheios de calumnias, e infamias, affixando eſtes papeis infamatorios nas praças, e lugares públicos. Horroriſa eſcrever Libellos, e dicterios taõ infamatorios, contra

tra os quaes se fez pelos Missionarios, e Cidadaõs de Macáo huma douta, e Apostolica Apologia, a qual pelo cuidado do zeloso Prelado se espalhou pelo Imperio da China, a fim de se roborarem na Fé os verdadeiros Christaõs, e arguir os ímpios impostores da mesma Fé, demonstrando-se sólida, e nervosamente a santidade da Lei Evangelica, e a falsidade das superstiçoens Chinenses.

99 Nada bastou para remover o ímpio Decreto, que rigorosamente vedava entrar Missionarios na China, e prégar alli a Fé de Christo; ainda que o zeloso, e Apostolico Prelado sempre conservou alguns Missionarios occultos na Provincia de Nankin naõ sem grande trabalho, e despesa. Mas em fim vendo de todo perdidas as esperanças de reger as suas Ovelhas, enfermo, e cortado de indiziveis trabalhos, se resolveo voltar para Portugal, e renunciar o Bispado. Chegou a Lisboa a 23 de Outubro de 1734. Achando-se nesse tempo em Santa Cruz de Coimbra o P. Fr. Gaspar da Incarnaçaõ empregado na actual Refórma daquella Illustre Congregaçaõ, pedio ao Bispo de Nankin, seu irmaõ na profissaõ do mesmo Habito de Varato-

tojo, que vieſſe para Santa Cruz de Coimbra, a fim de ordenar naquelle Real Moſteiro os novos Religioſos. Chegando a Coimbra, ainda que quebrantado de forças corporaes D. Fr. Joſé de Jeſus Maria, ſe animou tambem a fazer Miſſaõ neſta Cidade, ainda que a naõ pôde concluir, por lhe ſobrevir maior moleſtia. Padeceo eſte Prelado em toda a ſua vida naõ ſó moleſtias corporaes, mas tambem trabalhos de eſpirito, vexaçoens, e horriveis tentaçoens do demonio. Porém o ſervo de Deos tanto das moleſtias do corpo, como das tribulaçoens interiores, e tentaçoens do eſpirito das trévas, alcançou por meio da conformidade, e paciencia infinitos merecimentos, e triunfos do inimigo de ſua alma.

100 No mez de Novembro de 1738 cahio de todo enfermo no leito o V. D. Fr. Manoel de Jeſus Maria, ſendo accommettido de graviſſimas, e complicadas queixas, que proſtrando-o mais, e mais lhe chamáraõ pela morte. Reſignado elle, e confórme com a Divina vontade, empregou os ultimos mezes da ſua vida, a que ſe póde chamar lento martyrio, em Colloquios amoroſos com Deos, e devotas

ro-

rogativas á Santiſſima Virgem, e Santos da ſua devoçaõ. Finalmente roborado com os ultimos Sacramentos da Igreja, que recebeo com as maiores demonſtraçoens de ternura, e devoçaõ, entregou o eſpirito ao Senhor, banhado de paz, e alegria, que fazia admirar aos aſſiſtentes, e aos Medicos, tendo, ſem eſtes o mandarem Sacramentar, pedido o Sagrado Viatico, e a Extrema-Unçaõ com conhecimento de que morria a 6 de Julho de 1739. Conſummou o curſo de ſua vida na idade de quarenta e ſeis annos, oito mezes e ſeis dias; tendo aſſiſtido em Varatojo quaſi ſeis annos, e vivido depois da ordenaçaõ Epiſcopal pouco mais de deſoito annos.

101 Foi ſepultado ſeu veneravel cadaver na Capella da Senhora da Aſſumpçaõ, dentro do Clauſtro do Real Moſteiro de Santa Cruz, em hum caixaõ, tendo concorrido ás exequias deſte Veneravel Prelado, naõ ſó numeroſo povo, mas a Nobreza de Coimbra, e as Sagradas Ordens Regulares. Deſejou, e pedio, que ſeu coraçaõ foſſe enterrado na porta do Capitulo de Varatojo, onde ſerá eterna a memoria deſte illuſtre Prelado pelas eminentes virtudes da ſua vida. Guardou á riſ-

ca, ainda depois de Bispo, a Regra Evangelica de S. Francisco, que professou em Varatojo, a qual junta com o Symbolo da Fé conservou pendente do pescoço até á sua preciosa morte. Foi acérrimo defensor da santa pobreza. Ainda no emprêgo de seu Episcopado queria defender os direitos desta virtude nas cousas mais mínimas. Elle jamais sujeitou a nobreza de seu coraçaõ á vileza da cobiça. Pela qual razaõ nunca acceitou as grandes dádivas, e donativos, que lhe faziaõ na Asia. Repetidas vezes deo provas da sua grande caridade, e liberalidade para com os pobres, e indigentes: nunca negava esmóla, que elles lhe pediaõ; e assim reduzido á extrema pobreza unicamente trouxe da riquissima Regiaõ da Asia o pobre Habito, com que vinha vestido, e levou para a sepultura.

102 Deo a seu Confessor o nome de Prelado, e como a Prelado o tratava, e lhe obedecia: nunca se apartou da sua obediencia, nem obrou cousa alguma sem o consultar. Foi cordealissimo devoto da Santissima Virgem Mãi de Deos, do seu castissimo Esposo S. José, e do Archanjo S. Miguel, cuja Imagem sempre trazia

zia com ſigo. Mandou collocar a meſma Imagem deſte Principe da Milicia Celeſtial, e Protector das Miſſoens de Varatojo no Clauſtro do Convento de S. Franciſco de Macáo, impetrando em utilidade dos Fieis duas Indulgencias plenarias do Santiſſimo Padre BENEDICTO XIII., de quem era muito acceito, para duas feſtas cada anno ao meſmo S. Miguel. Foi incanſavel, e de zêlo infatigavel em propagar, e eſtabelecer a Fé de Chriſto no Imperio da China. Muito juſto, e mui agradavel a Deos parecia, que ſe effeituaſſem taõ ſantos projectos de couſas, ainda maiores, que meditava o zêlo de taõ grande Prelado em obſequio da Fé, e beneficio do Eſtado, naquellas remotas Regioens, mas os impedimentos inauferiveis, que ſobrevieraõ, tanto pelos Decretos prohibitivos do barbaro Imperador, como pela perſeguiçaõ inceſſante dos cavilloſos, e ímpios Mandarins ſeus Conſelheiros, e muito mais pela prolongada, e importuna moleſtia do meſmo ſanto Prelado, naõ lhe permittíraõ continuar as ſuas Apoſtolicas fadigas. Porém ſe elle na terra naõ alcançou inteiramente o fim de ſeus ſantos deſignios, e de ſeus trabalhos Evangelicos, naõ

dei-

deixaria de receber no Céo em recompensa, e premio delles, da maõ de Jesu Christo, Principe dos Pastores, a immarcescivel corôa da eterna Gloria.

CAPITULO IX.

Vida do V. P. Fr. Paulo de S. Tereza, Missionario de Varatojo.

103 A 30 de Abril de 1743 falleceo no Senhor placidamente com morte de Justo no Hospicio de Varatojo em Lisboa o memoravel P. Fr. Paulo de S. Tereza, Missionario Apostolico, e Filho do Seminario de Varatojo. Era natural da Cidade da Guarda, descendente, tanto pela parte paterna, como pela materna, das principaes Familias da Provincia da Beira. Chamava-se no seculo Manoel Proença. Nasceo com elle a inclinaçaõ ás letras. Applicou-se na mesma Cidade da sua naturalidade aos estudos menores de Grammatica, Rhetorica, e Filosofia. Era dotado de raro talento para as sciencias. O desejo destas o levou á Universidade de Coimbra, que frequentou oito annos, fazendo rá-

rápidos progressos no adiantamento de seus estudos. Em todos os actos, que fez, deo sempre claras provas do seu grande engenho, com plena satisfaçaõ, e applauso dos Mestres, e admiraçaõ dos Companheiros Condiscipulos. Applicou-se á Medicina. Achava-se já graduado nesta faculdade Manoel Proença, quando se sentio interiormente movido para deixar o Mundo, e abraçar a vida religiosa do Instituto pobre, e Evangelico do Seraphico P. S. Francisco no Seminario de Varatojo, a fim de fazer penitencia, e viver Apostolicamente. Obedeceo á voz da inspiraçaõ Celeste, e á imitaçaõ dos Apostolos, sem consultar Pai, e Mãi, nem dar parte aos amigos do seculo, partio logo para Varatojo, onde prostrado aos pés do Guardiaõ do Seminario, lhe pedio com as mais humildes súpplicas o Habito de S. Francisco. Sendo acceito, passou o anno d'approvaçaõ com o mesmo fervor, e espirito de penitencia, com que entrou no Noviciado. Concluido este, fez solemne Profissaõ da Regra Seraphica com summo prazer de seu espirito, e plena satisfaçaõ de toda a Communidade.

104 Elle fervoroso naõ só fez voto

to em ſua ſolemne Profiſſaõ de guardar toda a vida a Regra Evangelica do Patriarcha dos pobres S. Franciſco, mas de conduzir-ſe ſempre pelo eſpirito do meſmo Seraphico Patriarcha, e ſeguir os ſeus paſſos até morrer. Aſſim o propoz, e aſſim o cumprio. Pois em toda a vida de Religioſo deſte ſervo de Deos, nunca ſe lhe conheceo tranſgreſſaõ grave na Regra Evangelica, que profeſſou, mas ſempre deo provas de obſervante, e perfeito Religioſo, e de legitimo Filho de S. Franciſco. Querendo veſtir-ſe de Jeſu Chriſto, e imitar no zêlo, e fervor de eſpirito a S. Paulo, ſe deliberou em ſua Profiſſaõ deixar o nome do ſeculo, e em lugar delle tomar o de Paulo, a fim de imitar, e ſeguir os paſſos deſte grande Apoſtolo no zêlo da ſalvaçaõ das almas. Correſpondêraõ os effeitos, e obras, ás promeſſas, e deſejos. Pois em quanto lhe durou a vida, ſervio a Portugal de luminoſa tocha com as fervoroſas Miſſoens, que fez por quaſi todo o Reino; e tambem ſervio a Varatojo de credito, e de ſua firme columna, em quanto viveo.

105 Miſſionou Fr. Paulo de S. Tereza repetidas vezes em Lisboa, tendo

do por Ouvintes naõ ſó a principal Nobreza da Côrte, mas as Peſſoas Reaes. Será eterna a memoria deſte inſigne Miſſionario em Varatojo, em Lisboa, e em quaſi todo o Portugal, pelos fructos prodigioſos de innumeraveis almas, que converteo, e illuminou com ſuas Apoſtolicas Prégaçoens em grande utilidade da Igreja, e beneficio do Eſtado. A primeira vez, que Fr. Paulo de S. Tereza appareceo em Coimbra a fazer Miſſaõ, foi geralmente ouvido, e attendido com a maior acceitaçaõ de pequenos, e grandes, e acclamado como Trombêta do Evangelho, como animado Clarim, e Declamador de eſpirito verdadeiramente Apoſtolico. Tal foi a moçaõ, e fructo, que com eſta ſementeira Evangelica fez em ſeus Ouvintes, que em grande parte ſe exhaurio a Univerſidade de Eſtudantes, e Doutores. Pois grande parte delles movidos da Miſſaõ, que ouvíraõ a Fr. Paulo, fugindo do Mundo, foraõ buſcar os Clauſtros das Religioens para nellas fazer penitencia, e cuidarem ſériamente no grande negocio da ſalvaçaõ da alma.

106 Alem de grande número deſtes, que buſcáraõ os Clauſtros de outras

tras ſagradas Ordens Regulares, e Congregaçoens Seculares para nellas ſerem admittidos, ſe numeráraõ cem Pertendentes, que foraõ pedir o Habito dos Carmelitas Deſcalços. E ſó para Varatojo fugíraõ dous Bachareis, e cinco Doutores graduados, incluindo-ſe no número deſtes D. Gaſpar Moſcoſo da Silva, Doutorado nos Sagrados Cánones, Reitor, e Reformador da meſma Univerſidade, que goſtoſo trocou eſte emprêgo, e o de Deaõ da Santa Sé de Lisboa pelo Habito de Noviço, que humilde foi pedir a Varatojo, como adiante ſe dirá. Alem da Graça de Deos concorrêraõ muitas couſas, para que Fr. Paulo ſahiſſe egregio Miſſionario, e mereceſſe a veneraçaõ, e acceitaçaõ geral de Pequenos, e Grandes. Elle era de eſtatura alta, mais que ordinaria, ſecco, oſſudo, magro, de roſto comprido, aſpecto grave, ar mageſtoſo, géſtos comedidos, indicativos de penitencia, que ſempre trouxe por inſeparavel companheira, côr macilenta, que quaſi parecia cadavérica, ſiſudo, judicioſo, parco, e ſentencioſo nas palavras. Tudo iſto junto com a ſua vida auſtéra, e exemplar, lhe conciliava tal veneraçaõ, e reſpeito entre os póvos, que

no

no Confeſſionario era conſultado como Oraculo, no Púlpito ouvido como Apoſtolo, e em fim venerado como homem de Deos, e Miſſionario Santo.

107 Naõ ſó Fr. Paulo era eſtimado, e reſpeitado dos Pequenos, mas tambem dos Grandes da Côrte, e do meſmo Monarcha D. JOAÕ V., de quem muitas vezes foi conſultado em materias de maior pezo, e a quem muitas vezes teve por Ouvinte em ſeus Sermoens. Tal era a veneraçaõ, e reſpeito, que eſte grande Monarcha tinha ao ſervo de Deos, que quando fallava nelle, lhe chamava o ſeu S. Pedro de Alcantara. Sciente Fr. Paulo, de que El-Rei ſeu amigo, eſquecido do Céo, e do grande negocio da propria ſalvaçaõ, e maximas do Evangelho, vivia entregue ás paixoens, e fraquezas da ſenſualidade, com valor, e liberdade Apoſtolica, o advertio, mandando-lhe dentro de huma carta humas diſciplinas. E em outra occaſiaõ, que o ſervo de Deos ſe achava em Lisboa, quando o Monarcha lhe pedio Miſſaõ para a Côrte, lhe pegou na caſáca, e lhe diſſe com ar grave, e mageſtoſo, e liberdade Evangelica: « E Voſſa Mageſtade por-
» que

„ que naõ ha de prégar á Côrte, e
„ a ſeus vaſſallos com o exemplo da
„ ſua Peſſoa, e refórma da ſua vida? „

108 O Rei, que reſpeitava, e temia ao ſervo de Deos, voltando-ſe com disfarce para a outra parte reſpondeo; tudo ſe fará, meu Fr. Paulo. Aſſim ſuccedeo. Pois foi bem notoria, naõ ſó em Portugal, mas em toda a Europa, a refórma deſte grande Monarcha, chorando com rios de lagrimas, como outro David, naõ os peccados de Rei, que ſe lhe naõ conhecêraõ, mas as fraquezas, e miſerias de homem, que ſe lhe notáraõ. Elle arrependido fez penitencia, e a fim de aplacar a ira de Deos, fez diſtribuir com liberal, e Real profusaõ avultadas eſmólas, mandou dizer grande quantidade de Miſſas, e pedir Oraçoens aos ſervos, e ſervas de Deos, principalmente aos que viviaõ nas Communidades Regulares. Tudo iſto, e a paciencia heroica, com que tolerou as terriveis enfermidades, de que foi accommettido nos ultimos annos da ſua vida, o diſpuſêraõ, para que a terminaſſe no oſculo do Senhor com morte precioſa poucos annos depois que falleceo ſeu amigo Fr. Paulo de S. Tereza.

109 Foi Fr. Paulo em toda a ſua

vida insigne Declamador Evangelico; e Operario de ardente zêlo da salvaçaõ das almas, como se verá dos elogios, que lhe fizeraõ os Censores das suas Obras, que abaixo se poraõ. Elle tanto no emprêgo de Guardiaõ do Seminario de Varatojo, como quando por mandado do Reverendissimo Padre Geral da Ordem dos Menores, e insinuaçaõ Regia servio de Visitador no exemplarissimo Seminario de Brancanes, e na Santa Provincia da Arrabida, deo sempre claras provas do seu zêlo, rectidaõ, e prudencia, fazendo sustentar com todo o fervor, tanto nos Seminarios, como naquella Provincia, naõ só a inteira observancia da Regra Seraphica no seu espirito primitivo; mas tambem a Disciplina, Leis, Observancias municipaes, ceremonias, e santos costumes, que ensináraõ, e praticáraõ os Santos fundadores destas Casas de Oraçaõ, e escólas de virtudes, e de perfeiçaõ. Elle sabia, que a formosura, e conservaçaõ destas Casas Regulares, e aproveitamento espiritual de seus Individuos depende da observancia inteira, e exacta das suas Leis fundamentaes, e cuidado das cousas minimas, que ellas recommendaõ, e que por despre-

zo

zo destas se arruinaõ, e perdem as Casas religiosas. Vindo venturosamente os Claustros por esta observancia a parecerem Paraisos terrenos, e Anjos os seus Moradores; assim como pela laxidaõ, e pelo desprezo das Regras, Leis, e costumes santos da Religiaõ naõ se distinguem os Professores da perfeiçaõ Evangelica de homens dominados pelo espirito do Seculo.

110 Sabendo Fr. Paulo, que a sciencia illumina o entendimento, e que a ignorancia he causa de infinitos erros, e naõ ignorando, que para desterrar, e combater estes, e os vicios, deve o Missionario naõ só ser santo, mas tambem sabio, forneceo no triennio, em que foi Guardiaõ em Varatojo, a Livraria do Seminario de bons, e escolhidos livros, e ainda quando elle naõ era Guardiaõ, solicitou varias Obras para a mesma Livraria. Lembrado, de que os bons livros saõ taõ necessarios ao Prégador Evangelico para bem cumprir com seu ministerio, como saõ necessarias as armas ao Soldado combatente para vencer a seus adversarios; e os instrumentos aos Officiaes, e Artistas para cumprir com a sua obrigaçaõ. Naõ consta, que Guardiaõ algum, ou Religioso do Semina-

rio de Varatojo até entaõ igualaſſe a Fr. Paulo neſte zêlo. He para ſentir o deſcuido, que houve em naõ fazer alguem lembrança das virtudes, e acçoens memoraveis deſte Varaõ verdadeiramente Apoſtolico, e inſigne Miſſionario. Elle depois de inſtituido Confeſſor, e Prégador, nunca ceſſou de trabalhar na ſeára Evangelica com ardente zêlo da Gloria de Deos, e ſalvaçaõ das almas. Elle ainda a pezar das moleſtias, que padeceo em ſeus ultimos annos, poſto que enfermo no corpo, jamais fraqueava o ſeu eſpirito robuſto em aſſiſtir ao Côro, e actos da Communidade, em frequentar o Confeſſionario, e inſtruir de cadeira os póvos, e Irmaõs da Terceira Ordem da Penitencia das viſinhanças de Varatojo com Práticas doutrinaes, como tambem em compor a ſua Obra: *Flagello do Peccado*, que corre impreſſa, e ordenar outros muitos Tractados, que naõ deo á luz, e ſe conſervaõ no Seminario, como precioſos monumentos de taõ illuſtre Padre.

111 Neſtes exercicios occupado, ſe achava o ſervo de Deos na Côrte confeſſando algumas Religioſas, e inſtruindo outras peſſoas no caminho do Céo, mandado da obediencia com perto de

qua-

quarenta e oito annos de vida de Varatojo, quando foi accommettido da ultima enfermidade precurſôra da ſua morte. Diſpoz-ſe a eſperá-la com os ultimos Sacramentos da Igreja, que pedio, e recebeo com maiores demonſtraçoens de devoçaõ, e ternura; aſſim roborado ſeu eſpirito, e prevenido com amoroſos Actos, e Colloquios, que fazia ao Senhor, lhe entregou placidamente a ſua alma com morte de Predeſtinado no conceito dos que lhe aſſiſtíraõ a ſeu tranſito, que foi aos ſetenta e tres de ſua idade.

112 Foraõ trasladados os oſſos deſte ſervo de Deos no anno de 1769 por Ordem do Eminentiſſimo Cardeal Patriarcha para o Seminario de Varatojo, onde ſe conſervaõ depoſitados em hum caixaõ com a devida veneraçaõ na ſepultura, que eſtá no Capitulo entre o número primeiro, e a ſepultura da eſtrella para a parte de cima junto ao Altar. Além de precioſos Manuſcriptos deſte illuſtre Varaõ, e infatigavel Miſſionario, que ſe conſervaõ no Seminario de Varatojo, elle já em ſeus ultimos annos, quando por enfermo naõ podia ſahir a Miſſoens, publicou ſeus Sermoens com o titulo: *Flagello do Peccado* em tres Tomos

de

de 4.º A intençaõ, e motivo, que teve em efcrever efta Obra, elle mefmo o manifefta por eftas palavras fallando com o Leitor della, e dizendo: « O Altiffimo por fua infinita Mi-
» fericordia, e Bondade fe dignou ti-
» rar-me da Babylonia do Mundo, e
» guiar-me com a fua Divina luz pa-
» ra o eftado Religiofo, e para hum
» Seminario, em que por particular
» Inftituto faõ todos os Religiofos del-
» le obrigados a trabalhar, e occu-
» par-fe na empreza da falvaçaõ das
» almas, prégando, confeffando, a-
» confelhando, e fobre tudo edifican-
» do ao Proximo com feus bons exem-
» plos. Nefte minifterio trabalhei, em
» quanto as forças corporaes o per-
» mittíraõ. Agora, que os annos, e
» achaques me naõ permittem occu-
» par-me nos Pulpitos, te offereço ef-
» tas letras, e doutrinas tiradas dos
» apontamentos, que fiz para o exer-
» cicio das Miffoens . . . Protefto, que
» a minha intençaõ he procurar a hon-
» ra, e Gloria de Deos, o bem das
» almas, o exterminio dos peccados,
» e offenfas de noffo Amantiffimo Pai,
» e Soberano Senhor . . . Offereço a
» todos os meus Sermoens, como Car-
» tas, e Epiftolas, fatisfazendo ao
» meu

„ meu Inſtituto do modo que poſſo,
„ e ao ſummo deſejo que tenho de
„ que ſe evitem as offenſas de Deos,
„ e todos ſe ſalvem. „

113 O primeiro Tomo do *Flagello do Peccado*, impreſſo no anno de 1734, foi offerecido ao Fideliſſimo Monarcha D. JOAÕ V., o Grande. Na ſua Dedicatoria diz aſſim o ſervo de Deos: « Anima-me offerecer a Voſſa
„ Mageſtade eſte primeiro Tomo de
„ Sermoens, que agora vou eſcreven-
„ do na velhice cançada, incitado, e
„ perſuadido de alguns Prelados da
„ Ordem, e de outros Principes da
„ Igreja, o ſer todo elle compoſto de
„ dous Sermoens, que préguei na San-
„ ta Igreja Patriarchal diante de Voſ-
„ ſa Mageſtade, fazendo nella Miſ-
„ ſaõ. „ O ſegundo Tomo ſahio á luz no anno de 1736. Na ſua Dedicatoria ao Eminentiſſimo Cardeal Cunha, Inquiſidor Geral do Reino, diz aſſim o ſeu Author: « O motivo, que me
„ deo confiança para offerecer á Pro-
„ tecçaõ de Voſſa Eminencia eſte pou-
„ co ſazonado fructo do meu traba-
„ lho, foi o mandar-me Voſſa Emi-
„ nencia déſſe meus Sermoens ao pré-
„ lo. Por naõ faltar ao preceito me
„ ſacrifiquei na velhice cançada ao tra-

„ ba-

„ balho de os formar pelo naõ haver
„ feito, em quanto as forças permit-
„ tíraõ occupar-me no emprêgo das
„ Miſſoens. „ E tambem tinha dito:
“ Muitos motivos, e todos relevan-
„ tes me podiaõ incitar a offerecer a
„ Voſſa Eminencia eſte ſegundo To-
„ mo de Sermoens, em cujas doutri-
„ nas exhortei por eſpaço de quaren-
„ ta annos aos Moradores deſte Reino
„ ao odio, e deteſtaçaõ dos peccados,
„ fazendo Miſſaõ em a maior parte de
„ ſeus póvos. „ O terceiro Tomo,
que ſe publicou em 1738, ſe dedi-
cou ao Eminentiſſimo D. Thomás de
Almeida, primeiro Patriarcha de Lisboa.

CAPITULO X.

Elogios, que fizeraõ ao V. P. Fr. Paulo de S. Tereza, os ſabios Reviſores das ſuas Obras.

114 REvendo os Meſtres da Ordem o primeiro Tomo do *Flagello do peccado*, por mandado do Reverendiſſimo Padre Geral de toda a Ordem dos Menores, dizem aſſim: “ Vimos
„ o primeiro Tomo dos Sermoens,
„ que quer dar ao prélo o M. R. P.
„ Fr. Paulo de S. Tereza, inſigne
„ Miſ-

„ Miſſionario de Varatojo, o qual
„ contém quatorze Sermoens, Obra
„ verdadeiramente digna do ſeu Au-
„ thor; porque ainda na ſua liçaõ
„ reſpira aquella valentia de eſpirito,
„ e zêlo da ſalvaçaõ das almas, com
„ que foraõ ouvidos com edificaçaõ
„ nos Púlpitos deſte Reino . . . Em to-
„ da eſta Obra reſplandece a inſigne
„ piedade de ſeu Author, ſua grande
„ erudiçaõ, e abundante noticia das
„ Divinas Letras. „

115 O Meſtre Simaõ Eſtevens, Religioſo da Companhia de Jeſus, Qualificador do Santo Officio, ſobre a meſma Obra diz: « Vi eſte primeiro To-
„ mo dos Sermoens do P. Fr. Paulo
„ de S. Tereza, digno Filho do San-
„ to Seminario de Varatojo, e Varaõ
„ verdadeiramente Apoſtolico no exem-
„ plo, na Doutrina, e no zêlo do
„ bem das almas: no zêlo, porque
„ eſte o obrigou a diſcorrer *In o-*
„ *mnem civitatem, & locum*, ſem-
„ pre evangelizando com hum arden-
„ te eſpirito, que ainda dos coraçoens
„ mais impedernidos tirava faiſcas de
„ fogo. Na Doutrina, porque ſendo
„ eſta na ſua pureza taõ conforme com
„ a de Chriſto, com Elle podia dizer
„ áquelles, a quem prégava: *A minha*
„ *Dou-*

» *Doutrina naõ he minha, mas da-*
» *quelle, que me mandou.* E no exem-
» plo tambem, porque eſtando os Ser-
» moens, que prégava, e quando os
» prégava taõ refertos de conceitos;
» o melhor conceito, com que eſte
» grande Miſſionario ſubia ao Pulpito
» para perſuadir a ſeus Ouvintes, era
» o que unicamente delle fazia o Au-
» ditorio. Quatorze Sermoens ſe vêm
» neſte Tomo, ao qual ſeu Author
» dá o titulo de *Flagello do Peccado*,
» e naõ ſem muita propriedade pelos
» tratos em que o poem, que o obri-
» ga a confeſſar-ſe réo de Leſa Ma-
» geſtade Divina, para que cabalmen-
» te ſe entenda, quanto ſe deva fugir,
» e como ſe haja de abominar. Em
» toda eſta Obra, aſſim como ſe naõ
» vê regra ocioſa, tambem ſe naõ acha
» nella couſa, que naõ ſeja de muita
» ſubſtancia, mas com aquella ſingu-
» laridade, que deſcobrio S. Jerony-
» mo na liçaõ da Sagrada Eſcriptura,
» que quanto mais a lîa, maior appe-
» tencia lhe cauſava. Cada hum deſtes
» Sermoens he huma liçaõ de moral,
» que contém em cada paragrafo mui-
» tos documentos para a refórma do
» eſpirito. E ſe o ſeu Author obrou
» copioſas, e admiraveis converſoens

» quan-

„ quando os prégava, me parece, que „ dando-os agora á eſtampa, naõ te„ raõ menos efficacia. „

116 O R. P. M. Fr. Marcos de S. Antonio, Leitor no Collegio de S. Agoſtinho em Lisboa, Qualificador do Santo Officio, dando o ſeu parecer ao Eminentiſſimo Inquiſidor Geral do Reino a reſpeito da Obra *Flagello do Peccado*, diz: “ Goſtoſa he na verdade „ eſta obediencia, que Voſſa Eminen„ cia me poem, quando me manda „ rever o primeiro Tomo de Sermoés, „ que pertende dar á eſtampa o M. „ R. P. Fr. Paulo de S. Tereza, „ Miſſionario Apoſtolico do Santo Se„ minario de Varatojo ... Confeſſo, „ que ſe me fôra permittido deixar „ em mim eſta Obra, o faria pelo a„ preço, que faço de tudo o que he „ de taõ digno Author. Confeſſo in„ genuamente, que neſta Obra de Ser„ moens, que o Author quer dar á eſ„ tampa, admiro ſem liſonja o que „ dizia S. Paulo, quando prégava aos „ de Corintho: Meus Ouvintes adver„ ti para acceitardes, e receberdes em „ voſſos coraçoens os meus Sermoens, „ que ſe naõ fundaõ eſtes nas perſua„ ſoens humanas, mas todos ſe diri„ gem a moſtrar o eſpirito, e virtu-

„ de

» de de Deos. Isto dizia S. Paulo Pré-
» gador das Gentes, e isto póde no
» modo possivel dizer este Paulo,
» Prégador Evangelico de Portugal:
» Estes meus Sermoens, que pertendo
» imprimir, e que préguei, adverti,
» que he para vos mostrar nelles o
» espirito, e virtude de Deos. Isto po-
» dia dizer este Missionario Apostoli-
» co com toda a verdade; mas se a
» sua humildade lhe faz calar esta, lá
» virá tempo em que todos o digaõ,
» como já muitos clamaõ, e o mes-
» mo seu Santo Seminario o confes-
» sa. Pois sahindo delle tantos Varoens
» Apostolicos a prégar, e confessar
» só com o fim de trazerem almas a
» Deos, todos dizem, que a este gran-
» de Author devem taõ nobre Officio;
» porque elle os trouxe áquelle Con-
» vento. Foi o Mestre, que os ensi-
» nou, e ainda hoje ensina, podendo-
» se dizer delle o que lá S. Paulo dis-
» se de si a respeito dos mais: Eu
» trabalhei mais, que todos os meus
» Companheiros. O que posso dizer
» deste Paulo dos nossos tempos he,
» que á vista de ser maior o seu tra-
» balho, lhe dá Deos por corôa vêr
» os seus Escriptos na sua vida, pois
» he corôa de hum Missionario dei-
» xar

» xar escripto, com que as almas se
» aproveitem. »

117 O R. P. M. Doutor D. Joaõ Evangelista, Conego Regrante de S. Agostinho do Mosteiro de S. Vicente de Fóra, Censor Regio, diz: « Es-
» te *Flagello do Peccado* composto de
» quatorze Sermoens, que prégou o
» R. P. Fr. Paulo de S. Tereza, di-
» gnissimo Filho do Santo Seminario
» de Varatojo de Missionarios Apos-
» tolicos, he Obra confórme, e pro-
» porcionada em tudo ao ardente zê-
» lo, fervoroso espirito, e elevado
» talento do seu Author. Assim como
» S. Agostinho lendo o que S. Paulo
» escrevêra, infería o que sería prégan-
» do; eu tendo ouvido a este segun-
» do Paulo prégar, logo de ante-maõ
» inferí o que sería escrevendo. A-
» gora me confirmo no meu discurso
» por meio da minha obediencia ao
» Real preceito de Vossa Magestade,
» com que me manda examinar este
» livro, onde vejo, que este grande
» Ministro Evangelico para levar os
» coraçoens a Deos, e apartá-los da
» culpa, propoem com formosura,
» discorre com formalidade, intíma
» com viveza, persuade com energía,
» reprehende com brandura, abomí-

» na com modeſtia, enſina com clare-
» za, e move com ſuavidade. Para eſ-
» tes ſeus Sermoens creio eu, que ſe
» fizeraõ as Eſcripturas, porque para
» as deſte genero he, que foraõ di-
» vinamente inſpiradas. Por iſſo me
» naõ admiro, de que tanto ſe ajuſ-
» tem aos ſublimes penſamentos que
» levanta, os ſagrados Textos, com
» que os prova, e as authoridades dos
» Padres, com que os confirma. »

118 « Só me poderá admirar (con-
» tinúa o ſabio Regio Cenſor) de vêr,
» como ſendo eſte ſeu eſtîlo taõ ſubli-
» me, e taõ elevado, he juntamente
» taõ claro, e taõ corrente; e como
» neſtes ſeus Sermoens ſe diviſaõ miſ-
» turadas as flores da Rhetorica com
» os fructos da Doutrina Evangelica,
» eſpero eu na Miſericordia Divina,
» que naõ ſejaõ poucos os que as al-
» mas colhaõ de doutrinas taõ impor-
» tantes, como as que animaõ o for-
» moſo corpo deſte Volume, que juſ-
» tamente tem a inſcripçaõ de *Flagel-*
» *lo do Peccado*, porque cada Ser-
» maõ ſeu he huma rigoroſa vara,
» com que eſte Miniſtro de Deos açou-
» ta aquelle monſtro horrivel, que no
» Mundo cauſa todos os males . . . ſaõ
» pois taõ bem empregados eſtes açou-
» tes,

» tes, como merecidos; por isso o
» Author desta grande Obra, queren-
» do empregá-los bem, os descarre-
» ga na culpa, como verdadeiro imi-
» tador do Santo do seu nome, que
» para felizmente proseguir no seu mi-
» nisterio Apostolico, naõ dava açou-
» tes ao ar; e este diligente Opera-
» rio da sementeira Evangelica naõ da-
» va no ar os açoutes, empregando-os
» no vicio. Antes se me fossem per-
» mittidas exaggeraçoens, e hyperbo-
» les, subiriaõ as imitaçoens a van-
» tagens. Porque se S. Paulo diz, que
» se açoutava a si para prégar com
» fructo proprio, este segundo Paulo
» dando no peccado os açoutes, pré-
» ga com proprio, e alheio fructo. »

119 Os Mestres de Theologia da Santa Provincia de Portugal, designados pelo Reverendissimo Padre Geral da Ordem de S. Francisco para reverem o segundo Tomo do *Flagello do peccado* fallaõ a respeito delle deste modo: « Que diremos do Author des-
» te Livro? Do verdadeiro imitador
» do seu nome? Deste grande Minis-
» tro Evangelico? Falle todo este Rei-
» no fecundado com o fructo da pré-
» gaçaõ deste Coadjutor de Jesu Chri-
» sto, e dirá, que este zeloso Missio-

» na-

" nario em tudo cumprio a obriga-
" çaõ do ſeu miniſterio, pois com
" fervoroſo eſpirito, e ardente zêlo
" foi ſempre o flagellador do peccado,
" prégando contra elle, naõ ſó com
" ſuas vozes cheias de edificaçaõ, mas
" ſim tambem com ſeu exemplo, com
" ſua modeſtia, com ſua pobreza, com
" ſua humildade, com ſua peniten-
" cia, em fim com todas as ſuas ac-
" çoens, que foraõ ſempre as melho-
" res linguas, com que eſte Varaõ
" Apoſtolico reduzio a Deos innume-
" raveis peccadores; elegendo-o eſte
" Senhor por inſtrumento, naõ para
" reſuſcitar os córpos mortaes, ſenaõ
" as almas immortaes mortas pela cul-
" pa, e convertendo os filhos do de-
" monio em filhos de Deos, livran-
" do-os das eternas penas, para que
" gozem das eternas felicidades. Neſ-
" ta empreza trabalhou eſte Miſſiona-
" rio Evangelico, em quanto as for-
" ças corporaes o ajudáraõ, já pré-
" gando, já confeſſando, já aconſe-
" lhando, e já finalmente edificando
" a todos com ſeus bons exemplos.
" Agora que a velhice, e achaques
" lhe naõ permittem o exercicio do
" Pulpito, neſtes ſeus dezoito Ser-
" moens nos propoem ſeu zeloſo eſ-

" pi-

» pirito, e ardente estîlo, o quanto
» se deva abominar o peccado, e se-
» guir a virtude, sendo cada huma
» de suas palavras huma espada cor-
» tadora para destruir as culpas, ar-
» ruinar os vicios, e affugentar os
» peccados. Em tudo quiz o insigne
» Author deste Livro imitar ao San-
» to, de quem participa o nome. S.
» Paulo naõ contente com o infinito
» fructo da sua prégaçaõ, para dei-
» xar herdeiros de seu Apostolico es-
» pirito, escreveo Epistolas, Cartas,
» Conselhos, e Sermoens, com que
» há convertido, e de presente con-
» verte, e levará a Deos até o fim
» do Mundo innumeraveis almas. Naõ
» de outra sorte Paulo (de Portugal)
» pois naõ satisfeito com o grande
» número de almas, que há encami-
» nhado á perfeita, e religiosa vida,
» intenta com a santa Doutrina deste
» Livro assolar de todo o peccado,
» dando ao Mundo todo caritativos
» documentos para refórma da vida,
» e utilidade dos Catholicos.

120 » Que premio (continúaõ os
» mesmos sabios Revisores) estará
» destinado ao Author deste Livro, o
» qual ainda depois de impossibilita-
» do para o trabalho, nos está pré-

 » gan-

» gando com as ſuas Doutrinas, e com
» os ſeus Sermoens? O meſmo Deos
» o aſſiná-la dizendo, que a Gloria
» eterna ſerá o premio do ſeu Mi-
» niſtro zeloſo do bem das almas,
» e que o fará hum dos Grandes da
» Côrte do Céo, onde, como Eſtrel-
» la reſplandecente, luzirá por todas
» as eternidades. (*Matth.* 24.) Eſte
» vaticinio ſerá o premio deſte Eſcri-
» ptor; pois toda eſta ſua Obra he
» encaminhada ao aproveitamento eſ-
» piritual dos leitores, e maior Glo-
» ria de Deos. »

121 O R. P. M. Doutor Lourenço Juſtiniano, Conego Secular de S. Joaõ Evangeliſta, Qualificador do Santo Officio, na cenſura do ſegundo Tomo do *Flagello do peccado*, diſſe:
« No ſegundo Tomo de Sermoens,
» que intenta imprimir o R. P. Fr.
» Paulo de S. Tereza, Miſſionario
» Apoſtolico de Varatojo, digo, que
» nelles reſplandece a virtude de eſ-
» pirito, e palavra de Deos, expoſta
» como flagello, e eſpada, cujos fios,
» e golpes ſó ſe empregaõ em cortar
» peccados, e converter peccadores;
» ſó ſe dirigem á ſalvaçaõ das almas,
» á maior honra, e Gloria de Deos.
» Aſſim deſempenha perfeitamente o

» Au-

„ Author as obrigaçoens de verdadei-
„ ro Prégador, e as do ſeu eſtado,
„ e Eſtatuto do Veneravel Seminario
„ de Varatojo, que eſte Reino eſti-
„ ma, como veridario, e jardim da
„ Igreja, donde emanaõ, e correm as
„ mais claras fontes de puriſſimas a-
„ guas de ſalvaçaõ; onde ſe cultivaõ,
„ e communicaõ as mais ſuaves flo-
„ res de ſolidas virtudes; onde ſe
„ criaõ, e produzem as melhóres ar-
„ vores de fructos eſpirituaes; e don-
„ de ſahem as mais direitas plantas,
„ e varas, que regraõ, e moſtraõ por
„ todo o Reino os verdadeiros cami-
„ nhos para a eterna vida, alimpan-
„ do-os dos tojos, e eſpinhos das cul-
„ pas, fazendo-os de difficultoſos fa-
„ ceis, de torcidos direitos, e de áſ-
„ peros liſos, e planos; abatendo os
„ montes, e oiteros das preſumpçoẽs,
„ e ſoberbas; quebrando penhas, e
„ brenhas das durezas, e obſtinaçoẽs;
„ deſembaraçando as voltas, e ro-
„ deios, que fazem, e detem os pec-
„ cadores nos deſcaminhos dos cami-
„ nhos de Deos. Aſſim faziaõ, e pré-
„ gavaõ o Profeta Evangelico, e o
„ mais que Profeta o Baptiſta. Aſſim
„ prégaõ, e obraõ com grande zêlo,
„ e ſanta fadiga os Evangelicos Miſ-

I 2 „ ſio-

„ ſionarios de Varatojo. Aſſim préga;
„ e prégará por toda a poſteridade
„ por meio deſtes Sermoens ſeu Apoſ-
„ tolico Author. „

122 O R. P. M. Paulo Campelli, da Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa, Qualificador do Santo Officio, ſobre a meſma Obra *Flagello do peccado*, e de ſeu Author, diſſe: « Foi
„ ſervido Voſſa Eminencia mandar-
„ me vêr, e cenſurar o Livro dos
„ Sermoens Moraes, intitulado *Fla-*
„ *gello do peccado*, que compoz o
„ M. R. P. M. Fr. Paulo de S. Te-
„ reza, digniſſimo Filho do illuſtre,
„ ſanto, e ſempre venerando Semina-
„ rio de Varatojo. Logo que no prin-
„ cipio deſte Livro li o nome de ſeu
„ Author, eſcuſada me pareceo toda
„ a cenſura; porque reconheço, que
„ de ſuas maõs ſahe á luz com tan-
„ tas perfeiçoens conducentes para eſ-
„ tabelecer a verdade de noſſa Santa
„ Fé, e bons coſtumes, quantas ſaõ
„ as letras com que ſe manifeſta eſ-
„ cripto. Bem podia eſte doutiſſimo
„ Padre, Apoſtolico Miſſionario, e
„ Prégador Evangelico, no principio
„ deſta ſua Obra lançar aquella meſ-
„ ma cenſura, que em huma das Car-
„ tas de outro Paulo, ſagrado Apoſ-

„ to-

» tolo, e Meſtre de todas as Gen-
» tes, lêmos eſcripta: *Eſtes meus Ser-*
» *moens naõ ſe formaõ de palavras*
» *vãs, diſcurſos artificioſos, concei-*
» *tos affectados, mas ſim nelles tudo*
» *he huma clara atteſtaçaõ do eſpi-*
» *rito, e virtude.* Eſte grande Pa-
» dre... Eſte Miſſionario Apoſtoli-
» co, qual ſegundo Apoſtolo das Gen-
» tes deſte Reino, ſatisfaz adequada-
» mente a occupaçaõ de Prégador E-
» vangelico; porque enſina com effi-
» cacia o aborrecimento da culpa, cór-
» ta pelos vicios, e peccados ſem
» offender, nem eſcandalizar aos pec-
» cadores, enſina-lhes com ſuavidade
» a fugir dos vicios, e ſeguir o ca-
» minho da virtude, e do Céo; com
» tal deſtreza, e acerto joga a eſpa-
» da da Divina palavra, que naõ er-
» ra golpe na diſſipaçaõ das culpas,
» e deſtruiçaõ dos peccados. Neſtes
» Sermoens naõ ha palavra, que naõ
» ſeja penetrante ſétta, que atraveſ-
» ſando o coraçaõ mais duro, certa-
» mente o moverá á penitencia das
» culpas, e ſeguimento das virtudes. »

123 O R. P. M. Fr. Manoel de Cerquira, Eremita de S. Agoſtinho do Convento da Graça em Lisboa, Qualificador do Santo Officio ſobre o ter-

cei-

ceiro Tomo do *Flagello do peccado*, fez esta censura: « Vi este Livro, cu-
» jo titulo he *Flagello do peccado*, e
» he o terceiro Tomo dos Sermoens
» do Reverendissimo Padre Mestre Fr.
» Paulo de S. Tereza, Missionario
» Apostolico, Filho do Seminario de
» S. Antonio de Varatojo. Nelles dá
» a conhecer o seu Author o bem,
» que sabe satisfazer ás obrigaçoens
» de Missionario; pois sem attender
» a applausos, sendo de todos muito
» digno, e merecedor por letras, e
» virtudes, mostra em todos estes seus
» Sermoens na sólida, e clara doutri-
» na, que ensina aos Fieis o grande
» zêlo, que tem das suas almas, soli-
» citando em todos, como bom Mis-
» sionario a emenda de máos costu-
» mes, dôr de vicios, e peccados, e
» fructos de penitencia. » Naõ foi me-
nor o conceito, que fez desta Obra, e de seu Author, o R. P. M. Fr. Antonio de S. Maria dos Agostinhos descalços, Qualificador do Santo Officio, e Censor Regio, o qual disse: « Sen-
» do o Author deste livro intitulado:
» *Flagello do Peccado*, o R. P. Fr.
» Paulo de S. Tereza, Varaõ ver-
» dadeiramente Apostolico, Missiona-
» rio de relevante espirito, dado por
» Deos

» Deos para Reformador dos Reinos
» de Vossa Magestade, naõ podia con-
» ter cousa alguma, que violasse as
» Regalías da Corôa, ou offendesse
» as Leis deste Imperio, que para si
» nos nossos Monarchas quiz Christo
» estabelecer puro, e eterno. » Destes elogios, que fizeraõ os Censores dos Sermoens do V. P. Fr. Paulo de S. Tereza, se dá a conhecer o caracter, piedade, e virtudes do seu Author.

CAPITULO XI.

Vida do V. P. Fr. Antonio do Rosario, Missionario Apostolico, Filho do Seminario de Varatojo.

124 A 9 de Setembro de 1745 falleceo no Senhor com opiniaõ de santidade o servo de Deos P. Fr. Antonio do Rosario, digno Filho do Seminario de Varatojo. Era natural do lugar do Vimeiro da Lourinhã duas legoas distante do Seminario de Varatojo. Achava-se já Presbytero, e formado em Sagrados Cánones, quando movido da vocaçaõ de Deos, veio pedir o Habito de S. Francisco no Semi-

minario de Varatojo no anno de 1697, onde professou solemnemente a 20 de Outubro de 1698. Morreo no mesmo Seminario com mais de oitenta annos de idade, tendo vivido com o Habito do mesmo Seminario sempre com vida inculpavel nos olhos de todos quarenta e seis annos. Chamava-se Antonio Cordeiro, filho legitimo de Bernardino Cordeiro, e de Catharina Marques, Pessoas nobres, moradores no mesmo lugar do Vimeiro.

125 A boa educaçaõ de Antonio Cordeiro, a sua excellente índole, o retiro de companhias perigosas, a frequencia de Sacramentos, a liçaõ de livros de piedade, o trato com Deos na Oraçaõ, que exercitou desde seus primeiros annos, contribuío grandemente, para que elle da Universidade sahisse sabio, e virtuoso, e com a sua innocencia immaculada. Em toda a vida, que Fr. Antonio passou em Varatojo, foraõ conhecidas, e admiradas as suas virtudes dentro, e fóra do Seminario. A todos edificava com palavras, e exemplos; a ninguem escandalizava. Elle para adquirir a maior perfeiçaõ do estado religioso, que abraçou, se propoz logo, que recebeo o Habito de S. Francisco, orar muito,

to, e fallar pouco, ou ſe achaſſe fóra do Seminario, ou eſtiveſſe dentro delle. A ſua Oraçaõ era contínua, o ſilencio lhe fazia em toda a parte goſtoſa companhia. Taõ retirado, e abſtrahido era eſte ſervo de Deos do tracto, e commercio com Seculares fóra do Confeſſionario, e Pulpito, que lhe cauſavaõ a maior violencia as viſitas, ainda de ſeus parentes; e ſupportava com elles, como ſe foſſem eſtranhos.

126 Foi verdadeiro pobre de eſpirito ſempre acérrimo zelador da mais eſtreita pobreza, que profeſſou. Elle ainda nas couſas mínimas de ſeu uſo queria as mais pobres, e de menos preço. Era douto, e como na eſcóla da Oraçaõ tinha a Deos por Meſtre, ſempre quando prégava, tinhaõ os ſeus Sermoẽs particular força para abrandar, mover, e converter os coraçoens mais endurecidos. Faria Fr. Antonio prodigioſos, e copioſos fructos na ſementeira Evangelica, ſe continuaſſe ſempre neſte Apoſtolico exercicio por meio das Miſſoens. Porém os Prelados do Seminario alliviáraõ ao ſervo de Deos do exercicio das Miſſoens, e o elegêraõ Commiſſario dos Terceiros, emprêgo, a que elle ſatisfez dignamente, e com zêlo Apoſtolico.

Quan-

127 Quando Fr. Antonio eſtava no Seminario ſe obſervava, que muitos annos antes da meia noite ſahia ſem o deſpertarem da cella para o Côro, e nelle perſeverava depois de Matinas até as quatro horas da manhã. E entrando os Religioſos no Côro ás cinco horas da manhã a rezar Prima, já lá achavaõ o ſervo de Deos; e muitas vezes o viaõ com os braços em cruz, que parecia huma eſtatua animada, mas ſem movimento. Neſte coſtume, e theôr de vida auſtéra perſeverava Fr. Antonio do Roſario, ainda em ſua avançada idade de mais de ſetenta annos, a pezar das moleſtias corporaes, que padecia, quando a caridade, e obediencia dos Prelados, e Confeſſores fizeraõ moderar os fervores ao ſervo de Deos. Elle, que á imitaçaõ de Chriſto foi obediente até a morte, e que ſempre conſiderava a voz de ſeus Prelados, e Confeſſores, como voz de Deos, e as ſuas mais leves inſinuaçoens como preceitos, logo que ſoube o que elles queriaõ, obedeceo promptamente, abſtendo-ſe de ficar no Côro fóra dos actos da Communidade, e de fazer auſteridades, e penitencias, que a Communidade naõ praticava á excepçaõ da Via-Sacra,

que

que se lhe permittio continuar a visitá-la todos os dias, e algumas penitencias particulares compativeis com seus annos, e molestias.

128 Foi este servo de Deos atormentado de escrupulos, mas naõ permittio o Senhor, que elle fosse na morte afflicto, pois antes della o desampararáraõ inteiramente os escrupulos, fallecendo placidamente no Senhor sem demonstraçoens de visagens, ou signaes, de que morria com ancia. Esmerou-se este fiel servo do Senhor em trazê-lo sempre na sua viva lembrança, fazendo-lhe frequentes fallas por meio de ferventes Jaculatorias. Por alguns esquecimentos, e debilidades, que se lhe conhecêraõ nos ultimos tres annos da sua vida, o alliviáraõ os Prelados de dizer Missa, mas commungava nella frequentemente, segundo o conselho, e direcçaõ de seu Confessor. No dia mencionado, quando no Côro de Varatojo rezavaõ os Religiosos a hora de Laudes, se desatou do corpo do V. P. Fr. Antonio do Rosario a sua alma para ir gozar de Deos no Céo, como piamente se crê. Passava de oitenta annos de idade, dos quaes viveo quarenta e seis com Habito do Seminario, sempre

com

com vida inculpavel, e edificante. Seus ossos se conservaõ em hum caixaõ no meio da sepultura, que está entre o número 1.°, e o da estrella para onde foraõ trasladados no anno de 1769 com licença do Ordinario, que se conserva no Archivo do Seminario.

CAPITULO XII.

Vida do V. P. Fr. Rodrigo de Christo, Missionario de Varatojo.

129 A 31 de Outubro de 1745 falleceo no Real Seminario de Varatojo com morte de Predestinado no conceito dos que assistíraõ a seu transito o V. P. Fr. Rodrigo de Christo, Filho do mesmo Seminario, onde viveo cincoenta e hum annos sempre com vida inculpavel, como perfeito, e santo Religioso no conceito de seus Irmaõs no Habito, e dos Seculares, que o conhecêraõ, e communicáraõ. Era natural de Lamêgo de Familia illustre, chamava-se no Seculo Rui Pires. Com inclinaçaõ ás letras, e á vida Ecclesiastica, frequentou a Universidade de Coimbra, onde depois de fazer rapidos progressos em seus estudos, dando

do sempre claras provas de seu talento, e engenho com satisfaçaõ dos Mestres, se doutorou em direito civil. A boa educaçaõ, que teve Rui Pires, e a sua excellente índole concorreo muito, para que elle no mesmo Seculo conservasse immaculada a sua innocencia, e vivesse no santo temor de Deos com costumes de virtuoso, e perfeito Christaõ. Serve de prova o caso seguinte.

130 Foi Rui Pires visitar a humas irmãs suas a certo Convento. Vieraõ com ellas á grade comprimenta-lo outras Freiras moças, as quaes vendo, e admirando a modestia, gravidade, seriedade, e encolhimento de Rui Pires, que, como se fosse Noviço naõ levantava os olhos da terra, lhe disseraõ: Vossa mercê, Senhor Estudante, portando-se nestas grades taõ sombrío, esquivo, e melancolico comnosco, será talvez, porque tem correspondencia, e affeiçaõ em outro Convento com outras Freiras. Que responderia o casto mancebo? He possivel (disse escandalizado) he possivel, que huma alma, que se consagrou a Deos se torne a profanar? He possivel, que huma esposa de Christo lhe seja infiel? He possivel, que quem vive na escó-

la

la da perfeiçaõ, falle assim? E será possivel, que haja homem taõ atrevido, que provóque a huma Religiosa, para que infame, e sacrilegamente seja traidôra ao seu Deos? Eu naõ o creio. Com esta resposta, e ainda mais com a sua modestia deixou confusas aquellas Virgens loucas. Já Rui Pires prégava, e fazia Missaõ antes de ser Missionario por officio.

131 Era Rui Pires na Universidade, e no Seculo por seu raro talento, e por seu genio, affavel, sociavel, cortez, e festivo, estimado, e amado de todos. A inclinaçaõ, que elle tinha á Poesia, o movia a lêr, e compôr Poemas de assumptos sérios desta arte. Achava-se Doutorado Rui Pires com alguns annos de Oppositor na Universidade de Coimbra, e já Beneficiado na Igreja de S. André em Lisboa, donde seus Companheiros Beneficiados lhe escrevêraõ a Coimbra certificando-o, de que o intentavaõ fazer seu Prior na mesma Collegiada. Estes Companheiros, e todos os amigos, que o Doutor Rui Pires tinha no Seculo, na consideraçaõ dos raros talentos, e bellas qualidades, de que elle era dotado, o lisonjeavaõ grandemente com as esperanças quasi certas, de que bre-

ve-

vemente ſubiria a emprêgos honorificos, devidos aos ſeus merecimentos. Sentindo-ſe porém Rui Pires interiormente movido por Deos para ſahir do Seculo, e viver Apoſtolicamente nos Clauſtros de S. Franciſco ſegundo as maximas, e conſelhos do Evangelho, buſcou Padres doutos, e illuminados, com quem conſultou a ſua vocaçaõ. Sendo eſta approvada por elles, partio logo para Varatojo, onde proſtrado aos pés do Guardiaõ do Seminario, lhe pedio com mais lagrimas, que palavras o Habito de S. Franciſco, moſtrando fervoroſo, que com o maior prazer de eſpirito queria trocar as riquezas terrenas, e caducas, e as eſperanças dos emprêgos mais honorificos do Seculo pela vida humilde, pobre, e Evangelica de Varatojo debaixo da ſujeiçaõ do Guardiaõ do Seminario.

132 O Doutor Rui Pires ſendo aceito em Varatojo tomou banhado de conſolaçaõ eſpiritual o ſanto Habito a 8 de Maio de 1694, e profeſſou ſolemnemente o anno ſeguinte de 1695 a 12 do meſmo mez de Maio, trocando o nome de Rui Pires, que tinha no Seculo, pelo de Fr. Rodrigo de Chriſto. Naõ ſó no anno de prova-

vaçaõ, mas em toda a ſua vida deo Fr. Rodrigo com plena ſatisfaçaõ, edificaçaõ de toda a Communidade, claras provas de ter ſido legitima, e ſólida a vocaçaõ, com que veio para Varatojo. Onde naõ ſó nos tres triennios, que ſervio de Guardiaõ, mas em todo o tempo de Religioſo foi reputado, como columna principal do meſmo Seminario, e ſempre acérrimo zelador da inteira guarda da Regra de S. Franciſco em ſeu eſpirito primitivo; como tambem das Leis municipaes, ceremonias, obſervancias, e louvaveis coſtumes do meſmo Seminario.

133 Era Fr. Rodrigo ingenuo, e religioſamente affavel, conſervava ſempre huma alegria de eſpirito, com que enfeitiçava a todos os que tratavaõ com elle; pequenos, e grandes todos o amavaõ. Elle em ſeu governo foi vigilante; na aſſiſtencia aos ſubditos compaſſivo, e officioſo; nas exhortaçoens efficaz, e attento; nos preceitos temperado; na correcçaõ benigno; no ſilencio diſcreto; nas palavras medido; nas acçoens modeſto; e em tudo, prudentiſſimo. Foi ſua vida a todos, domeſticos, e eſtranhos, enſino de virtudes, e doutrina de perfeiçoens.

134 Sim, Fr. Rodrigo por ſua ca-

ridade, humanidade, humildade, e affabilidade dentro, e fóra do Seminario parecia pedra iman, e doce attractivo, que com ſüave violencia levava para Deos os coraçoens de todos. Elle a fim de ganhar a todos para Deos, ſe fazia em Deos todo para todos. Donde por ſeu modo agradavel, e por ſuas virtudes heroicas mereceo a veneraçaõ naõ ſó em Varatojo, mas de todos os que o conheciaõ, e principalmente dos póvos viſinhos ao Seminario. Todos, quando ſe viaõ enfermos, queriaõ Fr. Rodrigo á cabeceira; todos o buſcavaõ para allivio de ſeus trabalhos, e afflicçoens, todos em ſuas dúvidas o conſultavaõ, como Oraculo, todos o reſpeitavaõ, como Varaõ illuminado, e grande ſervo de Deos. Longe elle de repreſentar o ſemblante, e caracter da virtude, e piedade com ar triſte, melancolico, e deſalinhado, mas antes bem ſim no ſeu comportamento, na ſua converſaçaõ, no ſeu genio religioſamente affavel, e finalmente na prática da meſma virtude, e piedade a fazia eſtimavel, doce, amavel, mageſtoſa, ſociavel, bella, e praticavel em todos os Eſtados, e Jerarchias, em que cada hum poz a Providencia.

135 Elle teve o dom da palavra. Fez muitas, e fructuosas Missoens. Ainda com menos estudos, e trabalhos, que outros Missionarios, se sabía maravilhosamente insinuar nos coraçoens dos Ouvintes, os quaes movidos de seus Sermoens buscavaõ penitentes o caminho do Céo, e se apartavaõ das culpas. Foi por suas virtudes, e ingenuidade columbina muito acceito, e muito estimado de El-Rei D. PEDRO II., a quem acompanhou com outros tres Religiosos de Varatojo na Campanha da Beira. Queria o mesmo piedoso Monarcha, que o servo de Deos P. Fr. Rodrigo com seus Companheiros ficassem perto da sua Barraca Real, donde lhes mandava assistir com tudo o necessario, que permittia o Instituto pobre de Varatojo. A mesma estimaçaõ, e privança teve sempre tambem com El-Rei D. JOAÕ V., o Grande, que na sua Capella Real muitas vezes com satisfaçaõ, e gosto ouvio prégar a este servo de Deos. Contaremos aqui alguns lances, que provaõ o quanto amava este Principe a Fr. Rodrigo, e quanto Fr. Rodrigo com seu modo religiosamente discreto, e jovial se sabía insinuar no espirito do Monarcha.

Man-

136 Mandou El-Rei, como Padroeiro do Convento, e Seminario de Varatojo, dar do seu pinhal de Leiria a madeira necessaria para hum dormitorio do mesmo Seminario, que se andava reparando, e já a madeira por Ordem do mesmo Monarcha se achava no porto de Peniche distante de Varatojo cinco legoas. O Guardiaõ do Seminario, que desejava nelle a madeira, mandou a Fr. Rodrigo, que fosse pedir a El-Rei lhe continuasse a esmóla de mandá-la conduzir de Peniche para Varatojo. Foi Fr. Rodrigo a Mafra, onde entaõ se achava El-Rei, assistido da Fidalguia mais luzida da Côrte, e do Reino. Tanto que o Monarcha vio ainda de longe ao servo de Deos, lhe disse risonho na presença dos Camaristas, e Fidalgos assistentes com demonstraçoens de amizade, e agrado, e inclinaçaõ de cabeça. « A Deos, meu » Fr. Rodrigo. » Os Fidalgos, tanto que víraõ, que El-Rei honrava taõ distinctamente a Fr. Rodrigo, ainda que até alli nenhum caso faziaõ delle, logo lhe começáraõ tambem a inclinar a cabeça todos, e o mesmo faziaõ, quando elle hia passando para fallar a El-Rei. Disto tomou motivo o servo de Deos para lhes dizer com

ſainête, e ſal de graça: Pouco ha, que nenhum de vós me cortejava, nem fazia caſo de mim; e agora, que El-Rei me inclinou a ſua cabeça, me inclinais a voſſa, e me encheis de vénias, e cortezias. Que quer iſto dizer, ſenaõ que ſois pouco aſſiſados, e huns tolos? El-Rei lhe cuſtou a conter o riſo.

137 Tanto que Fr. Rodrigo chegou á preſença do Soberano, e lhe ouvio dizer, que tem por cá, meu Fr. Rodrigo? Reſpondeo com o ſal de graça, que coſtumava: Retire-ſe Voſſa Mageſtade para lá, que trago comigo hum defluxo, e tenho medo, que ſe lhe apegue; e dizendo o Monarcha, que tambem andava com defluxo, diſſe Fr. Rodrigo: O defluxo de Voſſa Mageſtade he defluxo Real, e o meu he defluxo Capuchinho. Entaõ perguntou o Soberano: Ora diga-me, meu Fr. Rodrigo, que negocio o trouxe agora a Mafra? Reſpondeo o ſervo de Deos com o ſeu modo ſempre alegre, e religioſamente jovial: Venho Senhor, vêr a Voſſa Mageſtade, e juntamente fazer-lhe queixa de meu Guardiaõ, que parece quer matar os Frades, querendo talvez, que elles vaõ buſcar ás coſtas a madeira, que nos

deo

deo Vossa Magestade do seu Pinhal, e ainda se acha em Peniche, e naõ sei quando ella chegará a Varatojo. Disse o Soberano: Eu a mandarei tambem conduzir de Peniche para Varatojo; porque naõ quero, que o Guardiaõ do meu Seminario dê penitencias taõ custosas aos Religiosos, que lhes abbreviem a vida: diga-lhe, que recommende em Communidade a todos os Religiosos do meu Seminario orem a Deos por mim, e por toda a Casa Real. Outro caso.

138 Curava em Torres Vedras hum Medico sem estar acabado de formar, nem examinado para curar, e se lhe attribuía, que para se conservar neste exercicio tinha falsificado o signal do Monarcha. Era este Medico promptissimo em vir a toda a hora, ainda sem ser chamado, curar os enfermos do Seminario, e muito prático, e experimentado no curativo. Foi accusado, que curava sem licença, e denunciado, de que falsificára o signal do Rei. Veio o Medico cheio de afflicçaõ lançar-se aos pés do Guardiaõ do Seminario, supplicando-lhe, que lhe acudisse, e valesse, porque se dava por perdido, como réo de pena capital. O Guardiaõ, ainda que suppunha ao Medi-

dico ſem eſperança alguma de perdaõ, em conſideraçaõ da qualidade de ſeu crime, inſtado todavia do Medico, e da caridade com que elle coſtumava aſſiſtir aos enfermos do Seminario, e das ſuas viſinhanças, tentou mandar Fr. Rodrigo á preſença do Rei a interceder pelo Medico.

139 Tanto que o ſervo de Deos chegou á preſença de El-Rei, eſte com ar de amizade, e alegria lhe perguntou: Que tem por cá, meu Fr. Rodrigo? Elle reſpondeo: As ſaudades, que tinha de vêr a Voſſa Mageſtade, e a afflicçaõ em que ſe acha hum Bemfeitor do Seminario, me trouxêraõ neſta occaſiaõ ao Paço, e aos pés de Voſſa Mageſtade. Saiba Voſſa Mageſtade, que temos em Varatojo hum excellente Medico. Elle he de tanta caridade, e tanto noſſo amigo, que apênas tem noticia, de que algum Religioſo, Donato, ou moço da Communidade ſe acha enfermo, ainda ſem ſer chamado vem a toda a hora do dia, ou da noite com a maior promptidaõ ao Seminario. Em fim, Senhor, ſó Voſſa Mageſtade o excede no affecto, e amor que tem a Varatojo. « Ora eſtimo mui- » to, (diſſe o Monarcha) que o meu » Seminario eſteja taõ bem ſervido de » Me-

„ Medico, e he esse o Bemfeitor af-
„ flicto, por quem vindes interceder? „
Sim Senhor, respondeo Fr. Rodrigo,
he esse mesmo. Saiba Vossa Mageſta-
de, que elle foi accusado de curar sem
licença. « Se assim he, tem elle obra-
„ do mal, disse o Rei, porém eu lhe
„ perdôo em attençaõ ao Seminario,
„ e dispensando-lhe os annos de Coim-
„ bra, mandarei ao Physico Mór lhe
„ passe licença, para que elle possa
„ continuar a curar. „ Que mais quer?
Senhor, continuou Fr. Rodrigo, tam-
bem dizem, que elle para curar falsi-
ficára o signal de Vossa Mageſtade, e
nisto he, que está a sua maior afflic-
çaõ, e sentimento, poderá ser, que
isto seja testemunho falso levantado por
seus inimigos. Entaõ o Monarcha com
ar algum tanto sevéro disse: Fr. Ro-
drigo, amigos sim, porém se esse Me-
dico me furtou o signal ha de pagá-
lo com a cabeça, que lhe mandarei
cortar irremissivelmente.

140 Senhor, instou Fr. Rodrigo,
Senhor, só Vossa Mageſtade he mais
nosso amigo, do que este Medico; se
elle nos falta, que será do Seminario,
naõ parece possivel, que possamos a-
char outro taõ prompto, taõ officio-
so, e taõ caritativo para Varatojo. He
pro-

proprio de coraçoens grandes, e de Monarchas generosos perdoar grandes aggravos a Vassallos uteis, que pedem perdaõ arrependidos. Vossa Magestade faz na terra as vezes de Deos. E porque naõ fará Vossa Magestade agora o que costuma fazer o mesmo Deos offendido. A Deos certamente imitará Vossa Magestade se perdoar a este Vassallo criminoso, mas arrependido. Pois quer, Fr. Rodrigo, que eu perdôe a esse Medico, sendo elle taõ culpado, disse o Monarcha? Sim Senhor, disse Fr. Rodrigo, sim Senhor, isto he o que eu humildemente em nome de meu Guardiaõ, e de todo o Seminario supplico a Vossa Magestade, e o póde fazer para Gloria de Deos. Entaõ disse o Rei: Ora eu lhe perdôo a esse Medico por esta vez. Apênas Fr. Rodrigo ouvio estas palavras prostrou-se por terra, e abraçando o Monarcha pelos pés, lhe disse: Eis-aqui o que he ser Rei.

141 Tambem o Céo concorreo, e ajudou a este servo de Deos para em suas Missoens reduzir, e converter peccadores endurecidos. Prégava elle na Villa de Amarante combatendo os odios inveterados de muitos annos, em que se achavaõ alguns de seus Ouvintes.

tes. Naõ baſtáraõ as exhortaçoens efficazes, os clamores, e ainda ameaças, que elle fazia, para que ſe pacificaſſem, e reconciliaſſem huns com os outros, perſeveravaõ contumazes no ſeu odio. Eſtava o ſervo de Deos ainda no Pulpito, quando hum raio cahio na porta da Igreja, onde elle prégava. Logo todos os diſcordes pedindo-ſe perdaõ em altas vozes mutuamente ſe abraçáraõ, e reconciliáraõ movidos, e atterrados deſta Miſſaõ do Céo. Ouvia Fr. Rodrigo com entranhas de caridade ſem excepçaõ de peſſoa a todos os penitentes, que chegavaõ a ſeus pés arrependidos, pedindo-lhe, que os ouviſſe de confiſſaõ. Mas tal era a ſua inteireza, e valor Apoſtolico, que ainda que o ameaçaſſe com a morte, naõ ſe vergava para deixar de fazer o que entendia no recto, e ſanto Tribunal da Penitencia. Sirvaõ de prova os caſos ſeguintes.

142 Chegou aos pés do ſervo de Deos hum peccador diſſoluto, libertino, e impenitente. Vendo, e conhecendo o ſervo de Deos a indiſpoſiçaõ deſte peccador, lhe affeou vivamente o ſeu máo eſtado, e lhe proteſtou, que em quanto aſſim eſtiveſſe, e naõ déſſe provas da ſua emenda, o naõ abſol-

ſol-

ſolveria, pois eſtando aſſim indiſpoſto ſe fazia indigno da abſolviçaõ Sacramental. Inſtava o cégo peccador pela abſolviçaõ. Tornou-lhe a dizer o ſervo de Deos com toda a manſidaõ, que elle naõ era merecedor da abſolviçaõ ſem dar provas de nova vida. Entaõ naõ eſperando mais aquelle allucinado peccador, meteo maõ a huma faca de ponta, e ameaçou com ella ao ſervo de Deos, proteſtando, que, ſe o naõ abſolvia, o atraveſſaria com ella. E como ſe portaria Fr. Rodrigo em lance taõ apertado? Sem a mais leve demonſtraçaõ de turbaçaõ, ou ſuſto, mas com ſocego, e paz de eſpirito voltando-ſe para aquelle peccador obſtinado, pondo a maõ no proprio peito, lhe diſſe com valor mais que humano: « Olha, ſe me ameaças com a morte, » aqui tens o coraçaõ; ſe mo queres » atraveſſar, eſcuſarei de ir a Marró» cos dar a vida por Chriſto, como » ſempre deſejei. »

143 Eſtas palavras do ſervo de Deos, quaes trovoens, e raios ameaçadores, de tal ſorte atterráraõ, e feríraõ o coraçaõ daquelle peccador, que o fizeraõ cahir por terra, como outro Saulo, e conhecendo com a luz da Graça a cegueira da ſua vida começou

çou logo em ſignal de arrependimento a dar com o cabo da meſma faca no proprio roſto, e a confeſſar choroſo, que elle tinha obrado peór, que hum Turco no attentado das ſacrilegas, e ímpias ameaças com que offendêra, e ultrajára a hum Miniſtro de Deos, a quem proſtrado pedio perdaõ com mais lagrimas que vozes. Ó prodigios da maõ de Deos, e da ſua Graça efficaz! Converteo-ſe eſte peccador, e com Fr. Rodrigo fez a ſua confiſſaõ geral, dando demonſtraçoens da maior compuncçaõ, e arrependimento. Teſtemunhou depois o ſervo de Deos Fr. Rodrigo, que eſta confiſſaõ em ſeus effeitos fôra das que mais o conſolára em toda a vida de Miſſionario.

144 Tambem ſerve de prova para moſtrar a conſtancia deſte ſervo de Deos no Tribunal da Penitencia o caſo, que ſe ſegue. Achava-ſe Fr. Rodrigo no Confeſſionario confeſſando mulheres. Chegou-lhe huma aos pés, que havia muitos annos vivia amancebada, andando em occaſiaõ voluntaria peccaminoſa com certa peſſoa. Compadecido o ſervo de Deos do laſtimoſo eſtado, e cegueira deſta mulher, e tambem da cegueira dos Confeſſores, que

a

a tinhaõ abſolvido ſem ella dar os mais leves ſignaes, e provas da emenda, nem deixar a occaſiaõ em que ſe achava, lhe diſſe: Filha, voſſa mercê tem andado perdida, e em eſtado de condemnaçaõ por todo o tempo, que viveo neſſa occaſiaõ peccaminoſa, e as Confiſſoens, que até agora fez, foraõ outros tantos ſacrilegios. As quaes por huma indiſpenſavel neceſſidade ſe devem revalidar por meio de huma Confiſſaõ geral. Para eſta ſe deve voſſa mercê diſpor lançando primeiro fóra eſſa occaſiaõ do ſeu peccado, e da ſua perdiçaõ. Eſte, e ſó eſte he o remedio, que tem a ſua alma para ſe ſalvar. Pois, Padre, diſſe a mulher, abſolva-me Voſſa Paternidade, que eu me emendarei daqui para diante. Deve voſſa mercê, lhe diſſe o ſervo de Deos, dar primeiro provas da ſua emenda lançando de caſa, e do coraçaõ eſſa occaſiaõ, como lhe tenho dito em Nome de Deos. Padre, continuou ella, tendo eu até agora ſempre confeſſado eſtes peccados aos Confeſſores, ſe nunca nenhum delles me negou a abſolviçaõ, porque razaõ me quererá Voſſa Paternidade fazer huma taõ grande injuria, que ninguem me tem feito em me deixar ſem abſolvi-

çaõ,

çaõ, dando que fallar, e eſcandalizando a eſta gente, e a quem vem comigo.

145 Tornou a replicar o ſervo de Deos dizendo com toda a brandura: Eu naõ faço niſto aggravo, nem injuria, antes ſim grande beneficio em lhe deferir para ſeu bem a abſolviçaõ, aſſim como lhe faria grande damno á ſua alma, e injuria ao meu miniſterio, ſe lhe déſſe a abſolviçaõ no eſtado em que ſe acha ſem diſpoſiçaõ della. Naõ eſperou ouvir mais palavra do ſervo de Deos aquella allucinada mulher; mas antes arrogante, e cheia de furor começou logo a ameaçá-lo, e a proteſtar, que ſe vingaria delle pela injuria que lhe fazia, rompeo em fim neſte delirio, dizendo: Naõ me levantarei daqui ſem abſolviçaõ; ou Voſſa Paternidade me ha de abſolver, ou eu me hei de vingar, clamando em altas vozes neſta Igreja contra Voſſa Paternidade, dizendo, que no meſmo Confeſſionario me ſolicitou, e irá pagar ao Santo Officio o aggravo, que fez á minha peſſoa, e ao meu crédito em me naõ querer abſolver.

146 Entaõ o ſervo de Deos P. Fr. Rodrigo de Chriſto lembrado, que para abater a preſumpçaõ, e ſoberba de hu-

huma atrevida mulher, e fazê-la emmudecer, tambem contribuía muito trazer-lhe á lembrança, e lançar-lhe no rosto algum defeito, ou fealdade natural, ainda que nunca víra a face daquella mulher, nem a conhecia, lhe disse sem a mais leve demonstraçaõ de susto, ou signal de turbaçaõ: Que? Que he o que dizes, mulher céga, louca, e atrevida? Ameaças-me com o Santo Officio? Pois tu com esse focinho de corno, e com essa cara hedionda, e sem vergonha, te atreverias a fazer o que dizes? Eu só temo a Deos, e nenhum temor tenho ás ameaças de huma allucinada, desenvolta, desavergonhada, e sacrílega mulher, como tu es. Se alguem te ouvisse essas imposturas, e sacrilego testemunho, serviria isto de ficar mais patente o teu desafòro, e a minha innocencia. Estas palavras ditas pelo servo de Deos com ar de desprezo, quaes trovoens, e raios ameaçadores atterráraõ de tal sorte aquella mulher, e lhe fizeraõ tal impressaõ no coraçaõ, que cahindo logo por terra, cahio tambem em si ficando de obstinada convertida, e penitente, qual outra Magdalena. As primeiras vozes, que se lhe ouvíraõ, foraõ dolorosos ais, e gemi-

midos de ter offendido a Deos, e protestos de fazer vida nova, e pôr logo em prática os avisos, que lhe tinha intimado o servo de Deos P. Fr. Rodrigo, a quem tambem ella com mais lagrimas, que palavras, foi pedir perdaõ, e que a instruisse no caminho da salvaçaõ da sua alma, em que dalli por diante queria cuidar com todas as veras, e expiar com a penitencia pública os escandalos da vida passada.

147 Foi toda a vida do servo de Deos P. Fr. Rodrigo de Christo espelho de virtudes, tanto a domesticos, como a estranhos. Elle ainda em seus ultimos annos servia no Seminario naõ só de edificaçaõ, mas de admiraçaõ, e confusaõ aos Religiosos moços. Estes viaõ, e admiravaõ, que este servo de Deos a pezar de ser o mais velho no Seminario, e quebrantado de forças por sua ancianidade, elle queria sempre ser o primeiro nos actos da Communidade, dos quaes jamais se quiz dispensar. Era devotissimo da Paixaõ de Christo, e das Dôres da Santissima Virgem Mãi de Deos. Em testemunho, e prova desta devoçaõ, visitava a Via-Sacra ainda em seus ultimos annos, e recommendava efficazmente este exercicio, e devoçaõ no Pulpito, e Confessionario. A paciencia,

conformidade, e efpiritual alegria com que elle fupportou hum grande, penofo, e continuado defluxo, de que foi accommettido nos ultimos tempos da fua vida, e que o acompanhou até á morte, deo teftemunho bem authentico, de que a fua alma eftava unida intimamente com Deos, pois jamais da fua boca fe ouviaõ palavras em fignal de fentimento pelas moleftias do corpo, mas fempre fe lhe ouviaõ repetir Hymnos fantos em acçaõ de graças, amorofos Colloquios, e enternecidos affectos com o Senhor, e com a Santiffima Virgem. Affim viveo, e affim morreo efte V. Padre.

148 Em huma Quinta feira junto da meia noite, tres dias antes da fua morte, fe levantou elle da fua cella, e foi á do Irmaõ Enfermeiro pedirlhe, que foffe dizer ao Irmaõ Guardiaõ lhe mandaffe dar o Sagrado Viatico. Foi-fe o fervo de Deos por feu pé arrojando para a Enfermaria, levando na maõ hum lencinho branco, que tinha preparado, dizendo, que era para lhe cobrirem o rofto, quando o enterraffem. Tambem levou comfigo a Cartilha de Doutrina do Meftre Ignacio, que poz debaixo do traveffeiro da fua cama na Enfermaria.

149 Na Sexta feira feguinte fe lhe

administrou o Sagrado Viatico, que tinha pedido o servo de Deos, e os soccorros da Religião em similhante lance. Depois que elle recebeo com ternura, e devoção ao Senhor Sacramentado, fez esta ultima amorosa, e terna falla a seus Irmaõs. « A minha » morte (disse) será breve; sempre » pedi a Deos, que na minha ultima » doença, naõ fosse eu molesto á Com» munidade. Peço a todos perdaõ, e » Oraçoens. A Deos, meus Irmaõs, » que me vou para o Senhor. » Passou todo o Sabbado seguinte em Colloquios, e amorosos Actos com Deos preparativos para a ultima jornada. No Domingo ouvio Missa, e commungou da maõ do Guardiaõ. Pouco depois, recebida a Santa Unçaõ, que pedio, entregou o seu espirito ao Creador com tal paz, e socego, que pareceo hum somno, deixando a todos saudosos, e vivamente magoados por ficarem sem a companhia de taõ amavel, e santo Irmaõ, cujo nome por suas heroicas virtudes será eternamente memoravel naõ só em Varatojo, mas onde foi conhecido. Descançaõ suas veneraveis cinzas no Capitulo do Seminario na sepultura do N. 4.º para a parte do Evangelho.

150 Alguns Manuſcriptos deixou eſte ſervo de Deos, que ſe conſervaõ no Seminario com a devida veneraçaõ. Eſcrevia nobremente, e lhe deve Varatojo muitas intereſſantes Memorias, e documentos, que ſe conſervaõ no Archivo do Seminario eſcriptas pelo meſmo memoravel, e V. P. Fr. Rodrigo de Chriſto.

CAPITULO XIII.

Vida do ſervo de Deos Fr. Antonio da Incarnaçaõ, e de Fr. Antonio da Reſurreiçaõ, Miſſionarios Apoſtolicos, e Filhos do Seminario de Varatojo.

151 AOs 24 de Julho de 1749 acabou ſeus dias deſta vida mortal com precioſa morte o V. P. Fr. Antonio da Incarnaçaõ no Seminario de Varatojo, Filho benemerito do meſmo Seminario, e fervoroſo Miſſionario Apoſtolico na idade de ſeſſenta e dous annos, e ſete mezes, com trinta e ſeis annos de Varatojo. Chamava-ſe no Seculo Antonio Lobo Saldanha, deſcendente por hum, e outro lado de Familia illuſtre. Era filho legitimo do Dou-

Doutor Joſé de Souſa Pereira, Collegial de S. Paulo, Lente de Inſtituta, Dezembargador, e Commendador da Ordem de Chriſto, Fidalgo da Caſa Real, e de D. Maria de Noronha, moradores em Alemquér. Achava-ſe Antonio Lobo Doutorado nos Sagrados Cánones, e Oppoſitor ás Cadeiras da Univerſidade de Coimbra no anno de 1713, aſſás liſonjeado do Mundo, de que por ſeus relevantes merecimentos alcançaria brevemente emprêgos honorificos, e rendoſos. Ouvindo porém a memoravel Miſſaõ, que naquella Cidade fez o V. P. Fr. Paulo de S. Tereza, ſe reſolveo a deixar o Seculo, e recolher-ſe a Varatojo, onde ſendo acceito tomou o Habito do meſmo Seminario no princípio de Maio de 1713, e profeſſou ſolemnemente banhado de prazer do ſeu eſpirito, e plena ſatisfaçaõ de toda a Communidade no anno ſeguinte de 1714 a 8 do meſmo mez. Foi acceito pelo V. P. Fr. Rodrigo de Chriſto, entaõ Guardiaõ do Seminario, e teve por Meſtre em ſeu Noviciado o V. P. Fr. Domingos das Chagas, de cuja vida exemplar fallaremos adiante.

152 Deſde o dia, que Fr. Antonio da Incarnaçaõ recebeo em Varato-

jo o Habito de S. Francifco, Patriarcha dos pobres, e humildes, obfervou com tal exacçaõ a Regra Seraphica, que a todos por fua vida fempre inculpavel, exemplar, e edificante em todas as fuas acçoens, parecia hum vivo efpelho da Difciplina Regular, e perfeiçoens Evangelicas. Nos actos de Communidade, e Côro queria fempre fer o primeiro, naõ era neceffario, que o defpertaffem, e chamaffem para elles. Apênas ouvia o primeiro toque da finêta, logo fahia da Cella fervorofo para ir dar louvores a Deos, ou no Côro, ou em outro lugar, onde fe ajuntava a Communidade. Eraõ as jornadas defte fervo de Deos dentro do Seminario da cella para o Côro, e do Côro para a cella, onde confervava fummo recolhimento de efpirito, e tal abftracçaõ de creaturas, que ainda as mefmas coufas, que fe paffavaõ no Seminario, as ignorava, e fó paffado largo tempo depois dellas fuccedidas as fabía algumas vezes. Eftava perfuadido, que o filencio era a chave da Religiaõ, e que onde elle fe naõ obferva, naõ fe diftinguem os Religiofos dos Seculares, nem os Conventos das Cafas profanas. E por iffo andava fempre vigilante para naõ dizer palavra defneceffaria.

153 Assim como toda a vida deste servo de Deos foi sempre exemplar, e todas as suas acçoens santamente reguladas, da mesma sorte seus Sermoens eraõ ordenados todos, e trabalhados, como por maõ de Mestre. Porém ainda que elle era dotado das mais bellas, e relevantes qualidades para o Pulpito, lhe faltou a voz. Motivo porque a sua maior applicaçaõ foi no Confessionario, onde fez fructos indiziveis em almas innumeraveis, que illuminava com a sua doutrina, e dirigia no caminho da salvaçaõ. Era assiduo neste santo exercicio, e frequentemente buscado por cartas de muitas pessoas, que lhe pediaõ instrucçoens de espirito, e regras de viver Christãmente, e com perfeiçaõ no caminho do Céo, ás quaes elle respondia, dando-lhes avisos sólidos, tendentes ao seu aproveitamento interior, e cumprimento das proprias obrigaçoens na observancia inteira, e pontual da Divina Lei, lembrado, de que o effeito, e fructo da devoçaõ, e instrucçaõ de espirito deve ser o inteiro, e exacto cumprimento das obrigaçoens do estado, em que a cada hum poz a Providencia, e que he falsa toda a devoçaõ, que impede este pontual cumprimento da propria obrigaçaõ.

154 Padeceo o ſervo de Deos algumas moleſtias, que tolerava com paciencia, e conformidade de eſpirito ſem demoſtraçoens de ſentimento. Quanto mais enfermo ſe ſentia, ſe conſiderava mais favorecido de Deos. Parece, que aborrecido de viver na terra, e deſejoſo de habitar no Céo, prevenio o dia da ſua partida para a eternidade, e ſe diſpoz para ella com a noticia da morte proxima. Pois a 2 de Junho ainda menos de dous mezes antes de ſeu fallecimento ſe recolheo á enfermaria do Seminario, onde ſendo ſangrado lhe ſobreveio huma eriſipéla acompanhada de febre. Augmentou-ſe eſta com qualidades de maligna, e grandes dôres, que o acompanhárao até á morte. Neſte martyrio lento, e contínuo de dôres corporaes, ainda que eſtava a carne enferma, ſe achava ſempre prompto para os Divinos louvores o ſeu fervoroſo eſpirito, e ſempre confórme com o beneplacito, e adoravel vontade do Senhor. Naõ ſe ouviaõ da boca de Fr. Antonio ſuſpiros, gemidos, queixas, nem a mais leve demonſtraçaõ de impaciencia, e enfado em ſuas dôres, e moleſtias corporaes, mas enternecidos, e amoroſos affectos em acçaõ de graças, e colloquios

quios com Deos, e com tal ſerenidade de animo, e paz do ſeu eſpirito, como ſe eſtiveſſe inteiramente ſaõ, ainda que deſde o principio da moleſtia, logo ficou deſenganado, que morria della.

155 Da meſma cama fazia Côro para os continuos louvores de Deos, cuja viva preſença elle conſervava ſempre como fervoroſo, e fiel ſervo do meſmo Senhor. Preparou-ſe para a morte, que via proxima com os ſoccorros da Igreja, e da Religiaõ. Recommendou aos aſſiſtentes lhe diſſeſſem ſempre palavras de Deos, e do Céo, onde eſperava apparecer brevemente. Pedio humildemente perdaõ á Communidade, e deſpedio-ſe della com palavras cheias de ternura, e edificaçaõ. Finalmente depois de receber com inteiro conhecimento, e admiravel devoçaõ os Sacramentos da Confiſſaõ, Communhaõ, e Unçaõ, que pedio, terminou a carreira de ſeus dias ſem demonſtraçaõ alguma de geſtos, e viſagens, que ordinariamente ſe obſervaõ nos moribundos, mas placidamente, pois elle meſmo fechando os olhos com muita paz, e ſocego, entregou a alma ao Creador, ao qual depois de ſervir taõ fielmente na terra, piamente crêmos eſtá ven-

vendo, louvando, e gozando no Céo. Jazem ſeus veneraveis oſſos na Caſa do Capitulo do Seminario na ſepultura do N. 2.º

156 A 2 de Agoſto de 1749 falleceo com morte de Religioſo juſto no Real Seminario de Varatojo o V. P. Fr. Antonio da Reſurreiçaõ, Miſſionario Apoſtolico, Filho benemerito do meſmo Seminario. Era natural de Lisboa, e ſe chamava no Seculo Antonio Collares de Andrade, filho legitimo do Capitaõ Joſé Collares de Carvalho, e de D. Maria da Coſta, peſſoas nobres. Cuidáraõ os virtuoſos Pais de Antonio Collares em educá-lo Chriſtãmente no ſanto temor de Deos, e exercicio das virtudes logo deſde o berço. Com intençaõ, e deſtino, de que ſeu filho ſeguiſſe as varas, depois de inſtruido nos primeiros eſtudos o mandáraõ para a Univerſidade de Coimbra. Naſceo com Antonio Collares a inclinaçaõ ás letras, e ás virtudes; elle conſervando em ſua viva lembrança os conſelhos de ſeus piedoſos Pais, creſcia em Coimbra neſtas, e naquellas. Sahio de Coimbra ſabio, e virtuoſo, porque ſempre trouxe por companheiro o ſanto temor de Deos, e ſempre ſe apartou das occaſioens perigo-

go-

gosas. Depois de se distinguir na Universidade entre seus Companheiros, e depois de fazer seus actos, e formatura com applauso em Jurisprudencia, veio lêr ao Desembargo do Paço.

157 Apênas contava Antonio Collares vinte e dous annos de idade, quando foi nomeado Juiz de Fóra de Niza, onde em todo o tempo da sua Judicatura deo taõ conhecidas, e evidentes provas de Ministro recto, e justo no seu procedimento, que jamais se revogou sentença sua. Elle na administraçaõ da Justiça, no zêlo do bem público, na protecçaõ da Igreja, e de seus Ministros, na promoçaõ, e assistencia aos actos da Religiaõ, e piedade, ainda no Seculo, sendo Ministro do Rei, parecia Religioso reformado; a sua rectidaõ, e inteireza em julgar, e sentenciar nunca se vergou por outros empenhos, que os da justiça, e da verdade.

158 Tinha Antonio Collares caracter de Ministro recto, incorruptivel, e justo; porque tinha as excellentes qualidades de virtuoso, de exemplar, e perfeito Christaõ. Naõ gastava o precioso tempo, entregando-se incauto á molleza, ao luxo, ao jogo vicioso, á assistencia de assembléas profanas, a di-

divertimentos frívolos, e a feſtins, onde domína o eſpirito do Mundo, mas todo o reſto do tempo, que lhe ficava depois do inteiro cumprimento dos devêres relativos ao lugar, e emprêgo de Miniſtro Regio, empregava ſolícito na leitura de livros uteis, e exercicios piedoſos. Promovia com ſeu exemplo a prática, e exercicio público da Religiaõ, e piedade. Buſcava devoto as Igrejas, e Caſas de Oraçaõ, e nellas a ſervos de Deos, e Varoens illuminados, cujas inſtrucçoens, e direcçoens pedia para regulamento, e aproveitamento do ſeu eſpirito. Confeſſava-ſe, e commungava frequentemente, e com fervor. Ordenava a ſeus domeſticos, e criados o imitaſſem neſta devota frequencia de Sacramentos; ſe lhe conſtava, que elles faltavaõ a ella, ou que davaõ algum eſcandalo, os deſpedia da ſua caſa. Oh ſe todos os Senadores, e Miniſtros Seculares tiveſſem eſte comportamento, que bens ſe ſeguiriaõ á Igreja, e ao Eſtado? Que males ſe evitariaõ na Republica! Que Gloria ſe daria a Deos! Como poderá ſer bom Miniſtro o que naõ fôr bom Chriſtaõ? Como poderá ſervir bem ao Rei da terra o que naõ teme, nem ſerve a Deos, Senhor, e
Rei

Rei dos Céos, nem guardar a ſua Divina Lei? Certamente, que ſe para os lugares, e emprêgos públicos ſe eſcolheſſem ſempre ſujeitos virtuoſos, zeloſos do bem commum, e tementes a Deos, naõ gemeria a Igreja, nem a Republica opprimida com vexaçoens, e injuſtiças de tantos ladroens disfarçados com o nome de Miniſtros Regios.

159 Eſte raro, e admiravel comportamento do Juiz Antonio Collares na recta adminiſtraçaõ da juſtiça, eſta conducta irreprehenſivel, e exemplar em todas as operaçoens edificantes de Miniſtro juſto, e de bom Chriſtaõ, fizeraõ eterno o ſeu nome na Villa de Niza, e ſeu termo. Donde elle ſahio taõ rico, como entrou, naõ levando comſigo outros cabedaes, que as heroicas virtudes, que exercitou no ſerviço do Rei, e de Deos. Parece, que vinhaõ a eſte ſervo do Senhor as virtudes por herança, e que ſe póde applicar á ſua familia o elogio do Eſpirito Santo por boca de David, quando diz: Será abençoada a geraçaõ dos bons. * Aſſim como ha familias..., em que os vicios ſe communicaõ pelos

---

* *Generatio rectorum benedicetur.* Pſ. 111. ℣. 2.

los exemplos dos Pais aos filhos, da mesma sorte ha outras em que se dilataõ as virtudes pelos ramos dos seus troncos, e raizes. Sendo santa a raiz tambem o seraõ os ramos, diz o Apostolo S. Paulo.

160 A raiz, e tronco do servo de Deos Antonio Collares foi taõ excellente, e de tanta fecundidade em fructos de virtudes, e santidade, que naõ fallando no R. P. Fr. Joaõ Collares, que floreceo em heroicas virtudes na Sagrada Ordem da Divina Providencia, e outros seus illustres ascendentes empregados todos no serviço do Rei do Céo, bastará lembrar a prodigiosa vida do V. P. Fr. Amáro da Esperança, que se acha na Chronica do R. P. Soledade. * Era este servo de Deos Fr. Amáro, Tio de Antonio Collares, cujo Pai, qual outro Tobias, quasi desde o berço, e desde a infancia começou a educar a seu filho no santo temor de Deos, e a preveni-lo, para que se acautelasse de toda a occasiaõ de peccar. Donde bem podemos dizer, que a casa paterna onde Antonio Collares foi criado em seus primeiros annos, era escóla de virtudes,

---

* 5. *Parte c.* 4.

des, e perfeiçoens. Tendo elle concluido o lugar da ſua Judicatura, conhecendo os enganos da Babylonia do Mundo, e que no ſagrado dos Clauſtros poderia com menos embaraços cuidar no grande negocio da propria ſalvaçaõ, ſe deliberou, movido da vocaçaõ de Deos, deixar o Seculo, e as grandes eſperanças com que a fortuna o brindava no ſerviço do Rei da terra para ſervir ao Rei dos Céos debaixo das bandeiras do Seraphico P. S. Franciſco, cujo Habito veio pedir ao Guardiaõ de Varatojo Fr. Paulo de S. Tereza em Junho de 1709, e ſendo acceito profeſſou ſolemnemente a Regra do grande Patriarcha dos Frades Menores com ſummo prazer de ſeu eſpirito, e plena ſatisfaçaõ de toda a Communidade a 15 de Junho de 1710 com o nome de Fr. Antonio da Reſurreiçaõ.

161 Pouco tempo depois de ordenado de Presbytero, e inſtruido nas materias relativas á vida de Varatojo, e aos emprêgos do Pulpito, e Confeſſionario foi Fr. Antonio da Reſurreiçaõ inſtituido Confeſſor, e Prégador. Prégou ſempre com palavras, e com exemplos. Toda a ſua vida foi inculpavel, e edificante, tanto a domeſ-

mesticos, como a estranhos. Era zelosissimo observante da santa, e estreita pobreza, que se praticava em Varatojo. Ainda no uso das cousas necessarias á sua pessoa era summamente moderado, e pobrissimo. Os lenços, e Habitos de que usava, andavaõ cheios de remendos, e só os largava, quando eraõ inuteis, e de todo incapazes. A modestia, a gravidade religiosa, a humildade, a caridade, e affabilidade, o silencio, o retiro, a abstracçaõ das creaturas fóra do Pulpito, e Confessionario eraõ virtudes em Fr. Antonio; que lhe pareciaõ naturaes, e naõ adquiridas.

162 Abraçou com fervor as austeridades de Varatojo, e a cruz da mortificaçaõ contínua. Em obsequio desta andava elle muito tempo sem mudar a grosseira tunica de sayal, que lhe servia de camisa, e juntamente de pungente cilicio, a fim de padecer ainda mais as importunas mordeduras dos insectos. Dava-se fervoroso ao exercicio da Oraçaõ, e presença de Deos. Andava taõ habituado neste exercicio Celestial, e lhe era taõ frequente nas fallas amorosas, e Jaculatorias, que fazia a Deos, que ainda dormindo, e sonhando se lhe ouviaõ estas breves

Ora-

Oraçoens, ou Jaculatorias ao Senhor: Quem fôra todo vosso? Quem sempre vos amára? E a primeira palavra, que dizia a Deos, logo que acordava, era: Ah, Senhor! Salvai-me. *Ah, Domine! Salvum me fac.*

163 No emprêgo de Guardiaõ do Seminario foi solícito em sustentar com o maior fervor a regular disciplina, e Leis municipaes do mesmo, e a santa, e estreita pobreza, que nelle se professa, e pratíca, sem que jamais elle faltasse na assistencia de seus subditos em soccorrer com promptidaõ paternal as suas religiosas necessidades; nem tambem que deixasse de exercitar a caridade com os hospedes, e Bemfeitores, que vinhaõ ao Seminario. Os quaes obrigados das caritativas demonstraçoens do Guardiaõ, soccorriaõ liberaes a sua Communidade. Os Sermoens deste servo de Deos eraõ copiosos, formaes, e efficazes, ordenados segundo a recommendaçaõ do Seraphico Patriarcha a seus Filhos; a saber, que elles fossem prégados com palavras claras, e examinadas em utilidade dos Ouvintes, a fim de arrancar vicios, e plantar virtudes. Fez muitas Missoens, e nellas fructos indiziveis de almas innumeraveis, que illumi-

minou com ſua doutrina, e converteo á Graça de Deos. Sendo porém accommettido da terrivél moleſtia da gôta, a caridade dos Prelados do Seminario commutou ao ſervo de Deos P. Fr. Antonio da Reſurreição o laborioſo exercicio das Miſſoens no emprêgo de Commiſſario da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de Torres Vedras, e viſinhanças de Varatojo: emprêgo, que elle deſempenhou dignamente, e zêlo Apoſtolico. Augmentando-ſe porém as queixas ao ſervo de Deos, logo elle prevendo que ſe lhe acabava a vida, ſe diſpoz para morrer. Fez a ſua Confiſſaõ geral, dizendo, que com ella ſe queria preparar para a morte, que eſtava chegada. Pedio os ultimos Sacramentos da Igreja, e todos os ſoccorros da Religiaõ. Repetia fervoroſos Actos de Fé, Eſperança, e Amor de Deos, de Contriçaõ, e conformidade com o Divino Beneplacito do meſmo Senhor. Naõ conſentio lhe tiraſſem em vida o Habito, e capello, que ſempre de dia, e de noite trazia veſtido. Morreo placidamente com ſignaes de Predeſtinado no conceito dos que lhe aſſiſtiaõ. Ficou ſeu cadaver com apparencias de vivo. Entre as peſſoas, que corrêraõ a beijar-lhe os pés, quando

ſe

ſe achava na Igreja amortalhado, e a venerá-lo, como a Santo em ſua pia credulidade, publicou huma mulher do lugar de Sirol, Freguezia de Dous Portos, termo da Villa de Torres Vedras, que tanto que ſe abraçára com o cadaver do ſervo de Deos ficára repentinamente de todo livre de huma dôr, que padecia. Outros muitos milagres attribuidos a eſte ſervo de Deos deixo de eſcrever, por naõ eſtarem authenticados. Jazem ſuas veneraveis cinzas na ſepultura do N.º 7. no Capitulo. Morreo com quarenta annos de Habito de Varatojo na idade de ſeſſenta e ſete.

CAPITULO XIV.

Vida do Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo D. Fr. Joſé Maria d'Affonſeca e Evora, Biſpo do Porto, Filho do Seminario de Varatojo em razaõ de ter ſido Noviço no meſmo Seminario.

164 A 16 de Junho de 1752 pelas ſeis horas, e hum quarto da manhã falleceo em o Senhor no Paço Epiſcopal da Cidade do Porto o Excellentiſ-

fimo, e Reverendiffimo D. Fr. Jofé Maria, benemerito Bifpo da mefma Diocefe. Deve ter lugar na Hiftoria de Varatojo, e fer numerado entre os illuftres Varoens defte retiro o Excellentiffimo, e Reverendiffimo Fr. Jofé Maria e Evora, naõ fó por fer diftincto Bemfeitor do mefmo Seminario, fenaõ tambem pela confraternidade, e filiaçaõ, que com elle contrahio, e tambem porque antes de paffar a Roma foi Noviço em Varatojo, como agora veremos. Era natural de Evora, filho legitimo de Manoel Ribeiro d'Affonfeca, e de fua mulher Anna Maria Barros de Michaõ. Chamava-fe no Seculo Jofé Ribeiro d'Affonfeca Figueiredo e Soufa. Adornou-o Deos de admiraveis dotes naturaes. Tinha talento raro, engenho agudo, juizo atilado. Nafceo com Jofé Ribeiro a propençaõ ás coufas grandes, e inclinaçaõ natural ás letras, nas quaes dentro de pouco tempo fez vantajofos, e rápidos progreffos na Univerfidade de Evora fua patria.

165 Achava-fe elle Meftre em artes na mefma Univerfidade affás lifonjeado dos applaufos, e caricias do Seculo, quando com animofa planta fe refolveo pizá-lo com o defprefo, movi-

vido da inſpiraçaõ celeſte, e buſcar os clauſtros de S. Franciſco para nelles fazer vida penitente, e Evangelica, ſeguindo as veredas do Céo debaixo do Inſtituto, e Regra do meſmo Seraphico Patriarcha S. Franciſco. Sciente elle, de que no Seminario de Varatojo fundado por ſeu illuſtre parente o V. P. Fr. Antonio das Chagas para criaçaõ de Miſſionarios, e Varoens Apoſtolicos, ſe guardava com toda a pureza, e fervor, ſegundo o ſeu eſpirito primitivo, a Regra Evangelica do meſmo Seraphico Patriarcha, ſe deliberou abraçar eſte ſanto, e Apoſtolico Inſtituto. Guiado pela voz da vocaçaõ veio a Varatojo pedir o ſanto Habito, que deſejava. O Guardiaõ do Seminario Fr. Paulo de S. Tereza conhecendo a vocaçaõ, e as bellas qualidades de taõ inſigne pertendente para a vida do Seminario, o acceitou, e lhe lançou o Habito de Varatojo com plena ſatisfaçaõ da Communidade, e ſummo prazer do pertendente a 14 de Maio de 1711. Continuou Joſé Ribeiro d'Affonſeca penitente, e fervoroſo no ſeu Noviciado pelo eſpaço de quatro mezes, no cabo dos quaes ſe lhe tiráraõ os primeiros votos, que todos ſem diſcrepancia foraõ favoraveis, e

 de

de approvaçaõ, porque elle tinha com ſua vida, e conducta exemplar edificado ſempre ao Prelado, ao Meſtre de Noviços, e a toda a Communidade. Porém Deos ſempre admiravel em ſeus conſelhos, e Decretos, naõ permittio, que eſte inſigne Varaõ conluiſſe o ſeu Noviciado, e fizeſſe Profiſſaõ ſolemne em Varatojo. Pois paſſados deſaſeis dias depois dos primeiros votos, ſahio do Noviciado, e partio para Roma dirigido, e encaminhado pelo Guardiaõ do meſmo Seminario.

166 Eſte egreſſo rápido, e impreviſto do Seminario de Varatojo, que fez Joſé Ribeiro d'Affonſeca, lhe impedio concluir o ſeu Noviciado, e fazer a ſua Profiſſaõ no meſmo Seminario, onde primeiramente recebeo o eſpirito Religioſo, e o Habito de S. Franciſco. Longe todavia que eſta ſahida, e mudança do Meſtre Joſé Ribeiro d'Affonſeca tiveſſe, como alguem penſaria, por motivo inconſtancia do Noviço, falta de vocaçaõ, deſgoſto da vida, e auſteridades de Varatojo, nem tambem culpa, que elle commetteſſe no Noviciado, que obrigaſſe ao Prelado a lança-lo fóra do Seminario. Naõ, naõ foi eſta a cauſa de ſahir de Varatojo. Summamente ſatisfeito, e goſtoſiſ-

ſiſſimo ſe achava o Guardiaõ do Seminario com eſte egregio Noviço, quando com tudo lhe conſtou havia quem attribuía ao meſmo Noviço certa falta commettida no Seculo, a qual, ſe foſſe verdadeira, ſuppoſto naõ era impedimento dirimente para profeſſar a vida do Seminario, que elegêra, podia todavia cahir em deſagrado do Miniſterio, naõ obſtante que eſta, ainda que foſſe commettida por Joſé Ribeiro d'Affonſeca, naõ era crime de Leſa Mageſtade, nem leſiva do Erario Regio, nem tambem em damno de terceiro. Além de que com muita facilidade podia o Guardiaõ do Seminario pedir ao Monarcha Padroeiro do meſmo Seminario, perdoaſſe a Joſé Ribeiro o crime, que lhe imputavaõ a fim de ſe conſervar no ſeu Noviciado em beneficio do Noviço, e da Communidade, que com elle ſe achava ſummamente ſatisfeita.

167 Permittio com tudo Deos, que o Guardiaõ eſquecendo-ſe inteiramente de proteger o Noviço, a fim de ſe conſervar em Varatojo, julgaſſe ficava melhor ao Seminario, e que era mais conveniente ao Noviço ſahir para fóra do Reino naquella occaſiaõ. Com effeito elle deſpedio de Varatojo a Jo-

ſé

sé Ribeiro, e caritativo o introduzio com recommendação na companhia do Embaixador, que então partia para a Côrte de Roma; a pesar de sentir vivamente este egresso, tanto o Guardião, como todos os Religiosos de Varatojo, por ficarem privados de Noviço tão benemerito, adornado das mais bellas qualidades para servir o Seminario. José Ribeiro d'Affonseca, que se achava banhado de prazer espiritual, gostoso, e summamente satisfeito no Noviciado de Varatojo, quando recebeo a noticia não esperada de o arrancarem deste sagrado retiro, e de o privarem das delicias do seu Noviciado, se lhe converteo o prazer em summa tristeza, e em signal do seu vivo sentimento se virão seus chorosos olhos verter incessantes lagrimas. Elle todavia não cuidou em se justificar diante dos homens, como o pudêra fazer com muita facilidade. Mas todo se entregou nos braços da Divina Providencia. Se deixou Varatojo, não foi por sua vontade, nem por falta de affecto, que lhe tivesse, antes jamais lhe perdeo este em quanto lhe durou a vida. Achava-se em Roma com o corpo, e tinha a Varatojo sempre na sua viva lembrança. Nunca se esqueceo do Semi-

minario, onde recebêra primeiramente o Habito, e instrucçoens da Regra de S. Francisco. Em testemunho deste affecto, que conservou ao Seminario de Varatojo, e aos seus Religiosos, logo que de Italia voltou a Portugal já Bispo do Porto, tornou logo a buscar o seu amado retiro de Varatojo para fazer alli exercicios espirituaes. Nelles lembrado, de que neste lugar recebêra o primeiro espirito de Religioso, pedio humilde, e agradecido a filiaçaõ, e confraternidade do Seminario, fazendo termo disto no mesmo livro, onde fizera outro da recepçaõ do Habito, que tomou no mesmo Seminario. O termo he o seguinte.

168 « Nós abaixo assignados que com
» o nome de José Ribeiro d'Affonseca Figueiredo e Sousa fizemos o termo a fl. 176 deste mesmo livro, tomando em vigor delle o Habito Seraphico neste santo Seminario, como certamente naõ eramos dignos de professar, e viver nelle pelos nossos muitos, e graves peccados, dispoz a Divina providencia, que passassemos a Roma, onde fazendo-nos Deos a graça de nos dar a mesma vocaçaõ, obrando a tal com effeito repetidos Actos da sua Miseri-
» cor-

» cordia contra a nossa resistencia nos
» vestimos com o mesmo Habito na
» Provincia Apostolica Romana aos 8
» de Dezembro de 1712, e nella as-
» sistimos até o 1. de Outubro de 1740
» em que partimos chamados por Sua
» Magestade a ser Bispo do Porto. E
» por conhecermos ser esta a Divina
» vontade, pedimos por tanto perdaõ
» a Deos, e ao nosso Santo Patriar-
» cha de ter correspondido mal em to-
» do o sobredito tempo ás nossas obri-
» gaçoens, e com tal occasiaõ roga-
» mos tambem aos nossos carissimos
» Irmaõs deste Seminario nos alcan-
» cem com as suas Oraçoens, que ao
» menos sejamos bom Prelado, e Pas-
» tor, e que nos tenhaõ, e reconhe-
» çaõ por aquelle mesmo Irmaõ, que
» aqui concebeo o primeiro espirito de
» Religioso; pois por tal nos decla-
» ramos nestes santos exercicios, que
» presentemente com elles, e entre el-
» les fazemos; querendo para tal ef-
» feito, que esta nossa disposiçaõ, quan-
» do assim seja gosto da Communida-
» de, tenha o mesmo vigor, como se
» aqui mesmo tivessemos a seu tem-
» po professado, e por isso fazemos,
» e escrevemos esta nossa disposiçaõ no
» mesmo lugar, e livro, onde as mais

» Pro-

„ Profiſſoens ſe regiſtaõ. Eſcripta neſ-
„ te noſſo Seminario de Varatojo no
„ 1. de Março de 1741 Fr. Joſé Ma-
„ ria Ex-Geral, primeiro Padre da Or-
„ dem, e Biſpo do Porto. „

169 O Guardiaõ do Seminario de Varatojo Fr. Gonçalo da Conceiçaõ com conſelho dos diſcretos, que entaõ ſe achavaõ no Seminario, mandou fazer memoria, e aſſento, do qual tambem conſta, que o egreſſo, que fez D. Fr. Joſé Maria, de Varatojo naõ foi falta de vocaçaõ, mas certo temor mal fundado do Guardiaõ do Seminario; ou Providencia de Deos. O aſſento, que ſe acha no Archivo do Seminario he o ſeguinte: « O Excellentiſ-
„ ſimo, e Reverendiſſimo Senhor D.
„ Fr. Joſé Maria d'Evora, que no ſe-
„ culo ſe chamou Joſé Ribeiro d'Af-
„ fonſeca Figueiredo e Souſa, foi eſ-
„ colhido, e guardado por Deos com
„ altiſſima Providencia, qual outro Joſé
„ para bem da Igreja, e amparo dos ſeus
„ Irmaõs os Frades Menores. Naõ pô-
„ de elle continuar a vocaçaõ, que te-
„ ve de ſer Religioſo neſte Seminario
„ por occaſiaõ de hum inconſiderado,
„ e menos bem fundado temor, que
„ teve o Guardiaõ, que entaõ era deſ-
„ te meſmo Seminario, receando, que
„ por

„ por causa da assistencia do Noviço
„ nelle violasse o Soberano, levado
„ de sinistras, e falsas informaçoens
„ dos seus Ministros, as immunidades
„ deste Seminario. Nelle assistio qua-
„ tro mezes, e desaseis dias com tal
„ edificaçaõ desta Communidade, que
„ todos lhe deraõ com summo gosto
„ os primeiros votos. „ Com o santo
fim de desempenhar a sua vocaçaõ pas-
sou, ou, para melhor dizer, o levou
Deos á Santa Cidade de Roma, onde
tomou o Habito do Nosso P. S. Fran-
cisco no Convento de Horta da Pro-
vincia Romana, e ahi professou. Des-
te retiro, onde tomou o Habito, e pro-
fessou, o tirou a obediencia dos Su-
periores para os emprêgos da Religiaõ.
Foi Leitor d'Artes, e Theologia no
Convento de Ara Cœli; Secretario
Geral de toda a Ordem; Procurador
Geral; Commissario Geral da Côrte
Romana; Commissario Geral da Fa-
milia Ultramontana, foi Geral, primei-
ro Padre, e Discreto de toda a Or-
dem, Visitador, e Reformador Apos-
tolico de toda a Ordem, Deputado da
suprema Inquisiçaõ: Examinador de
Bispos: Votante consistoral: Consul-
tor de diversas Congregaçoens de Ro-
ma: Conselheiro Ecclesiastico do Im-
pe-

perador CARLOS VI., do Conſelho d'El-Rei de Sardenha: Miniſtro plenipotenciario de Portugal na Côrte Romana: Senador perpetuo de Roma, e Nobre Veneziano.

170 Recuſou Fr. Joſé Maria as Mitras dos Biſpados de Oſimo; de Aſsís, e outros; e diverſas vezes o Capello de Cardeal. Acceitou todavia o Biſpado do Porto em Portugal por nomeaçaõ do Fideliſſimo Rei D. JOAÕ V. Voltou por eſta cauſa a Portugal, e chegou a Lisboa em 18 de Dezembro de 1740. Veio a Varatojo em Fevereiro de 1741 fazer os ſeus exercicios eſpirituaes antes de ſagrar-ſe. Em todo o tempo, que ſe deteve em Varatojo em companhia dos Religioſos, deo claros teſtemunhos da ſua muita humildade, prudencia, affabilidade, e mais virtudes Chriſtãs, e Moraes, e ſobre tudo hum terno, e cordeal amor ao Seminario, e a todos os ſeus Religioſos. Dignou-ſe rogar ao Guardiaõ, e Communidade o tiveſſe para tudo em conta de Irmaõ, e Filho do Seminario, como ſe nelle houveſſe profeſſado ſegundo conſta do termo acima, o qual acceitou a Communidade com grande goſto, offerecendo-ſe fazer por ſua morte os ſuffragios, que
ſe

ſe coſtumaõ fazer por qualquer Religioſo, que morre com o Habito de Varatojo. Foi em ſua vida diſtincto, e ſingular Bemfeitor do meſmo Seminario, onde mandou fazer as grades de marmore da Capella Mór, e dos Altares Collateraes, e acabar as cadeiras do Côro. Tambem mandou lavrar no arco defronte da Capella da Senhora das Dores hum Mauſoléo, ou Monumento de marmore para ſe collocarem as cinzas do V. P. Fr. Antonio das Chagas, Inſtituidor do Real Seminario de Varatojo com quem tinha razoens de parenteſco. Se bem que ſe naõ chegou a effeituar eſta intereſſante obra do Mauſoléo. Tambem mandou fazer outras obras no Seminario, ao qual favorecia do ſeu Biſpado com eſmólas, pedindo frequentemente para elle Miſſionarios. Para que no Seminario ſe conſerve eſta memoria, e dure nelle eternamente o agradecimento a eſte Principe, e columna da Igreja, honra de Portugal, Oraculo de Roma em ſeu tempo, admiraçaõ da Europa, crédito, e gloria da Religiaõ Seraphica, ſe fez eſta lembrança, e aſſento no Seminario de S. Antonio de Varatojo a 2 de Março de 1741, que aſſignou o Guardiaõ com os Diſcretos

do

do Seminario. Fr. Gonçalo da Conceiçaõ Guardiaõ. Fr. Lourenço de Santa Maria Prefidente, Fr. Rodrigo de Chrifto, Fr. Luís de S. Ignacio, Fr. Manoel das Chagas, Difcretos.

171 Fez a fua entrada no Porto em hum Domingo 5 de Maio de 1743, ainda que elle por ter fido accommettido de moleftias complicadas, viveo em feu Bifpado poucos annos, deo nelle provas de grande Prelado, efpecialmente na caridade com os pobres, além de muitas obras, que mandou fazer no feu Paço em Santa Cruz, e no Prado.

CAPITULO XV.

Vida do V. P. F. Gafpar da Incarnaçaõ, Filho do Real Seminario de Varatojo.

172 A 25 de Novembro de 1752 falleceo piamente no Senhor em S. Vicente de Fóra, Mofteiro dos Conegos Regulares de S. Agoftinho da Cidade de Lisboa o memoravel fervo de Deos P. Fr. Gafpar da Incarnaçaõ, Miffionario Apoftolico, e Filho do Real Seminario de Varatojo, Reformador Apoftolico da Illuftre Congregaçaõ dos

Co-

Conegos Regulares de S. Agoſtinho em Portugal. Era Natural de Lisboa, onde foi baptizado a 28 de Maio de 1685. Chamava-ſe no Seculo D. Gaſpar Moſcoſo da Silva, filho legitimo do Illuſtriſſimo D. Joaõ de Maſcaranhas, e da Illuſtriſſima D. Tereza de Moſcoſo, Aya da Rainha D. MARIA DE AUSTRIA, Condes de Santa Cruz, parente de S. Franciſco de Borja, terceiro neto dos terceiros Duques de Aveiro D. Álvaro, e D. Joanna de Alencaſtre, e muito parente da Real Familia de Portugal; pois era neto VII. dos terceiros Duques de Bragança D. FERNANDO II. do nome, e de D. IZABEL, Irmã d'El-Rei D. MANOEL, e VI. neto d'El-Rei D. JOAÕ II., Irmaõ de S. JOANNA.

173 Era D. Gaſpar, naõ ſó por filho dos Grandes do Reino, e pela eſtreita alliança com a Caſa Real, mas ainda muito mais por ſuas bellas prendas, virtudes, e relevantes qualidades naturaes, amado, e eſtimado de todos, pequenos, e grandes, principalmente do Monarcha D. JOAÕ V. Achava-ſe elle na idade de 30 annos doutorado em Direito Pontificio pela Univerſidade de Coimbra, Reitor, e Reformador da meſma Univerſidade,

Deaõ

Deaõ da Santa Sé Metropolitâna de Lisboa, Deputado da Santa Inquiziçaõ, do Confelho de Sua Mageftade, Sumilher da Cortina, e muito Privado do Monarcha. Defde feus primeiros annos, por fua excellente indole, foi muito amado do Rei, e por elle deftinado para as primeiras Dignidades do Reino. De todas eftas honras, com que era incenfado, e elogiado, de todas as Dignidades, que já tinha, e de outras maiores, que brevemente o efperavaõ, elle fe quiz goftofo privar para fazer vida penitente, e Apoftolica, elegendo antes fer pequenino, e abjecto na Cafa, e Tabernaculos do Senhor entre os Frades Menores, do que vivêr no feio das delicias, abundancias, applaufos, e regalos da Côrte, e Palacio, rodeado, e affiftido de Grandes da terra.

174 Imitou D. Gafpar com efpirito generofo a muitos Santos feus confanguineos, tambem infignes defprezadores das riquezas caducas da terra, das honras do feculo, e das apparentes delicias das Côrtes. Taes foraõ o grande S. Francifco de Borja, o Beato Amadéo, inftituidor de huma illuftre Congregaçaõ em Italia; D. Beatriz da Silva, illuftre Fundadora da

Or-

Ordem das Religiosas da Conceição, ambos Irmaõs, e filhos do primeiro Conde de Portalegre, setimo Avô do nosso grande servo de Deos Fr. Gaspar da Incarnação. Foi o instrumento da conversaõ de D. Gaspar Moscoso, e da sua generosa resoluçaõ de buscar fervoroso os Claustros de S. Francisco, a fim de fazer nelles penitencia, e vivêr Apostolicamente, o V. P. Fr. Paulo de S. Tereza, de quem ha pouco fizemos mençaõ. Entrou este insigne Missionario com Missaõ na Cidade de Coimbra. Entre os muitos Doutores, que por effeito, e fructo da sementeira Evangelica se resolvêraõ buscar o retiro de Varatojo, movidos da vocaçaõ Celeste, foi hum delles D. Gaspar Moscoso, Reitor, e Reformador da mesma Universidade de Coimbra, veio elle a Varatojo pedir com humildes instancias ao Guardiaõ do Seminario o Habito de S. Francisco, o qual tomou banhado de júbilo espiritual a 20 de Junho de 1715, abraçando com fervor, e alegria as asperezas do Noviciado, considerando, que morria de todo para o Mundo, para si, e parentes, e que só viviria dalli por diante para Deos, solicito sempre no importante, unico, e gran-
de

de negocio da ſalvaçaõ da alma. Profeſſou ſolemnemente no anno ſeguinte a 21 de Junho.

175 Fez eſta eſtrondoſa reſoluçaõ de D. Gaſpar, grande, e ſenſivel impreſſaõ nos animos dos ſeus amigos, e conhecidos, muitos do quaes imitando ao ſervo de Deos, fugíraõ do Mundo para os clauſtros Regulares, para nelles fazerem penitencia, e ſeguirem a Chriſto com a Cruz da mortificaçaõ, e negaçaõ da propria vontade. Naõ foi menor a admiraçaõ da Côrte, e Paço, quando ahi ſoáraõ os écos, de que D. Gaſpar ſe achava Noviço, e amortalhado em vida no retiro de Varatojo com o Habito de S. Franciſco. Naõ faltou, quem dominado do eſpirito do ſeculo fizeſſe repetidas inſtancias ao ſervo de Deos, para que deſiſtiſſe da ſua reſoluçaõ, e ſahiſſe de Varatojo, lembrando-lhe os grandes emprêgos, e as primeiras, e honoríficas Dignidades do Reino, com que El-Rei ſeu Amigo o havia de premiar dentro de pouco tempo. Nenhuma impreſſaõ, nem abálo fizeraõ eſtas ſuggeſtoens dos filhos do ſeculo no eſpirito do ſervo de Deos. Perſeverou firme, como huma rocha, na ſua vocaçaõ, dizendo, que eſtimava mais o

humilde, e grosseiro sayal do Habito de S. Francisco, do que a mais rica tóga, e preciosá púrpura, que com tanta ancia buscaõ os amadores do Mundo.

176 El-Rei D. JOAÕ V., que amava cordialmente a D. Gaspar, o veio visitar a Varatojo aos quatro mezes de Noviço. E tambem lhe veio depois assistir á sua Profissaõ, acompanhado de seu Irmaõ o Infante D. ANTONIO, e do Cardeal D. Nuno da Cunha, Inquisidor Geral do Reino, do Duque de Aveiro; dos Marquezes de Gouvêa, Marialva, Alegrête, e Minas; dos Condes da Ericeira, e de Unhaõ; e de outros Fidalgos, e Camaristas, que acompanhavaõ ao piedoso Monarcha. Naõ se satisfez só o espirito do mesmo Grande, e Religiosissimo Monarcha em assistir á Profissaõ do seu amigo Fr. Gaspar, mas quiz vêr, presenciar, e acompanhar a Communidade em todos os actos, que nella se praticaõ dentro do Seminario, tanto de dia, como de noite. Assistio pessoalmente ás Completas, e á hora da Meditaçaõ, que immediatamente se lhe segue; á cêa no Refeitorio; á disciplina na Igreja; ás Matinas no Côro á meia noite; e tambem depois ás

Ma-

Matinas de Noſſa Senhora, que Fr. Gaſpar com os outros Noviços, e Coriſtas juntamente com ſeu Meſtre, coſtumavaõ rezar no Noviciado depois das Matinas da Communidade no Côro.

177 Tanto o Monarcha, como todos os que aſſiſtíraõ á Profiſſaõ de Fr. Gaſpar, e aos actos, que víraõ praticar no Seminario, banhados de ſuaviſſimos ſentimentos de piedade, e cheios de devota admiraçaõ, apênas podiaõ ſuſter as lagrimas, que vertiaõ ſeus choroſos olhos. Em outra occaſiaõ, que o Monarcha disfarçado veio viſitar a Fr. Gaſpar, o achou deſprevenido lavando a louça na cozinha, tanto porém que o ſervo de Deos conheceo a ſeu Rei, indo-ſe-lhe lançar aos pés, já o Soberano com aſſombro ſe achava tambem de joelhos. As doces, e ternas lagrimas, que neſte goſtoſo encontro derramáraõ hum, e outro, Rei, e Fr. Gaſpar, foraõ as eloquentes, ainda que mudas, vozes, com que ſe falláraõ, ſaudáraõ, e cumprimentáraõ eſtes dous amigos. Sería talvez na meſma occaſiaõ, em que eſte grande Monarcha foi deſconhecido, e disfarçado a Varatojo, e depois que na Portaría fallou com o Porteiro, que era o V. Fr. Luís da Eſtrella, quiz

logo ſubir para o interior do Dormitorio. Porém entaõ lhe pegou o Porteiro na caſáca, ſuſpendendo-o, e dizendo-lhe: Que he iſto, Senhor? Os primeiros paſſos de quem entra daquella Portaría para dentro, depois de dar o recado ao Porteiro, e dizer-lhe com quem intenta fallar, ſe devem encaminhar para a Igreja a viſitar o Santiſſimo Sacramento, e eſperar que lhe venha fallar o Guardiaõ, ou Religioſo, a quem elle der licença, que ſem eſta naõ ſe falla com hoſpedes em Varatojo, nem ſe entra daquellas portas para dentro.

178 El-Rei continuando o ſeu disfarce, ſe deixou conduzir para a Capella Mór, onde ſe demorou por algum eſpaço de tempo, fazendo oraçaõ ao Senhor Sacramentado. Subio logo o Porteiro á cella do Guardiaõ, dando-lhe parte, que entendia eſtar El-Rei disfarçado na Igreja. Deſceo logo o Guardiaõ á Igreja, e tanto que conheceo a El-Rei já ſahindo della, quando para cumprimentá-lo, ſe lhe hia a pór de joelhos, lhe diſſe o Monarcha com ar de graça, apontando para o Porteiro « Meu P. Guardiaõ, muita malicia tem eſte ſeu Porteiro. » Alludindo niſto, que ſe elle

vi-

vinha disfarçado, tambem o Porteiro disfarçára, que o naõ conhecia.

179 Tendo Fr. Gaſpar felizmente com fervor de eſpirito, e conducta exemplar, e edificante, á ſatisfaçaõ de toda a Communidade, concluido o tempo do ſeu Coriſtado, inſtruido já ſufficientemente na diſciplina regular, nas ceremonias do Côro, e Altar, e nas obſervaçoẽs municipaes, que ſe practícaõ no Seminario de Varatojo, ſe applicou entaõ com eſpecial cuidado á leitura, e meditaçaõ dos Livros Sagrados, dos Santos Padres, e Concilios, e ao eſtudo da Theologia Moral, e Dogmatica. Elle em todas eſtas materias tendentes ao Pulpito, Confeſſionario, e Altar fez rápidos progreſſos, mediante as conferencias literarias quaſi aſſiduas, que ſe coſtumaõ no Seminario. Donde ſendo depois examinado para os emprêgos do Confeſſionario, e Pulpito, foi approvado, e inſtituido Confeſſor, e Prégador Miſſionario, com plena ſatisfaçaõ dos Examinadores. A capacidade, virtudes, e prudencia, que o Guardiaõ de Varatojo conheceo em Fr. Gaſpar, o movêraõ fazê lo ſeu Preſidente, e Meſtre dos Noviços, emprêgos, que o ſervo de Deos exercitou com

com muito aproveitamento, e grande utilidade dos Noviços, e satisfaçaõ da Communidade.

180 Fez Fr. Gaspar algumas Missoens, e nellas indiziveis fructos de almas, que illuminou, e converteo á Graça de Deos. Exercitou em Varatojo os officios, e occupaçoens proprias dos Frades Menores, professores do instituto pobre, e humilde de S. Francisco. Foi por seus merecimentos Canonicamente eleito Guardiaõ do Seminario a 24 de Agosto de 1723, naõ tendo ainda 8 annos de Habito. Zelou com o maior fervor no tempo do seu governo, naõ só a pureza da Regra Seráphica, segundo o seu espirito primitivo, mas todas as Leis municipaes, observancias, e costumes louvaveis, que se pratícaõ no Seminario desde sua fundaçaõ; o que recommendava o servo de Deos por palavras, elle praticava com o exemplo da obra, querendo sempre ser o primeiro, e andar diante dos seus subditos nos exercicios da vida Regular, e Apostolica, que se professa, e pratíca em Varatojo.

181 Naõ quiz Deos, que este Candieiro resplandecente, e luminosa tocha servisse só para allumiar o Semina-

nario, de que era Prelado. Pois ainda que o servo de Deos longe do Paço, e da Côrte, que deixára, desprezadas as riquezas, e vaidades do seculo, que renunciára, se achava escondido no retiro de Varatojo, esquecido do Mundo, que pizára, cuidando solícito no grande negocio da propria salvaçaõ, e da de seus proximos, de lá o foi tirar a Maõ da Providencia Divina, e o imperio da obediencia do Papa, Vigario de Christo. Sahio Fr. Gaspar de seu amado retiro obrigado do preceito do Pastor supremo, e insinuaçaõ Regia para Reformador Apostolico da Illustre Congregaçaõ dos Conegos Regulares de S. Agostinho em Portugal, a pezar das suas humildes escuzas, como adiante se dirá.

182 Tinha esta illustre Congregaçaõ muitas, e bem dotadas casas, das quaes era cabeça, e principal o muito célebre, e Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, fundado, e dotado amplissimamente com muitas possessoens, dominios, e jurisdicçoens pelo V. Senhor D. AFFONSO HENRIQUES, I. Rei de Portugal, instituido com santissimas Leis por S. Theotonio seu primeiro Prior. Convem a-

qui

qui lembrar, que entre as muitas, e preciosas reliquias, que se achaõ, e venéraõ no grande Santuario deste Real Mosteiro, tem distincto, e particular lugar, os corpos dos cinco Martyres de Marrócos, a saber: Berardo, Pedro, Accurcio, Adjúto, e Otho, gloriosas primicias da Ordem de S. Francisco. Morou neste Mosteiro, fazendo vida Celestial, e Angelica, o Thaumaturgo Portuguez S. Antonio. Deste mesmo Mosteiro passou elle, movido da vocaçaõ Celeste, para a dita Ordem de S. Francisco. Desde entaõ dimána o singular affecto, que conservaõ estes Reverendos Conegos Regulares aos Frades Menores de S. Francisco, aos quaes designaõ diariamente huma raçaõ proporcionada á do seu antigo Conego S. Antonio. E distinctamente elles caritativos favorecem com particular affecto aos hospedes da mesma Ordem dos Menores entre os Religiosos de outras sagradas Familias.

183 Sempre os Reis de Portugal estimáraõ muito esta illustre, e sagrada Congregaçaõ Augustiniana, accumulando-lhe singulares privilegios, e favores. Cuidou solícito o Senhor Rei D. JOAÕ III., em que a disciplina desta Congregaçaõ, algum tanto des-

ca-

cahida, se restituisse ao seu primitivo instituto, e vigor, o que felizmente conseguio. Seguio este exemplo o Piissimo, e Fidelissimo Rei D. JOAÕ V., pois constando-lhe, que esta Congregaçaõ pela fraqueza humana tinha algum tanto descahido da sua disciplina regular, e primeira refórma, cuidou com particular estudo, que nella se restituisse, e innovasse outra vez o seu explendor primitivo. Buscou solícito Sujeito, que tivesse as qualidades necessarias para empreza taõ ardua, taõ crítica, e taõ delicada. Eu faria injúria a outras sagradas Ordens, e Familias Regulares, e ainda fóra dellas a insignes Prelados, se negasse haver sujeitos capazes para esta commissaõ. Havia muitos. Porém tambem em Varatojo se achava Fr. Gaspar. E em iguaes circumstancias bom era para decóro de taõ delicada commissaõ, que a fosse exercer hum filho dos Grandes da Côrte, hum amigo, e parente do Rei, o que tinha sido Reitor; e Reformador de huma Universidade, e o que actualmente era Missionario Apostolico, e Guardiaõ do Seminario de Varatojo.

184 Á instancia do Fidelissimo Monarcha D. JOAÕ V. veio Breve do Santis-

tiſſimo Padre BENEDICTO XIII. para a refórma da mencionada Congregaçaõ Auguſtiniana. Eſcuſou-ſe o humilde ſervo de Deos Fr. Gaſpar de acceitar eſte emprêgo, ſentindo a maior violencia, e mortificaçaõ para ſeu eſpirito vêr-ſe arrancado de Varatojo. Porém obrigado o ſervo de Deos por Sua Santidade com preceito expreſſo de obediencia, em que lhe mandava acceitaſſe aquella commiſſaõ, ſem mais eſcuſa, elle em conſideraçaõ, de que reſiſtindo a eſte preceito, ainda que taõ onoroſo para ſeu eſpirito, reſiſtia á vontade de Deos, pois que o Arbitro deſta, e o que na terra fazia as vezes do meſmo Deos, era o Papa, que o mandava, e lhe impunha o preceito, ſe reſolveo acceitar a commiſſaõ, fazendo ſacrificio de ſi meſmo nas Aras da Obediencia. Eis-aqui as palavras do Santiſſimo Padre BENEDICTO XIII., nas quaes com preceito de ſanta obediencia manda a Fr. Gaſpar, acceite ſem eſcuſa a commiſſaõ da mencionada refórma. « Debai» xo de preceito, e em virtude de
» ſanta obediencia, vos Mandamos,
» que acceiteis o onus, e emprêgo
» de Viſitador, e Reformador, e que
» vos naõ eſcuſeis, nem recuſeis en-

» trar

„ trar nelle por alguma caufa, razaõ,
„ pretexto, nem ainda com côr, e
„ apparencia de humildade, inhabili-
„ dade, ou tambem de propria quie-
„ taçaõ, eftudo, ou outras coufas. „

185 Conhecendo pois o humilde, e obediente fervo de Deos Fr. Gafpar a vontade de Deos, expreffada pela boca do feu Vigario, fujeitou os hombros ao onus da commiffaõ. Difpoz-fe para a execuçaõ della, pedindo com Oraçoens ferventes, e contínuas o foccorro a Deos. Antes de fahir de Varatojo, o foraõ achar de joelhos, dizendo naõ fó de palavra, mas com torrentes de lagrimas, que vertiaõ feus chorofos olhos, o que diffe Moyfés a Deos em outra commiffaõ. « Quem fou eu, Senhor, para conduzir o voffo povo? Que cabedaes de efpirito, que forças tenho eu para dignamente poder defempenhar huma commiffaõ, e emprêgo, que tem feito tremer Varoens de huma fantidade mais robufta, e de huma virtúde mais eminente? Certamente he defproporcionado efte pezo, que hei recebido para meus fracos hombros. „ Continuou o fervo de Deos a fua Oraçaõ: nella fe fentio alentado com o auxilio do Pai das luzes, donde vem to-

todo o bem. Que mais fez? Antes de ſahir de Varatojo para dar principio á ſua commiſſaõ, invocou o Eſpirito Santo, para que o illuſtraſſe, e fortaleceſſe, pedio de joelhos a bençaõ, e Oraçoens ao Preſidente do Seminario, e tambem as Oraçoens da Communidade congregada, que veio acompanhar o ſervo de Deos até á Portaria. Da qual elle ſahindo com dous Miſſionarios Companheiros, partio a pé para a Côrte, onde fallou ao Monarcha, e pouco depois entrou no Real Moſteiro de S. Vicente de Fóra, da mencionada Congregaçaõ.

186 Já neſte Moſteiro com ſeus dous Companheiros ſe applica ſolícito Fr. Gaſpar a olhar pelos Individuos daquella illuſtre Congregaçaõ, que lhe foraõ entregues para bem da refórma. Deo felizmente principio á ſua commiſſaõ no meſmo Moſteiro, convocando primeiro a ſua Communidade, na preſença da qual fez lêr as Letras Pontificias, e as Ordens Regias. Entrou logo a examinar o eſtado actual da Congregaçaõ, e todas as couſas, que nella deviaõ ſer objecto da ſua refórma. Fr. Gaſpar pondo os olhos em Chriſto Reformador do Mundo, que naõ enſinava a reformá-lo ſó com pala-

lavras, ſenaõ tambem com obras, e com exemplos, começando primeiro a obrar, e depois a enſinar, como adverte o ſeu Sagrado Evangeliſta. Aſſim o ſervo de Deos ſe propoz na Congregaçaõ, que entrava a reformar, ſeguir ſempre os paſſos de Chriſto Divino Meſtre, e exemplar. Donde quando Fr. Gaſpar mandava aos Alumnos da Congregaçaõ as obſervancias regulares das ſuas Conſtituiçoens, e Leis municipaes, elle era o primeiro, que obrava, o que mandava, para aſſim ſuaviſar a execuçaõ, do que recommendava, ou mandava. Enſinava com palavras, e exemplos. Que excellente modo de reformar!

187 Ainda que ſe achaſſe quebrantado de forças, e com enfermidade, que naõ foſſe grave, jamais faltava aos actos da Communidade, naõ ſó do Refeitorio, mas da Oraçaõ, Côro, Diſciplina, e ás obſervancias regulares, e municipaes, do ſilencio, e exame de conſciencia, que com todo o fervor mandava obſervar na Congregaçaõ; e elle na prática deſtas obſervancias municipaes queria ſer o primeiro; queria ſempre ir adiante dos ſeus Alumnos; queria enſiná-los ſempre com o exemplo da ſua peſſoa, lembrado, de

de que eſte he o melhor modo de reformar os outros. Celebrava com a maior ternura, e devoçaõ o tremendo Sacrificio da Santa Miſſa todos os dias, gaſtando nella ordinariamente, ſegundo o coſtume de Varatojo, meia hora, ou pouco menos. E querendo, que os ſeus Alumnos da refórma o imitaſſem, e que celebraſſem com a poſſivel perfeiçaõ taõ Auguſto Sacrificio, naõ ſó mandou examinar a todos nas Ceremonias da Miſſa, mas ordenou, que o Meſtre das Ceremonias com hum relogio á viſta aſſiſtiſſe ora a hum, ora a outro Religioſo Celebrante com recommendaçaõ, que ſe naõ concluiſſe a Miſſa em menos de meia hora de tempo.

188 Ordenou, que os Conegos da ſua refórma obſervaſſem tudo, o que mandavaõ as ſuas Conſtituiçoens, principalmente o preceito da Clauſura, que eſtavaõ obrigados a guardar deſde a primeira fundaçaõ da Congregaçaõ. Para que a refórma lançaſſe mais profundas raizes, determinou, que os Noviços foſſem recebidos com eſcolha, e de vocaçaõ provada, para ſerem criados na diſciplina regular, e ſantos coſtumes da nova refórma, por ſi, ou por ſeus dous Companheiros, que

le-

levára de Varatojo. Era hum destes Fr. Miguel, e outro Fr. Verissimo da Annunciaçaõ, Secretario da refórma, e taõ amado de todos na Congregaçaõ, que por suas virtudes, e affabilidade de genio lhe davaõ o nome de Mãi, e de Pai ao Padre Reformador Fr. Gaspar. Querendo este servo de Deos informar, e firmar os Noviços nas virtudes, passou de Lisboa ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde se achava a Casa do Noviciado. Aqui o ajudáraõ muito nesta grande obra da refórma, naõ só os dous Companheiros de Varatojo, que trazia comsigo, mas tambem os Missionarios do mesmo Varatojo, que no anno de 1727 fizeraõ Missaõ nesta Cidade. Eraõ elles o V. P. Fr. Manoel de Deos, e o V. P. Fr. Affonso dos Prazeres, os quaes com a efficacia das verdades eternas, que prégáraõ, fizéraõ tal impressaõ nos animos dos seus Ouvintes, e colhêraõ taõ abundante fructo desta sementeira Evangelica, que grande número de Estudantes, e Doutores daquella Universidade, desprezando os bens caducos, e honras apparentes da terra, foraõ bater ás portas dos Claustros para nelles fazerem penitencia, e cuidarem com todas as véras no grande negocio da salvaçaõ da alma.

189 Naõ menos que cento e cincoenta Eſtudantes, e Doutores da Univerſidade, movidos deſta eſtrondoſa Miſſaõ, foraõ buſcar o P. Reformador Fr. Gaſpar, pedindo-lhe com humildes, e repetidas inſtancias, ſe dignaſſe acceitá-los naquella Congregaçaõ, dizendo cheios de fervor, que em tudo eſtavaõ promptos, e diſpoſtos para abraçarem as Leis da nova refórma. Examinando elle a vocaçaõ, e qualidades dos pertendentes reſolveo, ſe admittiſſem os mais habeis, e capazes. Entre eſtes acceitou para o Noviciado da Congregaçaõ reformada, com admiraçaõ de toda a Univerſidade, aquellas duas ſuas luminarias grandes; a ſaber: o Ex.mo D. Miguel Carlos de Ataîde, filho dos Ex.mos Condes de Povolide, Collegial de S. Pedro, Doutorado em Sagrados Canones, o qual foi depois primeiro Prior Geral da Congregaçaõ reformada, e finalmente Veneravel Biſpo de Coimbra, e Conde d'Arganil; e o Ex.mo D. Franciſco Xavier de Saldanha, filho de huma Irmã do P. Reformador Fr. Gaſpar, tambem Doutorado, e Collegial de S. Pedro, o qual entre os Conegos Reformados foi depois o ſegundo Prior Geral, com o nome de D. Franciſco da Annunciaçaõ.

190 De Coimbra passou o servo de Deos P. Fr. Gaspar a introduzir pessoalmente a nova refórma nos Mosteiros da Serra, e de Moreira do Porto. Elle para mais facilmente, e com mais segurança reformar os Mosteiros, qual Agricultor experimentado, que separa, e ainda arranca do terreno fértil as arvores velhas, posto que muito ramosas, e viciosas, quando vê, que, além de serem pouco fructíferas, ellas com seus ramos, raizes, e visinhança assombraõ, e impedem que cresçaõ, fructifiquem, e médrem as plantas novas escolhidas, de que se espera utilidade, e abundante fructo, ordenou, que os Religiosos velhos, que naõ quizessem admittir a refórma, fossem separados da companhia dos novos para outros Mosteiros. Cresceo, e aproveitou taõ felizmente esta nova refórma da Congregaçaõ, que naõ faltou quem com admiraçaõ dissesse que ella pelos seus effeitos era verdadeiramente obra do dedo de Deos: *Digitus Dei est hic*. Porque dentro de poucos annos se povoáraõ cinco Casas com Religiosos da nova refórma; a saber: Santa Cruz, Collegio da Sapiencia, S. Jorge, e os Mosteiros de Moreira, e da Serra no Bispado do Porto.

191 Cada Conego da nova refórma parecia hum novo exemplar de virtudes, huma idéa, e efpelho de obfervancias, e perfeiçoens Religiofas. Porque o zelofo, e illuminado Reformador, além de naõ admittir pertendente algum para a Congregaçaõ fem huma conhecida, e provada vocaçaõ, e efpirito para abraçar a nova refórma, elle por fi mefmo, e por hum dos Companheiros, que trouxera de Varatojo, punha todo o cuidado para educar, formar, e inftruir na difciplina do Clauftro, e no efpirito da Religiaõ, aos que para ella acceitára. Defta forte elles fe adiantavaõ maravilhofamente no exercicio das virtudes, e na perfeita obfervancia da vida regular, e dos fantos coftumes, que fe pratícaõ na Religiaõ.

192 Conheceo-fe venturofamente com a refórma defta Congregaçaõ naõ fó o aproveitamento de feus Alumnos nas virtudes, e perfeiçaõ de efpirito, fenaõ tambem adiantamento nas Sciencias Sagradas, e nos eftudos tendentes á Liturgîa, aos emprêgos do Pulpito, e Confeffionario. Nella fe criáraõ egrégios Doutores, que fe lauréaraõ com applaufo pela Univerfidade: nella florecêraõ infignes Oradores Evangelicos:

nel-

nella ſe conhecêraõ exactos Rubriciſtas conſummados na Liturgîa: nella ſe admiráraõ ſabios, e illuſtrados Meſtres, tanto na Theologia Eſcolaſtica, Moral, e Dogmatica, como na ſciencia do eſpirito, ou Theologîa Myſtica, para dirigir com acerto as almas no arduo caminho da virtude, e perfeiçaõ Evangelica. Copiarei aqui algumas palavras de hum Eſcriptor coévo áquella refórma, o qual diz: « Eſ-
» ta Congregaçaõ Reformada naõ foi
» inferior a nenhuma das antigas, ou
» de Monges, ou de Clerigos na ſan-
» tidade da vida, na diſciplina dos
» coſtumes, no eſtudo da contempla-
» çaõ, na celebraçaõ dos Divinos Of-
» ficios, nos exercicios das virtudes:
» ella a nenhuma, digo, foi inferior,
» e, ſe ſe conſiderar a eſtreita clauſura,
» ſó aos Cartuſianos ſe poderia igua-
» lar, e facilmente antepôr-ſe ás outras.
» Fôra para deſejar, que o R.mo Re-
» formador deixaſſe antes da ſua mor-
» te concluida taõ grande obra com
» Conſtituiçoẽs approvadas pelo Viga-
» rio de Chriſto. Bem ſe lhe podia cha-
» mar naõ ſó Reformador, mas Funda-
» dor, e Propagador deſta Religiaõ *. »

* *Fr. Antonio de Roaõ.*

193 Para effeito desta refórma naõ só teve Fr. Gaspar da Incarnaçaõ authoridade no Capitulo Geral da mesma Congregaçaõ, mas tambem amplissima jurisdicçaõ dos Summos Pontifices INNOCENCIO XIII., BENEDICTO XIII., e CLEMENTE XII. E supposto esta refórma naõ foi roborada com Bulla Pontificia, pelos embaraços, que sobrevieraõ ao P. Reformador antes da sua morte, ella naõ deixou de ser assás proficua áquella Congregaçaõ, pois foraõ patentes neste Reino, e ainda fóra delle, os maravilhosos fructos de virtudes, e letras, que se víraõ, e admiráraõ por effeito della na mesma Congregaçaõ.

CAPITULO XVI.

Virtudes heroicas do servo de Deos Fr. Gaspar da Incarnaçaõ.

194 CONtinuando o servo de Deos P. Fr. Gaspar a refórma de outros, nunca se esqueceo de si, e da criaçaõ, que teve em Varatojo, nem jamais se extinguíraõ em seu espirito aquelles fervores, e incendios de amor de Deos, com que entrou, e viveo em seu Novi-

vi-

viciado. Obſervava a Regra de S. Franciſco com a meſma exacçaõ com que ſe guarda em Varatojo. Praticava na ſua peſſoa, e nas couſas do ſeu uſo, ſempre moderado, a eſtreitiſſima pobreza; o habito de que ſempre uſou, e com que dormia, era de groſſeiro ſayal nada differente do que uſava ſendo Noviço em Varatojo, e o conſervava ainda depois de velho, e remendado, deixando-o ſó quando elle eſtava indecente, e de todo incapaz de ſe veſtir. Teſtemunhou hum Religioſo de Varatojo, que ſendo Coriſta, quando foi á Côrte, encontrando-ſe no Moſteiro de S. Vicente de Fóra com o Reformador P. Fr. Gaſpar, eſte de joelhos lhe tomára a bençaõ, como ſe fôra ao Guardiaõ de Varatojo, e que entaõ víra o habito roto ao ſervo de Deos, e nada differente do que uſava no Seminario, ſenaõ de ſer mais velho, e uſado.

195 Foi a frugalidade, e abſtinencia deſte ſervo de Deos na meſa taõ rara, depois que deixou o ſeculo, que privando-ſe dos manjares delicados, ſó queria a refeiçaõ ordinaria da Communidade, e ainda eſſa ſempre com muita moderaçaõ, tanto em Varatojo, como no tempo da ſua refórma, quan-

do

do affiftio fóra do Seminario. Naõ merecia elle efte conceito a hum Religiofo de certa Ordem Reformada, quando por occafiaõ de hum peditorio chegou ao feu Convento, aonde pedio caridade: levado ao Refeitorio, lhe perguntou aquelle Religiofo, fe conhecia em Varatojo a Fr. Gafpar? Refpondeo o fervo de Deos, fem fe dar a conhecer, que como era de Varatojo conhecia muito bem a Fr. Gafpar; entaõ continuando a fua falla, e curiofidade, o Religiofo tornou a perguntar: E como fe daõ lá com effe comilaõ, que tendo vindo de Reitor da Univerfidade de Coimbra coftumado a comer, e beber efplendida, e regaladamente, naõ perderia talvez effe coftume, que tinha no feculo, e affim naõ lhe baftaria a raçaõ ordinaria para faciar a fua voracidade, e appetite; e ferá neceffario, que o Guardiaõ lhe mande pôr a elle fó duplicada comida, da que manda dar a cada Religiofo no Refeitorio.

196 O fervo de Deos Fr. Gafpar por todo o tempo que efteve a comer naquelle Refeitorio naõ ouvio outra lenda, e liçaõ efpiritual, fenaõ murmurar da fua peffoa, de que comia com exceffo; concluida a mefa, depois

pois de dar Graças, indo-ſe a deſpedir daquelle Religioſo lhe diſſe ſem demonſtraçaõ de ſentimento, mas com ar de graça, e riſonho: Ora, meu Padre, ſeja por caridade a eſmola, que me fez, fico-lhe por ella muito obrigado. Em quanto ao que me diſſe de Fr. Gaſpar, que elle comia muito, bem póde accreſcentar, que já comeo no ſeu Refeitorio, e que ſe contentou com a raçaõ, que lhe poz diante V. Paternidade; e que em Varatojo pratíca o meſmo. Confuſo entaõ aquelle Frade, e envergonhado ſe lançou aos pés do ſervo de Deos, dizendo-lhe: pois V. R.ma he o Senhor P. Fr. Gaſpar? Sou, reſpondeo o ſervo de Deos, ſou o Irmaõ Fr. Gaſpar, Frade muito imperfeito de Varatojo. Ora perdôe-me V. R.ma, perdôe-me pelo amor de Deos, diſſe o Frade, que naõ ſabía com quem fallava, e vivia enganado com a ſua religioſiſſima, e veneravel Peſſoa, foi continuando o ſervo de Deos a ſua digreſſaõ ſem mais ſatisfaçaõ áquelle Frade, do que dizer-lhe na deſpedida da Portaria com ar de graça: Fique-ſe na bençaõ do Senhor, meu Padre, a quem peça por eſte miſeravel peccador.

197 A ſua cama até á ultima doença

ça foi huma esteira, nada differente da que usava sendo Noviço em Varatojo: (Testificou o Excellentissimo Marquez de Lavradío, que o víra dormir em huma cortiça) Naõ obstante huma molestia, que padecia assás penosa em huma perna, além de outras queixas, que lhe foraõ crescendo, elle queria sempre fazer as suas jornadas a pé, lembrado do preceito da Regra, que véda andar a cavallo, menos que haja manifesta necessidade, ou enfermidade. E ainda que a molestia, que padecia, era causa mais que bastante para naõ ser comprehendido neste preceito, e ainda que fôra dispensado pelo Summo Pontifice para podêr andar a cavallo, e usar de carruagem, elle teve tal repugnancia em usar deste favor, e dispensa, que foi necessario novo preceito de obediencia do mesmo Santissimo Vigario de Christo, para que pusesse esta graça, e dispensa em execuçaõ, a fim de naõ arruinar de todo a sua saude.

198 Venerava com profundo respeito ao Guardiaõ de Varatojo, tomando-lhe sempre a bençaõ, como a seu Prelado, com humildade de Noviço, pedindo-lhe Oraçoens, e as do Seminario para o acerto da Reforma,

em

em que ſe achava. Tambem por carta lhe pedia o ſeu parecer nos caſos, e reſoluçoens, que pediaõ maior conſideraçaõ. Tinha dom de conſelho, de que deo claras provas nas muitas occaſioens, em que foi conſultado por El-Rei D. JOAÕ V., de quem toda a ſua vida foi íntimo privado, e amigo. Aconſelhou ſempre a eſte grande Monarcha, que em tudo o que obraſſe a beneficio do Eſtado, em nada ſe devia oppôr ás Leis da Igreja, e ao bem commum. Inſpirava-lhe ſentimentos de Religiaõ, e piedade, protecçaõ á Santa Madre Igreja Romana, e a ſeus Miniſtros, veneraçaõ ao eſtado Eccleſiaſtico, e ás Corporaçoens Regulares, como a eſcólas de bons coſtumes, e baluartes da Fé, e dos Eſtados, amor paternal aos ſeus vaſſallos; paz com as Corôas eſtranhas; e que ſe queria ſer feliz no ſeu governo, e venturoſo nas ſuas empreſas preferiſſe ſempre a Religiaõ á razaõ do Eſtado, e a conſciencia á politica. Aſſim ſuccedeo: pois ſe víraõ venturoſamente chover felicidades em Portugal no governo deſte grande Monarcha, que com gloria immortal do ſeu nome ſe ſoube conſervar reſpeitavel em toda a Europa, e fóra della, e o ſeu Reino ſem-

pre

pre em paz com felicidade de ſeus vaſſallos. Perſuadia o ſervo de Deos com a maior efficacia ao meſmo Monarcha, que em beneficio da Igreja, e do Eſtado devia ſempre eleger para as Mitras, e emprêgos públicos, Sujeitos os mais benemeritos, mais Chriſtaõs, e mais zeloſos do bem commum, ſem attender a reſpeitos humanos, nem a empenhos de Grandes, e valídos dominados do eſpirito do ſeculo, e do proprio intereſſe.

199 Era Fr. Gaſpar aſſás ſeſudo, judicioſo, de eſpirito pacifico, de coraçaõ grande, deſpido da mais leve apparencia de vingança contra ſeus meſmos émulos, e contrarios. Donde, quando lhe conſtava, que alguns deſtes fallavaõ em deſabôno da ſua peſſoa, murmurando contra elle, e dizendo, que ſe deixava enganar na eſcolha dos Sujeitos para as Prelaſias, pois que ſó buſcava, e elegia aquelles, que no exterior, e apparentemente affectavaõ piedade, ſendo elles no interior verdadeiros hypocritas, e refinados fanaticos. Entaõ o ſervo de Deos com ar de riſo Religioſo dizia: « Antes eu quero ſer enganado deſte » modo, do que ſer eu o que engane; ſe eſtes, poſto que interiormen-

» te

„ te ſejaõ hypocritas, e fanaticos,
„ me enganaõ com a ſua piedade ap-
„ parente, para lhe conferir cargos,
„ e emprêgos públicos: aquelles, que
„ exteriormente naõ moſtraõ, nem daõ
„ ſignaes de modeſtia, nem de pieda-
„ de alguma, me deſenganaõ, para
„ que jamais lhe confira cargo, ou
„ emprêgo, de que ſaõ indignos. Per-
„ tence ſó a Deos conhecer interiores.
„ Nem a meſma Igreja ſe intromette a
„ julgar o que he occulto, e interno. „

200 Succedeo, que alguns deſtes queixoſos contra Fr. Gaſpar, ainda que juſtamente punidos pela Mageſtade por cauſa dos ſeus provados, e accumulados crimes, e eſcandalos, julgaſſem temerarios, que El-Rei os caſtigava por conſelho de Fr. Gaſpar ſeu privado, e amigo. Daqui reſultou eſcreverem ſátyras, e cartas infamatorias ao ſervo de Deos; e que faria elle? Longe de inquirir donde lhe vinhaõ papeis taõ ſatyricos, e infamatorios contra a ſua peſſoa, e reputaçaõ, a fim de ſerem ſeus Authores ſeveramente caſtigados, como mereciaõ ſuas calumnias, antes bem ſim, elle ſem o mais leve ſignal, nem demonſtraçaõ de ſe querer vingar, coſtumava depois da religioſa acçaõ de Graças do jan-

jantar mandar lêr por divertimento eftes papeis fatyricos, calumniofos, e infamatorios contra a fua peffoa, dizendo com fal de graça, e ar de rifo, que fuppofto feus inimigos com aquelles papeis, que efpalhavaõ, o injuriavaõ, e infamavaõ no que eftava innocente, elles todavia lhe ferviaõ para cautéla, para motivo de compaixaõ, e Oraçoens, que faria por elles, e naõ para incentivo, e eftimulo de vingança, nem caftigo, mas antes, que de alguma forte reputava aquelles papeis, como avifos de amigos.

201 Verdadeiramente a piedade, a bondade, a prudencia, a humildade, a caridade, a compaixaõ, a humanidade formáraõ o caracter de Fr. Gafpar. Deftas fuperiores, e eminentes virtudes praticadas por efte fervo de Deos, que faõ o fundamento, fobre que ficará eternizada a fua gloria, neceffariamente haviaõ de nafcer outras muitas. Por effeito da fua piedade fe vio, e admirou, como elle em todo o tempo, que viveo em Varatojo, e affiftio na Congregaçaõ da fua Reforma, foi fempre fingularmente zelofo do Culto Divino. Sem faltar nas fuas devoçoens particulares diarias, vio-fe, que elle na devoçaõ ao Augufto Sacramen-

mento era taõ ſolícito, e fervoroſo em ſeus cultos, que quando ſolemniſava a ſua feſta publicamente, fazia ſoar com ſonóros canticos dos Levitas os alegres inſtrumentos, com que David nos ſeus Pſalmos enſina a louvar ao Senhor. Por eſta devoçaõ verdadeiramente a mais ſublime da noſſa Religiaõ, elle em todos os annos, que aſſiſtio na Congregaçaõ, de que era Reformador, fazia celebrar a inſigne ſolemnidade do Senhor Sacramentado, maior incomparavelmente, que a antiga ſolemnidade das Encénias, das luzes, e dos Tabernaculos, alegrando-ſe ainda mais, que David na preſença da Arca Santa, quando conſiderava, e via com os olhos da Fé em Throno Mageſtoſo, e refulgente, o Cordeiro ſem mancha Chriſto Sacramentado, a quem adorava em eſpirito, e verdade, já firmando diante delle os ſeus joelhos em terra, já proſtrando-ſe, e humilhando-ſe na ſua preſença, como Salomaõ diante do Altar, já levando-o reverente na Cuſtodia com ſuas maõs em triunfo pelos Clauſtros da Congregaçaõ.

202 Que demonſtraçoens de piedade, e de reverencia ás couſas Sagradas ſe víraõ, e admiráraõ neſte ſervo

de

de Deos. Vio-se, como elle inclinava sempre reverente a cabeça ao ouvir os dulcissimos Nomes de Jesus, e Maria, e com que piedade festejava o Mysterio da Incarnação, e Immaculada Conceição da Santissima Virgem Mãi de Deos, zelando sempre seus Cultos, e fazendo, que os Conegos da nova Refórma em obsequio da mesma Senhora, deixando o appellido das suas Familias do seculo, tomassem em sua profissaõ o sobrenome de algum Mysterio da mesma Senhora. Vio-se, como elle solícito zelava o asseyo, e limpeza nos Tabernaculos Santos, nas Casas de Deos, nos seus Templos, e Altares; fazendo celebrar as funçoens do Culto Divino com a maior gravidade, decencia, e esplendor, sem faltar á minima ceremonia da Liturgîa, concorrendo para esta exacçaõ, e decencia o conhecimento do Canto-chaõ, que mandou se ensinasse no Mosteiro de Santa Cruz por Mestres, que fez vir do Real Convento de Mafra peritos nesta arte, julgando conveniente, e ainda necessario este canto nos Ministros da Igreja, confórme o parecer de muitos Concilios, e entre estes o Tridentino.

203 Vio-se, com que respeito bem dif-

differente desses opulentos, de quem diz Amós, que entravaõ soberba, e arrogantemente na Casa de Israel, elle entrava humilde, e devoto nos Tabernaculos Santos, nos Templos, nas Igrejas, nos Mosteiros, como em lugares de Oraçaõ, e Casas de Deos, em cujas portas considerava escripto o que o mesmo Deos disse: « Temei á vista do meu Sanctuario. » Vio-se, e admirou-se sempre no comportamento deste servo de Deos o espirito de affabilidade para todos. Parecia, que elle tinha sempre attento o ouvido ás vozes da natureza, que estaõ bradando, que o homem naõ tem direito de existir na sociedade, senaõ he humano, e affavel. A quem deixou jamais Fr. Gaspar de mostrar o seu rosto carinhoso? A quem deixou elle de fallar, senaõ com a boca cheia de doçura, e affabilidade, e por isso parecia a sua voz meiga mais agradavel, que a do mesmo Psalterio, sendo sem dúvida esta sua affabilidade, qual fresco orvalho sobre a herva, assim como a ira de outros he, qual bramido do medonho Leaõ.

204 Elle para effeito de ter sempre destruido, e derrubado esse funesto muro de seperaçaõ, que muitas vezes, ain-

ainda nas Corporaçoens Regulares, se levanta entre seus individos; que fez? Ouvia a todos do mesmo modo, e com a mesma paciencia. Era todo para todos, sem jámais injuriar de palavra a alguns de seus subditos, ou estranhos, como fez o Sacerdote Heli á mãi de Samuel. Considerando Fr. Gaspar, que a suavidade ganha os espiritos, e a severidade os irríta, e que muitas vezes póde mais a benevolencia, e brandura, do que o rigor, elle soube maravilhosamente temperar, e ajustar em sua refórma a severidade com a brandura, e a justiça com a misericordia. Lembrado do que se lê no Código Sacro, que o que tem misericordia ensina, e instrúe; e do que recommendou S. Pedro, que se deve apascentar o rebanho naõ com violencia, e imperio, mas com brandura; e tambem do que deixáraõ recommendado os Padres do Concilio Trindentino, que nas molestias espirituaes se deve primeiro usar dos remedios brandos; e depois, se for necessario, dos outros fortes.

205 Verdadeiramente Fr. Gaspar da Incarnaçaõ foi Varaõ de coraçaõ real, e taõ dilatado como o Universo. Elle naõ ignorava, que as grandes perso-

fonagens fem a virtude da humanidade fað eftatuas de pedra collocadas fobre altas columnas, e que Tito Imperador clemente, e humano foi mais digno de elogios, e de imitaçaõ, do que Alexandre Guerreiro, ainda que fizeffe emmudecer a terra na fua prefença, e ainda que cobriffe de victoriofos louros todos os feus paffos. Efta officiofa, amavel, e incantadora virtude da natural affabilidade, de que era dotado Fr. Gafpar, o fazia tambem humilde, pois a humanidade abafa o orgulho, fuavifa as virtudes, e he cheia de candura. Que coraçaõ haverá humano, e affavel, que naõ feja humilde? Ninguem fem injúria poderá dizer que Fr. Gafpar em feu comportamento déffe jamais demonftraçaõ alguma de altivez, orgulho, ou foberba. Sendo elle parente das Peffoas Reaes, filho dos primeiros Titulos da Côrte, e depois de Reitor, e Reformador de huma Univerfidade, Miffionario Apoftolico, Guardiaõ de Varatojò, achando-fe Reformador Pontificio de huma illuftre Congregaçaõ, Privado, e íntimo Amigo do Monarcha, refpeitado, amado, e obfequiado de pequenos, e grandes do Reino; poderiaõ eftas coufas, e ainda

outras de menos consideraçaõ inclinar á vaidade, e á presumpçaõ a outro, que naõ fosse Fr. Gaspar, que tinha lançado firmes alicerces na fundamentavel virtude da humildade, e arreigado profundas raizes no conhecimento do seu nada.

206 He certo que Fr. Gaspar naõ era insensivel, nem estava livre, como homem, dos tiros da elevaçaõ, e altivez, nem dos ventos da vaidade, mas estes naõ abalavaõ a sua profunda humildade. Qual frondosa arvore, que quanto mais se acha carregada de fructo, longe de se elevar, ella mais se abate, e propende para a terra, onde tem as raizes, e nascimento. Naõ se valia Fr. Gaspar de seus emprêgos honoríficos, e valimento com o Principe para se elevar, nem para descarregar nos outros, ainda que offendido, a vara do castigo; antes costumava dizer, que a vingança era infame, e indecorosa a toda a pessoa de bem, e que a soberba era propria de almas pequenas, e de espiritos fracos. Elle amigo naõ só dos virtuosos, mas tambem dos sabios, cuidou efficazmente, que os Alumnos da sua refórma se adiantassem na prática das virtudes, e no estudo da sabedoria interessante em

con-

consideraçaõ de que a ignorancia hè causa dos erros, e que os sabios virtuosos saõ apoio, e firmes columnas da Igreja, e do Estado, e que só a estes he devido o privilegio de se assentarem no congresso dos grandes.

CAPITULO XVII.

Morte, e Enterro do servo de Deos Fr. Gaspar da Incarnaçaõ.

207 TEndo unido em si o servo de Deos P. Fr. Gaspar da Incarnaçaõ a simplicidade da pomba com a astucia da serpente, e continuado a sua refórma naõ com a vara do rigor, mas com espirito de mansidaõ, que he o espirito da Igreja, e de Jesu Christo, elle qual outro filho de Onias, luzindo como a Estrella d'alva no meio das nevoas, e como a Lua cheia, quando chega ao seu maior crescimento, lavrando a si mesmo a estatua com suas virtudes, quando entaõ a descarnada, e pezada maõ da pállida morte, sem elle ter concluido a sua refórma, o accommette nos 67 annos de sua vida, achando-se no Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra na Côrte de

Lisboa. Teve a ſua morte por Precurſora huma grande enfermidade, que elle ſoffreo com heroica conformidade, e paciencia indizivel. Augmentava-ſe mais, e mais a moleſtia, e tambem creſcia mais, e mais a paciencia, e reſignaçaõ com o Divino Beneplacito. Tanto que elle ſe ſentio gravemente enfermo, ſe fortaleceo com os ultimos Sacramentos da Igreja, que pedio. Tambem pedio as preces de ſeus Alumnos aſſiſtentes, a quem amava, como pedaços da ſua alma, dizendo-lhes com palavras ſaudoſas, cheias de paternal ternura, que elle naõ podia viver já mais tempo em ſua companhia, pois que conhecia era chegada a conſummaçaõ de ſeus dias, e o remate da ſua carreira.

208 Eſpalhou-ſe naquelle Moſteiro, e na Côrte o ſuſto da morte proxima do P. Reformador Fr. Gaſpar. Que eſtranha, que melancólica ſcena ſe figuraria neſta occaſiaõ! Os ares eſtariaõ carregados de ſúpplicas; as Oraçoens voariaõ ligeiras ao Céo; as maõs, e os olhos de tantos, a quem incitava o amor, e o agradecimento, ſe levantariaõ ao Pai Eterno, e lhe diriaõ: Deos Omnipotente, de quem vem todo o remedio; Vós, que mandais

dais a ſaûde a Jacob, e que podeis, quando vos parece, mudar a agitaçaõ das ondas em hum profundo ſilencio; ſuſpendei eſſa negra, e medonha tempeſtade, que vem ameaçando ruina á precioſa vida do voſſo fiel ſervo P. Fr. Gaſpar da Incarnaçaõ.

209 Supplicai, gentes, ſupplicai, intercedei, amigos de Deos. Sacerdotes do Senhor, medianeiros entre Deos, e o homem, offerecei o incruento Sacrificio. Sagradas Virgens pedi, pedi, inſtai, jejuai, orai nos voſſos retiros. Congregaçaõ ſanta, levanta-te, faze os ultimos esforços pela vida, e conſervaçaõ do teu illuſtre Reformador, do teu ſingular bemfeitor. Choremos todos a ſua moleſtia, e eſte meſmo pranto ſeja a offerta, que em bem delle enviemos ao Senhor. Mas ai, que parece lhe eſtaõ chegados os ultimos dias! Por mais que ſe ſupplique, elle geme, e os ataques creſcem, e com elles a paciencia mais, e mais, como o ouro, e a prata com o fogo, mais ſe acriſolaõ. Senhor, dai-nos licença para na voſſa preſença fallarmos agora amoroſamente queixoſos: ha de ſubir a Sunamites ao Carmêlo a chamar a Eliſeu a toda a preſſa, e ha de vir eſte reſuſcitar o filho morto;

e Vós, por virtude de quem obrou Eliseu, e todos obraõ, naõ haveis de ostentar agora o vosso podêr? Fazei pois, Senhor, agora, fazei como em Cafarnaum, na Judéa, na Galiléa hum milagre. Dilatai a vida a este vosso zeloso servo, por quem vos supplicaõ naõ só os seus Alumnos, mas ainda os estranhos. Por elle vos tem supplicado, e supplicaõ nas Igrejas, nos Mosteiros, nas casas, nas praças, e nas ruas. Grande Pai das Misericordias, que fizestes sahir a Lazaro morto do sepulchro, sarai o vosso servo Fr. Gaspar; dai-lhe saude, que ainda he menor milagre sarar a quem vive, do que resuscitar a quem estava morto.

210 Mas, Senhor, que incomprehensiveis saõ vossos Juizos! Que investigaveis vossos caminhos! Que infalliveis vossos Decretos! Naõ ha braço, que possa correr o denso véo, que os cobre Nós profundamente os adoramos. Tudo o que obrais he o mais justo. Podeis livremente arruinar as Naçoens, que tendes creado, e ninguem vos póde perguntar a razaõ das vossas Obras. Ha de succeder o que Vós quizerdes. Nós naõ nos devemos admirar, que vosso servo pague o tributo indispensavel de toda a humanida-

de,

de, pois vêmos, como a morte sempre inflexivel, arvorada a fouce tinta no sangue de todos os filhos de Adaõ, vai mostrando por toda a parte a sua jurisdicçaõ, alli murchando Corôas, despedaçando Sceptros, aqui desfazendo Mitras, e Tiaras, quebrando Bagos, despindo Togas, pisando Púrpuras: vêmos, como ella vai descarregando o golpe fatal nos elevados cedros do Líbano, da mesma sorte que nos baixos arbustos da Palestina. Vêmos, como ella sentada em hum cavallo pállido, qual a pinta o vosso Evangelista no seu Apocalypse, seguida de furor, e desesperaçaõ, vai correndo ligeira, armada de arco, e setta, apanhando a todos na sua carreira, sem respeito a valor, a grandeza, a dignidade. Vêmos, como ella tem com ambiciosa maõ cortado da mesma arvore da Real Familia Portugueza ramos sobre ramos. Que muito he logo, Senhor, que esta cruel, e desapiedada morte, que a ninguem respeita, naõ perdôe ao vosso servo? Se as ferventes Preces, e Oraçoens, que por elle se tem feito, e fazem, naõ pódem revogar vossos Decretos, e salvar-lhe a vida, fazendo, que volte atraz essa pavorosa, e funesta aurora;

que,

que vem amanhecendo do dia fatal, ellas pódem fazer, que morra bem, quem bem viveo.

211 Disposto o servo de Deos com os Sacramentos, que por vezes pedio, e recebeo com ternura, e devoçaõ, assistido, e rodeado de Religiosos, e de Ministros Sagrados, a quem tinha mandado chamar com os mesmos ardentes desejos, com que S. Paulo proximo á morte rogou a Timotheo viesse fazer-lhe companhia. Resignado Fr. Gaspar nos Decretos do Altissimo, lhe repetia fervorosas, e amorosas Jaculatorias, quando chegou de Varatojo o Guardiaõ do Seminario. Com cuja visita se banhou de júbilo o servo de Deos. Pedio logo humilde a bençaõ ao Guardiaõ, e hum Habito de esmóla; na sua presença se desapropriou de algumas pobres cousas, que eraõ de seu uso. Continuou a repetir Psalmos, e piedosas Jaculatorias, com as maiores demonstraçoens de penitente, e com a boca cheia de Canticos Celestiaes, qual outro Moysés transportado em amorosos Actos, e Colloquios com Deos, exhalou o ultimo suspiro com morte placida, deixando a todos, os que lhe assistiaõ, na pia crença que a sua alma subio logo a gozar de Deos no Céo.

Mor-

212 Morreo em fim o servo de Deos P. Fr. Gaspar da Incarnaçaõ. Que dôr! Que sentimento? Que saudade haveria depois da sua morte principalmente no Mosteiro de S. Vicente? Ai! Diriaõ magoados os Alumnos da sua Refórma, ai, que morreo o nosso Padre Reformador! Já se apagou a alampada luminosa do nosso Sanctuario. Esta maõ generosa, esta bemfeitora maõ; este braço forte da nossa Congregaçaõ já perdeo todo o seu vigor. Se elle naõ tivesse morte taõ preciosa, quanto naõ deveriamos chorar com irremediavel mágoa? Mas se nós piamente podemos julgar que elle por suas virtudes heroicas foi receber huma corôa, que nunca jamais murchará, propria dos justos, póde ter a nossa magoa huma perfeita consolaçaõ. A piedade, a humildade, a caridade, a paciencia, a bondade, a misericordia, o zêlo da honra de Deos, e da salvaçaõ das almas, foraõ sem dúvida as que grangeáraõ huma preciosa morte ao nosso amavel, e V. P. Fr. Gaspar, fructo, e prova da sua justificada vida.

213 Depois de se lhe fazerem as Exequias com a pompa mais solemne, se enterrou seu veneravel cadaver no mesmo Real Mosteiro de S. Vicente

de

de Fóra, na Capella da Senhora da Incarnaçaõ, que fica no Clauſtro junto ao lugar, onde ſe enterrou o coraçaõ de El-Rei D. JOAÕ V., íntimo Amigo deſte ſervo de Deos. Nós bem podiamos magoados, e ſaudoſos, depois de ſepultado o ſeu cadaver, fazer-lhe eſta falla ſaudoſa, dizendo-lhe: « Fica-te embora metido neſſe monu- » mento ſepulchral, P. Fr. Gaſpar, » que por humilde quizeſte profeſ- » ſar a vida de Frade Menor em Va- » ratojo, mas por tuas virtudes he- » roicas mereceſte ſer illuſtre, e gran- » de Varaõ. Sejaõ as tuas precioſas » cinzas miſturadas com as do Gran- » de Monarcha, de quem foſte ínti- » mo amigo. Se o ſangue, e amizade » vos haviaõ unido em vida, una-vos » tambem a morte. Reſpeite a poſte- » ridade os teus oſſos, aſſim como » Jozias reſpeitou no alto monte os do » Profeta da Samarîa. Ahi meſmo deſ- » cancem em quanto durar o Mun- » do, até que no dia ultimo ſejaõ » levados ao Paraiſo em triunfo. As » virtudes heroicas, que com tan- » to fervor amaſte, e praticaſte, ſen- » tadas junto deſſe teu ſepulchro ſe- » jaõ os ſeus guardas fieis. Sobre tua » luctuoſa campa naõ foi neceſſario

» ſe

» se escrevesse epitafio, que désse a
» entender o nascimento, o emprêgo,
» e qualidades das cinzas, que cobre;
» porque a tua memoria ha de rodar
» com os seculos, sem perder algu-
» ma cousa do seu esplendor; ha de
» voar gloriosa de geraçaõ em gera-
» çaõ, de sorte que o tempo, que
» faz esquecer o nome dos ímpios,
» e que gasta os mesmos mármores,
» naõ poderá arrancar da nossa memo-
» ria, e coraçaõ o teu respeitavel nome
» como de illustre Varaõ, cujas vir-
» tudes preclaras vaõ compendiosa-
» mente escriptas nesta Historia, ain-
» da que com eloquencia fria, e hu-
» milde. Oxalá que a Santa Igreja,
» certa da tua salvaçaõ, annuncíe os
» teus louvores; e que, quando se
» fallar em Fr. Gaspar da Incarnaçaõ,
» se diga: Esse foi o grande servo,
» que em seus dias agradou ao Se-
» nhor. »

214 *Segue-se o Epílogo, e conclusaõ das virtudes do servo de Deos P. Fr. Gaspar da Incarnaçaõ.* Elle achando-se no regaço das delicias, e abundancias do Seculo, amado cordialmente do grande Monarcha Portuguez El-Rei D. Joaõ V., estimado na Côrte, por suas virtudes, de pequenos, e gran-

grandes, elevado á dignidade de Deaõ na Sé Metropolitana de Lisboa; Reitor, e Reformador de huma Universidade; Doutorado em Direito Canonico: proximo a subir naõ só ás primeiras Dignidades, e Mitras de Portugal, mas ao Capêllo de Cardeal; sendo chamado pela voz interior da inspiraçaõ, que se recolhesse a fazer penitencia nos Claustros de S. Francisco, e que se alistasse debaixo das suas bandeiras para fazer vida Evangelica, logo obedeceo á vocaçaõ de Deos. Partio para Varatojo, pedio fervoroso, e humilde o Habito ao Guardiaõ do Seminario, naõ duvidou, a exemplo de seu parente S. Francisco de Borja pisar com animosa planta riquezas, e grandezas do Seculo para seguir a Christo, e fazer vida Evangelica, querendo gostoso trocar o Palacio pela Clausura, a liberdade pela obediencia, as riquezas pela pobreza, os regalos pela mortificaçaõ, as honras pelos desprezos, as Dignidades pela sujeiçaõ, os passeios, e divertimentos joviaes pelos actos, e exercicios da vida regular, as gallas ricas, e a preciosa Púrpura pelo Habito de grosseiro sayal, o Barrete, e Mitra pelo capêllo de Frade Menor, e o lustroso cinto pe-

la aſpera corda de S. Franciſco, cujo Habito tomou em Varatojo, onde viveo ſempre penitente com vida exemplar, edificante, e inculpavel, como Religioſo Reformado, e obſervantiſſimo, guardando com a maior perfeiçaõ naõ ſó a Divina Lei, mas a Regra Evangelica de S. Franciſco, que profeſſou.

215 Elle ſatisfez com zêlo, e inteireza a commiſſaõ de Reformador da Congregaçaõ dos Conegos Regulares Auguſtinianos deſte Reino. Elle promoveo nella com a maior efficacia o aſſeio, limpeza, e eſplendor nos Sagrados Cultos do Altar, a exacçaõ, a devoçaõ, e reverencia, aſſim na recitaçaõ do Officio Divino, como na celebraçaõ da Santa Miſſa, e a obſervancia da Clauſura, que he a alma daquella illuſtre Congregaçaõ. Elle ſe eſcuſou de acceitar Dignidades, e emprêgos honorificos, que lhe offereceo o Monarcha ſeu amigo, e parente, preferindo a vida de Frade pobre, e Menor debaixo da ſujeiçaõ de hum Guardiaõ ás maiores Dignidades do Seculo. Finalmente Fr. Gaſpar tanto dentro, como fóra de Varatojo procedeo ſempre como exemplar, e perfeito Religioſo, ſendo-o ſempre na Refor-

fórma, que por obediencia do Vigario de Christo, e insinuaçaõ Regia se lhe commetteo. Elle sendo Conselheiro fiel do grande Monarcha D. JOAÕ V. conservou-se sempre pobre, e humilde na sua conducta, solícito sempre da propria salvaçaõ, e dos outros em beneficio da Igreja, e do Estado, sem apêgo a cousa alguma do Mundo abaixo de Deos. Elle depois que deixou o Seculo, viveo sempre vestido, e amortalhado com o pobre Hábito de S. Francisco, que jamais deixou, e com elle quiz morrer. Naõ só dentro de Varatojo, e em Portugal foi admirado este illustre Varaõ por sua singular piedade; mas tambem chegou o cheiro de suas heroicas virtudes a Reinos estranhos. Em testemunho dellas mandou de Roma ao servo de Deos o Santo Padre BENEDICTO XIV. huma primorosa escrivaninha marchetada, e adornada de madreperolas, e de ouro toda de tartaruga com as armas do mesmo Santissimo Padre, e hum precioso caliz, que se conservaõ no grande Sanctuario do Real Mosteiro de Santa Cruz. Correspondeo em fim a morte deste servo de Deos á vida, que teve. Viveo santamente, e morreo santamente no Senhor. Ora, como podemos dei-

xar

xar de penſar, que tendo abandonado tudo, e a ſi meſmo eſte illuſtre Varaõ, para ſeguir a Chriſto, e viver Apoſtolicamente no retiro de Varatojo, como podemos deixar de penſar, digo, que elle em premio de ſuas eminentes virtudes naõ foſſe no Céo laureado com a corôa immarceſcivel de eterna gloria, que Deos, juſto Remunerador, coſtuma dar aos ſeus fieis ſervos? Eu penſo, e naõ vacillo, que o ſervo de Deos goza no Céo da fruiçaõ beatífica, mas naõ de outra ſorte o penſo, ſenaõ com pia crença, em quanto o juizo deciſivo da Santa Madre Igreja Romana naõ determinar a veneraçaõ, e culto, que ſe deva dar a eſte ſeu obediente filho, e fiel ſervo.

CAPITULO XVIII.

Vida do V. D. Fr. Joaõ do Naſcimento, Miſſionario de Varatojo, e Biſpo da Ilha da Madeira, e do Porto Santo.

216 A 6 de Novembro de 1753 terminou a carreira de ſua vida mortal no oſculo do Senhor, cheio de dias, e merecimentos, dentro do Paço Epiſco-

copal do Funchal, o Excellentissimo, e Reverendissimo D. Fr. Joaõ do Nascimento illustre, e Veneravel Prelado daquella Ilha, e benemerito Filho do Seminario de Varatojo. Lisboa lhe deo o berço, Varatojo o Noviciado, e a criaçaõ de Religioso Missionario, e Funchal o tumulo. Nasceo dentro do Castello de Lisboa Metrópole de Portugal, nas casas de seus pais. Era filho legitimo de Ignacio de Mira Solteiro, Capitaõ de cavallos do Terço do Duque do Cadaval, e de sua mulher veneravel matrona D. Garcia Ferreira d'Affonseca ambos de qualificada nobreza, e Senhores do Morgado da Torre da Giesteira, termo da Villa de Monte-Mór o Novo na Provincia de Alemtejo. Era Joaõ Marques d'Affonseca, assim se chamava no Seculo, nobre por parte de pai, e mãi, mas as suas virtudes, de que vamos a escrever, ainda o ennobrecêraõ mais. Concorreo grandemente para ellas a feliz sorte de ter virtuosos pais. Estes cuidáraõ solícitos em educar a seu filho logo desde o berço, e desde seus tenros annos no santo temor de Deos, no amor á virtude, e piedade, no exercicio da Oraçaõ Mental, na cordial devoçaõ á Santissima Virgem Mãi

de

de Deos, na leitura de livros piedosos, e na frequencia da Confissaõ, e Communhaõ com devota preparaçaõ. Que excellente educaçaõ! Oh se fosse imitada pelos grandes das Côrtes! Que utilidades viriaõ á Igreja, e ao Estado.

217 Instruido Joaõ Marques sufficientemente em humanidades na Côrte debaixo das vistas de seus pais, foi depois mandado por elles para a Universidade de Coimbra. Lembrados elles de que o exemplo das más companhias he a peste da innocencia, e a perdiçaõ da mocidade, e que nos claustros se aprendem as virtudes, e se conservaõ mais facilmente os bons costumes, solicitáraõ para seu filho aposentadoria no Collegio da Santissima Trindade da mesma Cidade. Foi neste Collegio porcionista Joaõ Marques. A sua conducta, o seu raro talento, a sua assidua applicaçaõ aos estudos fez, que elle venturosamente se distinguisse entre seus Companheiros. Fez actos grandes, e se doutorou em Cánones com louvor, e approvaçaõ dos Mestres.

218 Quando Joaõ Marques d'Affonseca se achava com dous annos de Oppositor ás Cadeiras da Universidade, o lisonjeava o Mundo naõ só com o

facil accenso ás mesmas Cadeiras, se naõ tambem á dignidade de Mestre-Escóla d'Evora pela Renúncia de seu Tio, que queria a seu sobrinho Joaõ Marques para futuro successor na sua Cadeira, entaõ foi que Deos o chamou para Varatojo. Offerecêraõ-se-lhe grandes difficuldades para deixar o Seculo. Combateo a Graça, e a natureza, venceo aquella. Deixou Joaõ Marques Coimbra, partio para Varatojo guiado pela vocaçaõ de Deos. A origem da vocaçaõ do Doutor Joaõ Marques d'Affonseca foi a santa palavra de Deos prégada em Coimbra pelo insigne, e memoravel Missionario Fr. Paulo de S. Tereza, de quem acima deixamos feita honorífica memoria. Acceito em Varatojo o Doutor Joaõ Marques d'Affonseca, tomou cheio de júbilo o santo Habito do Seminario com a maior satisfaçaõ do Prelado, e de toda a Communidade a 7 de Maio de 1713, e ainda com maior júbilo de seu espirito, e muito maior satisfaçaõ da Communidade professou solemnemente o anno seguinte no mesmo mez a vida do Seminario.

219 Fr. Joaõ do Nascimento (foi este o nome, que escolheo em sua profissaõ) de tal sorte aproveitou nas virtu-

tudes, tanto cultivou, e aperfeiçoou os ſeus talentos, e eſpecialmente nos eſtudos tendentes aos ſagrados miniſterios do Pulpito, e Confeſſionario, que poucos annos depois de profeſſo foi inſtituido Confeſſor, e Prégador Miſſionario, emprêgos, que exercitou dignamente. Nas muitas terras da maior parte do Reino em que miſſionou, fez ſempre admiraveis fructos nas almas innumeraveis, que illuminou, inſtruio, dirigio, e converteo á Graça de Deos. Era de todos ouvido, como Varaõ verdadeiramente Apoſtolico, e homem de Deos. Tambem prégou em Coimbra com admiraçaõ dos Meſtres na ſegunda Miſſaõ, que alli fez Fr. Paulo de S. Tereza, ao qual tambem acompanhou na Miſſaõ da Guarda, e de outras terras do Reino, colhendo ſempre abundantes fructos da ſementeira Evangelica.

220 Poucos annos depois entrou Fr. Joaõ do Naſcimento com a Miſſaõ no Biſpado de Leiria, levando por Companheiro ao fervoroſo, e inſigne Miſſionario Fr. Manoel de Deos, reputado no ſeu tempo, como clarim animado, e trombeta do Evangelho, do qual tambem acima fizemos honorífica mençaõ. Neſte Biſpado fez Fr. Joaõ,

e ſeu Companheiro aquella memoravel, e fructuoſiſſima Miſſaõ, cujos maravilhoſos effeitos na refórma, quaſi geral dos coſtumes, e eſtabelecimento da Oraçaõ Mental em público, e outros exercicios de piedade, ſe tem viſto, e admirado depois de ſeſſenta annos. Foi eſta eſtrondoſa Miſſaõ de Leiria no anno de 1725. Miſſionando eu no meſmo Biſpado no anno de 1793, encontrei muitas peſſoas, que por effeito daquella Miſſaõ ſe conſerváraõ depois della ſem culpa grave. Ouvi com goſto dizer mais de huma vez achando-me na cadeira do Confeſſionario: Padre, graças a Deos, que depois que ouvi prégar neſte Biſpado ha mais de ſeſſenta annos a Fr. Joaõ do Naſcimento, e a Fr. Manoel de Deos, ainda naõ commetti peccado mortal, naõ tornei a praguejar, nem a jurar, &c.

221 Quando Fr. Gaſpar da Incarnaçaõ, ſendo Guardiaõ do Seminario, foi mandado por Ordem Regia, e preceito do Santiſſimo Padre, que neſſe tempo governava a Igreja Univerſal, ſahir de Varatojo para Reformador dos Conegos Regulares da Congregaçaõ de S. Agoſtinho, ficou Fr. Joaõ do Naſcimento governando o Seminario, como Preſidente delle, com grande ſatis-

tisfaçaõ, e consolaçaõ de todos os Religiosos do Seminario pela extremosa caridade, e affecto com que os tratava. No anno de 1734 foi canonicamente eleito Guardiaõ do Seminario, que governou com tranquillidade sem espirito de novidade, e edificando com suas palavras, e exemplos aos Religiosos, aos quaes tratava mais, como a irmaõs, e filhos, do que como a subditos, sem jamais se conhecer nelle espirito de elevaçaõ, e superioridade. Dizia que para o Religioso ser bom Guardiaõ havia de entender, que o naõ era, maxima, que sempre elle praticava; pois quando punha preceito, era com tal modo, que parecia obedecia aos mesmos, que mandava. Tinha dom de conselho, e de Oraçaõ. Zelou sempre acerrimo a observancia mais estreita da Regra Seraphica, e as Leis municipaes do Seminario. Sendo elle Guardiaõ determinou, que os Missionarios antes de sahirem para Missaõ se prevenissem com dez dias de exercicios espirituaes em retiro, a fim de alcançarem luzes de Deos para dignamente exercitarem o ministerio Apostolico da santa palavra de Deos.

222 Lembrado o servo de Deos, que a liçaõ espiritual he companheira

da Oraçaõ, tinha por costume lêr cada dia no Seminario hum Capitulo dos exercicios de perfeiçaõ do V. P. Affonso Rodrigues, e ordenou, que este livro se lêsse á noite no Refeitorio de Varatojo. Foi Guardiaõ em tempo que havia pela muita pobreza falta de esmólas pecuniarias para Varatojo, Seminario, que tendo muitos gastos, naõ tem outras rendas, senaõ as da Providencia Divina. Mas a caridade extremosa, que este memoravel Prelado praticava com o proximo, e hospedes, movia os coraçoens dos que podiaõ soccorrer as necessidades do Seminario. Nelle será sempre memoravel este servo de Deos, que tanto em Prelado, como em Religioso particular com sua prudencia, zêlo, caridade, e observancia regular, edificou sempre a domesticos, e estranhos.

223 Tendo El-Rei D. JOAÕ V. conhecimento do talento, prudencia, virtudes, e espirito de Fr. Joaõ do Nascimento, o nomeou para a Mitra do Funchal em 7 de Novembro de 1740. Logo, que o servo de Deos recebeo o Regio aviso pela Secretaria d'Estado foi beijar a maõ ao Monarcha, e representar humilde a sua escusa, supplicando-lhe com mais lagrimas, que

pa-

palavras o alliviasse de huma Dignidade, para que elle naõ tinha hombros. Naõ lhe acceitou o Monarcha a escusa. Resignado elle na vontade do mesmo Senhor, foi confirmado Bispo do Funchal pelo Santissimo Padre Benedicto XIV. a 5 de Janeiro de 1741, e sagrado a 5 de Março do mesmo anno na Santa Basilica Patriarchal pelo Eminentissimo Cardeal D. Thomás de Almeida, primeiro Patriarcha de Lisboa, com assistencia do Excellentissimo Senhor Arcebispo de Lacedemonia, e do Excellentissimo D. Fr. Valerio do Sacramento, Bispo de Angra.

224 Embarcou-se D. Fr. Joaõ do Nascimento na barra de Lisboa a 24 de Agosto do mesmo anno, e já a 4 de Setembro se achava no porto do Funchal. Parece que os ventos respeitavaõ as virtudes deste Veneravel Prelado para cruzar os mares com taõ bom successo; pois fez felizmente a sua viagem em sete dias. Lembrado de que os claustros das Corporaçoens Regulares saõ asylos de piedade, e escólas de Oraçaõ, buscou logo o Convento de S. Francisco da mesma Cidade, onde se foi hospedar para pedir Oraçoens áquelles Religiosos. Do mesmo Convento sahio processionalmente para a

sua

ſua Cathedral a 17 do meſmo Setembro. Depois ſe recolheo ao Paço da ſua reſidencia, onde logo ordenou huma providente Paſtoral, que dentro de pouco tempo fez publicar para refórma dos coſtumes, extirpaçaõ de abuſos, reſtauraçaõ, perfeiçaõ, e eſplendor do Culto Divino em todo o ſeu Biſpado. Tambem paſſou outra Paſtoral particular para o ſeu Cabido, e Miniſtros da Sé; e outras pelo tempo adiante ſegundo a occurrencia das neceſſidades.

225 Levou comſigo de Varatojo dous Operarios Evangelicos para miſſionarem todo o ſeu Biſpado. Foraõ eſtes Fr. Lourenço de S. Maria, e Fr. Joaõ do Sacramento; os quaes até o mez de Maio de 1743, que ſe recolhêraõ a Varatojo, miſſionáraõ todas as Freguezias da Ilha da Madeira, e Porto Santo, com maravilhoſos fructos de converſoens innumeraveis, que fizeraõ nas almas em toda a parte, onde chegáraõ com a ſementeira Evangelica. Viſitou peſſoalmente o zeloſo Prelado todas as Freguezias das Ilhas pertencentes ao ſeu Biſpado, e continuou pelo tempo adiante a mandar-lhes ſempre Viſitadores eſcolhidos, cheios de zêlo, prudencia, caridade, e inteitei-

teireza de espirito. Em algumas implicancias, e opposiçoens, que experimentou no seu governo sobre a jurisdicçaõ Episcopal, procurou em sua defeza observar, e mostrar as disposiçoens de direito roboradas, e acompanhadas de arbitrios taõ judiciosos, e prudentes, que sempre por conclusaõ vinha a conciliar os animos adversos, reduzindo-os ao conhecimento da razaõ, verdade, e justiça.

226 Poz todo o estudo, e efficacia em fazer observar a disciplina regular, e vida commum em dous Conventos da sua jurisdicçaõ ordinaria. Aos quaes visitava, e cuidava solícito, que fossem provídos em suas necessidades para sua subsistencia, e perfeita observancia das Regras, e Estatutos da sua fundaçaõ, e profissaõ. Tambem pelo modo possivel fazia seguir a vida commum, e os actos regulares em hum Recolhimento de certo número de mulhéres, e matronas virtuosas intitulado do *Senhor Jesus*, cujas necessidades soccorria com affecto paternal. As demonstraçoens paternaes, attenciosas, e politicas, que com todos usava este grande Prelado, o fez acceito, amavel, e respeitado naõ só do seu Clero, mas dos Magistrados, Nobreza,

e

e Póvo; e por efte fuave, e prudente meio fez felizmente ceffar as controverfias de alguns do governo civil, com que fe perturbava a paz pública. E juntamente fez congraffar algumas familias graves, que fendo bem conjunctas pelo parentefco, viviaõ em odio, e feparaçaõ de amizade. O mefmo zelofo Prelado fazendo a eftes depois de congraffados pública, e honrofa demonftraçaõ de louvor, os conftituia por efte modo, naõ fó a ficarem-lhe obrigados, mas firmes entre fi na mefma amigavel politica, e Chriftã correfpondencia, que pedia fua aliança, e Chriftandade.

227 No provimento dos Beneficios, efcolhia fempre os Sujeitos mais dignos, e de maiores merecimentos, affim em fciencia, como em virtudes, e que pudeffem fer mais uteis á Igreja, fem jamais faltar ao direito, e juftiça dos Oppofitores. Era parco com a fua peffoa, e familia. Tudo o que reftava da fua cóngrua Epifcopal, o diftribuia pelas neceffidades affim públicas, como particulares, de que fe mandava informar. Tambem contribuio liberalmente para muitas obras do Culto Divino, entre as quaes fervirá de eterno monumento o Templo da *Senhora*

do

do Monte, Padroeira daquelha Ilha, que mandou reedificar com architectura moderna, de quem foi Juiz em quanto viveo. Instituio huma Capellanía perpetua de Missa quotidiana no Convento das Religiosas da *Senhora da Incarnaçaõ* com sessenta mil reis de salario para o Capellaõ, em grande beneficio daquella Communidade, e do público.

228 Por intervençaõ deste zeloso Prelado concedeo El-Rei D. Joaõ V. sufficiente sustentaçaõ aos Collegiaes do Seminario do seu Bispado. Augmentou Ordenados para os cargos de Provisor, e Vigario Geral, e as côngruas ordinarias dos Beneficiados de cinco Collegiadas, que ha na dita Ilha. Criou tambem de novo cinco Curatos para cinco Parochias do Bispado. Ficando seu Paço Episcopal arruinado, e muitas Igrejas daquella Ilha por causa do terremoto, que nella houve no anno de 1748, supplicou o zeloso Prelado para effeito de seu reparo ao piedoso, e Fidelissimo Monarcha D. Joaõ V. o ajudasse com alguma esmóla. O mesmo magnanimo, e generoso Monarcha sem outras informaçoens, que a simples representaçaõ do Prelado, lhe mandou logo reedificar todas as Igrejas,

e fazer de novo o Paço Epiſcopal ſegundo a direcçaõ do meſmo Prelado para ſua cómmoda reſidencia, e dos Prelados ſeus ſucceſſores.

229 Por Ordem do Soberano em Carta de 5 de Maio de 1747, que recebeo no Funchal, tomou tambem ſobre ſeus hombros o governo politico daquella Ilha, que lhe entregou o actual Governador, e Capitaõ General, que entaõ era Franciſco Pedro de Mendonça Gorjaõ, ficando o Biſpo com o meſmo podêr, e Alçada, que competia ao Governador na fórma da referida Ordem Regia, que ſe regiſtou nas partes onde tocava, cujo governo teve princípio logo, e continuou por tempo de quatro annos, e tres mezes, governando o eſpiritual, e o temporal juntamente. Que utilidades ſe ſeguíraõ á Igreja, e ao Eſtado naquella Ilha no tempo, que nella governou eſte Prelado juſto, ſendo ao meſmo tempo Moyſés, e Joſué! Elle ſem leſar, nem offender os direitos do Imperio, e do Sacerdocio no ſeu juſto, e feliz governo, ſempre fez, que ſe déſſe a Deos o que he devido a Deos, e a Ceſar o que pertence a Ceſar, ſatisfazendo com a maior inteireza, e zêlo as obrigaçoens de hum, e outro go-

ver-

verno em beneficio da Igreja, e do Eſtado.

230 Fez obſervar com efficacia, e promptidaõ a diſciplina Militar em fórma, que naõ padeceſſe detrimento o Eſtado, e Real ſerviço, mas antes lhe reſultaſſe utilidade. Mandou reparar algumas Fortalezas, e provê-las de muniçoens, e petrechos neceſſarios para uſo de artilheria. Tambem mandou edificar de novo huma Fortaleza no diſtricto da Villa de Santa Cruz, a que deo o nome de *S. Franciſco*. Lembrado da ſentença, ou maxima de S. Agoſtinho, que diz ſe convertem os Reinos em latrocinios faltando nelles a juſtiça, e que eſta virtude primeira das Moraes he o freio, que contém a pequenos, e a grandes para naõ faltarem a ſeus deveres; elle na pontual execuçaõ della deo tambem neſta parte conhecidas, e claras provas do ſeu zêlo em beneficio da Igreja, e do Eſtado.

231 Sendo informado dos procedimentos abſolutos de alguns Juizes ordinarios na oppreſſaõ das Partes, e dos muitos exceſſos obrados por alguns Poderoſos com ſeus iguaes, e inferiores, lhe applicou prompto, e efficaz remedio mandando prender alguns delles,

e metê-los em Cadêas, e Torres con-
fórme as qualidades das pessoas, e cul-
pas, dando-lhes exemplar castigo por
terem perseverado em seus crimes, e
despotismos, depois de serem adverti-
dos caritativa, e paternalmente pelo
justo Prelado para que se emendassem
delles. Que admiravel providencia esta
para se evitarem infinitos males da I-
greja, e do Estado, e as offensas de
Deos! Levantou na dita Ilha por Or-
dem Regia duzentos Soldados para soc-
corro da Conquista de Angóla, que
alli foi receber em huma náo no an-
no de 1748 o Excellentissimo Conde
de Lavradío, como Governador des-
tinado para aquelle Reino. Por outra
Ordem Regia fez transportar varios ca-
saes de pessoas aptas para irem povoar
na America novas colonias, que se lhes
destinassem pelo Governador do Rio
de Janeiro para onde foraõ remettidas.
Nos póstos Militares assim pagos, co-
mo da Ordenança propoz ao Monar-
cha os Sujeitos mais benemeritos, e
mais aptos para o Real serviço. Tam-
bem proveo os póstos, e emprêgos su-
balternos, que cabiaõ na jurisdicçaõ
do seu governo em pessoa, que julgou
merecedor delles. Por este comporta-
mento, e espirito de verdade, de de-
sin-

interesse, de rectidaõ, de zêlo, e de justiça junta com a misericordia se conduzio sempre este illustre, e grande Prelado no governo politico até o entregar ao Excellentissimo Conde de S. Miguel, Alvaro Xavier Botelho, que tomou posse daquelle governo a 22 de Agosto de 1751.

232 Tendo D. Fr. Joaõ do Nascimento dignamente satisfeito ás obrigaçoens de Pastor vigilante no seu Bispado, e de Governador justo, quiz Deos, que elle puzesse termo ás suas fadigas por causa de huma enfermidade, que lhe sobreveio. A 19 de Dezembro de 1751 foi o servo de Deos fortemente accommettido de huma paralysia, ficando leso do braço, e perna esquerda, ainda que em seu inteiro, e perfeito juizo. Julgáraõ os Medicos, que o unico remedio para aquella queixa eraõ os banhos das Caldas da Rainha em Portugal. Sentia vivamente o zeloso, e santo Prelado, que houvesse causa para arrancá-lo dos braços da sua Esposa. Porém houve de condescender nesta parte naõ só com o parecer dos Medicos, mas com o conselho de pessoas illuminadas, e tementes a Deos, que todos julgáraõ ser de indispensavel necessidade, e vontade de Deos o tran-

transſito ao Reino. Deo elle logo parte ao Monarcha, e ao ſeu Metropolitano o Em.mo Senhor Cardeal Patriarcha. Eſcreveo tambem ao Guardiaõ do Seminario de Varatojo, dizendo-lhe, que effeituando-ſe o regreſſo ao Reino, a que era obrigado pelos Medicos, e por outras peſſoas, que ſó intereſſavaõ a honra, e gloria de Deos, elle teria grande conſolaçaõ acabar ſeus dias na enfermaria de Varatojo. Tal era o cordial affecto que ſempre conſervou ao Seminario, onde foi criado; e delle ſe lembrava do ſeu Biſpado, ſoccorrendo annualmente com a eſmóla de cincoenta mil reis; além de huma fonte, que mandou fazer junto da horta do meſmo Seminario; na qual ſe conſerva em marmore huma inſcripçaõ do anno em que foi feita, e do bemfeitor que a mandou fazer.

233 Naõ teve effeito o tranſito do Prelado enfermo ao Reino por cauſa da grande debilidade, que lhe ſobreveio, e o impoſſibilitou para o embarque. Augmentou-ſe-lhe mais, e mais a moleſtia, e lhe hiaõ faltando as forças corporaes, ainda que as do eſpirito ſempre ſe lhe conheciaõ vigoroſas pela paz inalteravel, que ſe lhe admirava. Eſtava a carne enferma, e

o

o espirito sempre prompto para os louvores de Deos, que se lhe ouviaõ por meio de amorosos Colloquios, e incendidas Jaculatorias tiradas principalmente dos Psalmos de David. No tempo proximo á sua morte teve perfeitissima advertencia, e conhecimento della. Pedio os ultimos Sacramentos, que recebeo com a mais terna, e edificante disposiçaõ. Depois de recebidos os Sacramentos da Confissaõ, Communhaõ, e Extrema-Unçaõ entregou placidamente o espirito ao Creador com signaes naõ equívocos de que sua alma subíra logo ao Céo para receber o premio, que Christo, Principe dos Pastores, costuma dar a seus Vigarios fieis, e zelosos.

234 No Paço Episcopal do Funchal, Cidade capital daquella Ilha, onde morreo o V. Prelado D. Fr. Joaõ do Nascimento, se lhe fez o Officio de corpo presente pela Communidade dos Religiosos de S. Francisco, com assistencia do Reverendo Cabido capitularmente congregado, e Clero da Cidade. Depois foi o cadaver em Procissaõ acompanhado do illustre Cabido, Religiosos, Nobreza, e Clero, para a Sé, onde se lhe deo sepultura honorífica, como de Prelado santo,

to, junto aos degráos no meio da Capella Mór. Passado pouco tempo do fallecimento deste exemplarissimo Prelado, lhe fez o Cabido na Sé solemnissimas Exequias, com a assistencia das Communidades, Nobreza, e Clero Regular, e Secular, tanto da Cidade, como das suas visinhanças. Foi Celebrante o R. Arcediago Manoel Gomes da Silva, e Orador o R. Deaõ Antonio Monteiro de Miranda, o qual, ainda que em epílogo, fez patentes as virtudes heroicas, e memoraveis acçoens do Prelado defunto, cujo moderado espólio mandou o R. Cabido distribuir em esmólas, Missas, e outras obras de piedade.

235 O que se tem dito deste V. Prelado depois que entrou no seu Bispado, foi na maior parte extrahido de huma succinta relaçaõ, que a repetidas instancias dos Prelados de Varatojo mandou daquella Ilha o R. Beneficiado Manoel Alvarez da Silva, Secretario que por algum tempo tinha sido do mesmo V. Prelado D. Fr. Joaõ do Nascimento. A qual relaçaõ foi tirada da Chronica dos Bispos do Funchal, cuja cópia se conserva no archivo de Varatojo. As virtudes deste illustre Varaõ, e grande Prelado, tanto

to no eſtado de Miſſionario, como de Biſpo, e ainda de Governador político, que ſe lhe conhecêraõ, e admiráraõ, no fervor, e ardente zêlo da converſaõ das almas em muitas fructuoſiſſimas Miſſoens que fez, no ſolícito, e vigilante cuidado paſtoral com as ſuas ovelhas, na moderaçaõ, e exemplo de ſua peſſoa, e familiares de ſeu Paço Epiſcopal, que converteo em Seminario, e Eſcóla de bons coſtumes, e em fim no eſpirito com que ſe conduzio em ſeu Epiſcopado em ſeguir ſempre as piſadas dos Apoſtolos, e dos Biſpos da primitiva, lhe merecêraõ naõ ſó em Varatojo, mas no Funchal o nome de Religioſo, e Miſſionario juſto, de Biſpo ſanto, de idéa, e exemplar de Prelados. Que felicidade para os póvos, para a Igreja, e para o Eſtado, haver Biſpos, e Governadores com caracter de Juſtos, e Santos! Taes qualidades adornáraõ o Heróe D. Fr. Joaõ do Naſcimento de quem acabo de eſcrever. Morreo com 40 annos de Varatojo, e 13 de Biſpo.

CAPITULO XIX.

Vida, e Virtudes do V. P. Fr. Affonso dos Prazeres, Missionario Apostolico do Seminario de Varatojo no tempo que viveo Religioso de S. Bento.

236 AOs 22 dias do mez de Agosto de 1759 falleceo com morte de Justo no Seminario de Varatojo o V. P. Fr. Affonso dos Prazeres, benemerito filho do mesmo Seminario, e Missionario Apostolico de zêlo infatigavel. Foi filho de Jorge Furtado de Mendonça, e de sua mulher D. Anna Luiza Hohemlohe, Viscondes de Barbacêna, e ella tambem Condessa, filha de Luís Gustavo de Hohemlohe, Principe do Sagrado Imperio Romano em Alemanha no circulo de Franconia, e de Anna Barbara de Schomborne, do mesmo Imperio. E por seus Avôs maternos era Fr. Affonso parente da Rainha D. MARIA SOFFIA DE NEUBURGO, segunda Mulher de El-Rei D. PEDRO II., e tambem tinha estreito parentesco com o Cardeal Schomborne, com o Bispo Principe de Bamberga, primei-

meiro Miniſtro do Imperador CARLOS VII., e com Franciſco Jorge de Schomborne, Arcebiſpo Eleitor de Tréveris, todos tres irmaõs Principes do Sacro Romano Imperio, e bem conhecidos no ſeculo paſſado.

237 Era Fr. Affonſo pela parte paterna neto do famoſo General Affonſo Furtado de Mendonça, taõ célebre no valor, e acçoens Militares, que chegou o éco deſtas aos Reinos eſtranhos. De tal ſorte que o Gram Duque de Fiorença COSME III. mandou pedir o ſeu retrato para o collocar na ſua galaria entre os Varoens mais illuſtres de toda a Europa. Naõ ſó a nobreza de hum, e outro lado fez illuſtre a Fr. Affonſo, mas tambem podemos dizer que o ſeu naſcimento foi milagroſo, e venturoſo fructo de Oraçoens, pois tendo vivido os Viſcondes tres annos com alguma deſconſolaçaõ, por lhes faltar ſucceſſaõ á ſua illuſtre Caſa, a Condeſſa, que ſummamente, e com ancia a deſejava, recorreo a Deos com fervoroſas rogativas, pedindo-lhe por interceſſaõ do glorioſo Apoſtolo do Oriente S. Franciſco Xavier hum filho, que foſſe tal como elle. A Condeſſa piedoſa, que ſoube ajuntar ao eſplendor do ſangue

o

o heroico de ſuas virtudes, mereceo a Deos o deſpacho de ſua petiçaõ. E aſſim a 28 de Novembro de 1690, dia dedicado ao grande Miſſionario, e grande Santo S. Jácome da Marca da Ordem de S. Franciſco, deo á luz hum filho, com o qual obrou logo o Santo Xavier hum evidente milagre, pois naſcendo o menino ſem dar algum ſignal de vivo, extincta a reſpiraçaõ, clamou a mãi pelo Santo, e applicando-ſe ao menino huma Reliquia do meſmo Santo, que anda morgado na caſa de Barbacêna, logo o menino enxugou as lagrimas de ſeus piedoſos pais moſtrando-ſe reſtituido á vida.

238 Neſte meſmo dia em que naſceo o menino Affonſo, ſe obſervou com aſſombro, e admiraçaõ, que na Ermida da Quinta, que os Viſcondes tem em Sacavem, ſe repicou o ſino ſem cooperacaõ de creatura humana. O Feitor cheio de paſmo pelo que tinha ouvido com outras muitas peſſoas, que preſenceáraõ o prodigio, logo que teve noticia do feliz parto da Condeſſa, ſua Ama a noticiou do que tinha ſuccedido, tendo todos iſto por hum grande preſagio das virtudes, e acçoens glorioſas, que havia de obrar o recemnaſcido. Póde gloriar-ſe a Villa, e praça

ça de Penamacôr de dar o berço, e por ſer patria de taõ illuſtre Varaõ. Reſidia entaõ neſta praça ſeu pai governando as Armas da Beira. Foi baptizado Affonſo na Igreja Matriz da meſma Villa a 27 de Dezembro do ſobredito anno pelo Illuſtriſſimo D. Fr. Luís da Silva, Biſpo da Guarda, que depois foi Arcebiſpo d'Evora. Veſtio neſſe dia a Condeſſa doze pobres, que fizeraõ o acompanhamento do baptizado devotamente plauſivel, exemplar, e piedoſo. Puſeraõ-lhe no Baptiſmo o nome de Affonſo em memoria de ſeu avô paterno, e o ſobrenome de Franciſco em obſequio de ſeu protector S. Franciſco Xavier. Naſcêraõ com Affonſo as inclinaçoens á piedade, pois aos trinta dias depois de naſcido, chegando-lhe a Ama huma Imagem de S. Bento, e dizendo-lhe a beijaſſe, moveo o innocente os labios, e a oſculou: contando iſto aos pais a dita Ama, repetio o menino na ſua preſença com admiraçaõ de todos a meſma piedoſa acçaõ.

239 Tambem ſe notou, que em dous dias da ſemana, a ſaber, Quartas, e Sextas naõ tomava o peito, prodigio, que tambem ſe tinha obſervado, e admirado nos Glorioſos S.

Ni-

Nicoláo, Biſpo de Mira, e em S. Gonçalo d'Amarante. E quem póde duvidar, que foi iſto feliz annúncio da grande ſantidade deſte menino no decurſo de ſua vida? Os brincos, e divertimentos de Affonſo em ſua infancia, e puericia eraõ ſempre innocentes, e piedoſos, como fazer Altares, ornamentos para Igrejas, prégar, e cantar, como Eccleſiaſtico no Côro, e outras acçoens piedoſas. O remedio para o acalentarem na Igreja era trazerem-lhe hum amicto, e pôr-lho na maõ, o qual elle punha ao peſcoço, como eſtola, ficando aſſim conrente, e ſocegado. Tendo tres annos de idade já ſabia perfeitamente a Doutrina Chriſtã. Neſta idade veſtindo-lhe ſeus pais a roupêta da Companhia em louvor do Santo Xavier, hia o menino Affonſo com huma cana na maõ levando muitas contas, e veronicas, que lhe dava ſua mãi, e convocando outros meninos, lhes perguntava a Doutrina, repartindo com os que reſpondiaõ melhor as contas, e veronicas, e inſtruindo-os nella com fervor maior, que o de ſeus annos.

240 Sendo de idade de cinco annos dormindo com ſeu irmaõ Luís, o deſpertou, dizendo-lhe, reza pela alma

ma de minha Ama, que he morta. Refpondeo-lhe o irmaõ, que dormiffe, que o que dizia era fonho. Tornando depois a defpertar Affonfo, repetio as mefmas palavras accrefcentando: hoje foi minha Ama enterrada na Ermida de S. Francifco. Tiveraõ todos efte dito por defvarío da imaginaçaõ do menino Affonfo, mas pouco depois fe foube era verdade o que fe julgou fonho. Fizeraõ-fe muitos difcurfos fobre a revelaçaõ defte cafo acontecido em parte remota, da qual naõ podia humananamente chegar a noticia taõ breve. Na idade de feis annos fendo conduzido á Côrte, fervio no Paço affiftindo ao Principe D. Joaõ com o qual fe divertia, e entretinha inftruindo-o no manejo das armas, e exercicios Militares pelo que tinha vifto, e obfervado aos Soldados na praça de Penamacôr. Vendo El-Rei D. Pedro II. ao menino Affonfo, lhe deo hum fignal diftincto, e honrofo, recommendando-lhe differfe a feu pai da fua parte, que lhe affentaffe praça. Mas, como a idade de Affonfo era tenra, teve feu pai por galantaria a recommendaçaõ do Monarcha, e fe defcuidou della. Indo porém poucos dias depois o General Jorge Furtado á prefen-

ſença d'El-Rei, lhe perguntou eſte ſe Affonſo ſeu filho tinha já aſſentado praça. Reſpondeo-lhe o General, que naõ; mandou-lhe o Rei, que logo aſſentaſſe praça a ſeu filho, a peſar da ſua tenra idade. O que ſe executou a 30 de Junho de 1697 na Provincia da Beira, onde ſeu pai era General.

241 Começou Affonço Franciſco Furtado de Mendonça Caſtro do Rio (era eſte o nome do ſervo de Deos Fr. Affonſo no ſeculo) na tenra idade da ſua puericia a exercitar as obrigaçoens de Soldado, Cabo d'eſquadra, e Sargento, e teve tambem o exercicio, e humildade de ir buſcar na ſua alabarda a carne ao açougue para o ſeu Capitaõ. Paſſando ſeu pai ao emprêgo de General da Artilheria na Provincia de Alemtejo, fizeraõ Alferes a Affonſo Franciſco, o qual ſucceſſivamente teve os emprêgos, e póſtos ſeguintes: Capitaõ, Meſtre de Campo do Terço velho do Reino do Algarve, Coronel do Regimento de Infantaria d'Elvas, Brigadeiro, e ultimamente Sargento Mór de Batalhas por patente, que ſe lhe paſſou em 7 de Maio de 1711, tendo de idade vinte annos, ſeis mezes, e vinte hum dias. Exercitou eſtes póſtos com valor, e gloria Mili-

litar. Achou-se na praça de Portalégre, quando depois de sitiada, e rendida a praça pelo Exercito Hespanhol, sendo levado prisioneiro a Castella, ainda ahi mesmo mostrou, que era Fidalgo valoroso Portuguez, porque jamais, nem as razoens, nem o exemplo pudérao mover a Affonso Francisco, a que beijasse a mao a El-Rei de Castella FILIPPE V., que se achou no sitio da dita praça.

242 Voltando de Castella Affonso Francisco Furtado, se encorporou logo no Exercito Portuguez, e se achou em grandes emprezas, como forao o sitio, e tomada de Valença, de Alcántara, de Albuquerque, e no sitio de Badajôz, como tambem nas conquistas de Xares, Alcouchel, Barcarrota, e outras muitas Villas, e Lugares de Castella, que se rendêrao ao valor Portuguez, ainda que inferior em forças. Deos, que destinava a Affonso Francisco para emprezas, e conquistas mais gloriosas, o auxiliou, livrando-o sempre com seu Braço, e Mao invisivel de muitos, e evidentes perigos, como forao chuveiros de bálas, de que se vio coberto, e o precipicio de hum caudaloso rio, em que esteve no manifesto risco de ficar submer-

mergido, e ſepultado em ſuas aguas. Teve ſempre de Soldado o valor, a honra, e o trabalho, mas naõ a ſoltura de coſtumes vicioſos: pois em toda a parte com ſua conducta exemplar, e modeſta deo teſtemunho da ſua virtude, e Chriſtandade, conſervando immaculada a ſua innocencia. Os meſmos Proteſtantes inimigos declarados da Santa Igreja Romana chegáraõ admirados, e confuſos a confeſſar as virtudes do ſervo de Deos, ainda ſendo Soldado principalmente o Embaixador de Inglaterra, Conde de Gollué, pois dando eſte meſa franca aos Fidalgos, e Cabos Portuguezes, e miniſtrando-lhe tambem nella carne nos dias prohibidos pela Igreja para nelles ſe comer, ſempre o ſervo de Deos, dando provas de verdadeiro Catholico Romano, ſe abſteve dos pratos vedados. Entaõ o Embaixador, poſto que herege, tomando a Fr. Affonſo nos braços, lhe diſſe, que ſó elle tinha verdadeira Fidalguia, e que ſó nelle entre aquelle congreſſo ſe reconhecia em extremo o zêlo da Religiaõ Catholica Romana, que profeſſava. Que liçaõ para os que tendo a Religiaõ por moda entre Proteſtantes vivem como Proteſtantes!

243 Deſde o berço, e deſde ſeus ten-

tenros annos exercitou Affonſo Franciſco as virtudes; e quanto mais elle por humilde buſcava occultá-las, tanto mais ellas ſe deſcobriaõ aos olhos dos que obſervavaõ a ſua exemplar conducta; elle era Soldado ſem deixar de ſer bom Chriſtaõ; era politico ſem deixar de ſer virtuoſo; ſervia ao Principe da terra ſem deixar de ſervir fielmente a Deos Senhor, e Rei dos Céos, e Terra. Em toda a parte dava teſtemunho da verdadeira Religiaõ, que profeſſava, ſempre trazia em ſua companhia o ſanto temor de Deos, nunca deixava, quando tinha opportunidade, de exercitar actos de piedade. Meteo-ſe Filho da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, cujo Habito tomou no Convento de S. Franciſco de Lisboa das maõs do V. P. Fr. Franciſco de Jeſus, Commiſſario da dita Ordem, o qual fazia tal conceito deſte filho pela ſua piedade, que ainda antes de ſahir do Mundo para os clauſtros, lhe pedia com inſtancia as ſuas Oraçoens.

244 Muito antes que Affonſo Franciſco Furtado ſe deliberaſſe a deixar o Seculo, e o ſerviço do Rei da terra, começou a ſentir em ſeu interior toques da Graça de Deos, e impulſos

for-

fortes, e continuos para seguir a vida Religiosa. Combateo fortemente a Graça, e a natureza. Durou por algum tempo este combate; era a rémora, que impedia pôr em execuçaõ seus desejos em deixar o Mundo, a rendida obediencia, que sempre elle teve a sua mãi, a quem naõ se atrevia manifestar a sua vocaçaõ. Porém hum dia sentindo o seu espirito mais vigoroso, e inflammado, se resolveo mandar por huma criada dizer a sua mãi, se Sua Excellencia se enfadaria de que elle fosse Santo? Respondeo a Condessa, que queria a seu filho Santo, mas que havia de ser em sua casa, e naõ em outra parte. Affonso Francisco já nesse tempo Visconde por morte de seu pai ficou confuso com a resposta de sua mãi. Batalhavaõ em seu coraçaõ a obediencia da mãi, e os desejos de se sacrificar a Deos na Religiaõ. Chegou o anno de 1713, e lêndo acaso Affonso Francisco hum Sermaõ da Quaresma, que prégou o insigne Padre Vieira, entaõ mesmo foi, que a Graça conseguio o triunfo, resolvendo-se cortar de huma vez, e com hum só golpe as prisoens da carne, sangue, e respeitos humanos, que se lhe offereciaõ, julgando que sua mãi naõ devia estranhar

o

o sacrificio, que elle chamado por Deos lhe hia fazer de si mesmo nas aras da Religiaõ.

245 Querendo com tudo Affonso Francisco obrar tudo com acerto, parecer, e conselho de Varoens illuminados, e nada resolver com precipitaçaõ, foi consultar a sua vocaçaõ com o R. P. M. Fr. Caêtano de S. José, Carmelita descalço, naquelle tempo reputado como Oraculo da Corte. Approvou este Religioso a vocaçaõ ao Visconde, e lhe persuadio, que logo sahisse do seculo, e vestisse a cogulla do Principe dos Patriarchas S. Bento. Tendo depois o Visconde huma larga conferencia com o virtuoso P. M. Fr. Joaõ da Soledade Chrasbech, Religioso Benedictino, tambem a respeito da sua vocaçaõ; este sabio Religioso, querendo sondar o espirito de Affonso Francisco, e provar bem a sua vocaçaõ, se demorou largo tempo com elle, representando-lhe as asperezas da vida Monastica, e lembrando-lhe a fraqueza das suas forças para levar tamanha cruz. Depois de huma larga conferencia convidou ao Visconde para jantar. E que iguarias lhe mandou pôr na mesa? Feijoens, e bacalhão. Porém o moço Visconde longe de estra-

tranhar esta comida grosseira, e insipida, taõ desconhecida em casa de seus pais, e taõ differente das iguarias delicadas, com que elle fôra criado, antes bem sim depois de comer, o que se offereceo com muito gosto, confessou a seu hospedeiro, que os feijoens, e bacalháo da Religiaõ tinhaõ hum sabor mais que natural. Com esta resposta ficou o R. P. Chrasbech mais firme no conceito da sólida vocaçaõ do Visconde, a quem aconselhou, que logo sahisse do Mundo obedecendo á voz de Deos, que o chamava para o servir no estado Religioso.

246 Tendo o fervoroso, e devoto Visconde praticado na Semana Santa do dito anno com muita edificaçaõ os exercicios da penitencia, que se costumaõ na Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade, se resolveo em Sabbado de Alleluia principiar a sua jornada para Tibaens. Com santo engano tomou elle a bençaõ a sua mãi, pedindo-lhe licença para ir á Castanheira visitar seu Tio o Visconde de Ponte de Lima, a fim de podêr mais facilmente por essa estrada fugir para Tibaens, sem que a Condessa sua mãi soubesse o seu destino,

nem

nem lhe puſeſſe embaraço á ſua jornada antes de receber o ſanto Habito. Trotando, e caminhando pela Póſta, chegou brevemente ao Moſteiro de Tibaens, onde ſe lançou humilde aos pés do R.mo Fr. Antaõ de Faria, Geral daquella illuſtriſſima Congregaçaõ, ao qual pedio com mais lagrimas, que palavras, o ſanto Habito. O Geral, que naõ conhecia o pertendente, duvidou acceitá-lo logo ſem mais algum exame da ſua vocaçaõ. Deo parte deſta demóra, e exame ao Ill.mo D. Rodrigo de Moura Telles, Arcebiſpo Primaz. Veio logo eſte Prelado a Tibaens, e fallando ao Viſconde em nome de ſua mãi lhe repetio as palavras da Santiſſima Virgem Mãi de Deos a ſeu Filho, dizendo com ar de queixoſa: *Fili, quid feciſti nobis ſic?* Filho meu, porque obraſte aſſim? O Viſconde, ainda que algum tanto ſe turbou com a falla do Ill.mo Primaz, promptamente lhe reſpondeo com as palavras do meſmo Filho de Deos á Senhora, dizendo lhe, ou arguindo-a: *neſciebatis, quia in his, quæ patris mei ſunt, opportet me eſſe?* Naõ ſabeis que me importa eſtar naquellas couſas, que ſaõ de meu Eterno Pai!

247 Fechou-ſe com o Viſconde o

Illuſtriſſimo Arcebiſpo, expoz-lhe os ſentimentos da Condeſſa ſua mãi, a grandeza de ſua caſa, que queria deixar, o agrado do Principe, que o amava, a recompenſa dos grandes ſerviços Militares, que brevemente alcançaria delle, a ſuavidade do jugo da Divina Lei, cujo pêſo ſuaviſa Deos com a ſua Divina Graça, ainda aos que nas Côrtes, e nas delicias do Seculo a querem guardar. Porém o meſmo Arcebiſpo depois da larga conferencia, que teve com o fervoroſo Viſconde, ouvindo-lhe as ſuas reſpoſtas, e razoens cheias de eſpirito, ficou mais firme no juizo da ſua vocaçaõ, que lhe approvou com demonſtraçoens pias, e affectuoſas. Eſtava já deſtinado o dia de N. Senhora dos Prazeres para o Viſconde tomar o Habito. Mas, como elle deixaſſe em Lisboa ao referido Padre Fr. Caêtano huma carta para ſua mãi, á qual pedia ſe lhe entregaſſe dous dias depois da ſua partida, julgando que, como hia pela Poſta, naõ haveria tempo para embaraçar o ſeu deſtino. Porém para maior prova do eſpirito, e vocaçaõ do ſervo de Deos, diſpoz a Providencia do meſmo Senhor, que a mãi do Viſconde, lida a carta de ſeu filho, conſeguiſſe hum Decreto

d'El-

d'El-Rei D. JOAÕ V. de ſaudoſa memoria, no qual ordenava o Monarcha ao Geral da Congregaçaõ de S. Bento, que differiſſe lançar o Habito ao Viſconde até novo aviſo em conſideraçaõ de pedir a vocaçaõ de tal Sujeito maiores exames, e mais reflexaõ. Foi tambem o Decreto Regio pela Poſta, e teve o effeito, que deſejava a Condeſſa mãi do Viſconde.

248 Penaliſado o Viſconde com o novo Decreto impeditivo da recepçaõ do Habito, que proximamente eſtava para tomar, ſahio de Tibaens para Braga, e recolhendo-ſe no Palacio do Ill.mo Arcebiſpo lhe pedio hum quarto retirado no meſmo Palacio, donde recluſo naõ ſahio em quanto naõ conſenguio o ſeu intento. Nem fallava a peſſoa alguma, excepto ao meſmo Arcebiſpo. Pedio hum livro, que tiveſſe a Regra de S. Bento, e as obrigaçoens Monaſticas de ſeus Filhos. Lêo com reflexaõ eſtes livros por alguns dias; depois recolhido pedia a Deos com inceſſantes rogativas puſeſſe deſpacho favoravel á ſua petiçaõ de receber o ſanto Habito. Para eſte fim applicava contínuas penitencias aſſás auſtéras, que elle fazia mortificando a ſua carne com jejuns, diſciplinas, e cilicios, como

tambem os ſeus ſentidos, e paixoens. Naõ tardou muito a execuçaõ dos deſejos do ſervo de Deos, porque eſcrevendo o Ill.mo Arcebiſpo á Condeſſa mãi do Viſconde, certificando-a da vocaçaõ ſólida de ſeu filho, que elle lhe tinha provado, accreſcentando com conſolaçaõ ſua, que era a maior vocaçaõ, que elle víra em ſua vida, e que aſſim lhe pedia naõ quizeſſe embaraçar a que ſeu filho foſſe Santo, onde Deos queria, que elle o foſſe, e para onde Deos o chamava, e que para ſucceſſaõ da ſua caſa ainda lhe ficava outro filho. Fizeraõ eſtas razoens grande impreſſaõ no terno coraçaõ da Condeſſa, a qual vencendo com os olhos em Deos o amor ſenſivel de mãi, pedio a El-Rei outro Decreto, para que o Geral de S. Bento pudeſſe lançar o Habito ao Viſconde ſeu filho, pois que ella já queria voluntariamente ſacrificar a Deos o primogenito da ſua caſa, e que ſe confeſſava arrependida de lhe ter embaraçado eſte ſacrificio ha mais tempo.

249 Tinha-ſe já neſſe tempo celebrado novo Capitulo, e eleito D. Abbade Geral o R.mo Fr. Gregorio do Eſpirito Santo, Lente na Univerſidade de Coimbra, o qual, tanto que lhe

chegou o Decreto Regio, logo lançou a cuculla ao Visconde, que este recebeo com summa devoçaõ, e ternura de espirito, depois de entregar ao criado a espada, e o Habito de Christo, elegendo chamar-se Fr. Affonso dos Prazeres, na consideraçaõ de que em dia de N. Senhora dos Prazeres intentára tomar o Habito, e tambem em signal do grande gosto, alegria, e prazeres indiziveis, que sentio o seu espirito por se vêr alistado debaixo das bandeiras de S. Bento entre seus Filhos. Fez-se esta plausivel funçaõ a 13 de Maio do sobredito anno de 1713 no Mosteiro de Tibaens pelas cinco horas, e meia da tarde, assistindo a ella banhada de júbilo muita nobreza, e o Ill.mo Arcebispo Primaz. Mostrou logo Affonso Francisco, tanto que entrou no Noviciado, que a sua vocaçaõ era toda do Céo. Assim se conheceo, e admirou nos effeitos, podendo já entaõ este novo Soldado da Milicia de Christo servir de exemplo, e espelho de virtudes, e perfeiçoens aos mais veteranos professores da vida Monastica. Era singular a sua modestia, a sua obediencia prompta, a humildade profunda, a abstinencia rara, e taõ fervoroso nas mortificaçoens, que passáraõ

raõ a extremo de tal ſorte, que fizeraõ enfermar o corpo do ſervo de Deos a peſar das valentias de ſeu eſpirito ſempre prompto para os louvores de Deos, ainda que ſentiſſe a carne debilitada, e enferma. Eſtas grandes penitencias, e auſteridades, que praticava o fervoroſo Noviço, ainda que lhe pareciaõ medianías bem reguladas, lhe foraõ prohibidas por ſeu Meſtre, e eſtranhadas, como demazias, e exceſſos pelas cartas, que lhe eſcrevêraõ ſeus Directores eſpirituaes em conſideraçaõ de que taõ exceſſivas, e taõ grandes penitencias lhe poderiaõ dentro de pouco tempo acabar a vida.

250 Elle nunca teve em ſeu cubiculo a janella de todo aberta, ſómente abria hum pequeno poſtigo, para que por elle podeſſe vêr o Céo, que lhe levava os olhos, e arrebatava o coraçaõ. Vindo o Ill.mo Arcebiſpo D. Rodrigo viſitá-lo ao Noviciado, conſultou com o meſmo Prelado de que modo devia fazer o ſeu Teſtamento, e a renúncia da ſua caſa. Aconſelhou-o o virtuoſo Prelado, que reſervaſſe para ſi huma tença. Porém o fervoroſo Noviço lhe reſpondeo, que hum filho de S. Bento eſcuſava tença. Replicou-lhe o Arcebiſpo, que a tença

tam-

tambem lhe podia ſervir para repartir em eſmólas aos pobres. Mas o amante da pobreza Evangelica com generoſa, e heroica reſoluçaõ mais que de Noviço, replicou, que inteiramente queria deſpojar-ſe de todas as poſſeſſoens do ſeculo para ſeguir a Chriſto pobre Evangelico, e que para hum Religioſo lhe era melhor a pobreza voluntaria, ſem ter couſa alguma que dar, e diſtribuir ainda com pretexto de eſmólas. Aſſim fez o ſeu teſtamento, eſquecendo-ſe totalmente de ſi meſmo na conſideraçaõ de que entregando-ſe inteiramente áquelle Senhor, que veſte as aves de pennas, e ſuſtenta os bichinhos da terra, nada lhe faltaria eſpiritual, e corporalmente. Diſpoz o Noviço, que ſe pagaſſem logo algumas pequenas dividas, que havia na ſua caſa; que concorreſſem para ſe ordenar hum Eſtudante, que tinha vocaçaõ para o eſtado Eccleſiaſtico, ao qual Eſtudante elle tinha tirado da Sé de Evora para ſe ſervir delle nas cantorías da Muſica; e que ſe déſſe huma ordinaria ſufficiente a ſua mãi a Condeſſa, cuja innocencia elle atteſtava diante de Deos contra huma grande infamia, que falſa, e injuſtamente lhe attribuíra a maledicencia.

Com-

251 Completado o anno da approvaçaõ, chegou o dia desejado, no qual intentava o fervoroso Noviço Fr. Affonso fazer victima, e inteiro sacrificio de si mesmo a Deos por meio da Profissaõ solemne dos tres votos, de pobreza, obediencia, e castidade. Foi este alegre dia a 15 de Maio de 1714, em que a Igreja celebrava a festa de S. Gertrudes, parenta do Noviço Fr. Affonso em razaõ do sangue, e filha tambem do Patriarca S. Bento. Fez a Profissaõ no Capitulo de Tibaens, nas maõs do Ex-Geral immediato Fr. Antaõ de Faria, que foi o primeiro que o acceitára. Este acto por devoto, e terno tirou muitas lagrimas aos circumstantes, e foi mais plausivel pela presença, e assistencia do Ill.mo Arcebispo Primaz D. Rodrigo, e de toda a sua familia, acompanhado de toda a sua Musica, que era excellente.

252 Logo depois de professo Fr. Affonso, o passou a obediencia para o seu Collegio de Coimbra, onde teve por Mestre de Filosofia, Theologia Escolastica, e tambem Mystica ao R. P. M. Fr. Sebastiaõ de S. Placido, que depois foi Geral da mesma Congregaçaõ Benedictina, e Lente da Universidade. Este sabio Mestre muito ver-

sa-

ſado na ſciencia do eſpirito, e por iſſo reputado por grande Director de almas, venerado, e eſtimado por ſuas letras, e virtudes, foi o que cultivou com eſtas o eſpirito, e com aquellas o engenho de ſeu Diſcipulo Fr. Affonſo. Era elle muito habil para os eſtudos, e muito vivo para a percepçaõ das doutrinas: eſtas excellentes qualidades juntas á ſua eſtudioſa, e aſſidua applicaçaõ, e tambem á conducta de ſeus coſtumes innocentes, o fizeraõ adiantar, e aproveitar tanto nas ſobreditas faculdades, que acabado o curſo dos eſtudos, depois das approvaçoens, que teve nos exames literarios, em que ſe admirou ſua grande capacidade, e talento, foi inſtituido pelos Prelados Meſtre Paſſante em o Collegio da Eſtrella na Côrte, e depois Leitor d'Artes, cujo emprêgo naõ continuou pelo tranſito, que elle fez para Varatojo, como ſe dirá adiante.

253 Em Coimbra ſe negou o ſervo de Deos de tal ſorte ás viſitas, que naõ ſahia da ſua cella, e Moſteiro, excepto ſe a obediencia o mandava. Nas occaſioens indiſpenſaveis, que ſe naõ podia negar a eſtranhos, nem deixar de lhes apparecer, era por ſua modeſtia, e comportamento viſto,

e

e admirado como eſpelho, e exemplar da perfeiçaõ Religioſa. Parecia Noviço ainda depois de profeſſo, e Eſtudante. Achando-ſe por obediencia fóra do Moſteiro, obſervava ſilencio Religioſo, como ſe eſtiveſſe na clauſura. Trazia ſempre por companheiro o eſpirito da mortificaçaõ de ſuas paixoẽs, e ſentidos. De tal ſorte que muitas vezes naõ podiaõ teſtemunhar ſeus olhos quem eraõ os Sujeitos, que eſtavaõ em ſua preſença, e converſavaõ com elle. Teve tambem por Director eſpiritual ao illuminado, e illuſtre Varaõ Fr. Franciſco d'Annunciaçaõ, da illuſtre Congregaçaõ dos Eremitas de S. Agoſtinho, cujo nome vivirá eternamente neſte Reino. O qual acriſolou o eſpirito do ſervo de Deos Fr. Affonſo com deſuſadas mortificaçoens. Fallando delle dizia o meſmo Fr. Affonſo: Ninguem melhor que o P. M. Fr. Franciſco da Annunciaçaõ me conheceo, ſó elle ſondou, e penetrou os fundos do meu fraco eſpirito, e da minha malicia.

254 Tendo Fr. Affonſo idade competente para receber Ordens Sacras, naõ as podia receber no tempo de Coriſta ſem diſpenſa das Conſtituiçoens da Congregaçaõ, que o vedavaõ. Offerecendo-

do-se-lhe esta dispensa, elle humilde a naõ quiz acceitar, mas perseverar Corista os annos que determinaõ as Constituiçoens. Todo o tempo, que assistio no Collegio de Coimbra, teve gostoso o cargo de Enfermeiro, occupaçaõ, que cumprio com plena satisfaçaõ, e consolaçaõ dos doentes, que servia com muito agrado, e entranhas de caridade extremosa, assistindo-lhes sempre officioso, prompto, e diligente com os remedios de que tambem tinha conhecimento naõ vulgar, e das queixas dos enfermos, cujos symptomas observava solícito, e attento. Ainda lembra hum caso succedido naquelle Collegio, e foi que estando quasi proximo á morte o R.mo Fr. Miguel de S. Bento, Lente de Prima de Escriptura, lhe sobrevieraõ huns vomitos, que totalmente lhe impediaõ receber o Sagrado Viatico, e assim o julgavaõ os doutos Padres daquelle Collegio. Porém Fr. Affonso cheio de zêlo, e Fé foi pedir ao P. D. Abbade daquelle Collegio, e aos mais Padres graves, que se mandasse administrar o Senhor por Viatico ao enfermo, que naõ havia de haver perigo, e no caso que o houvesse, tudo se remediaria, porque elle se offerecia a rece-

ce-

ceber as eſpecies Sacramentaes, que vomitaſſe o enfermo. Tiveraõ tal força, e parece que tambem virtude as palavras de Fr. Affonſo, que adminiſtrando-ſe o Senhor Sacramentado ao moribundo, elle recebeo ſem vomitos o Sagrado Viatico, e logo expirou placidamente.

255 Verdadeiramente foi grande a esféra da caridade do ſervo de Deos Fr. Affonſo. Elle ſempre caritativo, e officioſo na aſſiſtencia dos enfermos, queria ſer todo para todos, naõ ſe limitava a ſua caritativa aſſiſtencia ſómente com os Religioſos ſeus irmaõs, mas tambem ſe eſtendia aos familiares do Collegio, e ainda aos criados da mais infima condiçaõ. Elle eſtava ſempre prompto para aſſiſtir, e conſolar a todos, e para lhes applicar os remedios. Naõ duvidava, mas antes goſtava em obſequio da caridade com os doentes occupar-ſe nos exercicios mais humildes proprios do enfermeiro. Quando ſe retirou da Côrte para Tibaens foi com reſoluçaõ de naõ tornar a ella: mas adoecendo a Condeſſa ſua mãi ſe empenhou a Rainha D. MARIA de Auſtria com os Prelados da Congregaçaõ, para que mandaſſem Fr. Affonſo á Côrte a fim de vir aſſiſtir, e conſolar a ſua mãi na enfermidade grave,

que

que padecia, que se receava fosse a ultima, como succedeo.

256 Impellido Fr. Affonso da obediencia, sahio de Coimbra em huma besta de albarda, e assim foi até Santarem. Aqui se meteo em hum barco, e logo que chegou á Côrte antes de entrar no Palacio, onde se criára, foi via recta ao Convento proximo da Boa Hora, e ahi se confessou, commungou, e ouvio Missa. Passou logo ao Mosteiro de S. Bento a tomar a benção ao Prelado da sua Ordem, e dahi foi a casa de sua mãi, onde se achavaõ muitas Fidalgas, e Senhoras; porém a nenhuma fallou, nem visitou, nem vio. Assim o confessou elle sinceramente á Condessa sua mãi: a qual arguindo-o de que isto parecia desattençaõ, e impolitica para com as Senhoras. Entaõ o servo de Deos com ar de riso grave, e Religioso, lhe respondeo: « Esta desattençaõ, e impo» litica, minha mãi, de hum Reli» gioso para com as Senhoras certa» mente naõ desagrada a Deos, nem » a seus Santos, nem eu faço tençaõ » de me accusar destes peccados. » Beijou a maõ á Condessa sua mãi, a qual bastou vê-lo para ficar consolada. Assistio-lhe até a morte com promptidaõ

de

de filho de dia; porém de noite se recolhia sempre ao Convento proximo da Boa Hora.

257 Bem podemos ajuntar a este dom, que Deos concedeo a Fr. Affonso para enfermeiro, a Graça especial com que o adornou para ajudar a bem morrer. Todos quando se viaõ enfermos, se desejavaõ confessar com elle, todos o queriaõ ter á cabeceira na hora da sua morte, todos se queriaõ consolar com elle. Logo depois da morte de sua mãi voltou Fr. Affonso para o seu Mosteiro. Considerava que o Monge fóra do Mosteiro, naõ sendo obrigado da obediencia, he como a abelha fóra do cortiço, e como o peixe fóra da agua. Tanto que acabou o curso dos estudos, o mandáraõ seus Prelados para o Collegio da Estrella de Lisboa com o emprêgo de Mestre passante, cujas obrigaçoens satisfez com edificaçaõ, e admiraçaõ dos Lentes, e Doutores, que assistíraõ naquelle Collegio. Os quaes, quando entre si fallavaõ das respostas de Fr. Affonso, quando elle com alguma dúvida, e indecisaõ se explicava com a palavra: *parece-me*; diziaõ: os *parece-mes* de Fr. Affonso saõ sentenças mais bem fundadas, do que póde idear a imaginaçaõ mais viva.

En-

258 Entre os muitos elogios, e cousas maravilhosas, que disse a certa pessoa, que o consultava o P. M. Antonio de Faria da Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa a respeito do P. Fr. Affonso, foi que tendo sido por muitos annos seu Director espiritual, conhecia nelle sciencia superior, que era illuminado com especial luz do Céo, que o admirava, e que o tinha por hum grande Varaõ destinado por Deos para cousas grandes, e que tendo elle aconselhado a muitas almas os estados, que haviaõ de seguir, naõ tinha encontrado entre alguma outra vocaçaõ mais firme, verdadeira, e sólida, que a de Fr. Affonso, pois que conhecia ir nelle a Graça de Deos produzindo maravilhosos effeitos.

259 O tempo, que lhe restava dos actos literarios, o empregava no Confessionario, principiando logo a colher grande fructo do seu trabalho, e zêlo. Sentindo o Inferno a guerra, que lhe começava a fazer este servo de Deos, se enfureceo logo contra elle para lhe impedir os progressos, e estragos, que temia delle. E como os mais sensiveis golpes para o Justo saõ os que ferem a sua reputaçaõ, e innocencia, intentou o Inferno disparar

os

os primeiros tiros contra o ſeu credito, e bom nome, como conſta do caſo ſeguinte. Promettêra Fr. Affonſo confeſſar geralmente certa peſſoa em huma tarde. Eſperou elle, que eſta peſſoa vieſſe no dia, e hora determinada para fazer a confiſſaõ, mas faltou ella. E porque? Porque perdeo o conceito, que tinha do ſervo de Deos. E como o perdeo? Vindo a meſma (depôz ella depois) deſcendo pela calçada do Combro, vio ao P. Fr. Affonſo ſó a cavallo com Habitos, e chapeo taõ aſſeado á moda do Seculo, com meias finas, e çapatos taõ polidos, que ſendo tudo muito alheio do que ſe praticava na Ordem de S. Bento modeſta, e grave até no veſtir, e calçar, fazia elle a figura de hum Monge diſſoluto, e de conducta mundana. Admirada a mulher do que via, e já com o conceito perdido de Fr. Affonſo, ſe reſolveo a ſeguí-lo de longe, e obſervar aonde hia parar. Vio em fim, que elle entrando pelo páteo das Comedias ficára no meſmo páteo deſenfadando-ſe, e divertindo-ſe, como Secular o mais diſſoluto, e libertino.

260 Ainda que eſta mulher perdeo o conceito de Fr. Affonſo, e a devoçaõ de ir a S. Bento confeſſar-ſe com el-

elle pelo escándalo, que lhe tinha dado no seu comportamento mundano, naõ pôde todavia passado algum tempo resistir ao impulso interior de procurar o mesmo Padre. Quando este brandamente estranhou áquella mulher no Confessionario o tê-lo feito esperar toda a tarde do dia destinado para a sua confissaõ, se veio a colligir que aquelle Monge representado na apparencia era demonio verdadeiro, que naquella occasiaõ tomára a figura de Monge para deste modo fazer perder o conceito do Fr. Affonso, e impedir a conversaõ daquella alma. Ficou com tudo malogrado o intento infernal do espirito da embustez, e mentira. E supposto que elle naõ só nesta, mas em outras muitas vezes usou das tramoias, ardiz, e fallacias da sua diabolica malicia até fingir-se Confessor, e assentarse no Confessionario com figura apparente de Fr. Affonso, a fim de illudir, turbar, e enredar por este especioso meio com suggestoens diabolicas as almas, que dirigia o servo de Deos, e denegrir assim o seu conceito; sempre ficáraõ malogradas as maquinas, e desvanecidos os embustes de Satanaz. Porque estas almas roboradas com os sólidos dictames de taõ sabio Director,

cheias de viva Fé, e illuſtradas com a luz da Graça, que pediaõ a Deos, Pai das luzes, affugentavaõ animoſas o Anjo das trévas, eſpirito ſeductor, e infernal, triunfando ſempre venturoſamente das ſuas artes, enrêdos, ciladas, emboſcadas, e fallacias diabolicas.

261 O zêlo da converſaõ das almas de tal ſorte inflammou o eſpirito do ſervo de Deos Fr. Affonſo, que teve ardentes deſejos de paſſar á India, ainda ſendo Religioſo Benedictino, com caracter de Miſſionario. Mas foraõ reprimidos eſtes impulſos fogoſos de ſeu inflammado eſpirito pela ſábia direcçaõ, e conſelho de Varoens pios, doutos, e illuminados. Por conſelho com tudo, e parecer deſtes, ainda que naõ ſahio de Portugal, começou a miſſionar na Côrte. Foi a Igreja da Madre de Deos de Lisboa, onde ſe ouvíraõ os primeiros brados deſte pregoeiro Evangeligo, e onde teve por Ouvintes a Rainha D. MARIANNA de Auſtria com as Damas do Paço, e muitos Grandes da Côrte. Eraõ ouvidas, e recebidas as Doutrinas do ſervo de Deos com fructo, goſto, e admiraçaõ. Continuou elle felizmente ſeu emprêgo Evangelico todo o tempo,

po, que esteve em Lisboa, tendo por Companheiro o P. M. Fr. Manoel Guilherme da Ordem dos Prégadores, Varaõ a todas as luzes grande assim em letras, como em virtudes. Deos poz tal efficacia nas palavras de Fr. Affonso, que sahidas da sua boca, parecendo raios ameaçadores, eraõ juntamente medicina efficaz: feriaõ docemente, e curavaõ com suavidade almas enfermas dos Ouvintes peccadores, que attrahidos do Prégador, o buscavaõ no Confessionario arrependidos para que os instruisse no caminho do Céo.

262 Naõ parece carecer de mysterio, o que, como sonho, se refere no caso seguinte: Vio certa grande peccadora dormindo huma noite seu mesmo coraçaõ gangrenado com huma terrivel apostêma, que lhe ameaçava morte proxima, e inevitavel. Entre as ancias, e afflicçoens de que se sentia cercada, lhe appareceo o Patriarcha S. Bento, mostrando-lhe hum Religioso seu, e dizendo-lhe apontando para elle: Este he o Medico, que te ha de curar. Desappareceo a visaõ sem declarar o nome do Religioso, nem do Convento. Acordou a peccadora do somno do corpo, e naõ do lamentavel lethargo do peccado em que se acha-

va ſua alma. Paſſado algum tempo foi ella, naõ por devoçaõ, mas por curioſidade vaidoſa ouvir hum Sermaõ, porém de lugar, onde o Prégador a naõ podeſſe vêr, nem ella ao Prégador, a fim de que ſentindo-ſe arguida por elle, ſe podeſſe logo retirar, e deixar o Sermaõ. Succedeo com tudo, que querendo ella neſta occaſiaõ ſó vêr, e ſer viſta de ſeus falſos amantes, e naõ do Prégador, eſte, que era Fr. Affonſo, concluindo o Sermaõ, foi acaſo com o Santo Chriſto na maõ para aquella parte, onde ſe achava occulta a peccadora. Naõ pôde ella fugir-lhe com o corpo, nem fechar os olhos da alma até entaõ cégа, e obſtinada á inſpiraçaõ de Deos. Vio a primeira vez a Fr. Affonſo, conheceo que aquelle era o Medico, que S. Bento lhe tinha moſtrado. Compungida, qual outra Magdalena, convertidos ſeus olhos em rios de lagrimas, buſcou ao ſervo de Deos no dia ſeguinte no Confeſſionario, onde purificada de ſuas manchas, alcançou ſua alma ſaude eſpiritual, e paz da ſua conſciencia por meio de huma converſaõ, e nova vida, que ſe lhe admirou dalli por diante.

263 Foraõ indiziveis os fructos, que o ſervo de Deos fazia na Côrte

com

com ſeus Sermoens moraes, buſcando ſempre nelles a utilidade das almas. Elle anciofamente deſejava dar-ſe de todo ao exercicio das Miſſoens. Mas, como o Inſtituto Monaſtico naõ era taõ accommodado para eſte miniſterio Apoſtolico, ſe reſolveo depois de conſultar muitas vezes na Oraçaõ a Deos, e a Varoens illuminados paſſar para o Seminario de Varatojo, como ſe dirá no Capitulo ſeguinte.

CAPITULO XX.

Vida, e virtudes do ſervo de Deos P. Fr. Affonſo dos Prazeres depois de Miſſionario de Varatojo.

264 JUlgando Fr. Affonſo que Deos o chamava para Varatojo, veio pedir o Habito do Seminario, o qual recebeo cheio de conſolaçaõ eſpiritual a 28 de Maio de 1726 das maõs do Guardiaõ Fr. Antonio da Reſurreiçaõ. Se deixou, e trocou pelo groſſeiro, e humilde ſayal de S. Franciſco, a cogulla do grande Patriarcha S. Bento; jamais elle deixou a terna devoçaõ, e cordial affecto ao meſmo grande Patriarcha, mas antes em teſtemunho deſta vene-

ra-

raçaõ, quando fallava nelle, lhe inclinava a cabeça, chamando-lhe tambem seu, dizendo: Meu Padre S. Bento. Em signal, e demonstraçaõ deste cordial affecto, quando elle via, ou se encontrava com algum Religioso Benedictino, se revestia a sua alma de taõ grande alegria, que redundava ao rosto com pia demonstraçaõ de amor. E quando lhe perguntavaõ porque deixava a Congregaçaõ Benedictina: respondia com graciosidade Religiosa: crioume S. Bento para me dar a S. Francisco; alludindo judicioso a que os Senadores Romanos entregavaõ os filhos a S. Bento para os criar nos seus Mosteiros.

265 Ainda que o servo de Deos recebesse o Habito Seraphico com summo prazer de seu espirito, naõ deixou de passar no tempo de seu Noviciado pelo chrysol de grandes tentaçoens, e tribulaçoens com que repetidas vezes foi provado, assim pela natureza, como pelo Anjo das trévas. Perseverando com tudo firme, como rocha, na sua vocaçaõ, triunfou gloriosamente destes ataques da natureza, e carne rebelde, e do demonio; com plena satisfaçaõ de toda a Communidade foi admittido á Profissaõ solemne

mne da Regra Seraphica, naõ tendo mais que ſeis mezes de Noviço por diſpenſa Pontificia. Tambem o R.^{mo} Commiſſario Geral da Ordem dos Menores, que entaõ era na Familia Ciſmontana em conſideraçaõ de que Fr. Affonſo era já Meſtre conſummado nos ſagrados emprêgos do Pulpito, e Confeſſionario, lhe diſpenſou os ſeis mezes de recolhimento no Seminario, e o habilitou para o exercicio das Miſſoens.

266 Julgando o Guardiaõ de Varatojo que era do agrado, e ſerviço de Deos, naõ eſtar eſcondida no Seminario eſta tocha luminoſa, e flammante, mandou logo a Fr. Affonſo em Miſſaõ para a Univerſidade de Coimbra por Companheiro do famoſo Miſſionario Fr. Manoel de Deos, no anno de 1727. Foi eſta memoravel Miſſaõ das mais fructuoſas, que vio Coimbra pela geral acceitaçaõ, commoçaõ, e refórma nos coſtumes dos Ouvintes. Faltaõ expreſſoens com que ſe poſſaõ declarar os copioſos, e abundantes fructos, que colhêraõ com ſua ſementeira Evangelica eſtes dous zeloſos Operarios da vinha do Senhor. Foraõ muitos os Eſtudantes, e Doutores da Univerſidade, que movidos deſta Miſſaõ, buſcá-

cáraõ os clauſtros, e refórma de Santa Cruz, e de outras Religioens, e Congregaçoens Regulares. Fr. Manoel de Deos por ſua muita erudiçaõ ſagrada, por ſua facûndia, e eloquencia natural, e por mais antigo no exercicio de Miſſionario, naõ ha dúvida, que em Coimbra levava as primeiras attençoens entre muitos Ouvintes: porém Fr. Affonſo viſto no Pulpito com o Santo Chriſto nas maõs, ainda neſta primeira Miſſaõ, parece que lhe diſputava a primaſia, e naõ menos movia os Ouvintes, que Fr. Manoel. Ambos trabalhavaõ inceſſantemente na ſementeira Evangelica; hum, e outro prégava Apoſtolicamente; hum, e outro fazia prodigioſos fructos nas muitas almas, que convertiaõ a Deos; porque hum, e outro ſó buſcava a gloria deſte Senhor, e nelle as almas remidas com o infinito preço do ſeu precioſo Sangue.

267 Foi Fr. Affonſo Varaõ verdadeiramente Apoſtolico, de eſpirito ardente no zêlo da ſalvaçaõ das almas, e incanſavel no miniſterio da ſanta palavra. Era Portugal pequena esféra para o zêlo deſte ſervo de Deos. Deſejou paſſar a ultramar no exercicio Apoſtolico da Miſſaõ, mas eſtando já proxi-

ximo a embarcar para a Ilha da Madeira, huma enfermidade que lhe sobreveio, lhe suspendeo a execuçaõ da Missaõ, mas naõ o privou do merecimento diante de Deos. Missionou as principaes Cidades, e povoaçoens deste Reino, como foraõ Lisboa muitas vezes, Coimbra tres, Evora duas, Porto huma, Lamêgo, Leiria, Elvas, Béja, Santarem, Abrantes, Villa Real, Chaves, Torre de Moncorvo, Provezende, e outras muitas de Portugal em todas as suas Provincias. Era grandemente versado nas Divinas Escripturas, e na sua intelligencia. Citava com muita propriedade os textos. Fazia especial eleiçaõ dos themas, e assumptos, que propunha. Tinha eloquencia natunal, espirito vivo, e ardente, ar grave, e magestoso, persuasiva efficaz, voz clara, e sonóra. Foraõ innumeraveis as conversoens de peccadores, que fez em toda a parte onde prégou. O grande ardor, e efficacia com que arguia o luxo excessivo, e demasiado, produzio conhecida refórma dos costumes de muitas Senhoras, que movidas das suas fervorosas Missoens trocáraõ gostosas as delicias da Côrte, e as estimaçoens do Palacio pelas estreitas clausuras da Madre de Deos, de Carnide,

de, da Conceiçaõ, e de outras Communidades reformadas.

268 Teve o P. Fr. Affonſo muitos filhos do ſeu eſpirito, que gerou no Pulpito, e no Confeſſionario, aos quaes, quando ſe achava auſente, roborava com alimento eſpiritual de ſuas cartas, que lhes eſcrevia cheias de doutrinas ſólidas, e maximas do Céo. Foi evidente o fructo, que tambem por eſte modo fez nas almas, muitas das quaes perſeverando venturoſamente pela ſua direcçaõ na vida eſpiritual, e caminho do Céo, tiveraõ morte precioſa. Naõ admittia ferias o incanſavel, e ardente zêlo do P. Fr. Affonſo. Elle em algumas poucas vacancias do miniſterio Apoſtolico dentro, ou fóra do Seminario tambem trabalhava com a penna para utilidade do proximo, compondo precioſos livros, que deo á luz, como ſaõ: *Maximas Eſpirituaes* em dous volumes de 4.º: *Conſultas Eſpirituaes* em hum volume de 4.º: *Carta Directiva*, que publicou debaixo do nome de Soffronio Ferraz Sepedas, Anagrama de ſeu proprio nome. Tambem eſcreveo hum Tractado contra as Comedias, e outro das cauſas do terremoto de 1755, que ſe naõ imprimíraõ. Foraõ recebidos com

gran-

grande eſtimaçaõ, e veneraçaõ os ſeus Eſcriptos, ainda que a opiniaõ da materia das violencias diabolicas, que elle com o parecer de muitos ſabios Lentes Doutores da Univerſidade, e de Meſtres, Prelados ſagrados deſte Reino, eſcreveo em hum dos Tomos de ſuas Maximas, foi depois de alguns annos da ſua morte cenſurada pelo Tribunal Regio da Reviſaõ dos livros.

269 Quem lêr com reflexaõ as Obras eſpirituaes do P. Fr. Affonſo, e as conferir com as dos Santos Padres, facilmente poderá numerar eſte ſervo de Deos entre os Doutores Myſticos, e perſuadir-ſe que a ſua penna era movida por impulſo ſuperior. A velocidade, a affluencia, a elegancia com que elle eſcrevia, bem moſtrava, que o ſeu eſpirito eſtava cheio de ſabedoria do Céo. Os ſeus Eſcriptos, e ainda meſmo as cartas, que eſcreveo ſendo Noviço em Tibaens, pódem ſervir da mais util inſtrucçaõ, e proveitoſa liçaõ a todos, pois daõ luz ao entendimento, e juntamente calor á vontade para ſe amar, e conhecer a Deos. Naõ deixa de cauſar admiraçaõ, que hum homem criado nas Campanhas, e que havia poucos dias tinha deixado o baſtaõ de Sargento

Mór

Mór de Batalhas, escrevesse cartas taõ doutas, e taõ espirituaes, como se tivesse sempre vivido em algum Collegio, e Athênas de perfeiçoens, já tirando escrupulos a sua mãi, já persuadindo com celestial efficacia a sua irmã, que deixasse o Mundo, e suas vaidades, já dirigindo, e aconselhando a seu irmaõ Visconde na inteira fidelidade ás Leis do Matrimonio, e na pontual, e perfeita observancia dos Mandamentos da Igreja de Deos, e do Rei, dando em tudo sempre testemunho evidente, e claras provas da sua piedade, e Religiaõ. Mas Fr. Affonso, posto que com pouco tempo vestido de Monge, como poderia deixar de dar documentos taõ sólidos, e regras de bem viver taõ acertadas aos que no Mundo se achavaõ pouco solícitos do grande negocio da propria salvaçaõ da alma, se elle ainda quando Secular, e Militar aprendia na escóla da Oraçaõ a sabedoria do Céo, e a perfeiçaõ das virtudes Christãs, e moraes.

270 Verdadeiramente toda a vida deste servo de Deos foi hum aggregado, e processo de virtudes; dellas deo sempre testemunho, e especialmente da humildade, virtude fundamental, que

que parece nafceo com elle, e a queria fempre trazer por infeparavel companheira. Ella ainda no tempo de Secular o fez eftimado dos Grandes, e amador dos pequenos. Por exercicio da humildade tratava a feus vaffallos, e cafeiros de Barbacêna com tal humanidade, e benignidade, como fe naõ tiveffe nelles fuperioridade alguma. Na Religiaõ bufcava com fanta ambiçaõ exercitar fempre os officios mais humildes, fugia fempre ás honras, e eftimaçoens. Quando foube que o bufcavaõ para Reformador de certa Religiaõ, e tambem para lhe darem a Mitra de hum dos Bifpados do Reino, fe prevenío fazendo voto de naõ acceitar Prelafia, nem dignidade alguma, ou emprêgo honorífico. Com efte efcudo fe defendeo para naõ acceitar outro cargo, que naõ foffe o de evangelizar a fanta palavra de Deos. Receando que em Varatojo o elegeffem Guardiaõ do Seminario, obteve Breve Pontificio para fe eximir defta honra.

271 Foi taõ bem vifto, e acceito d'El-Rei D. JOAÕ V., que efte o amava, refpeitava, e venerava, como a Santo. Quando o Monarcha ainda affiftido dos Grandes da Côrte via paf-

far

ſar pelo Terreiro do Paço a Fr. Affonſo, ſe deſcobria logo inclinando-lhe a cabeça ainda ſem ſer viſto delle. A meſma veneraçaõ lhe teve El-Rei D. JOSE', que publicamente na Prociſſaõ d'Acçaõ de Graças depois do formidavel, e memoravel terremoto do anno de 1755 cortejou ao ſervo de Deos, que ſe achava prégando na Côrte, e ajudando a enterrar os mortos, que por effeito das ſuas ruinas ſe achavaõ pelas praças, caſas, e Igrejas, onde eu tambem nas portas de S. Catharina ſó em duas caſas ajudei a enterrar trinta e ſete peſſoas. O meſmo Fideliſſimo, e devotiſſimo Monarcha mandára neſta occaſiaõ chamar ao ſervo de Deos á Côrte para ſe conſolar com elle apoſentando-ſe na barraca do Duque d'Aveiro. Tambem o Eminentiſſimo Cardeal Mota, que ſeguia os dictames, e conſelhos de Fr. Affonſo, fazia ſingular apreço de ſuas virtudes, e o queria ſempre a ſeu lado. Naõ menos affecto tinha ao ſervo de Deos o Secretario d'Eſtado Pedro da Mota, que o amava, como ſe foſſe ſeu irmaõ, e deſejou muito á hora da morte tê-lo á ſua cabeceira para conſolaçaõ de ſeu eſpirito. Porém o ſervo de Deos, que tinha metido debaixo dos

pés

pés as vaidades mundanas, e a Fidalguia da sua pessoa, sempre achava geito de fugir do Paço, e estimaçoens da Côrte, onde lhe era violento apparecer, menos que fosse pelo imperio da obediencia em exercicio desta, e do seu ministerio Apostolico. Sabía sua profunda humildade fugir aos applausos, e esconder sempre as prendas de que era dotado.

272 Teve Fr. Affonso nobre educaçaõ sendo instruido desde seus tenros annos nas virtudes, e tambem nas bellas letras. Elle entendia, e fallava as linguas Hespanhola, Franceza, Italiana, e Alemã, e tinha sufficiente noticia, e conhecimento da Historia Sagrada, Ecclesiastica, e profana. Desta ultima depois de Religioso se valia só alguma vez, quando era conveniente para utilidade dos proximos, ou para ornar algum discurso. Quando citava Author profano, era de passagem, e mui raras vezes. As linguas estranhas lhe serviaõ para ouvir de confissaõ os penitentes das Naçoens estrangeiras, e para os instruir, e firmar nas verdades, e sentimentos da verdadeira Religiaõ. Deo-se tambem sendo Secular á Poesia, tendo por Mestre nesta arte ao Conde da Ericeira D, Francisco de

Me-

Menezes célebre por ſua vaſta erudidiçaõ, e grande literatura naõ ſó em Portugal, mas em toda a Europa.

273 Vendo-ſe porém Affonſo fóra do Seculo em eſtado de perfeiçaõ, ſe eſqueceo inteiramente da Poeſia profana. Algumas Obras Poeticas, que compoz, foraõ ſempre de aſſumptos ſagrados. Na *Carta Directiva* ſe vêm algumas Cançoens ao Santiſſimo Coraçaõ de Jeſus, e em alguns Manuſcriptos ſeus ſe achaõ Romances ſantos ao Menino Deos naſcido em Belém. Lembrado do Céo, e da perfeiçaõ do eſtado Religioſo, em tudo queria prégar deſenganos, e em nada penſar, dizer, e obrar em que reſpiraſſe o eſpirito do Mundo. Tambem foi muito affeiçoado á Muſica, ſabía com perfeiçaõ as regras deſta arte de que moſtrava ignorancia depois de Religioſo. Ainda que com muita violencia ſua cedendo ás inſtancias do Ill.mo Arcebiſpo Primaz D. Rodrigo, lhe compoz alguns papeis para a ſua Capella, que, como precioſas reliquias deſte ſervo de Deos, foraõ eſtimados grandemente pelo meſmo Prelado Primaz.

274 Foi taõ grande o ſoffrimento, e taõ heroica a paciencia, que ſe conheceo, e admirou nas muitas doen-

ças, e dôres, que padeceo Fr. Affonſo, que nunca em ſeu ſemblante deixava de moſtrar aquella paz, ſocego, e alegria de eſpirito, que ſe lhe conhecia, quando lograva ſaude. Sempre ſe lhe via o roſto ſereno, e alegre, ainda que as dôres do corpo foſſem intenſas, como admiráraõ os Cirurgioens na Côrte, quando lhe cortáraõ hum grande tumor, que lhe tinha naſcido em hum joelho. Com igual conſtancia de eſpirito inalteravel ſoffreo alguns opprobrios, e dicterios, com que a maledicencia atrevida intentou ferir a ſua innocencia. Pois chegando-lhe á maõ huma ſátyra, que lhe tocava na reputaçaõ, elle ſem turbar-ſe, mas com paz de eſpirito reſpondeo: Compadeço-me de quem me eſcreveo eſte papel pela offenſa, que fez a Deos. E quando lhe contavaõ alguma deſattençaõ, ou deſprezo, que tinhaõ feito á ſua peſſoa, coſtumava, ſem ſe deſculpar, pôr a maõ no roſto, e dizer: nenhum mal me fizeraõ.

275 Foi aſſás mortificado na meſa; fazia eſpecial goſto dos comêres groſſeiros, e ainda neſtes fazia algumas vezes ſuas miſturas para lhes tirar o ſabôr natural. Eſtando enfermo em Varatojo, trazendo-lhe o Enfermeiro o

jantar, lhe cahio este das maõs, queria ir buscar outro, mas naõ o consentio o servo de Deos, e abaixandose comeo o que pôde recolher com as maõs, e assim ficou satisfeito. A quantidade de que usava, era sempre moderada, ainda a pesar das mais fortes invectivas, e instancias com que a caridade dos Prelados, e Bemfeitores combatendo a sua rígida abstinencia, lhe persuadiaõ comesse mais alguma cousa. Dizia que bastava comer para naõ morrer; e que a comida era só para conservar a vida, e naõ para regalar o corpo inimigo da alma. Foi em toda a vida de Religioso muito mortificado, e penitente. Mortificava sempre os seus sentidos, especialmente a vista, que jamais poz no rosto de mulher, ainda das que elle confessava, que só conhecia pela falla. Castigava seu corpo com rigorosas, e frequentes penitencias de cilicios, e disciplinas. Em certa occasiaõ, que o servo de Deos santamente enfurecido contra seu corpo o estava flagellando com desapiedados golpes de disciplina, se ouvio huma voz do Céo, que lhe fez suspender o braço, dizendo: Basta, Fr. Affonso, basta, que estou satisfeito.

He

276 He argumento, e prova evidente do abrazado amor, que tinha a Deos este seu fiel servo, a frequente, e larga Oraçaõ em que elle exercitava o seu espirito. Bem se póde dizer delle, que sempre orava, e que era contínua a sua Oraçaõ. Pois fazia por conservar em toda a parte sempre viva a presença de Deos. Tal era o seu fervor, que sempre, que o Relogio dava horas, lembrando-se de Deos fazia hum amoroso Acto ao Senhor, e commungava espiritualmente. Succedia algumas vezes sahir da Oraçaõ, e da Santa Missa taõ transportado, e alienado dos sentidos, que obrava cousas a que chamavaõ desmazêlos, e esquecimentos os que naõ sondavaõ os fundos do seu espirito, e elle mesmo por humilde com graciosidade religiosa chamava *Affonsadas* a seus esquecimentos. Huma vez, acabada a Missa, transportado, e como alienado dos sentidos, pegou de huma capa vermelha, que alli achou, e pondo-a sobre os hombros foi á Igreja dar Graças a Deos, julgando que hia coberto com o seu manto. Este santo esquecimento, e transporte servio aos Seculares de incentivo para riso, e a Fr. Affonso de motivo para humildade.

277 He digno de memoria o caſo, que lhe ſuccedeo na Villa de Óbidos por occaſiaõ da Santa Miſſa, que alli diſſe, ſendo ainda Religioſo Benedictino. Quando elle purificou os dedos junto ao fim da Miſſa, poz o caliz ſobre a patêna confórme o ceremonial Benedictino, ficou a patêna ſem elle o advertir entranhada no pé, ou fundo do meſmo caliz. Voltou para a Sancriſtia com o caliz coberto. Querendo celebrar outro Sacerdote, e naõ achando a patêna, perguntou por ella ao Sancriſtaõ, e eſte a Fr. Affonſo, o qual reſpondeo, que naõ ſabía della. Vio-ſe entaõ Fr. Affonſo publicamente injuriado, e reputado por ladraõ ſacrílego, e como tal infamado com palavras affrontoſas naõ ſó pelo Sancriſtaõ, mas pelos circumſtantes. Neſte conceito tiveraõ todos a Fr. Affonſo, até que outro Sacerdote achando-ſe no Altar a preparar o caliz com vinho para o Sacrificio lhe cahio a patêna de dentro do pé do meſmo caliz. Vindo entaõ o Sancriſtaõ, e circumſtantes no conhecimento da innocencia do ſervo de Deos, e da ſua peſſoa, confuſos, e envergonhados, lhe pedíraõ perdaõ, e admirados da ſua paciencia lhe convertêraõ as injurias em elogios. En-

278 Entende-se que elle foi favorecido na Oraçaõ com favores especiaes do Senhor, e visoens sobrenaturaes. Indo em Missaõ para o Alemtejo com Fr. Antonio da Incarnaçaõ, e outro Religioso Companheiro, foraõ todos descançar do trabalho do caminho a huma casa. Levantando-se depois para continuar a jornada, e vendo os Companheiros que Fr. Affonso sahia da Oraçaõ com o rosto muito inflammado, lhe perguntáraõ a causa daquella novidade. Respondeo elle: sonhei, e se me representou, que estava vendo a meu P. S. Bento: porém os Companheiros pelos signaes extraordinarios que víraõ, julgáraõ que naõ fôra sonho, mas visaõ mysteriosa. Destes favores naõ podemos dar noticias mais individuaes, porque recebendo-os elle no silencio, e retiro da contemplaçaõ, sempre a sua humildade os soube occultar. A caridade, e amor deste servo de Deos com seu proximo, e o zêlo que teve de que todos elles se salvassem, he indizivel. A pesar das muitas molestias que padecia, elle se punha a caminho sempre a pé para Missoens remotas, e laboriosas: succedeo mais de huma vez, que elle opprimido de febre ardente de sezoens subindo ao Pulpito

pré-

prégava com tal fervor, e espirito, como se estivesse saõ. Em algumas occasioens se admirou, como especie de milagre, vêr que elle descia do Pulpito mais alliviado, e livre da febre, e sezoens com que começára a prégar. Em seus Sermoens, em suas Práticas, em suas conversaçoens, em seus conselhos, e dictames, em seus livros, e em suas cartas naõ respira, nem se conhece outra cousa, senaõ chammas do abrasado fogo de caridade com seu proximo, e inflammados desejos de meter a todos no Céo.

279 A quantas almas tirou o zêlo deste servo de Deos dos perigos evidentes, e occasioens proximas de se perderem? A quantas solicitou esmólas para sahirem do Mundo, e se recolherem nas clausuras dos Mosteiros? E quantas destas tendo perseverado na sua direcçaõ espiritual, acabáraõ em cheiro de santidade. Este ardente zêlo da honra de Deos, e da salvaçaõ das almas de que sempre andou acompanhado, foi o sagrado verdugo, que lhe tirou a saude, e que lhe abbreviou a vida, e que lhe chamou mais depressa pela morte. Pois sahindo pouco convalescido de Varatojo a 16 de Fevereiro de 1759 para a Villa de Santa-

tarem, nella tiveraõ fim as ſuas Apoſtolicas fadigas. Devia-lhe eſta devota Villa eſpecial affecto, e lhe levava as attençoens por ter nella muitas vezes feito Miſſaõ com admiravel fructo das almas, muitas das quaes elle dirigia na vida eſpiritual, e caminho do Céo com ſingular adiantamento na virtude, e perfeiçaõ. Começando elle a Miſſaõ com indizivel fervor de eſpirito, foraõ taes os ſeus clamores, e vehemencia com que declamou contra os vicios, que lhe cauſáraõ huma grande rotura, a qual o obrigou a pôr termo á Miſſaõ a 4 de Abril do ſobredito anno, e a voltar ao Seminario.

280 De Santarem ſe reſtituio gravemente enfermo o P. Fr. Affonſo ao ſeu amado retiro de Varatojo, onde a peſar dos remedios da arte, que a todo o cuſto lhe ſolicitou a caridade do Guardiaõ do Seminario, naõ experimentou com elles allivio, mas antes ſe obſervou, que juntamente com a moleſtia creſciaõ as dôres mais, e mais. Ainda que toda a vida deſte ſervo de Deos, principalmente depois que ſahio do Seculo, tinha ſido preparaçaõ para morrer bem; elle vendo que era chegada a conſummaçaõ de ſeus dias, que eſtava proxima a indiſpenſavel jor-

nada da eternidade, e que o eſperava brevemente o fatal golpe da morte, ainda que como Juſto ſe naõ aſſuſtou, fez novos preparativos para recebê-la em todo o pouco tempo que lhe reſtou, que pelo muito que nelle padeceo, bem lhe podemos chamar lento martyrio. Eſquecido de tudo o que naõ he Deos, occupava todos os inſtantes inteiramente com eſte Senhor em affectivos, e amoroſos Colloquios, fazendo fervoroſos Actos de Fé, Eſperança, Caridade, Contriçaõ, e reſignaçaõ com o Divino beneplacito. Confeſſava-ſe repetidas vezes, commungava Sacramentalmente com frequencia, e eſpiritualmente ſempre que ouvia dar horas o Relogio; repetia inceſſantes ſúpplicas á Santiſſima Virgem Mãi de Deos, aos Patriarchas S. Bento, e S. Franciſco, e ao Caſtiſſimo S. Joſé, e ao Anjo da Guarda, que lhe aſſiſtiſſem na ſua morte.

281 Finalmente, ainda que o ſervo de Deos ſe achava na enfermaria de Varatojo debilitado de forças corporaes, e falto de alentos vitaes, ſempre vigoroſo em ſeu eſpirito continuou no meſmo leito os exercicios compativeis com as ſuas moleſtias. Eſtava a carne enferma, e o eſpirito ſempre

prom-

prompto para louvar a Deos. Elle para nunca se esquecer deste Senhor, recommendou ao Enfermeiro assistente, que, quando o visse em algum lethargo, lhe fizesse signal com hum dedo levantando-o para cima, e dizendolhe: *Irmaõ Fr. Affonso.* Todas as vezes que lhe fazia este signal o Enfermeiro, elle abrindo alegre, e risonho os olhos para este, lhe dava demonstraçoens de agradecido. Ainda que este servo de Deos em toda a vida de Missionario se conduzia pelo espirito do Seraphico P. S. Francisco, e esmerando-se, como seu filho legitimo, na perfeiçaõ da Regra, e inteira observancia da mais estreita pobreza Evangelica, que professou em Varatojo, e na mais profunda humildade, que sempre exercitou; com tudo elle na hora da sua morte quiz dar testemunho authentico do muito, que amava estas virtudes. Pois tendo recebido com a maior ternura, e devoçaõ os Sacramentos que elle pedíra, presente a Communidade, fez esta ultima saudosa, e terna falla ao seu Guardiaõ: Irmaõ Guardiaõ, eu me desaproprío de todas as cousas, que eraõ do meu uso, e até de mim mesmo me desaproprío. Peço a V. C., que me mande dar huma

ma tunica para amortalhar o meu corpo, e ſepultura para ſe enterrar. Peço mais, Oraçoens a V. C., e a toda a Communidade, e tambem peço a todos perdaõ, eſpecialmente da minha grande ſoberba; A Deos. Fechou logo os olhos, que tinha fitos no Santo Chriſto, e expirou tranquillamente no Senhor em idade de ſeſſenta e oito annos, e nove mezes menos ſeis dias.

282 Eſtas ultimas, e ſaudoſas palavras do ſervo de Deos, que com trémula, e quaſi defunta voz ſe deſpedio do Prelado, Communidade, e Religioſos ſeus Irmaõs, e Companheiros, feríraõ taõ vivamente os coraçoens de todos elles, que nas faces banhadas em lagrimas, que vertiaõ os ſeus olhos choroſos, nos gemidos, e ſuſpiros enternecidos, que ſahiaõ de ſeus magoados peitos, davaõ claro, e fiel teſtemunho da dôr, e ſaudade em que ficavaõ privados de taõ amavel, e ſanto irmaõ. No dia ſeguinte ſe fez o enterro com a religioſa pompa, que permitte a pobreza de Varatojo. Jaz o ſeu corpo no Capitulo do Seminario aos pés do V. P. Fr. Antonio das Chagas na ſepultura do N.º 9. Naõ ſe deo parte na Villa de Torres Vedras, viſinhanças de Varatojo, da morte do P. Fr.

Fr. Affonſo, aonde elle, e em todo o Reino era por ſuas virtudes venerado como Santo. Julga-ſe, que foi por evitar algum tumulto em ſeu enterro. As peſſoas, que viraõ o ſeu cadaver na Igreja, corrêraõ com devota ambiçaõ a cortar-lhe bocados do Habito. Muitas deſtas peſſoas que conſervavaõ, e eſtimavaõ eſtes retalhos, e outras couſas do uſo deſte grande ſervo de Deos, como precioſas reliquias de hum grande Santo, confeſſáraõ, que applicando eſtas couſas á parte do corpo enfermo com alguma moleſtia, e invocando a Deos por interceſſaõ do ſeu ſervo P. Fr. Affonſo, ſe viraõ livres das ſezoens, e de outras graves moleſtias que padeciaõ. Huma deſtas atteſtou, que com o ſobredito contacto logo ſarou de huma fiſtula, que lhe affligia hum olho. Outra confeſſou que naõ uſára de outra medicina para ſarar inteiramente de hum ſcirro. Outros muitos caſos prodigioſos, que ſe referem ſuccedidos por interceſſaõ deſte ſervo de Deos, deixo de eſcrever por neceſſitarem de maior exame, e averiguaçaõ, como pedem as Leis da Hiſtoria. Naõ ſó em Varatojo, mas em todo Portugal ſerá eterna a memoria deſte illuſtre Varaõ, e inſigne Miſſio-

ſio-

fionario por ſuas heroicas virtudes, que exercitou, e pelos multiplicados, e abundantes fructos, que de ſeu zêlo Apoſtolico ſe ſeguíraõ á Igreja, e ao Eſtado. Deos ſeja ſempre louvado em ſeus Santos. Amen.

283 A eſtimaçaõ, e acceitaçaõ, que fez o público das Obras do V. P. Fr. Affonſo dos Prazeres, deo motivo a que algumas dellas ſe imprimiſſem mais de huma vez. A primeira ediçaõ das *Maximas Eſpirituaes* foi no anno de 1737 a expenſas do Em.mo Cardeal Mota em Liſboa. A ſegunda tambem em Liſboa foi a expenſas do Erario Regio por Ordem do Magnanimo Rei D. JOAÕ V. no anno de 1740. A *Carta Directiva* accreſcentada ſe reimprimio em Coimbra no anno de 1765. As *Conſultas Eſpirituaes*, que ſe imprimíraõ em Liſboa no anno de 1745, merecêraõ de ſeus Cenſores grandes elogios, e tambem ſeu Author, como agora ſe verá.

284 O R. P. M. Doutor D. Joaõ Evangeliſta, Conego Regular de S. Agoſtinho, fallando das *Conſultas Eſpirituaes*, diz aſſim: « Eſte livro, » que contém quinze *Conſultas Eſpi-* » *rituaes*, que eſcreveo o M. R. P. » Fr. Affonſo dos Prazeres, Varaõ

» ver-

» verdadeiramente Apoſtolico, Miſ-
» ſionario digniſſimo do Santo Semi-
» nario de Varatojo, em cada huma
» dellas ſe eſtá vendo, e admirando
» o fervoroſo zêlo, conſummada ſabe-
» doria, e larga experiencia de ſeu
» Author, o qual deſprezando as gran-
» dezas do Mundo, trabalha ha tan-
» tos annos com palavra, e exemplo
» para ſer grande no Céo. He a pre-
» ſente Obra utiliſſima ás almas, que
» deſejaõ aproveitar na vida do eſpi-
» rito; poupa muito trabalho aos ſeus
» Directores; eſtá cheia de erudiçaõ
» ſagrada; contém doutrinas as mais
» ſólidas; promove aos bons coſtu-
» mes. »

285 O R. P. M. Joſé da Coſta da Companhia de Jeſus, Qualificador do Santo Officio, diz: « Li quinze *Con-*
» *ſultas Eſpirituaes*, compoſtas pelo
» M. R. P. Fr. Affonſo dos Prazeres,
» Miſſionario Apoſtolico no Semina-
» rio de Varatojo. Nellas moſtra o
» Author a vaſta erudiçaõ, que tem
» adquirido da Eſcriptura Sagrada,
» dos Santos Padres, e livros Aſcéti-
» cos, e Myſticos, reſolvendo pelas
» ſuas authoridades as mais difficeis
» queſtoens, e frequentes dúvidas, que
» coſtumaõ embaraçar o progreſſo no
» ca-

» caminho da perfeiçaõ. Naõ se con-
» tentou o fervoroso espirito do Au-
» thor de mover com o exemplo da
» sua vocaçaõ a emprehenderem ou-
» tras resoluçoens heroicas; de ensi-
» nar nos Pulpitos a desterrar os vi-
» cios, e abraçar as virtudes; passa
» agora a cortar com a espada da sua
» penna os laços com que o demo-
» nio tece intricados labyrinthos, e
» pertende enredar as almas justas; en-
» sina a distinguir as verdadeiras lu-
» zes da santidade das apparentes, e
» fingidas da hypocrisia; faz appare-
» cer em público intrépida a virtude,
» e emmudecer a mordacidade dos seus
» émulos: alenta aos desconsolados,
» e afflictos nos exercicios espirituaes,
» mostrando-lhes, que se adiantaõ mais
» pelo caminho aspero dos espinhos,
» que pelo delicioso das flores, e que
» se naõ póde gostar a doçura, e sua-
» vidade do Céo, senaõ na lança das
» tribulaçoens, que penetre o cora-
» çaõ: confunde aos que affectaõ o
» ocio de huma contemplaçaõ fingi-
» da sem subirem intellectualmente pa-
» ra Deos, e o attrahirem a si com
» fervorosos affectos da vontade. Em
» conclusaõ, compoz o Author nestas
» *espirituaes consultas* huma compen-
» dio-

» diosa Arte, pela qual assim Mestres,
» como discipulos devem aprender a
» sciencia dos Santos; aquelles para
» dirigirem as almas com acerto, es-
» tes para na falta de Directores es-
» pirituaes decidirem as dúvidas do
» seu espirito. Em livro de tanta uti-
» lidade naõ ha cousa, que naõ affer-
» vóre nossa Santa Fé, e promova
» muito os bons costumes.»

286 O R. P. M. D. José Barbosa, Preposito, que era da Casa da Divina Providencia, Academico da Real Academia, Censor Regio, diz: « He
» Vossa Mageſtade servido, que ve-
» ja as *Consultas Espirituaes*, que
» compoz o P. Fr. Affonso dos Pra-
» zeres, Missionario verdadeiramente
» Apostolico do exemplarissimo Semi-
» nario de Varatojo. Se eu, Senhor,
» tivera hum espirito taõ altamente
» perfeito, como o do Author, só
» entaõ poderia informar dignamente
» a Vossa Magestade da qualidade des-
» ta Obra. Nella, como escripta com
» o mesmo zêlo, e com a mesma pu-
» reza com que escreveo os dous To-
» mos das *Maximas Espirituaes*, naõ
» póde haver cousa contra o Real ser-
» viço de Vossa Magestade; porque
» o Author, nem como quem he, nem
» co-

„ como quem vive, póde faltar ao ref-
„ peito devido aos Soberanos. Naõ
„ póde faltar a profiſſaõ de Miſſiona-
„ rio, qual he a de procurar por to-
„ dos os meios poſſiveis a refórma
„ dos coſtumes dos vaſſallos de Voſ-
„ ſa Mageſtade, que, como he Prin-
„ cipe pio, e Succeſſor de Principes
„ pios, deſeja a obſervancia das Leis
„ Divinas. E os Reis ao meſmo tem-
„ po, que devem ter defenſores na
„ terra, tambem devem deſejar inter-
„ ceſſores no Céo. Para conſeguir o
„ Author eſte fim ſe recolheo ao Se-
„ minario de Varatojo, onde os ſeus
„ Miſſionarios eſtaõ ainda agora par-
„ ticipando das vivas, e ſagradas cham-
„ mas em que ſe abraſou o deſmar-
„ cado eſpirito do ſeu fervoroſiſſimo
„ fundador o V. P. Fr. Antonio das
„ Chagas. Naquelle Seminario eſtá ven-
„ do, e obſervando, como aguia vi-
„ gilante, aonde poderá fazer maio-
„ res preſas, e cuidadoſo de execu-
„ tar a ſua intençaõ voa para aquel-
„ la parte, aonde com a efficacia, e
„ ſuavidade da ſua doutrina tem ga-
„ nhado grande número de almas pa-
„ ra o rebanho de Jeſu Chriſto, que
„ ſe tivera muitos Obreiros de igual
„ eſpirito, poderia já obedecer todo

„ o

„ o Mundo a hum ſó Paſtor. Aos que
„ naõ pôde convencer com as vozes,
„ convenceo com a penna, deſtruindo
„ erros, que a ignorancia havia intro-
„ duzido, e moſtrando na reſoluçaõ
„ de grandes dúvidas a eſtrada ſegu-
„ ra para a eternidade. Naõ pôde fal-
„ tar a eſta politica hum homem de
„ taõ illuſtre naſcimento, como o Au-
„ thor; porque, ainda que piſou he-
„ roicamente reſoluto a grandeza do
„ Mundo, e os lugares, que o ſeu
„ valor lhe tinha já conſeguido na Mi-
„ licia, com o deſpreſo deſtas tempo-
„ ralidades naõ ſe eſqueceo das obri-
„ gaçoens, que herdou com o ſan-
„ gue. „

287 Além das Obras acima men-
cionadas, ordenou o ſervo de Deos
P. Fr. Affonſo o pequeno, mas precio-
ſo, livrinho intitulado: *Methodo Prá-
tico* extrahido principalmente das ſuas
Máximas, no qual inſinúa com facili-
dade, e ſuavidade regras, e dictames
práticos para as peſſoas, que pratícaõ
a virtude, e ſeguem a vida eſpiritual.
Fizeraõ-ſe varias ediçoens deſte livri-
nho em 12.

CAPITULO XXI.

Vida do Veneravel irmaõ Fr. Antonio de Deos, Filho do Seminario de Varatojo.

288 NO 1. de Abril de 1761 falleceo no Senhor em Varatojo o memoravel irmaõ Fr. Antonio de Deos, Filho do mesmo Seminario. Era natural da Villa de Sarnache, Bispado de Coimbra. Foi baptizado a 13 de Junho de 1677. Vindo a Varatojo pertender no anno de 1695 o Habito de irmaõ Donato, lhe foi negado por naõ haver lugar nessa occasiaõ. Voltou para a sua patria muito descontente por vêr frustrados seus desejos. Perseverou com tudo firme nelles. No anno seguinte, fiel á sua vocaçaõ, tornou a buscar o Guardiaõ do Seminario, instando-lhe de novo com a mesma petiçaõ, a qual teve entaõ despacho favoravel, como anciosamente desejava. Foi acceito, e se conservou no Seminario com o Habito de irmaõ Donato exemplar, e fervoroso, até o anno de 1708, no qual entrou para o Noviciado, e professou no anno seguinte.

Vi-

289 Viveo Fr. Antonio de Deos no Seminario de Varatojo sessenta e cinco annos. Foi toda a vida deste memoravel Irmaõ, depois que tomou o Habito, sempre exemplar, e hum contínuo processo de virtudes, e perfeiçoens religiosas. Elle era por extremo humilde, e se exercitava gostoso nas occupaçoens mais desprezíveis, e laboriosas do Seminario. No tempo que entrou para Irmaõ Donato, naõ havendo moço Secular que servisse o Seminario, se offereceo humilde, prompto, e fervoroso ao Guardiaõ para servir a Communidade em lugar de moço, fazendo as suas vezes em tudo o que fosse necessario a bem do Seminario. Levava pela reata a besta da Communidade para conduzir as esmólas ao Seminario, e naõ apparecendo besta, elle mesmo trazia as esmólas, e outras cousas, ainda que alguma vez era o seu pêso de muitas arrobas. Dizia por humilde que tinha por grande honra servir de jumento em Varatojo. Tinha esta virtude da humildade lançado taõ profundas raizes no espirito, e coraçaõ deste servo de Deos, que á imitaçaõ do Seraphico Padre S. Francisco chamava aos Sacerdotes seus Senhores, fallava-lhes sempre com summa re-

reverencia, e jamais ſe cobria diante delles. Ainda em ſua ancianidade, poſto que já debilitado de forças, lhe era violento, que o mandaſſem aſſentar diante de algum Sacerdote. Taõ profunda era a ſua humildade.

290 Sempre Fr. Antonio inimigo declarado da ocioſidade, ſem extinguir o eſpirito da ſanta Oraçaõ, e ſem ſe eſquecer de Deos, trabalhava ſempre com diligencia, cuidado, e deſvélo na horta, e cerca de Varatojo, e tambem de Brancanes, quando eſte Convento eſtava ſujeito ao Seminario de Varatojo. Pedia fervoroſo aos Guardiaens, que, quando elle ſe achaſſe dentro do Seminario ſem officio proprio, lhe permittiſſem licença para ſe occupar neſte violento trabalho da horta, e cerca. Elle ſe eſmerava em fazer com a maior perfeiçaõ, limpeza, e aſſeyo os officios de Cozinheiro, Sancriſtaõ, Enfermeiro, e todos aquelles em que o punha a obediencia dos Prelados. Elle, ainda que ſempre extremoſo na caridade para todos, naõ permittia houveſſe quebras na ſanta pobreza, jamais conſentia nella deſperdicios, nem ſuperfluidades, antes, quando neſta materia via algum deſcuido, dava logo demonſtraçoens do mais vivo ſentimento.

to. Como verdadeiro pobre de eſpirito, zelava ſempre a ſanta pobreza, que ſe pratíca em Varatojo.

291 Acabados os miniſterios em que o tinha a obediencia, ſem ſer chamado, ſenaõ pela voz da ſua caridade, hia ajudar a ſeus Irmaõs nos officios a que eſtavaõ deſtinados. Hia caritativo ás cellas dos Frades velhos, e achacados pedir-lhes os lenços, e roupas para as lavar, e remendar. A meſma officioſa caridade praticava com os Religioſos, que ſe eſtavaõ preparando para a Miſſaõ. Tal era o fervoroſo eſpirito de Fr. Antonio de Deos, tal o deſejo de naõ faltar aos actos da Communidade, e officios proprios dos Irmaõs Leigos, que ſendo por ſua muita velhice, e moleſtias alliviado da cozinha pelos Prelados do Seminario, ſentia muito eſta diſpenſa; dizia fervoroſo que deſejava morrer trabalhando, e occupado no ſerviço da Communidade. Era no ſeu comportamento affavel, agradavel, e muito exemplar, naõ ſó no Seminario entre ſeus Irmaõs, mas ainda muito mais entre Seculares, aos quaes edificava com ſua vida modeſta, e penitente, e inſtruia com as ſuas palavras cheias de eſpirito, contando aos meſmos hiſtorias de Santos,

e

e funeſtos caſos de peccadores obſtinados, que impenitentes morrêraõ no ſeu peccado.

292 Padeceo Fr. Antonio de Deos em ſeus ultimos annos muitas enfermidades corporaes, que lhe creſcêraõ com a idade, e com ellas o vigor do eſpirito, pois as tolerava com paciencia heroica, e com grande conformidade, e reſignaçaõ. De vida taõ exemplar, e inculpavel deſte diligente, fervoroſo, e fiel ſervo do Senhor bem podemos colligir que andava ſempre intimamente unido com Deos, e na ſua contínua preſença, fazendo na terra de alguma ſorte vida de cortezaõ do Céo. Elle ainda na veſpera da ſua morte foi ouvir Miſſa do Côro, e ao ſahir delle conheceo o Guardiaõ a ſua grande debilidade tal, que apênas ſe podia ter em pé, e ſe vinha encoſtando ás paredes. Entaõ mandou o caritativo Guardiaõ a huns Religioſos, que foſſem logo buſcar huma cadeira, e que pondo nella a Fr. Antonio, já pouco menos que moribundo, o conduziſſem á Enfermaria. Onde pouco depois roborado com os ultimos Sacramentos, e ſoccorros da Communidade, invocando os dulciſſimos Nomes de Jeſus, Maria, e Joſé, falleceo placidamente

na

na idade de oitenta e quatro annos. Jaz na ſepultura 15 do Capitulo do meſmo Seminario de Varatojo.

CAPITULO XXII.

Vida, e virtudes do V. P. Fr. Manoel de Chriſto, Filho do Seminario de Varatojo, e dos ſervos de Deos Irmaõs Leigos Fr. Boaventura, e Fr. Joaquim da Conceiçaõ.

293 A 9 de de Outubro de 1769 falleceo em cheiro de ſantidade no Seminario de Varatojo o V. P. Fr. Manoel de Chriſto, Filho benemerito do meſmo Seminario, e Miſſionario Apoſtolico. Era natural de S. Pedro de Avelans de cima, neſſe tempo Biſpado de Coimbra, e agora de Aveiro, naſcido de pais humildes, mas abundantes de virtudes, e bens temporaes. Deraõ eſtes a ſeu filho excellente educaçaõ. Elle inclinado ás letras, e ao eſtado Eccleſiaſtico frequentou a Univerſidade. Sentindo-ſe neſte tempo movido para abraçar o Inſtituto da Sagrada Refórma dos Carmelitas Deſcalços, tomou com effeito o Habito deſta Santa Religiaõ. Depois de algum tempo de

de Noviço ſahio do Noviciado por enfermo para caſa de ſeus pais. Continuou ſeus eſtudos, ainda que algum tanto enfermo, e ſe formou em os Sagrados Cánones. Ordenado de Presbytero, dando com ſua conducta exemplar, e irreprehenſivel claras provas de perfeito Sacerdote, foi eleito pelo Prelado deſta Dioceſe Paſtor de huma Freguezia.

294 No exercicio de Parocho por obediencia do ſeu Prelado, apaſcentando as ſuas ovelhas com o ſaudavel paſto da Doutrina, e Sacramentos, ſe achava Manoel Martins (era eſte o nome de Fr. Manoel no ſeculo) quando ſe tornou a ſentir movido a deixar o Mundo, e a buſcar os clauſtros da Religiaõ para nelles acabar ſeus dias. Com inclinaçaõ á vida Apoſtolica lhe agradava o Inſtituto de Varatojo. Porém algumas enfermidades que padecia, e duas fontes, que por effeito dellas lhe mandáraõ abrir os Profeſſores de Medicina, lhe repreſentavaõ a vida de Varatojo incompativel com ſuas poucas forças, e que por falta deſtas, ainda que foſſe acceito no Seminario, poderia por enfermo tornar a ſahir para o ſeculo, como lhe ſuccedêra, quando ſe achava Noviço Carme-

melita. Cheio todavia de confiança em Deos, e lançado nos braços de sua Providencia, se resolveo escrever ao Guardiaõ de Varatojo, pedindo-lhe se dignasse acceitá-lo no Seminario. Recebeo do mesmo Guardiaõ resposta favoravel, e certeza moral da sua acceitaçaõ no Seminario de Varatojo.

295 Deliberou-se logo Manoel Martins, ao exemplo dos Apostólos, seguir a voz da vocaçaõ, e deixar naõ só a Igreja, mas quanto possuia no seculo, distribuindo em obras pias, e pelos pobres de Jesu Christo. Elle cheio de prazer fez este discurso, como elle mesmo contava depois: Achando-me eu com duas fontes, além de algumas enfermidades corporaes, me acceitaõ em Varatojo? Isto naõ póde ser sem alta providencia de Deos. Eu naõ devo desobedecer á sua Voz. Vou para Varatojo, e fazendo lá minha Confissaõ Geral, se morrer logo, logo vou para o Céo. Poz-se a caminho, e chegando a Varatojo no fim de Fevereiro de 1719, logo cheio de prazer com plena satisfaçaõ do Guardiaõ, e de toda a Communidade tomou o Habito do Seminario, e nelle professou solemnemente no mez de Março seguinte de 1720, tendo supporta-

do

do as asperezas do Noviciado, como se tivesse vigorosa saúde, e de alguma sorte mais robusto do que quando entrou em Varatojo.

296 Na verdade que causa admiraçaõ, e parece especie de prodigio o que Deos obrou com este seu servo. Elle padecia no seculo enfermidades, e por causa dellas se lhe abríraõ duas fontes, buscou o retiro de Varatojo, pensou que poucos annos teria nelle de vida. Porém ó alta Providencia de Deos! A pesar das austeridades de Varatojo, a pesar dos jejuns de muitas Quaresmas, a pesar das frequentes disciplinas, cilicios, cama dura, muitas horas de meditaçaõ, Côro á meia noite, e ás cinco horas da manhã, silencio, e abstracçaõ de creaturas, assistencia a moribundos, trabalho de Missoens, exercicio quasi contínuo no Confessionario, e applicaçaõ aos livros de materias tendentes a este sagrado emprêgo, e do Pulpito, naõ se lhe augmentáraõ com tudo em Varatojo as queixas, mas antes se lhe diminuíraõ, naõ se lhe abbreviou a vida, antes lha prolongou Deos por muitos mais annos do que os quinze, que concedeo a Ezechias; pois passou de viver em Varatojo além de cincoenta annos, chegando á avançada idade

de

de muito mais de oitenta, tendo-se-lhe fechado huma fonte pouco depois de professo.

297 Que argumento este para desvanecer as preoccupaçoens daquelles, que estudando no regalo, e descanço do corpo, pensaõ que as penitencias, e mortificaçoens saõ abbreviadoras da vida, e que chamaõ mais depressa pela morte; quando por experiencia vêmos o contrario? Foi Fr. Manoel de Christo em toda a sua vida a veneraçaõ de Varatojo por suas raras virtudes, foi Varaõ de huma rara simplicidade, virtude columbina, que formava o verdadeiro caracter deste servo de Deos, foi singular na caridade, insigne na obediencia, de humildade profunda, de pobreza extremosa, e Evangelica, de castidade immaculada. Teve graça particular para criar Noviços, e de lhes contrafazer as vontades, logo desde que entravaõ no Noviciado com santa severidade. Foi Mestre delles perto de quarenta annos, e juntamente Presidente do Seminario com plena satisfaçaõ da Communidade, e muita utilidade dos Noviços. Contaremos alguns lances a respeito das provas, que este experimentado, e illuminado Mestre fazia a seus Noviços.

Hum

Hum deſtes, que foi o V. P. Fr. Affonſo dos Prazeres, de quem ha pouco fallamos, indo huma vez ter com ſeu Meſtre, lhe diſſe: Irm. Meſtre, temme lembrado, que, como eu antes de vir para Varatojo já prégava, me ſería conveniente nas vacancias das occupaçoens do Noviciado lêr alguns Sermoens, ſe V. C. me conceder eſta licença. Calou-ſe o Meſtre, e paſſados alguns dias fallando com o Noviço Fr. Affonſo, lhe fez eſta pergunta: Irm. Fr. Affonſo, V. C. naõ me tornou a fallar em huns Sermoens em que deſeja lêr, porque foi iſto? Reſpondeo o Noviço: porque V. C. me naõ deo reſpoſta. Entaõ Fr. Manoel, com ar de ſeveridade metendo huma Cartilha na maõ ao Noviço, lhe diſſe: Ora aqui tem, ſoberbo, o livro por onde agora deve eſtudar para fazer Sermoens a ſi meſmo. O Noviciado he para aprender a orar, e naõ para aprender a prégar, he para exercitar virtudes, e mortificar as proprias paixoens; e negar a vontade, e naõ para eſtudar outras Theologias, nem outros Sermoens.

298 Deixando Fr. Joſé de S. Paulo a ſua grande caſa de Cabanas de que era Senhor, depois de Juiz de Fóra de

La-

Lamego, entrou Noviço em Varatojo. Fr. Manoel de Christo, que era seu Mestre, lhe mandou para provar a sua obediencia, que do tanque, onde se achavaõ duas quartas, trouxesse huma com agua para regar hum taboleiro de flores. Trouxe o Noviço a quarta com agua, recommendou-lhe o Mestre, que repetisse por mais vezes a diligencia para ficarem bem regadas as flores. Trouxe duas quartas com agua ao mesmo tempo para naõ multiplicar passos. Tanto que o bom Mestre vio ao Noviço com duas quartas na maõ, sem lhas mandar trazer, o arguio acremente, dizendo-lhe: Olhe como he esperto! Isto he o que foi aprender a Coimbra? Ora para a primeira vez que se adiantar, e exceder o que se lhe manda fazer, colherá, por fructo da sua esperteza, penitencia, e tambem açoutes, que lhe mandarei dar para observar á risca, sem exceder em cousa alguma, o que se lhe manda fazer, e naõ de outra sorte.

299 Fez Fr. Manoel de Christo muitas, e mui fructuosas Missoens em Lamego, Coimbra, Algarve, e em outras muitas terras deste Reino. Tinha vasta noticia, e erudiçaõ da Theologîa Moral, e tambem da Mystica.

Era

Era buſcado, como oraculo no Confeſſionario. Dirigia as conſciencias de muitas almas naõ ſó Seculares, mas de grande parte dos Religioſos do Seminario, que tinha criado ſendo Noviços, e elle entaõ Meſtre delles. Adornou-o Deos com o dom de diſcernimento de eſpiritos.

300 Reſplandeceo Fr. Manoel de Chriſto em Varatojo, como luminoſa tocha, em todas as virtudes religioſas, e na perfeiçaõ dellas. Elle ainda no ſeculo deſde ſeus tenros annos cuidou ſolícito em ſe acautelar dos perigos da ſua alma, e da communicaçaõ, e companhia da mocidade vicioſa. Soube por eſte meio, e com o ſoccorro da frequente confiſſaõ, e communhaõ debaixo da direcçaõ de virtuoſos, e ſabios Confeſſores conſervar immaculada a ſua innocencia. Atteſtáraõ ſeus Confeſſores que elle morrêra com a Graça Baptiſmal, e que nunca manchára o lirio da ſua caſtidade com peccado impuro. Sabendo elle que a virtude da humildade he guarda fiel da caſtidade, e baſe fundamental de todas as outras, poz neſte particular eſtudo. E por eſta eſtrada ſegura dirigia as peſſoas que confeſſava. Para prova da ſua profunda humildade eſcreverei aqui os dous

lan-

lances feguintes, que eu mefmo prefenciei, e admirei.

301 Eftando fóra de Varatojo o Guardiaõ do Seminario, ficou Fr. Manoel governando, como Prefidente, o mefmo Seminario. Mandou elle do Refeitorio a dous Religiofos no fim da mefa lavar a louça á cozinha, como he coftume em Varatojo. Depois da acçaõ de Graças da Communidade, entrando elle na cozinha, e obfervando que o Religiofo mais velho, que fôra mandado lavar a louça, fe defcuidára em praticar huma ceremonia, e exercicio de humildade, que tambem por coftume louvavel fazem os que lavaõ a louça, o advertio com algum ar de feveridade, dizendo-lhe: Olhe, como he Fidalgo, que faltou a efta ceremonia de humildade. A pefar de Fr. Manoel de Chrifto fazer nefte tempo as vezes de Prelado, que devia zelar a exacta obfervancia das ceremonias que fe praticaõ em Varatojo, e a pefar de ter fido aquelle Religiofo Noviço, e difcipulo feu, elle julgando que lhe fallára com mais afpereza do que pediaõ as Leis da caridade, fe lhe foi logo lançar aos pés, pedindo-lhe perdaõ por lhe ter fallado com tanto defabrimento, e feveridade.

Cof-

302 Costumaõ-se designar em Varatojo todas as semanas dous Confessores, que logo de manhã depois da Oraçaõ dizem Missa para estarem expeditos, e promptos a toda a hora que os chamarem no Confessionario. Achando-me eu Sancristaõ, e com a obrigaçaõ de chamar os Confessores, quando viesse alguem pedir confissaõ, vendo huns homens no claustro, e encontrando-me ao mesmo tempo com Fr. Manoel de Christo, que tinha acabado de dizer Missa, e se achava na avançada idade de oitenta annos, lhe disse: Bem pudéra V. C., Irmaõ Fr. Manoel, confessar estes homens; respondeo-me elle: Pois eu sou Confessor da semana? Julgando elle que eu me escandalizaria desta resposta me veio pouco depois pedir perdaõ de ter fallado assim, deixando-me cheio de confusaõ com sua rara, e profunda humildade.

303 Taõ observante, e taõ zelador era da mais estreita pobreza, que achando duas agulhas na sua cella em occasiaõ que eu hia subindo para o Noviciado, me chamou, dizendo: Irmaõ Noviço, venha cá, leve essa agulha para o Noviciado, que ainda me fica outra, e esta me basta. Foi taõ fervoro-

roſo em ſeguir os actos da Communidade, que a peſar da moleſtia de gôta, que frequentemente o mortificava, ainda na idade de mais de oitenta annos encoſtado a huma mulêta queria ſer o primeiro no Côro, na Oraçaõ, no Confeſſionario, e nos exercicios compativeis com as ſuas moleſtias. Foi devotiſſimo da Paixaõ de Chriſto: mais de huma vez o vi viſitar a Via-Sacra quaſi de raſtos, por naõ poder ajoelhar, quando ſe achava opprimido da moleſtia da gôta.

304 A devoçaõ terniſſima, que ſempre teve ao Auguſto Sacramento do Altar, lhe dava alentos para lhe recitar diariamente mais de huma vez a Eſtaçaõ com os braços em cruz, para fazer-lhe frequentes viſitas, e celebrar a Santa Miſſa com a maior reverencia, gravidade, e devoçaõ, ainda quando ſe achava attenuado de forças pela ſua cançada velhice. Huma occaſiaõ, que o Senhor Sacramentado hia conduzido em Prociſſaõ pelo clauſtro do Seminario, foi tal o júbilo do ſervo de Deos, que, como tranſportado, e banhado em lagrimas, rompeo neſtas palavras: Que exceſſo, que finezas do noſſo grande Deos! Pelo que ſe obſervava neſte ſervo fiel do Senhor, ſe julgava que

elle era illuminado, e que lhe communicava Deos especiaes favores, e visoens na sua contemplaçaõ. Elle tinha a presença deste Senhor taõ contínua, que ainda nas conferencias literarias da Livraria dizia frequentemente: Fallemos, como quem está na presença de Deos.

305 Ainda que o P. Fr. Manoel de Christo tinha o Côro por delicias, e nelle desejava acabar a vida, naõ lhe permittíraõ os Prelados em consideraçaõ das molestias, e avançada idade octogenaria, que elle fosse ás Matinas da meia noite, nem á hora de Prima, que sempre se reza em Varatojo ás cinco horas da manhã. Porém elle fazendo da sua cella Côro, costumava nella rezar as Horas Canonicas á mesma hora, que a Communidade as rezava no Côro, e tambem costumava fazer a sua hora de meditaçaõ no mesmo tempo, que a Communidade a tem no Côro, e posto em Oraçaõ morreo, como logo se dirá. Por effeito da devoçaõ cordial, que elle professava á Imagem da Senhora do Sobreiro, que se achava na mata do mesmo Seminario, a visitava frequentemente. Tendo em hum dia de manhã celebrado a Santa Missa com a devoçaõ, e espirito que cos-

costumava, foi de tarde visitar a Senhora, como quem se queria despedir deste Mundo para a eternidade, e pedir-lhe a sua assistencia na hora da sua morte. Na manhã seguinte achando-se dentro na cella de joelhos em Oraçaõ, foi accommettido de huma apoplexia, que summariamente lhe tirou a vida, naõ dando lugar senaõ a ungí-lo.

306 Foi vivamente sentida a morte de Fr. Manoel de Christo, naõ só pelos Religiosos de Varatojo, que todos o veneravaõ como santo Religioso, espelho, e exemplar de perfeiçoens religiosas, mas por todos os que conhecêraõ as suas virtudes, e admiráraõ a sua vida sempre edificante, e inculpavel. Ficou o seu cadaver por muito tempo com similhanças de vivo, e com hum calor, que a juizo dos Medicos que o víraõ, naõ podia ser natural. A piedade dos Seculares vendo o cadaver deste servo de Deos na Igreja, quasi o deixavaõ nû, e sem mortalha, a qual lhe retalhavaõ em bocados para os guardar, como prendas, e Reliquias de hum grande Santo. Os mesmos Religiosos guardáraõ com a maior estimaçaõ todas as cousas deste Veneravel, e memoravel Padre: até huma tigelinha de páo por

onde bebia o ſervo de Deos foi para caſa do Meſtre de Campos, e de ſua mulher D. Maria Caêtana, aſſiſtentes no lugar do Turcifal, que a eſtimáraõ mais que hum rico, e precioſo theſouro. A caveira deſte ſervo de Deos ſe conſerva com veneraçaõ no nicho da Livraria do Seminario. Deſcançaõ ſuas veneraveis cinzas na ſepultura do Capitulo N.º 12.

307 A 4 de Junho de 1770 falleceo no óſculo do Senhor com morte de predeſtinado, a juizo dos que aſſiſtíraõ a ella, o ſervo de Deos Fr. Boaventura da Conceiçaõ, memoravel Irmaõ Leigo, Filho do Seminario de Varatojo, onde viveo até os ultimos annos da ſua ancianidade ſempre com vida inculpavel, edificando ſempre com ella, e com ſuas virtudes naõ ſó dentro do Seminario a ſeus Irmaõs nos officios, que exercitou nelle, mas aos Seculares, quando tratava com elles por occaſiaõ de peditorios, ou negocios da Communidade. Foi taõ ſingular na virtude da manſidaõ, e poz tanto eſtudo em conſervar a paz do ſeu eſpirito pacifico, e inalteravel, que por mais de quarenta annos naõ ſe lhe conheceo impaciencia. Era taõ fervoroſo, e taõ ſantamente tenaz em ſeguir

os

os actos da Communidade, que a pesar de duas grandes roturas que padecia, e da occupaçaõ, que por muitos annos teve de Enfermeiro, naõ queria que o Guardiaõ o dispensasse da sua semana de Cozinheiro, nem de Matinas á meia noite. Eu lhe ouvi algumas vezes dizer: Ainda que eu por minhas duas roturas naõ possa acompanhar a meus Irmaõs nas Matinas da meia noite, e assistir no Côro, sempre estarei da parte de fóra delle a ouvir os louvores de Deos: Tal era o fervor do seu espirito.

308 Jamais se vio este Veneravel Irmaõ occupado em outros exercicios no tempo que lhe restava dos officios, e occupaçoens em que o punha a obediencia, que naõ fosse nos actos da caridade, e piedade, já visitando Via-Sacras, já servindo aos enfermos, já lavando, e remendando-lhes os Habitos, já preparando-lhes os remedios. Naõ era necessario, que os Prelados advertissem a Fr. Boaventura, que naõ tendo officio ajudasse aos outros Irmaõs; elle fervoroso, e inimigo sempre da ociosidade, quando naõ tinha que fazer, hia offerecer-se aos Guardiaens para que o mandassem occupar em alguma cousa. Nunca os Prelados acháraõ re-

pu-

pugnancia, mas ſempre promptidaõ em tudo o que mandavaõ a eſte ſervo de Deos. Elle por eſta prompta obediencia, pela ſua manſidaõ de eſpirito, pela ſua ardente caridade, pela ſua viva Fé que ſe lhe conhecia, pela ſua profunda humildade, pela ſua modeſtia, pelo ſeu eſpirito de mortificaçaõ junto com a ſua alegria religioſa, e com a ſua ſimplicidade columbina era amado de todos, tanto domeſticos, como eſtranhos; todos o reſpeitavaõ, como a eſpelho, e a exemplar de perfeiçoens. Correſpondeo a ſua precioſa morte á juſtificada vida que ſempre tivera. Recebidos com fervor de eſpirito os ultimos Sacramentos da Igreja, que elle pedíra, terminou a carreira de ſeus dias cheio de merecimentos com perto de oitenta annos de idade taõ placidamente, que pareceo o naõ tocou o tormento da morte. Foi ſepultado no Capitulo do Seminario na ſepultura, que eſtá entre a da Eſtrella, e a do N.º 2 da parte da Epiſtola. Era natural de Lisboa, e ſeus aſcendentes eraõ da Villa de Abrantes, e de S. Clemente de Baſto no Minho do Arcebiſpado Primaz.

309 Em 27 de Dezembro de 1771 terminou a carreira da ſua vida mor-

tal

tal cheio de dias, e de virtudes Fr. Joaquim da Conceiçaõ, Irmaõ Leigo, e benemerito Filho do Seminario de Varatojo, onde morreo com oitenta e quatro annos de idade naõ tendo em toda a ſua vida jamais bebido vinho, nem uſado de tabaco, nem tambem de carne nos ſeus ultimos annos. Paõ, hervas, e legumes eraõ a ordinaria refeiçaõ deſte ſervo de Deos. Era natural do lugar do Pedrógaõ na Comarca de Torres Novas do Patriarchado. Chamava-ſe no ſeculo Antonio de Carvalho, filho de pais honeſtos medianamente abaſtados em bens temporaes. Ainda que Antonio de Carvalho por eſpecial bençaõ, e beneficio do Céo educado, e criado Chriſtaõ, e virtuoſamente na caſa paterna ſe achava no ſeculo ſem tropeço da ſua innocencia com deſejo de maior perfeiçaõ, movido de Deos, buſcou o retiro de Varatojo, onde ſendo acceito ſervio algum tempo no Habito de Irmaõ Donato ao Seminario com exemplo, e edificaçaõ entre Religioſos, e Seculares. Entrou depois no mez de Dezembro de 1717 para o Noviciado, e profeſſou no anno ſeguinte de 1718 a Regra de S. Franciſco para o eſtado de Irmaõ Leigo com o nome de Fr. Joa-

quim da Conceiçaõ em reverencia deste Mystereio da Santissima Virgem a que professava cordial devoçaõ.

310 Este exemplar Irmaõ, tanto dentro, como fóra de Varatojo, viveo por seu fervor de espirito, por sua singular modestia, e por suas heroicas virtudes no conceito, e opiniaõ de todos, como perfeito, e santo Religioso: teve gostoso por mais de 30 annos em Varatojo o officio de Hortelaõ, e Cerqueiro. Nesta occupaçaõ o achavaõ, quando naõ era Cosinheiro, e quando naõ andava em peditorios, ou quando por obediencia naõ estava em outro exercicio. Verdadeiramente pela promptidaõ, fervor, e espiritual alegria com que Fr. Joaquim da Conceiçaõ fazia os officios, e exercicios que se pratícaõ em Varatojo, naõ parecia ter corpo terreno, e de carne, mas que todo era espirito, e huma pura essencia, porque ou elle se achasse no Seminario opprimido do seu assiduo trabalho, ou se recolhesse a elle fatigado dos peditorios, jamais se via abrir a sua boca para se queixar, e eximir dos officios proprios do seu estado; mas antes quando os Prelados por compaixaõ queriaõ alguma vez alliviá-lo destas occupaçoens, elle se mostrava santamente queixoso.

311 Nunca Fr. Joaquim desejou, nem appeteceo na Religiaõ a dispensa, nunca nella se escusou a trabalho. Nada na Casa de Deos lhe parecia molesto, nada pezado, nem desabrido; mas tudo suave, leve, e ligeiro. Elle a exemplo de Christo foi obediente até á morte. Era a sua obediencia taõ pontual, e taõ rendida a seus Prelados, e Directores espirituaes, que para a prompta execuçaõ della naõ lhe era necessario ouvir o preceito, ou insinuaçaõ da boca de quem o mandava, ou dirigia; mas bastava saber a sua vontade. Foi verdadeiramente Varaõ de altissima contemplaçaõ: parecia viver por milagre: orava incessantemente conservando viva em toda a parte a presença do Senhor, elle naõ dormia mais que tres, ou quatro horas, tendo sempre por cama humas taboas: tal era o seu fervor, e espirito de penitencia, que trazia por inseparavel companheira a continua mortificaçaõ das paixoens, e negaçaõ da propria vontade; tal o desejo de trabalhar na Religiaõ, e seguir sempre os actos da Communidade, que a pesar do jejum da maior parte do anno que elle fazia, sendo muitos a paõ, e agua, a pesar dos pungentes cilicios, e fre-

quen-

quentes disciplinas de que usava, a pesar das contínuas molestias, que padecia, e das grandes vertigens, que frequentemente o atormentavaõ até derribá-lo muitas vezes por terra, e a pesar da sua ancianidade de 80 annos, nada disto lhe parecia bastante para que affroxasse no fervor das suas austeridades, nada julgava sufficiente para que pedisse, ou admittisse dispensa a respeito da sua pessoa.

312 Antes bem sim este servo de Deos, como se estivesse na sua idade varonil, como se lograsse vigorosa saûde, como se fosse insensivel, e como se o seu corpo naõ estivesse atenuado de forças, e enfermo, mas vigoroso, elle sem se queixar, com o espirito prompto, e robusto, queria seguir todos os actos da Communidade, queria fazer os officios mais pezados no Seminario proprios dos Irmaõs Leigos, queria occupar-se na cosinha, queria ir sempre a Matinas á meia noite, queria varrer a Igreja, Dormitorios, e claustros, queria lavar as roupas no lavatorio, e remendar os Habitos. Sou testemunha ocular, que vi, e admirei banhado de espiritual alegria a este fervoroso servo de Deos ainda na sua cançada velhice, e decre-

crepita idade, occupado naõ só nos exercicios mencionados, mas tambem quando apenas só podia arrastar os pés, e dar alguns passos, estes eraõ para o Côro arrimado ás paredes do Dormitorio para naõ cahir, como muitas vezes lhe succedia por causa das grandes vertigens, que frequentemente o atormentavaõ. Tambem o vi naõ só cavando na horta, e cerca, mas quasi de gatinhas alimpando as suas ruas. Jámais se vio este bom Irmaõ estar ocioso, mas sempre religiosamente occupado nos exercicios proprios do seu estado. Seu Livro era Jesu Christo, por Elle estudava, tanto dentro do Seminario, como quando fóra delle andava em peditorio, ou em negocios da Communidade. Em toda a parte dava testemunho de perfeito Religioso.

313 Naõ era necessario sino, nem despertador, que chamasse a Fr. Joaquim para o Côro: sempre elle queria ser o primeiro nos louvores de Deos, e actos de Communidade. Em onze mezes, que sendo eu Noviço despertava os Religiosos para o Côro, e Matinas da meia noite, e á hora de Prima das cinco horas da manhã, jamais achei a este servo de Deos na sua cel-

cella, quando o hia despertar. De alguma sorte podia elle dizer com a Esposa Santa: Eu durmo, e o meu coraçaõ vigia. Acabou em fim Fr. Joaquim da Conceiçaõ a sua vida mortal cheio de dias, de virtudes, e de merecimentos com morte de predestinado no conceito dos que lhe assistíraõ a ella. Foi sepultado seu veneravel cadaver no Capitulo do Seminario na sepultura do número primeiro: viveo com o Habito do Seminario mais de 60 annos, e morreo na idade de 84, como se disse acima. Era de mediana estatura, e de poucas carnes, de rosto redondo, picado das bexigas, tirante a trigueiro; conservou sempre o cabello da cabeça, ainda que branco nos seus ultimos annos, e quasi sem calvice.

CAPITULO XXIII.

Vida do servo de Deos P. Fr. Gaspar da Virgem Maria, Missionario de Varatojo.

314 A 21 de Agosto de 1774 falleceo com acclamaçaõ de santo em Lessa do Balío, huma legoa desta Cidade do Porto, o memoravel P. Fr. Gas-

Gaſpar da Virgem Maria, Miſſionario Apoſtolico, e benemerito Filho do Seminario de Varatojo, na idade de 71 annos achando-ſe em actual Miſſaõ. Era natural da Freguezia de S. Lourenço do Prado, extra muros da Praça, e Villa de Melgaço. Foi baptizado na meſma Freguezia a 13 de Janeiro de 1703, como conſta de huma certidaõ tirada dos Livros findos, que ſe achaõ no Cartorio da Villa de Valença do Minho, por Antonio Manoel Caetano de Abreu Soares, Commiſſario do Santo Officio, Theſoureiro Mór da inſigne Collegiada de S. Eſtevaõ da meſma Villa de Valença do Minho. Era filho de pais remediados em bens temporaes, e das principaes Familias, e Nobreza daquella Villa, e ſeu termo. A dita Certidaõ do Baptiſmo foi extrahida dos Livros findos, no anno de 1795.

315 Teve Gaſpar Soares (era eſte o nome de Fr. Gaſpar no tempo de Secular) por Meſtre da Grammatica Portugueza, e Latina, e tambem dos coſtumes na primeira infancia a ſeu pai Luís Soares. Paſſou depois para a caſa de ſeu Tio, Irmaõ de ſua mãi, Franciſco de Souto Coelho, Abbade da Freguezia de Dornellas, diſtante

duas

duas legoas da Cidade de Braga. Em casa deste virtuoso Parocho se criou Gaspar Soares com seus tres benemeritos Irmaõs: a saber, o Doutor Fr. Antonio de Santa Maria dos Anjos da Santa Provincia de Portugal, intitulado o *Melgaço*; o Mestre Ignacio Soares da Companhia de Jesus, e Diogo Soares, que morreo Abbade de Avidos. Depois que Gaspar Soares sahio da casa paterna para a deste virtuoso Tio Abbade, por mediaçaõ delle foi admittido no Seminario da mesma Cidade. No qual estudou Philosophia, e Theologia, e mereceo entrar no número dos Seminaristas de béca daquelle Collegio. Foraõ taõ rápidos os progressos, que fez nestas faculdades, que entre seus Collegas Seminaristas se gloriava de exceder a todos, e de naõ ser excedido de nenhum.

316 Concorria grandemente para estes vantajosos progressos, e adiantamento, que Gaspar Soares fazia nas Letras, o raro talento de que era dotado, e a assidua applicaçaõ que punha aos Livros. Ainda elle naõ estava ordenado de Presbytero, quando se poz a concurso a Igreja de Avidos, Abbadia do Arcebispado Primaz tres legoas e meia distante da Cidade de

Bra-

Braga. Foraõ neſte concurſo muitos Oppoſitores concorrentes, e já antigos em outras oppoſiçoens. Porém Gaſpar Soares, ainda que era a primeira vez que ſahia a concurſo, foi preferido a todos os occurrentes no concurſo, e levou a Igreja com applauſo, e louvor. Paſſou pouco depois a exercitar o emprêgo de Parocho na ſua Abbadia de Avidos. Achava-ſe elle com baſtantes luzes, e excellentes qualidades para dignamente cumprir com os devêres deſte Paſtoral emprêgo. Era ſabio, judicioſo, e aſſás inſtruido nas materias tendentes ao Confeſſionario, e Pulpito. Tinha ſem dúvida cabedaes, e aptidaõ para eſtes ſagrados emprêgos. Prégava facilmente com efficacia, e facundia natural. Accionava no Pulpito nobremente. Por ſua intimativa era admirado como o mais inſigne Prégador do ſeu tempo, e de todos ouvido com goſto. De perto, e de longe era convidado com grandes inſtancias para prégar os Sermoens da maior conſideraçaõ.

317 Achando-ſe Gaſpar Soares acompanhado, e reveſtido de preludios taõ excellentes, de princípios taõ fundamentaes, e de qualidades taõ relevantes para o emprêgo Parochial, quem pen-

pensaria que elle em seu comportamento, e conducta havia de deixar de ser hum exemplar, e perfeito Pastor? Assim se esperava, porém naõ succedeo assim. Nem sempre correspondem os effeitos, e provas ás esperanças, que se concebêraõ de Sujeitos egregios! Nem deve isto causar admiraçaõ. Tambem no mesmo Sol, a pesar de ser o astro mais luminoso, se avistaõ eclipses. Deos naõ querendo o mal, tambem algumas vezes para os fins de sua adoravel Providencia permitte em Sujeitos egregios, e illuminados, deslizes, quédas, e tropeços. Só os Anjos, e Bemaventurados do Céo estaõ seguros, e inteiramente livres de faltas, omissoens, e deslizes. Assim he que Gaspar Soares teve defeitos, fraquezas, deslizes, omissoens, e commissoens assás reprehensiveis na sua obrigaçaõ Parochial. Mas elle naõ era impeccavel, naõ era Anjo; era homem, era viador. Naõ será a primeira vez que Deos deixa cahir para levantar, e exaltar mais.

318 Com razaõ diz a Santa Igreja que fôra feliz a culpa de Adaõ pelos bens, que se seguíraõ depois de commettida. Da mesma sorte parece, que podemos chamar venturosos aos des-

deslizes, quédas, e omissoens de Gaspar Soares por virem a ser occasiaõ, e motivo para a sua conversaõ de Abbade de Ávidos descuidado em fervoroso Missionario de Varatojo, e dos grandes, e prodigiosos fructos, que elle depois de convertido á Graça, qual outro Paulo, fez nas almas com suas fervorosas, e Apostolicas Missoens em beneficio da Igreja, e do Estado; como vio, e admirou todo Portugal, e mostrará esta Historia. E donde procedêraõ estas reprehensiveis omissoens de que foi notado Gaspar Soares a respeito da sua obrigaçaõ Parochial? Procedêraõ em grande parte sem dúvida de que elle incauto se entregou excessivamente ao exercicio da prégaçaõ fóra da sua Freguezia, e aos estudos de Livros, que só continhaõ materias especulativas, e de alguns divertimentos improprios de hum Ecclesiastico, e ainda mais de hum Pastor das Ovelhas de Jesu Christo, esquecido do estudo, e prática da Oraçaõ, que devêra trazer por inseparavel companheira, vindo assim a descuidar-se naõ só do cuidado, e vigilancia de suas Ovelhas, mas ainda de si mesmo.

319 He verdade que Gaspar Soares era reputado por Abbade sabio, e

admirado por grande Orador ; mas naõ era considerado pelo melhor Pastor, nem por Parocho mais zeloso, e exemplar. Antes sim elle era notado de que abusava muito de suas luzes, e talentos ; pois que inconsiderado se entregava com excesso vicioso aos Sermoens, que hia prégar longe da sua Parochia, e se esquecia da sua principal obrigaçaõ, que era cuidar primeiro em si, e depois ensinar com palavras, e exemplos o caminho do Céo as suas Ovelhas, alimentando-as com o saudavel pasto da Doutrina, Oraçaõ, e Sacramentos ; que Gaspar Soares sahindo da sua Igreja para ir prégar aos outros, andava todavia esquecido de si, e do grande negocio da propria salvaçaõ ; que elle em fim se mostrava pouco solícito do rebanho que lhe foi confiado, do qual havia de dar estreita conta a Jesu Christo Principe dos Pastores, quando apparecesse em seu recto Tribunal.

320 Conheceo Fr. Gaspar Soares seus effeitos, e omissoens assás reprehensiveis em pontos os mais essenciaes de sua Parochial obrigaçaõ. Cuidou em remediar o passado com a emenda, e refórma inteira de nova vida para o futuro. Andava pensativo, e afflicto,

di-

dizendo comſigo: Que farei? Naõ tinha ainda dez annos de Parocho, lembrava-lhe deixar o Beneficio. Offereciaõ-ſe-lhe algumas difficuldades, e dúvidas. Soáraõ por eſte tempo em ſeus ouvidos os clamoroſos écos da Miſſaõ, que andava fazendo no Biſpado do Porto, pela parte que confina com Braga, o V. P. Fr. Bernardino de Santa Maria de Jeſus, e os maravilhoſos fructos, que em toda a parte fazia com a ſementeira Evangelica eſte inſigne, e memoravel Miſſionario de Varatojo. Entaõ foi, que elle ſe ſentio vivamente movido do inviſivel braço de Deos para deixar naõ ſó a ſua Abbadia, mas tudo o que poſſuia no ſeculo, e ſeguir a Chriſto no exercicio da vida Apoſtolica á imitaçaõ de Fr. Bernardino, cuja Miſſaõ ouvíra, combateo a Graça, e a natureza, triunfou a Graça venturoſamente, ficando vencida a natureza, e deſvanecidos os obſtaculos que ella repreſentava.

321 Reſolveo-ſe Gaſpar Soares deixar o ſeculo, e a ſua Igreja, e recolher-ſe ao retiro de Varatojo. Partio ſem demóra a ſupplicar peſſoalmante o Habito pobre, humilde, e penitente da Regular Obſervancia de S. Franciſco ao Guardiaõ do Seminario de Varato-

jo Fr. Joaõ do Nascimento, que depois foi Bispo do Funchal, como acima se disse, quando se tratou da vida deste illustre, e grande Prelado. Tomou fervoroso, e cheio de júbilo o Habito do Seminario de Varatojo nos fins de Julho de 1736. Fez a sua profissaõ solemne com plena satisfaçaõ do Prelado do Seminario, e de toda a Communidade no princípio de Agosto de 1737 com o nome de Fr. Gaspar da Virgem Maria pela cordial devoçaõ, que tinha á Santissima Virgem Mãi de Deos. Teve por Mestre em seu Noviciado ao memoravel, e V. P. Fr. Manoel de Christo, de cuja vida, e virtudes ha pouco tratamos. O fervor, e espirito de penitencia com que passou o seu Noviciado, jamais se lhe extinguio em toda a vida de Religioso, mas sempre o acompanhou até os ultimos momentos da sua vida, que terminou com preciosa morte. Elle assim o propoz, e assim o observou naõ só no tempo de Religioso particular, senaõ tambem quando teve o emprêgo de Guardiaõ do Seminario. Em todo o triennio de seu governo fez sustentar inteira a observancia da vida regular com tal fervor, que naõ permittio a minima relaxaçaõ nella, nem

na

na disciplina, e Leis municipaes do mesmo Seminario.

322 Passados poucos annos depois que Fr. Gaspar da Virgem Maria fez a sua profissaõ solemne, foi constituido em Varatojo Confessor, e Prégador Missionario. Elle por seu fervor, e espirito no exercicio das Missoens foi reputado em seu tempo naõ só por insigne Operario Evangelico, e por grande Missionario, mas por Mestre de Missionarios Apostolicos. Os seus talentos mais que vulgares, a sua voz clara, sonóra, perceptivel, e penetrante; a sua presença, respeitavel, e magestosa; o rosto claro, e comprido, os olhos grandes, vivos, e scintillantes; a cabeça ainda em sua meia idade quasi inteiramente calva, e veneranda; os accidentes graves, e sem artificio, o comportamento modesto, affavel, e religiosamente tratavel; o espirito ardente, e inflammado, a efficacia, energía, e facundia natural, a abstracçaõ com Seculares no mesmo exercicio da Missaõ fóra do Púlpito, e Confessionario, concorrêraõ grandemente além da Graça de Deos, para que elle fosse ouvido, e attendido em toda a parte, onde missionou com a maior acceitaçaõ de Pequenos, e Gran-

des,

des, e no Pulpito reputado, como Oraculo do ſeu tempo.

323 Huma das primeiras Miſſoens, que fez Fr. Gaſpar da Virgem Maria, foi na Cidade de Coimbra: onde tomando por thema no primeiro Sermaõ as palavras do Capitulo 6.º da Carta de S. Paulo aos Corinthios: *Ad verecundiam veſtram dico: Sic non eſt inter vos ſapiens quiſquam, qui poſſit judicare inter fratrem ſuum?* Eu volo digo para vergonha voſſa: He poſſivel, que ſe naõ ache entre vós ſe quer hum ſabio, que poſſa ſer Juiz entre ſeus irmaõs? Foi Fr. Gaſpar pela força, eſpirito, e eloquencia ſagrada com que ſe inſinuava ouvido com a maior attençaõ de todos, e admirado pelos Meſtres, e Lentes daquella Athenas de Portugal. Fez com eſta Miſſaõ maravilhoſos, e copioſos fructos de infinitas almas, que ſe convertêraõ a Deos. Entre eſtes ſe conta grande número de Eſtudantes, e Doutores, que arrependidos buſcáraõ os clauſtros regulares para ſeriamente cuidarem no grande, e importante negocio da propria ſalvaçaõ.

324 Naõ ſó Coimbra ſervio de devoto theatro, onde appareceo o P. Fr. Gaſpar da Virgem Maria para evange-

ge-

gelizar a ſanta palavra; mas tambem as Cidades do Porto, Braga, Lamego, Guarda, Caſtello-Branco, Evora; e as Villas de Santarem, Torres Vedras, Óbidos, Paço-Darcos, e outras muitas na Eſtremadura; a ſaber: Gouvêa, Céa, Midoens, Almeida, e muitas outras na Beira; Villa-Real, Provezende, Pezo da Regoa, Murça, e Monte-Alegre de Barrozo, em Traz dos Montes; Guimaraens, Amarante, Penafiel, Viâna, Barcellos, Ponte de Lima, Arcos, Barca, Melgaço, Valladares, Monſaõ, Caminha, Paredes de Coura, e a maior parte das Freguezias deſta Provincia do Minho, e muitas dellas, como tambem as principaes Cidades, e Villas do Reino foraõ miſſionadas mais de huma vez por eſte infatigavel Obreiro da vinha do Senhor, e Varaõ verdadeiramente de eſpirito, e zêlo Apoſtolico.

325 Era Fr. Gaſpar taõ zeloſo, e taõ intereſſado no bem das almas em tudo o que podia contribuir para a converſaõ, e utilidade dellas, que a peſar da ſua avançada idade de ſetenta annos naõ duvidava em beneficio das meſmas ſacrificar-ſe de novo, tomando o pêſo do maior trabalho ſobre ſeus cançados, e decrepitos hombros. Agora

ra o veremos. Fr. Gaſpar, que nem ſempre, mas ſó nos ultimos dias da ultima ſemana em cada Freguezia que miſſionava, coſtumava fazer Oraçaõ pública ao povo, mudou com tudo de parecer neſte particular na Miſſaõ da Maya por aviſo do Companheiro, ainda que mais moderno. Pois tendo eſte obſervado nos annos antecedentes em outra Miſſaõ, que fizera em Viſeu com Fr. Joſé de S. Paulo fructos maravilhoſos por effeito de ſe fazer naquella Miſſaõ a Oraçaõ mais frequente ao povo, ſe animou a dizer-lhe: Irmaõ Fr. Gaſpar, os fructos maravilhoſos, e abundantes que eu vi, e admirei no Biſpado de Viſeu, julgo que depois da Graça de Deos, naõ procedêraõ de outro princípio ſenaõ da Oraçaõ, que naquella memoravel Miſſaõ nos deliberamos a fazer de manhã todos os dias precedida de huma breve Prática ao povo. Ora porque naõ uſaremos tambem nós agora deſte methodo, que eu entaõ propuz ao outro Companheiro, que naõ duvidou annuir a elle. Nem eu tambem duvido, nem penſo que V. C. deixe de uſar delle neſta Miſſaõ, e ainda que aſſim tenhamos mais algum trabalho, Deos o compenſará por outra parte.

Eu

326 Eu ainda que muito mais moderno que V. C., me animei a fazerlhe esta falla em consideraçaõ daquelles grandes effeitos, e maravilhosos fructos, que se seguíraõ da sementeira Evangelica de Viseu, e tambem com a lembrança de que assim se dará maior gloria a Deos, além da utilidade grande das almas remidas com o Sangue precioso do mesmo Senhor. Sei, que V. C. com tantos annos de Missionario, e com tanta experiencia neste santo ministerio naõ tem usado deste methodo, e que em sua idade avançada, e ultimos annos de sua vida usando delle se lhe multiplicará mais algum trabalho. Porém tambem sei, que V. C. interessa a maior gloria de Deos, e a utilidade de nossos proximos, e que tendo espirito susceptivel para tudo o melhor, e mais perfeito, naõ duvidará, ainda que com algum discommodo seu mudar de parecer nesta parte, accommodando-se ao meu em fazermos mútua, e alternadamente sempre daqui por diante Oraçaõ pública ao povo.

327 Calando-se o servo de Deos quiz condescender humilde com o voto, e parecer de seu Companheiro mais moderno, respondendo-lhe com a voz

do

do exemplo, e da obra; pois resolveo gostoso, que dalli por diante se fizesse sempre Oraçaõ pública de manhã, ora elle, ora seu Companheiro, precedendo a ella huma breve Prática. Conheceo, e vio por experiencia o mesmo servo de Deos P. Fr. Gaspar moçaõ taõ geral nos póvos, e effeitos taõ maravilhosos na conversaõ das almas nesta Missaõ, quaes elle nunca tinha visto nas muitas Missoens, que tinha feito pelo espaço de quasi quarenta annos que missionava. Foi esta memoravel Missaõ, como se disse acima, na Comarca da Maya do Porto, e durando ella perto de hum anno, em quasi todas as Igrejas foi necessario prégar nas praças, e terreiros por causa dos grandes, e numerosos concursos. Admirava-se por toda a parte huma geral commoçaõ nos póvos. Elles banhados em lagrimas de alegria repicavaõ os sinos das Igrejas ao entrar, ou sahir dellas os Missionarios, juncavaõ, e alcatifavaõ com flores, e ramos as ruas por onde elles haviaõ de passar, recebendo-os como em triunfo, acompanhando-os de huma para outra Freguezia. Que mais? Que mais? Estendiaõ colchas, e cortinas nas janellas, e disparavaõ morteiros. Tudo

o

o que acabo de dizer, longe de ser exaggeraçaõ, eu mesmo, como testemunha de vista, observei estes devotos transportes, e demonstraçoens pias, sendo Companheiro, ainda que indigno, deste servo de Deos P. Fr. Gaspar nesta ultima Missaõ que fez, como corôa de todas as outras.

328 Era Fr. Gaspar muito acautelado, e santamente desconfiado de si mesmo, e dos que conhecia dominados do espirito do Mundo. Trazia sempre diante dos olhos a fragilidade humana, o temor de Deos, a presença deste Senhor, o crèdito, e bom nome do Seminario, e a reputaçaõ de Missionario, que sempre em toda a parte deve portar-se, como homem de Deos, e como Varaõ Apostolico, inteiro desprezador de todo o terreno. Daqui lhe vinha o naõ se querer entremetter em negocios seculares alheios de sua profissaõ, e ministerio, nem apparecer ás creaturas senaõ no Altar, Confessionario, e Pulpito, quando naõ fôr movido da caridade, ou obrigado da obediencia. Donde elle naõ só no Seminario, mas tambem no actual exercicio da Missaõ se sabía prudentemente retirar, e abstrahir de visitas desnecessarias, que só servem de roubar o tem-

tempo preciofo, e diffipar o efpirito do Miffionario. Querendo elle honrar o feu Apoftolico minifterio, eftudava fempre na Oração o que devia dizer, e tambem o que naõ havia de dizer tanto em público no Pulpito, como particularmente no Confeffionario.

329 Eis-aqui o regulamento, e methodo de que nas Miffoens ufava o fervo de Deos comfigo. Rezava Matinas de tarde para o dia feguinte, tomava a refeiçaõ da noite ás nove horas, tendo precedido a corôa da Mãi de Deos, e meia hora de Oraçaõ. Junto das dez horas fazia exame de confciencia, e rezada a Eftaçaõ ao Santiffimo Sacramento fe recolhia: Levantava-fe pelas quatro horas da manhã, e ás vezes antes; tinha a fua Oraçaõ por efpaço de meia hora: preparava-fe para a Santa Miffa, no fim da qual depois de dar Graças, ou depois da Oraçaõ que fazia ao povo, hia para o Confeffionario dos homens no dia em que prégava, e para o das mulheres no dia em que prégava o Companheiro. Ás onze horas do dia em que prégava, tomava a refeiçaõ, e fe preparava para eftar no Pulpito no Veraõ pelas tres horas, e no Inverno pelas duas. Quando naõ prégava, confeffava até

o meio dia, e naõ havendo Sermaõ, até a huma hora depois do meio dia: o Sermaõ ordinariamente lhe levava hora, e meia, e algumas vezes perto de duas, ainda que os Ouvintes pelo gosto com que os ouviaõ, lhes parecia sempre pouco tempo.

330 Dizia muitas vezes cheio de fervor, e de zêlo da salvaçaõ das almas, que desejava como Soldado de Christo morrer prégando com a espada na maõ: Assim succedeo, cumprio-lhe Deos os seus designios. Achava-se com a Missaõ na Igreja de Léssa do Balío, huma legoa distante da Cidade do Porto. Prégou em 15 de Agosto dia da Assumpçaõ da Santissima Virgem Mãi de Deos o Sermaõ da mesma Soberana Senhora, cujas virtudes, excellencias, e patrocinio insinuou taõ nobremente, e com taõ maravilhosa efficacia, que se excedeo a si mesmo, parecendo se transportava. Era Segunda feira aquelle dia, no qual annunciou o Sermaõ, que havia de prégar o Companheiro na Quarta feira proxima 17 do mesmo Agosto, e tambem annunciou o Sermaõ, que o mesmo P. Fr. Gaspar havia de prégar na Quinta feira immediata, que eraõ 18 do dito mez. Passou o servo de Deos até o dia

da Quarta feira ſem a mais leve demonſtraçaõ, nem ſignal de moleſtia: na ſeguinte noite proxima ao dia em que tinha de prégar, paſſou mal do corpo, e logo pela manhã indo ao quarto aonde eu me achava, me pedio que, ſuppoſto ter elle paſſado aquella noite com moleſtia, prégaſſe por elle; préguei com effeito naquelle dia em lugar do ſervo de Deos, e mandei logo chamar Medico da ſua eleiçaõ ao Porto.

331 Chegando no dia ſeguinte Sexta feira 19 do referido Agoſto o Medico do Porto, e vendo que o enfermo na ſua preſença deo alguns ſignaes de vomitar, lhe receitou hum vomitorio além de ſangrias, que tambem lhe applicou. Tomando o ſervo de Deos o vomitorio na Sexta de tarde em lugar de experimentar allivio com eſte remedio, elle foi o que lhe abbreviou a vida, e que lhe chamou mais depreſſa pela morte; pois paſſou o Sabbado ſeguinte cheio de affiicçoens, e dôres taõ activas, que no Domingo proximo, e immediato, que ſe contavaõ 21 do meſmo referido Agoſto, depois de ſe confeſſar, e ungir com inteiro conhecimento de que morria, e depois de ſe fortalecer com o Sagrado Viatico,

co, e mais soccorros da Igreja para a ultima hora, e momento da vida mortal, terminou placidamente seus dias em meus braços com morte de predestinado segundo a minha pia crença, e dos assistentes.

332 Algum tempo depois da morte do servo de Deos P. Fr. Gaspar, abrindo-se-lhe huma cizura em seu cadaver vi correr sangue em abundancia taõ fresco, e recente, como se fôra de corpo vivo. Neste sangue se ensopáraõ alguns lenços, que pessoas Seculares guardáraõ com grande estimaçaõ, e lhes attribuíraõ milagrosas melhoras de enfermidades que padeciaõ, depois de tocarem com estes lenços, ou cousas do uso do servo de Deos nas partes do corpo offendidas. Custou-me muito impedir, e conter a grande multidaõ do povo, Nobreza, e Clero, que anciosos corriaõ naõ só para verem, e venerarem o cadaver, mas com intençaõ de fazerem piedosos furtos no Habito com que estava amortalhado, e em cousas de que usava Fr. Gaspar a quem chamavaõ Missionario santo. Fez-se-lhe na mesma Igreja de Léssa o Officio de corpo presente com a pompa mais solemne, cujo gasto correo por conta do pio Desembargador

Vi-

Vicente José de Sousa e Magalhens; assistente na sua Quinta proxima á Igreja de Léssa. Mandou affixar nas portas da Igreja o mesmo devoto Desembargador cordial amigo do defunto Fr. Gaspar hum papel em que se offerecia dar cera, e esmóla de 200 reis a todo o Sacerdote, que celebrasse pela alma do defunto, e outra esmóla maior, e tambem cera a quem acompanhasse o veneravel cadaver desde Léssa até ao Convento de S. Francisco da Cidade do Porto, onde se lhe havia de dar sepultura. Foi com effeito o cadaver conduzido em Procissaõ acompanhado naõ só de grande multidaõ de povo, mas do Clero, e muita Nobreza até á Cidade, e Convento onde se havia de enterrar.

333 Prevendo eu algum tumulto de excessiva, e indiscreta devoçaõ do povo no enterro do cadaver por occasiaõ da entrada delle na Igreja de S. Francisco, onde se havia depositar antes do enterro, tive a providente cautéla de me adiantar para a Cidade com animo de pedir ao Governador do Porto Soldados, que estivessem de guarda em todas as portas da Igreja a fim de conterem algum motim, e perturbaçaõ tumultuosa da gente, que se podia

dia recear com a chegada, e ingresso do cadaver na mesma Igreja.

334 Vieraõ com effeito Soldados para as portas da Igreja, e Portaria de S. Francisco dirigidos pelo Ajudante da Sala Antonio Luís Pereira por ordem do Governador Joaõ d'Almada. Mas nada disto foi bastante para impedir a devoçaõ dos póvos. Os quaes scientes de que era fallecido o P. Fr. Gaspar conhecido naquella Cidade, e visinhanças, e venerado como grande servo de Deos, e que seu corpo vinha para a Cidade, movidos todos elles com esta noticia, sahindo de suas casas corriaõ para vê-lo, e venerá-lo. Cresceo nelles mais o pasmo, augmentou-se mais a admiraçaõ, quando se soube que hum homem até entaõ reputado por idióta, simples, e demente, se bem que parecia ser dotado de sabedoria Celeste, porque fugia sempre do mal, e buscava sempre o bem, nesta occasiaõ elle como transportado de alegria, correndo, e discorrendo pelas ruas, praças, e bairros da Cidade do Porto em altas vozes clamava sem cessar: Morreo o santo, morreo o santo. Entaõ elles mais anciosos, e impacientes para se acharem na Igreja presentes ao enterro rompêraõ as

Guardas com taõ indiſcreta devoçaõ, e impetuoſa perturbaçaõ, que ſendo a Igreja huma das maiores do Porto, cuſtou muito a introduzir nella o cadaver de Fr. Gaſpar por cauſa do numeroſo concurſo do povo tanto da Cidade, como das viſinhanças a peſar das Guardas Militares.

335 Eſperava a Communidade de S. Franciſco o cadaver na ſua Igreja, onde depois de entoarem o Reſponſorio pela alma do defunto na meſma Igreja com aſſiſtencia dos Deſembargadores, e Familiares do Ex.^mo^ D. Fr. Joaõ Rafael de Mendonça, neſſe tempo benemerito, e memoravel Biſpo do Porto, mandados pelo meſmo Prelado: foi logo da Igreja conduzido o cadaver para a Capella de S. Diogo, que ſe acha no clauſtro, onde tambem ſe achavaõ Guardas de Soldados, os quaes, ainda que rodeavaõ o veneravel cadaver já na dita Capella com a ſepultura aberta para ſe enterrar nella, naõ pudêraõ com tudo impedir a devota temeridade de muitos, que paſſou a tal extremo, e exceſſo, que ſem temor, nem reſpeito dos Guardas, gritando diziaõ que queriaõ alguma Reliquia do ſanto Miſſionario, e com impetuoſa, e indiſcreta devoçaõ ſe lança-

gavaõ ſobre o cadaver com teſouras nas maõs a retalhar-lhe o Habito da mortalha. A Communidade vendo que punhaõ o cadaver quaſi de todo nû, cuidou com toda a preſſa em lhe dar ſepultura na mencionada Capella particular pelas nove horas da noite com receio de algum tumulto da indiſcreta devoçaõ dos póvos a 22 do referido mez de Agoſto, e no meſmo mez, que tinha tomado o Habito em Varatojo. Sentio o Ex.mo Prelado D. Fr. Joaõ Rafael naõ ficar por alguns dias expoſto o veneravel cadaver, porém naõ ſe advertio em tempo competente.

336 Deo-ſe em fim á terra o corpo do memoravel P. Fr. Gaſpar da Virgem Maria acclamado Santo Miſſionario naõ ſó depois da ſua precioſa morte, mas ainda em vida pela piedade de muitas peſſoas que víraõ, e admiráraõ o ardente zêlo, que tinha eſte fervoroſo Obreiro da vinha do Senhor na ſalvaçaõ das almas. Elle por eſte zêlo infatigavel com que por meio das ſuas fervoroſas Miſſoens illuſtrou grande parte do Reino de Portugal, foi reputado em ſua vida, como inſigne Miſſionario, e Varaõ de eſpirito verdadeiramente Apoſtolico pelos indiziveis fructos, e utilidades,

 que

que de ſuas Evangelicas fadigas ſe ſeguíraõ á Igreja, e ao Eſtado. Foi Viſitador do Seminario de Brancanes, e como ſe diſſe acima Guardiaõ do Seminario de Varatojo, onde ſe conſervará ſempre viva a memoria de taõ benemerito Filho, e de taõ illuſtre, e inſigne Varaõ. O qual depois de ter dado taõ claras provas do ſeu zêlo em toda a vida de Miſſionario na converſaõ das almas, bem ſe podia gloriar ſantamente com o grande Apoſtolo, e dizer com elle: *Conſumei a minha carreira, guardei a Fé, eſtá-me reſervada a corôa.*

337 Naõ deixaria eu de tecer, e ornar tambem a vida deſte illuſtre Varaõ, e grande Miſſianario P. Fr. Gaſpar da Virgem Maria com matizes, e eſmaltes de muitos prodigios, e milagres, que lhe attribuio a pia crença de algumas peſſoas, as quaes confeſſáraõ, que achando-ſe gravemente doentes, afflictas, e attribuladas no corpo, e no eſpirito por cauſa de diverſas, e graviſſimas enfermidades, que ſe reputavaõ irremediaveis, e incuraveis com o uſo dos remedios humanos, experimentáraõ melhóras, e ſaúde perfeita com inteiro allívio no corpo, e no eſpirito, logo que ellas in-

invocáraõ a Deos por intercessaõ do seu servo P. Fr. Gaspar, applicando ao mesmo tempo algum bocadinho de Habito, ou de outra cousa de que usára o servo de Deos, á parte do corpo enferma. Porém, posto que a minha pia crença nada vacille para deixar acreditar estes casos por verdadeios, o descuido todavia, e omissaõ, que houve em escrevê-los, averiguá-los, e authenticá-los no tempo em que elles succedêraõ com aquelle exame, e certeza que pedem as Leis da Historia, e as regras da verdadeira critica, me priváraõ do gosto de referí-los nesta Historia. Vivo com tudo, e viverei sempre certo, que o maior milagre do V. P. Fr. Gaspar da Virgem Maria foi a sua exemplar, e santa vida com a qual mereceo ser chamado homem de Deos, Varaõ de espirito verdadeiramente Apostolico, columna, e credito de Varatojo, onde se conservaõ com estimaçaõ varios preciosos Manuscriptos dos Sermoens que prégou. Depois de ter historiado a vida deste memoravel Missionario me chegou huma memoria do Seminario de Braga, que dizia: « He tradiçaõ constante que Gaspar » Soares foi dos mais famigerados Phi- » losophos do seu tempo, ou pa-

» ra

» ra melhor dizer : levou a palma à
» todos. »

Fr. Gaſpar ſempre ſantamente deſconfiado de ſi, e ancioſo ſempre de ſatisfazer dignamente o miniſterio da ſanta palavra ſe propoz illuſtrado por Deos abſtrahir-ſe inteiramente naõ ſó de negocios terrenos, mas ainda do trato, e communicaçaõ com peſſoas Seculares em tudo o que naõ reſpeitava ao eſpirito, e ſalvaçaõ da alma. Donde ſciente elle, e lembrado que a nimia, e exceſſiva communicaçaõ de cartas, ainda com pretexto de eſpiritualidade ſerve mais de damno, que proveito ao emprêgo Apoſtolico; pois que além de roubarem grande parte do tempo precioſo aos Miſſionarios lhes diſſipaõ, e ſeccaõ naõ pouco o eſpirito: com eſta conſideraçaõ Fr. Gaſpar jamais eſcrevia menos nos caſos de conhecida, e manifeſta neceſſidade, e caridade, e ainda entaõ era ſempre laconico, ſe bem que em ſuas reſpoſtas, poſto que breves, naõ deixava de illuminar, e roborar com aviſos ſólidos o eſpirito de quem o cónſultava. Fôra para deſejar, que as judicioſas cartas deſte egregio Miſſionario, e inſigne Meſtre de eſpirito appareceſſem no público para inſtrucçaõ proveitoſa de mui-

tos.

tos. Porém apênas me chegou á maõ huma carta eſcripta a certa Senhora illuſtre, que fugíra do Mundo para hum Recolhimento. A cópia deſta carta he a ſeguinte: « Senhora, Maria Santiſ-
» ſima lhe lance a ſua bençaõ para que
» ſempre ſeja conſtante no ſerviço do
» Senhor que a chamou, e tirou dos
» perigos deſte miſeravel Mundo. As
» minhas occupaçoens me naõ deraõ
» lugar para mais cedo reſponder á ſua
» carta; e ainda agora poſto já na eſ-
» trada para Varatojo ſó tenho tempo
» para dizer-lhe, que bem deſejava
» fallar-lhe no Confeſſionario deſſe Re-
» colhimento, a fim de deixá-la com
» a ſua conſciencia deſcanſada; porém
» naõ póde ſer por ora. Daqui lhe di-
» go, que tal qual ſou me naõ deſ-
» cuidarei de a encommendar ao Se-
» nhor ſeja firme na ſua vocaçaõ. Na-
» da queira com o Mundo que acaba,
» ſó queira a Deos que naõ acaba. A
» ſua pobreza achará ſempre recur-
» ſo no meſmo Senhor. Em fim ſer
» pobre por Chriſto he a maior rique-
» za. Naõ cuide em caſamento. Eſti-
» me ſobre todos os eſtados o de don-
» zella em que ſe acha. Landim 16
» de Maio de 1770. *Fr. Gaſpar da*
» *Virgem Maria.* »

CA-

CAPITULO XXIV.

Vida do servo de Deos P. Fr. Francisco de S. José, Missionario de Varatojo.

338 A 17 de Dezembro de 1775 pagando o commum tributo á natureza entregou a sua alma ao Creador no Seminario de Varatojo o V. P. Fr. Francisco de S. José com morte de Justo. Era Filho do mesmo Seminario, onde tomou o Habito no 1. de Março de 1723, e professou o anno seguinte de 1724 a 2 de Março. Era natural do Bispado de Viseu, da Freguezia de S. Miguel do Outeiro, distante huma legoa da Cidade; descendente das familias mais illustres da Beira, por hum, e outro lado. Chamava-se no seculo Francisco José de Castro. Era filho legitimo de Antonio Lobo de Abranches, e de D. Maria Luiza de Castro. Frequentou a Universidade de Coimbra, onde se formou nos Sagrados Cánones. Achava-se Francisco de Castro na flor da sua idade lisonjeado do Mundo, e dos que se conduzem cégos pelo seu espirito, e por suas erradas maximas, quando a voz

da

da inſpiraçaõ o chamou para o retiro de Varatojo, onde, qual tocha luminoſa, ardeo ſempre no ſagrado fogo da caridade, e qual candieiro reſplandecente luzio ſempre com a luz brilhante das ſuas virtudes, e exemplos edificantes.

339 Toda a vida deſte memoravel ſervo de Deos deſde o Noviciado até á ſua precioſa morte foi ſempre inculpavel, exemplar, e edificante, tanto nos olhos de ſeus Irmaõs, como nos dos Seculares que o conhecêraõ, e tratáraõ depois de Religioſo. Em toda a parte dava teſtemunho da perfeiçaõ com que obſervava a Regra Seraphica, e Evangelica que profeſſou; foi exacto na pobreza, prompto na obediencia, puro na caſtidade. Taõ acautelado foi em ſeu comportamento para conſervar ſempre immaculada eſta precioſa angelica, e infinitamente eſtimavel virtude da caſtidade, que parecia declinava em exceſſo. Pois deſde que veſtio a mortalha do Habito de S. Franciſco, fugia da companhia de mulheres, como de peſte, e havendo de paſſar por onde ellas eſtavaõ, levava ſempre os olhos em terra, ſem jamais ſe demorar, nem por hum momento, ainda que ellas lhe inſtaſſem

pe-

pela bençaõ. A nenhuma conhecia no Confeſſionario, ſenaõ pela falla. Dentro, e fóra do Seminario foi ſempre conſtante, e tenaz zelador dos coſtumes, e obſervancias municipaes, que nelle ſe pratícaõ.

340 Tinha Fr. Franciſco de S. José feliz memoria, excellente índole, e grande talento, o qual naõ enterrou. A applicaçaõ, que elle depois de profeſſo fez no Seminario aos eſtudos mediante as conferencias literarias quaſi aſſiduas, deo a conhecer o ſeu engenho, adiantando-ſe com admiraçaõ dos Prelados dentro de pouco tempo nas materias relativas aos ſagrados miniſterios do Altar, Pulpito, e Confeſſionario de tal ſorte, que as podia enſinar. Depois de ordenado Presbytero foi Fr. Franciſco dentro de pouco tempo examinado, approvado, e inſtituido Confeſſor, e Prégador. Em hum, e outro miniſterio ſagrado deo teſtemunho do ſeu eſpirito, e ardente zêlo nos maravilhoſos, e prodigioſos fructos de almas innumeraveis, que converteo á Graça de Deos. Elle tinha o dom de palavra, e Graça particular para mover, e abrandar os coraçoens mais duros. Prégava Apoſtolicamente, era geralmente attendido no Pulpito,

e bufcado no Confeffionario, como homem de Deos, e Varaõ illuminado.

341 Na verdade, que parecia fer todo efpirito Fr. Francifco, e Varaõ extatico; pois vivendo quafi fempre enfermo, naõ fe efcufava do Pulpito, e Confeffionario. Elle ainda fatigado de forças, e lançando fangue pela boca, naõ deixava de confeffar, e prégar. Tal era o efpirito, e fervor defte fervo de Deos. Parece que concorria o braço invifivel do Senhor para ajudar, e roborar a efte feu fervo: pois fe obfervou, que fendo elle de poucas carnes, debilitado de forças, e fempre taõ enfermo defde o tempo que fahio do Noviciado, que o difpenfavaõ os Medicos, e Prelados do Seminario dos actos da Communidade; porém tal era o efpirito, e fervor de Fr. Francifco de S. Jofé, que elle ainda que fe foffe encoftando ás paredes do Dormitorio por caufa da fua debilidade, fempre no Côro queria fer o primeiro. Sou teftemunha de vifta, que affim o vi muitas vezes, mas nunca o vi, nem achei na fua cella pelo efpaço de onze mezes, que fendo eu Noviço defpertava, e chamava os Religiofos para o Côro, fempre á meia noite, e ás cinco horas da manhã. Da-

qui

qui tomei occaſiaõ para lhe dizer paſſados tempos com gracioſidade religioſa quando o vi, e encontrei na ſua cella: Irmaõ Fr. Franciſco, eſta he a cella de V. C.?

342 Donde Fr. Franciſco de S. Joſé, ainda que ſempre enfermo, naõ ſó em Varatojo ſeguia todos os actos da Communidade, ſenaõ tambem nas muitas fructuoſas Miſſoens que fez, jamais ſe eſcuſou ao aſſiduo trabalho dellas. Admirava-ſe, como eſpecie de prodigio, o ſaber-ſe que eſte ſervo de Deos lançava frequentemente ſangue pela boca, e naõ deixava de prégar, e confeſſar. Creſcia a admiraçaõ de vêr-ſe, que elle começando algumas vezes o Sermaõ rouco, ficava no fim delle com a voz mais clara. Parecia que prégava Deos, e naõ Fr. Franciſco. Tinha no Pulpito tal efficacia, intimativa, e força de dizer, e tal fervor de eſpirito, que aonde elle apparecia com ſuas fervoroſas Miſſoens, lhe chamavaõ homem de Deos, Varaõ Apoſtolico, clarim animado, Declamador Evangelico, e trombeta do Céo. Foraõ indiziveis os fructos, que de ſuas fadigas Apoſtolicas, e ſementeira Evangelica colheo eſte diligente, e infatigavel Obreiro do Senhor, tanto na Cidade de

Coim-

Coimbra, onde fez Missaõ, como em Leiria, nas Villas da borda do Tejo, e em quasi todas as povoaçoens do Patriarchado, e visinhanças de Varatojo, onde em algumas partes se ouvio mais de huma vez a voz deste egregio Missionario, sempre inflammado no fogo do amor de Deos, e zêlo da salvaçaõ das almas.

343 Foi devotissimo do Mysterio da Immaculada Conceiçaõ da Santissima Virgem Mãi de Deos, devoçaõ, que o trazia taõ santamente embriagado, transportado, e absorto, que jamais a perdia da sua viva lembrança, e até sonhava com ella. Elle intimava esta devoçaõ a todas as pessoas com quem tratava, ainda fóra do Pulpito, e Confessionario com tal efficacia; donde por este zêlo lhe chamavaõ os Seculares o Padre Conceiçaõ. Tinha vasta erudiçaõ da Historia Sagrada, Ecclesiastica, e Profana, lêo com reflexaõ as materias, e livros que trataõ deste Mysterio. Escreveo sobre elle muitos, e preciosos Tractados, que supposto se naõ deraõ ao prélo, se conservaõ com estimaçaõ em Varatojo.

344 Era Fr. Francisco taõ inimigo da ociosidade, que ainda quando mandado da obediencia sahia para fó-

ra

ra do Seminario, levava ſempre comſigo tinteiro, papel, e paſta, a fim de eſtar ſempre occupado: ainda pelos caminhos orava, e eſcrevia, naõ querendo perder inſtante do tempo precioſo. Dizia que a Enfermaría do Religioſo em quanto póde arraſtar os pés, deve ſer o Côro, Altar, e Confeſſionario, e fugir de conſultar Medicos, nem uſar das ſuas diſpenſas, e Medicinas, menos em caſos de manifeſta neceſſidade. Tambem dizia com gracioſidade religioſa, que os Frades fervoroſos tendo enfermidade do tamanho de hum braço, a faziaõ de huma pollegada, e que metendo-ſe eſtes nas maõs dos Medicos liberaes em conceder licenças, e diſpenſas, uſando dellas, ſendo tibios, a moleſtia, que era do tamanho de hum dedo, a faziaõ de hum braço, e que fugindo elles do Côro, e Communidade para a Enfermaria, vinhaõ de ordinario a padecer mais, e a viver menos.

345 Praticava ſempre eſte fervoroſo ſervo de Deos as maximas confórmes ao eſpirito, ainda que repugnantes á natureza, e ao amor proprio, e por iſſo poſto que de ordinario enfermo, como ſe tem dito, fugia da Enfermaria, e de conſultar os Medicos

nas queixas habituaes, que padecia. Tambem coſtumava dizer que ſe tiveſſe uſado de muitos remedios, que lhe tinhaõ aconſelhado os Medicos, e das ſuas amplas licenças para naõ ſeguir os actos da Communidade, e abſter-ſe de confeſſar, e prégar, eſtaria ha muitos annos debaixo da ſepultura, ſendo que pelo ſeu regimento, e prática das receitas, que ſe tem dito, elle viveo mais de 50 annos em Varatojo. Pedio aos Religioſos ſeus Irmaõs, que quando elle ſe achaſſe no ultimo artigo da ſua vida, lhe lembraſſem tambem o Myſterio da Immaculada Conceiçaõ.

346 Em teſtemunho da grande reverencia, e cordial devoçaõ, que eſte ſervo de Deos profeſſava a eſte Senhor Sacramentado, ainda que ſe achaſſe muito debilitado de forças corporaes, ſempre queria celebrar a Santa Miſſa, onde o ſeu eſpirito achava as maiores delicias. No ultimo mez porém da ſua vida naõ ſe podendo ſuſtentar já de pé no Altar para offerecer a Deos o incruento Sacrificio ſe abſteve de celebrar por conſelho de ſeu Prelado, e Confeſſor. Porém para ſaciar ſeus intenſos deſejos, que elle tinha de conſervar o ſeu eſpirito ſempre roborado com o

Ce-

Celeſtial Paõ do Senhor Sacramentado; ſahindo da ſua cella hia todos os dias commungar na Capella da Enfermaria, o que praticou até ao ultimo dia em que entregou ſua alma ao Creador com morte de Juſto, como tinha vivido depois que tomou o Habito de S. Franciſco em Varatojo. Deſcançaõ ſeus oſſos na ſepultura 5. na caſa do Capitulo. Tinha o roſto comprido algum tanto picado de bexigas, mas claro com ar mageſtoſo, e pouco calvo na ſua ultima idade. Viveo com o Habito de Varotojo cincoenta e dous annos, quaſi ſempre enfermo, mas trabalhando como ſaõ.

CAPITULO XXV.

Vida, e virtudes do V. D. Fr. Lourenço de Santa Maria, Filho do Seminario de Varatojo, Arcebiſpo de Goa, e Biſpo do Algarve.

347 A 5 de Dezembro de 1783 falleceo no oſculo do Senhor no Palacio Epiſcopal da Cidade de Faro o V. D. Fr. Lourenço de Santa Maria, Arcebiſpo de Goa, e Biſpo do Algarve, Filho benemerito do Seminario de Vara-

ra-

ratojo. Era descendente de illustre Familia, e Nobreza da primeira qualidade da Provincia da Beira, e se fez muito mais illustre pelas heroicas virtudes, que exercitou, tanto no ministerio da santa palavra sendo Missionario de Varatojo, como no emprêgo de Arcebispo de Goa, e depois no de Bispo do Algarve. Nasceo a 16 de Janeiro de 1704, e foi regenerado com as aguas do Baptismo a 23 dias do mesmo mez, e anno na Freguezia de S. Pedro da Villa de Avelans decima, do Bispado entaõ de Coimbra, e agora de Aveiro. Era filho legitimo de Antonio Luís de Mello, Senhor do Morgado de Ramiraõ, e Quinta da Graciosa, onde nesse tempo assistia, e de sua Mulher D. Micaella de S. Payo Pereira, Fidalgos da Casa de Sua Magestade já por seus Avós.

348 Foi Lourenço de Mello (este era o seu nome no seculo) educado desde o berço por seus piedosos pais no santo temor de Deos, e na prática das virtudes Moraes, e Christãs. Já aos cinco annos de sua idade sabía perfeitamente a Doutrina Christã, e tambem lêr, escrever, e ajudar á Santa Missa. Para a boa educaçaõ do menino Lourenço lhe buscaraõ seus vir-

tuosos pais hum exemplar Sacerdote formado em Cánones, que era seu Mestre, e Companheiro, naõ só no ensino do estudo, mas na prática das virtudes. Era Lourenço dotado de bellas qualidades, tinha genio vivo, e dócil; tinha boa índole, e inclinaçaõ aos estudos. A sua assidua applicaçaõ a estes com as boas, e Christãs instrucçoens de taõ habil Mestre, concorrêo grandemente para que o menino fizesse taõ vantajosos progressos nos seus estudos, que já aos onze annos se achava corrente na Lingoa Latina, Syllaba, e Rhetorica. Elle crescia na idade, na virtude, e na sabedoria.

349 No anno do 1715 passou para a Universidade de Coimbra, onde depois de ter estudado quatro annos Filosofia, e feito com louvor todos os seus actos nesta faculdade, recebeo o gráo de Mestre em Artes no anno de 1719, e no de 1721 foi eleito Examinador de Bachareis em Filosofia, emprêgo que exerceo com credito seu, e applauso alheio. Entrou a estudar os Sagrados Cánones com tal empenho, que fez nesta faculdade todos os seus actos com applauso dos Sábios, com inveja dos Condiscipulos, e com tal satisfaçaõ dos Mes-

tres,

tres, que lhe deraõ informaçoens de bom Estudante para dous annos de mercê. Tomou o gráo de Doutor no anno de 1724, e no emprêgo de Oppositor substituio a Cadeira de Decretos com plena satisfaçaõ, e gosto de seus Ouvintes, e Discipulos. Ordenado de Subdiácono o convidou o Eminentissimo Cardeal Cunha, Inquisidor Geral, para Deputado Ordinario da Inquisiçaõ de Coimbra, emprêgo de que tomou posse em Julho de 1726. Os seus costumes, e conducta irreprehensivel, e a applicaçaõ aos estudos, lhe merecêraõ o nome de hum dos mais habeis, e egrégios Ministros da Santa Inquisiçaõ, e lhe fizeraõ o seu voto attendido, e respeitado naõ só no Tribunal de Coimbra, senaõ tambem no do Conselho Geral de Lisboa.

350 Achava-se o Doutor Lourenço de Mello em Coimbra assás lisongeado com as grandes esperanças, e promessas de emprêgos honoríficos, que facil, e brevemente alcançaria, como devidos aos seus merecimentos, e letras, quando a Providencia de Deos, em tudo admiravel, dispoz outra cousa. Chegáraõ neste tempo a Coimbra aquellas duas Trombetas do Evange-

lho, aquelles dous Varoens verdadeiramente Apostolicos, o V. P. Fr. Manoel de Deos, e o V. P. Fr. Affonso dos Prazeres, ambos Missionarios de Varatojo. Abríraõ elles a sua Missaõ na Cidade. Tal virtude, e efficacia poz Deos nas palavras dos Missionarios, que levando as attençoens de todos, movêraõ, e abaláraõ sensivelmente a grande número de Estudantes, e Doutores para deixarem desenganados o Mundo, e buscarem fervorosos o sagrado retiro dos claustros Religiosos. Foi hum delles Lourenço de Mello, o qual sentindo-se chamado com a voz da inspiraçaõ para a vida de Varatojo, propoz aos Missionarios a sua vocaçaõ. Estes conhecendo-a sólida, o firmáraõ nella, e deraõ parte ao Guardiaõ de Varatojo, assim do destino do pertendente, como das suas relevantes qualidades para ser admittido ao Habito do Seminario, que tanto desejava. Veio resposta do Guardiaõ favoravel com moral certeza de acceitar taõ egrégio pertendente, se elle pessoalmente lhe fosse pedir o santo Habito a Varatojo.

351 Lembrado, e aconselhado por Varoens illuminados, que demóras em materias de vocaçaõ costumaõ ser preju-

judiciaes, e que o ſegredo he alma do negocio principalmente a reſpeito de ſahir do ſeculo para os clauſtros, ſe deliberou a ſahir de Coimbra ſem dar parte, nem conſultar os amigos do ſeculo, e ſem fazer ſcientes, nem ſe deſpedir de ſeus pais, e irmaõs. Logo que Lourenço de Mello chegou a Varatojo, ſendo acceito pelo Guardiaõ, tomou banhado de prazer eſpiritual o ſanto Habito do Seminario em 23 de Abril de 1728. Continuando fervoroſo o anno da provaçaõ, fez com grande júbilo de ſua alma, e plena ſatisfaçaõ de toda a Communidade a ſua profiſſaõ ſolemne o anno ſeguinte a 25 de Abril com o nome de Fr. Lourenço de Santa Maria pela cordial devoçaõ, que deſde ſeus tenros annos ſempre teve á Santiſſima Virgem Mãi de Deos, ſendo Guardiaõ do Seminario Fr. Antonio do Sacramento.

352 Tanto no tempo de Noviço, como no de Coriſta ſe obſervou, e admirou ſempre em Fr. Lourenço hum ar modeſtamente alegre, e fervoroſo, hum grande deſejo, e ambiçaõ ſanta de fazer no Seminario os exercicios, que nos olhos dos mundanos parecem mais abatidos, e deſpreziveis; elle naõ ſó ajudava ás Miſſas, varria a Igreja,

San-

Sancristia, Dormitorios, lavava os Habitos no lavatorio, mas servia gostoso no Refeitorio, na Enfermaria, na Cozinha; ainda depois de ordenado Sacerdote tinha por delicia occupar-se nestes officios humildes da Religiaõ, posto que pareçaõ só proprios de Noviços, e de Irmaõs Leigos. Mais altos eraõ seus sentimentos, porque desejava humilhar-se mais, e mais. Elle foi em Varatojo por vezes Cozinheiro, Páteiro, ou Despenseiro, Enfermeiro, Porteiro, e Sancristaõ; naõ se escusava destes officios, antes pedia aos Prelados, que o pusessem nelles. Tambem fez fóra do Seminario alguns peditorios, que nelle se costumaõ para sustento, e subsistencia da Communidade, portando-se com os Seculares com tal abstracçaõ, e ao mesmo tempo com tal agrado, com tal gravidade, e modestia religiosa, que a todos deixava edificados, e attrahidos suavemente para Deos.

353 Habilitado para confessar, e prégar, começou a exercitar estes sagrados emprêgos com satisfaçaõ dos Prelados, crédito do Seminario, fructo das almas, e geral acceitaçaõ dos Ouvintes. Já no anno de 1733 prégou o Advento, e Quaresma em Torres Ve-

Vedras, e Turcifal; e de Missaõ em algumas Freguezias proximas a Varatojo. No fim deste anno foi mandado por Companheiro de Fr. Affonso de Jesus fazer Missaõ ás terras de cima do Douro na Comarca de sobre Tâmega do Bispado do Porto. Foi esta sementeira Evangelica por seus maravilhosos effeitos, e fructos de innumeraveis conversoens de almas abençoada visivelmente por Deos. Concorreo muito depois da Divina Graça para estes fructos, e moçaõ dos póvos, o exemplo dos fervorosos Missionarios. Elles tomavaõ disciplina com o povo tres dias na semana, faziaõ Oraçaõ pública na Igreja, levantavaõ-se huma hora antes de amanhecer, e ás vezes duas, a fim de se disporem para a Santa Missa, que diziaõ logo de manhã; permaneciaõ pacientes, e cheios de zêlo no Confessionario a ouvir penitentes até huma hora depois do meio dia, e ás vezes até ás duas da tarde. Faziaõ nas terras principaes Procissoens de penitencia. Prégavaõ Apostolicamente. Buscavaõ só a Jesu Christo, e as almas remidas com seu Sangue.

354 Depois de terem missionado trinta e oito Freguezias, se recolheo Fr. Lourenço ao Seminario tendo transi-

ſitado na ſahida, e volta para elle, cento, e duas legoas, caminhando ſempre a pé na força, e rigor do Inverno, carregado com a Imagem do Santo Chriſto da Miſſaõ, Breviario, e bolſa de ſeus Sermoens, e taõ fatigado algumas vezes, que movendo a compaixaõ a todos os que o viaõ com os pés moleſtos, e feridos, ſó elle ſe naõ compadecia de ſi meſmo, nem moſtrava ſentimento no que ſentia. Foi eſte o theôr, e praxe, que ſempre uſou nas ſuas Miſſoens, naõ ſó em Portugal, mas tambem em ultramar, quando miſſionou no Biſpado do Funchal, como diremos logo.

355 Mandou o Eminentiſſimo Cardeal Inquiſidor Geral no anno de 1736 chamar a Fr. Lourenço de Santa Maria, tendo-o eleito Commiſſario deſte Tribunal para paſſar ao Reino de Angóla com os poderes do meſmo Eminentiſſimo Inquiſidor Geral do Santo Tribunal a diligencias relativas á Fé, e Religiaõ em beneficio daquelle Reino, offerecendo-lhe da parte de Sua Mageſtade todas as deſpeſas da jornada, e que na volta para o Reino, e Seminario, ſería remunerado com hum lugar do meſmo Concelho Geral. Eſcreveo o meſmo Eminentiſſimo Inqui-

ſi-

ſidor Geral ao Guardiaõ do Seminario, certificando-o do que tinha deliberado a reſpeito do P. Fr. Lourenço de Santa Maria. O Guardiaõ porém reſpondendo ao Eminentiſſimo Inquiſidor lhe propôz razoens taõ fortes, e taõ attendiveis do quanto ſe fazia ſenſivel ao Seminario privar delle a Fr. Lourenço, que fizeraõ ſuſpender a commiſſaõ, e delegaçaõ, que o Concelho Geral delle tinha feito.

356 Em Novembro de 1736 tornou Fr. Lourenço a ſahir em Miſſaõ com Fr. Affonſo de Jeſus para a Cidade d'Elvas, cuja Cidade, e grande parte daquelle Biſpado miſſionáraõ com indiziveis fructos de almas, que ſe convertêraõ a Deos, de reſtituiçoens que ſe fizeraõ, de partes litigantes, e diſcordes que ſe ajuſtáraõ, e uníraõ com os ſagrados laços da caridade, e amizade Chriſtã, e fraternal, e de confiſſoens que ſe revalidáraõ. Recolhendo-ſe no fim de Junho de 1737, logo no Outubro proximo foi enviado com o V. P. Fr. Affonſo dos Prazeres para miſſionarem na Cidade de Coimbra, e varias Freguezias deſte Biſpado. Foi eſta Miſſaõ fructuoſiſſima pelas innumeraveis converſoens que ſe víraõ, e admiráraõ. Só da Univerſidade to-

máraõ por effeito desta Missaõ o Habito do Mosteiro de Santa Cruz dezeseis Noviços, distinguindo-se entre elles Joaõ Cosme da Cunha, filho dos Condes de S. Vicente, Porcionista no Collegio de S. Pedro, Licenciado em Cánones, e Deputado do Santo Officio, que depois foi Bispo de Leiria, Arcebispo d'Evora, Regedor das Justiças, Inquisidor Geral, e Cardeal da Santa Igreja Romana.

357 Concluida a Missaõ de Coimbra se recolheo Fr. Lourenço ao retiro de Varatojo. O Prelado do Seminario, que conhecia os seus talentos, e o seu ardente zêlo da salvaçaõ das almas, naõ lhe permittio muitos mezes de descanso em Varatojo. Dentro de pouco tempo tornou pelo impulso da obediencia a sahir em Missaõ com Fr. Gonçalo da Conceiçaõ para o mesmo Bispado. Foraõ começar a sementeira Evangelica na Freguezia da Branca confinante com o Bispado do Porto. Continuando a Missaõ pelos termos de Serém, Águeda, Esgueira, Aveiro, e visinhanças, se recolhêraõ ao Seminario em Maio de 1740 para Capitulo em que ficou eleito Guardiaõ Fr. Gonçalo da Conceiçaõ, o qual sciente do prestimo, e qualidade de Fr.

Lourenço ſeu Companheiro neſta ultima Miſſaõ para bem governar huma Communidade, e criar novos Religioſos, o elegeo para Meſtre de Noviços, e juntamente Preſidente do Seminario. Eſcuſou-ſe humilde Fr. Lourenço acceitar eſtes cargos, mas prevalecendo a obediencia, rendido a ella ſatisfez hum, e outro emprêgo com plena ſatisfaçaõ da Communidade, e utilidade dos Noviços.

358 No anno de 1741 pedio o Excellentiſſimo D. Fr. Joaõ do Naſcimento, Filho do Seminario de Varatojo, e Biſpo do Funchal para ſeu Biſpado Miſſionarios do meſmo Seminario, os quaes deſejava levar em ſua companhia. Mandou logo o Guardiaõ de Varatojo affixar Edictal, no qual eſtimulava, e lembrava a ſeus ſubditos, que aquelles que ſe achaſſem com eſpirito, e animo de irem fazer aquella Miſſaõ ultramarina, tanto do ſerviço de Deos, e do goſto do novo Ex.mo Prelado, lhe deſſem parte para ſe aprompṫarem. Offereceraõ-ſe cheios de fervor para eſta Evangelica, e laborioſa empreza Fr. Joaõ do Sacramento, e Fr. Lourenço de Santa Maria. Os quaes embarcando-ſe nos fins de Agoſto na barra de Lisboa, já em Setembro do meſmo anno de 1741 ſe acháraõ no Funchal.

359 Achava-se Fr. Lourenço continuando a laboriosa Evangelica sementeira na Ilha da Madeira, e Porto Santo, quando vagou a Mitra Primacial de Goa por morte do Arcebispo D. Fr. Eugenio Trigueiros fallecido em 3 de Abril de 1741. Tanto que esta noticia chegou a Portugal, logo o Monarcha Fidelissimo proveo aquella dignidade em Fr. Lourenço, como se dirá no Capitulo seguinte.

CAPITULO XXVI.

Virtudes, e comportamento de D. Fr. Lourenço de Santa Maria durante o governo da Mitra de Goa.

360 ACHava-se El-Rei D. JOAÕ V. nos fins de Julho de 1742 nas Caldas da Rainha, quando lhe chegou a noticia da vacatura da Mitra de Goa pela morte do Arcebispo; logo a 2 de Agosto do mesmo anno nomeou o mesmo Senhor a Fr. Lourenço de Santa Maria para substituir aquella Mitra de Goa Primaz da Ásia. Ordenou o Soberano por Carta de seu Secretario d'Estado Pedro da Mota e Silva, a Fr. Lourenço de Santa Maria, que se reco-

colhesse á Côrte no primeiro navio, que chegasse áquellas Ilhas, onde andava em Missaõ. Na Freguezia do Seixal doze legoas distante da Cidade do Funchal se achava em actual Missaõ Fr. Lourenço, quando recebeo o aviso Regio. Assentando por sua humildade que naõ tinha hombros para aquella dignidade, se escusou acceitá-la. Esta resposta mandou a El-Rei, e que julgava ser do serviço de Deos, e do Estado concluir a Missaõ nas Freguezias, que lhe restavaõ ainda por missionar naquella Ilha. Ficou com effeito continuando a Missaõ pelo espaço de seis mezes, sem jamais admittir a minima honra tanto da Nobreza, como do Governador, e do Bispo actual. Concluida a Missaõ na Freguezia da Senhora do Monte, Padroeira, e visinha da Cidade do Funchal, se recolheo fatigado da tarefa Apostolica ao Convento de S. Francisco da mesma Cidade, donde embarcou a 6 de Maio de 1743, e desembarcou em Lisboa a 26 do mesmo anno.

361 Tendo-se recolhido ao Hospicio de Varatojo sito na Côrte a 28 do mesmo mez, dous dias depois que desembarcou, foi com seu Companheiro ao Paço para visitar o Monarcha, e es-

escusar-se segunda vez acceitar a Mitra de Goa. O Monarcha, que por enfermo naõ se achava entaõ em termos de podêr fallar-lhe pessoalmente, lhe mandou por seu Camarista agradecer a visita, e que a pesar das suas escusas lhe remetteria no dia seguinte as Bullas da confirmaçaõ de Arcebispo de Goa passadas em Roma em 26 de Novembro de 1742 pelo Santo Padre BENEDICTO XIV., e que lhe rogava em serviço de Deos, e do Estado, quizesse tomar sobre os hombros o pêso de huma dignidade, para a qual elle, e o mesmo Santo Padre o tinhaõ destinado.

362 Persistio todavia o humilde P. Fr. Lourenço ainda na sua resoluçaõ de naõ acceitar as Bullas. Porém o Monarcha sciente desta renitencia, depois de o ter mandado persuadir pelo seu proprio Confessor, e pelo seu Secretario Pedro da Mota, lhe mandou tambem por final, e ultima resoluçaõ dizer, que já naõ estava na sua maõ alliviá-lo da Prelazîa, mas na do Papa, que o tinha confirmado, que a elle podia recorrer, mas sempre na certeza de que naõ havia de ser deferido sem o seu Regio beneplacito, o qual elle jamais daria em tempo algum. Re-

cor-

correo o Arcebiſpo eleito aos Padres do Oratorio da Côrte pedindo lhes o ſeu voto; os quaes reſpondêraõ concordes, que julgavaõ ſería deſagradavel a Deos inſiſtir elle na ſua eſcuſa, e reſiſtencia por mais tempo, viſto eſtar confirmado Arcebiſpo pelo Vigario de Chriſto, e que na maõ d'El-Rei tinhaõ viſto outra Bulla em que o Santiſſimo Padre lhe mandava acceitar eſta dignidade com pena de obediencia. Naõ perſiſtio mais em ſuas eſcuſas o Arcebiſpo eleito, mas obtida a bençaõ do Padre Geral da Ordem, a quem tinha recorrido pelo Secretario de Eſtado, certificou a El-Rei que eſtava prompto para ſervir a Sua Real Mageſtade, e a Deos no laborioſo emprêgo para que fôra deſtinado.

363 A 3 de Junho do meſmo anno de 1743 foi o Arcebiſpo ao Paço beijar a maõ a El-Rei, e ás Peſſoas Reaes, ſendo recebido de todas com grande agrado, e benevolencia, eſpecialmente pelo Monarcha, que lhe deo entrada no ſeu quarto em todo o tempo, que o Arcebiſpo ſe demorou na Côrte. Foi ſagrado na Santa Igreja Patriarchal em 9 do meſmo Junho pelo Em.^{mo} Cardeal Patriarcha D. Thomás de Almeida. O piiſſimo, e gene-

ro-

roſo Monarcha mandou com Regia liberalidade fazer ao Arcebiſpo todo o preparo tanto de ornamentos precioſos para o culto Divino, como de veſtidos para o meſmo Arcebiſpo, Capellaens, e criados; e dar-lhe pelo Em.^{mo} Cardeal Mota dous mil cruzados para ſua ſubſiſtencia na Côrte com ordem, que recorreſſe acabado o dinheiro. Ordenou além diſſo o generoſo Monarcha, que por todo o tempo que o Arcebiſpo ſe demoraſſe na Côrte ſe ſerviſſe com carruagens da Caſa Real, e lhe offereceo huma rica, e magnifica cópa de prata, com precioſos ornamentos, e armaçoens para as caſas da ſua reſidencia. O Arcebiſpo ſempre amante, e tenaz zelador da pobreza Evangelica, que profeſſára em Varatojo, ſe eſcuſou humildemente agradecido acceitar a offerta de tanto preço; limitando-ſe acceitar do magnifico, e generoſo Rei hum relogio de pouco cuſto, alguns livros precioſos, huma banquêta d'Altar com Cruz, e caſtiçaes ordinarios, e ſó a prata neceſſaria para dizer a Miſſa privada, e nada mais.

364 No Julho proximo paſſou o Arcebiſpo a ſeu amado retiro de Varatojo a dizer *a Deos* a ſeus caros Companheiros, e Irmaõs no Seminario, e

a

a pedir-lhes Oraçoens, e depois á Beira a despedir-se de sua mãi, irmaõs, e parentes. Prégou por esta vez Missaõ na Cidade de Viseu. E convalescido de huma molestia, que alli o visitou, tornou a Varatojo, onde fez exercicios espirituaes em retiro pelo espaço de dez dias, seguindo em todos elles os actos da Communidade, sem admittir distincçaõ alguma. Cinco dias depois cheio de saudades se despedio no Seminario de seus irmaõs com as mais ternas demonstraçoens de affecto, e com lagrimas que vertiaõ seus chorosos olhos, tornando a pedir a todos, e ao Guardiaõ de joelhos Oraçoens para o acerto do seu Episcopado. Já restituido ao Hospicio de Varatojo na Côrte recebeo no Oratorio do mesmo o Pállio da maõ do Em.mo Cardeal Patriarcha Almeida a 26 de de Outubro do mesmo anno.

365 Constando ao Arcebispo que os Parochos Regulares do seu Arcebispado, patrocionados pelos Vice-Reis da India, continuavaõ na sua antiga pertençaõ de se isentar da jurisdicçaõ dos Arcebispos tanto nos exames para Parochos, como para serem removidos por occasiaõ de visita, cuidou solícito em applicar prompto, e efficaz re-

medio contra estes abusos contrarios aos direitos Episcopaes, e feridas, que eraõ da disciplina Ecclesiastica. Reccorreo ao Fidelissimo, e piissimo Monarcha, o qual, como zeloso Protector dos Cánones logo deo ao Arcebispo providencia para este, e outros casos em favor da Igreja, e dos seus Prelados. Tendo finalmente o Arcebispo concluido a Missaõ no Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra na Côrte, e depois de se ter despedido desta illustre, e Religiosissima Communidade, beijado a maõ a El-Rei, e Pessoas Reaes, se embarcou com seus Capellaens para Goa na praya de Belem em 29 de Março de 1744 em a náo *Senhora da Caridade*, que comboyava, como Capitânia, a náo *Madre de Deos*, na qual hia o Vice-Rei Marquez de Castello-Melhor.

366 Deo o devoto Arcebispo princípio á sua viagem, celebrando elle mesmo a Santa Missa, e recommendando, que todos os dias a ouvissem na sua camara os que hiaõ em sua companhia. Mandou recitar o itinerario dos Clerigos, o Terço, a Ladainha da Santissima Virgem Mãi de Deos, e a Estaçaõ ao Santissimo Sacramento; e tambem a Commemoraçaõ a S. Antonio com o seu Responsorio: *Si quæris &c.*

ris &c. para conseguirem da Divina Misericordia bom successo em taõ larga viagem. Ella todavia para maior merecimento do santo Prelado, e da sua companhia, foi cheia de sustos, perigos, e tormentas; já ao terceiro dia se deixou vêr a náo toda aberta d'agua. Naõ esperou por ella a Capitânia. Todos appareciaõ desanimados, desconsolados, e afflictos. O Arcebispo porém cheio de valor, e confiança, os animava, e consolava, protestando-lhes resoluto naõ deixaria de continuar a viagem, nem jamais arribaria menos que fosse na ultima necessidade, e evidente risco da náo. Vendo-se no Cabo da Boa Esperança quasi de todo destroçada, e perdida a náo, entaõ foi maior a afflicçaõ, e susto de todos. Naõ se ouvia outra cousa dentro da náo senaõ huma tumultuosa confusaõ de gemidos, lagrimas, e suspiros. Naõ cessava com tudo o animoso Prelado de alentar, e consolar a todos com palavras, e ainda mais com o exemplo. Filhos, filhos, animo, animo, dizia, confiemos em nosso bom Deos, o qual, quando lhe praz, faz serenar as tempestades. Se escaparmos, lhe daremos Graças, senaõ escaparmos, o iremos louvar, e gozar no Céo para sempre, onde naõ

ha perigos, nem trabalhos, mas ſim eterno deſcanſo.

367 Em taõ prolongada, e perigoſa viagem foi rara a peſſoa, que eſcapaſſe de ſer ferida de moleſtia, e tambem o meſmo Arcebiſpo adoeceo por duas vezes. Chegou o número dos mortos a cento e vinte; porém acabáraõ todos conſolados com a aſſiſtencia do Arcebiſpo, que por ſi meſmo lhes adminiſtrou os ultimos Sacramentos da Igreja; ſendo muitas vezes neceſſario levarem-no nos braços para confeſſá-los, ungí-los, e ajudá-los a bem morrer. Elle pelo carinho, e affecto com que aſſiſtia aos enfermos, e moribundos, lhes ſervia ao meſmo tempo de Prégador, Confeſſor, Medico eſpiritual, e de Enfermeiro. Depois de cinco mezes de viagem aportou finalmente a náo na barra de Goa a 19 de Setembro do meſmo anno de 1744 em hum Sabbado na meſma hora, e ponto, que entrava o Vice Rei ſem ter arribado em terra, ou porto algum até alli.

368 Deſembarcando o Arcebiſpo, pouco depois das quatro horas da tarde do dito dia 19 de Setembro ſe recolheo na caſa de campo de S. Ignez junto á Cidade de Goa, onde logo foi

vi-

visitado, e comprimentado do actual Governador, Nobreza, e Clero, assim Regular, como Secular. A 27 do mesmo Setembro tomou posse do Arcebispado pelo seu legitimo Procurador o R. Doutor Antonio do Amaral Coutinho, Deaõ da Sé de Goa, e primeiro Inquisidor da Inquisiçaõ da India. Fez entrada pública a 4 de Outubro o Arcebispo, levando-lhe a cauda seu parente José Pereira de Sá, filho dos Viscondes d'Assêca. No dia seguinte indo visitar a Igreja, onde descança o corpo do Apostolo do Oriente S. Francisco Xavier, depois de implorar a sua protecçaõ, lhe offereceo hum Báculo de prata, que levava de Portugal.

369 Lembrado o sabio, e illustrado Arcebispo, quanto convinha em beneficio da Igreja, e do Estado estar sempre unido o Imperio com o Sacerdocio, cuidou logo compôr algumas dúvidas, que havia em Goa entre os Vice-Reis, e os Arcebispos. Consistiaõ estas em pontos de politica, e ceremonia, quando o Arcebispo, e Governador se achassem ao mesmo tempo na Sé. Queriaõ os Vice-Reis que, quando elles viessem á Sé, e dar-lhes a agua benta; que, quando prégassem

os

os Arcebiſpos, tomaſſem a vénia a elles Vice-Reis; que eſtando Arcebiſpo, e Vice Rei ambos na Sé, tendo algum Prégador de prégar, devia eſte tomar a vénia ao Vice Rei, e naõ ao Arcebiſpo. Eſcreveo o Arcebiſpo a El-Rei, dando-lhe parte deſta pertendida politica, e dizia que por amor da paz naõ duvidava ceder da ſua parte naquella ceremonia, e annuir ao que neſte particular intentavaõ os Vice-Reis. O piiſſimo Monarcha ſempre coſtumado a proteger, e favorecer naõ ſó a diſciplina Canonica da Igreja, mas ainda os ſeus mais leves coſtumes, e ceremonias, reſpondendo ao Arcebiſpo, e louvando-lhe ſeu zêlo, lhe recommendou, que elle em tudo devia ſuſtentar a authoridade do ſeu caracter, ſem ceder della em couſa alguma, nem ainda na mais leve ceremonia. Oh! ſe todos os Monarchas ſe conduziſſem por eſte eſpirito, que felicidade reſultaria á Igreja, e ao Eſtado!

370 A 25 de Novembro dia de S. Catharina, Padroeira da Sé de Goa, fez o Arcebiſpo o ſeu primeiro Pontifical, e com a meſma pompa, e ſolemnidade celebrou depois a feſta de S. Franciſco Xavier, beijando-lhe reverente o pé ſegunda vez em nome do

piiſ-

piiſſimo Monarcha D. JOAÕ V., que aſſim o recommendára no ſeu Paço de Lisboa ao Arcebiſpo. Para eſte fim em hum Sabbado 11 de Dezembro com a aſſiſtencia do Vice-Rei, Provincial, Procurador, e Prepoſito da Companhia, ſe abrio o Mauſoléo em que eſtava a urna do Santo Xavier, onde entrando o Arcebiſpo veſtido de Pontifical, ſe deteve cheio de júbilo, como tranſportado pelo eſpaço de meia hora em Oraçaõ, e depois de enternecidos affectos ao Santo, lhe beijou por vezes o pé, e tambem celebrou Miſſa privada no ſeu Altar.

371 A 7 de Dezembro abrio o Arcebiſpo Miſſaõ na Sé de Goa, que concluio dia do Apoſtolo S. Thomé com numeroſiſſimo concurſo, e prodigioſo fructo de innumeraveis converſoens de almas para Deos. Admiravaõ todos naõ ſó o eſpirito inflammado, e zêlo Apoſtolico com que prégava, mas o ſeu talento raro, a ſua eloquencia ſagrada, e a ſua vaſta erudiçaõ. As ſuas palavras pareciaõ ſéttas ardentes, porque ſahiaõ de coraçaõ inflammado. Naõ ſó prégava, mas tambem confeſſava, viſitava os enfermos, e aſſiſtia aos moribundos, quanto lhe era poſſivel, em todo o tempo, que gover-

ver-

vernou a ſua Dioceſe. Alli permanece ; e permanecerá ſempre de geraçaõ em geraçaõ, memoravel o nome do Arcebiſpo D. Fr. Lourenço de Santa Maria pela ſua extremoſa caridade, pelo ardente zêlo da ſalvaçaõ das almas, pelas heroicas virtudes que ſe lhe viraõ, e admiraraõ, como Prelado exemplar, ſempre ſolícito do bem de ſuas Ovelhas, ſempre em ſua conducta ſimilhante aos Ambroſios, Baſilios, e a outros Santos Biſpos da primitiva.

372 Em dia do Santiſſimo Naſcimento de Chriſto Salvador do Mundo no meſmo anno de 1744, depois de Officiar as Matinas, e fazer o Pontifical, adminiſtrou o Baptiſmo geral a grande número de Cathecûmenos, que eſtavaõ na Igreja diſpoſtos eſperando por eſte Sacramento da Regeneraçaõ, aos quaes roborou nas verdades da Religiaõ com o ſólido alimento da ſanta palavra de Deos, que lhes prégou. Continuou D. Fr. Lourenço ſempre benigno, ſempre exemplar, ſempre eſmoler, ſempre ſolícito das Ovelhas, e rebanho, que lhe entregou Jeſu Chriſto Principe dos Paſtores, por eſpaço de ſeis annos em Goa. Elle bem deſejava morrer nos braços da ſua Eſpoſa, mas arruinando-ſe-lhe a ſaude

por

por cauſa daquelles ingratos ares, depois de conſultar a Deos na Oraçaõ, e a peſſoas illuminadas, julgou ſer vontade do meſmo Senhor renunciar o Arcebiſpado, e voltar ao Reino para vêr ſe com a mudança de ares, e clima, experimentava algum allivio nas ſuas moleſtias. Com effeito acceitando o Santo Padre BENEDICTO XIV. a renúncia do Arcebiſpado de Goa a D. Fr. Lourenço, elle voltou enfermo para o Reino, e deſembarcou na barra de Lisboa a 6 de Janeiro de 1752. A peſar de ſuas moleſtias, que o acompanhavaõ, naõ ſe lhe permittio que foſſe convaleſcer dellas a Varatojo, mas foi mandado Biſpo para o Algarve, como dirá o Capitulo ſeguinte.

CAPITULO XXVII.

Comportamento, e virtudes de D. Fr. Lourenço de Santa Maria, ſendo Biſpo do Algarve, onde morreo no Senhor.

373 DO Oriente chegáraõ a Portugal os écos dos maravilhoſos fructos, que em beneficio da Igreja, e do Eſtado tinha feito naquellas regioens o in-

infatigavel zêlo do Arcebiſpo de Goa D. Fr. Lourenço de Santa Maria, o qual privado, por ſuas moleſtias, do goſto, que tinha de terminar a carreira de ſeus dias na ſua Dioceſe entre ſuas Ovelhas, ſe vio na indiſpenſavel neceſſidade de voltar ao Reino, como ha pouco ſe diſſe. Era já neſſe tempo fallecido El-Rei D. JOAÕ V., o Grande, e ſempre de ſaudoſa memoria. Succedeo-lhe no Throno ſeu Filho D. JOSE' I., que com o Reino herdou a piedade de ſeu Pai. Eſte Auguſto, e Fideliſſimo Monarcha, apênas ſoube tinha chegado á Côrte D. Fr. Lourenço, Arcebiſpo de Goa, o nomeou Biſpo do Algarve, em conſideraçaõ de que governando eſte Biſpado poderia achar algum allivio da ſaude, que perdêra em Goa. O Arcebiſpo ainda que deſejava paſſar o reſto de ſeus dias no retiro de Varatojo, perſuadido do voto de peſſoas illuminadas, e tementes a Deos, ſe privou do ſeu goſto, acceitando, naõ ſem repugnancia de ſeu eſpirito, o pêſo do novo Biſpado. Foi confirmada em Roma eſta nomeaçaõ pelo Santo Padre BENEDICTO XIV. em 15 de Maio de 1752, e no fim d'Agoſto do meſmo anno foraõ entregues as Bullas ao Biſpo Arcebiſpo.

To-

374 Tomou D. Fr. Lourenço de Santa Maria posse da Mitra do Algarve a 8 de Setembro de 1752. Naõ pareceo acaso, mas Providencia a circumstancia de ser este dia dedicado ao Nascimento da Santissima Virgem Mãi de Deos, de quem este Prelado desde seus tenros annos sempre fôra cordialissimo devoto. Quando professou em Varatojo se rezava dos prazeres da Senhora, e escolheo na Religiaõ o sobrenome de *Santa Maria*. Tinha sido baptizado dia dos Desposorios da mesma Senhora. Desembarcou em Goa em hum Sabbado dia dedicado á mesma purissima Virgem. Hum grande ataque de gôta, e outras molestias, que eraõ só as ricas alfaias, que o Arcebispo trouxe da Ásia, lhe embaraçáraõ partir logo para o seu novo Bispado do Algarve! Depois de estar algum tempo no retiro de Varatojo com seus irmaõs, pedindo-lhes Oraçoens, e despedindo-se delles cheio de saudades, e banhado em lagrimas, sahio do Seminario a 21 de Novembro para o seu Bispado, e passando em visita pelo Seminario de Brancanes, já em 25 do mesmo Novembro se achava na primeira povoaçaõ da sua Diocese. Por todas as terras por onde passava, lhe fa-

faziaõ os Militares, Ordenança, Nobreza, e Clero as maiores demonſtraçoens em teſtemunho de alegria com que o recebiaõ no Algarve.

375 Huma legoa diſtante da Cidade de Faro, onde o novo Biſpo D. Fr. Lourenço chegou a 30 de Novembro, ſe achava já a maior parte do ſeu Cabido, Nobreza, e Clero, e gente de todas as qualidades, e Jerarchias, que com impaciencia cheios de júbilo eſperavaõ o ſeu novo Prelado. Elle ſe foi apoſentar na Quinta do Carmo junto da Cidade, donde fez a ſua entrada na Cathedral a 8 de Dezembro, ſendo recebido com toda a pompa ſegundo as Ordens Regias expedidas ao Senado daquella Cámara, e Cabido pelo Secretario d'Eſtado Diogo de Mendonça. Logo no meſmo Dezembro em que entrou de poſſe do ſeu Biſpado, ſahio com a ſua providente, e Apoſtolica Paſtoral, tendente ao culto Divino, exemplo, e refórma do Clero, educaçaõ, e criaçaõ de Ordinandos, obſervancia das Leis Divinas, e Humanas, promoçaõ da Doutrina, Oraçaõ, e outros exercicios da verdadeira piedade. Tendo já neſſe tempo aberto Miſſaõ naquelle Biſpado o V. P. Fr. Bernardino de Santa Maria

de

de Jesus com Fr. Antonio de S. João, Missionarios de Varatojo, se resolveo o zeloso Prelado prégar alternativamente com os Missionarios, e com elles assistir ás Vias-Sacras, Oração Mental, como tambem ensinar pessoalmente a Doutrina aos meninos, fazendo-lhes Práticas accommodadas á sua idade, methodo que exactissimamente usou com elles em todo o tempo do seu governo.

376 Ainda que enfermo D. Fr Lourenço se achava, o seu ardente zêlo lhe deo alentos, e azas para visitar pessoalmente todo o Bispado. Vendo os póvos em seu Bispo as qualidades de Pastor tão exemplar, tão compassivo, tão caritativo, tão solícito pelo bem das suas Ovelhas, e que o seu Paço Episcopal parecia Seminario de virtudes, e escóla de perfeiçoens, e que os pobres erão thesoureiros de tudo o que lhe restava da sua cóngrua sustentação, o amavão como a pai, e veneravão como a Bispo santo. Neste conceito o tinha o Fidelissimo, e piissimo Rei D. Jose' I., o qual por ausencia, que fez do Algarve o Governador D. Rodrigo Antonio de Noronha, o nomeou em lugar deste para Governador daquelle Reino. Donde veio a ficar o

Bis-

Bispo naquelle Reino naõ só com o governo espiritual, mas tambem com o temporal, e politico por Carta, que elle recebeo do Monarcha no anno de 1755. Foraõ claras as provas do zêlo, e inteireza com que plenamente satisfez a estes dous emprêgos em utilidade da sua Igreja, e do Estado. Porque supposto este grande Prelado tinha o corpo enfermo, e debilitado, tinha com tudo o espirito vigoroso, e o juizo saõ com prudencia, madureza, sabedoria, e virtude para estes, e ainda para outros maiores emprêgos.

377 No governo politico em attençaõ ao bem commum poz D. Fr. Lourenço suas primeiras vistas, e o seu principal cuidado em fazer administrar com rectidaõ, e inteireza a justiça, em sustentar a paz, e tranquillidade dos povos, em fomentar, e promover entre todos elles a humanidade, e verdadeira piedade, como bases, que saõ fundamentaes dos Imperios, e conservaçaõ dos Altares. Sendo elle adornado de tantas luzes, jamais queria resolver negocio relativo ao governo politico, posto que de pouca consideraçaõ, sem conselho, e parecer de pessoas tementes a Deos, experimentadas, de boa razaõ, e de sã consciencia. Pela

la sua profunda humildade fazia taõ baixo conceito de si, que se naõ queria fiar nas suas luzes, literatura, e prudencia nos negocios em que interessava o bem público da Igreja, e do Estado. Que admiraveis maximas, e que acertada, e santa politica!

378 Quando D. Fr. Lourenço se estava dispondo para celebrar Pontifical no primeiro dia de Novembro de 1755, sentindo o grande, e memoravel terremoto, que entaõ succedeo, sahio do seu Palacio para o Terreiro da Sé, cuja Torre vio cahir por terra, e arruinarem-se as paredes da Igreja, e Convento proximo, com a casa da Câmara, e outros edificios. Logo o Prelado se achou cercado de immenso povo, que em altos gritos, banhados todos em lagrimas, ferindo seus peitos, pediaõ perdaõ, e misericordia a Deos; e buscavaõ penitentes os Confessores, confessando publicamente os peccados, e pedindo em altas vozes absolviçaõ delles. Animava o zeloso Prelado aos peccadores com a esperança do perdaõ, que Deos misericordioso costumava dar aos maiores peccadores verdadeiramente arrependidos, e os absolvia em geral. Concedeo logo sua authoridade a todos os Sacerdotes Regulares, e Secu-

cu-

culares, para que dentro de tres dias, se houvesse necessidade, fizessem o mesmo que viaõ fazer a seu Bispo, absolvendo tambem em geral aos que encontrassem arrependidos pedindo confissaõ. O animoso, e compassivo Prelado, rodeado de povo, a fim de se pôrem em salvo, livre no campo de maior perigo, se resolveo sahir da Cidade, e passando por suas ruas, que entaõ pareciaõ montes de ruinas, chegou com muito custo aos arrabaldes da mesma Cidade. Nos quaes mandou logo erigir hum Altar em que celebrou a Santa Missa, e dando Graças a Deos, dalli mesmo proveo algumas necessidades, que se lhe apresentáraõ, sendo a primeira mandar logo mudar o Santissimo das Igrejas arruinadas para casas particulares com o possivel asseyo, limpeza, e decencia.

379 No segundo dia de Novembro, e primeiro depois do memoravel terremoto, foi o zeloso Prelado, e vigilante Governador D. Fr. Lourenço, acompanhado do seu Clero, e Soldados que pôde ajuntar, ás Igrejas, e casas arruinadas, para darem sepultura aos mortos, e tirarem dos entulhos, e ruinas as muitas pessoas feridas, que enterradas em vida se acha-

vaõ

vaõ alli gemendo, e algumas já nos braços da morte quasi expirando. A pesar das suas molestias era elle o primeiro nestes santos exercicios de piedade, de misericordia, e de humanidade, já com a enxada nas maõs, cavando, e fazendo covas para enterrar os mortos, já amortalhando os seus cadaveres, já carregando com elles aos hombros para a sepultura, já trazendo vasilhas de agua para os sequiosos occupados com elle nestes exercicios. Durou o desentulho até aos 20 do mesmo mez. Deo logo todas as providencias necessarias para o prompto curativo, e assistencia dos feridos, e enfermos. Com todos estes incommodos, e trabalho diuturno conservou Deos, e parece que por milagre, ao zeloso Prelado sem augmento de maior molestia, naõ obstante passar perto de dez noites em huma pobre, e incómmoda cabana no campo, para onde hia sempre da Cidade a pé. Elle por espaço de mais de dous annos successivos ao terremoto naõ entrou em carruagem, e só obrigado de grande necessidade usou depois alguma vez della.

380 No mesmo dia do terremoto fez recolher debaixo de Cruz as Religiosas Franciscanas do Convento da

Cidade, que na maior parte se arruinou, e cahio por terra, a humas casas decentes, e lhes mandou assistir com todo o necessario para viverem com regularidade, e recolhimento possivel. Como elle se achava juntamente com o governo politico das Armas naquelle Reino, que lhe durou até ao anno de 1758, mandou guarnecer as ditas casas, onde estavaõ as Freiras, com huma Companhia de Soldados. Cahindo, e arruinando-se inteiramente o Convento de Loulé de Freiras sujeitas ao Bispo, o mandou reedificar, e depois de reedificado, foi o mesmo zeloso, e compassivo Prelado á dita Villa fazer recolher as Religiosas ao seu Convento. Ás quaes assistio com dous moyos de trigo annualmente, e trinta mil reis cada mez. E tambem lhes pagou as dividas, que passavaõ de tres mil cruzados, além de seis, que deo para fundo do Convento. Acudio solícito ao desamparo, e necessidades das Religiosas de Lagos, mandando-lhes assistir por algum tempo com a esmóla de dez mil reis cada mez, e de vinte por outros tempos. Importavaõ as mesadas, e esmólas ás Religiosas, e pessoas recolhidas, e necessitadas da Diocése do Algarve, e de algumas de

fó-

fóra deste Bispado, mais de quinhentos e cincoenta mil reis cada mez.

381 Por occasiaõ do terremoto fez repartir mais de vinte moyos de trigo pelos pobres, que sempre foraõ os thesoureiros das rendas que lhe restavaõ da moderada, decente, e parca sustentaçaõ com sua pessoa, e moderada familia. Em quanto elle viveo no Algarve, costumava pela festa do Santissimo Nascimento do Senhor repartir com as Religiosas, e Religiosos do seu Bispado quinze moyos de trigo. Cada anno mandava dar dous moyos de trigo para alimento dos pobres, que se curavaõ nos banhos de Villa Nova de Monchique, e mais cem mil reis annualmente para as despesas dos mesmos pobres, que hiaõ aos ditos banhos. E depois que ultimamente se recolheo da Côrte ao seu Bispado, mandou dar de esmóla dez mil cruzados para fazer em Monchique novos banhos para pobres, tendo o gosto de vêr concluida esta obra em sua vida. Donde naõ faltou quem admirado dissesse que as rendas, e dinheiros do Bispo do Algarve D. Fr. Lourenço de Santa Maria, eraõ dinheiros, e rendas de milagre pela boa administraçaõ que fazia dellas. A extremosa caridade, e compaixaõ que

tinha com as miserias, e necessidades alheias, lhe mereceo justamente o nome de pai dos pobres, verdadeiro amigo da humanidade, soccorro prompto dos atribulados, e miseraveis, Bispo santo, e contínuo remediador, e protector dos pobres de Jesu Christo naquelle Reino, aos quaes custavaõ saudosas lagrimas, quando alguma vez este Prelado era obrigado a retirar-se delles. Tambem do Algarve, e ainda de Goa estendia os braços da sua caridade até Varatojo, onde por sua profissaõ solemne recebeo o espirito da Religiaõ Seraphica.

382 Governando as Armas do Algarve deo, por occasiaõ do memoravel terremoto, providencias tendentes ao socego público taõ acertadas, que a ellas se deve naõ desertarem daquelle Reino grande número de seus habitantes, como consta da conta, que dalli por carta a Diogo de Mendonça se deo a El-Rei, cuja cópia entre outras memoraveis deste illustre, e grande Prelado se conservaõ no Archivo do Seminario de Varatojo. Em todos os ministerios de seu Episcopado se mostrou sempre taõ exacto, e exemplar, taõ solícito do bem das suas Ovelhas, taõ santamente tenaz em sustentar, e

de-

defender os direitos da ſua Igreja, e diſciplina Canónica, que ſe conſerva, e ſe conſervará ſempre memoravel no Reino do Algarve o nome deſte grande Prelado. Elle tinha particular cuidado na eſcolha dos Ordinandos, aos quaes mandava preparar para as Ordens com exercicios de oito dias em retiro. Viſitava repetidas vezes a pé o ſeu Biſpado, e frequentemente fazia inſtruir as ſuas Ovelhas nas verdades da Religiaõ por Miſſionarios, que mandava pedir a Varatojo. Elle peſſoalmente miſſionou muitas Freguezias no ſeu Biſpado, enſinando ſempre a Doutrina Chriſtã aos meninos. O meſmo praticava em ſeu Paço todos os Domingos, e dias Santos em que naõ tinha legitimo impedimento. Fazia tambem ſuas Práticas eſpirituaes no fim da Doutrina. Depois mandava aos meninos cantar a Ladainha de Noſſa Senhora, e que diſſeſſem em voz alta os Actos de Fé, Eſperança, Caridade, Contriçaõ, e Attriçaõ, que elle mandou imprimir para utilidade das ſuas Ovelhas.

383 Neſtes exercicios de Paſtor vigilante, e de Prelado ſolícito do bem de ſeus ſubditos, a fim de que foſſem bons Chriſtaõs, e bons Cidadaõs, obe-

obedientes em tudo ás Leis de Deos, e do seu Fidelissimo Monarcha, se achava D. Fr. Lourenço de Santa Maria, quando em Janeiro de 1769 lhe chegou huma Carta d'El-Rei por via do Secretario d'Estado Conde d'Oeiras em que o chamava á Côrte para negocios seus, e do serviço de Deos. Deo motivo a esta Carta o rumor, que se espalhou em Lisboa de que o Bispo de alguma sorte hia contra as Ordens Regias, naõ querendo dispensar nos impedimentos do Matrimonio na occasiaõ da rotura, que tinha a Côrte de Portugal com Roma. A 19 do mesmo mez, e anno partio elle do Algarve para a Côrte, onde em varias conferencias, que teve com o Secretario d'Estado Conde d'Oeiras, lhe perguntou este Ministro, que supposta a rotura com a Côrte de Roma a que se naõ podia recorrer, e suppostas as Ordens Regias, se fazia elle, ou naõ, tençaõ dispensar nos impedimentos do Matrimonio? Respondeo o Bispo com promptidaõ, dizendo que elle naõ podia dispensar; porque, segundo as mesmas Ordens Regias, o embaraço naõ era absoluto por declarar o mesmo Fidelissimo Monarcha nas Ordens que lhe tinha remettido, que ninguem po-

des-

desse recorrer a Roma, sem ser pela Secretaria d'Estado, e que nestes termos naõ era absoluto o embaraço para recorrer á Santa Sé de Roma. Neste sentimento permaneceo constante o zeloso Prelado, até que o Secretario d'Estado lhe declarou que o dito embaraço era absoluto, pois que nem pela Secretaria d'Estado queria El-Rei se recorresse a Roma.

384 Dispensou depois o Bispo com alguns Diocesanos seus, que recorrêraõ a elle com causas justas. E fallando com El-Rei varias vezes, e sempre com agrado, o mandou recolher o mesmo Senhor ao Bispado, onde chegou a 7 de Março de 1770, e onde foi recebido por seus Diocesanos, como em triunfo, com as mais ternas demonstraçoens de alegria. Ainda que elle se restituio accumulado de merecimentos, vinha todavia com a saude mais quebrantada por causa das afflicçoens do seu espirito em se vêr na Côrte, como em especie de desterro, arrancado do seu Bispado, e ausente de suas Ovelhas, que amava como pedaços da sua alma, ainda que da mesma Côrte como solícito, e vigilante Pastor dava as providencias tendentes ao bem das suas Ovelhas, e da sua Diocése.

No

No fim de Maio de 1773 se achava o zeloso Prelado continuando a dar o saudavel pasto da Doutrina, com palavras, e exemplos santos ao seu Rebanho, quando lhe chegou hum Postilhaõ com toda a pressa, trazendo-lhe segunda Carta tambem assignada do Real punho em que o Monarcha o tornava a chamar á Côrte para negocios do serviço de Deos, e do Estado. Esta segunda Carta, e aviso, qual agudo cutélo, lhe ferio ainda mais viva, e profundamente o espirito por se vêr na precisaõ de se retirar outra vez da sua Diocése, de arrancar-se dos braços de sua Esposa, de ausentar-se da companhia, e vista de suas amadas Ovelhas, por quem se tinha desvelado para que ellas em tudo fossem obedientes a Jesu Christo Principe dos Pastores, e tambem sempre fieis, e obedientes ao seu Rei na pontual observancia das Leis. Eis-aqui as culpas, e crimes de D. Fr. Lourenço de Santa Maria em todo o tempo em que foi Bispo, e Governador do Reino do Algarve. Naõ sei, que tivesse outros na vida de Bispo.

385 Naõ pôde D. Fr. Lourenço por se achar atacado da gota partir do Algarve, senaõ a 10 de Junho do mesmo anno. A pena, e saudade do Ca-

bido, Nobreza, e povo do Algarve na despedida do seu Prelado, Pastor, e pai, foi tamanha, e taõ sensivel, que se viaõ banhadas de lagrimas as faces de todos, que vertiaõ seus chorosos olhos na consideraçaõ de que só no dia do Juizo tornariaõ a vêr o seu santo Bispo. Elle chegando á Côrte a 18 do mesmo mez se recolheo no Hospicio de Varatojo, como tinha feito da primeira vez, e onde sempre residio, achando-se em Lisboa. Passados dous dias, foi ter com o Secretario já nesse tempo Marquez de Pombal, pedindo-lhe quizesse dar parte a Sua Magestade de que elle tinha vindo obediente apresentar-se na sua Real presença. Fallou-lhe o Marquez com agrado, mas naõ lhe declarou logo a causa da sua vinda á Côrte, senaõ passado algum tempo lhe disse que o motivo de o mandar chamar Sua Magestade á Côrte era para dividir o Bispado do Algarve em dous, hum em Faro, outro em Villa Nova de Portimaõ; e que era do seu Real agrado, que elle desistisse do Bispado; e que Sua Magestade o nomeava Bispo de Aveiro, onde elle ficava melhor por ser sua patria, e por ter alli a consolaçaõ de viver, e estar entre seus irmaõs,

maõs, e parentes, e que eſte era o negocio para que fôra chamado á Côrte.

386 Reſpondeo o Biſpo ao Marquez Secretario, que elle eſtava prompto para largar, e ceder do Biſpado do Algarve nas maõs de Sua Mageſtade, para que eſte Senhor fizeſſe delle o que foſſe do ſeu Real agrado. Mas que naõ podia, nem devia acceitar o Biſpado de Aveiro, naõ ſó por ſe naõ achar com forças, e eſpirito para criar hum novo Biſpado com nova Sé, Tribunaes, Miniſtros, e Officiaes de que ſe neceſſitava para o ſeu bom regimen, e adminiſtraçaõ da juſtiça, mas tambem por naõ ſer mais util para a Igreja, e Eſtado ſer Biſpo entre irmaõs, e parentes, cuja companhia elle deixára, quando fugio para Varatojo. Naõ attendeo o Marquez á eſcuſa taõ attendivel do ſervo de Deos, antes para liſonjeá-lo lhe diſſe: Voſſa Excellencia por ſua grande capacidade eſtá ainda para muito mais. No ſeguinte mez de Julho teve o atribulado Prelado a ſenſivel noticia, que da Secretaria d'Eſtado tinha ido ordem ao Ouvidor de Faro para que peſſoalmente foſſe intimar o exterminio de quarenta legoas fóra do Algar-

ve,

ve, e de Lisboa ao Doutor Francisco Peliçaõ, a quem o Bispo tinha commettido o governo do Bispado em sua ausencia.

387 Foi logo o afflicto, e consternado Prelado D. Fr. Lourenço fallar ao Secretario, e Ministro d'Estado Marquez de Pombal, expondo-lhe que era de indispensavel necessidade dar providencia para o governo espiritual das Ovelhas do seu Bispado, e que se era do agrado de Sua Real Magestade, que elle como Bispo, e Pastor daquella Diocese, o faria. Respondeo promptamente ao Bispo o Marquez Secretario d'Estado dizendo, que essa era a vontade de Sua Magestade com tanto, que o Governador nomeado naõ fosse do Algarve, nem lá assistisse, que elle Marquez Secretario tinha noticia de hum Clerigo que se achava na Côrte, que o mandaria chamar para que fosse á presença de sua Excellencia, a fim de lhe dar jurisdicçaõ para Governador do Bispado em sua ausencia, sem restricçaõ alguma, e que lhe poderia assignar de renda da Mitra quatrocentos mil reis cada anno, além de tudo o mais que lhe pertencesse *ex officio*. Appareceo no dia seguinte Thomás Antonio Moreira do Couto, Clerigo for-

formado, que tinha ſido Abbade na Igreja de Marécos, Biſpado do Porto, o qual vinha enviado do Marquez, e tambem recommendado para que o Biſpo o nomeaſſe Proviſor, Vigario Geral, e Governador no eſpiritual do Biſpado do Algarve. Depois de fallar largamente o Biſpo com eſte Clerigo, lhe mandou paſſar Proviſaõ na conformidade da inſinuaçaõ do Marquez Secretario.

388 Partio logo promptamente, e ſem demóra o Governador nomeado para o Biſpado do Algarve Thomás Moreira afilhado do Marquez de Pombal, o qual chegando a Faro em 24 de Agoſto, logo começou a governar. Mas de que modo, e com que zêlo, e eſpirito? Naõ pelo de manſidaõ, e brandura, mas taõ rigoroſa, e ſeveramente, e taõ affaſtado do comportamento do piedoſo, e compaſſivo Biſpo D. Fr. Lourenço, que prohibio as eſmólas que elle deixou determinado ſe diſtribuiſſem aos pobres durante a ſua auſencia, como tambem todas as que elle mandava dar por ſeus Procuradores das rendas da Mitra aos pobres, que por petiçaõ lhas mandavaõ pedir á Côrte. Do Governador Thomás Moreira aprendeo logo o Preben-

dei-

deiro, que ſe poz na reſiſtencia de naõ dar aos Procuradores do ſeu Prelado ſenaõ duzentos mil reis cada mez. Eſcreveo o afflicto Prelado muitas vezes com algumas demonſtraçoens de queixoſo tanto ao Prebendeiro, como ao Governador; eſte foi taõ politico, e taõ agradecido, que nunca eſcreveo a ſeu Prelado; aquelle ainda que reſpondia, continuava na ſua renitencia de naõ dar ſenaõ os duzentos mil reis cada mez com o eſpecioſo pretexto, e fundamento, que depois lhe poderiaõ fazer repôr os dinheiros da Mitra.

389 Paſſado algum tempo ſe reſolveo o mortificado, e afflicto Biſpo fallar ao Cardeal Nuncio, a quem já tinha communicado todos os ſeus negocios, e trabalhos de eſpirito relativos ao ſeu Biſpado, perguntando-lhe ſe era do ſeu parecer, e agrado tornar a fallar ao Marquez Secretario? O Cardeal Nuncio bem informado, e bem ſciente da innocencia, e juſtiça do Biſpo, e do motivo de ſer chamado á Côrte, como tambem do modo com que o Marquez Secretario o tinha tratado, lhe diſſe, que tomava por ſua conta fallar-lhe logo que elle ſe recolheſſe de Oeiras. Porém vendo o atribulado Prelado, que o Marquez ſe demorava na

ſua

ſua Quinta, ſe deliberou ir fallar-lhe peſſoalmente. Fez-lhe eſta breve falla: Já diſſe, e agora torno a dizer a Voſſa Excellencia, que ſempre tive, e tenho toda a vontade de obedecer a Sua Mageſtade, meu Soberano, para ſe dividir em dous o Biſpado do Algarve em que o meſmo Senhor foi ſervido provê-los. Eu deſejo terminar meus dias, e a meſma velhice cançada, no retiro de Varatojo. Agora determine-me Voſſa Excellencia o que mais devo fazer.

390 Chamou logo o Marquez hum Official de Secretaria, e lhe dictou hum papel com a formalidade da deſiſtencia, que queria fizeſſe o Biſpo D. Fr. Lourenço do ſeu Biſpado para ſe dividir, lêo depois ao meſmo Prelado, dizendo-lhe que ſe recolheſſe, e que mandando copiar aquelle papel por ſeu Secretario, depois de aſſignado por elle, e pelo meſmo Secretario, lho tornaſſe a mandar á ſua Quinta de Oeiras. Remetteo-lhe no dia ſeguinte o traslado, e paſſados oito dias, foraõ nomeados dous Biſpos para o Algarve. Para Faro Joaõ Teixeira de Carvalho, e para Villa Nova de Portimaõ Manoel Tavares Coutinho, ambos Lentes da Univerſidade de Coimbra.

Mas

Mas como nem perante o Nuncio, nem na Curia Romana consta se fizesse diligencia alguma para esta divisaõ, parece que ella naõ foi approvada de Deos, e que naõ quiz o mesmo Senhor que se chegasse ella a effeituar. Feita a referida nomeaçaõ, pedio logo o Bispo D. Fr. Lourenço licença a Sua Magestade para retirar-se a Varatojo a fim de acabar alli os dias da sua vida na companhia de seus irmaõs com quem fôra criado em Religioso.

391 Ainda naõ eraõ passados dez mezes de residencia em humas casas do retiro de Varatojo proximas ao Seminario em que se achava o atribulado Prelado nas poucas occasioens em que naõ estava no mesmo Seminario, quando lhe chegou aviso da Secretaria d'Estado, ordenando-lhe fosse viver com seus irmaõs no sangue, e com sua cunhada na bella Quinta da Graciosa. Este aviso com apparencia de honroso, ainda que obtido com boa intençaõ pelos irmaõs do atribulado Bispo, longe de lhe causar allivio, foi hum dos mais sensiveis golpes, que ferio o terno coraçaõ deste Prelado; e por isso acompanhado sempre de saudades pelo retiro de Varatojo, como delicias do seu espirito, e penalizado entre os

pa-

parentes, ſem ter aſſiſtido hum anno com elles, obteve ordem do Monarcha a fim de ſe retirar com o corpo para onde tinha o coraçaõ, e onde recebêra o eſpirito de Religioſo, e onde depois de Noviço, e profeſſo, vivêra Miſſionario.

392 Já em Varatojo ſe achava algum tanto conſolado entre ſeus irmaõs na profiſſaõ do Habito, quando na Cidade de Faro do Reino do Algarve falleceo a 19 de Setembro de 1776 o referido Governador daquelle Biſpado Thomás Antonio Coutinho, deixando nomeado para Governador do meſmo Biſpado hum Clerigo de Faro chamado Theodóro Paſtana da Silva. O qual jamais eſcreveo, nem deo parte a ſeu Biſpo da delegaçaõ, que nelle fizera o Governador defunto. Chegou eſta noticia á Côrte, e ao Cardeal Nuncio, o qual cheio de admiraçaõ, e tambem de ſentimento, mandou perguntar ao Biſpo que ſe achava em Varatojo, ſe elle tinha conferido a ſua juriſdicçaõ ao dito Theodóro Paſtana, pois ſó a elle Biſpo pertencia dar-lha? Eſta pergunta foi por carta, que por via de D. Gilberte * Vice-Reitor do Collegio

* *Reitor memoravel do Seminario de Coimbra.*

gio dos Nobres escreveo o mesmo Eminentissimo Nuncio em 16 de Janeiro de 1777. Respondeo o Bispo que naõ tinha dado jurisdicçaõ Ecclesiastica, e no fôro externo, mas só no interno, e a necessaria para a validade dos Sacramentos, e para remediar os damnos, e males espirituaes das suas Ovelhas. Accrescentou que elle estava prompto a dar jurisdicçaõ a pessoa que podesse fazer as suas vezes, e que para isso lhe lembrava, e propunha dous Sujeitos. Hum, o Doutor Francisco Xavier Pelicaõ, que conhecia por experiencia de mais de vinte annos, o qual tinha sido Provisor, Vigario Geral, e Governador do Bispado em sua ausencia. Outro, o Doutor Manoel Taváres Coutinho, Bispo eleito de Portimaõ.

393 Communicando o Nuncio a lembrança do Bispo ao Marquez de Pombal, resolveo este, que se nomeasse o Doutor Manoel Taváres, Bispo eleito de Portimaõ, a quem logo fez partir para o Algarve, sem lhe dar tempo para vir fallar, e pedir jurisdicçaõ ao Bispo que estava em Varatojo. Foi a partida do Governador nomeado no dia seguinte 24 de Fevereiro de 1777, dia triste para todo o Portugal pelo falle-

cimento do Fidelissimo Monarcha D. JOSE' I., e ainda mais triste, e sensivel para o terno coração do Bispo D. Fr. Lourenço de Santa Maria pelo cordial affecto, que tinha ao Monarcha taõ pio, e de quem, como em testemunho deste affecto, tinha por muitas vezes recebido distinctas honras, ainda em cartas honoríficas, nas quaes se mostrava o mesmo Monarcha naõ só muito satisfeito, mas muito agradecido pelas muito acertadas providencias, que déra na occasiaõ do terremoto de 1755 no Algarve, sendo Bispo, e juntamente Governador das Armas naquelle Reino. Celebrou logo o mesmo Prelado, e fez celebrar muitas Missas pela alma do defunto Rei D. JOSE' I.

394 Depois da morte do Monarcha começáraõ logo a apparecer em Varatojo supplicas de pessoas de maior distincçaõ representando ao Ex.^mo^ Prelado D. Fr. Lourenço que sería do serviço de Deos, da Igreja, e do Estado ir Sua Excellencia naquella occasiaõ a Lisboa toda consternada, e cheia de lucto pela morte do seu Rei. D. Fr. Lourenço, ainda que sentia violencia deixar o seu amado retiro de Varatojo, se sacrificou ir á Côrte julgando que nisto satisfazia á vontade

de

de Deos, que sempre foi o seu norte. Nos fins de Abril proximo que chegou á Côrte, se recolheo no Hospicio que nella tem Varatojo. As Magestades, que entaõ estavaõ de lucto, lhe mandáraõ dizer que, passado o dia da proxima acclamaçaõ, lhe dariaõ audiencia particular. Teve elle a 8 de Maio aviso pela Secretaria d'Estado, que a Rainha tinha designado o dia 13 do mesmo mez para a sua acclamaçaõ, e que Sua Excellencia, como Prelado dos mais antigos do Reino, se achasse no dito dia pelas tres horas da tarde na Real Sala, e varanda do Paço para assistir áquelle solemnissimo acto. Taõ pobre se achava D. Fr. Lourenço, que lhe foi necessario pedir hum Habito Prelaticio emprestado para este acto. Naõ deve isto servir de admiraçaõ; pois tudo quanto lhe restava da sua moderada, e decente sustentaçaõ, o empregava logo em esmólas, e obras pias, e em vestir os pobres de Jesu Christo, de sorte que ainda os mesmos calçoens, e Habito de que usava, se lhe viaõ naõ só velhos, mas remendados, e rotos.

395 Ficou D. Fr. Lourenço de Santa Maria no dia da acclamaçaõ em lugar designado para os Ex.^mos Bispos ao

lado esquerdo do Ex.mo Bispo Conde V. D. Miguel d'Annunciaçaõ, vendose mutuamente banhados de júbilo os coraçoens destes grandes Prelados amigos antigos. Os quaes por sua modestia, affabilidade, e veneraveis caãs da sua ancianidade eraõ admirados, e respeitados pelos espectadores daquelle acto, como Prelados da primitiva Igreja, sem que em seus vestidos, comportamento, e apparato se visse mais que huma idéa de virtudes, e santidade. Continuou D. Fr. Lourenço por algum tempo sua residencia no Hospicio de Varatojo na Córte, e fallando muitas vezes ás Magestades, jamais lhes disse palavra a respeito do seu Bispado do Algarve, nem do seu governo. De sorte que já se reparava na Côrte no silencio do Bispo do Algarve, e se dizia que as Magestades só esperavaõ, que elle lhes pedisse licença para se recolher ao seu Bispado. Porém nenhumas persuasoens, e instancias bastáraõ para que o humilde Prelado se deliberasse a solicitar licença de voltar á elle. Inteiramente posto nos braços da Providencia, dizia que se Deos permittisse ser outra vez mandado pelas Magestades para o seu Bispado do Algarve donde sahíra com mágoa de suas

Ovelhas, e donde havia tanto tempo eſtava auſente dellas com graviſſimo detrimento das meſmas, ſem elle diante de Deos ſer culpado, nem dar o mais leve motivo para eſta auſencia taõ dilatada, e taõ prejudicial á Igreja, e ao Eſtado, que entaõ conſultaria com o meſmo Senhor o que devia obrar para maior gloria ſua em que ſempre ſe tinha intereſſado, e deſejava intereſſar-ſe até o ultimo momento da ſua vida.

396 Tomou o Meſtre Doutor André de Mello, Religioſo Thomariſta da Ordem de Chriſto, e irmaõ do meſmo Ex.mo Biſpo D. Fr. Lourenço a reſoluçaõ de fallar á Rainha, e a El-Rei, expondo os ſentimentos de ſeu irmaõ, e que já na Côrte ſe fazia reparavel eſte ſilencio a reſpeito do ſeu Biſpado. Determináraõ as Mageſtades, que logo lhe foſſe fallar o Biſpo. Tanto que o Veneravel Prelado chegou á preſença da Rainha, e d'El-Rei D. PEDRO, foi particularmente recebido com demonſtraçoens de ſingular affecto, e agrado, dizendo que era do ſeu juſto, e Real ſerviço, e tambem de Deos, que elle ſe reſtituiſſe logo ao ſeu Biſpado com ſeus antigos Miniſtros, Proviſor, Vigario Geral, com to-

todas as honras, e preminencias, que tinhaõ antes dos ſeus exterminios, e que naõ queriaõ demóras. Beijou o Veneravel Biſpo a maõ á Rainha, e El-Rei, e partio logo para o ſeu Biſpado, julgando que eſta era a vontade de Deos, que tambem falla pela boca dos que na terra fazem as ſuas vezes. Entrou em Faro, Capital do Algarve, em 22 de Junho de 1777 ſendo recebido, por onde paſſava, com as mais ternas, e ſenſiveis demoſtraçoens de júbilo, e alegria expreſſadas com torrentes de lagrimas que vertiaõ os olhos de Pequenos, e Grandes, de Eccleſiaſticos, e Seculares daquelle Biſpado por ſe verem já outra vez de poſſe do ſeu Prelado remediador das ſuas neceſſidades, e conſolador das ſuas afflicçoens.

397 Continuou D. Fr. Lourenço de Santa Maria no Algarve ſempre ſolícito, e vigilante do ſeu governo Paſtoral a inſtruir, apaſcentar, e alimentar com o paõ da Doutrina naõ ſó as ſuas Ovelhas adultas, mas tambem aos meninos, aos quaes eſpecialmente coſtumava fazer Doutrina, como ſe diſſe acima. Poſto que D. Fr. Lourenço por eſte tempo ſe achaſſe ainda vigoroſo no eſpirito, e juizo, eſtava com tudo

gran-

grandemente debilitado de forças corporaes naõ tanto pelos ſeus annos, como pelos trabalhos que tinha padecido innocente á imitaçaõ dos Biſpos Santos. No Agoſto ſeguinte obrigado dos Medicos foi tomar banhos ás Caldas de Monchique no meſmo Algarve. Experimentou com ellas algum beneficio, e allivio. Porém com o governo do Biſpado ſe augmentáraõ mais as ſuas moleſtias. Eſtas que lhe penalizavaõ o corpo, feriaõ ao meſmo tempo os coraçoens das ſuas Ovelhas, que ſentiaõ por extremo verem a ſeu ſanto Prelado enfermo, ainda que lhe admiravaõ o fervor do ſeu eſpirito ſempre prompto para os louvores de Deos, e o juizo ſaõ para os acertos das reſoluçoens do governo Epiſcopal. A peſar de ſuas enfermidades habituaes, e da moleſtia que padecia nos olhos, nunca deixou de rezar ſó o Officio Divino, excepto dous annos antes de ſua morte, nos quaes quaſi de todo ficou privado da viſta. Deſde eſte tempo rezava com hum Capellaõ alternativamente. E com eſte, depois que totalmente perdeo a viſta, rezava a Coroa, ou Terço da Santiſſima Virgem Mãi de Deos.

398 Tanto que D. Fr. Lourenço ſe

se sentio mais attenuado de forças com o augmento das suas molestias, que quasi o impossibilitavaõ para o seu governo Pastoral, pedio com as mais vivas instancias á Soberana Fidelissima D. MARIA I. lhe nomeasse Coadjutor para o Bispado. Teve com effeito a consolaçaõ de saber em Agosto de 1782, que estavaõ cumpridos os seus desejos, nomeando a Rainha para seu Coadjutor, e futuro Successor naquelle Bispado ao Ill.^mo André Teixeira Palha, Monsenhor, e Prelado da Santa Igreja Patriarchal. O qual, depois de sagrado, e confirmado, partio para o Algarve a tempo que D. Fr. Lourenço se achava mais morto, que vivo. No dia 25 de Novembro de 1783 foi elle accommettido de hum tremor de corpo taõ violento, que o privou totalmente dos sentidos, e se lhe administrou logo o Sacramento da Extrema-Unçaõ; e ainda que com os remedios teve algum acordo, ficou todavia taõ prostrado, e taõ falto de alentos vitaes, que apênas se lhe entendia, nem percebia outra cousa, senaõ repetir frequentemente os dulcissimos Nomes de Jesus, e Maria, e fazer sobre si o signal da Cruz, costume que sempre teve ainda estando vigoroso, quando

se

ſe ſentia accommettido de algumas tribulaçoens, ou no corpo, ou no eſpirito.

399 Com todos os ſignaes de verdadeira compuncçaõ deſde eſte dia continuou repetindo ſempre Jeſus, e Maria ſem ſe lhe ouvirem, nem perceberem outras palavras. Achando-ſe elle aſſiſtido de Religioſos Obſervantes, e da piedade do Convento daquella Cidade, e tambem das Dignidades do Cabido, e de outras peſſoas Eccleſiaſticas no dia 5 de Dezembro proximo pelas cinco horas da manhã depois de repetir alegre, e animoſo *Jeſus*, *Maria*, falleceo cheio de dias, de trabalhos, e de virtudes heroicas, que exercitou; na vida ſecular ſendo bom Chriſtaõ; na vida regular de Varatojo ſendo perfeito Religioſo; na vida, e exercicio de Prégador ſendo exemplar, e fervoroſo Miſſionario Apoſtolico; na vida de Arcebiſpo de Goa, e Biſpo do Algarve, ſendo Prelado taõ ſolícito, taõ zeloſo do bem das ſuas Ovelhas, e da utilidade da Igreja, e do Eſtado, como acabamos de eſcrever. Viveo com Jeſus, e Maria, de quem ſempre foi cordial devoto. Morreo com Jeſus, e Maria na boca em ſignal, que tinha dentro no ſeu coraçaõ a Jeſus,

e a Maria? Da abundancia do coraçaõ falla a boca, diz o Evangelho: *Ex abundantiâ cordis os loquitur.* Estas ultimas palavras, proferidas taõ frequentemente, e com tanto fervor pelo Veneravel Prelado, ainda que já com santa demencia, e transportes, depois da sua vida sempre inculpavel, edificante, e exemplar deraõ assás motivo aos que víraõ, e admiráraõ as suas virtudes, e muito mais aos que lhe assistíraõ á sua morte para ficarem na pia crença, que a sua alma voaria logo ao Céo a receber a coroa, e recompensa, que costuma dar Christo, Principe Supremo dos Pastores, aos Principes da sua Igreja, que fielmente guardaraõ as suas Ovelhas, e o deposito da Fé.

400 Dispoz-se o funeral para o dia 10 do mesmo mez de Dezembro, a que naõ pôde assistir o Ex.mo Sucessor do Bispo defunto por se achar em visita em occasiaõ de grande Inverno. Porém além do Cabido, Communidades Religiosas, Clero, e Nobreza, teve tambem a assistencia dos Militares, que estes costumaõ fazer aos Governadores fallecidos, em consideraçaõ de ter o defunto Prelado exercido alli o cargo de Governador das Armas. Foi sepultado o seu veneravel cadaver na casa

sub-

ſubterranea debaixo do Côro da Capella maior na Cathedral da Cidade de Faro. Tanto que ſe recolheo da viſita o Ex.mo Suceſſor já Biſpo actual do Biſpado do Algarve, logo ordenou que ſe renovaſſe, e repetiſſe outro funeral que ſe fez com toda a pompa, entoando o novo Prelado as Veſperas cantadas com Muſica na tarde do dia 15 do meſmo Dezembro, e no dia ſeguinte 16 celebrou no Officio Miſſa de Pontifical com as meſmas aſſiſtencias, que no primeiro funeral, eſtando os dous Regimentos em armas nos ditos dous dias no largo do terreiro da Sé, dando as deſcargas, e fazendo tudo o mais como ſe coſtuma, quando ſe ſolemniza funeral de algum Governador.

401 Mandou o Ex.mo Biſpo actual celebrar pela alma de ſeu Anteceſſor Miſſas de quatrocentos e oitenta reis por todos os Sacerdotes Seculares, e Regulares da Cidade, e viſinhanças. Logo que em Varatojo ſe ſoube da morte deſte Veneravel Irmaõ, e ſanto Prelado, ſe lhe fez o ſeu Officio, e lhe diſſe cada Sacerdote Religioſo trinta Miſſas por ſua alma para naõ faltar ao devoto ajuſte, que elle fez logo que foi eleito Arcebiſpo de Goa, querendo ſe praticaſſe com elle o meſ-

mo,

mo, como se estivesse, e morresse no Seminario. Foi em fim D. Fr. Lourenço de Santa Maria tanto em Religioso, como em Prelado, verdadeiramente espelho, idéa, e exemplar de virtudes, e perfeiçoens. Distinguio-se com tudo na terna devoçaõ á Santissima Virgem Mãi de Deos; no amor á pobreza Evangelica, que professou em Varatojo. Em obsequio desta virtude jamais admittio cortinas de damasco, sedas, ou trastes preciosos em seu Paço, nem na mesa iguarías delicadas. Elle ainda depois de Bispo tinha frugalidade, e moderaçaõ na comida, como se estivesse em Varatojo. Na commiseraçaõ com os pobres, e indigentes era taõ singular, que tinha por delicias comer com elles á sua mesa, ainda que elles estivessem rotos, e descalços, dando-lhes tambem depois da refeiçaõ da comida vestidos, e calçado. Foi taõ santamente tenaz no espirito de mortificaçaõ com sua pessoa, que a pesar de suas continuas molestias, e trabalhos assiduos, ainda depois de setenta annos de idade, jejuava, além de outros dias, tres Quaresmas, que se costumaõ em Varatojo. De sua ingenuidade, e sinceridade columbina procedia a sua grande affabili-

li-

lidade com que tratava a todos, especialmente aos meninos, os quaes conhecendo a condiçaõ do Veneravel Prelado, o acompanhavaõ em ranchos pela Cidade, e arrabaldes, quando elle sahia a passeio; e em se apeando, ou parando, como transportado, e como esquecido de tudo o mais, se entretinha com elles perguntando-lhes a Doutrina, e dando maiores premios aos que respondiaõ melhor.

402 O pouco que tenho dito das memoraveis acçoens deste Veneravel, e illustre Prelado D. Fr. Lourenço de Santa Maria foi em grande parte extrahido das memorias, que mandou do Algarve o Beneficiado Joaõ Montez Ferreira, seu familiar, * nas quaes memorias, que se conservaõ no Archivo do Seminario de Varatojo, lhe chama o mesmo Beneficiado o seu Bispo Santo. Eis-aqui o conceito, que no Algarve se fazia deste grande Prelado, cuja memoria naquelle Reino, em Goa, e em Varatojo será eterna. Era de estatura mediana, algum tanto do rosto picado de bexigas redondo, e naõ muito

* *Natural de Santarem, e presentemente Confessor no Real Conservatorio da Senhora dos Innocentes da mesma Villa.*

to claro: conſervou o cabello até a idade de oitenta e dous annos com pouca calvice. Tinha genio activo, e algum tanto ardente, mas muito compaſſivo.

CAPITULO XXVIII.

Vida, e virtudes do ſervo de Deos P. Fr. Bernardino de Santa Maria de Jeſus, Miſſionario de Varatojo.

403 A 29 de Dezembro de 1774 falleceo em cheiro de ſantidade no Seminario de Varatojo o memoravel ſervo de Deos P. Fr. Bernardino de Santa Maria de Jeſus, benemerito Filho, e illuſtre ornamento do meſmo Seminario. Fr. Bernardino Varaõ verdadeiramente recommendavel pela ſua vida, e conducta ſempre edificante, e exemplar pelo ſeu infatigavel zêlo com os proximos, pelo fervor do ſeu eſpirito inflammado em Deos, pelas virtudes heroicas, e ſólidas que exercitou, pelas auſteridades, e penitencias que até os ultimos dias, ainda na ſua ancianidade de mais de oitenta annos praticou, depois que em Varatojo recebeo o Habito do Seraphico P. S. Franciſ-

cisco, de alguma forte lhe podemos applicar o elogio, que o Evangelista fez ao grande Baptista, quando disse que elle era tocha ardendo. Ardeo Fr. Bernardino no fogo da mortificaçaõ contínua comsigo, e ardia sempre no sagrado fogo do amor de Deos, e caridade com os proximos, como mostrará esta breve Historia da sua vida, ainda que escripta com penna mal aparada, e em estîlo pouco brilhante, e pomposo. Serpa, Villa notavel na Provincia Transtágana, se póde gloriar de dar o berço, e de ser patria deste insigne Missionario Apostolico, e incançavel Obreiro Evangelico. Manoel Vaz, que exercitava a arte de Pintor, casado com Brites Fagundes foraõ os venturosos pais de Bernardino. Elles ainda que humildes por nascimento, piedosos por conducta, déraõ nobre educaçaõ a seu filho, ao qual criáraõ desde seus tenros annos no santo temor de Deos, e lhe buscáraõ solícitos Mestres habeis, e piedosos, que com as letras lhe ensinassem a prática das virtudes, e os bons costumes, a fim de formá-lo bom Christaõ.

404 Bernardino Vaz a pesar de taõ excellente Christã educaçaõ, que lhe davaõ seus piedosos pais, e das bellas ins-

instrucçoens de seus virtuosos Mestres; elle conservava por natureza inclinaçaõ travêssa, e genio fogoso, propenso á valentia. Com tudo depois de concluir a Grammatica Portugueza, e Latina, e a Rhetorica, se applicou com desvélo aos estudos maiores de Philosophia, e sagrada Theologia em que fez taõ vantajosos progressos, que sempre se distinguio entre seus Companheiros. Teve por condiscipulo no Real Collegio da Purificaçaõ d'Evora ao V. P. Fr. Manoel de Deos, de quem foi depois Irmaõ pela profissaõ do mesmo Habito em Varatojo, e Companheiro na Missaõ que fizeraõ em Lisboa, Capital no Reino no anno de 1726.

405 Quando Bernardino Vaz frequentava as aulas, se achavaõ na maior força, e calor as armas de Hespanha contra Portugal no sitio da Villa de Serpa, que confina com a raia de Castella. Teve por este tempo repetidas occasioens de mostrar o seu valor nos encontros, e combates béllicos contra os Hespanhoes, em que se achou unido aos Soldados Portuguezes. Sendo Estudante por exercicio pelejava taõ animosamente, como se fosse Soldado por disciplina, e profissaõ. Mais de huma vez, naõ sem inveja, e admira-

çaõ

çaõ dos Militares mais diſciplinados; ajudou com ſeu braço forte a vencer, e a triunfar do orgulho Caſtelhano. Ainda depois de aliſtado na Milicia Clerical, ordenado já de Presbytero com o gráo de Meſtre em artes na Univerſidade d'Evora, ſendo reſpeitado por ſuas letras, era por ſua eſpada temido naõ ſó dos Heſpanhoes, e eſtranhos, mas de ſeus patricios, e dos d'Evora, onde ſe achava. Gloriava-ſe de ſer Eccleſiaſtico por inſtituto, e por genio, e inclinaçaõ Soldado valente.

406 Nunca todavia ainda no tempo que vivia no ſeculo entre a mocidade licencioſa, metido em occaſioẽs aſſás perigoſas, e dominado de eſpirito travêſſo, deixou de conſervar na ſua viva lembrança o amor á honra, e honeſtidade, dotes com que venturoſamente o ornou o Céo. Era valoroſo por natureza, generoſo por brio, e honra, temido por ſeu valor, e animoſidade, mas nunca cruel, nem vingativo. Elle por ſeu genio ardente, e fogoſo, fez valentias, e traveſſuras, que declináraõ em temeridades. Mas jamais ſe valeo dellas para indecencias, e diſſoluçoens. Por timbre ſe liſonjeava apparecer nos campos de Marte, mas nunca incenſou, nem dobrou os

 joe-

joelhos aos Idolos de Venus. Queria ter a gloria, e o nome de valente ſem a nota de impuro, e laſcivo. Oſtentava parecer-ſe com Sanſaõ no valor, e com Joſé na caſtidade. Porque ao exemplo deſte caſto mancebo ſoube venturoſamente enlaçar os louros com que ſe coroou em obſequio da caſtidade, vencendo, e triunfando do eſpirito impuro com as poderoſas armas de fugir ſempre ás caricias mulheriz, e aos laços das enganoſas Dálilas.

407 O R.mo D. Fr. Franciſco d'Annunciaçaõ, Geral de Santa Cruz, e Reitor da Univerſidade de Coimbra, que conhecêra a Bernardino Vaz travêſſo em Evora, lhe chamava depois de Miſſionario de Varatojo, Atlante, e baluarte da virtude. Faltaõ-nos individuaes noticias da vida, e coſtumes de Bernardino Vaz antes de ſer Religioſo. Apênas nos conſta, além do que temos dito, que elle já era Sacerdote, quando entrou em Varatojo, e naõ muito exemplar por ſuas temerarias, e vaidoſas valentias corporaes alheias, e improprias de hum Sacerdote, que ſe deve conduzir pelo eſpirito de manſidaõ, e da paz á imitaçaõ de Chriſto ſupremo, e eterno Sacerdote, e tambem Principe da paz,

que

que do Céo a veio annunciar á terra, e praticar com exemplo, e doutrina em toda a ſua vida. Agora veremos como o coraçaõ, e genio de Bernardino Vaz a peſar de ſer taõ guerreiro, foi inteiramente mudado por aquelle Senhor, que das pedras póde fazer filhos de Abrahaõ; de vaſos de ira, taças precioſas do Sanctuario; de perſeguidores, Apoſtolos; e de grandes peccadores, grandes Santos. Elle foi o que moveo o coraçaõ de Bernardino, e o que com ſeu braço inviſivel, e omnipotente o arrancou com doce violencia das delicias do ſeculo para os clauſtros do retiro de Varatojo.

408 Já eſtava Bernardino Vaz ordenado de Presbytero, quando ſe deliberou fugir do Mundo, ſeguindo o exemplo de ſeu amado condiſcipulo Manoel Pires Ribeiro, que neſſe tempo viera de Evora á Cidade de Lisboa, a fim de receber neſta Capital as ultimas Ordens. Foi entaõ meſmo que a Providencia Divina em todo o tempo admiravel diſpoz que Manoel Pires, depois Fr. Manoel de Deos, conſiderando na alta, e ſublime pureza, que deve ter hum Sacerdote para bem, e dignamente ſatisfazer com os devêres do ſeu miniſterio mais que Ange-

lico, e as difficuldades que para isto se encontraõ na Babylonia do Mundo, se resolveo, mediante a vocaçaõ interior de Deos, deixar de todo o seculo com suas lisonjeiras, e fementidas esperanças, e recolher-se ao sagrado retiro do Seminario de Varatojo para nelle viver Apostolicamente. Já nesse tempo Manoel Pires Ribeiro graduado pela Universidade de Evora, era conhecido, e respeitado, como Sujeito mais habil de maiores esperanças para a literatura, e sciencias de juizo mais atilado, e de mais raro talento da sua idade. Com effeito a resoluçaõ que elle teve de trocar as grandes conveniencias, e promessas de que era lisonjeado no seculo pelo pobre sayal de S. Francisco, e pela humilde sujeiçaõ ao Guardiaõ de Varatojo, causou admiraçaõ a seus conhecidos, e amigos.

409 Brevemente de Varatojo soáraõ os écos no Alemtejo, e em Evora, de que Manoel Pires já ficava com o Habito do Seminario. Tocou vivamente esta estrondosa noticia o espirito de Bernardino Vaz, que tinha coraçaõ brando, docil, susceptivel do bem, e compassivo, o qual recolhendo-se a considerar a repentina mudan-

ça

ça de ſeu condiſcipulo, e amigo, ſe ſentio deſejoſo de fugir tambem do ſeculo. No principio ſe achava com alguma inclinaçaõ, e propenſaõ para Religioſo de S. Bruno da Cartuxa d'Evora. Fez logo diligencias para entrar neſte Convento. Porém ellas naõ tiveraõ effeito pelos altos fins da Divina Providencia. Os toques da maõ inviſivel de Deos continuavaõ pulſando mais, e mais no coraçaõ de Bernardino para que ſahiſſe do ſeculo, e buſcaſſe os clauſtros da Religiaõ, a fim de ſeriamente cuidar no grande negocio da eterna ſalvaçaõ. Lembrando-ſe elle da vida Apoſtolica, que ſe praticava em Varatojo, e da reſoluçaõ de ſeu condiſcipulo em abraçá-la, ſe ſentio interiormente movido para imitálo, e ſeguir o ſeu exemplo.

410 Abraçou a Graça da inſpiraçaõ de Deos, que o chamava para Varatojo. Partio ſem demóra com ancia, e fervor a pedir peſſoalmente o Habito do Seminario ao Guardiaõ do meſmo, que entaõ era Fr. Joſé de Jeſus Maria, que depois foi Biſpo de Cabo-Verde. Eſte ouvindo a humilde petiçaõ de Bernardino, e conhecendo a ſua ſólida vocaçaõ para o Seminario, e as ſuas excellentes qualidades, ſe reſol-

ſolveo acceitá-lo. Lançou-lhe com effeito o ſanto Habito, que tomou Bernardino cheio de prazer, e banhado em lagrimas no dia 13 de Setembro de 1719. Foi Bernardino em ſeu Noviciado entregue ao magiſterio, e diſciplina do P. Fr. Gaſpar da Incarnaçaõ, entaõ Meſtre de Noviços, e depois Guardiaõ do Seminario, e tambem Reformador da Sagrada, e illuſtre Congregaçaõ de Santa Cruz, como ſe diſſe acima. Entrou Bernardino com tal fervor de eſpirito no Noviciado, que a meſma valentia, e esforço, que oſtentava no ſeculo para vencer aos outros, a trocou na Religiaõ para ſe vencer a ſi meſmo.

411 Lembrado que naõ he o retiro, a tonſura, e o Habito deſprezivel, que nos clauſtros faz o verdadeiro Religioſo, mas a mudança dos coſtumes, a refórma da vida, a negaçaõ da propria vontade, a mortificaçaõ das paixoens, e appetites, e o ſeguimento de Chriſto, elle ſe propoz naõ buſcar outra couſa na Religiaõ que a Deos, e o aproveitamento da ſua alma, e das alheias. Ha pouco que vimos a Bernardino Secular com bravezas de leaõ, agora o veremos Religioſo com a manſidaõ, e brandura de cordeiro. Tal foi

o

o empenho que elle poz em imitar a Christo, tal o desvélo em seguir as pizadas do Seraphico P. S. Francisco, tal o fervor, e ardentes desejos em se vencer a si mesmo, e contrafazer a sua vontade, e tal o adiantamento, e progressos que fez nas virtudes, e perfeiçaõ Evangelica, que em mais de cincoenta annos que viveo em Varatojo, naõ lhe achou culpa grave, nem ainda venial com total advertencia, e inteira deliberaçaõ, o Confessor com quem, pouco antes da sua preciosa morte, fez confissaõ geral. * Corrigío a Graça os desmanchos da natureza; accommodando-se a ella sem a destruir, a mudou, reformou, e innovou.

412 Para que Paulo fosse vaso escolhido, e Doutor das gentes, naõ foi necessario lançar fóra de todo a espada do seu zêlo, bastou mudá-la de huma maõ para a outra, levantando a da Igreja, que primeiramente perseguia furioso; e esgrimindo-a depois contra o Judaismo, cujas tradiçoens zelava com obstinado ardimento até aquelle tempo em que se converteo á Graça de Deos. Da mesma sorte se Bernar-

* *Foi este Confessor o mesmo que lhe escreveo a vida.*

nardino, quando Secular, com temeraria ousadia se punha sempre em campo imaginando forçoso acudir pelas tristes fantasmas do pundonôr, e honra do Mundo; agora porém com resoluçaõ mais venturosa, já alistado na Milicia de Christo debaixo das bandeiras de Francisco, manejará as armas do seu zêlo contra o orgulho cruel dos seus appetites, empenhando-se unicamente em ganhar triunfos de si mesmo. Elle assentou constantemente comsigo desattender em tudo as caricias, affagos, e melindres do amor proprio, fazendo-o sempre gemer debaixo do açoute, para que nem levemente se rebellasse este inimigo disfarçado contra o imperio da razaõ. Em todo o tempo do seu Noviciado encheo as esperanças, que Varatojo tinha concebido delle desde o primeiro dia que entrou no Seminario. Elle por seu fervor, e conducta edificante mereceo os votos de toda a Communidade. Com inteira satisfaçaõ desta, e com summo prazer de seu espirito professou solemnemente a 15 de Setembro de 1720 nas maõs do V. P. Fr. Rodrigo de Christo, nesse tempo Guardiaõ do Seminario de Varatojo.

413 Ainda que Fr. Bernardino conclui-

cluido o ſeu Coriſtado ſahio do Noviciado, nunca deixou de parecer Noviço. Applicou-ſe aos eſtudos ſagrados da ſciencia do Pulpito, e Confeſſionario, da Divina Eſcriptura, e de Theologîa, naõ ſó Moral, mas Dogmatica, e Myſtica. Tinha talento mais que vulgar, engenho vivo, memoria feliz, e juizo profundo. Fez dentro de pouco tempo taõ vantajoſos progreſſos nos eſtudos relativos aos ſagrados emprêgos do Pulpito, e Confeſſionario, que ſendo examinado nelles pelo Prelado, e Diſcretos do Seminario, elles achando-o ſufficientemente inſtruido, capaz, e merecedor de ſer habilitado para o exercicio Apoſtolico das Miſſoens, o approvárao ſem limitaçaõ para eſte Evangelico miniſterio, e para o do Confeſſionario. Vendo, e conhecendo o Guardiaõ do Seminario, que elle por ſeu fervor de eſpirito, por ſuas virtudes, por ſuas letras, e talentos dava as mais bem fundadas eſperanças de vir a ſer hum grande Miſſionario, e Obreiro da vinha do Senhor, lhe ordenou que ſe diſpuſeſſe para ſahir a fazer guerra aos vicios, e ao forte armado por meio do exercicio da Santa Miſſaõ.

414 Fr. Bernardino, que tinha na

ſua viva lembrança a recommendaçaõ do Seraphico Patriarcha a ſeu Filhos Prégadores, que préguem em utilidade de ſeus Ouvintes, tomou por ſeu eſpecial empenho logo deſde o ſeu principio de Confeſſor, e Miſſionario, eſtudar na eſcóla da Oraçaõ aos pés de Chriſto tudo o que havia de dizer tanto no Pulpito Chriſtaõ, e Cadeira da verdade, como no Confeſſionario, e Tribunal da penitencia. Eſtes foraõ ſempre os enſaios para as fadigas Apoſtolicas de ſuas fervoroſas Miſſoens. Elle fallava ſempre primeiro comſigo, e com Deos na Oraçaõ, e ſó depois entrava a fallar com as creaturas. Daqui procediaõ os maravilhoſos fructos de almas innumeraveis que ſe convertiaõ á Graça, e a refórma quaſi geral dos coſtumes que ſe via, e admirava em toda a parte, onde chegava com a Miſſaõ eſta trombeta do Céo. Logo na primeira Miſſaõ que elle fez, ſe deſcobrio o ſeu grande talento, e ardente zêlo, como tambem os ſagrados incendios do amor de Deos, e do proximo, que ardiaõ na fornalha de ſeu coraçaõ, e quaõ abundantes, e caudaloſas eraõ as affluencias do ſeu inflammado eſpirito para regarem, fecundarem, e fertilizarem os coraçoens mais duros de ſeus Ouvintes. A

415 A Divina Providencia, que parece tinha destinado a Fr. Bernardino, como a outro Paulo, para Prégador do seu Evangelho, admiravelmente o adornou, e enriqueceo daquellas superiores prendas, daquellas relevantes qualidades, e daquelles bellos accidentes que o fizessem no Mundo seu Ministro, e legado recommendavel. Elle apparecendo no Pulpito parecia hum trovaõ, e animado clarim. A sua voz era clara, sonóra, perceptivel, e penetrante; as suas acçoens medidas, e concertadas; eraõ as suas palavras quasi séttas ardentes que feriaõ, e se entranhavaõ vivamente nos coraçoens dos Ouvintes; o seu dizer era com graça, magestoso, e sem artificio; o seu gesto grave, e modesto; o modo de se explicar affluente, fecundo, e claro; nas invectivas efficaz, e vehemente, nas reprehençoens acre, mas sem desconcerto, na persuasiva por extremo meigo, benigno, doce, e affavel, mas naõ pueril, nem affectado. Prégava em fim a Christo crucificado, naõ se buscando a si, nem o applauso dos Ouvintes, mas a sua proveitosa instrucçaõ, como recommendava S. Paulo. A estatura do corpo grosso, e alto, ainda que tirante a trigueiro, e picado

do das bexigas, o fazia refpeitavel, mageftofo, e veneravel.

416 Parecia elle tanto no Pulpito, como no Confeffionario hum admiravel aggregado de doces, e fuaves attractivos com que fempre captava a benevolencia, e attençaõ dos auditorios, e dos penitentes. Cantava com tanta fuavidade, e ternura no princípio do Sermaõ, que naõ faltou quem diffeffe que o *Bemdito* de Fr. Bernardino cantado era meia Miffaõ, e que tambem elle cantando o *Bemdito* convertia almas para Deos. Vio-fe no cafo feguinte. Eftava elle fazendo Miffaõ em certo Convento de Freiras. Tinhaõ algumas dellas repugnancia de ouvir Miffionarios, ainda que nenhuma repugnancia tinhaõ, antes fim muito gofto, de ouvir Muficas, e cançoens profanas de feus falfos devotos, e de affiftir a divertimentos, onde domína o efpirito do feculo, bufcados, e appetecidos de virgens loucas, que em fua conducta pouco fe differençaõ de mulheres Damas, e proftituidas que vivem no Mundo. Sendo porém eftas convidadas por outras Freiras menos efcrupulofas, que ao menos ellas de longe ouviffem cantar o *Bemdito* a Fr. Bernardino, logo que o fervo de Deos co-

começou a cantar, sua voz divinamente encantadora melhor que a cíthara de Orfeo, attrahio aquelles coraçoens de pedra, e os abrandou taõ venturosamente que todas aquellas virgens loucas já compungidas, e mudadas em prudentes déraõ testemunho do seu arrependimento com a penitencia pública que fizeraõ, buscando arrependidas a direcçaõ, e dictames deste servo de Deos em que perseveráraõ, e aproveitáraõ na virtude, e perfeiçaõ, como outras tantas Magdalenas, em quanto lhes durou a vida.

417 Os fructos que este diligente Obreiro Evangelico fez recolher nos celleiros do Senhor, em toda a parte aonde appareceo com sua Missaõ, foraõ taõ abundantes, que seriaõ poucos muitos livros para escrevê-los. A prova desta verdade, que a alguem parecerá asserçaõ encarecida, constará de algum modo, quando adiante individuarmos alguns lances admiraveis do inardecido zêlo deste servo de Deos. O ardor, e vehemencia com que elle sempre se empenhava em combater abusos, e máos costumes, em derrubar por terra os idolos dos vicios, em suavisar a Lei de Deos, e o caminho do Céo, em facilitar a prática das virtudes Christãs,

e

e o exercicio da Santa Oraçaõ em todos os eſtados, e Jerarchias em que a Providencia poz o Chriſtaõ, a efficacia, e fervor com que promovia, e inſinuava a devoçaõ á Santiſſima Virgem Mãi de Deos, era clara prova, e teſtemunho de naõ buſcar eſte fiel ſervo do Senhor em ſeu miniſterio Evangelico, outra couſa que a honra, e Gloria de Deos, o fructo, e utilidade das almas remidas com o Sangue precioſo de Jeſu Chriſto. Certo elle do teſtemunho de S. Bernardo, que diz que pelas maõs da Santiſſima Virgem ſe diſpenſaõ todas as Graças com que o Altiſſimo enriquece a ſua Igreja, e a ſeus filhos, teve Fr. Bernardino huma grande ajuda do cuſto para ſerem ſuas Miſſoens taõ fructuoſas, que foi perſuadir logo no principio de ſeus Sermoens efficazmente eſta poderoſa, e admiravel devoçaõ da Senhora a ſeus Ouvintes.

418 Eſtes indiziveis fructos de almas innumeraveis, que por meio das ſuas Miſſoens ſe convertiaõ a Deos, e os maravilhoſos effeitos que ſe viaõ, e admiravaõ em toda a parte, onde prégava, davaõ a entender que a meſma Santiſſima Virgem lá do Céo abençoava as ſuas fadigas Evangelicas, e

que

que elle por este modo fazia grande guerra ao Inferno. Mas por isso mesmo se armou logo o podêr das trévas contra este servo de Deos. Tambem padeceo perseguiçaõ grande; tambem foi arguido este insigne Missionario de que no Pulpito declinava em indiscriçaõ por individuaçoens, que elle fazia muito claras. Tambem sua innocencia foi atacada pela impostura de que seu zêlo era falso, e occasiaõ de peccados, sendo que sempre elle na Oraçaõ consultava com Deos o que havia de dizer na Cadeira da verdade. Porém naõ he novo serem perseguidos os innocentes, e os grandes servos de Deos. Muitos seculos ha que a abominavel inveja, e a atrevida impostura profana o sagrado da santidade, e que a maledicencia he bicho pestilente, e roedor da virtude mais sólida. Disse bem quem disse que a murmuraçaõ, e calumnia saõ sombras da virtude mais luzida, e resplandecente. Aos movimentos desta se movem aquellas, seguem, e proseguem seus passos. Porém no excesso da sua malicia deixaõ escripta a satisfaçaõ; saõ em fim, como as sombras na pintura, que com a obscuridade descobrem a formosura, e belleza das côres, a destreza das linhas, e a valentia dos pinceis.

419 O mesmo podemos dizer a respeito das imposturas contra o zêlo Apostolico de Fr. Bernardino. Ellas eraõ maquinadas, ordidas, e tecidas naõ só pelos seus émulos, mas tambem pelo mesmo demonio Anjo das trévas, para fazer perder o conceito deste grande Missionario, e grande servo de Deos, como se argúe do caso seguinte: Achava-se Fr. Bernardino fazendo Missaõ nas visinhanças do Seminario de Monte-Junto da Ordem do grande Patriarcha dos Prégadores, meu P. S. Domingos. Lembrou-lhe recolher-se a este Sanctuario, e sagrado retiro por alguns dias, a fim de roborar mais o seu espirito para continuar a sementeira Evangelica. Achando-se huma noite na cella em que o tinhaõ hospedado, encommendando-se ao Senhor, posto em Oraçaõ, sentio bater á porta da cella, e entrar logo nella o Prelado daquelle Convento. Assim se lhe representou, e como a Prelado daquelle Convento o attendeo, e lhe recebeo a visita, disse-lhe este que o buscava naquella hora a fim de o advertir particularmente com caridade de irmaõ, para que elle pusesse grande cuidado em moderar a nimia clareza de que usava no Pulpito, quando impugnava, e combatia a enor-

mi-

midade dos vicios, porque os póvos escandalisados clamavaõ contra elle; e que desta sua imprudencia, e indiscreto zêlo só tirava os infames lucros de rasgar o vêo com que a innocencia tinha cobertos os olhos, e que assim se abria a porta para se commetterem abominaveis delictos, passando a peccados formaes os que até alli eraõ só materiaes, ou que talvez se tinhaõ commettido sem culpa por causa da ignorancia, e falta de conhecimento da sua malicia. Assim fallou o diabo em figura de Frade a Fr. Bernardino.

420 Ficou algum tanto perturbado o innocente Missionario com a inopinada impostura; e quando foi a querer indagar melhor o ponto da questaõ para corrigir o seu erro, se retirou o fantastico Prelado sem dar tempo a que o servo de Deos dissesse de sua justiça nem huma só palavra, deixando-o luctar com os motivos desta admoestaçaõ. No dia seguinte foi buscar ao Prelado na sua cella, onde lhe pedio se dignasse dizer-lhe quaes eraõ os seus excessos, e criminosas demasias na nímia clareza com que tinha prégado, da qual tinha sido aquella noite admoestado, e arguido por sua R.ma, que queria para o futuro empregar to-

do o ſeu cuidado em ſer mais moderado, comedido, e acautelado. Naõ entendia o Prelado a pergunta de Fr. Bernardino. Até que lhe foi neceſſario dizer-lhe de novo, que pois ſua R.ma o fôra criminar na noite antecedente, advertir, e reprehender, porque em ſeus Sermoens naõ fallava com a devida decencia, pedia a ſua R.ma que por caridade lhe diſſeſſe, e individuaſſe iſto mais miudamente para melhor emendar ſeus erros, e exceſſos.

421 O Prelado admirado da naõ eſperada pergunta de Fr. Bernardino, lhe diſſe com ſinceridade religioſa, que naõ tinha ido á ſua cella naquella noite, nem menos feito aquella advertencia, mas antes que pelo contrario louvava a Deos, e nelle ſe alegrava de vêr os grandes, e copioſiſſimos fructos que lhe rendia a ſua clareza honeſta, e efficacia decente com que prégava á maneira dos Apoſtolos, e confórme as regras, e Leis da verdadeira eloquencia, e eſpirito do Evangelho. Donde tanto Fr. Bernardino, como aquelle devoto Superior de Monte-Junto, vieraõ a inferir, que o fingido Prelado que fôra de noite ter com Fr. Bernardino era verdadeiro demonio, que como impoſtôr, e pai da mentira, rai-

vo-

voso de vêr os grandes, e maravilhosos fructos, que elle fazia com suas Missoens nos campos da Igreja, pertendeo por este modo, e ardiloso engano que elle se esfriasse, e enfraquecesse nas suas Evangelicas emprezas. Deste successo bem se colhe, que estas imposturas contra Fr. Bernardino a respeito da clareza com que prégava, eraõ vomitadas pelo Inferno, e ordidas pelo pai da mentira, e tambem filhas da emulaçaõ atrevida que naõ perdôa aos maiores Santos. Conheceo esta verdade certo Missionario, que ha perto de quarenta annos exercíta este emprêgo, o qual tendo missionado grande parte das terras que missionou Fr. Bernardino, naõ encontrou huma só alma, que aprendesse a peccar, ou se escandalisasse da sua clareza, achando innumeraveis que elle converteo a Deos, e perseveráraõ na Graça do mesmo Senhor com inteira observancia da sua Lei pelo espaço de quarenta, e mais annos depois que o ouvíraõ. Ao mesmo tempo que attesta o mencionado, e experimentado Missionario ter achado grande número de almas com peccados calados por culpas dos Prégadores, e Confessores naõ explicar no Pulpito, e Confessionario com clareza

a malicia, e circumſtancias dos peccados.

422 Quando prégava, naõ parecia que era Fr. Bernardino, mas o Eſpirito Santo que fallava por ſua boca. Porque antes de ſubir ao Pulpito ſe recolhia primeiro a ſupplicar luzes a eſte Divino Eſpirito. Donde em certa occaſiaõ me deo elle eſte conſelho: Quando V. C. eſtiver para prégar, recolha ſe, e ponha-ſe ſempre primeiro em Oraçaõ diante de Deos, conſiderando que nada póde ſem Elle. Lembre-ſe vivamente neſſe tempo das palavras com que Chriſto Meſtre Divino de Prégadores animou a ſeus Apoſtolos, dizendo-lhes: *Dar-ſe-vos-ha naquella hora o que haveis de fallar*: e aſſim ſem temor vá V. C. cheio de ſanta confiança exercitar o emprêgo dos Apoſtolos, buſcando ſempre as inſtrucçoens proveitoſas dos Ouvintes, e a Gloria de Deos, que eſte Senhor o ajudará.

CAPITULO XXIX.

Caridade, e graça eſpecial de Fr. Bernardino com os penitentes no Confeſſionario, e caſos de prodigioſas converſoens que fez.

423 TInha Fr. Bernardino no Confeſſionario graça taõ particular para reduzir peccadores, que rariſſimo chegava a ſeus pés que naõ ſahiſſe compungido, e com reſoluçaõ de mudar de coſtumes, e fazer vida nova. Com tanta caridade os ouvia, com tal geito, e modo ſuave, e carinhoſo os dirigia nas confiſſoens geraes, quando neceſſitavaõ dellas, com tal paciencia os eſcutava, que commummente ſahindo de ſeus pés os penitentes cheios de conſolaçaõ, diziaõ que o P. Fr. Bernardino lhes advinhava os peccados. Pondo em prática o aviſo de S. Paulo, que no miniſterio Apoſtolico recommenda opportuna, e importunamente com toda a paciencia, arguindo, inſtando, e rogando ſe porte com as almas o Miniſtro de Deos para trazê-las a eſte Senhor, jamais elle ceſſava de perſuadir com nervoſa, e ſagra-

grada efficacia a ſeus penitentes, que de todo o coraçaõ ſe deviaõ converter a Deos. Naõ faltáraõ peccadores inteiramente libertinos, e perdidos, que, quaes fluctuantes náos, deſtroçado já o leme, entregues ao arbitrio dos ventos, e das ondas, vaõ dando á coſta, e eſtaõ por inſtantes a pique de ſerem ſubmergidas de todo, encontraõ com hum deſtro, e experimentado Piloto, que venturoſamente as livra do evidente perigo, conduzindo-as a porto de ſalvamento. Aſſim muitos peccadores rendidos inteiramente ás maiores abominaçoens dos vicios, e vida diſſoluta, e de todo eſtragada, acháraõ por eſpecial beneficio, e Providencia do Céo, remedio prompto, e efficaz da ſua ſalvaçaõ aos pés de Fr. Bernardino, como ſe verá nos caſos ſeguintes.

424 Vindo da Côrte certa perſonagem em direitura á Villa de Torres Vedras, e chegando á Serra da Villa, Aldêa diſtante hum quarto de legoa de Varatojo, ſuccedeo que huma formidavel tormenta, e tempeſtade, fazendo-lhe perder o leme, e o tino da jornada, o arrojou ſem querer a Varatojo. Era peſſoa por ſeu porte de diſtincta qualidade, a qual ſem ſe apear

ſe

ſe recolheo a hum pequeno telheiro, que ſe acha na lamêda do Seminario, eſperando que acalmaſſe a maior força da tempeſtade, naõ com tençaõ de ſe recolher ao Seminario, mas com animo de ſeguir ſeu caminho para Torres Vedras; eſtava taõ longe eſta peſſoa de buſcar a Portaria de Varatojo, que, como ſe aſſeverou, depois ſe ſentia, e via cercado de hum pavor triſtiſſimo, e melancolico em conſideraçaõ de ſe achar perto do meſmo Seminario de Varatojo. Eſta reflexaõ lhe augmentava exceſſivamente o ſeu tormento, e amargura em que ſe via.

425 Mas oh admiravel Providencia de Deos! Permittio eſte Senhor que Fr. Bernardino ſe achaſſe entaõ na Portaria do Seminario, da qual aviſtando aquelle paſſageiro, compadecido delle, e do trabalho em que ſe achava, o chamou pedindo-lhe efficazmente com as maiores inſtancias ſe recolheſſe ao Seminario. Eſtas inſtancias de Fr. Bernardino, e a neceſſidade em que ſe achava o paſſageiro, o movêraõ a recolher-ſe ao Seminario, mas como quem entrava para hum eſtreito carcere, ou Purgatorio. Tal era a antipathia, e repugnancia que tinha de ſe vêr em Varatojo. Foi levado com todo o

agra-

agrado para a Hofpedaria, a qual a pefar de ter baftante capacidade, e accommodaçaõ fe reprefentava com tudo penofa prifaõ áquelle hofpede violento, que a cada momento lhe parecia que abafava, e morria. Eftava trifte, e melancolico. Naõ queria comer, nem podia diffimular as violentas accufaçoens da confciencia criminofa. Dava taes fufpiros, que parecia lhe agonizava a alma dentro do corpo. Defejava-fe antes vêr na Babylonia do feculo, e ainda metido em lagos de leoens, do que em Varatojo na companhia de Religiofos. Oh cegueira do peccado! Naõ faltou quem perfuadiffe caritativamente o recurfo á penitencia a efte allucinado peccador, á qual elle moftrava obftinada rebeldia, e fe alguma refpofta dava, era que naõ tinha remedio, e que a fua perdiçaõ eftava certa. Tambem houve quem lhe entregou hum cilicio, recommendando-lhe que o apertaffe em feu corpo, e confideraffe ao menos por aquelle breve efpaço de tempo, fe poderia fupportar no Inferno huma eternidade de penas, pois que á vifta do feu evidente perigo fe naõ queria pegar á taboa da penitencia unico, e facil remedio para efcapar ao eterno naufragio, e abordar no porto da falvaçaõ.

426 Entretanto avisárañ a Fr. Bernardino do que succedia com aquelle miseravel, e obstinado peccador. Fr. Bernardino prevenido com a Oraçaõ, tanto que chegou á sua presença, qual outro David pelejando com o gigante, o derrubou logo no primeiro encontro que teve com elle, fazendo-o entrar em si por meio do arrependimento, e dôr das abominaçoens da sua vida passada. Resolveo-se a confessar-se geralmente com Fr. Bernardino, a cujos pés achou allivio para seu espirito atribulado, e remedio efficaz para as enfermidades da sua alma. Asseverou depois aquelle peccador já convertido, que tal fôra a suavidade, brandura, e meiguice de Fr. Bernardino em o ouvir, que naõ obstante ser elle no seu conceito o monstro maior de maldades que tinha chegado a seus pés, que por esta extremosa caridade lançando-se prostrado diante delle lhos intentára beijar, o que de nenhuma sorte consentíra o servo de Deos, mas antes que o mesmo servo de Deos prostrado em terra lhe beijára os seus, e que ainda que confuso naõ pudéra deixar de annuir áquella acçaõ de humildade pelas grandes instancias, que a elle peccador fizera o mesmo servo do

Se-

Senhor. Accrefcentou que efte humilde, e raro procedimento de Fr. Bernardino penetrava taõ vivamente o feu coraçaõ, que fe lhe naõ acabariaõ de enxugar as lagrimas, fenaõ depois que fe lhe acabaffe a vida.

427 Certo Parocho, que neffa occafiaõ fe achava hofpede em Varatojo, vendo admirado a eftranha, e repentina mudança defte peccador, e depois de fahirem ambos do Seminario, vendo tambem que elle naõ fó derramava inceffantes lagrimas na jornada, mas que comia proftrado em terra, e que dormia fobre a mefma, fem admittir outra cama, lhe perguntou a caufa deftes exceffos? Refpondeo aquelle penitente banhado em lagrimas, que pois vivêra como bruto, como bruto fe devia reconhecer, e tratar diante de Deos, e tambem dos homens. Efta inteira mudança da vida, e a perfeverança que nella teve, depois que em Varatojo fe confeffou com Fr. Bernardino efte grande peccador, dá teftemunho, e clara prova de que foi fólida, e verdadeira a fua converfaõ para Deos. Logo que efte penitente chegou á fua patria, e habitaçaõ, retirando-fe a hum deferto, nelle continuou a fazer vida penitente, e delle

em quanto viveo efcrevia a Fr. Bernardino a pedir-lhe dictames, e direcçoens para feu efpirito. A preciofa morte com que elle terminou feus dias, nos dá fundamento para a pia crença de voar a fua alma a gozar da vifta de Deos no Céo.

428 Naõ foi menos admiravel a converfaõ de outro peccador foraíteiro, que vivendo totalmente efquecido da fua falvaçaõ fe converteo a Deos no primeiro encontro que com elle teve Fr. Bernardino. Achava-fe de paffagem aquelle peccador em Torres Vedras trifte, e melancolico. Apênas Fr. Bernardino o vio, chamando-o de parte lhe diffe: Voffa mercê anda, e vive em eftado de condemnaçaõ, porque fe acha em peccado mortal, e tem commettido taes, e taes culpas; foi-lhe dizendo parte da fua vida, fem nunca o ter vifto, nem faber donde elle era, nem tambem o homem conhecer a Fr. Bernardino. Concluio o fervo de Deos, dizendo: Ora vá, filho, vá a Varatojo fazer huma confiffaõ geral bem feita, que efte he o remedio facil, e fuave de fe pôr em caminho de falvaçaõ, e de ferenar o feu efpirito trifte, e melancolico por caufa dos peccados com que anda op-

pri-

primido. Lá o efpero tal dia, veja naõ me falte que tudo tem remedio. Veio aquelle peccador a Varatojo, onde fez a fua confiffaõ geral com Fr. Bernardino, do qual recebeo fólidos dictames para feguir o caminho do Céo, ficando o feu efpirito alliviado, e cheio de confolaçaõ, e juntamente admirado por fe ter encontrado com hum homem de Deos, que, como fe foffe Profeta, lhe advinhára o que tinha feito. Foi efte homem goftofo, e alegre feguindo a fua jornada que fe julga fer a Sant-Iago, confervando fempre na fua viva lembrança o grande beneficio que Deos lhe fizêra no feliz encontro que teve com Fr. Bernardino, achando a feus pés remedio de feus males, allivio de fua confciencia, paz para o feu efpirito, luz para conhecer as trévas do peccado em que andava havia muitos annos, e defenganos para emendar, e chorar a vida de peccador que tinha feito. Tudo o que fe tem dito defte peccador, elle mefmo o r ferio depois com lagrimas ao R. P. D. Jofé da Apresentaçaõ Lobo, Abbade de Villar do Pinheiro no Porto, que foi bem conhecido por fua piedade, e literatura naõ fó na illuftre Congregaçaõ de Santa Cruz, mas tambem no Bifpado

do

do Porto, que visitou todo sendo Vigario da Vara na Comarca da Maya do mesmo Bispado. Onde me attestou o que tenho dito poucos annos antes da sua preciosa morte por occasião de Missaõ que eu fazia na sua Freguezia.

429 De casos similhantes a estes se puderão referir outros muitos, se o permittisse esta compendiosa Historia. Parece que Deos celestial Pai de famílias destinou a seu servo Fr. Bernardino para que sahindo pelas praças, pelos bairros, pelas ruas, pelas Aldêas, pelos suburbios das Cidades, tivesse especial commissaõ de buscar, convidar, chamar, e ainda constranger com suave violencia os enfermos, os cégos, os pobres, os aleijados, os coxos, e em fim a todos, para que viessem, e entrassem na grande cêa, e generoso convite do mesmo celestial Pai. Sim o fervoroso espirito de Fr. Bernardino, e o seu ardente zêlo da salvaçaõ das almas, o estimulava buscar por toda a parte os peccadores mais perdidos, e mais dissolutos, aos quaes elle com suave força, e doce violencia compellia entrar nos caminhos do Céo. Qual experimentado, e judicioso Medico que poem o seu empenho, e particular cuidado, e estudo em buscar

os corpos mais enfermos para os curar. Da mesma sorte Fr. Bernardino applicava o seu principal desvélo, e diligencia em buscar aos peccadores mais perdidos para lhes curar as almas enfermas pelo peccado.

430 Naõ se limitava o seu heroico zêlo em tirar sómente os peccadores do atoleiro dos vicios, e apartá-los do mal, mas tambem lhes ensinava, e prescrevia os meios mais proprios, e accommodados á condiçaõ de cada hum, para que fervorosos praticassem virtudes, e para que firmes, e constantes, perseverassem no bem começado. Quantos, e quantas, que gemiaõ opprimidos debaixo dos pesados grilhoens da culpa, e estavaõ metidos nas occasioens mais perigosas de se perderem, postos em extrema necessidade espiritual, e corporal, tanto que chegáraõ aos pés de Fr. Bernardino, logo encontráraõ no seu zêlo remedio prompto, facil, e efficaz para os males da alma, e do corpo? Elle santamente ambicioso de ganhar almas as mais perdidas para Deos com hum ardor sagrado solicitava o seu remedio por todos os modos possiveis. Penetrando elle de hum sentimento intimo do que por larga experiencia tinha

nha

nha obſervado no Confeſſionario, dizia com innocente graciosidade que hum Confeſſor para dignamente cumprir com ſeu miniſterio havia de andar acompanhado de tres couſas com licença de Deos: Primeira; que elle havia de ter comſigo hum bordaõ bem groſſo, e bem forte para com elle dar á ſua ſatisfaçaõ, e bem de rijo nas peſſoas que enſinaõ a peccar, e ſaõ cauſa da ruina das outras. Segunda; hum alfanje bem affiado para tirar a vida ás almas arrependidas, que ficavaõ em perigo de peccar para o futuro. Terceira; huma bolſa provída com baſtante dinheiro para remediar as neceſſidades daquellas peſſoas miſeraveis, que peccavaõ obrigadas da neceſſidade.

431 Fr. Bernardino ſabía muito bem que a verdadeira perfeiçaõ Chriſtã, e religioſa naõ conſiſte em geſtos de tranſportes, arrebatamentos, viſoens, e revelaçoens, nem em algumas devoçoens externas ſem eſpirito, mas em ſe negar cada hum a ſi meſmo, em ſeguir, e imitar a Chriſto, em praticar as virtudes ſólidas que inſinúa o Evangelho, em arder no ſagrado fogo da caridade, em vencer, e triunfar das paixoens, e em domar os appetites furioſos da carne traidora, que

con-

continuamente rebelde faz guerra ao espirito. Fundado nestes principios elle poz o seu principal estudo em se vencer a si mesmo, em domar, e sujeitar o amor proprio, e paixoens viciosas ao imperio da razaõ, em levar a Cruz da Religiaõ com espirito generoso, em seguir as pisadas de S. Francisco, segundo as máximas do Evangelho, em crucificar, e castigar sempre a sua carne com odio santo. Elle considerava, que assim como a espóra, e a vara fazem andar o bruto mais depressa, da mesma sorte a penitencia, e mortificaçoens do corpo o fazem caminhar mais ligeiro pelas verêdas do Céo. Isto praticava comsigo, e isto recommendava a todas as pessoas que dirigia na vida espiritual.

432 Este fervoroso servo de Deos, jamais, qual outro Paulo, em toda a vida de Religioso deo descanço a seu corpo, jamais deixou cahir da maõ o flagello com que incessantemente castigava este inimigo domestico sempre traidor, para que se naõ levantasse, nem rebellasse contra o espirito, e razaõ. Ninguem póde duvidar, que a vida dos Religiosos de Varatojo he assás penosa, tanto dentro como fóra do Seminario, como deixo escripto na pri-

mei-

meira Parte desta Historia N.º 157, e seguintes. Quem pudêra exprimir os trabalhos, e molestias de frios, chuvas, ventos, lamas, calores, fomes, e outros incommodos que padecem os Missionarios, naõ só nas jornadas, e peregrinaçoens que sempre fazem a pé, e muitas vezes até ás Provincias, terras mais remotas do Reino, e ainda ultramarinas. Mais as fadigas, e cançasso com o contínuo exercicio do Pulpito, e Confessionario, que tem os Missionarios na Missaõ de manhã, e de tarde, durando ella algumas vezes mais de anno; se naõ andassem animados, e roborados com muito amor de Deos, poderiaõ elles supportar taõ grande, e taõ continuado trabalho? E que mortificaçaõ naõ sente o corpo com os penosos, e assiduos exercicios que se pratícaõ no Seminario, onde se cuida em sustentar com todo o fervor, e sem dispensa a disciplina, e espirito da Regra Seraphica na sua observancia primitiva de dia, e de noite?

433 Naõ havendo impedimento de molestia no Seminario de Varatojo vaõ indispensavel, e invariavelmente todos os Religiosos Sacerdotes, como tambem se advertio na primeira Parte desta Historia N.º 157, rezar ao Côro nas

horas ſeguintes, Matinas á meia noite: Prima ás cinco horas da manhã: Terçia, Sexta, e Noa ás dez horas: Veſperas ás duas da tarde, e Completas ás cinco horas. Depois das quaes ſe ſegue immediatamente huma hora de meditaçaõ, e ſe tinha ſeguido outra hora tambem de meditaçaõ logo depois de Prima. Nas manhãs frequencia em ouvir no Confeſſionario penitentes, que vem de muitas legoas a Varatojo. Aſſiſtencia a enfermos, e moribundos a toda a hora de dia, e de noite, quando do Seminario ſe pede Confeſſor. Diſciplina repetidos dias da ſemana. Jejum tres Quareſmas além das Sextas, e Sabbados, e os que pelo anno adiante manda a Santa Madre Igreja. Ora ſendo eſta vida de Varatojo baſtantemente auſtéra, e os exercicios, que nella ſe praticaõ, aſſás penoſos para as almas mais robuſtas, elles todavia naõ ſaciavaõ a ſêde, que tinha Fr. Bernardino de ſe mortificar ainda mais por amor de Chriſto. Tudo o que era penoſo no clauſtro, lhe parecia pouco para o ſeu agigantado eſpirito. Elle ancioſo queria trabalhar mais, e fazer mais penitencias, que as que ſe faziaõ em Varatojo. Elle com ſanto odio flagellava a ſua carne de-

pois

pois de Matinas com terriveis golpes de diſciplinas de ferro até derramar ſangue por algumas vezes, em todas as veſperas das feſtas da Santiſſima Virgem Mãi de Deos, e em outros muitos dias. Elle trazia ſeus membros cobertos de pungentes cilicios, de cuja deſapiedade, e crueldade com que tratava ſeu corpo déraõ evidente teſtemunho os eſtragos, que nelle ſe admiráraõ ao tempo de o amortalhar, vendo-ſe hum callo, ou ſello de mais de huma maõ traveſſa que deixou na carne o continuado, e frequente uſo do aſpero, e terrivel cilicio com que cingia ſeu corpo, além de outro de arame de que tambem uſava nada menos afflictivo.

434 A meſma tunica, e Habito de groſſeiro ſayal de que uſava, lhe era tambem aſſás penoſo, e contínuo cilicio. E deixando paſſar, por eſpirito de mortificaçaõ, tempo conſideravel ſem mudar nem levar as ſuas roupas, ellas criando bichinhos lhe vinhaõ a ſervir aſſim de mais pungente, e mordaz cilicio. Todos os dias viſitava a Via-Sacra, e alguns delles ſantamente eſquecido de ter com a Communidade andado neſte ſa[illegible]o exercicio, a tornava a viſitar imp[illegible]llido do habito que

nisto tinha. Elle para mais a seu salvo mortificar o appetite da gula pretextava lhe déssem taes, e taes cousas, dizendo que lhe eraõ proveitosas á saude, as quaes comia, ainda que insipidas, e ingratas ao gosto, como borragens cruas, laranjas azedas com casca, reputando este condimento como o seu mais delicioso prato em obsequio da mortificaçaõ da gula. O seu chá sempre foi huma tigéla de agua simples do caldeiraõ. Fundava a sua principal comida em paõ, e em manjares simplices, e grosseiros. A este respeito para disfarçar o seu espirito de mortificaçaõ sahia com alguma graciosidade, dizendo que as iguarías delicadas, bebidas de licôres exquisitos, composiçoens de doces, e assucaradas, de ovos, manteigas, e outras similhantes comidas mimosas eraõ mais proprias para os que tinhaõ sido criados em Palacios com melindre, e para os filhos de Lisboa, e naõ para elle.

435 Vivia taõ esquecido de si, e taõ lembrado da caridade alheia, que podemos dizer que as mangas, e abas deste fervoroso servo de Deos eraõ hum gracioso celleiro dos pobres: pois tudo o que elle podia alcançar licitamente por onde quer que hia, o levava pa-

para entregar aos primeiros pobres que encontrava, como veremos mais adiante. Agora diremos alguma cousa da profunda humildade, sinceridade columbina, e castidade Angelica de Fr. Bernardino.

CAPITULO XXX.

Humildade, candura, e castidade de Fr. Bernardino.

436 SUstenta, e conserva o firme alicerse o edificio para que naõ caia, e se arruine; e que quanto mais este se quer subir, tanto mais aquelle se deve profundar. Saõ as estrellas, como esmaltes luminosos que adornaõ o Céo. He a perfeiçaõ Evangelica fabrica mystica, espiritual, e admiravel, a que se eleva a alma justa, á qual chama Céo S. Gregorio. Saõ as virtudes os decorosos sellos que afformoseaõ este Céo mystico da alma justa. Ora hum destes luminosos esmaltes, e decorosos sellos que adornaõ, e afformoseaõ mais a alma justa, e juntamente base, e alicerse que a fazem conservar com mais firmeza o seu edificio, e fábrica espiritual da perfeiçaõ Christã, e Evan-

van-

vangelica, bem podemos dizer que he a virtude fundamental da humildade. Ella eleva mais diante de Deos a venturosa alma que a possue. Ella foi a virtude mais amada de Christo, pois a praticou em toda a sua vida. Esta foi a que o Senhor deixou mais recommendada no Evângelho a seus seguidores, quando disse: Aprendei de mim, que sou humilde de coraçaõ. Com este conhecimento, e lembrança poz Fr. Bernardino o seu particular estudo, e cuidado em se humilhar profundamente. Jamais elle fraqueou, nem ainda levemente, na sagrada ambiçaõ, e ardentes desejos de praticar esta virtude fundamental da humildade em toda a vida de Religioso. Elle a trazia sempre á vista, como amavel, e inseparavel companheira, exercitando fervoroso em obsequio della os officios, e occupaçoens mais desprezíveis, e abatidas no Seminario, ainda que fossem só proprias dos Noviços, e dos Irmaõs Leigos. Elle avaliava por certa affronta que lhe faziaõ, se lhe impediaõ a execuçaõ destas occupaçoens humildes. Taes eraõ lavar a louça na cozinha, e os Habitos no lavatorio, varrer a Igreja, a sua cella, o Dormitorio, coser, e remendar as roupas do seu uso.

uſo. Jamais elle conſentio que Noviço, ou Irmaõ Leigo lhe fizeſſe o que elle podia fazer, ainda que com muito cuſto ſeu.

437 Naõ ha dúvida que em conſideraçaõ da ſua ancianidade, além de huma grande rotura que o opprimia, o aſſiduo exercicio do Confeſſionario em que ſe occupava, as muitas, e frequentes reſpoſtas a cartas, e conſultas de eſpirito a que tinha de reſponder, razaõ mais que baſtante parecia haver para que Fr. Bernardino encommendaſſe a algum Noviço, ou Religioſo moço que lhe lavaſſe a ſua roupa, ou pediſſe a ſeu Prelado, que attendendo a ſeus annos o alliviaſſe dos exercicios taõ humildes, que elle com proprio incommodo fazia; porém ambicioſo ſempre eſte ſervo de Deos da mais profunda humildade queria que eſta virtude o acompanhaſſe ſempre em quanto viveſſe. Longe de fingimentos, dobrezes, e affectaçoens no ſeu humilde eſpirito, antes ſempre nelle ſe admirou huma ſincéra caridade, e candidez de animo columbino, como fiel teſtemunho de ſua verdadeira humildade. Nelle faziaõ manſaõ huma ſerenidade, e ſocego de eſpirito genial, hum comportamento taõ agradavel, attracti-

ctivo dos coraçoens para Deos, que pareciaõ em Fr. Bernardino virtudes innatas. Afleveráraõ peſſoas que o conhecêraõ, e tratáraõ, proteſtando ſer ſem a menor ſombra de encarecimento que o doce trato, e affabilidade deſte ſervo de Deos para todos parecia inimitavel.

438 Eſta affabilidade, agrado, e humildade de Fr. Bernardino para todos longe de ſer fraqueza de eſpirito leve, e pueril, era ſim prova, e teſtemunho de coraçaõ ingenuo, e columbino, e effeito da ardente caridade em que vivia inflammado. Naõ foi com tudo baſtante, nem a recta intençaõ, nem os coſtumes innocentes, nem a vida, e conducta irreprehenſivel deſte grande, e fiel ſervo do Senhor, para que elle eſcapaſſe aos tiros da emulaçaõ, e deixaſſe de paſſar pelo chryſol da tribulaçaõ, e calumnia, como pençaõ ordinaria dos Juſtos, e ſervos de Deos. Permittio eſte Senhor, que ſeu ſervo Fr. Bernardino padeceſſe innocente, e foſſe mortificado de muitas maneiras para exercicio da ſua humildade, e maior merecimento da ſua paciencia, naõ ſó de fóra do Seminario pelo eſpirito da mentira, e impoſtura, como ſe diſſe acima, mas até de ſeus

pro-

proprios Irmaõs, e Prelado, como logo veremos. Roborado porém o ſervo de Deos com a Graça deſte Senhor, armado com o eſcudo da paciencia, e com o capacete da humildade, ſoube ſempre triunfar dos ataques com que o Inferno, e eſpirito da emulaçaõ combateo a ſua innocencia, e humildade. Elle nos applauſos ſe conſervava humilde, nos abatimentos contente, e alegre, nas mortificaçoens, e contradicçoens conſtante, e pacifico, ſem alteraçaõ, nem perturbaçaõ do ſeu eſpirito. Em abôno deſta verdade poderemos aqui referir muitos lances, mas além dos mencionados baſtará o ſeguinte.

439 Quando Fr. Bernardino ſe achava na avançada idade de mais de ſetenta annos, conſiderado por ſuas virtudes entre Seculares, e Religioſos, como a veneraçaõ de Varatojo, e principal columna do Seminario, cuja inteira obſervancia de ſuas Leis municipaes ſempre tinha zelado, entaõ meſmo foi elle falſamente accuſado na preſença do ſeu Prelado de ter delinquido em certa obſervancia contra a perfeiçaõ da Regra Seraphica. O Prelado mal informado chamando a Fr. Bernardino á ſua preſença, e cella a fim

de

de o corrigir, lhe mandou que prostrado diante dos Discretos do Seminario alli presentes, dissesse a sua culpa. Foi acremente arguido, e reprehendido o servo de Deos por seu Prelado do que naõ fizera, pois se achava innocente sem aquella culpa, e impostura de que foi arguido. E como se portou elle? A exemplo de Christo naõ abrio a sua boca para a escusa, nem para a queixa, soffreo como manso cordeiro, com tal paciencia, e humildade, que causou aos quatro Discretos, e ao mesmo Prelado, grande admiraçaõ, e ainda maior, quando elles certificados da verdade, conhecêraõ a innocencia do servo de Deos falsa, e injustamente accusado.

440 Nós em os repetidos triunfos que por se humilhar mais, e mais alcançou de si venturosamente Fr. Bernardino, o vimos coroado com os louros da sua humildade; agora o veremos tambem venturosamente adornado com a palma da castidade, que com felicidade rara soube conservar sempre immaculada. Fr. Bernardino que sabía ser esta virtude sobre maneira amada de Deos, e que de alguma sorte elevava aos Professores della ao ser Angelico, e que os Santos Padres chamavaõ Anjos

jos ás almas castas, elle que conhecendo estas grandes excellencias, e que contra as forças desta virtude faz o corpo contínua guerra com sua rebelliaõ insolente, cuidou em trazer sempre mortificado este traidor, e inimigo domestico. Nesta consideraçaõ santamente enfurecido o servo de Deos contra o seu proprio corpo, nem por hum instante, como se disse acima lhe levantava a maõ do flagello, nem jamais lhe permittio tregoas, por mais que a favor delle intercedesse, e advogasse o amor proprio, pretextando estar já o appetite em grande parte domado, e descahido do seu orgulho. Porque sabía muito bem, que assim como para se conservar a carne sã, e sem corrupçaõ, lhe he necessario o sal, da mesma sorte para se conservar a castidade immaculada he necessaria a mortificaçaõ naõ só das paixoens, mas corporal, e dos sentidos.

441 O affecto, e grande amor que Bernardino tinha a esta Angelica virtude da castidade, se conhecia bem pelo vehemente ardor, e furor santo com que elle em seus Sermoens declamava sem cessar contra a lascivia, combatendo com todas as forças do seu espirito este abominavel monstro, pois que

o

o amor para qualquer virtude bem ſe moſtra, e prova pelo odio ao vicio contrario. Qual deſtro, e experimentado caçador que ſe empenha principalmente em apontar o tiro, e dirigir a ſétta contra a féra mais cruel, e mais devoradora, a fim de atalhar com hum ſó golpe muitos eſtragos, e crueldades, da meſma ſorte elle como deſtro, e experimentado caçador de almas, punha o ſeu principal cuidado, força, e efficacia, já no Pulpito, já no Confeſſionario em combater a deteſtavel laſcivia, em vencer, e derrubar eſta cruel féra, e abominavel monſtro do vicio impuro, féra principal tragadora, e deſtruidora do genero humano, como lhe chamou Caſſiodóro. Tinha Fr. Bernardino na lembrança as lamentaveis conſequencias, os eſtragos indiziveis, e os funeſtos effeitos que cauſa eſte vicio tanto no eſpirito, como no corpo. E por iſſo, qual experimentado, judicioſo, e ſábio Medico que depois de conhecer, e obſervar a moleſtia, e natureza dos enfermos, lhes applica, e receita remedios efficazes contra as queixas mais dominantes, e mais contagioſas; da meſma ſorte o noſſo ſervo de Deos taõ prático, e taõ experimentado na ſcien-

cia

cia de curar espiritos, elle a fim de curar, e preservar as almas do lamentavel contagio da lascivia em seus Sermoens, em suas cartas, em suas Práticas, avisos, e conselhos, naõ só mostrava o horror, abominaçaõ, e odio eterno que se deve ter a este vicio, mas insinuava efficazes meios, e receitas preservativas para naõ serem feridas as almas deste contagio fatal. E quando encontrava pessoas taõ achacadas desta febre, que julgava se naõ poderiaõ contêr sem muita difficuldade de perderem, ou arriscarem a castidade, lhes aconselhava que fizesse antes eleiçaõ do Matrimonio por ser melhor, segundo o conselho do Apostolo, casar no Senhor do que arder no fogo da lascivia.

442 Daqui procedêraõ os muitos casamentos, que por fructo, e effeito das efficazes exhortaçoens de Fr. Bernardino se vieraõ a fazer, e naõ poucos de pessoas cumplices no mesmo peccado, que tendo sido escandalo dos póvos, vieraõ pela penitencia, e alliança do santo Matrimonio a ser delles a edificaçaõ. Donde muitos mancebos, e mulheres perdidas que publicamente serviaõ de tropeço, e laço de perdiçaõ ao Mundo; tanto que ouví-

víraõ a Miſſaõ de Fr. Bernardino ſe arrependêraõ, e convertêraõ de todo o coraçaõ a Deos por meio da verdadeira, e ſincéra penitencia; e voltando logo de todo as coſtas ao ſeculo, humas ſe foraõ recolher, e enterrar nos clauſtros mais apertados, onde déraõ claras provas de mudança, e refórma inteira da vida; outras que naõ pudêraõ entrar nas clauſuras, fizeraõ clauſuras das proprias caſas, vivendo, e morrendo no ſeculo com coſtumes de perfeitas Religioſas; outras inſpiradas por Deos, e aconſelhadas de ſeus Confeſſores, naõ ſó mudáraõ de vida, e coſtumes; mas tambem mudaraõ de terra, fugindo da ſua para outra a fim de ſervirem a Deos, e fazerem penitencia longe da occaſiaõ, onde antes com eſcandalo tinhaõ offendido ao meſmo Senhor. E tambem outras recebendo-ſe no eſtado do Matrimonio fizeraõ aſſim ceſſar de todo o eſcandalo paſſado. Tambem o ſeu ardente zêlo, a fim de apartar eſtas almas deſgraçadas do infame captiveiro da culpa, lhes ſolicitava, e diligenciava meios ainda temporaes de eſmólas, e dotes para viverem (ſe naõ em abundancia, e regalos) com decencia na venturoſa liberdade de eſpirito, e no feliz eſtado

da

da salvaçaõ. Para eu referir todos os exemplos de caridade, e compaixaõ em que brilhou o seu ardente zêlo sería pequeno hum grande livro. Elle dando assim gloria ao Céo, fazia implacavel guerra ao Inferno.

443 Invejoso o demonio por vêr a Fr. Bernardino levantar taõ admiraveis collossos em obsequio da castidade, qual furioso leaõ, se enfurecia contra elle, fazendo-lhe viva, e violenta guerra, armando lhe em toda a parte laços de tentaçoens impuras, para que perdesse, ou arriscasse a sua castidade. Eraõ frequentes, e quasi assiduos estes combates do espirito immundo. Porém elles lhe servíraõ de outros tantos triunfos, e coroas com que ficou pela valorosa resistencia laureado, e o Anjo das trévas, e seductor vergonhosamente vencido. Para estes triunfos se valia o servo de Deos das armas que nestes conflictos ensinaõ os Santos com o grande Apostolo a pelejar, que saõ desconfiar cada hum sempre de si mesmo, e fugir sempre com o pensamento ás lembranças impuras, e muito mais á communicaçaõ, e trato com mulheres. Em certa occasiaõ se empenhou o Inferno com mais força para derribar a Fr. Bernardino tomando por

inf-

instrumento a huma desenvolta, e lasciva moça, a qual buscando tempo, e occasiaõ em que elle se achava só, e em retiro, lá o foi tentar com meiguices, e affagos de indizivel desenvoltura. Mas o humilde, e fiel servo do Senhor, naõ se fiando de si, temeo, e sem dizer palavra com os olhos em terra, qual outro José, fugio dando as costas áquella enganosa Dálila, e furia infernal, alcançando della, e do espirito impuro, por este modo, glorioso triunfo.

CAPITULO XXXI.

Pontual obediencia, e extremada pobreza do servo de Deos P. Fr. Bernardino.

444 TRazia Fr. Bernardino sempre em sua viva lembrança a Christo, que foi obediente até á morte. Deste divino exemplar aprendeo a ser taõ pontual, e taõ exacto na obediencia, e taõ rendido ás mais leves insinuaçoens dos seus Prelados, e Padres espirituaes, que em mais de cincoenta annos que viveo em Varatojo, jamais se lhe notou que elle tivesse quebras nes-

neſta virtude. Nunca ſe lhe abrio a boca diante de ſeus Prelados para naõ ſahir a Miſſoens, ainda as mais remotas, e cuſtoſas, para aſſiſtir em toda a hora aos moribundos, para exercitar as occupaçoens, e officios mais humildes, que ſe praticaõ, e coſtumaõ no Seminario. Sempre os Prelados o achavaõ prompto, nunca lhe conheciaõ repugnancia no que lhe mandavaõ. Antes os exercicios mais cuſtoſos, e humildes dentro, e fóra do Seminario eraõ as delicias de Fr. Bernardino. Elle ſervio na deſpenſa, no Refeitorio, na Sancriſtia, na Enfermaría, na Portaria, e na cozinha naõ com repugnancia, mas com goſto, e alegria de eſpirito. Jamais pedio, nem quiz diſpenſa para eſtes exercicios penoſos, e humildes, mas antes com ſanta ambiçaõ queria ſempre ſer nelles o primeiro, ainda que foſſem proprios dos Irmaõs Leigos, e Noviços, e ainda ſem ſer mandado, ou chamado para elles. Sou teſtemunha ocular, que ſendo eu no Seminario Sancriſtaõ, onde todas as Sextas feiras ſe varre a Igreja, e Sancriſtia, vi, e admirei muitas vezes a eſte ſervo de Deos com a vaſſoura na maõ ajudando a varrer neſtes dias. Tambem vi, e admirei, e

me confundi, sendo Relojoeiro com obrigaçaõ de tocar o sino, e despertar os Religiosos ás Matinas da meia noite, e á Prima das cinco horas da manhã, que já quando eu chegava á sua cella, elle na idade de oitenta annos caminhava fervoroso para o Côro, naõ lhe sendo necessario outro despertador, que o primeiro toque do sino. Taõ prompto era na sua obediencia, que para execuçaõ della lhe bastava saber a vontade dos Prelados, nem lhe era necessario ser chamado, nem mandado delles. Elle confessou nos ultimos annos de sua vida, que nunca lhes pedíra dispensa, e isençaõ, nem de huma só hora nos actos da Communidade.

445 Nunca, como se disse acima, em materia de obediencia deo que fazer aos Prelados; sempre elles o achavaõ prompto para tudo o que lhe recommendavaõ. As mais leves insinuaçoens delles reputava Fr. Bernardino, como preceitos rigorosos, e lhes obedecia com promptidaõ, e alegria de espirito, porque em seus Prelados respeitava a Deos. Esta pontual obediencia naõ só se admirava a respeito dos seus Superiores, e Directores espirituaes, mas ainda com os Companheiros iguaes,

e

e inferiores. Brilhava na perfeiçaõ desta virtude. Grande parte da sua vida gastou elle no laborioso exercicio das Missoens, em que as mais das vezes levou Companheiros mais moços, porém elle se portava com elles, como se fossem seus Prelados, e Superiores. Eu assim o admirei, quando em certa occasiaõ sahi em sua companhia fóra do Seminario pouco depois que sahi do Coristado.

446 Naõ menos se esmerava na perfeita observancia da pobreza Evangelica que professou em Varatojo. Sabía que Christo Senhor de tudo, fazendo-se pobre, ennobreceo, e canonizou em seu Evangelho a pobreza voluntaria, quando chamou bemaventurados aos pobres de espirito. Tambem sabía que o Seraphico P. S. Francisco, querendo em tudo imitar, e seguir a Christo, naõ só se fez pobre por amor deste Senhor, mas que fundando a sua Ordem Evangelica na mais estreita pobreza, tanto em commum, como em particular, se constituio assim Patriarcha dos pobres de espirito, deixando a seus Filhos herdeiros deste grande morgado da pobreza Evangelica. Fr. Bernardino com estes conhecimentos, depois que, dando as costas ao Mundo,

ſe aliſtou por amor de Chriſto debaixo das bandeiras de Franciſco, poz todo o ſeu eſtudo, e applicaçaõ em imitar, e ſeguir as piſadas de ſeu Santo Patriarcha na inteira obſervancia da Regra Evangelica que profeſſára, e da mais eſtreita pobreza, que manda a meſma Regra, que nunca maculou em toda a ſua vida.

447 Nada pedia, nada buſcava, nada deſejava temporal para ſi fóra do moderado uſo das couſas que permitte a Regra, ainda que elle viſſe o roſto á neceſſidade, como muitas vezes o vio, ſentio, e experimentou; iſto ſervia de delicias ao ſeu eſpirito. A ſua cella pobre, que ſó nella tinha a Sagrada Biblia, alguns poucos livros tendentes ao miniſterio do Confeſſionario, huma cadeira velha de páo, huma vaſſoura, humas diſciplinas, alguns cilicios, inſtrumentos da penitencia, huma barra com algumas taboas, huma eſteira para dormir com huma pobre manta, e cobertor com que ſe cobria, e nada mais, excepto o pobre Habito de groſſeiro ſayal que permitte a Regra: eis-aqui as alfaias que o P. Fr. Bernardino conſervava na ſua cella. Muitas peſſoas que ſe achavaõ com poſſibilidades, e meios de ſoccorrer as ne-

necessidades alheias, vendo o seu ardente zêlo, e caridade em advogar, e interceder pelos proximos necessitados, e miseraveis, lhe offereciaõ esmólas para que elle remediasse as necessidades que encontrasse.

448 Donde longe, e bem longe de que o servo de Deos na applicaçaõ, e distribuiçaõ destas esmólas em soccorrer os indigentes, transgredisse, nem hum ápice, a perfeiçaõ do voto, que fizera da pobreza Seráphica, e Evangelica, mas antes bem sim obrava confórme o espirito, e maior perfeiçaõ da caridade que recommenda Christo em seu Evangelho. Pois todo o empenho do zelóso P. Fr. Bernardino era advogar pelas necessidades dos miseraveis, e desenganar aos ricos que elles, naõ sendo senhores, mas só administradores dos bens temporaes, se achavaõ na indispensavel obrigaçaõ de soccorrer estas necessidades de seus similhantes. Ora destes taõ claros desenganos, e efficacia sagrada com que intercedia pelas necessidades alheias, procediaõ as muitas, frequentes, e avultadas esmólas, que se distribuiaõ com os que se achavaõ em grave, e extrema necessidade, em dotar donzellas, e orfas, e casar, e amparar mulheres peccadoras arrepen-

pendidas, em paramentar, e reparar Igrejas, Capellas, e Altares, em libertar presos, e encarcerados por dividas, em vestir, e cobrir a muitas pessoas, que por falta de vestido, e calçado; naõ hiaõ á Igreja, nem ouviaõ a Santa Missa, em fundar casas pias de Recolhimentos, e instituiçoens uteis, e interessantes á Igreja, e ao Estado, de que tem resultado, e vai resultando grande Gloria a Deos. Tudo isto era effeito, e fructo do zêlo Apostolico, e caridade ardente em que vivia inflammado este servo de Deos; elle sendo verdadeiro pobre de espirito, naõ tendo nada proprio, nem querendo cousa alguma para si, bem se podia em obsequio das obras de Misericordia, que promovia, lisonjear santamente com o Apostolo, dizendo, que, nada tendo de seu, tudo tinha para remediar os pobres de Jesu Christo, e soccorrer as necessidades alheias.

449 Sim, sendo Fr. Bernardino zelosissimo observante da mais estreita pobreza Evangelica que professou, nada tinha proprio, nada queria, nada appetecia, nada solicitava, nem buscava fóra de Deos para si, elle com tudo, mediante seus conselhos, soccorria por maõs alheias infinitas necessidades

com

com eſmólas, que ſahiaõ da grande meſa da Providencia Divina. Quantos, e quantas, que por cauſa da ſua grave, e extrema neceſſidade ſe achavaõ havia muitos annos no atoleiro dos vicios, ſahíraõ venturoſamente delles logo que a zeloſa maõ de Fr. Bernardino fez que ſe remediaſſem ſuas neceſſidades? Quantos, e quantas foraõ ſervir a Deos no clauſtro gozando da liberdade do ſeu eſpirito por mediaçaõ de Fr. Bernardino, que no Mundo ſerviaõ a Satanaz no infame captiveiro das culpas? Quantos, e quantas movidos pelo ſervo de Deos recebendo o eſtado do Matrimonio perſeveráraõ na Graça do Senhor, tendo antes vivido no peccado com público eſcandalo do Mundo? Certo Religioſo de Varatojo em hum papel, que eu li a reſpeito do zêlo de Fr. Bernardino diz aſſim: « Em huma Miſſaõ em que fomos Companheiros me chamáraõ para confeſſar certa peſſoa doente, a qual achei no maior extremo de miſeria, como nunca tinha viſto, nem quizera vêr na minha vida. Lamentei com Fr. Bernardino o trabalho, e neceſſidade em que laborava aquella peſſoa doente, e miſeravel. De hum dia para outro veio elle ter comigo muito alegre, e conſolado,

» di-

„ dizendo-me: Louvado ſeja Deos,
„ que já certa peſſoa offerece huma eſ-
„ móla para ſoccorrer a pobrezinha. „
Quando no Capitulo ſeguinte fallarmos da caridade de Fr. Bernardino, individuaremos mais alguns prodigioſos lances do zêlo inflammado deſte homem verdadeiramente Apoſtolico.

450 Nem ſe perſuada alguem, ainda torno a advertir, que Fr. Bernardino a reſpeito do que ſe tem dito do ſeu zêlo neſte Capitulo, e ſe dirá no ſeguinte, buſcava, pedia, e ſolicitava eſmólas, e dinheiros contra a profiſſaõ do ſeu eſtado, e vontade de ſeus Superiores, e com offenſa da Regra que profeſſou, nem com algum deſabono do miniſterio Apoſtolico que exercitava. Porque a Regra naõ prohibe o pedir, quando a obediencia naõ obſtar, e muito menos aconſelhar as obras de Miſericordia, e o exercicio da caridade. Prohibe ſim dar, acceitar, e diſtribuir alguma couſa ſem licença dos Prelados. Ora, naõ tendo Fr. Bernardino prohibiçaõ de ſeus Prelados para ſolicitar eſmólas a fim de ſoccorrer neceſſidades alheias, como naõ conſta que a tiveſſe, quem diria que eſte obedientiſſimo Religioſo, e obſervantiſſimo zelador da mais eſtreita pobreza Evange-

gelica a quebrantava? Quem diria que elle pedia, e solicitava dinheiro, e esmólas com pouca cautéla contra a vontade dos Superiores, e da Regra, quando offerecendo-se-lhe algumas vezes esmólas para elle distribuir, no Confessionario elle naõ as quiz acceitar? Testemunha bem qualificada em abôno desta verdade podia servir o Ex.mo D. Bernardo Antonio Ozorio, benemerito Bispo que foi na Guarda, o qual vendo, e admirando o grande fructo, que Fr. Bernardino fazia com suas fervorosas Missoens, se lhe offereceo mais de huma vez para soccorrer com esmólas todas aquellas necessidades que elle encontrasse, porém o zeloso, e acautelado P. Fr. Bernardino nada quiz acceitar, dizendo que podiaõ algumas pessoas com o pretexto de esmóla abusar do Sacramento da Penitencia. Assim mo asseverou o mesmo Veneravel Prelado, fallando com o maior respeito, e louvor em Fr. Bernardino em occasiaõ que eu me achava naquelle Bispado.

451 Ninguem com verdade dirá que he imperfeiçaõ, e prohibido por alguma Regra, e Instituto aconselhar aos ricos que dêm esmólas, e que soccorraõ as necessidades de seus similhantes.

Is-

Isto faziaõ os Apostolos, e a exemplo delles os gloriosos Santos Antonio, S. Bernardino, S. Joaõ de Capristano, S. Francisco Solano, Apostolos da Ordem Seraphica, e o seu Instituidor o Seraphico P. S. Francisco, e isto mesmo era o que praticava o memoravel, e Apostolico Varaõ P. Fr. Bernardino de Santa Maria de Jesus. Em certa occasiaõ indo elle para huma confissaõ nas visinhanças de Varatojo, lhe sahio ao encontro hum homem, e lhe perguntou por Fr. Bernardino, dizendo, que desejava muito vê-lo, e conhecê-lo para sua consolaçaõ, e que vinha em busca delle. Este homem era hum Mineiro rico, que tinha vindo do Brazil sem nunca ter visto, nem conhecer a Fr. Bernardino, senaõ por fé, e pela grande reputaçaõ com que ouvia fallar delle, como de hum grande servo de Deos, e de hum Missionario Santo. Fr. Bernardino lhe disse: Eu sou quem vossa mercê busca, mas naõ sou o que julgaõ as creaturas; ellas se enganaõ comigo, sou Frade imperfeito, e peccador miseravel. Quer vossa mercê alguma cousa de mim a respeito da sua alma, e da sua salvaçaõ?

452 Entaõ aquelle homem ficando ba-

banhado de prazer, e cheio de consolaçaõ por vêr que a Providencia Divina lhe descobria, e metia em casa aquelle mesmo que elle tanto desejava vêr, lhe disse: Meu R.º Padre, pouco ha que cheguei do Brazil, trago bastantes cabedaes, se Vossa Paternidade quizer dispôr delles, eu lhos offereço de muito boa vontade. Fr. Bernardino respondeo: A mim naõ me he lícito, nem permittido por meu Instituto dispôr do dinheiro alheio. Só me pertence aconselhar o melhor, e representar as necessidades alheias a quem as póde remediar, e me pede conselho para esse fim. Ficou aquelle Brazileiro com esta resposta de Fr. Bernardino admirado, e mais firme no conceito do seu desinteresse, e virtude. Pedio-lhe com as maiores instancias se servisse delle para remediar as necessidades que encontrasse, que elle fazia muito gosto soccorrê-las. Bem sabemos que a caridade, e fervor dos primeiros Fieis os moviaõ a levarem o que possuiaõ aos pés dos Apostolos, para que estes soccorressem promptos as necessidades occorrentes que conhecessem. Ora, se Fr. Bernardino naõ indo contra a vontade de seus Prelados, nem contra a sua Regra Evange-

ge-

gelica, nem contra o Santo Instituto da mesma Regra, mas confórme o seu espirito, e exemplo, seguindo, e imitando os Apostolos, deixaria de obrar lícita, e santamente, e com a maior perfeiçaõ? Quem o poderá duvidar? Sendo certo que elle, depois que entrou em Varatojo, jamais pegou em dinheiro, nem jamais distribuio cousa alguma em seu nome, mas sempre em nome dos dántes das esmólas, distribuindo-se sempre estas pelas maõs das pessoas que elles mesmos queriaõ. Donde se colhe o zêlo verdadeiramente Apostolico, a virtude heroica, e sublime perfeiçaõ deste memoravel, e illustre Varaõ.

CAPITULO XXXII.

Continúa a relaçaõ da ardente caridade, viva Fé, e firme Esperança de Fr. Bernardino: Devoçaõ terna á Santissima Virgem Mãi de Deos, e preciosa morte do mesmo Veneravel Padre.

453 CONhecia muito bem Fr. Bernardino, que a caridade he alma do Christianismo, compendio, e cifra das vir-

virtudes, diadêma illuſtre que as corôa, laço ſagrado que as une, e em fim a maior de todas ellas, como enſina o Evangelho. Com eſte conhecimento das excellencias da caridade de tal ſorte ſe namorou della, que depois de Religioſo ſempre o viraõ, e admiráraõ abrazado nos incendios ſagrados do amor de Deos, e dos proximos. Donde finalmente ſe moſtra, e colhe, que tudo o que na ſua vida tenho dito a reſpeito da caridade que praticou, das obras de Miſericordia que exercitou, e promoveo, e das eſmólas que para eſſe effeito ſolicitou, longe de ſer falta, e imperfeiçaõ no ſervo de Deos, foi nelle grande perfeiçaõ. Pois ainda torno advertir que nada obrou niſto contra a ſua Regra Evangelica, antes bem ſim ſe conformava com o eſpirito do Evangelho. Porque ainda que o Frade Menor por ſua profiſſaõ de pobreza tanto em particular, como em commum nada póde ter proprio, nada póde diſpender, nada póde acceitar, nem ainda pedir contra a vontade dos ſeus Superiores, com tudo quando eſtes o naõ contradizem, naõ lhes he prohibido pedir, rogar, interceder, e advogar pelas neceſſidades proprias, e alheias a quem os póde remediar, e ſoccorrer; e muito menos

nos he prohibido, e imperfeiçaõ, mas antes he louvavel, ſanto, e grande perfeiçaõ lembrar, aconſelhar, e perſuadir a quem o conſulta, que remedêe a neceſſidade de ſeus proximos, e ſimilhantes. Porque naõ póde haver Regra, Inſtituto, e profiſſaõ, que véde o que ſe confórma com o direito natural, e com o que aconſelhou Chriſto em ſeu Evangelho. Nem as virtudes pódem ſer contrarias humas ás outras, quando ſaõ verdadeiras virtudes; pois todas ſaõ confórmes, todas animadas pelo meſmo eſpirito, e naſcem todas da meſma fonte, que he Deos.

454 Foi na verdade muito o dinheiro que por mediaçaõ, e conſelho de Fr. Bernardino ſe diſtribuio em obras pias. Foraõ muitas, e bem avultadas as eſmólas que ſe fizeraõ por intervençaõ ſua. Elle fundou Recolhimentos, e Conſervatorios, ou concorreo grandemente para a ſua fundaçaõ; elle meteo nos clauſtros muitos moços deſenganados, e muitas mulheres convertidas; elle fez erigir Templos, e redificar Altares; elle acudio, e valeo a muitos preſos, e encarcerados por dividas; elle ſoccorreo a innumeraveis neceſſidades; elle matou a fome a muitas peſſoas miſeraveis que por ſua grave,

ve, e extrema necessidade se achavaõ em evidente perigo de perderem a vida corporal, e a Graça de Deos. Fazia nisto naõ só o que fez S. Vicente de Paulo, e os Apostolos, mas, como ha pouco se disse, fez o mesmo que fizeraõ grandes Santos da sua profissaõ, e o mesmo Seraphico P. S Francisco, que mais de huma vez despio o proprio Habito em obsequio da caridade para soccorrer as necessidades alheias. Valia se das maõs alheias para remediar estas necessidades naõ só graves, mas extremas, que frequentemente encontrava; elle compadecido orava, e intercedia por ellas; elle exhortava efficazmente, e aconselhava; e ainda naõ tendo prohibiçaõ de seus Prelados, pedio aos ricos, e ás pessoas abastadas em bens, que déssem esmólas, e soccorressem as necessidades de seus proximos, expondo-lhes esta obrigaçaõ que todos tinhaõ dos bens superfluos. Tudo isto he grande, e alta perfeiçaõ, e do agrado de Deos.

455 Parecia Fr. Bernardino huma fornalha viva de amor de Deos, e do proximo. Tal era o zêlo, e caridade em soccorrer as necessidades alheias, que muitas vezes privando-se do sustento, e propria comida necessaria, a dis-

diſtribuia goſtoſo com os pobres, e neceſſitados. Algumas maçãs, e fructas que achava na cerca do Seminario, e todos os reſiduos da refeiçaõ do Refeitorio que encontrava, levava muito alegre aos pobres, que encontrava na Portaria de Varatojo. Eu o vi muitas vezes occupado neſtes ſantos roubos, e levar as abas bem providas de fructas, paõ, e hortaliça para os pobres que vinhaõ á Portaria do Seminario. Daria o ſervo de Deos o proprio Habito, o ſuſtento neceſſario, e moderado; daria tudo o que tinha de ſeu uſo aos pobres, ſe os Prelados lho naõ vedaſſem. Sendo porém certo que os Santos movidos por inſtincto, e impulſo particular de Deos, obravaõ muitas couſas mais para admirar do que para imitar, e que nem todas ellas ſe nos propoem para nos ſervir de exemplo, e imitaçaõ, mas ſó aquellas acçoens que elles obráraõ confórme a Lei de Deos, e que ſe naõ deſviaõ das regras da prudencia Chriſtã, e crítica Evangelica; por iſſo devemos imitar humas, e admirar outras, ſem criminar, nem cenſurar a intençaõ de quem as obrou. Taes foraõ muitas que lêmos do Santo Fr. Gil da minha Ordem Seraphica. Taes algumas do ſer-

vo

vo de Deos P. Fr. Bernardino de Santa Maria de Jesus de quem vamos fallando, e consta do que lhe succedeo em Santa Cruz de Coimbra, como já vou a dizer.

456 Achava-se Fr. Bernardino hospedado no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e como em toda a parte se achava o seu coraçaõ abrazado nos incendios da caridade, e ardente dezejo de remediar as necessidades alheias, foi ter com o R.mo P. Geral da mesma Sagrada Congregaçaõ com quem professava especial confiança, e amizade, pedindo-lhe licença para na cerca do seu Mosteiro apanhar todas as laranjas, que achasse cahidas das laranjeiras, para na Portaria de Santa Cruz as distribuir aos pobres. Benignamente annuio o R.mo P. Geral D. Francisco da Annunciaçaõ a taõ justa petiçaõ que lhe fazia este seu amigo, que se gloriava de tê lo conhecido travêsso no seculo, como se disse acima, e em Varatojo admirado, como Atlante da virtude. Foi logo Fr. Bernardino muito contente ter com o Ex.mo D. Miguel da Annunciaçaõ, Veneravel Bispo de Coimbra, a quem pedio lhe mandasse dar tantos paens para os pobres da Portaria de Santa Cruz, quantas

fossem as laranjas, que elle a...rhasse para elles debaixo das laranjeiras do mesmo Mosteiro; para o que já tinha toda a permissaõ do Padre Geral; mandou logo liberalmente dar o Veneravel Prelado a Fr. Bernardino tudo quanto pedia, e offerecer-se para muito mais.

457 Partio logo Fr. Bernardino para a cerca de Santa Cruz levando comsigo huns moços com canastras. Apanhou grande porçaõ de laranjas, que estavaõ cahidas debaixo das arvores; vendo porém que as canastras naõ estavaõ cheias, que faria? Arrimou seus hombros robustos ás laranjeiras, e as abanou de tal sorte, que ainda depois de se encherem muito bem as canastras, ficáraõ muitas laranjas no chaõ. Destes transportes, traças, e furtos innocentes de que muitas vezes usava, só deve seguir o exemplo, e imitaçaõ quem tiver o mesmo espirito, e impulso superior, pois saõ acçoens mais para admirar do que para imitar. O mesmo Prelado deste Mosteiro de Santa Cruz tanto naõ levou a mal o furto das laranjas, que o celebrou cheio de graciosidade com seus Religiosos.

458 Em hum Manuscripto de certo Religioso de Varatojo por vezes Companheiro de Fr. Bernardino no exerci-

cicio das Missoens, fallando da sua caridade (o qual eu li) dizia assim: « Historiar, ainda em largo volume, » os celestiaes arrojos da fogosa cari- » dade de Fr. Bernardino fôra empren- » der impossiveis. Só cabe na penna » dizer em summa, que delles se com- » poz toda a sua vida. Este foi o seu » mais especial desvélo. Nisto mais » do que em cousa nenhuma discor- » ria, e sonhava. Eu me persuado » que naõ haverá terra maior deste » Reino, na qual se naõ descubra al- » gum padraõ illustre da sua ardente » caridade. Porque lá estará alguma » pessoa a quem elle, como Sol de » benignas influencias, beneficiasse, ou » illustrasse temporal, ou espiritual- » mente. » Aqui escreveremos ainda alguns effeitos da sua ardente caridade. Ha perto de sessenta annos, que elle fez Missaõ na Cidade do Porto. Desde entaõ se conserva aquella grande obra, que alli instituio o seu inflammado zêlo; a saber: Fez, mediante os seus conselhos, que se determinassem certas pessoas para pedir, e ajuntar os residuos dos Refeitorios em alguns Conventos daquella grande, rica, e devota Cidade, a fim de os mandar aos presos, e encarcerados. Para cuja ex-

cellente, proficua, e intereſſante obra, ſe mandáraõ fazer novos, e grandes caldeiroens accommodados, e capazes de ſe conduzirem nelles as ſobreditas eſmólas. Acordou-ſe huma providente, e acertada alternativa entre os Conventos pelos dias da ſemana, para que deſta ſorte foſſem mais bem ſoccorridas as neceſſidades daquelles miſeraveis. Na Villa de Barcellos ſe conſerva hum obſervantiſſimo Recolhimento verdadeiramente eſcóla de virtudes, e perfeiçoens, fundado pelo zêlo de Fr. Bernardino. Na Cidade de Caſtello-Branco ſe acha outro Recolhimento, para cuja fundaçaõ concorreo em grande parte o meſmo ſervo de Deos, aconſelhando a certa peſſoa de inſigne piedade, que applicaſſe para eſte fim avultadas eſmólas.

459 A Freguezia da Amoreira, nas viſinhanças de Óbidos, ſendo grande, ſe achava ſem Sacrario, e por eſſa cauſa ſe via, e ſentia morrerem muitas peſſoas ſem receberem o Sagrado Viatico. Havia quem lembraſſe a neceſſidade de ſe collocar na Igreja da Freguezia aſſás dilatada o adoravel Sacramento. Porém offereciaõ-ſe muitos embaraços, e dúvidas. Taes eraõ ficar a Igreja fóra, e algum tanto diſtante

po

do principal Lugar com caminho aſſás incommodo, o qual ſem ter calçada naõ poderia ſahir por elle o Santiſſimo com a devida decencia, além de naõ haver Vaſo, Pixide, Pállio, nem traſtes, nem ornamentos neceſſarios para ſe conſervar alli o Santiſſimo, e que ſendo a Freguezia pobre, mal poderia concorrer com as preciſas deſpeſas, e com azeite para a alampada do Senhor. Chegando Fr. Bernardino em Miſſaõ áquella Freguezia, logo o ſeu ardente zêlo deſcobrio ſuaves meios para ſe effeituar em poucos mezes o que parecia impoſſivel, ou que ſe naõ concluiria em muitos annos. Formouſe com toda a brevidade huma excellente calçada do Lugar para a Igreja. Fez-ſe primoroſo Sacrario, comprou-ſe precioſo Vaſo, e Pixide, ricos ornamentos, bellos traſtes, e inſignias para ſahir a toda a hora o Santiſſimo. Eſtabeleceo-ſe rendimento para o azeite ſufficiente, que havia de allumiar perennemente ao Auguſto Sacramento: concluindo-ſe tudo em pouco mais de quatro mezes. Era, ou parecia que era pobre aquella Freguezia, mas tanto que Fr. Bernardino lembrou os bens que ſe ſeguiaõ em collocar nella o Santiſſimo Sacramento, e os gran-

grandes males que resultavaõ da sua falta, logo hum Sujeito da mesma Freguezia se offereceo liberal para contribuir com perto de cincoenta mil reis para ajuda do Vaso, que havia de servir de cofre ao Senhor. O zêlo de Fr. Bernardino parecia hum braço omnipotente, pois naõ tendo de seu cousa alguma obrava facilmente tudo quanto intentava.

460 Tambem a Freguezia do Sobral d'Alagôa do mesmo termo da Villa de Óbidos, sendo Lugar numeroso, naõ tinha o Santissimo Sacramento, com grande desconsolaçaõ de seus moradores. Tanto que alli appareceo Fr. Bernardino no exercicio da Missaõ, logo obteve permissaõ do Prior de S. Joaõ de Óbidos, a quem pertencia aquella Freguezia, naõ só para se edificar Capella, ou Templo com capacidade para alli se collocar o Santissimo Sacramento, mas fez que se a[illegible] com muita facilidade todos [illegible]tos, Vasos, e trastes necessa[illegible] em [illegible] a occasiaõ se admi[illegible] aos enfermos, com [illegible], e allivio dos mesmos Fre[illegible] Lugar de Sirol Freguezia [illegible]os do Patriarchado, do [illegible] Torres Vedras, naõ havia Ora-

Oratorio, nem Capella para ouvirem Missa seus moradores. Soube a caridade fervorosa de Fr. Bernardino descobrir modo, e meios para se erigir alli huma magnifica Ermida, com Sancrist a, Côro, preciosos, e ricos paramentos, onde se celébra a Santa Missa, e recebem os Sacramentos com commodidade, e consolaçaõ naõ só daquelle Lugar, mas dos visinhos.

461 Está collocada no Altar Mór desta magnifica, e nobre Ermida de Sirol huma preciosa Imagem com a invocaçaõ da Senhora da Purificaçaõ, Padroeira do Collegio da Purificaçaõ de Evora, onde estudou o servo de Deos P. Fr. Bernardino. A Tribuna he de bellos mármores; a urna he de pedra preta taõ transparente que parece vidro; o camarim da Senhora com o engraçado Menino nos braços está defendido de huma transparente vidraça de Bohemia; o tecto da Ermida he do mais vistoso, e primoroso estuque. Tem sua Torre, e sinos que excedem a muitas Igrejas Parochiaes. Este monumento do zêlo de Fr. Bernardino tem attrahido Romeiros, e peregrinos de muitas legoas para virem devotos visitar a Senhora, vêr, e admirar o seu edificio. Achaõ-se nesta Capella além dos ri-

ricos paramentos, e preciofo caliz, véo de hombros, umbella, Cruz, thuribulo, navêta, e tudo o neceffario naõ fó para celebrar a Santa Miffa com aceyo, mas para decentemente levar o Santiffimo por Viatico aos enfermos. Tambem o zêlo de Fr. Bernardino alcançou efmóla para hum Capellaõ celebrar Miffa em todos os dias Santos nefta Ermida. A Igreja matriz da Mouta dos Ferreiros termo de Óbidos, que fe achava arruinada na maior indecencia, fe reedificou pelo efficaz influxo do mefmo fervo de Deos, chegando a efcrever para a America a efte fanto fim.

462 Por effeito da fua ardente caridade com os proximos acompanhada fempre de profunda humildade naõ duvidou elle efcolher, e praticar com fua peffoa os exercicios mais abatidos, e humildes em obfequio da caridade alheia. Queria as aufteridades, e rigores para fi, e as commodidades para os outros, tanto dentro, como fóra de Varatojo. Serve de prova concludente o cafo feguinte. Achando-fe o fervo de Deos fóra do Seminario com hum Companheiro, e cuftando a efte dormir no mefmo quarto, fem eftar feparado, por acordar facilmente, e

per-

perder o ſomno, que faria Fr. Bernardino neſte caſo? Sahio para hum quintal, e nelle eſteve a maior parte da noite para naõ perturbar o ſomno, e deſcanço de ſeu Irmaõ, e Companheiro. Achando-ſe Fr. Bernardino inflammado no ſagrado fogo do amor de Deos, e caridade com os proximos, naõ admira que o corpo naõ ſentiſſe os rigores do frio.

463 Naõ faltou ao ſeu eſpirito o precioſo eſmalte da terna devoçaõ á Santiſſima Virgem Mãi de Deos, devoçaõ que lhe tinha feito companhia deſde ſeus tenros annos. Em prova della chamava a Senhora ſua querida Mãi. Do Pulpito, do Confeſſionario, e ainda fóra delle a todas as peſſoas com quem tratava, e a quem dirigia no caminho do Céo, perſuadia com a maior efficacia a devoçaõ cordial á meſma Santiſſima Virgem, e que ſempre lhe tributaſſem reverentes cultos. Elle em todas as Freguezias, onde fazia Miſſaõ, prégava ſempre hum Sermaõ da Senhora, no qual cheio de ardor ſanto, e Divina eloquencia ponderava as Excellencias da meſma Senhora, e a indiſpenſavel neceſſidade que tem de ſeu Patrocinio Juſtos, e peccadores, eſtes para ſahirem do peccado, aquelles

les para perſeverarem na Graça. Elle a todos recommendava, que dentro de ſuas caſas tributaſſem diariamente á Senhora a ſua Coroa, ou Terço, e nos dias Santos o Roſario. Elle fazia por deixar eſtabelecida, e arraigada nos coraçoens de todos os moradores das terras, onde prégava, o coſtume ſanto, e devoçaõ excellente de tomar de manhã, e á noite de joelhos a bençaõ á Santiſſima Virgem. Elle andava taõ ſantamente namorado, e affeiçoado da Senhora, e taõ embriagado do ſeu dulciſſimo Nome, que recommendava ás mãis, e aos pais, que ſe tiveſſem filhas lhes puſeſſem no Baptiſmo em reverencia da Senhora o nome de *Maria*. Elle ſabendo que algumas mulheres naõ tinhaõ o nome de *Maria*, lhes aconſelhava que o tomaſſem por ſobrenome. Elle em fim feſtejava muito religioſamente as mulheres que tinhaõ o nome de *Maria*. Baſtava-lhe ouvir o nome de *Maria* para ſe enternecer, e inflammar na ſua devoçaõ, que parecia ficar de todo tranſportado, e como fóra de ſi.

464 Poſto que Fr. Bernardino andava de ordinario occupado nos emprêgos da caridade com os proximos, e nos exercicios da obediencia, jamais ſe

se esquecia do retiro interior que amava, como delicias do seu espirito, porque sabía por experiencia, que o retiro espiritual he metrópole do Espirito Santo, em cujo silencio se póde com suavidade facilmente commerciar com o Céo, attender, e ouvir as delicadas vozes das Divinas inspiraçoens. Daqui procedia o retirar-se, e abstrahir se de quando em quando o servo de Deos do trato, e communicaçaõ com as creaturas, para só com o Creador tratar no grande negocio da propria salvaçaõ pelo espaço de oito, ou dez dias em exercicios piedosos que fazia todos os annos; os quaes tambem aconselhava ás pessoas que dirigia; e áquellas que se desejavaõ converter a Deos, lhos recommendava efficazmente tendo oportunidade para os fazer em suas proprias casas.

465 Fr. Bernardino, como Varaõ justo, vivia da Fé que sempre conservou viva. Da sua Fé procedia a summa reverencia que tinha ao Augusto Sacramento do Altar, chegando em testemunho desta reverencia a repetir, cantando cinco vezes, a Jaculatoria: *Bemdito, e louvado seja o Santissimo Sacramento* no principio dos Sermoens taõ enternecido, e devoto, que parecia

cia algumas vezes ficar transportado. E tambem deste modo já antes de começar a prégar fazia conversoens, como se disse acima. Concorria para isto a sua sonóra, e maviosa voz. Era tambem testemunho da sua viva Fé a devoçaõ com que sempre recitava de joelhos o Officio Divino, quando o rezava só; e quando o rezava com a Communidade sahia das cadeiras ao meio do Côro, ainda na idade de oitenta annos, onde unido com os Religiosos mais modernos, e Noviços rezava de pé. Da sua viva Fé procedia o imperio que tinha sobre os demonios, fazendo-os por força de seus esconjuros sahir dos corpos obsessos. Á sua viva, e grande Fé se attribúem os prodigios, que se dizem obrára Deos por elle ainda em sua vida. Só aqui escreverei o que succedeo no Lugar de Fornos nas visinhanças de Óbidos. Por occasiaõ do memoravel terremoto do anno de 1755 seccou-se huma fonte de agua excellente que havia neste Lugar. Concorrêraõ seus moradores afflictos á presença de Fr. Bernardino entaõ alli em Missaõ, pedindo lhe abençoasse aquella fonte para que tornasse a rebentar. Mandou elle lhe trouxessem alguma pouca de agua que achassem no fun-

fundo da mesma fonte. Benzeo humas gotas de agua turva, que apênas se descobríraõ no fundo da fonte, e tambem donde estava benzeo o sitio da mesma fonte. Naõ foi necessario outro mineiro, nem védor, para que aquella fonte tornasse a lançar a mesma quantidade de agua que lançava antes do terremoto. Fallei com pessoas deste Lugar que presenciáraõ, e admiráraõ, como especie de prodigio, este caso.

466 Testemunho em fim, e prova da Fé de Fr. Bernardino foraõ os continuados exercicios da sua ardente, e inflammada caridade com seus proximos pelo espaço de mais de cincoenta annos que viveo em Varatojo, transitando a pé grande parte do Reino de Portugal, e dos Algarves, illustrando os Fieis por meio do ministerio Apostolico das Missoens naõ só nos Templos, Igrejas, e praças, onde prégava, mas nos mesmos caminhos, onde ouvia a muitos penitentes de confissaõ; como tambem nos carceres, e nos Hospitaes.

467 Naõ foi inferior a perfeiçaõ da virtude da esperança em que elle resplandeceo, esta o movia a emprender cousas, que segundo a humana prudencia pareciaõ invenciveis, e ainda impos-

possiveis. Donde elle vencidas as maiores difficuldades alcançava tudo quanto lhe propunha o seu zêlo Apostolico, porque inteiramente desconfiado de si, punha toda a sua esperança, e confiança em Deos. Este Senhor que inspirava ao seu servo as obras, e emprêzas de piedade, lhe facilitava os meios para conseguir os fins que elle se propunha. Esta firme esperança de Fr. Bernardino, a sua viva Fé, a sua ardente caridade, a sua profunda humildade, e sua inteira conformidade com a vontade de Deos o acompanhárão até os ultimos momentos da sua vida.

468 Trabalha o fogo activo para assimilhar a si a materia a que se applica, e incessantemente se move para subir á sua esféra. Da mesma sorte a caridade se he verdadeira deseja efficazmente elevar-se a Deos que he o seu fim, e communicar aos proximos os ardores sagrados em que venturosamente se acha inflammada, sem attender a que se lhe representem, e offereção arduas emprêzas, e tentativas santas. Vimos a Fr. Bernardino pelos Templos, pelas praças, pelos Hospitaes, pelos carceres, pelos Pulpitos, pelos Confessionarios de todo o Rei-

no,

no, exercitando a caridade, e as obras de Misericordia com os proximos. Agora o veremos em Varatojo enfermo, e morrendo, mas sempre com seu espirito robusto, e inflammado nos incendios sagrados da caridade até os ultimos momentos da sua vida.

469. Sobreveio, e se augmentou a Fr. Bernardino a molestia de huma grande rotura que padecia. As attendiveis circumstancias da molestia, pediaõ que elle estivesse de cama. Porém, como o seu coraçaõ ardia sempre nas sagradas lavaredas do amor de Deos, e do proximo, ainda enfermo queria trabalhar; como saõ levantava-se a responder a cartas de consciencia, e consultas espirituaes. Continuava o Côro ainda á meia noite, e ás cinco horas da manhã. Naõ faltava á Oraçaõ da Communidade. Descia á Igreja, e Confessionario a consolar, e confessar as pessoas que o buscavaõ. Celebrava a Santa Missa. Augmentou-se mais a enfermidade. Foi da sua cella em huma cadeira para a Enfermaria com tençaõ de ouvir alli Missa, e commungar. Animou-se depois a voltar por seu pé para a cella, onde a sua rotura teve hum tal arrojo, que todos os remedios da medicina que se lhe applicáraõ, de nada lhe aproveitáraõ.

470 Conheceo que era chegada a sua morte. Naõ se assustou; preparou-se para esperá-la. Pedio logo os ultimos Sacramentos da Igreja, e os soccorros da Religiaõ. No dia seguinte recebeo o Senhor por Viatico, e o Sacramento da Unçaõ, com indizivel devoçaõ, e ternura de seu espirito. Repetia fallando com Deos fervorosos Actos de Fé, Esperança, Caridade, e Contriçaõ. Invocava frequentemente a Santissima Virgem. Mostrava grande serenidade, e tranquillidade de consciencia. Suspirava amorosamente por se vêr livre das prisoens da mortalidade para ir gozar da vista clara, e doce osculo do seu amado Senhor. Tendo-lhe a Communidade assistido, se retirou esta. Ficou elle acompanhado de hum Religioso, a quem já agonizando pedia lhe rezasse a coroa da Virgem Mãi de Deos por sua tençaõ. Antes de se concluir esta, conhecendo-se-lhe signaes da morte proxima, tornou a vir assistir-lhe a Communidade. Na presença da qual batendo nos peitos, com os olhos fitos em Christo, os fechou, e deo o ultimo suspiro com aprazivel serenidade de espirito; deixando huma pia credulidade de que sua alma foi gozar de Deos em premio

mio das suas heroicas virtudes, que exercitou em toda a sua vida de Missionario. Falleceo com mais de oitenta annos de idade, e mais de cincoenta de Habito do Seminario de Varatojo.

471 Expoz-se o veneravel cadaver do P. Fr. Bernardino na Igreja de Varatojo. Apênas chegou a noticia da morte deste memoravel Padre á Villa de Torres Vedras, e visinhanças do Seminario, logo correo grande multidaõ, naõ só do povo, mas da gente mais luzida daquelles arredores, para vêr, e tocar aquelle que já em vida respeitavaõ por Santo. Passou a excesso, e declinou em indiscriçaõ a devoçaõ de muitas pessoas, que arrojando-se ao cadaver com seus piedosos furtos do Habito que lhe retalhavaõ em bocados, o deixáraõ quasi nú, e indecente; motivo porque se mandáraõ fechar as grades da Capella Mór para conter o devoto, mas indiscreto, povo. Conduzido finalmente da Igreja para o Capitulo, a fim de se lhe dar sepultura, ainda alli mesmo, a pesar de estar a Communidade congregada, e ordenada em acçaõ de enterrar o corpo, se arrojavaõ as pessoas assistentes sobre o cadaver pedindo em gritos lhe deixas-

ſe ao menos beijar os pés, como em ſignal de deſpedida até o dia do Juizo. Ainda meſmo dentro da ſepultura acabáraõ de lhe tirar o reſto do Habito, que eſcapára aos furtos que lhe tinhaõ feito na Igreja. Houve quem vio a huma aveſinha, que chegando-ſe ao cadaver expoſto na Igreja, logo voou, e deſappareceo. Do que tenho dito neſta compendioſa Hiſtoria da vida do ſervo de Deos P. Fr. Bernardino de Santa Maria de Jeſus, ſe colhe que em todo o tempo deve ſer em Varatojo veneravel o ſeu nome por ſer Varaõ verdadeiramente de zêlo, e eſpirito Apoſtolico, e illuſtre ornamento deſte Seminario. Deos que enriqueceo liberal a eſte ſeu ſervo com tantos dons, e virtudes, ſeja eternamente louvado em ſeus Santos. *Amen.* Foi ſepultado no Capitulo na ſepultura do N.º 8. E por deſcuido ſe eſcreveo aqui a vida deſte ſervo de Deos fóra da ordem Chronológica depois de outros que eraõ vivos, quando elle morreo.

CAPITULO XXXIII.

Vida de alguns Irmaõs Donatos, e Moços do Seminario de Varatojo, que nelle florecêraõ em virtudes, e morrêraõ piamente no Senhor.

472 NO anno do Senhor de 1737 falleceo piamente com morte de Justo no Real Seminario de Varatojo o memoravel Irmaõ Manoel da Purificaçaõ, natural do Lugar, e Freguezia do Sobral d'Alagôa junto á Villa de Óbidos. Por espaço de mais de quarenta annos que viveo em Varatojo com Habito de Irmaõ Donato, servio ao Seminario com tanta edificaçaõ, que entre domesticos, e estranhos era reputado como exemplar, e espelho de virtudes. E por esta razaõ era muito amado, e estimado dos Seculares, aos quaes edificava com suas palavras todas de Deos, e muito mais com sua modestia, e vida sempre edificante, exemplar, e irreprehensivel. Quando mandado da obediencia hia aos peditorios, os Bemfeitores do Seminario, que veneravaõ a este bom Irmaõ, como a Anjo do Céo, o queriaõ com santa

ambiçaõ recolher em ſuas caſas, e que nellas ſe demoraſſe alguns dias para ſua conſolaçaõ, porém o ſervo de Deos naõ querendo perder inſtante de tempo, nem faltar ás mais leves inſinuaçoens dos Prelados do Seminario, e ás ſuas obſervancias municipaes, concluidos os peditorios, e negocios a que fôra mandado, ſe recolhia logo a ſeu amado Varatojo, onde em todo o tempo, inimigo da ocioſidade, ſempre o viaõ occupado, e fervoroſo nos exercicios proprios dos Irmaõs Donatos, e nunca ocioſo. Confeſſava-ſe, e commungava duas vezes na ſemana, e algumas com mais frequencia, ſegundo a direcçaõ, e conſelho do ſeu Padre eſpiritual. Além das diſciplinas frequentes que ſe tomaõ em Varatojo, queria tambem uſar dellas em outros dias, e tambem de cilicios para crucificar a ſua carne rebelde, e trazê-la ſempre rendida, e ſujeita ao imperio da razaõ. Porém o ſeu Director eſpiritual attendendo áş ſuas moleſtias corporaes, naõ lhe permittindo eſtas flagellaçoens effectivas do corpo, lhas commutava na mortificaçaõ das paixoens, e em outros exercicios compativeis com as moleſtias que padecia.

473 Ainda que o Irmaõ Manoel

da

da Purificaçaõ andava de ordinario acompanhado de molestias, estas se lhe augmentáraõ tanto, que no ultimo anno da sua vida lhe serviraõ de hum continuado, e lento martyrio. Taõ cercado, taõ cheio, e taõ coberto de dôres, e chagas se vio em seu corpo, que nellas, e com ellas parecia hum Job, e tambem na paciencia. Padecendo de dia, e de noite terriveis dôres, e ancias, naõ se ouvia da sua boca outra cousa, senaõ continuos louvores de Deos, qual outro S. Sérvulo, que só se ouvia da sua boca: *Bemdito seja Deos: Louvado seja Deos mais, e mais: Faça-se em tudo a vontade de meu Deos: Antes quero, meu Deos, padecer nesta vida, que na outra: Padeça o corpo com tanto, que a alma se salve, e naõ padeça na outra vida.* Eis-aqui os exercicios, e amorosos Colloquios, que em suas gravissimas dôres, e enfermidades tinha com Deos o Irmaõ Manoel da Purificaçaõ. O qual fortalecido com os ultimos Sacramentos da Igreja, e com as Oraçoens do Seminario, estando em seu inteiro juizo até o ultimo momento da sua vida, entregou o espirito ao Creador com morte plácida. Fabricou hum unguento preto com especial virtude para

ra curar chagas, ao qual chamaõ nas visinhanças de Varatojo, *o unguento do Irmaõ Manoel*, e se vem frequentemente pedir de esmóla ao Seminario de Varatojo.

474 No anno de 1745 falleceo em Varatojo com boa opiniaõ o servo de Deos Irmaõ José do Sacramento, Donato do Seminario, natural da Villa proxima de Torres Vedras, filho de Jorge da Mota. Desempenhou taõ fielmente a vocaçaõ com que Deos o chamou, e tirou do seculo para o sagrado retiro de Varatojo, que toda a vida de Irmaõ Donato foi sempre exemplar, edificante, e inculpavel, tanto no Seminario entre seus Irmaõs, como no Mundo entre Seculares, quando por occasiaõ de peditorios, ou de negocios da Communidade tinha precisaõ de tratar com elles. Todas as suas fallas, e conversaçoens eraõ do Céo, onde sempre trazia a lembrança, e pensamento. Era Irmaõ Donato no Habito, e Religioso na vida, nos costumes, nas virtudes, e perfeiçaõ. Era tal o zêlo do bem commum do Seminario, e o desejo que tinha de cumprir suas Leis municipaes, e costumes louvaveis que nelle se praticaõ, que observava exacto os ápices

da

da pobreza, obediencia, silencio, e todas as mais miudas observancias, e ceremonias do mesmo Seminario. No seu mesmo estado de Irmaõ Donato zelava a maior perfeiçaõ da Regra de S. Francisco, como se a tivesse professado, ainda que só era Filho da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia. Neste zélo se distinguio este memoravel Irmaõ entre seus Companheiros, e Irmaõs Donatos em toda a sua vida.

475 Deve certamente Varatojo muito a este bom Irmaõ. Elle era excellente Official de Canteiro. Ajudou a fazer as primorosas obras de ladrilho da Capella Mór da Senhora das Dôres, e as grades de mármore para a Communhaõ, a Capella da Senhora das Dôres, o Dormitorio novo com o Noviciado, as sepulturas do Capitulo, e outras obras do Seminario, as quaes elle zelava com o maior empenho, e actividade. Querendo Deos provar a constancia deste seu servo, e coroá-lo com a virtude da paciencia, permittio logo que tomou o Habito de Irmaõ Donato em Varatojo, fosse visitado de algumas molestias que lhe fizeraõ companhia em toda a sua vida, as quaes elle tolerava com espirito de conformidade, considerando-as, como mi-

mimos de Deos, correios, e avisos da morte. Quando lhe diziaõ que cedo havia de morrer, em vez de se entristecer se alegrava, considerando que do desterro hia para a patria, quando terminasse a carreira da sua vida com a morte, tributo indispensavel de toda a humanidade.

476 Tinha especial devoçaõ com o castissimo Esposo da purissima Virgem Mãi de Deos o Senhor S. José, e com a Santissima Virgem a quem tambem incessantemente pedia o seu Patrocinio, e assistencia na hora da morte. Elle em toda a parte se conservava na viva lembrança de Deos. Nestes exercicios, e nos da conformidade, paciencia, e caridade, perseverou fervoroso até á sua morte. Acabou, recebidos os ultimos Sacramentos, com signaes provaveis de predestinaçaõ. Confessava-se nos ultimos annos da sua vida com o Guardiaõ que entaõ era do Seminario, e tambem teve a consolaçaõ de se confessar com elle na morte. O mesmo Guardiaõ fallando deste servo de Deos em hum monumento do Seminario que eu li, diz: « Nos ultimos tempos da » vida, na ultima doença, e morte » do Irmaõ José do Sacramento, cui» dei, e tratei do seu interior, e con-

» scien-

» sciencia; e fallando ingenuamente me
» deixou cheio de consolação o seu es-
» pirito, e ao mesmo tempo de con-
» fusaó, e santa inveja. E por isso he
» justamente digno, e merecedor que
» o Seminario se preze de tê-lo por
» Filho, o qual confio que diante de
» Deos gozará muita Gloria em pre-
» mio das suas virtudes »

477 No anno de 1771 falleceo em Varatojo piamente no Senhor o Irmaõ Donato Antonio da Conceição, natural da Villa de Peniche. Resplandeceo este Irmaõ na virtude da mansidaõ, e paz de espirito. Era de coraçaõ ingenuo, e de simplicidade columbina. Com estas bellas qualidades, e com a sua conducta modesta, exemplar, e edificante, se fazia amavel entre domesticos, e estranhos. Depois de servir seis annos ao Seminario com plena satisfaçaõ de toda a communidade, e dos Prelados concluio a clausula da sua vida com morte preciosa, recebendo os ultimos Sacramentos com devoçaõ, e fervor, e inteiro conhecimento de que morria. Morreo de enfermidade hectica.

478 No anno de 1788 terminou a carreira de seus dias com morte de Justo no Seminario de Varatojo com mais de oitenta annos de idade o Irmaõ Rodri-

drigo de Jesus, Donato do mesmo Seminario, e no seculo filho do Hospital Real de Lisboa. Servio este bom, e memoravel Irmaõ o Seminario com grande edificaçaõ, amor, e zêlo pelo espaço de cincoenta e oito annos. Era insigne Official de Canteiro. Fez as mesas de mármore preto, e quasi crystalino, onde na Sancristia se poem os calices, e as bellas tocheiras do Altar Mór do mesmo engraçado mármore. Tambem ajudou a fazer as grades de mármore, que servem para a communhaõ, a Capella da Senhora das Dôres, o ladrilho da mesma, e da Capella Mór, o ladrilho da Sancristia, e Hospedaría, as sepulturas do Capitulo, o Dormitorio da parte do laranjal com o Noviciado, e todas as obras que se fizeraõ em quanto elle viveo. Foi muitos annos Hortolaõ com grande utilidade da Communidade. Tinha genio forte, mas sabía vencê-lo, e tirar delle merecimento pelos gloriosos triunfos que alcançava de si mesmo contrafazendose. Foi zelador acérrimo das observancias, costumes, e ceremonias do Seminario, e do que dizia respeito ao bom nome, crédito, e conceito do mesmo. Era de inviolavel segredo em tudo o que se passava na Communidade,

de, e lhe encommendavaõ os Prelados.

479 Dentro, e fóra do Seminario entre domesticos, e estranhos, sempre o Irmaõ Rodrigo edificou com seu bom exemplo, e conducta exemplar irreprehensivel; sabía ajuntar a santa simplicidade columbina com a sagacidade, e prudencia de serpente, que recommenda o Evangelho. Era taõ amante zelador da pobreza Evangelica que praticava, como se a tivesse professado, e morreo pobrissimo, como verdadeiro, e legitimo Filho de S. Francisco, ainda que só professo na Veneravel Ordem Terceira da Penitencia. A modestia, a gravidade, a seriedade, o recolhimento, a discriçaõ, a alegria do espirito, e a affabilidade de que era dotado este bom Irmaõ, junto com o seu comportamento irreprehensivel, o fazia amado de todos. Elle edificando aos Seculares com suas palavras todas de Deos, e de cousas espirituaes, e ainda mais com suas virtudes, e vida exemplar, sempre desconfiado de si, nunca entrava nas casas interiores dos mesmos Seculares, a pesar das maiores instancias que elles lhe faziaõ. Por este santo temor, e desconfiança de si mesmo, por esta vigilante cautéla em

fu-

fugir ſempre de mulheres, e de nunca querer eſtar ſó com ellas, mereceo venturoſamente que Deos lhe conſervaſſe immaculada a precioſa joia da caſtidade. Foi ſempre caſto, porque ſempre foi acautelado, e porque trazia ſempre diante dos olhos a ſua fraqueza, e o ſanto temor de Deos. Ainda no Seminario advertia zeloſo algum defeito, e imperfeiçaõ que conhecia entre os outros Irmaõs Donatos, como tambem em algum deſcuido que via nelles a reſpeito das couſas da Communidade. Algumas moleſtias, e falta de reſpiraçaõ que padeceo em ſeus ultimos annos, naõ impediaõ o ſeu fervor para continuar os laborioſos exercicios proprios dos Irmaõs Donatos em Varatojo. Finalmente eſte bom, e memoravel Irmaõ Rodrigo de Jeſus, cheio de virtudes, de merecimentos, e de dias, terminou a carreira da ſua vida mortal com inteiro conhecimento da morte proxima, reſignado na vontade de Deos, roborado com os Sacramentos da Igreja que pedio, e recebeo com ternura, e devoçaõ, aſſiſtido dos Religioſos do Seminario, os quaes vendo a morte plácida deſte ſervo de Deos, ficáraõ na pia crença de que ſua alma ſubíra logo ao Céo a gozar o premio

das

das suas virtudes. Fez se-lhe Officio, e se lhe disseraõ as Missas da mesma sorte que se elle fosse Religioso professo em Varatojo.

CAPITULO XXXIV.

Vidas de alguns Serventes Moços do Seminario, que fallecêraõ em boa opiniaõ.

480 PElos annos de 1749 acabou a vida mortal com morte preciosa fortalecido com os Sacramentos da Igreja Domingos dos Santos, Moço exemplar, e devoto do Seminario de Varatojo, onde morreo depois de o ter servido pelo espaço de vinte annos, sem querer, nem receber soldada, nem outro estipendio, senaõ o da alma, com plena satisfaçaõ da Communidade, e edificaçaõ dos mesmos Seculares, que lhe chamavaõ o Moço santo. Era natural da Provincia do Alemtejo Arcebispado d'Evora, donde veio movido de huma Missaõ com o destino de tomar em Varatojo o Habito de Irmaõ Leigo, ou de Irmaõ Donato. Naõ havendo entaõ lugar para entrarem mais Irmaõs Leigos, nem Donatos em Varatojo, que faria o fervoroso mancebo?

bo? Protestou de naõ voltar jamais para o seculo, nem jamais sahir do Seminario, offerecendo-se para o servir nos officios mais laboriosos, e mais humildes tanto dentro do Seminario, como fóra delle. Pedio ao Prelado que ao menos o acceitasse para Moço da Communidade, que fazia grande gosto de a servir de graça em toda a sua vida, com tanto que o admittisse para Irmaõ Terceiro de S. Francisco. Assim succedeo. Ficou servindo de Moço em Varatojo; foi fortemente atacado com muitas tentaçoens dos tres inimigos da alma, *Mundo*, *diabo*, e *carne*, para que sahisse de Varatojo, e voltasse para o seculo, onde se podia tambem salvar. Porém o fiel servo de Deos aconselhado, e animado por seu Director espiritual, soube com os soccorros da Graça triunfar das tentaçoens. Perseverou constante na vocaçaõ de servir a Communidade com edificaçaõ de domesticos, e estranhos, e com tal amor, zêlo, alegria, e fervor, que no exercicio das virtudes, na Oraçaõ, na obediencia, na abnegaçaõ da propria vontade, e rendimento do juizo nas observancias, e costumes do Seminario, naõ se distinguia de hum perfeito Religioso.

No

481 No anno de 1771 falleceo em Varatojo com morte de Predestinado no conceito dos Religiosos do Seminario, e dos Seculares das suas visinhanças o memoravel servo de Deos Francisco dos Santos, Filho da Ordem Terceira da Penitencia do Seraphico P. S. Francisco, e Moço do Seminario por espaço de mais de cincoenta annos. Era natural de Moimenta da Beira, Bispado de Lamêgo; tendo perto de trinta annos de idade, movido de Deos se resolveo a deixar a patria, amigos, e parentes, e fugir para Varatojo com o fim de fazer penitencia, e servir o Seminario gratuitamente em quanto fosse vivo. Sendo acceito para Moço da Communidade deo taes provas no serviço della, e muito mais no de Deos, que por suas virtudes, e vida exemplar em quanto viveo, podia servir de Regra, e modélo de perfeiçoens naõ só aos Seculares, mas tambem aos Religiosos, e por isso digno de eterna memoria em Varatojo, e suas visinhanças, onde foi conhecido, e venerado, como homem Justo.

482 Era este servo de Deos inteiro desprezador do Mundo, das riquezas caducas, e de si mesmo. Conti-

nua-

nuamente trazia na ſua lembrança a eternidade. Taõ embriagado andava com as couſas da outra vida, que entre os Seculares, eſquecido de ſi, ſó fallava nellas. Elle ſegundo a direcçaõ do ſeu Confeſſor commungava duas vezes cada ſemana, e em algumas occaſioens com mais frequencia, jejuava Sextas, e Sabbados, e alguns dias a paõ, e agua; uſava de cilicio certas horas, e dias que lhe permittia o ſeu Director eſpiritual; ſem licença, e permiſſaõ do qual nada queria obrar. Viſitava nos dias Santos, que ſe achava no Seminario, a Via-Sacra. Flagellava ſeu corpo com frequentes diſciplinas. Trazia por inſeparavel companheira a mortificaçaõ dos ſentidos, principalmente a viſta, de tal ſorte que parecia Noviço na modeſtia com que fallava aos Seculares, particularmente entre mulheres ſempre com olhos em terra; jamais tocou, nem ſe deixou tocar de nenhuma, e aſſim venturoſamente conſervou immaculada a ſua caſtidade, ſem nunca a manchar com peccado impuro.

483 Reſplandeceo eſte ſervo de Deos em tanta humildade, que em obſequio deſta virtude, nas jornadas frequentes que fazia á Côrte, conduzindo

do o macho da Communidade, ainda que elle naõ foſſe carregado, jamais o víraõ montar a cavallo, mas ſempre a pé com o macho atraz de ſi, e com as contas na maõ rezando. Quando algumas peſſoas lhe diziaõ: Franciſco, porque te naõ poés a cavallo? Elle com disfarce lhe reſpondia, dizendo: Por ora ainda naõ he tempo, que vou rezando eſtas contas, e algumas devoçoens. Era taõ pontual ás mais leves inſinuaçoens dos Prelados, que ſempre eſtes o achavaõ prompto em tudo o que lhe mandavaõ? E quando lhe conſtava da vontade delles a reſpeito de alguma couſa, logo elle diligente, prompto, alegre, e fervoroſo, a fazia, ſem eſperar outra recommendaçaõ. Reſpeitava nos Prelados a Deos, e a ſua voz, como a voz do meſmo Deos. Foi eſte memoravel Servente Franciſco dos Santos ſempre inimigo declarado da ocioſidade. Quem buſcaſſe a eſte fiel ſervo de Deos, quando naõ eſtiveſſe trabalhando na cerca, regando na horta, lavando no lavatorio, ou occupado em exercicios da obediencia, o acharia na Igreja de joelhos orando, rezando, ouvindo Miſſas, ou viſitando Via-Sacras. Nunca bebeo vinho, nem agua

ardente, nem tomou tabaco. Foi devotiſſimo da Senhora do Sobreiro. Cuidava, como Sancriſtaõ, do Altar da meſma Senhora, quando Ella eſtava na mata, e quando deſta a traziaõ em Prociſſaõ para a Igreja por occaſiaõ da ſua feſta, entaõ mais que nunca, elle, como tranſportado, e banhado de prazer, vinha acompanhando, cantando, e tocando os devotos inſtrumentos de hum tambor, e flauta paſtoril cercado de meninos. Piamente podemos crer que a meſma Soberana Senhora lhe remunerou eſtes obſequios, que lhe tributava a ſua devoçaõ cordial com a precioſa morte, que elle teve no dia da Viſitaçaõ da meſma Senhora, recebidos todos os ultimos Sacramentos com perto de oitenta annos de idade. Elle, ſendo Secular, e Moço da Communidade, teve vida, e virtudes de perfeito Religioſo. E como ſe foſſe Religioſo do Seminario, aſſim ſe lhe fez Officio, e ſe lhe diſſeraõ as Miſſas. Era eſte ſervo de Deos de eſtatura baixo, do roſto claro, e alegre. Com permiſſaõ dos Prelados trazia o cordaõ de S. Franciſco cingido á cinta publicamente.

484 No anno do Senhor de 1773 terminou a carreira de ſeus dias no Semi-

minario de Varatojo com ſignaes naõ equívocos de eterna predeſtinaçaõ o ſervo de Deos Agoſtinho da Conceiçaõ. Era natural d'Albergaría a velha, em outro tempo Biſpado de Coimbra, e preſentemente d'Aveiro. Achando-ſe na Villa d'Alhandra do Patriarchado, veio movido da vocaçaõ de Deos a Varatojo pedir o Habito de Irmaõ Leigo, ou Donato, foi acceito pelo Guardiaõ do Seminario. Voltando porém Agoſtinho á referida Villa para ajuſtar humas contas, ſe demorou ſeis mezes, dentro dos quaes terminou o Guardiaõ o ſeu governo no Seminario, e ſeu Succeſſor acceitou outro Irmaõ Donato, donde naõ teve lugar Agoſtinho de tomar o Habito quando tornou a Varatojo; ficou cheio de ſentimento. Porém proteſtando nunca voltar ao ſeculo pedio com inſtancia de lagrimas ao Guardiaõ, que ao menos o acceitaſſe para Moço do Seminario, que tinha por grande honra ſervir toda a ſua vida de graça a Communidade nas occupaçoens mais humildes, e laborioſas do Seminario. Porque eſtava na firme reſoluçaõ de nunca jamais deixar a caſa para onde Deos o chamára.

485 Aſſim ſuccedeo. Ficou para

Moço do Seminario, onde fez vida exemplarissima, e edificante com a maior satisfaçaõ da Communidade, portando-se com tal modestia, gravidade, e recolhimento entre os Seculares, que parecia Religioso o mais observante, e mortificado no seu comportamento. Taõ pontual queria ser na obediencia, que sempre o acháraõ prompto os Prelados em tudo o que lhe mandavaõ, ainda que houvessem frios, chuvas, lamas, e calores, ou elle estivesse fatigado, ou de trabalho pesado, e de jornadas remotas; jamais da sua boca se ouviaõ escusas, mas antes elle mesmo se offerecia aos Prelados para os exercicios mais pesados, e laboriosos do Seminario, como tambem se offerecia aos Religiosos para lhes lavar os Habitos, e serví-los no que elles quizessem.

486 Guardava pontualmente a Regra da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia em que era professo. Tomava disciplina com a Communidade, e pedia a seu Confessor licença para fazer mais penitencias de que usava com licença, e direcçaõ do mesmo Confessor. Teve tal desapêgo á patria, e aos parentes que nella tinha, e alguns Clerigos, e outros assás ricos, e abundan-

tes de bens temporaes, que nunca lá quiz tornar depois que entrou em Varatojo. Fazia todos os dias indifpenfavelmente Oraçaõ duas vezes, e á noite exame de confciencia por mais cançado que fe achaffe. Confeffava-fe frequentemente, e commungava duas, e algumas occafioens mais vezes cada femana. Jejuava Sextas, e Sabbados. Rezava todos os dias a coroa á Santiffima Virgem Mãi de Deos, e tambem ouvia Miffa todos os dias commungando fempre nella efpiritualmente. Affim vivia, e affim florecia em virtudes dentro, e fóra do Seminario de Varatojo o fiel fervo de Deos Agoftinho da Conceiçaõ, quando huma grande quéda que deo, e defprezou, lhe chamou pela morte. Naõ baftando todos os remedios da arte, que folicitou a caridade do Prelado para atalhar a moleftia, a qual declinando em febre hectica brevemente levou a efte fervo de Deos á fepultura. Achando-fe elle em feu juizo, e inteiro conhecimento da morte proxima, fe prevenío para ella com ferventes Jaculatorias, e os ultimos Sacramentos da Igreja que pedio, e recebeo banhado em ternura, e devoçaõ. Pouco depois de os ter recebido com affiftencia de Religiofos

en-

entregou placidamente o eſpirito ao Creador. Mandou logo o Prelado do Seminario fazer ſuffragios, e celebrar Miſſas por alma deſte fiel, e memoravel Servente do meſmo Seminario.

APPENDICE.

COMPENDIOSA NOTICIA
das Vidas de alguns memoraveis Irmaõs Terceiros, que no lugar de Varatojo, e ſuas viſinhanças vivêraõ, e morrêraõ ſantamente.

CAPITULO I.

Vida, e morte das penitentes, e exemplares irmãs: D. Anna Maria Pedreira da Ponte: Izabel de Jeſus, e D. Gerarda de Caſtro, illuſtres Matronas, que com precioſa morte fallecêraõ no lugar de Varatojo.

487 NAda parece certamente que ſeja mais capaz, nem que tenha mais influencia, e força para mover a obrar bem, e ſeguir as verêdas do Céo, que a vida exemplar dos ſervos de Deos. Ainda que elles por humildes, ſeparados inteiramente do commercio das gentes, vivaõ eſcondidos, e entranhados nas covas, e ſolidoens dos ermos, e remotas Thebaidas, de lá meſ-

mo

mo ſoaraõ no Mundo os écos, e clamores da penitencia, da virtude, e ſantidade. De lá meſmo ſeraõ capazes, e poderoſos eſtes vivos exemplares da penitencia para arrancar do ſeio das delicias, e prazeres do ſeculo, e ainda do regaço dos Palacios a grandes perſonagens de hum, e outro ſexo, deliberando-ſe goſtoſos buſcar na ſolidaõ aos ſervos de Deos, a fim de fazerem tambem penitencia, e ſerem por elles inſtruidos, illuminados, e dirigidos no caminho do Céo, e perfeiçaõ Chriſtã. Bem ſabemos que a vida penitente, Evangelica, e exemplar, que antigamente fazia S. Jerónymo na Paleſtina, foi a voz eloquente, e efficaz, que chamou para Belem, e viſinhança dos Lugares Santos a inſignes Varoens, e illuſtres Matronas, e Senhoras Romanas, como S. Paula, e outras que veneramos em noſſos Altares. Da meſma ſorte a vida edificante, exemplar, e Apoſtolica, que por eſpecial beneficio do Céo ſe pratíca em Varatojo, e o zêlo da ſalvaçaõ das almas que moſtraõ os Filhos deſte Seminario por meio de ſuas fervoroſas Miſſoens, tem chamado naõ ſó para dentro de ſeus clauſtros illuſtres Varoens, como de alguns delles já dei-

xa-

xamos acima feita honorífica memoria: mas tambem por especial beneficio do Céo o bom nome, e conceito de Varatojo tem attrahido para suas visinhanças a muitas pessoas, que, professando na Ordem Terceira da Penitencia, vivêraõ, e morrêraõ santamente na pia opiniaõ do povo, cujas cinzas se veneraõ nos claustros de Varatojo. Entre outras muitas merecem particular memoria as seguintes.

488 Pelos annos de 1764, ou pouco mais, falleceo no lugar de Varatojo com opiniaõ geral de mulher santa a serva de Deos irmã Anna com perto de noventa annos de idade. Era natural de Torres Vedras em nobreza das principaes familias desta Villa. Chamava-se, antes de passar para o retiro de Varatojo, D. Anna Maria Pedreira da Ponte. Ella com o fim de fazer penitencia, e se unir mais a Deos, seguindo as pisadas de S. Francisco, entrou, e professou na sua Veneravel Ordem Terceira de Torres Vedras sujeita á direcçaõ do Commissario Visitador de Varatojo. Ainda que ella tinha vivido com honestidade, e decente comportamento de modesta Senhora donzella desde seus primeiros annos, tanto que entrou na Ordem da Peniten-

tencia, depoz todas as galas, e ornatos de que usava para se vestir de Jesu Christo, e da preciosa vestidura das virtudes. Para este fim buscou o retiro de Varatojo, onde em huma casinha pobre similhante á cella de huma Freira Capucha Reformada vivia com huma criada, occupada em exercicios piedosos, e no trabalho honesto de suas maõs. Andava vestida com Habito público de Terceira, e só deste modo sahia da sua casinha para ir á Igreja do Seminario buscar no Confessionario as direcçoens de espirito, que lhe dava o seu Confessor P. Fr. Gaspar da Virgem Maria, e receber o Senhor Sacramentado naõ só nos Domingos, mas a maior parte dos dias. Na mesma Igreja tinha duas horas de Oraçaõ diariamente, além do exercicio da Via-Sacra, que visitava tambem todos os dias. Usava frequentemente de disciplina, e cilicio para mortificar a sua carne naquelles dias, e horas que determinava o seu Director espiritual. Guardava silencio, trazia a Deos na sua viva lembrança. Esmerava-se na perfeiçaõ das virtudes, principalmente da obediencia, humildade, caridade, e castidade. Naõ deixou de padecer horriveis tentaçoens; porém de todas alcan-

cançou com a Graça de Deos, e com a perſeverança, que teve em ſeus devotos exercicios, glorioſos triunfos. Tambem experimentou algumas moleſtias, que lhe ſervíraõ para motivo de merecimento por meio da paciencia, e conformidade com a vontade de Deos. Morreo neſte Senhor placidamente depois de ter exercitado por mais de quarenta annos nos mencionados exercios vida quaſi Angelica. Foi ſepultado ſeu cadaver no Seminario de Varatojo.

489 No anno de 1770 acabou os dias da ſua vida mortal com opiniaõ de mulher Juſta no lugar de Varatojo Izabel de Jeſus. Era natural do Biſpado do Porto, da Comarca da Feira. Donde inſpirada por Deos fugio para Varatojo, a fim de fazer penitencia, e livrar-ſe dos perigos de offender ao Senhor na ſua naturalidade entre ſeus parentes. Viveo eſta virtuoſa mulher perto de quarenta annos no lugar de Varatojo occupada no officio de tecedeira recolhida em huma caſinha, fazendo vida taõ exemplar, e taõ edificante, que podia ſervir de Regra, e modélo a perfeitas Religioſas. Eis-aqui o regulamento das horas deſta ſerva de Deos, que ſoube unir os exercicios de

Mar-

Martha aos emprêgos, e contemplaçoens de Maria. Ella regulava a tarefa da sua vida de tal sorte, e ordenava seus piedosos exercicios com taõ santa destreza, e judiciosa prudencia, que no honesto trabalho das suas maõs, e no seu tear conservava a presença de Deos. Ella fóra das horas da Oraçaõ, da Santa Missa, e alguns exercicios espirituaes que lhe regulava o seu Confessor, inimiga declarada da ociosidade, sempre estava occupada no seu honesto trabalho.

490 Ás cinco horas da manhã hia cheia de fervor para a Igreja, onde ouvia a Santa Missa, e assistia á Oraçaõ por espaço de huma hora; e commungava sendo dia Santo, de Indulgencia, Jubileo, ou especial devoçaõ, segundo a direcçaõ do seu Padre espiritual. Junto das sete horas se recolhia á sua casa, onde empregava o resto da manhã até ao meio dia tecendo no seu tear. Depois de dar a moderada refeiçaõ, e descanço ao corpo tornava a tecer até pouco depois das cinco horas da tarde. Ouvindo nesse tempo tocar o sino da Communidade para Completas, hia logo para a Igreja, onde tinha huma hora de meditaçaõ na mesma occasiaõ que a tinhaõ

os

os Religiosos no Côro. Usava de frequentes disciplinas. Huma enxerga de palha, e ás vezes huma taboa lhe servia de cama. Visitava todos os dias a Via-Sacra. Empregava os dias Santos em lér livros piedosos, e em visitar, e consolar algumas mulheres enfermas do lugar de Varatojo, e ensinar a Doutrina a meninas. Jamais appareceo na Portaria de Varatojo a pedir outra cousa, que naõ fosse direcçoens para o seu espirito. Viveo sempre inflammada no amor de Deos, e do proximo. Correspondeo a sua morte placida á sua vida santa. Morreo no Senhor. Foi seu cadaver sepultado no claustro do Seminario.

491 A 28 de Julho de 1774 falleceo piamente no Senhor no lugar de Varatojo a virtuosa Senhora, e illustre Matrona D. Gerarda de Castro, mulher que fôra de Antonio Homem de Magalhaens Pereira, natural de Santarem, a qual a exemplo de S. Paula, que por Belem deixou Roma, assim esta veneravel Matrona D. Gerarda, vendo-se livre dos vinculos do Matrimonio, antepoz o retiro de Varatojo á sua grande casa de Santarem, e tambem á de seu genro Sebastiaõ de Almeida Trigozo, e de seu neto

Fran-

Francisco Mendo Trigozo Pereira de Magalhaens, Senhores da Quinta Nova, hum, e outro Capitaõ Mór da Villa de Torres Vedras. Viveo o resto da sua vida no retiro de Varatojo occupada com suas criadas no honesto trabalho de suas maõs, em todo o tempo que lhe sobrava dos exercicios de piedade, regulados pelo seu Director espiritual que tinha no Seminario. Confessava-se ordinariamente todos os Sabbados, e nas Quintas feiras, commungando nestes dias, e em todos os festivos, de Indulgencia, Jubileo, ou de especial devoçaõ. A sua c sa parecia huma clausura. Guardava silencio, como se fosse Religiosa. Era fervorosa na Oraçaõ, que tinha cada dia por espaço de duas horas, e ás vezes tres. Lia livros devotos. Examinava a consciencia ao meio dia, e á noite. Repartia frequentes esmólas. Guardava a Regra da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco, na qual era professa. Andava vestida de huma tunica, ou Habito pardo de lã, cingida com o cordaõ de S. Francisco. Depois de continuar muitos annos neste theôr de vida austéra, e exemplar mereceo por ella aos olhos da nossa consideraçaõ o premio da eterna Gloria de

que

que foi pronóstico a sua plácida morte, e conhecimento, que della teve, quando recebeo os ultimos Sacramentos com assistencia dos Religiosos de Varatojo, que celebrárao todos Missa por sua alma, e derao sepultura a seu veneravel cadaver no claustro do mesmo Seminario.

CAPITULO II.

Vida das duas irmãs exemplares Josepha Gambôa Rios, e Margarida Rios: Maria da Conceiçaõ, e Thomásia Josepha de Jesus.

492 A 25 de Julho de 1779 falleceo com opiniaõ de grande virtude no lugar de Varatojo a illustre donzella Josepha Gambôa Rios, natural da Villa da Lourinhã, donde viéra assistir em huma Quinta junto da Igreja da Ponte do Rol, e dahi veio para o lugar de Varatojo, onde em companhia de duas criadas, e de huma virtuosa irmã, e tambem irmã nos exercicios de piedade Margarida Rios, que falleceo no Senhor em Setembro de 1785, passou o resto da sua vida. Toda ella foi inculpavel, edificante, e exemplar

nos

nos olhos de todos, empregada no trabalho honesto de suas maõs, e em exercicios de penitencia, jejuns, Oraçaõ, Via-Sacras, frequente confissaõ, e communhaõ, e outros exercicios de piedade regulados pela prudente direcçaõ do seu Confessor o V. P. Fr. Bernardino de Santa Maria de Jesus, que dirigia o espirito destas virtuosas, e illustres donzellas, as quaes em seu comportamento exemplar, no fervor do espirito, na pureza da consciencia, na prática das virtudes, especialmente na caridade, humildade, castidade, obediencia, paciencia, recolhimento, silencio, reverencia na casa de Deos, e a seus Ministros, chegáraõ á alta perfeiçaõ em sua vida, e merecêraõ terminá-la placidamente depois de receberem os Sacramentos com devoçaõ, preparaçaõ, e conhecimento, com morte ambas de predestinadas, segundo a pia crença de quem lhes assistio, e admirou as suas heroicas virtudes. Deo-se sepultura a seus corpos dentro do Seminario, onde a alma de huma, e outra tiveraõ Oraçoens, e distinctos suffragios. Eraõ Filhas da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia.

493 A 22 de Maio de 1784 falleceo no lugar da Caxaria Freguezia

de

de Dous-Portos termo da Villa de Torres Vedras, legoa, e meia diſtante de Varatojo, Maria da Conceiçaõ com morte ſanta na pia credulidade das peſſoas, que víraõ, e admiráraõ as ſuas raras virtudes, e aſſiſtíraõ ao ſeu tranſito. Teve em ſeu comportamento o nome de Heroina, e de mulher forte. Fugio da Provincia do Minho para eſcapar aos inimigos de ſeu eſpirito, e verdugos de ſua caſtidade; e dizem, que disfarçada em trage de homem com a eſpada á cinta. Tinha porte, e ar de Senhora, e dava evidentes ſignaes de nobre educaçaõ que tivera. Porém jamais quiz deſcobrir a propria Freguezia da ſua naturalidade. Julga-ſe que fugio da ſua patria por conſelho do ſeu Confeſſor o V. P. Fr. Bernardino de Santa Maria de Jeſus, a quem chamáraõ Apoſtolo do Minho pelos grandes fructos que com ſuas fervoroſas Miſſoens fez neſta Provincia, donde fugio Maria da Conceiçaõ para as viſinhanças de Varatojo, onde ella vinha receber as direcçoens de ſeu eſpirito heroino, em quanto viveo com ſaude corporal.

494 Jamais eſta ſerva de Deos foi pedir eſmóla á Portaria de Varatojo. Só buſcava o alimento eſpiritual, e

nunca o temporal, no Seminario. Suſtentava-ſe do que adquiria pelo decente trabalho de ſuas maõs, que ſempre lhe ſobrou para paſſar a vida. Foi Filha da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia do Seraphico P. S. Franciſco. A vida, que eſta ſerva de Deos fez nas viſinhanças de Varatojo por mais de quarenta annos, foi verdadeiramente hum complexo, e cadeia de exercicios penaes, e de virtudes heroicas, que ella praticou até aos ultimos quarteis da ſua velhice, em que ſuſpendeo algumas penitencias corporaes por cauſa de huma graviſſima moleſtia, e exceſſivas dôres de que foi accommettida. Tambem deſtas tirou o merecimento da paciencia, e conformidade. Longe de ſe entriſtecer com a enfermidade, e dôres que padecia, mas antes ella com ar de alegria lhes chamava mimos de Deos. Antes de adoecer gravemente trazia por inſeparavel companheira a mortificaçaõ dos ſentidos, e a penitencia corporal. Jamais queria levantar a maõ do açoute com que caſtigava as rebeldias da ſua carne. Era tal o odio ſanto com que ſe enfurecia contra eſte inimigo, que tiraria a vida a ſi meſma, ſe o Confeſſor lhe naõ moderaſſe o ſeu fervor. Naõ ſó punha o ſeu eſtudo em

caſ-

caſtigar ſeu corpo com diſciplinas, e cilicios, jejuns, cama dura, comida moderada, e inſipida, mas tambem em vencer, moderar, e regular as paixoens. Para eſte fim dirigia, e encaminhava os exercicios da Oraçaõ contínua, e preſença de Deos actual, confiſſoens, e communhoens frequentes com devota preparaçaõ, e fervor de eſpirito de liçaõ eſpiritual, e exercicio da Santa Via-Sacra, onde tinha as delicias do ſeu coraçaõ. Tendo pois eſta ſerva de Deos por fructo dos exercicios mencionados, reſplandecido em profunda humildade, em caſtid de Angelica, em obediencia prompta, em ardente caridade, em paciencia ſingular, perſeverando conſtante em aſpirar á maior perfeiçaõ das virtudes, recebidos em fim os ultimos Sacramentos com ternura de eſpirito, e devoçaõ, e pedido que ſeu corpo ſe enterraſſe em Varatojo, entregou placidamente o eſpirito ao Creador. Foi ſepultado no clauſtro do Seminario o veneravel cadaver deſta mulher forte.

495 A 18 de Janeiro de 1787 falleceo piamente no Senhor no lugar de Varatojo a ſerva de Deos Thomáſia Joſepha de Jeſus, Irmã Terceira de S. Franciſco da Veneravel Ordem da

Penitencia. Era natural de Lisboa. Viveo perto de cincoenta annos no retiro de Varatojo no eſtado de donzella, occupada ſempre no honeſto trabalho de ſuas maõs, e em exercicios de piedade na companhia de huma criada, fazendo na terra vida de alguma ſorte Angelica pela prática das virtudes que ſe lhe admiráraõ, eſpecialmente profunda humildade, obediencia prompta, caridade ardente, caſtidade immaculada, que conſervou até á idade de perto de oitenta annos, em que depois de receber os ultimos Sacramentos terminou ſeus dias, entregando com ſerenidade de conſciencia o eſpirito ao Creador. Foi ſeu corpo ſepultado no clauſtro do Seminario, onde eſta grande ſerva de Deos hia em vida buſcar as direcçoens para o ſeu eſpirito no Sacramento da Confiſſaõ, e roborá-lo com o Celeſtial alimento do Senhor Sacramentado.

CAPITULO III.

Vida admiravel da donzella Catharina de Jesus: Iria: e do servo de Deos Manoel Francisco: Apollonia Francisca: Maria de Lobrigos, e noticia da temeraria donzella que quiz servir de Donato em Varatojo.

496 A 28 de Janeiro de 1787 passou do desterro desta vida mortal para o descanço eterno, como se crê piamente, a memoravel virgem Catharina de Jesus, natural da Freguezia de Arranhol do Patriarchado distante tres legoas de Varatojo, Filha da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia do Seraphico P. S. Francisco, acclamada já em vida na voz do povo, que vio, e admirou suas virtudes, por mulher santa. Assistia antes da sua preciosa morte em huma casinha, que ella mandou fazer no retiro de Varatojo perto do Seminario, onde tinha por Director do seu espirito ao V. P. Fr. Bernardino de Santa Maria de Jesus. Naõ tinha esta casinha mais de nove palmos de comprimento, e outros tantos de largu-

gura. Na mesma tinha a sua cama, que era huma esteira com hum páo, ou pedra por cabeceira. Nella tomava a sua disciplina, segundo a ordem do seu Padre espiritual, sem cuja licença, dizia ella, que naõ desejava beber hum vaso de agua, nem ainda dar huma respiraçaõ. Além de huma grosseira tunica de lã que trazia em lugar de camisa, que lhe servia de pungente cilicio, usava de huma santa invençaõ para mortificar seu corpo com outro cilicio de arame todas as noites, e de que modo? Assentava-se nelle em quanto rezava a Estaçaõ, em quanto fazia os Actos das virtudes Theologaes, e em quanto dizia toda a Doutrina Christã. Em hum manuscripto de certa pessoa de toda a fé, dirigido a outra, fallando da serva de Deos de que acabo de escrever, diz assim: « Catharina » Maria de Jesus com quem tive estreita amizade assistindo por muitos » annos na companhia della na sua casinha de Varatojo, posso dizer, e asseverar, que ella por muitos annos » nunca dormio senaõ encostada a hum » pequeno travesseiro, tendo só o chaõ » por cama, e tambem por muitos » tempos a sua camisa era huma tunica de serguilha de que usava, sen- » do

» do huma branca, outra eſcura. O
» jejum era bem contínuo; e a diſci-
» plina era bem rigoroſa, ainda que
» a tomava com todo o recato. Tam-
» bem o tempo de rezar as rezas vo-
» caes levava huma hora aſſentada em
» cilicios, além de ſe achar coberta
» de bichinhos que coſtuma criar o
» corpo, que lhe eraõ hum contínuo
» cilicio. Era Terceira, e trazia o cor-
» daõ de S. Franciſco. A ſua carida-
» de era inexplicavel, que chegava a
» toda a qualidade de peſſoas. Eu ſou-
» be de humas tantas que ella reme-
» deou. A huma familia que tinha mui-
» tos filhos, lhe deo ella hum cober-
» tor para os cobrir; e a outras deo
» veſtidos. E as peſſoas que deſejavaõ
» ter alguns inſtrumentos de peniten-
» cia, ella lhos comprava, e a tudo
» chegou a ſua caridade! »

497 Na meſma caſa lhe appareceo o demonio em figura de horrivel cobra, que affugentado com hum preceito que ella lhe poz, quando o vio ſe meteo fugindo pela chaminé, e deſappareceo. Era taõ caritativa eſta memoravel virgem, que muitas vezes vendo alguma mulher com a ſaya rota, e indecente, ella deſpia a ſua, enternecida para remediar a neceſſidade alheia.

alheia. A ſua devoçaõ ao Senhor Sacramentado era tal que jamais a víraõ commungar em Varatojo, que naõ foſſe ſempre com o roſto banhado em lagrimas. Offereceo eſta virgem, ſendo menina, o ſeu coraçaõ, e a ſua virgindade a Deos, fazendo voto de caſtidade á imitaçaõ da Santiſſima Virgem Mãi do meſmo Deos, por occaſiaõ de huma Miſſaõ de Varatojo que foi á ſua Freguezia. Foi taõ fiel em guardar o ſeu voto, e taõ acautelada em naõ arriſcar a precioſa joia da ſua caſtidade, que a conſervou ſempre immaculada, ſem jamais a manchar com o mais leve penſamento impuro. Pelo teſtemunho dos Confeſſores deſta virgem foi a ſua alma para a outra vida na Graça Baptiſmal, pois nunca a perdeo com culpa grave. Eu poſſo aſſeverar iſto meſmo com juramento, pois a ouvi de confiſſaõ muitas vezes, e lhe aſſiſti á ſua precioſa morte. E na verdade ao meſmo tempo que me conſolava a delicadeza da conſciencia, a pureza do corpo, e eſpirito, a ſublime perfeiçaõ de virtudes heroicas a que tinha chegado eſta venturoſa virgem, e grande alma, vivendo no ſeculo com virtudes, obſervancias, e coſtumes da mais perfeita Religioſa no clauſ-

claustro, me enchia por isso mesmo tambem de confusaõ, e santa inveja.

498 Tinha esta illustre virgem sufficientes rendimentos para viver com decencia no seculo, e ainda para professar em algum Mosteiro vida Religiosa. Porém a Providencia Divina, em tudo admiravel, dispoz que ella no retiro de Varatojo sem ser Freira por voto, e profissaõ fizesse vida como a mais perfeita Religiosa. Naõ encontrei em meus dias alma igual a esta na pureza de consciencia, no heroico das virtudes, e na perfeiçaõ do espirito. Taõ fervorosa era esta insigne, e memoravel virgem, que em muitos dias tinha naõ menos que nove horas de Oraçaõ na Igreja de Varatojo; a saber, seis de manhã desde as cinco até ás onze, e tres de tarde desde as duas até ás cinco, e algumas vezes até ás seis, e quasi sempre de joelhos, excepto quando visitava a Via-Sacra. Parecia toda espirito, e que seu corpo naõ era de carne, mas todo de bronze. Tinha o dom de lagrimas, e o coraçaõ taõ enternecido, que bastava ouvir fallar na Paixaõ do Senhor, ou Dôres da Senhora para se naõ podêr conter, que naõ chorasse, e sempre que recebia o Senhor Sacramen-

mentado, como se disse ha pouco, a viaõ banhada em lagrimas.

499 Foi de humildade taõ profunda, que se reputava pela creatura mais vil, e quando chegava aos pés do Confessor de ordinario dizia: Padre, aqui está huma tola. Foi de paciencia taõ singular, e de caridade taõ heroica, naõ só para soffrer injúrias, desprezos, calumnias, infamias, e testemunhos falsos que lhe levantáraõ, mas para perdoar com coraçaõ generoso a seus infamadores, e ainda beneficiá-los, e rogar a Deos por elles. Assim succedeo no caso seguinte. A pezar de ser esta virgem taõ singular imitadora da Purissima Mãi de Deos, naõ só no voto que fez de castidade nos seus primeiros annos, mas no testemunho que sempre deo com seu comportamento honesto de naõ arriscar esta preciosa, e inestimavel joia da pureza, cuidando, e cuidou sempre, solícita, e vigilante em a guardar da mais leve occasiaõ, e encontro onde ella podesse perigar, naõ dizendo, fazendo, ou pensando cousa que naõ fosse edificante, e propria de huma virgem imitadora, e Discipula da Santissima Virgem Mãi de Deos. Nada disto bastou para que o credito, e innocencia desta

desta virtuosa, e exemplarissima donzella deixasse de ser ferido pela aguda espada da calumnia em hum testemunho falso, e infamatorio, que lhe levantáraõ. Achava-se a serva de Deos por occasiaõ de visita em casa de huma irmã sua casada no Lugar da Calhandriz, huma legoa distante de Arranhol. Appareceo entaõ huma criança nesta Freguezia exposta a huma porta. Que juizo fariaõ os carnaes, e libertinos? Que palavras se ouviriaõ de suas bocas blasfemas, e impuras? Elles naõ vendo naquella Freguezia a serva de Deos julgáraõ logo com temeridade Pharisaica que ella estava occulta, e que era a mãi daquella criança. O mesmo que julgáraõ, publicáraõ, dizendo em toda a parte: Eis-aqui em que vieraõ a parar as Confissoens, e Communhoens frequentes da Beata Catharina. Agora se verá que ella he huma fanática, hypócrita, e famosa embusteira, que nos enganava a nós, e aos Confessores com a capa das suas invençoens, e decantadas beatices.

500 Teve ella noticia das calumnias infamatorias do seu credito, soube quaes eraõ os authores dellas. Sentio a carne fraca; mas naõ tomou Catharina outra satisfaçaõ dos impostores

da

da ſua reputaçaõ, e innocencia, ſenaõ pedir a Deos por elles na Oraçaõ, fallando-lhes com o meſmo agrado com que lhes coſtumava antes fallar, beneficiando-os como a ſeus maiores bemfeitores, e ſoccorrendo-os caritativa nas ſuas neceſſidades. Poz em prática as liçoens, que por palavra, e exemplo lhe enſinára Chriſto ſeu Divino Meſtre, e Eſpoſo. Toda a vida deſta venturoſa virgem foi hum ſagrado complexo, e cadêa de exercicios piedoſos de liçaõ eſpiritual, de Confiſſoens, e Communhoens frequentes, viſitas de peſſoas enfermas, e outras práticas de piedade, em todo o tempo que lhe reſtava do honeſto trabalho de ſuas maõs. Poſſo atteſtar, ſem o mais leve eſcrupulo de parecer encarecido, que tendo exercitado o emprêgo do Confeſſionario ha perto de quarenta annos, e ouvido de Confiſſaõ mais de quarenta mil almas, naõ encontrei nenhuma com virtudes mais ſólidas, nem com mais alta perfeiçaõ. Catharina de Jeſus verdadeiramente vivendo na terra, ſempre inflammada no amor de Deos, e do proximo, ſempre ſantamente occupada, ſempre com o penſamento no eterno, ſempre lembrada de Deos que a creou para o Céo,

fa-

fazia vida de alguma ſorte Angelica. Morreo na vigoroſa idade de 50 annos. Naõ foraõ as penitencias as que lhe abbreviáraõ a vida; pois eſtas praticadas com prudencia, longe de abbreviá-la, a dilataõ, e prolongaõ mais; mas morreo ferida de huma maligna que ſe lhe apegou em Torres Vedras entaõ meſmo, quando ſe achava no exercicio da ſua fervoroſa caridade, aſſiſtindo a humas amigas ſuas doentes. Dalli ſe conduzio o ſeu veneravel cadaver para o clauſtro de Varatojo, onde já ouvi dizer que ſe conſerva incorrupto.

501 A 24 de Abril de 1792 falleceo no lugar de Varatojo em cheiro de ſantidade o ſervo de Deos Manoel Franciſco, Filho da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia do Seraphico Padre S. Franciſco, com mais de 80 annos de idade. Era natural da Freguezia de Eixo de Aveiro, donde veio para as viſinhanças de Varatojo, das quaes vinha nos dias Santos ao Seminario pedir as direcçoens ao ſeu Confeſſor, e o regulamento do ſeu eſpirito, e penitencias que praticou em toda a ſua vida. Suſtentava-ſe do ſuor do ſeu roſto, trabalhando ſempre nos dias em que he permittido o trabalho. Sempre nelle conſervou a preſença de Deos.

Deos. E jamais elle hia para ſeu trabalho ſem primeiro fazer Oraçaõ, nem jamais ſe deitou na cama ſem rezar a Corôa da Santiſſima Virgem Mãi de Deos, ſem lhe tomar a bençaõ, ſem fazer exame de conſciencia depois de meia hora de Oraçaõ; ainda que naõ ſabia lêr, era douto, e tinha ſabedoria do Céo. Comprou humas caſas junto ao meſmo Seminario, onde morava, e onde fazia vida exemplariſſima, e retirada, como ſe eſtiveſſe na Thebaida.

502 Jamais ſe notou, nem conheceo neſte ſervo de Deos, vicio algum. Elle fugia ſempre, como de peſte, das más companhias. Trazia em toda a parte por companheiro o ſanto temor de Deos. Ainda que inimigo da ocioſidade, e amigo de eſtar ſempre occupado, jamais trabalhou, nem levemente, nos dias Santos. Daqui lhe vinha a luzir tanto o ſeu trabalho, que com elle, ſuppoſto vir pobre ſem couſa alguma da ſua naturalidade, adquirio naõ ſó para comprar as ditas caſas, e fazer eſmólas em vida, mas para em ſua morte teſtar varios Legados pios em obſequio da miſericordia, e caridade com os pobres, e indigentes das viſinhanças de Varatojo, e de alguns

guns parentes neceſſitados em ſua Freguezia. Toda a ſua vida foi irreprehenſivel, e impeccavel. Atteſtáraõ ſeus Confeſſores, e eu tambem, que fui hum delles, que nunca commetteo culpa grave, e que foi para a outra vida com a Graça baptiſmal. Foi ſeu corpo ſepultado em Varatojo. Era Filho da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia.

503 No anno de 1793 concluio a carreira da ſua vida mortal em Varatojo com opiniaõ de mulher juſta naõ ſó na voz do povo, mas de ſeus Confeſſores, a virtuoſa donzella Iria, Filha da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia. Era natural da Freguezia de Freiria, donde ſe retirou com huma criada. Neſte retiro, como ſe foſſe na mais eſtreita clauſura, debaixo da direcçaõ do ſeu Confeſſor, que tinha no Seminario, paſſou o reſto da ſua vida por mais de vinte annos, occupada no trabalho honeſto de ſuas maõs, na Oraçaõ, e penitencias que ſempre trouxe por inſeparaveis companheiras, em frequente Confiſſaõ, e Communhaõ, com devota preparaçaõ, e em outros exercicios eſpirituaes regulados por ſeu prudente Confeſſor. Depois de ſe confeſſar, e commungar

aca-

acabou ſantamente, como tinha vivido. Eſtá enterrado em Varatojo ſeu corpo.

504 No anno de 1795 falleceo piamente no Senhor no lugar de Varatojo Apollonia Franca, virtuoſa Matrona, Filha da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia do Seraphico Padre S. Franciſco, cuja Regra guardou em toda a ſua vida com a maior perfeiçaõ em todos os ſeus tres eſtados, de donzella, caſada, e viuva. Era natural da Freguezia de S. Pedro d'Azueira, onde foi baptizada no anno de 1713 a 19 de Fevereiro, e donde veio caſar ao lugar de Varatojo. A virtuoſa, e exemplar vida, e honeſtos coſtumes que tivera Apollonia Franca ſendo donzella em caſa de ſeus virtuoſos pais, conſervou depois com a bençaõ de Deos no eſtado de matrimonio, e de viuva. Porque fazia da ſua caſa clauſura, e eſcóla de virtudes, onde com palavras, e exemplos educava no temor de Deos Chriſtã, e ſantamente a ſua familia, e onde occupada com ſuas criadas no trabalho honeſto, tinha ſempre a Deos preſente. Ella de ſeus piedoſos exercicios, da ſua Oraçaõ, que fazia ſempre de manhã, e de tarde, da frequente Confiſſaõ, e

Com-

Communhaõ Sagrada, dos pungentes cilicios de que usava, da disciplina com que em certos dias flagellava seu corpo, dos jejuns que por devoçaõ fazia nas Sextas, e Sabbados de todo o anno, da leitura dos livros de piedade, do exame diario da sua consciencia, tirava por fructo a exacta, e pontual observancia da Lei de Deos, e dos preceitos da Santa Madre Igreja; ella observava estes, e aquella com tal fervor, que no espaço pouco mais, ou menos de setenta annos que viveo no retiro de Varatojo, jamais lhe conhecêraõ os Confessores culpa grave em sua consciencia.

505 Ella soccorria com maõ liberal aos pobres, e indigentes. E como sabía que o Seminario de Varatojo naõ tem outras heranças, nem rendas, senaõ as da Providencia Divina, e que todas as Missas, que nelle se dizem, se applicaõ sem estipendio de esmola pecuniaria particular pelos bemfeitores delle; ella querendo tambem entrar no número destes, e ser participante das Oraçoens dos mesmos, repetidas vezes soccorria, e favorecia a Communidade do dito Seminario. Dava para elle, em quanto foi viva, a farinha necessaria selecta, e escolhida

para Hoſtias, e Partículas que ſe gaſtavaõ na Igreja de Varatojo, onde ha dia que ſe miniſtra nove, e mais vezes a Sagrada Communhaõ ao povo. Morreo em fim eſta memoravel Matrona cheia de dias, de merecimentos, e virtudes, roborada com os ultimos Sacramentos da Igreja, com morte placida, aſſiſtida de Religioſos de Varatojo, onde tinha o Director do ſeu eſpirito. Fizeraõ-ſe por ſua alma diſtinctos ſuffragios no meſmo Seminario, celebrando todos os Religioſos Sacerdotes do meſmo por intençaõ deſta ſerva de Deos, cujo corpo ſe enterrou no clauſtro do Seminario.

506 Tambem pouco depois do meado deſte ſeculo morreo em boa opiniaõ huma mulher com o nome de Maria, e ſobrenome de Lobrigos, no meſmo retiro do lugar de Varatojo. Eſta mulher forte, e verdadeiramente Heroina por ſua vida penitente, conſiderada em noſſos dias como outra Plagia, e Maria Egypciaca, naõ por coſtumes vicioſos, e eſcandalos que ſe lhe notaſſem na primavéra de ſeus annos em ſua naturalidade, mas pela auſteridade da vida penitente, e fervor de eſpirito que ſe lhe admirou em Varatojo; era natural de Lobrigos,

gos, Provincia de Tras dos Montes, donde fugio por conselho, e direcçaõ do V. D. Fr. Lourenço de Santa Maria, que tinha alli missionado no anno de 1734, para longe da sua patria fazer penitencia, e servir melhor a Deos. Esta fiel á vocaçaõ Divina, passou o resto de seus dias no retiro do lugar proximo ao Seminario de Varatojo, occupada no honesto trabalho de suas maõs de que se sustentava, indo frequentemente á Igreja do mesmo Seminario pedir, e receber as direcçoens do seu espirito, purificando-o na fonte da Confissaõ, e roborando-o com o Celestial Paõ do Senhor Sacramentado, naõ só nos dias festivos, mas em todos aquelles em que tinha licença de se chegar á Santa Mesa, segundo o regulamento do seu Confessor. Neste modo de vida, de alguma sorte Celestial, perseverou Maria de Lobrigos até aos ultimos momentos que ella lhe durou, concluindo-a com morte preciosa no conceito das pessoas que a conhecêraõ. Foi seu cadaver sepultado no claustro de Varatojo, onde se conserva.

507 Julga-se que a fuga, que tentou esta serva de Deos, da sua patria, as virtudes que praticou, as peniten-

cias que fez no retiro de Varatojo; a morte feliz, que correſpondeo á ſua vida fervoroſa, deraõ occaſiaõ ao caſo ſeguinte, mais para ſe admirar, que para ſe imitar. Huma donzella chamada Engracia, de idade de 19, ou 20 annos, natural da Provincia de Tras dos Montes, baptizada, e aſſiſtente na Freguezia de Sanhoáne, proxima a Lobrigos, ſentindo ſoar em ſeus ouvidos os écos das penitencias que fizera no lugar de Varatojo, e a morte que lhe correſpondêra á ſua vida, Maria de Lobrigos, ſe reſolveo incauta, e inconſiderada ſeguir os paſſos da ſua compatricia, fugindo occultamente da caſa paterna em traje de mancebo, com deſtino de ir fazer penitencia, naõ em o lugar de Varatojo, mas dentro do meſmo Seminario com Habito de Irmaõ Donato. Com effeito eſta donzella ſem licença de ſeus pais, ſem approvaçaõ de Confeſſor, ſem outro conſelho, que o de ſi meſma, poz em execuçaõ ſeu tranſporte, e devoto furor. Fugio occultamente, e depois de ter tranſitado ſempre disfarçada em traje de mancebo a jornada de ſeſſenta legoas a pé, logo que chegou a Varatojo buſcou o Porteiro do Seminario, ao qual expôs ſua intençaõ, e deſejos de ſervir alli a occu-

pa-

paçaõ de Irmaõ Donato, cujo ſanto Habito vinha pedir ao Guardiaõ do Convento. Perſuadido o Porteiro das bellas qualidades, accidentes, e florente idade, que ſe lhe repreſentavaõ no ſuppoſto pertendente, o introduzio goſtoſo para dentro da clauſura, e foi logo dar parte ao Guardiaõ, perſuadindo-lhe efficazmente que acceitaſſe taõ bello pertendente.

508 Reſolveo o Guardiaõ que ſe chamaſſe a Fr. Affonſo de Jeſus Maria, Miſſionario neſſe tempo dos mais antigos, e experimentados, para que foſſe confeſſar, e examinar a vocaçaõ daquelle mancebo que pertendia o Habito de Donato. Já dentro da caſa do Capitulo, em acto de Confiſſaõ, conheceo Fr. Affonſo, e ſoube que era mulher, e donzella, e naõ mancebo, nem homem, o que disfarçado com o ſeu veſtido pertendia o Habito de Donato. Fr. Affonſo entaõ vendo a temeridade, e tranſporte deſta mulher, e as denſas trévas em que ſe achava ſeu eſpirito, ſem ella as conhecer, cuidou logo com breves, mas efficazes, e terminantes palavras arguí-la, e deſenganá-la do erro, e grande illuſaõ em que com apparencia de bem a metêra o Anjo das trévas, e eſpirito de erro

erro para perdêla. Eis-aqui a substancia das palavras com que lhe fallou, e com que a desenganou. « Vossa mercê, disse, arrojou-se a huma grande temeridade em sahir da sua terra sem conselho, e ainda se arrojou a temeridade maior, e loucura mais sacrílega, entrar no sagrado deste claustro dessa sorte, disfarçada em traje de homem, com tençaõ, ou tentaçaõ de servir neste Santo Seminario na occupaçaõ de Donato, sendo mulher! Naõ póde deixar Deos na sua Casa de olhar, e reputar como fazenda prohibida, e de contrabando, toda aquella que naõ traz o sello, e a marca da obediencia, a qual faltou a vossa mercê. Deos jamais admittio em seus Altares victimas maculadas, nem jamais acceitou nelles sacrificios viciados, como se acha o coraçaõ de vossa mercê. Naõ foi Deos, nem a voz da sua Divina inspiraçaõ, quem moveo a vossa mercê a estes excessos, e transportes; mas o demonio, e a sua diabolica suggestaõ, com côr, e apparencia de grande bem, sendo grande mal. Naõ digo que vossa mercê nestes excessivos transportes terá peccado mortalmente,

» mas

» mas digo que se meteo em perigo
» de perder a sua alma, e offender
» a Deos gravissimamente. Ora para
» que assim naõ succeda, e para que
» vossa mercê se naõ perca, deve assim
» disfarçada sahir desta clausura,
» e recolher-se em huma casa de piedade,
» que eu lhe designo no lugar
» proximo a este Seminario, para nella
» depôr esses trajes, e vestir os
» do seu sexo, que eu obtendo licença
» de meu Prelado, mediante a caridade
» de algumas pessoas devotas,
» lhe farei aprompar, para podêr
» vossa mercê vir á Igreja fazer sua
» confissaõ geral, e receber no Tribunal
» da Penitencia dictames seguros,
» e regras sólidas, e acertos no
» caminho do Céo, a fim de que para
» o futuro desconfiando vossa mercê
» sempre das proprias luzes, e do
» amor proprio viva illuminada com
» a luz da graça de Deos, e naõ torne
» a cahir nos laços, e trévas do
» espirito de erro, e Anjo seductor
» que a enganou. »

509 Com effeito recolhida a donzella na casa designada por Fr. Affonso, nella se aprompáraõ logo naõ só vestidos para se vestir, mas tambem tear para tecer, a fim de que com o

tra-

trabalho de ſuas maõs, e ſuór de ſeu roſto adquiriſſe o neceſſario para ſua ſubſiſtencia, ſem neceſſidade de mendigar, nem expôr-ſe outra vez a perigo de ſe perder, e offender a Deos. Aſſim ſuccedeo. Eſteve por algum tempo neſte retiro, mas naõ perſeverou nelle. Teve ſimilhanças, viſoens, e apparencias de conſtellaçaõ volante, e naõ propriedades de eſtrella firme, e permanente. Edificio deſtituido de fundamentos ſólidos, naõ he muito que caha depreſſa. A principios viciados, poſto que luminoſos, quando ſe naõ remedêaõ a tempo, coſtumaõ correſponder tragicos fins.

CAPITULO IV.

Vida, e morte dos memoraveis Sacerdotes Antonio Feliciano Benſt, e Balthaſar Corrêa; e dos ſervos de Deos Joſé Franco de Carvalho, e Doutor Antonio de Matos.

510 A Veneravel Ordem Terceira da Penitencia do Seraphico Padre S. Franciſco eſtá taõ maravilhoſamente dilatada nas Freguezias das viſinhanças de Varatojo, pelo zêlo, e fervo-

rosa diligencia dos Guardiaens do Seminario, e de seus Commissarios, que nestas Freguezias saõ pouco menos os Terceiros, Alumnos da Ordem da Penitencia, que os Freguezes. Bem se pódem gloriar santamente os Commissarios destes fervorosos Terceiros, chamando-lhes com S. Paulo, quando escrevia aos Filippenses, a sua corôa, e o seu prazer *. Tem grandemente concorrido para os progressos nas virtudes, e perfeiçaõ que se admiraõ nestes fervorosos Terceiros, o cuidado, e desvelo de seus Commissarios, que frequentemente com outro Companheiro do Seminario sahem por estas Freguezias, onde se acha a Veneravel Ordem, espalhando o graõ Evangelico, persuadindo com efficacia a refórma das vidas, e costumes, e a limpeza das consciencias. Elles venturosa, e suavemente tem por este modo feito grandes seáras, e devotas Colonias de creaturas convertidas a Deos, as quaes cheias de fervor, com desejos de maior perfeiçaõ, se tem alistado na Milicia desta Veneravel Ordem da Penitencia. Parece incrivel a multidaõ dos que tem abraçado fervorosos este modo de vi-

---

* *Philip.* 4. 1.

vida, mas nessa cópia, e multidaõ se conhece a necessidade que estas plantas tinhaõ dos orvalhos do Céo, e naõ menos o zêlo de quem lhes communica estes celestiaes orvalhos, mediante a Graça Divina, pela efficacia dos desenganos, e suavidade das Doutrinas Evangelicas que se lhes intimaõ. Por effeito destas sementeiras Evangelicas, venturosamente se tem admirado em grande número destes Irmaõs Terceiros tal fervor de espirito, tal desejo de maior perfeiçaõ Evangelica, tal limpeza, e pureza de coraçaõ, tal desapêgo ás cousas do Mundo, que em sua conducta se distinguem só no Habito, e naõ em costumes, e perfeiçoens dos Religiosos mais reformados, e observantes que vivem nos claustros. Elles em seus estados, e occupaçoens laboriosas, ainda que evidentemente estejaõ isentos, e dispensados do preceito, e obrigaçaõ do jejum nos dias que os manda a Santa Igreja, querem jejuar, e tambem usar do cilicio, tomar disciplina, guardar silencio. Elles quando saõ convidados para divertimentos profanos de Comedias, Operas, danças, jogos, festins, em que domina o espirito do Mundo, e o furor das paixoens sensuaes, respondem com

com liberdade de eſpirito : « Naõ poſ-
» ſo, nem me convem exercitar iſſo,
» que ſou Terceiro, Filho de S. Fran-
» ciſco. Naõ me eſtá bem, nem me
» he proprio fazer iſſo, porque re-
» nunciei o Mundo, ſou Profeſſor da
» Ordem da Penitencia. »

511 Baſtante materia, e campo aſ-
ſás eſpaçoſo ſe me offerecia aqui pa-
ra eſtender a minha penna na eſcriptu-
ra de muitos memoraveis Filhos, e Fi-
lhas das Ordens da Penitencia ſujei-
tos ao Seminario, que cheios de fer-
vor de eſpirito por todo o tempo da
ſua vida exemplar florecêraõ em vir-
tudes heroicas, coroando-as com mor-
te precioſa. Mas ſería neceſſario gran-
des volumes, que naõ permitte eſta
compendioſa Hiſtoria. Naõ deixarei
com tudo de fallar neſte Capitulo de
outros memoraveis Irmaõs Terceiros,
de que naõ fiz mençaõ no Capitulo an-
tecedente. Sei que muitos delles obrá-
raõ couſas prodigioſas que parece ex-
cedem as forças naturaes, mas pondo
de parte todas eſtas couſas, mais para
ſe admirarem, que para ſe imitarem,
ſó eſcreverei algumas acçoens glorio-
ſas, e virtudes heroicas que elles fi-
zeraõ, e nós a exemplo, e imitaçaõ
delles tambem podemos fazer, ajuda-
dos

dos da Graça do mesmo Senhor, que ajudou a elles, e está prompto para nos ajudar a nós. E porque eu, como testemunha de vista, tenho muitas vezes presenciado o fervor de espirito, e exemplar conducta destes memoraveis Terceiros, verdadeiros Filhos de S. Francisco, posso de algum modo, escrevendo delles, dizer o que o Evangelista S. Joaõ escrevia da Vida, e acçoens de Christo, dizendo: « A » sua Vida se fez manifesta; nós a vi- » mos, nós damos della testemunho. *» Agora o veremos com gosto, e admiraçaõ.

512 Na Villa de Torres Vedras, onde a Veneravel Ordem Terceira da Penitencia he taõ antiga como o Seminario de Varatojo, florecêraõ em nossos dias dous memoraveis Sacerdotes, Antonio Feliciano Bensi, e Balthasar Corrêa, justamente considerados por sua vida edificante, e exemplar como duas luminosas tochas, ambos Filhos benemeritos da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, da qual hum, e outro foi Ministro mais de huma vez. Hum, e outro assistia sempre com fervor de espirito ás

* *Joan. Epist.* 1. *c.* 1.

ás Práticas, Congregaçoens, Mesas, e exercicios da Ordem. Hum, e outro, tendo saude, jámais faltava á Oraçaõ, e disciplina, quando se fazia na Igreja da Ordem. Hum, e outro foi verdadeiro pobre de espirito; pois sem apêgo aos bens temporaes, os distribuiaõ liberaes com os indigentes, em obras pias, e com as Communidades Religiosas, que vivem da mendicancia. Hum, e outro naõ enterrou o talento, pois sem ser em razaõ de Officio Parochial, que exercessem, mas em consideraçaõ de que todo o Sacerdote, para naõ faltar ás obrigaçoens do seu caracter, deve ser Mestre da Lei, e servir de luz ao povo, ensinando com palavra, e exemplo, se assentavaõ na Cadeira do Confessionario, repartindo com caridade, e zêlo o Paõ da Doutrina, e Sacramentos aos Fieis, que o pediaõ com disposiçaõ. Hum, e outro recitava com a maior attençaõ, e devoçaõ as Horas Canonicas, e celebrava a Santa Missa com a devida reverencia, e gravidade summa. Hum, e outro trajava com decencia Ecclesiastica, usando sempre de Habito talar, como insinuaõ os Sagrados Canones. Hum, e outro finalmente falleceo no osculo do Senhor com mor-

morte precioſa, fortalecido com os Sacramentos da Santa Igreja, conſolado, e aſſiſtido de Religioſos de Varatojo, onde hum, e outro ſempre tivera ſeu Director eſpiritual, e onde hum, e outro na vida, e depois da morte participou de Oraçoens, ſuffragios, e Miſſas de todos os Religioſos.

513. Era Antonio Feliciano Benſi natural da Villa de Torres Vedras, filho de pais negociantes, e devotos. Os quaes com palavras, e exemplos inſtruiraõ a ſeu filho, deſde ſeus tenros annos, no temor de Deos, e no exercicio das virtudes Chriſtãs. Elle, mediante a Graça de Deos, e aviſos de ſeu Confeſſor, que tinha em Varatojo, creſcia na idade, letras, e virtudes, conſervando venturoſamente a ſua innocencia, tanto em Eſtudante, como em toda a vida de Eccleſiaſtico. Por morte de ſeus pais ficou em companhia de ſua virtuoſa irmã Maria Antonia Benſi, donzella de taõ rara honeſtidade, que naõ querendo outro Eſpoſo, que a Chriſto, paſſou os dias de ſua vida em ſua caſa recolhida, imitando nas virtudes a ſeu irmaõ, praticando fervoroſa os exercicios da Veneravel Ordem da Penitencia, com coſtumes de Freira reforma-

da

da, acabando com morte similhante á de seu virtuoso irmaõ, consolada com assistencia de seu Confessor, que tambem tinha em Varatojo, o qual lhe dirigio o espirito em vida, e quando estava de caminho para a eternidade. Foi enterrado o corpo desta memoravel donzella na Igreja Parochial de S. Pedro. Antonio Feliciano Bensi, entre outras muitas virtudes que se lhe admiráraõ, se distinguio com sua irmã, singularmente na extremosa caridade com os indigentes, e pobres de Christo, soccorrendo-os, naõ só na extrema, e grave necessidade, mas ainda nas leves, e ordinarias, fazendo já em vida aos pobres herdeiros de seus muitos bens, de que só se consideravaõ administradores, e naõ Senhores. Tambem soccorreo, durante a sua vida, repetidas vezes as necessidades da Communidade de Varatojo, sciente de que seus Alumnos naõ tem outros rendimentos temporaes, que os da Providencia Divina. Em consideraçaõ desta, e por effeito da sua caridade, e affecto a Varatojo, sendo Ministro da Veneravel Ordem Terceira de Torres Vedras, mandou congregar os Mesarios em ausencia do seu Commissario, e lhes fez esta falla: « Meus Irmaõs:
» Nós

„ Nós fabemos que o Seminario de
„ Varatojo naõ tem outros fundos, e
„ rendimentos, que os da Providencia
„ Divina, de que faõ Alumnos os feus
„ Religiofos, vivendo da mendican-
„ cia. Sabemos que a fua Communi-
„ dade fe fuftenta de efmólas, e que
„ naõ tem Capellas, Legados, nem
„ Ordinarias para fua fubfiftencia. Tam-
„ bem fabemos que naõ pedem, nem
„ acceitaõ efmólas pecuniarias pelos
„ Sermoens que prégaõ, nem pelas
„ Miffas que celébraõ, as quaes em
„ geral faõ applicadas em Varatojo
„ pelos bemfeitores do Seminario. Ora
„ mandando-nos o Prelado daquelle
„ Santo Seminario todos os mezes o
„ feu Commiffario prégar á noffa ter-
„ ra, quando com outros dous Con-
„ feffores vem confeffar, e fazer a
„ Rafoura, ou vifita da Ordem Ter-
„ ceira, e mandando tambem além
„ diffo todos os annos prégar na nof-
„ fa Igreja dous Sermoens, hum das
„ Chagas de S. Francifco em Setem-
„ bro, outro da Penitencia em Quar-
„ ta feira de Cinza, fem jamais até
„ agora nos ter por elles pedido ef-
„ móla pecuniaria, nem recompenfa
„ temporal, parece-me jufto, e razaõ
„ que da noffa parte haja demonftra-
„ çaõ

„ çaõ de agradecimento, mandando
„ dar da Ordem alguma eſmóla a eſ-
„ ta Communidade pobre, e noſſa
„ eſpiritual Bemfeitora. Iſto he o que
„ lembro, e proponho; e diſto que-
„ ro ſaber o parecer deſta reſpeitavel
„ Meſa. „ Unanimemente approvando todos o propoſto, naõ havendo algum Meſario que foſſe de voto contrario, reſolvêraõ logo pôr em execuçaõ o que lhes lembrava ſeu caritativo Miniſtro, contribuindo com eſmóla da Ordem á Communidade de Varatojo, cujo exemplo ſeguíraõ ſeus Succeſſores nos emprêgos, e officios da Ordem, dando claras provas na caridade, e zélo para com a meſma Veneravel Communidade. Jazem os oſſos do memoravel P. Antonio Feliciano Benſi na Igreja de S. Pedro de Torres Vedras, onde falleceo no Senhor a 16 de Julho de 1781.

514 O outro memoravel Sacerdote Balthaſar Corrêa era natural da Villa da Sertaã, Priorado do Crato, donde por ſuas virtudes, e zêlo das almas foi chamado á Côrte para exercitar o emprêgo de Confeſſor na Santa Sé Patriarchal. Paſſados alguns annos, lhe deraõ em recompenſa de ſeu trabalho, e zêlo a adminiſtraçaõ de

huma Capella na Villa de Torres Vedras que veio adminiſtrar, e juntamente ſervir de Ecónomo na Igreja de Sant-Iago, onde viveo perto de trinta annos, perſeverando ſempre cheio de zêlo, e fervor de eſpirito no emprêgo de Confeſſor, e em exercicios piedoſos em todo o tempo que lhe reſtava do Côro, e Altar. Tinha conſciencia taõ delicada, que a peſar de recitar com a maior devoçaõ, e attençaõ o Officio Divino, e celebrar a Santa Miſſa com tal reverencia, gravidade, e pauſa, que gaſtava algumas vezes com ella huma hora, julgava com tudo que ſempre era defeituoſo, e que tanto no Côro, como no Altar tinha commettido grandes faltas, motivo, porque ſe queria confeſſar todos os dias, e em alguns ſe reconciliava mais de huma vez. Permittio Deos que eſte ſeu fiel ſervo, e zeloſo Miniſtro da ſua Igreja para mais lhe acriſolar o eſpirito, e augmentar a corôa da paciencia, que elle por algum tempo padeceſſe deſolaçoens, e trabalhos naõ ſó de moleſtias corporaes, mas tambem de ſeu eſpirito, ſentindo-o cercado de taõ denſas trévas de amarguras, deſconſolaçoens, e deſconfianças de que naõ agradava a Deos, e taõ ſoçobra-

do,

do, e opprimido ſeu coraçaõ em hum turbulento mar de eſcrupulos a reſpeito do Officio Divino, Miſſa, devoçoens, e obrigaçoens que julgava ſe perdia. Porém tanto que o humilde, e atribulado ſervo de Deos chegava aos pés de ſeu Director eſpiritual, que tinha em Varatojo, ſe lhe diſſipavaõ, e deſvaneciaõ os nublados das dúvidas, e deſconfianças a reſpeito da ſalvaçaõ, experimentando allivio da terrivel enfermidade de ſeus eſcrupulos. Dos quaes ſe vio inteiramente livre á hora da ſua morte, recompenſando-lhe Deos entaõ com huma total ſerenidade, paz, e tranquillidade de eſpirito, a paciencia invicta, humildade, e conformidade com que em vida tinha ſupportado, e levado a grande cruz de ſeus eſcrupulos, e moleſtias corporaes, com que o Senhor frequentemente o viſitava.

515 Elle queria ſempre por ſeu fervor ſer o primeiro na Oraçaõ, diſciplina, Práticas, e piedoſos exercicios da Veneravel Ordem Terceira, de que, como ha pouco ſe diſſe, foi Miniſtro mais de huma vez. O ſagrado fogo da caridade, que ardia no coraçaõ deſte memoravel Sacerdote, o movia a diſtribuir liberal frequentes eſmólas em ſoccorro das neceſſidades a-

lheias; lembrado de que os bens ſuperfluos ſaõ o patrimonio dos pobres, repartia com elles o que reſtava da ſua moderada ſuſtentaçaõ. Naõ ſó entravaõ no número deſtes pobres os moradores de Torres Vedras, mas tambem os Religioſos que vivem da mendiguez, naõ tendo outros fundos, que os da Divina Providencia, eſpecialmente a Communidade de Varatojo que repetidas vezes ſoccorria. A qual naõ ſó em vida applicava agradecida Oraçoens por eſte ſingular ſeu Bemfeitor, mas tanto que foi ſciente da ſua feliz morte, mandou celebrar Miſſas, e offerecer ſuffragios por ſua alma, que fortalecida com o ſoccorro dos ultimos Sacramentos, e conſolado com aſſiſtencia de Religioſos de Varatojo, entregou placidamente ao Creador a 2 de Julho de 1793. Foi ſeu corpo ſepultado na Igreja de S. Pedro da Villa de Torres Vedras.

516 Na meſma Villa de Torres Vedras paſſou para a eternidade com morte de Juſto alguns annos depois do meado deſte ſeculo Joſé Franco de Carvalho, Filho da Veneravel Ordem Terceira, em idade de noventa annos. Era natural do lugar do Paûl proximo a Torres Vedras. Militou ſendo caſa-

do

do nas Campanhas em tempo d'El-Rei D. PEDRO II., dando ſempre provas de bom, e perfeito Chriſtaõ, ſem jamais deixar de praticar os exercicios piedoſos da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, que eraõ compativeis com o ſeu eſtado, e occupaçoens da vida Militar, nem ſem jamais ſe eſquecer dos dictames de ſeu Confeſſor, que tinha em Varatojo o V. P. Fr. Manoel de Deos. Pouco antes da venturoſa morte deſte ſervo do Senhor ſe lhe ouvia dizer cheio de fervor, e de eſpiritual conſolaçaõ: Bemdito ſeja o Senhor, que fiz em minha vida, e tambem quero fazer em minha morte tudo o que recommenda o P. Fr. Manoel de Deos no ſeu livro *Peccador Convertido*.

517 Na Quinta de Machêa, Freguezia de Mata-Caens, diſtante pouco mais de meia legoa da Villa de Torres Vedras, florecêraõ em ſingulares virtudes vivendo, e morrendo piamente o memoravel Doutor Antonio de Matos, e ſua digna, e illuſtre conſorte D. Ignez, aquelle natural da Villa de Ourém, e eſta da Cidade de Lisboa, Filhos ambos da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, e ambos em coſtumes, e virtudes imitadores de S. Elzeario, e S. Delfina, Profeſſores todos

dos da Ordem da Penitencia. Elles fizeraõ a ſua caſa da Quinta de Machêa eſcóla das virtudes, e perfeiçoens Chriſtãs, ella ſervia de albergue, e devota hoſpedaría para pobres, e tambem para Religioſos, eſpecialmente para os de Varatojo, onde Antonio de Matos, e D. Ignez tinhaõ Confeſſores que lhes dirigiaõ ſeu eſpirito, e lhes regulavaõ as penitencias, e mortificaçoens corporaes, aos quaes conſultavaõ em ſuas dúvidas, buſcavaõ com frequencia para ſe conſolar, e alliviar de ſeus eſcrupulos no Tribunal da Confiſſaõ, e roborar ſeu eſpirito com o Sagrado Paõ do Senhor Sacramentado, que recebiaõ com ternura, e devoçaõ naõ ſó nas feſtas principaes, mas de ordinario nos dias Santos, e de Indulgencia. A ſua familia era educada taõ Chriſtãmente, e com tanta piedade, que os criados, e criadas, que naõ eraõ tementes a Deos, e de bons coſtumes, os deſpediaõ de ſua caſa. Nella ſe praticavaõ exercicios piedoſos, exercitavaõ virtudes, frequentavaõ-ſe Sacramentos com taõ devota preparaçaõ, e fervor de eſpirito, como em Communidade reformada. Aſſim vivêraõ eſtes devotos, e exemplares conſortes, e aſſim cheios de dias, de

de merecimentos, e virtudes finalizáraõ gloriosamente a carreira da sua vida mortal consolados com assistencia dos Religiosos de Varatojo, depois do meado deste seculo. Foraõ sepultados na Igreja de Mata-Caens.

518 Antonio de Matos já Doutorado em Leis pela Universidade de Coimbra, veio casar á Quinta da Machêa, onde chegou á idade avançada de perto de noventa annos, empregados todos sem nota, mas com edificaçaõ geral, no serviço de Deos, e em beneficio do público. Naõ por interesse, e estipendio, mas só por caridade, e humanidade aconselhava em seu Escriptorio a pessoas que o buscavaõ de perto, e de longe, como a Oraculo de seu tempo, e Pacificador das demandas, discordias, e desavenças dos moradores de Torres Vedras, e de suas visinhanças. Tambem o consultavaõ os Letrados, e Ministros de Torres Vedras em pontos, e materias duvidosas de direito em que elle era consummado. Este memoravel, e illustre Varaõ penetrado das maximas do Evangelho, e do verdadeiro espirito de patriotismo Christaõ soube usar taõ bem de seus talentos, letras, e bellas qualidades de que Deos o dotou; que

que jamais ſe valeo dellas que naõ foſſe em ſerviço de Deos, utilidade da Igreja, e beneficio do Eſtado; jamais ſe empenhou com os poderoſos, e Magiſtrados, para que favoreceſſem, protegeſſem, e patrocinaſſem díſcolos, vadíos, ocioſos, eſcandaloſos, e públicos quebrantadores das Leis Divinas, e humanas. Mas certo na Sentença de S. Agoſtinho, que affirma converterem-ſe em latrocinios os Reinos, faltando-ſe á juſtiça, elle em conſideraçaõ diſto punha toda a ſua efficacia, e influencia, applicava todos os ſeus esforços, e empenhos, para que ſe adminiſtraſſe com rectidaõ a juſtiça, punindo ſe confórme as Leis os delinquentes, eſcandaloſos, libertinos, e peccadores públicos, como indignos de protecçaõ, e ſó merecedores de caſtigo ſevéro, e público, para eſcarmento de outros; e que ſómente os innocentes, os benemeritos, e obſervadores das Leis Divinas, e humanas, que davaõ provas de bons Chriſtaõs, deviaõ ſer protegidos. Que excellente conducta de hum homem nobre! Oh ſe nella o imitaſſem os poderoſos, os grandes, os Magiſtrados, que utilidade reſultaria á Igreja, que beneficio ao Eſtado, e que gloria a Deos!

CA-

CAPITULO V.

Vida de D. Anna de Lima: D. Maria Joaquina de Lima; Bartholomeo da Silva, e das ſuas tres irmãs donzellas.

519 D. Anna Leonor de Lima, filha legitima, e unica herdeira da groſſa caſa do Capitaõ Bernardo Antonio de Lima Francez, natural do lugar, e Freguezia de Dous Portos, duas legoas diſtante de Varatojo, profeſſa na Veneravel Ordem Terceira da meſma Freguezia, pelas brilhantes virtudes que ſe lhe admiráraõ, tanto no eſtado de donzella, como de caſada he digna para imitaçaõ de apparecer neſta Hiſtoria. Foi criada deſde o berço por ſeus virtuoſos pais no ſanto temor de Deos em exercicios de piedade, na leitura de livros devotos com frequencia de Sacramentos, e com tal recolhimento, que parecia a ſua caſa naõ ſó eſcóla de virtudes, e de perfeiçoens, mas reformada clauſura? Era eſta illuſtre donzella dotada de eſpirito ingenuo, e columbino; e de coraçaõ docil, amoroſo, e ſuſceptivel do bem.

Re-

Recebia com gosto, e praticava com fervor de espirito os avisos paternos, e os dictames do Director de seu espirito que sempre teve em Varatojo. Com a idade crescia na perfeiçaõ das virtudes. Ella pela innocencia de costumes, e pelos bellos dotes naturaes de que era dotada, pela honestidade de seu comportamento naõ parecia donzella, mas Anjo em carne. Tinha inclinaçaõ á vida Religiosa no claustro, e nenhuma á do estado de casada. Com tudo naõ por eleiçaõ, e escolha sua, mas por insinuaçaõ, e voto de quem dominava sua pessoa, se lhe ajustou casamento com hum Fidalgo illustre. Ligada com o vinculo do Matrimonio de que naõ teve successaõ, mas desgostos, e trabalhos, estes que lhe penalizáraõ o espirito, e tambem o corpo, lhe augmentáraõ a corôa do merecimento pela heroica paciencia, e inteira conformidade com que os tolerou. D. Anna Lenor com abundancia de bens, casada com pessoa illustre, assistida de criadas á sua vontade, longe no seu comportamento de se deixar arrastar da torrente, e exemplo de Senhoras, que sendo lhe iguaes na qualidade do nascimento, e naõ em costumes pessoaes, levadas do furor de suas pai-

xoens,

xoens, e appetites consumiaõ a maior parte dos dias, e tambem das noites em divertimentos frívolos de assembléas mundanas, jogos, danças, Óperas, banquetes, e em se adornarem, e enfeitarem com galas excessivamente profanas a fim de agradarem, de vêrem, e de serem vistas de seus devotos mundanos; quando pelo contrario D. Anna Leonor a exemplo da mulher forte de que se falla na Divina Escriptura a fim de nunca estar ociosa, mas sempre occupada servindo a Deos, e cumprindo com as obrigaçoens do seu estado no honesto trabalho, buscava linho, e lã para manobrar com suas maõs, e se levantava de madrugada a vigiar sobre sua familia, trajando com moderaçaõ, e decencia Christã para parecer bem só a Deos, e em Deos agradar só a seu consorte, e naõ ao Mundo, e mundanos.

520 Os grandes trabalhos, e repetidos desgostos que se seguíraõ depois de seu Matrimonio a esta innocente Senhora, a pesar da sua virtuosa, e exemplar conducta, foraõ indiziveis. Os quaes todos, ainda que a natureza fraca os sentia, e posto que gemia com cruz que de alguma sorte era especie de martyrio, o espirito com tu-

do

do ajudado da Graça, mediante as direcçoens do Confeſſor, tolerava eſtes trabalhos com animoſidade, e conformidade heroicamente Chriſtã, ſem jamais afroxar em ſeus piedoſos exercicios compativeis com ſeu eſtado, e moleſtias. A juizo de quem ouvia de confiſſaõ a eſta virtuoſa Senhora jamais ella em toda a ſua vida perdeo a Graça Baptiſmal. Nos banhos das Caldas da Rainha, onde por ordem dos Medicos foi D. Anna buſcar ſaude, encontrou mais depreſſa com a morte. A qual a ſerva de Deos naõ via com horror, nem como tormento, mas de alguma ſorte como allivio, em conſideraçaõ de que ſendo a morte tributo indiſpenſivel para todos os filhos de Adaõ, quando ella he precioſa ſe terminaõ, e acabaõ com ella penalidades, e trabalhos tranſitorios, e ſe ſeguem logo depois prazeres, e goſtos ſempiternos. Pedio, e recebeo com grande ternura, e devoçaõ os ſoccorros do Céo por meio dos ultimos Sacramentos da Igreja, e Oraçoens de ſeus Miniſtros. Pouco depois eſtando em amoroſos Colloquios com o Creador lhe entregou placidamente a ſua innocente alma na flor da ſua idade com poucos annos de donzella, e menos

nos

nos de casada, mas reputados como muitos seculos de virtudes heroicas, e perfeiçoens na vida Christã, e Evangelica que sempre praticou. Nas mesmas Caldas se deo sepultura ao veneravel cadaver desta memoravel serva de Deos, e illustre Filha da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia. Falleceo pouco depois do anno de 1780.

521 D. Maria Joaquina de Lima, Tia, e tambem Mestra nos costumes de sua illustre Sobrinha D. Anna Leonor de que acabo de fallar, e tambem herdeira da sua grande casa de Dous Portos, foi Filha professa na Veneravel Ordem Terceira da Penitencia da mesma Freguezia. Viveo, e morreo no estado de donzella com perto de noventa annos de idade, empregados todos desde menina no serviço de Deos, e nenhum em serviço do Mundo. Recolhida em sua casa tinha vida, e costumes de Freira reformada. Trajou sempre com decencia Christã, e nunca com adornos, e galas profanas. Jamais em toda a sua dilatada vidà assistio a Comedias, e Óperas, nem dançou, dizia que estes exercicios eraõ proprios para mulheres loucas, e naõ para donzellas, e Senhoras Christãs. Naõ só praticava com fervor os pie-

do-

dosos exercicios, que recommenda a Regra da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, mas outros que lhe regulava seu prudente Confessor que sempre teve em Varatojo. Onde assistio por algum tempo em humas casas proximas ao Seminario, a cuja Igreja hia frequentemente ouvir no Confessionario a voz de Deos por boca de seus Ministros, e fortalecer o seu espirito com o mesmo Senhor Sacramentado, que recebia cheia de ternura, e devoçaõ naõ só em dias festivos, mas em todos aquelles que lhe determinava o Director do seu espirito. A sua casa parecia hum claustro reformado. Praticava silencio, usava de vestido humilde, e de cama dura, mortificava seu corpo, além de frequentes jejuns com outras mortificaçoens de pungentes cilicios, e flagellaçaõ de disciplinas, quando tinha saude. E quando se achava enferma soffria com paciencia, e conformidade Christã as molestias, e mortificaçoens do corpo a que chamava mimos de Deos. Restituida á sua casa de dous Portos finalizou a carreira de sua virtuosa vida cheia de dias, e merecimentos consolada, e assistida de Religiosos de Varatojo no anno de 1795. Determinando que seu

cor-

corpo fosse enterrado em Varatojo, onde se lhe fizeraõ suffragios, e celebráraõ Missas por sua alma, como de Bemfeitora que fôra do Seminario. Dispoz a favor da pobreza, e de suas criadas, além de seus parentes pobres, muitas esmólas, e Legados pios, dando assim occasiaõ a que a acclamassem mulher Justa, heroina de piedade, e mãi dos pobres na sua Freguezia.

522 No lugar de Sirol da dita Freguezia de Dous Portos florecêraõ em grande opiniaõ de virtudes, especialmente na caridade, e hospitalidade, Bartholomeo da Silva com suas tres irmãs, Tereza, Antonia, e Luiza, todas donzellas, elle solteiro, Professos, e Filhos todos na Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, cuja Regra observáraõ toda a sua vida com fervor de espirito, e edificaçaõ geral daquelle lugar, e Freguezia, praticando exercicios de piedade, exercitando virtudes, frequentando Sacramentos, mortificando as suas paixoens, e seus corpos debaixo da direcçaõ espiritual do V. P. Fr. Bernardino, Missionario de Varatojo. Ficando Bartholomeo da Silva, e suas irmãs por morte de seus pais com bens em abundancia,

cia, querendo ser pobres de espirito para serem ricos no Céo, lembrados de que só eraõ administradores, e naõ Senhores dos bens temporaes, cuidáraõ em repartir nos cultos Divinos, em obras pias, e com os indigentes, e pobres de Christo, tudo o que lhes restava do seu moderado vestido, e parca sustentaçaõ. A sua casa, em quanto vivêraõ, tambem servio de albergue, e devota hospedaria aos Religiosos de Varatojo, quando por occasiaõ de seu ministerio, ou negocio da Communidade se achavaõ naquella Freguezia. E se alguma vez naõ hiaõ a sua casa, se queixavaõ logo ao Guardiaõ do Seminario de os privar do merecimento, e grande prazer que tinhaõ em recolher na sua casa naõ só Religiosos, e Irmaõs Donatos de Varatojo, mas os Moços, e Serventes do mesmo Seminario. Visivelmente se verificou com este fiel servo de Deos Bartholomeo da Silva, e suas virtuosas irmãs donzellas a promessa de Christo em dar cento por hum; pois se via, e admirava, que quantas mais esmólas repartiaõ, mais se lhes augmentavaõ os bens, e mais tinhaõ que dar. A uniaõ, e paz que este servo de Deos tinha com suas irmãs, e ellas todas entre si, e com

seu

ſeu irmaõ parecia que em quatro corpos naõ havia ſenaõ huma alma, hum coraçaõ, e huma vontade, queria Bartholomeo o que queriaõ ſuas irmãs, e naõ queriaõ ellas outra couſa do que queria ſeu irmaõ. Foi iſto o que lhes mereceo o nome de *Irmandade Santa*, e de *filhos de bençaõ*. Aſſim ſe conſerváraõ venturoſamente no eſtado do celibato em toda a ſua vida, que coroáraõ com morte de Predeſtinados, ſegundo a pia crença, fallecendo cheios de dias, e merecimentos, conſolados com a aſſiſtencia de Religioſos de Varatojo, onde em vida tiveraõ ſempre Oraçoens, e depois de mortos Oraçoens, e ſuffragios de Miſſas. Fallecêraõ alguns annos depois do meado deſte ſeculo, e ſe achaõ ſeus corpos na Igreja de Dous Portos donde eraõ naturaes, e onde foraõ baptizados.

CAPITULO VI.

Vida, e morte exemplar do Padre José dos Rios, e de sua irmã donzella Luiza dos Rios, e da memoravel Matrona Domingas Francisca, do lugar da Caxaria.

523 NO lugar da Caxaria da dita Freguezia de dous Portos partio para a eternidade com morte de Justo no conceito dos póvos a 10 de Março de 1766 José dos Rios, memoravel Sacerdote, Filho da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia. Era natural do mesmo lugar, e Freguezia, onde descançaõ suas veneraveis cinzas. Foi desde sua infancia criado em temor de Deos com exercicios de piedade, liçaõ de livros devotos, e frequencia de Sacramentos debaixo da direcçaõ espiritual do V. P. Fr. Bernardino, cuja compendiosa vida deixo escripta acima. Propoz fervoroso seguir sempre as maximas do Evangelho, conformandose sempre com elle, e nunca com as do seculo corrupto, nem com sua falsa politica, e depravada Philosophia. Vivia nelle por necessidade, mas fugia del-

delle por virtude, e dentro nelle fazia vida de ſolitario, ſimilhante á de perfeito Religioſo. A ſua conducta, e comportamento foi ſempre de Eccleſiaſtico exemplar, e edificativo, ſem jamais ſe lhe notar acçaõ impropria do ſeu caracter, e eſtado. Continuamente tinha os ſeus penſamentos no Céo, e a ſua lembrança em Deos. Naõ teve talentos, e letras para confeſſar, e prégar, mas ſempre a ſua vida, e acçoens virtuoſas ſerviaõ aos póvos de contínua prégaçaõ, aos quaes lhes enſinava a Doutrina, o exercicio da Oraçaõ, viverem Chriſtãmente, e a chegarem-ſe com devoçaõ, e reverencia aos Sacramentos da Confiſſaõ, e Communhaõ Sagrada. Deſta ſorte naõ ſendo o Padre Joſé dos Rios aos olhos do Mundo grande Letrado, mas ſimples Sacerdote, era luz do meſmo Mundo, ſal da terra, eſpelho dos Fieis, Meſtre da Lei, e Prégador dos póvos com o exemplo da ſua virtuoſa, e ſanta vida.

524 Dos muitos bens temporaes, que com as virtudes herdou de ſeus pais, naõ abuſou; mas conſiderando que era ſó adminiſtrador, e naõ Senhor delles, e que tudo o que reſtaſſe da ſua moderada ſuſtentaçaõ, e veſtido honeſto

ſegundo o ſeu eſtado, era patrimonio dos pobres de Chriſto, elle liberal diſtribuia com eſtes, e em obras pias, frequentes eſmólas. Naõ ſe ſervia dos bens para o luxo, para jogos, para fomento de paixoens, para os gaſtar em banquetes com vadíos, ocioſos, e libertinos do ſeculo, mas para cobrir os nûs, para matar a fome aos famintos, para ſoccorrer o orfaõ, e a viuva deſamparados, para ornar Altares, e para ajudar a reedificar a Ermida do ſeu lugar, a fim de ſe collocar nella o Santiſſimo Sacramento por ſe achar diſtante da Igreja matriz. Tambem contribuio grandemente para os traſtes neceſſarios da meſma Ermida, que excede nelles a muitas Igrejas Parochiaes.

525 A caſa deſte memoravel Eccleſiaſtico ſervia de devoto albergue, e hoſpedaría ordinaria para peſſoas de piedade, eſpecialmente para os Religioſos de Varatojo, quando por motivo de confiſſaõ, peditorio, ou negocio da Communidade hiaõ áquelle lugar, e Freguezia, e ſe alguma vez elles ſe hoſpedavaõ em outra parte, Joſé dos Rios tendo iſto, como eſpecie de offenſa que lhe faziaõ, hia ſantamente queixoſo ter logo com o Guardiaõ do Seminario pedir-lhe com as maio-

maiores inſtancias, que o naõ privaſſe do merecimento, e goſto de receber em ſua caſa Religioſos, Donatos, e Moços ſerventes de Varatojo. Era a caſa deſte Sacerdote eſcóla de virtudes, e paleſtra de bons coſtumes. Naõ ſe fallava nella ſenaõ de Deos, e em Deos, nem ſe ouviaõ nella aſſumptos de materias, que naõ foſſem inſtructivas, e proprias do eſtado Eccleſiaſtico. Pelo inteiro deſapêgo aos bens temporaes, pela juſta, piedoſa, e recta diſtribuiçaõ, e applicaçaõ que fazia delles ſegundo o conſelho, e direcçaõ de ſeu Confeſſor o V. P. Fr. Bernardino, foi o Padre Joſé dos Rios verdadeiro pobre de eſpirito. Correſpondeo a ſua feliz morte, que teve conſolado, e aſſiſtido de Religioſos de Varatojo, á juſtificada vida que ſempre ſe lhe admirou. Donde piamente podemos crer, que no Céo foi premiado com grande corôa de gloria. Viveo ſempre na companhia de Luiza dos Rios, donzella de muita honeſtidade, e de ſingulares virtudes, ſua irmã, e tambem irmã, e companheira nos exercicios de piedade, e no fervor de eſpirito com que obſervavaõ a Regra da Terceira Ordem da Penitencia, da qual tambem Luiza dos Rios era Filha. Morrendo

el-

ella alguns annos antes de ſeu irmaõ elegeo ſepultura para ſeu corpo em Varatojo, donde em vida recebiaõ ambos direcçoens para o eſpirito, e onde depois da morte tiveraõ ambos diſtinctos ſuffragios.

526 No meſmo lugar, e Freguezia, falleceo em noſſos dias Domingas Franciſca com perto de noventa e dous annos de idade, digna conſorte de Manoel Ferreira, que tambem alguns annos antes tinha fallecido no Senhor, ambos Filhos da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, elle natural da Provincia do Minho, e Domingas Franciſca da meſma Freguezia, onde foi baptizada, e onde viveo, e morreo. Toda a vida deſta memoravel Matrona foi hum tecido de exercicios de piedade em que ſempre ſe occupou, e de virtudes heroicas que ſempre praticou. Em ſeus primeiros annos ſe conſagrou a Deos naõ por voto, mas por devoçaõ proteſtando na preſença do meſmo Senhor, que em quanto viveſſe naõ o offenderia gravemente, ainda que lhe tiraſſem a vida. Foi fiel á ſua promeſſa, pois a juizo de ſeus Confeſſores naõ ſe lhe conheceo culpa grave tanto no eſtado de donzella, como no de caſada, e de viuva. Entrou meni-

nina na Ordem Terceira da Penitencia, e em reverencia de S. Francisco tomou o sobrenome de Francisca. Foi verdadeira imitadora do Santo Patriarcha em tudo o que era compativel com os seus estados, e occupaçoens, vivendo no seculo em donzella, casada, e viuva, taõ observante da Lei de Deos, Mandamentos da Santa Madre Igreja, e da Regra que professára, como se vivesse no claustro mais reformado. Naõ lhe deixando seu virtuoso consorte successaõ, mas muitos bens temporaes cuidou ella em distribuí-los com a Igreja, em adorno de seus Altares, e com os pobres da sua Freguezia, e tambem com as Communidades que vivem da mendicancia. Teve esta venturosa mulher por Director do seu espirito ao V. P. Fr. Bernardino, cujos dictames praticou em toda a sua vida. Jamais se passou dia Santo, de Jubileo, ou de Indulgencia que naõ chegasse á Santa Mesa, rececebendo com ternura, e devoçaõ fervorosa o Senhor Sacramentado, tendo purificado seu espirito de alguns leves defeitos na fonte da confissaõ. Ainda que tambem algumas vezes, sem se confessar, recebia o Santissimo Sacramento, e espiritualmente muitas vezes no dia, segundo a direcçaõ do seu Confessor.

527 Era cordialiſſima devota da Santiſſima Virgem Mãi de Deos a quem com fervoroſas inſtancias pedia lhe concedeſſe o dom da caſtidade, e boa morte. Teve effeito, e deſpacho a ſua petiçaõ, pois venturoſamente ſe conſervou caſta em todos os ſeus tres eſtados, e foi coroada a ſua virtuoſa vida com morte de Predeſtinada, ſegundo a noſſa pia crença. Póde ſervir de teſtemunho authentico a cópia de huma carta que abaixo tranſcrevo de peſſoa de toda a fé, e crédito, que por muitos annos tratou com eſta memoravel ſerva de Deos. Tendo ella em hum Domingo ido ouvir Miſſa, confeſſar-ſe, e commungar, como coſtumava deſde ſeus primeiros annos, na Ermida do ſeu lugar, recolhendo-ſe depois a ſua caſa, foi logo accommettida de moleſtia que ſummariamente lhe chamou pela morte, que foi na Quinta feira proxima, recebendo outra vez banhada de ternura, e devoçaõ o Senhor por Viatico, que ella pedio, e a Extrema-Unçaõ ſem a mais leve perturbaçaõ, nem ſuſto, mas com todo o ſocego, e paz de eſpirito. Apênas chegou aviſo a Varatojo, que na Quinta feira tinha fallecido eſta ſerva de Deos, e que na Sexta feira immedia-

dia-

diata se lhe daria seu corpo á sepultura, logo o Prelado do Seminario recommendando em Communidade a todos os Religiosos que fizessem suffragios por alma desta Bemfeitora, me designou para ir-lhe assistir ao enterro. Fui com effeito, e vendo, e notando, que o rosto da defunta naõ tinha aquella pallidez que costuma causar a morte nos corpos a que tirou a vida, mas que o conservava com apparencia de vivo, e que as maõs da mesma defunta, que toquei, abrindo-se tantas vezes em vida para distribuir esmólas com liberalidade, e piedade Christã, se achavaõ flexiveis; fallei com gosto, e admiraçaõ nestas singularidades a certa pessoa, que tendo vivido algum tempo com esta memoravel serva do Senhor, e assistido á sua morte, a qual me escreveo a Varatojo huma carta, cuja cópia he a seguinte:

528 « R.mo Senhor. Deos lhe assista sempre com a sua Graça, e lhe » dê saude para que em quanto anda » neste Mundo o sirva trabalhando na » salvaçaõ do proximo. Como disse a » Vossa R.ma que a morte de Domingas Francisca tinha sido de Predestinada, lhe vou a expor algumas par-

» ti-

" ticularidades desta serva de Deos.
" A primeira, e a mais notavel he a sua
" ajustada vida, pois nunca jamais lhe
" vi huma acçaõ em que naõ mostras-
" se amor de Deos, e do proximo;
" nunca se lhe conheceo rancor a nin-
" guem, pois tratava com igual agra-
" do ao que a obsequiava, como ao que
" a offendia. Em qualquer trabalho
" sempre se lhe ouvia: Deos assim o
" permitte, faça-se a sua santa vonta-
" de: antes se perca tudo do que eu
" offender a Deos. Naõ era isto nella
" affectado, pois nada de bem presu-
" mia de si. Porque huma vez obser-
" vei eu que huma mulher, que lhe
" foi pedir alguma cousa, lhe disse de-
" pois, talvez para vêr se lhe dava
" mais alguma esmóla: Vossa mercê he
" muito santinha. Entaõ foi que eu vi
" ficar ella taõ desassocegada, que lhe
" disse cheia de turbaçaõ, e afflicçaõ,
" naõ me diga isso, que eu bem co-
" nheço que sou grande peccadora, e
" que só Deos he Santo. E disse isto
" com tanta força, que a dita mulher
" ficou envergonhada. Era muito de-
" vota da Mãi de Deos, de sorte que
" nunca jamais deixava de lhe rezar as
" suas rezas. Todos os dias fazia O-
" raçaõ. A qual eu muitas vezes por
" gos-

» gosto lha ouvia, sem ella me vêr.
» Dizia Jaculatorias a Deos que pare-
» ciaõ inspiradas pelo Espirito Santo,
» e sempre banhada em lagrimas . . .
» Eu além de conhecer a sua vida lhe
» assisti á morte, na qual admirei o so-
» cego de espirito com que soffreo to-
» das as afflicçoens. Huma vez em o
» segundo dia da doença dizendo-lhe
» eu porque naõ promettia alguma cou-
» sa a Nossa Senhora de quem ella ti-
» nha sido taõ devota para que lhe al-
» cançasse saude, e allivio; ella sem
» eu acabar de fallar me respondeo:
» para que hei de pedir saude á Se-
» nhora? Tal naõ farei, o que dese-
» jo he que Ella tomasse á sua conta
» o negocio da minha salvaçaõ, que
» he o que sempre lhe tenho pedido
» em toda a minha vida. E finalmen-
» te apênas acabou de dar Graças a
» Deos, depois que recebeo o Sagra-
» do Viatico, expirou sem movimento
» algum, notando-se-lhe em toda a
» doença huma quietaçaõ de conscien-
» cia que admirava. » Com razaõ cer-
to Sacerdote quando vio a muitas pes-
soas chorosas cobertas de pranto, e
banhadas em lagrimas pela morte desta
serva de Deos, e a grande multidaõ
de meninos tambem lastimados á roda

da

da ſepultura da ſua commum Bemfeitora diſſe conſolado para os circumſtantes: Eis-aqui os filhos que deixa eſta Heroina mãi dos pobres, os quaes já em vida fazia herdeiros de grande parte de ſeus bens. Teve em Varatojo Oraçoens, ſuffragios, e Miſſas.

CAPITULO VII.

Vida do exemplar Sacerdote Miguel Pires, Capitaõ Jacintho Bernardes, e de ſua filha donzella D. Eleuteria Bernardes, e do Padre Antonio de Moraes.

529 NA Freguezia de S. Domingos da Fanga da Fé no lugar da Incarnaçaõ duas legoas em diſtancia de Varatojo, onde apênas ſe acha peſſoa que naõ ſeja Filha da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, que ahi inſtituio hum Miſſionario de Varatojo, florecem, e tem ſempre florecido muitos Filhos deſta Veneravel Ordem em fervor de eſpirito, e virtudes heroicas. Nellas ſe diſtinguíraõ ſingularmente os ſeguintes mencionados neſtes tres números, fallecidos ha menos de meio ſeculo. A ſaber, Miguel Pires venera-

ra-

ravel Sacerdote pela conducta, e comportamento sempre exemplar em toda a sua vida he digno dos maiores louvores, e de imitaçaõ nas brilhantes virtudes do seu caracter que se lhe conhecêraõ, e admiráraõ. Na casa, e companhia de seus piedosos pais, de suas quatro devotas irmãs donzellas, e de outro irmaõ Sacerdote exemplar, foi criado Miguel, como em escóla de virtudes, e asceterio de perfeiçoẽs, (servindo sempre ella de asylo geral á pobreza, e de albergue prompto a Religiosos,) no santo temor de Deos, exercicios de piedade, liçaõ de livros devotos, frequencia de Sacramentos, e devoçaõ da Santissima Virgem, á qual elle reverente rezava diariamente a sua Corôa, ou Terço, tomando-lhe prostrado a bençaõ pela manhã, e á noite, pedindo-lhe o livrasse de cahir em peccado, e lhe alcançasse o dom da perseverança final, e as virtudes da humildade, e castidade. Parece que a Senhora tomou á sua conta este memoravel Sacerdote, e que lhe alcançou de Deos tudo o que elle pedia. Pois perseverando fervoroso na observancia inteira das Leis Divinas, e humanas, nos piedosos exercicios que se insinuaõ na Veneravel Ordem Tercei-

ra

ra de que foi Miniſtro, nas obrigaçoens do ſeu eſtado, no zêlo da ſalvaçaõ das almas exercitando o emprêgo de Confeſſor, ſem ter o officio de Parocho, naõ lhe conhecêraõ ſeus Confeſſores em toda a ſua vida culpa grave, nem que elle jamais ſe maculaſſe com peccado impuro. Era de coraçaõ ingenuo, e de ſinceridade columbina, e por iſſo amado de todos. Tinha eſpirito de paz, que fomentava entre eſtranhos, e domeſticos. O ſeu veſtido talar cobria pungentes cilicios com que mortificava ſeu corpo. Naõ era digno o Mundo de taõ exemplar Sacerdote, pois terminou a carreira de ſua vida mortal em ſuave cheiro de ſantidade na idade pouco mais de quarenta annos empregados todos no ſerviço de Deos até os ultimos momentos vitaes, e nem huma hora em ſerviço do Mundo com offenſa do Senhor. Foi ſepultado ſeu corpo na Igreja de ſua Freguezia, onde tambem deſcançaõ as cinzas de ſeu memoravel Tio conhecido pelo nome de irmaõ Joaõ, por viver, e morrer piamente com Habito Terceiro público de S. Franciſco ſempre com exemplariſſima conducta.

530 Jacintho Bernardes natural da meſma Freguezia, e lugar da Incarnaçaõ,

çaõ, devoto Capitaõ da Ordenança, casado com D. Ignez, ambos Filhos da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, fez seu nome recommendavel pela exemplar conducta de sua vida que se lhe conheceo, e admirou naõ só de perfeito Christaõ, mas de fervoroso Terceiro da Penitencia. Elle tanto que sabía que o Commissario da Ordem apparecia naquella Freguezia, era o primeiro que o buscava para no Confessionario ouvir dictames, e instrucçoens de espirito. Recommendava o mesmo a seus domesticos, e criados, persuadindo-lhes efficazmente que todos se confessassem, e commungassem, naõ só quando vinha o Padre Commissario em visita, mas ao menos cada mez. Apénas se passava festa principal no anno que Jacintho Bernardes naõ viesse com sua familia a Varatojo buscar liçoens de espirito, e dictames no caminho do Céo, purificando fervoroso a sua alma na fonte da confissaõ, e roborando-a com o Celestial Paõ do Senhor Sacramentado, que recebia reverente na Santa Mesa. Fazia rezar diariamente na sua casa a Corôa, ou Terço da Santissima Virgem Mãi de Deos, e com esta devoçaõ criou a seus filhos, e filhas desde o berço. Elle jamais admit-

mittio em ſua familia, criados, ou criadas, que naõ foſſem de honeſtos coſtumes, e tementes a Deos, e quando lhes conſtava que algum delles tinha quebrantado Mandamento de Deos, ou da Santa Igreja, ſe advertido ſe naõ emendava o deſpedia logo do ſeu ſerviço. Em fim Jacintho Bernardes pela exemplar conducta da ſua vida, pela inteira fidelidade ao thalamo de ſua digna conſorte, e companheira nos piedoſos exercicios pela mortificaçaõ de ſeu genio, e paixoens que ſujeitava ao imperio da razaõ, pelas penitencias com que caſtigava o ſeu corpo, pelo fervor com que praticava as virtudes Chriſtãs, fez no ſeculo vida quaſi ſimilhante á de hum Religioſo que vive no clauſtro reformado. Aſſim viveo, merecendo terminar venturoſamente ſeus dias com morte de Juſto alguns annos depois do meado deſte ſeculo na ſua Freguezia, onde ſe deo ſepultura a ſeu corpo.

531 D. Eleuteria Bernardes, virgem memoravel, filha do Capitaõ mencionado no número antecedente, teve em caſa de ſeus virtuoſos pais virtudes, e coſtumes de Freira reformada. Ella á imitaçaõ de S. Roſa de Viterbo tomou ſendo menina o Habito da Vene-

neravel Ordem Terceira da Penitencia, cuja Regra profeſſou, e obſervou, em quanto viveo, com perfeiçaõ, e fervor de eſpirito. Alimentava a ſua alma logo de manhã, e tambem de tarde todos os dias com o ſuſtento eſpiritual da meditaçaõ, e em todos os oito dias, e algumas vezes com mais frequencia, ſe chegava com devota preparaçaõ, e ternura á Santa Meſa para receber o Senhor Sacramentado, examinava em todos as noites a ſua conſciencia. Lia por livros de piedade, e nunca pelos profanos. Em certos tempos, dias, e horas uſava de ſilencio religioſo, de cilicios, e diſciplinas com que caſtigava a ſua carne para ſujeitar as furioſas rebeldias della ás Leis do eſpirito, e ao imperio da razaõ. Trajava com moderaçaõ, e modeſtia Chriſtã, e nunca ſeguio, nem ſe conformou com o eſpirito, e modas do ſeculo que ſempre aborreceo, e as ſuas vaidades, dizendo que ellas, como contrarias ás maximas do Céo, e ao eſpirito do Chriſtianiſmo, eraõ totalmente improprias, e alheias de huma donzella Chriſtã. Ella naõ appetecia curioſa, a exemplo de Dina, ſahir da caſa paterna para vêr, e ſer viſta; mas amava o retiro, onde conſiderava goſtoſa nas couſas de

Deos, e delicias do Céo, a fim de ser casta, e santa no corpo, e espirito, segundo o conselho do Apostolo. D. Eleuteria sendo atacada pelo espirito impuro muitas vezes com vehementes, e fortes tentaçoens, e suggestoens de estimulos carnaes valendo-se das poderosas armas da Oraçaõ, e mortificaçaõ de seus sentidos alcançou gloriosamente do inimigo da sua alma tantas victorias, e triunfos, quantos foraõ os combates que teve com elle. Ella em fim perseverando sempre fervorosa na prática dos dictames, e remedios espirituaes, que lhe insinuava seu Confessor para naõ macular a sua alma com culpa grave, venturosamente segundo o juizo de seu mesmo Director espiritual, que sempre teve em Varatojo, e o mesmo que lhe escreveo a vida, conservou por toda ella a sua preciosa castidade immaculada, e a innocencia baptismal. Em fim a alma desta illustre virgem depois da morte preciosa que teve em sua idade florente de pouco mais de trinta annos, podemos com pia crença persuadir-nos que foi trasladada ao Côro das Virgens que no Céo seguem o Cordeiro de Deos Immaculado, por tê-lo, como fiel esposa, sempre por imitaçaõ acompanha-

do,

do, e feguido na terra. Foi feu virginal corpo fepultado na mefma Igreja onde fe baptizou, e donde era natural.

532 Entre os fervorofos Irmaõs Terceiros da Ordem da Penitencia eftabelecida na Freguezia de S. Pedro da Cadeira fe fez memoravel por fuas virtudes, e conducta de vida devota, e exemplar o Padre Antonio de Moraes, natural do lugar de Mouguellas da mefma Freguezia, onde foi regenerado com as aguas do Baptifmo, e fepultado feu corpo depois de fua venturofa morte pouco depois dos annos de 1770. Admirou-fe-lhe tanto em Eftudante, como em Sacerdote, vida irreprehenfivel. Quando fe achava em fua adolecencia tomou o Habito da Terceira Ordem da Penitencia, cuja Regra, e Eftatutos obfervou com promptidaõ, e fervor de efpirito em quanto viveo. Andou em toda a fua vida acompanhado de moleftias corporaes, mas fempre fe achava o feu efpirito prompto, e robufto para os exercicios de piedade, e para os do emprêgo de Confeffor; fem fer por officio de obrigaçaõ de Parocho, repartia cheio de zêlo o paõ da Doutrina aos penitentes, patenteando-lhes prompto as fon-

tes da Graça no Sacramento da Reconciliaçaõ, e Communhaõ Sagrada. Tambem ſeu eſpirito foi atormentado, e acriſolado com a enfermidade de eſcrupulos, e de horriveis tentaçoens carnaes que glorioſamente vencia com as poderoſas armas da Oraçaõ, e com o impenetravel eſcudo da protecçaõ a Puriſſima, e Clementiſſima Virgem Mãi de Deos de quem fôra cordial devoto deſde os ſeus primeiros annos, tirando por fructo da ſua devoçaõ a inteira obſervancia da Lei de Deos, odio ao peccado, retiro, e fuga de companhias perigoſas, mortificaçaõ de ſuas paixoens, e ſentidos, e outras penitencias, e auſteridades corporaes, que permittiaõ as ſuas forças, ſegundo a licença, e regulamento do ſeu Director eſpiritual que tinha em Varatojo, onde de ordinario vinha cada mez, e algumas vezes com mais frequencia, a fim de illuminar, e roborar ſeu eſpirito no caminho do Céo com a luz de ſólidos dictames, e com o Celeſtial Paõ do Senhor Sacramentado, que recebia cheio de fervor banhado em lagrimas, tendo ſeu eſpirito, como embriagado, ſempre occupado nas delicias do Céo, eſquecido dos prazeres da terra, que conſiderava, como verda-

dadeiro defterro, valle de lagrimas, e lugar de tentaçoens.

CAPITULO VIII.

Vida da ferva de Deos Maria do Senhor: do Padre Manoel Delgado; e do Capitaõ João da Silva.

533 NA Veneravel Ordem Terceira da Penitencia eftabelecida na devota Villa da Ericeira proxima ao mar, huma legoa diftante de Mafra, e tres de Varatojo, pelo Confeffor do V. P. Fr. Antonio das Chagas, fempre florecêraõ, e ainda florecem em fervor de efpirito, e na perfeiçaõ das virtudes muitos Filhos, e Filhas da mefma Veneravel Ordem. Entre os quaes faõ dignos da noffa recordaçaõ os feguintes por fe terem diftinguido geralmente naquella Villa, e dado provas de fervorofos Profeffores da penitencia na obfervancia inteira das Leis Divinas, e humanas, e nas virtudes que em gráo heroico fe lhe admiráraõ. Merece o primeiro lugar Maria do Senhor, natural da mefma Villa, onde foi baptizada, depois de fe empregar defde feus primeiros annos em fervir

a Deos com fervor de eſpirito, exercitando no retiro da ſua caſa com perfeiçaõ virtudes Chriſtãs, e os piedoſos exercicios que ſe recommendaõ na Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, cuja Regra profeſſára, paſſou no meado deſte ſeculo da peregrinaçaõ da vida temporal para a eterna deixando ſuave cheiro de mulher Juſta. Quiz eſta Heroina, e veneravel Matrona em ſua vida imitar a S. Martha no exercicio da caridade, e hoſpitalidade, e ſe naõ recebeo, e hoſpedou, como Martha huma vez a Chriſto em ſua caſa, recebeo, e hoſpedou nella muitas vezes ſervos do meſmo Chriſto, Miſſionarios de Varatojo, e os Commiſſarios da Veneravel Ordem Terceira, quando por occaſiaõ de prégar, e de viſita eſpiritual aos Irmaõs Terceiros hiaõ áquella Villa. Eſta fiel ſerva de Deos lhe conſagrou ſendo menina o ſeu coraçaõ naõ querendo na terra outro eſpoſo, que a Chriſto. Propoz fervoroſa ſeguir, e imitar os paſſos da ſua Vida, e Paixaõ doloroſa em que frequentemente meditava. Para trazer a Chriſto ſempre em ſua viva lembrança eſcolheo o Nome de *Maria do Senhor*. Em memoria dos açoutes do meſmo Salvador Jeſus flagellava

va a ſua carne com diſciplinas frequentemente, e fazia outras penitencias, e mortificaçoens de jejuns, cilicios, e veſtido groſſeiro a fim de trazer as rebeldias do corpo ſujeitas ſempre ao imperio da razaõ. Por effeito da reverencia que tinha ao Senhor Sacramentado chegava banhada em lagrimas de ternura, e devoçaõ á Santa Meſa frequentemente. Qual outra Anna Profetiza frequentava o Templo do Senhor, e no Senhor, cheia de dias, e merecimentos morreo Maria do Senhor.

534 Paſſados alguns annos depois falleceo na meſma Villa com ſignaes naõ equívocos de Predeſtinado, ſegundo a pia crença o devoto, e exemplar Sacerdote Padre Manoel Delgado, benemerito Filho da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia. Elle ſciente de que o Sacerdote em razaõ do ſeu caracter, emprêgo, e officio deve ſer na pureza de coſtumes, como Anjo do Senhor, no emprêgo, e officio Meſtre da Lei, Legado, Nuncio, e medianeiro entre Deos, e o povo; que os labios do Sacerdote devem ſer guardas fieis do depoſito da Fé, e da verdadeira ſciencia do meſmo Deos; que a ſua boca deve ſer archivo ſagrado, onde buſquem os póvos a verdade. Neſta con-

consideraçaõ jamais manchou Manoel Delgado seus labios com palavra indigna, e impropria do seu estado, e caracter, nem o seu coraçaõ com peccado impuro, jamais abrio a sua boca com palavra que naõ fosse grave, decente, e modesta com fim de agradar a Deos, e instruir o povo; jamais deixou de celebrar a Santa Missa, que naõ fosse cheio de temor, e reverencia, de rezar o Officio Divino com devota attençaõ interior, e exterior; de assistir, e praticar as funçoens da Igreja, e exercicios da Veneravel Ordem Terceira com respeitosa gravidade. Adorava a Deos em espirito, e verdade. Louvando com seus labios a este Senhor tinha sempre perto delle o seu coraçaõ pela presença actual com que rezava, celebrava, e assistia nos cultos Divinos. A conducta exemplar em todas as acçoens deste memoravel servo de Deos tanto em Estudante, como depois que em serviço da Igreja se ordenou, e entrou no Sanctuario, vivendo em abstençaõ das creaturas, sempre applicado a exercicios piedosos com total desapêgo dos bens terrenos, e com a contínua lembrança nos eternos prazeres, fez na Ericeira o seu nome recommendavel, e digno de eter-

na

na memoria. Foi ſepultado na Igreja da meſma Villa, onde o baptizáraõ.

535 Tambem quaſi pelo meſmo tempo falleceo no Senhor com morte de Juſto na opiniaõ dos póvos deſta Villa o Capitaõ Joaõ da Silva, que ſe fez memoravel pelas brilhantes, e heroicas virtudes da ſua vida no eſtado de caſado. Foi Alumno da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, e mais de huma vez zeloſo Miniſtro della, cuja Regra, e Eſtatutos obſervou com fervor de eſpirito. A ſua caſa era aſylo de piedade, refugio dos pobres, eſcóla de bons coſtumes, albergue, e devota hoſpedaria de peregrinos, e Religioſos, eſpecialmente do Seminario de Varatojo, quando por occaſiaõ de Miſſõ, ou de viſita da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia hiaõ áquella Villa, depois da morte da ſerva de Deos Maria do Senhor de que ha pouco ſe fallou Elle naõ tendo ſucceſſaõ de ſeu honrado Matrimonio, e honeſtas vodas; e tendo bens temporaes em abundancia fez aos pobres herdeiros delles ainda em ſua vida, diſtribuindo liberal com as neceſſidades alheias o que reſtava da ſua moderada ſuſtentaçaõ, e da ſua familia. Tambem contribuio com caritativa generoſidade

pa-

para reparar, e paramentar Igrejas, e ſoccorrer os Religioſos que vivem da mendicancia. Logo que eſte devoto Capitaõ ſabía que tinha chegado o Commiſſario da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, ou Miſſionarios de Varatojo áquella Villa, elle era o primeiro que com devota ambiçaõ os buſcava para ſua caſa, e o primeiro que no Tribunal da Penitencia lhes pedia inſtrucçoens de eſpirito no caminho do Céo. Eis-aqui o regulamento da ſua vida. Logo de manhã entregava fervoroſo o ſeu coraçaõ a Deos, meditava na Divina Lei, propunha guardá-la inteiramente, tomava proſtrado a bençaõ ao Senhor, e á ſua Puriſſima Mãi; pelo diſcurſo do dia nos emprêgos da vida civil levantava frequentemente o penſamento, e lembrança a Deos por meio de breves, e ferventes Jaculatorias; á noite, precedendo exame de ſua conſciencia, pedia humildemente perdaõ a Deos dos defeitos daquelle dia, tomando-lhe proſtrado a bençaõ, e á Santiſſima Virgem depois de rezar com a ſua familia a Ladainha, e Terço da meſma Santiſſima Virgem, e a Eſtaçaõ ao Senhor com algum tempo de meditaçaõ juntamente com ſua familia, á qual com exemplo, e palavras perſua-

ſuadia a inteira, e exacta obſervancia das Leis Divinas, e humanas, os exercicios de piedade, o uſo frequente da confiſſaõ, e communhaõ Sagrada com devota preparaçaõ.

536 Tinha eſte devoto Capitaõ taõ ardentes deſejos da ſalvaçaõ das almas, e que ſe evitaſſem as offenſas de Deos, e ſe obſervaſſem ſeus Divinos Preceitos, e os da Santa Madre Igreja, que para eſte effeito ſolicitava Miſſaõ de Varatojo para aquella Villa, offerecendo ſempre a ſua caſa para reſidencia dos Miſſionarios com o devoto intereſſe das Oraçoens dos meſmos. E porque huma Miſſaõ naõ ſe demorou alli tanto tempo, como elle deſejava, quando os Miſſionarios ſahíraõ de ſua caſa para Mafra foraõ taõ copioſas as lagrimas que vertiaõ os choroſos, e ternos olhos deſte devoto hoſpedeiro pela auſencia de ſeus hoſpedes, que conſiderava como Apoſtolos, que ſó com ellas, e naõ com palavras ſe deſpedio delles de joelhos. Sou teſtemunha deſte facto que preſenciei, ſendo, ainda que indigno, hum dos Miſſionarios naquella memoravel Miſſaõ. Elle com ſeu reſpeito, exemplo, e exhortaçoens efficazes pacificava os diſcordes daquella Villa, e viſinhanças, fazendo que todos viveſ-

ſem

ſem unidos com os ſagrados laços da humanidade, e caridade fraternal, dando aſſim occaſiaõ a que lhe chamaſſem o Capitaõ Juſto, perfeito Chriſtaõ, pai dos pobres, promotor, e zelador da verdadeira felicidade dos póvos em beneficio do Eſtado, e da Igreja, cujos Miniſtros ſempre attendeo, e reſpeitou, como Vigarios de Deos. Aſſim paſſou o melhor da ſua vida o memoravel Capitaõ Joaõ da Silva ſervindo ſempre fiel a Deos na inteira obſervancia da ſua Lei, e dos Preceitos da Santa Igreja, e tambem da Regra da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, e aſſim coroado de merecimentos entregou ſeu venturoſo eſpirito ao Creador em idade avançada. Teve em vida, e depois de morto Oraçoens, Miſſas, e devotos ſuffragios por ſua tençaõ. E naõ deixaria tambem de ter Oraçoens de grande número de pobres, cujas neceſſidades ſoccorreo em vida com repetidas eſmólas conſiderando nelles ao meſmo Chriſto.

CAPITULO IX.

Vida do memoravel, e illuſtre Meſtre de Campo Vicente Alvares da Silva e Araujo: D. Maria de S. Joſé Pereira: Antonia das Chagas; e Catharina do Eſpirito Santo.

537 NA Veneravel Ordem Terceira da Penitencia da Freguezia do notavel lugar de Trucifal, huma legoa diſtante de Varatojo, fundada no meſmo tempo que ſe fundou o meſmo Seminario de Varatojo, ſempre venturoſamente nella florecêraõ, e ainda florecem em grande perfeiçaõ de virtudes Chriſtás, fervor de eſpirito, e piedoſos exercicios, muitos illuſtres Filhos, e Filhas da meſma Veneravel Ordem. Já no primeiro Tomo fizemos honorífica memoria do illuſtre, e devoto Vicente Alvares da Silva e Araujo, Meſtre de Campo, benemerito Filho deſta Veneravel Ordem, da qual mais de huma vez foi Miniſtro, e cuja Regra obſervou com perfeiçaõ durante a ſua exemplar vida, que terminou com precioſa morte no oſculo do Senhor. A ora faremos compendioſa lem-

lembrança de tres fervorosas Irmãs Terceiras, Filhas da mesma Veneravel Ordem, que fallecêraõ no Senhor coroadas de merecimentos com morte de Justas segundo a devota crença daquelle lugar, e Freguezia onde vivêraõ, onde foraõ baptizadas, e onde foraõ sepultados seus corpos. Foi huma destas D. Maria de S. José Pereira, que pela honestidade de seu comportamento, pelo retiro em que viveo, pelas virtudes singulares, e heroicas que se lhe admiráraõ, pelo fervor de espirito, devoçaõ, e ternas lagrimas com que chegava frequentemente ao Confessionario, e á Santa Mesa para receber o Celestial Paõ do Senhor Sacramentado, deixou memoravel o seu nome, e digno de imitaçaõ para Senhoras donzellas. Recebeo sendo menina o Habito da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, cuja Regra professou, e observou com perfeiçaõ até os ultimos momentos da sua exemplar, e virtuosa vida que terminou em decrépita idade, consolada, e roborada com os ultimos Sacramentos que pedio, e com os soccorros da Igreja. Ainda que foi desde o berço criada Christãmente no santo temor de Deos, na prática das virtudes, e exercicios

pie-

piedoſos, com frequencia de Sacramentos por ſeus virtuoſos pais, naõ deixou de padecer muitas, e horroroſas tentaçoens, e ſuggeſtoens do demonio. Porém a ſerva de Deos aconſelhada do Director de ſeu eſpirito que tinha em Varatojo, com o impenetravel eſcudo da Fé, e poderoſas armas da luz que recebia na Oraçaõ, fez que o campo deſtas batalhas ſe converteſſem em theatro de glorioſas victorias, vencendo, e desbaratando o Principe das trévas tantas vezes, quantos foraõ os combates das tentaçoens.

538 Deſde ſeus primeiros annos que ſe conſagrou a Deos proteſtando que em quanto lhe duraſſe a vida antes eſcolheria perdê-la mil vezes do que commetter huma ſó culpa grave, andou ſempre acompanhada de moleſtias corporaes, e ainda a peſar deſtas, era tal o fervor de ſeu eſpirito, e tal o deſejo de fazer penitencia por Chriſto, que queria uſar de cilicios, diſciplinas, jejuns de paõ, e agua, e de outras mortificaçoens, e auſteridades para caſtigar ſeu innocente corpo, e abater o orgulho das ſuas rebeldias contra o eſpirito, e razaõ. Porém o prudente, e illuſtrado Confeſſor, temendo que eſtas penitencias incompati-

tiveis com as moleſtias deſta ſerva de Deos lhe abbreviariaõ ſummariamente a vida, ſe as praticaſſe, naõ lhe permittio o uſo dellas. Mas conſolando-a a certificou, que em lugar daquellas penitencias, e auſteridades corporaes, mortificando ella ſeus ſentidos, e paixoens, contrafazendo ſeu genio, e vontade propria, conformando-ſe com a de Deos, levando com paciencia as moleſtias que a penalizavaõ, teria igual, ou maior merecimento diante de Deos, que ſe por ſeu amor fizeſſe as maiores auſteridades. Floreceo ſingularmente eſta illuſtre donzella naõ ſó na invicta paciencia com que ſupportava a cruz dos trabalhos que padeceo ſeu corpo com moleſtias, e ſeu eſpirito com eſcrupulos, e tentaçoens, mas na Angelica virtude da caſtidade que guardou immaculada até morrer, elegendo a Chriſto por Eſpoſo, rejeitando por ſeu amor, e affecto á caſtidade os caſamentos que ſe lhe offerecêraõ. Foi terna, e cordial devota da Puriſſima Mãi de Deos, tributando-lhe todos os dias a ſua Corôa, e com ſuas criadas á noite o Terço, tomando-lhe logo pela manhã a bençaõ proſtrada, e tambem á noite; commungava nas ſuas feſtas, imitava-a na profunda humildade que ſem-

ſempre ſe lhe admirou, e na rara modeſtia com que apparecia em público, e nas Caſas de Deos em trajes ſempre honeſtos, e pouco differentes dos de ſuas criadas, reputando-ſe pela creatura mais vil do Mundo. Tudo o que ella, ſegundo o eſpirito, e modas do ſeculo, havia de gaſtar em veſtidos luſtroſos o gaſtava, e diſtribuia em eſmólas ſoccorrendo compaſſiva, e liberal os indigentes, e pobres de Jeſu Chriſto, nos quaes via, e conſiderava o meſmo Senhor. Em memoria da ſua Paixaõ doloroſa viſitava frequentemente a Via-Sacra.

539 Antonia das Chagas natural do Trucifal, onde foi baptizada, e onde ſe deo ſepultura a ſeu corpo, foi Filha da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia da meſma Freguezia, na qual em todos os tres eſtados, de donzella, caſada, e viuva até a idade perto de oitenta annos foi admirada por ſuas ſingulares virtudes, e fervor de eſpirito, que ſempre ſe lhe conheceo. Sendo menina ſe offereceo a Deos propondo por ſeu amor renunciar ſempre as vaidades do ſeculo, e viver ſegundo o eſpirito, e maximas do Evangelho. Para eſte fim ſe aliſtou debaixo das bandeiras de Franciſco Patriar-

cha Seraphico, tomando o Habito da ſua Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, cuja Santa Regra banhada em prazer de eſpirito profeſſou, e a obſervou com perfeiçaõ em todo o decurſo da ſua vida, praticando no eſtado de donzella os piedoſos exercicios que neſta Ordem ſe recommendaõ, além de outros que lhe preſcrevia ſeu Director eſpiritual, como eraõ jejuns de Sextas, e Sabbados, certas horas de cilicio, determinados dias de diſciplina com que ella caſtigava a ſua carne, a fim de a trazer ſempre ſujeita ao eſpirito, e imperio da razaõ. Confeſſava-ſe, e commungava banhada de ternura, devoçaõ, e doces lagrimas naõ ſó cada mez por occaſiaõ da Raſoura, e viſita eſpiritual, que alli faz o Commiſſario da Ordem, mas de ordinario cada oito dias, e tambem em alguns de Jubileo, Indulgencia, ou da ſua eſpecial devoçaõ. Todos os dias tinha de manhã, e de tarde, além das rezas vocaes da Corôa da Senhora, Ladainha, e Eſtaçaõ, meia hora de meditaçaõ, que de ordinario era na Vida, Paixaõ, e Morte de Chriſto Noſſo Salvador. Era por extremo devota das Chagas do meſmo Salvador do Mundo, fugia para ellas quan-

quando se sentia tentada, ellas lhe serviraõ sempre de escudo impenetravel contra os ataques dos inimigos da alma, mundo, demonio, e carne. Fazia, antes de se recolher á noite, exame de sua consciencia, pedindo perdaõ a Deos de alguns defeitos em que naquelle dia se achava comprehendida, e tambem repetia os Actos de Fé, Esperança, Caridade, Contriçaõ, e Attriçaõ, que costumava fazer de manhã, e no tempo da Santa Missa, que devota, e com summa reverencia ouvia todos os dias, na qual commungava espiritualmente, o que tambem costumava pelo discurso do dia sempre que sentia seu coraçaõ inflammado em Deos. Trajou sempre com decencia Christã, e nunca com galas excessivas, e profanas improprias de huma donzella Christã. Tirava por fructo de seus piedosos exercicios a pontual obediencia a seus pais, e Confessores, observancia inteira da Lei de Deos, odio a todo o peccado, e amor ao retiro.

540 Assim vivia Antonia das Chagas praticando na casa paterna virtudes de Freira reformada, quando lhe ajustáraõ casamento com hum moço de honestos costumes. Casou em Deos, e por Deos. Nunca visitou, nem se dei-

xou visitar de seu esposo; nunca antes de recebida foi a casa delle, nem jamais permittio que elle viesse a sua casa. Nunca lhe escreveo, nem delle acceitou escriptos, recados, dádivas, visitas, nem lhe fallou em particular, e occultamente antes de estarem ligados com o vinculo do Santo Matrimonio. Só encontrando-o em público o saudava sem distincçaõ, como a outro qualquer que naõ fosse seu esposo. A primeira vez que lhe tocou seu esposo, e ella a elle, foi quando se recebêraõ na Igreja. Prepararaõ-se ambos para o novo estado do Matrimonio com Oraçaõ, liçaõ espiritual, e frequencia de Sacramentos. De casamento feito com taõ santas disposiçoens tiráraõ estes devotos consortes por fructo de bençaõ a paz, e uniaõ em que sempre vivêraõ, que pareciaõ ter huma só alma, huma só vontade em dous corpos; o que queria hum consorte tambem queria o outro. Sempre entre elles dominou o espirito da paz, e nunca nem levemente o da discordia. Mudáraõ de estado, naõ mudáraõ de exercicios piedosos tanto Antonia das Chagas, como seu digno consorte Manoel Franco tambem Filho da Veneravel Ordem da Penitencia, cuja Re-

gra,

gra, e exercicios guardou até os ultimos momentos da ſua vida que terminou com morte precioſa na meſma Freguezia do Trucifal donde era natural, e onde fôra baptizada. Tiveraõ Antonia das Chagas, e Manoel Franco por grande beneficio de Deos, e eſpecial bençaõ de S. Franciſco, que os Religioſos, e Irmaõs de Varatojo, quando hiaõ ao Trucifal, ſe quizeſſem hoſpedar na ſua caſa. Com effeito nella os recolhêraõ durante a vida de hum, e de outro com entranhas de exceſſiva caridade.

541 Antonia das Chagas ficando viuva jamais ſe esfriou no fervor dos piedoſos exercicios que praticára no eſtado de donzella, e caſada, nem ſe fez merecedora em ſeu comportamento da cenſura, e ſevéra nota que poz S. Paulo á viuva, que incauta ſe entrega a delicias do ſeculo, que deſſa ſorte eſtá morta, ainda que pareça viva. * Nem tambem Antonia das Chagas era da claſſe daquellas viuvas levianas, que o meſmo Apoſtolo argúe, dizendo que vivendo na ocioſidade ſe acoſtumaõ a andar de caſa em caſa, naõ ſómente ocioſas, mas tambem palreiras, e curio-

* *I. Timoth. c. 5.*

riosas, fallando de cousas de que naõ deviaõ fallar. Mas antes pelo contrario consta que esta Heroina era em sua conducta taõ edificante, taõ exemplar, e taõ fervorosa, que pondo toda a sua esperança em Deos, perseverava constante de dia, e de noite em súpplicas, Oraçoens, e exercicios piedosos servindo com fidelidade ao mesmo Senhor, praticando a caridade, e hospitalidade, sempre disposta da sua parte se fosse necessario para lavar os pés aos Santos, que assim chamava aos Religiosos; sempre prompta para alliviar, e consolar os atribulados, applicada a todo o genero de obras boas, e de misericordia, evitando sempre a ociosidade, frequentando fervorosa os Sacramentos da Confissaõ, e Communhaõ Sagrada sem se affastar da direcçaõ espiritual do seu Confessor. Quem poderá pois duvidar, que sendo estas virtudes de Antonia das Chagas naõ seja ella merecedora da honra que queria S. Paulo escrevendo a Timotheo, se désse ás viuvas que tinhaõ merecimentos, e virtudes de serem attendidas, e sustentadas pela Igreja? * Acabou venturosamente esta veneravel Matrona,

* *I. Timoth. c. 5.*

na, e insigne Heroina da piedade consolada em sua decrépita idade com assistencia dos Religiosos de Varatojo a carreira de sua virtuosa vida. Teve, e tambem seu consorte, Oraçoens, Missas, e suffragios de todos os Religiosos de Varatojo.

542 Catharina do Espirito Santo, natural da mesma Freguezia, e lugar do Trucifal, benemerita Filha da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia se fez memoravel pelas singulares, brilhantes, e heroicas virtudes em que floreceo, e se lhe admiráraõ desde sua tenra idade até os ultimos momentos da sua vida que terminou no Senhor com suave cheiro de santidade na pia crença das pessoas que lhe assistíraõ, e a conhecêraõ. Offereceo-se esta illustre virgem a Deos logo em seus tenros annos protestando servir sempre ao mesmo Senhor, naõ querendo outro Esposo que Elle em quanto lhe durasse a vida, e que antes a perderia mil vezes do que huma só offendê-lo. Formou esta resoluçaõ, e fez este sacrificio por occasiaõ de huma Missaõ de Varatojo, que ouvio na sua Igreja do Trucifal. Foi fiel a suas promessas mediante os conselhos que lhe dava na vida espiritual, e caminho do Céo o

seu

ſeu Confeſſor que ſempre teve em Varatojo. Ainda em ſua primeira idade pedio com humildes inſtancias o Habito de S. Franciſco da ſua Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, cuja Regra cheia de júbilo, e fervor de eſpirito profeſſou, e guardou com a maior perfeiçaõ durante a ſua vida. Ficou por morte de ſeus virtuoſos pais com bens temporaes em abundancia. Dos quaes ella naõ uſou para os conſumir em galas exceſſivas, e vaidoſas, e em fomento de appetites, e paixoens, mas em applicaçoens ſantas, e piedoſas. O que reſtava do neceſſario para ſeu veſtido decente, e moderada ſuſtentaçaõ diſtribuia em eſmólas com os pobres da ſua Freguezia, e tambem com os Religioſos, que ella ſabía que naõ tendo outro eſtabelecimento, e ſubſiſtencia temporal que a Divina Providencia, nem além deſta outro morgado na terra que a mendiguez, elles com tudo ſervem a Deos em utilidade da Igreja, e do Eſtado, occupados ſempre no ſanto exercicio do Côro, Pulpito, e Confeſſionario.

543 Conhecendo Catharina que em quanto da ſua parte naõ era impeccavel, nem ſe achava juſtificada pela Graça, e livre de perigos; que naõ mora-

rava claufurada no retiro dos clauftros religiofos, nem na foledade da Thebaida, e Paleftina, mas no Mundo, e no lugar do Trucifal; que quem fe refolve a fervir a Deos, e a viver piamente em Chrifto por huma indifpenfavel neceffidade naõ póde deixar de paffar pelo crifol da tentaçaõ, e perfeguiçaõ; que o combate, e lucta efpiritual da alma naõ he fó contra o Mundo, contra feus partidarios, contra a carne, e fangue, mas contra os efpiritos da malicia infernaes Principes, defte feculo tenebrofo, os demonios que andaõ efpalhados pelo ar tentando, e feduzindo fempre as almas. Nefta confideraçaõ Catharina fe deliberou reveftir-fe das armas de Deos para que munida com ellas fe podeffe defender, fazer frente, e refiftir intrépida ás ciladas, traças, e machinas dos efpiritos tentadores os demonios infernaes. Affim lhe fuccedeo, coroando-fe venturofa, e gloriofamente com tantas palmas, e com tantos triunfos deftes inimigos, quantos foraõ os combates que teve com elles. Eftas armas de Deos de que fempre fe valeo Catharina, e com que fempre pelejou animofa, foraõ Oraçaõ fervorofa, devoçaõ cordial á Santiffima Virgem Mãi de Deos,

mor-

mortificaçaõ contínua da carne, e sentidos, meditaçaõ séria dos Novissimos, frequencia de confissaõ, e communhaõ Sagrada, retiro, e fuga de occasioens perigosas.

544 Donde sim he certo que ella foi tentada, e perseguida dos tres inimigos da alma de muitos modos, e por muitas vezes com vehementes, e furiosos estimulos carnaes, com horrendas, e importunas suggestoens diabolicas, com dicterios, mofas, escarneos do Mundo, ou das pessoas que vivem segundo o espirito, e maximas do Mundo. Porém a serva de Deos, qual rocha firme que batida, e combatida pelo impulso das ondas fica sempre immovel; qual arvore, e palmeira profundamente arraigadas, posto que rijamente agitadas, e impellidas de furiosos ventos permanecem no seu lugar. Da mesma sorte a venturosa Catharina do Espirito Santo, posto que por muitas vezes, e de muitos modos fosse tentada, naõ ouvia as vozes da natureza, e da carne rebelde, naõ escutava as suggestoens do Anjo das trévas, naõ attendia, nem fazia caso dos ditos de creaturas inimigas de Deos, naõ se conformava com o seculo depravado, e corrupto, nem com suas

fal-

falſas maximas. Ella, poſto que innocentemente injuriada com o nome de beata fingida, ſuperſticioſa, e fanatica, naõ voltava atraz do caminho da virtude, naõ deixava, nem deſiſtia de ſeus piedoſos exercicios, perſeverava nelles conſtante, ſervia fiel a Deos, como verdadeira imitadora, e diſcipula de Chriſto, naõ pedia na Oraçaõ vingança aos Céos contra os que tinhaõ injuriado, e offendido a ſua innocencia, mas perdaõ, e miſericordia para ſeus meſmos offenſores. Praticava as liçoens que aprendêra na eſcóla de Chriſto. Correſpondia com bençaõs ás maldiçoens; com ſúpplicas a Deos pelas offenſas; com beneficios, e eſmólas pelos aggravos que ſabía tinhaõ feito á ſua peſſoa. Sendo innocente perſeguida ſoffria com invicta paciencia Chriſtã ſempre com os olhos em Chriſto a quem tinha por exemplar de ſuas operaçoens em quanto viveo.

545 Inteiramente ella perſuadida do bom uſo, e adminiſtraçaõ dos bens de que o meſmo Senhor a fizera depoſitaria naõ faltou á juſta applicaçaõ delles. Para monumento da ſua piedade ſerve o que já vou a eſcrever. Sciente Catharina de que na ſua Freguezia havia muita falta de Miniſtros Sagra-

grados para celebrarem os Officios Divinos, e que em hum lugar da mesma Freguezia, havendo Ermida para se dizer Missa ao povo, naõ havia quem a dissesse por naõ se achar nesse lugar Sacerdote, e que esta falta de Ministros do Altar procedia em grande parte de naõ terem os Estudantes quem os sustentasse nos estudos, e lhes fizesse patrimonio para se ordenarem, a serva de Deos naõ só concorreo liberal para sustentar nos estudos hum Estudante pobre daquelle lugar, mas tambem lhe fez patrimonio para se ordenar, e com effeito se ordenou com vocaçaõ, e servio bem á Igreja. Que excellente applicaçaõ de bens temporaes! Que illuminada lembrança! Que verdadeiros sentimentos! Que exemplo digno de imitaçaõ!

546 Era Catharina de espirito compassivo. Quando chegavaõ pobres á sua porta os soccorria liberal com entranhas de extremosa caridade, parecia-lhe que via nelles a Christo, principalmente sendo Filhos de S. Francisco. Desejou com a maior ancia recolher em sua casa Religiosos, ou Irmaõs de Varatojo. Depois de muitas instancias que fez ao Guardiaõ do Seminario, alcançou delle que permittisse a

seus

ſeus ſubditos foſſem a caſa della hoſpedar-ſe ao menos alguma vez para a naõ privarem do merecimento, e grande goſto que fazia de recolher, e hoſpedar imitadores dos Apoſtolos, e do meſmo Chriſto. Queria Catharina naõ ſó ter emprêgos de Magdalena, mas exercicios de Martha. Com effeito algumas vezes ſervio tambem a ſua caſa de Hoſpicio devoto aos Religioſos de Varatojo, aos quaes ella tomandolhes de joelhos a bençaõ, e beijando-lhes o Habito ſempre com os olhos em terra, e o penſamento em Deos, queria officioſa ſervir com demonſtraçoens de exceſſiva, e extremoſa caridade com o devoto intereſſe, e uſuras de Oraçoens que pedia para ſi, e para ſua familia aos ſeus hoſpedes.

547 Soube em fim Catharina do Eſpirito Santo em traje, e profiſſaõ de Terceira Secular da Penitencia, por ſeu fervor, e eſpirito praticar virtudes, e conſervar coſtumes de Freira reformada na ſua propria caſa do Trucifal. Nella exercitava ſilencio religioſo, evitando palavras deſneceſſarias, e ſuperfluas. Nella trazia a ſua carne crucificada com os cravos de temor ſanto, e a penalizava com pungentes cilicios, e rigoroſas diſciplinas em cer-

tos

tos dias que lhe insinuava o seu Director espiritual a quem obedecia, como ao mesmo Deos. Nella só consentia se fallasse de Deos, e em Deos, e naõ em cousas do Mundo, que lhe podiaõ esfriar o espirito. Naõ admittia nella criadas que naõ fossem virtuosas, honestas, e tementes a Deos. Della só sahia para a Igreja a fim de ouvir a Santa Missa, visitar a Via-Sacra, confessar-se, e commungar com frequencia; e se alguma vez sahia a visitar pessoas visinhas era para consolá-las em suas afflicçoens, e enfermidades com esmólas que lhes deixava. Foi esta a vida da memoravel, e illustre donzella Catharina do Espirito Santo, no retiro de suas casas proximas á Igreja do Trucifal, no sitio do Deserto, e bem proprio para as delicias do espirito desta grande serva de Deos; pois costuma o mesmo Senhor levar a alma á soledade para lhe fallar ao coraçaõ. Falleceo depois do meado deste seculo fortalecida com os soccorros, e Sacramentos da Igreja, consolada, e assistida de Religiosos de Varatojo. Teve vida de mulher justa, e morte de predestinada, segundo a pia crença. Em Varatojo se lhe applicáraõ Oraçoens, Missas, e suffragios por

sua

ſua alma, que gozará de Deos no Céo, em premio de o ſervir fiel na terra deſde ſeus tenros annos até os ultimos momentos de ſua vida.

CAPITULO X.

Vida da illuſtre D. Anna Gertrudes Rita de Carvalho, que falleceo com morte de Predeſtinada na Freguezia de S. Iſidóro: e das duas virtuoſas donzellas de Ribamar, Eufemia, e Januaria.

548 NA Freguezia de Santo Iſidóro, huma legoa diſtante de Mafra, e duas e meia de Varatojo, falleceo a 4 de Maio de 1785 com morte de Predeſtinada, na pia crença dos póvos daquella Freguezia, e viſinhanças, a illuſtre, e memoravel D. Anna Gertrudes Rita de Carvalho, digna conſorte do Doutor Joſé Gorjaõ, ambos benemeritos Filhos da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia do Seraphico Padre S. Franciſco. Era natural da Freguezia de S. Pedro da Azueira, onde foi baptizada, Termo da Villa de Torres Vedras, filha legitima de Manoel Dias de Carvalho, Sargen-

to Mór da mesma Villa, assistente na sua Quinta da Figueira. Seu consorte, o Doutor José Gorjaõ era natural do sitio dos Chaõs, proximo á Igreja de S. Isidóro, onde foi baptizado, e onde se acha sepultado seu corpo, e o de sua virtuosa, e illustre consorte. D. Anna Gertrudes, pela candura, e docilidade de seu genio verdadeiramente columbino, pela inclinaçaõ ás cousas de piedade, logo desde menina, pelo fervor de seu espirito, pela perfeiçaõ de virtudes Christãs, que se lhe admiráraõ, tanto no estado de donzella, como no de casada, foi considerada como Heroîna do seu tempo; digna de servir de exemplo, e modelo para imitaçaõ a Senhoras Christãs. Logo que conheceo a Deos em menina, lhe offereceo as primicias do seu coraçaõ, entregando-lho todo sem reserva, propondo de nunca o macular com offença alguma. Teve inclinaçaõ, e vocaçaõ de ser Freira no Convento do Louriçal. Ardia em desejos de se consagrar a Deos naquelle vivo Sanctuario de Portugal. Naõ tiveraõ effeito as muitas diligencias que fez para sahir do seculo, e entrar no claustro. Continuou em casa de seus pais a fazer vida de Freira, a mais reforma-

mada pelo exercicio das virtudes, que em grão ſubido de perfeiçaõ praticava donzella, vivendo no ſeculo. Ella vendo com ſanta impaciencia que ſe demorava ſeu ingreſſo no Louriçal, ſoube fervoroſa mudar o Louriçal para caſa de ſeus pais, onde vivendo na ſua Quinta da Figueira fazia vida de Freira reformada. Alli praticava Heroicas virtudes, e piedoſos exercicios. Alli cheia de fervor tinha ſeu penſamento em Deos, e alimentava o ſeu eſpirito com a leitura de livros devotos, com a meditaçaõ na Lei do Senhor de manhã, e noite; e ſe roborava com o Celeſtial Paõ do Senhor Sacramentado, que recebia banhada em lagrimas, ainda que nem ſempre com a frequencia que deſejava por falta de commodidade. Alli praticava ſilencio Religioſo, eſpecialmente nos dias em que commungava em reverencia do Senhor Sacramentado que recebêra; e nas Sextas feiras em memoria da Paixaõ do Senhor, e no Sabbado em conſideraçaõ das Dôres, e Soledade da Senhora, evitando neſtes dias toda a palavra deſneceſſaria.

549 Alli recolhida, e ſempre occupada no honeſto trabalho de ſuas maõs, cozendo com a ſua agulha,

 fian-

fiando na ſua roca, engomando, e bordando na ſua almofada, obedecendo, e ſervindo a ſeus pais, ainda dentro da cozinha, como ſe foſſe criada a mais ordinaria, conſervava a preſença de Deos. Ella trabalhando com ſuas maõs meditava ao meſmo tempo nas couſas do Céo. Naõ obſtante ſer conducta taõ exemplar, e innocente a deſta ſerva de Deos em caſa de ſeus pais, pois jamais lhes pedio licença para outras romarias que naõ foſſem para a Confiſſaõ; jamais quiz uſar de outras galas que as da Penitencia, que recommenda S. Franciſco aos Profeſſores da ſua V. Ordem Terceira; jamais, nem levemente, lhes deſobedecia, nem ſe lhes oppunha ás ſuas inſinuaçoens, mas antes lhes deſejava advinhar a vontade para pô-la promptamente em execuçaõ, de tal ſorte que muitas vezes ſabendo que elles goſtavaõ mais em ſua filha vêr os exercicios de Martha, que os emprêgos da Magdalena, que queriaõ que trabalhaſſe mais, e oraſſe menos, D. Anna levantando-ſe de madrugada fazia a ſua Oraçaõ, privando-ſe algumas vezes do ſomno neceſſario, a fim de que quando ſeus pais acordaſſem, a achaſſem já trabalhando no ſerviço pro-

prio

prio das criadas, o que ella sem repugnancia, mas cheia de alegria, e gosto exercitava. Permittio com tudo Deos que os pais desta sua fiel serva, bem similhantes aos de S. Catharina de Sena, em mortificar filhas innocentes, e honestas, que só querem seguir, e praticar dictames do Evangelho, avisos do Céo, regras da vida espiritual, o exemplo de Christo, e naõ as modas, e maximas do seculo, e sua falsa política. Permittio Deos, digo, que os pais de D. Anna Gertrudes, em lugar de recommendarem a sua filha exercicios piedosos, Oraçaõ, e confissaõ frequente, lhe suspendiaõ estas santas práticas, dando demonstraçoens de que naõ gostavaõ dellas: de maneira que muitas vezes se confessava, commungava, rezava, e orava D. Anna ás escondidas para naõ desgostar a quem a dominava, desejando vê-la poucas vezes no Oratorio, e muitas na cozinha fazendo o officio de criada, e serva. Porém ella no mesmo trabalho, na mesma cozinha fazia Oraçaõ, trazendo sempre o Oratorio comsigo, sendo Martha no trabalho das maõs, e Magdalena levantando cheia de fervor o seu coraçaõ a Deos, que sempre considerava presente, pe-

dindo-lhe por ſeus pais, cuja voz ouvia, e attendia como da boca do meſmo Deos; e deſta ſorte a ſua caſa, e cozinha lhe ſervia tambem de Oratorio, e Igreja.

550 Algumas moleſtias que padecia D. Anna Gertrudes, ſuppoſto que naõ ſerviaõ de impedimento a ſeu fervoroſo eſpirito para continuar ſecular na caſa paterna em ſeus piedoſos exercicios, e nas grandes auſteridades com que caſtigava ſeu innocente corpo, ſerviraõ com tudo de motivo para naõ entrar no Louriçal, e para ſe lhe ajuſtar caſamento, mediante o conſelho do Confeſſor, com peſſoa igual em qualidade, e coſtumes, e ſó algum tanto deſigual na idade. A ſerva de Deos vendo de todo fruſtrados ſeus deſejos de entrar no Louriçal, e que quem dominava ſua peſſoa, e dirigia ſeu eſpirito, depois de terem na Oraçaõ conſultado a Deos, lhe aconſelharaõ que elegeſſe o eſtado do Matrimonio, no qual, ainda que naõ taõ perfeito como o Celibato, e o eſtado de Religioſa, tinha havido muitas Heroînas em virtude, e ſantidade, que ſe venerávaõ nos Altares, quando os caſamentos eraõ feitos em Deos, e por Deos. Reſolvendo-ſe em fim a accei-

tar

tar o eſtado do Matrimonio, ſe preparou para elle. De que modo? Com mais Oraçaõ, mais liçaõ eſpiritual, mais mortificaçaõ de ſi meſma, e mais frequencia de Sacramentos. Naõ admittio viſitas, recados, e eſcritos de ſeu eſpoſo, nem lhos mandou antes de ſe receber á face da Igreja, e de ſeus Altares. Entaõ foi a primeira vez que tocou a ſeu eſpoſo, e ſe deixou tocar delle, e antes nunca. De hum Sacramento eſcolhido, e celebrado, naõ por appetite, e vontade da carne, mas por vontade de Deos, com conſelho de quem faz as ſuas vezes, e com ſantas preparaçoens de eſpirito, e limpeza da alma, como poderiaõ deixar de ſeguir-ſe fructos de bençaõ? Como poderiaõ deixar taes conſortes de viver ſempre unidos na ſanta paz do Senhor? Aſſim ſuccedeo venturoſamente.

551 D. Anna Gertrudes mudou de eſtado, mas naõ mudou de coſtumes, e exercicios piedoſos, que coſtumava praticar antes de caſada. Naõ achou conſorte que lhe impediſſe a prática deſtes, mas antes ſim quem nelles lhe fizeſſe companhia. Em todo o tempo que viveo foi a ſua caſa eſcola de bons coſtumes, e paleſtra de virtudes. Sendo

do ſanta a raiz, tambem os ramos ſaõ ſantos. A boa arvore dá bom fructo. Quando os pais ſaõ virtuoſos, tambem de ordinario o ſeraõ os filhos. D. Anna deſejando ſantos os filhos, que Deos lhe deo de ſuas bodas de bençaõ, cuidou deſde o berço em criálos no exercicio das virtudes, e no ſanto temor de Deos. Por effeito da extremoſa devoçaõ que, deſde menina, ſempre conſervou ao Patriarcha S. Franciſco, em reverencia delle quiz que o primogenito, e morgado da ſua caſa ſe chamaſſe Franciſco de Aſsís Ficava cheio de prazer o ſeu compaſſivo, e terno coraçaõ, quando via em ſua caſa, e á ſua meſa Filhos de S. Franciſco. Eſtando em certa occaſiaõ tudo diſpoſto, e prompto para ſe jantar em ſua caſa, apênas da janella aviſtou ao longe hum vulto, que ſe lhe repreſentou trazer Habito de S. Franciſco, logo alvoraçada, como tranſportada, e banhada de alegria eſpiritual gritou, dizendo: Alviçaras, alviçaras, que nos traz Deos a noſſa caſa hum Fradinho de S. Franciſco, e ſem elle chegar naõ ſe ha de jantar hoje aqui. Com effeito mandou ſuſpender o que eſtava diſpoſto para ſe comer, com ordem de eſperar por a-

quel-

quelle ſervo de Deos, dizendo: Eſtes ſaõ Alumnos da Providencia Divina, verdadeiros pobres de eſpirito, que por amor de Chriſto, a fim de o ſeguirem, e imitarem, fazendo vida Apoſtolica, e Evangelica, deixáraõ tudo quanto tinhaõ no Mundo; o que lhes fizermos a elles, o fazemos ao meſmo Deos a quem elles ſervem de dia, e de noite: de tantos bens de que o Senhor nos fez depoſitarios, he razaõ que ſoccorramos as ſuas neceſſidades, e que tenhamos por grande honra, e por grande beneficio, que o meſmo Senhor nos faz, hoſpedá-los na noſſa caſa, e aſſentá-los á noſſa meſa: e naõ he juſto, nem razaõ, que elles mortificados experimentem penúria, e fome, podendo nós, que vivemos em abundancia, e regalos, facilmente ſoccorrê-los com allivio delles, e com merecimento, e ganancia noſſa.

552 Jamais eſta ſerva de Deos, tanto no eſtado de donzella, como de caſada, uſou de galas profanas, exceſſivas, e vaidoſas, mas ſempre de trajes modeſtos, decentes, e moderados. Eſtes ſentimentos de moderaçaõ, e honeſtidade Chriſtã nos trajes inſpirou em ſuas filhas, as quaes, e a ſeus filhos, como ſe diſſe acima, criou deſ-

de

de o berço no ſanto temor de Deos; enſinando-lhes com palavras, e exemplos a exercitar virtudes, e praticar piedoſos exercicios de Oraçaõ Mental, leitura de livros devotos, frequencia de Confiſſaõ, e Communhaõ Sagrada com devota preparaçaõ, devoçaõ com a Puriſſima Mãi de Deos, reverencia aos lugares Sagrados, e Miniſtros do Senhor, tomando-lhes a bençaõ de joelhos, e, ſe eraõ Religioſos, beijando-lhes o Santo Habito, para lucrarem as Indulgencias, que tem concedido os Vigarios de Chriſto a todas as Peſſoas, que com devoçaõ beijarem o Habito dos Religioſos. Em fim D. Anna Gertrudes era mãi, e meſtra de ſeus filhos. Na ſua caſa nunca ſe viraõ danças, jogos, e aſſembléas profanas; nem ſe admittiaõ nella criadas, ou peſſoas que naõ foſſem devotas, virtuoſas, e tementes a Deos. Enſinava a Doutrina a ſeus filhos, e filhas; e tambem enſinava a eſtas a cozer, bordar, fiar, engomar, e a eſtarem ſempre occupadas em trabalho honeſto, tendo preſente a Deos, e que nunca eſtiveſſem ocioſas, nem com o penſamento no Mundo. De manhã, e de tarde queria que ſempre houveſſe em ſua caſa Oraçaõ, e que antes de ſe recolhe-

lherem a dormir se rezasse o Terço da Santissima Virgem, e a sua Ladainha, e tambem exame de consciencia. Com esta moderaçaõ, e comportamento taõ Christaõ, e taõ conforme ás maximas do Evangelho, visivelmente se viaõ crescer tambem os bens temporaes na casa de D. Anna Gertrudes. Porém naõ era o Mundo digno de conservar em si taõ grande alma. Ainda que esta Heroîna de piedade sempre andava preparada para morrer, vendo-se atacada de hum fluxo de sangue pedio logo os ultimos Sacramentos, e roborada a sua alma com elles, a entregou placidamente ao Creador. E seu devoto, e digno Consorte, como tendo saudades de ir vêla ao Céo, partio para a eternidade pouco tempo depois, tambem fortalecido com os soccorros espirituaes, e Sacramentos ultimos da Igreja, que pedíra cheio de ternura, e fervor de espirito. Concluo, dizendo que D. Anna Gertrudes era alma verdadeiramente grande, e cheia de Deos, e que a sua casa só se distinguia de hum claustro reformado em que nella praticava por devoçaõ o que no claustro se faz por obrigaçaõ. Dos Mysterios da Vida, e Morte de Christo era a

sua

ſua Oraçaõ contínua, tendo-a por modélo, e exemplar de ſuas operaçoens. Porém entre os demais Myſterios lhe roubava o coraçaõ com mais doce violencia o do Santo Naſcimento, conſiderando na baixeza, e deſabrigo de humas palhas ao que formou, e afformoſeou de Eſtrellas o Céo, e vendo ao Immenſo reduzido a breve clauſula do corpo de hum Menino. Neſta conſideraçaõ ficava a ſerva de Deos como tranſportada.

553 Na meſma Freguezia de S. Iſidóro, paſſados alguns annos depois do meado deſte ſeculo, florecêraõ duas donzellas no lugar de Ribamar, Filhas da V. Ordem Terceira da Penitencia, que ſe fizeraõ memoraveis por ſuas virtudes, honeſtidáde, e recolhimento em que ſempre vivêraõ, e que ſempre ſe lhes admirou. Eſtas ſe chamavaõ Eufemia, e Januaria. As quaes ainda que foraõ pobres de bens temporaes, terrenos, e caducos, foraõ verdadeiramente ricas em virtudes, fazendo-ſe por ellas merecedoras dos verdadeiros, eternos, e permanentes bens da outra vida. Logo de meninas, apênas lhes amanheceo o uſo da razaõ, ſe reſolvêraõ aborrecer ſempre o Mundo, e amar ſempre a Deos, a quem

of-

offerecêraõ o coraçaõ, propondo antes morrer, do que maculá-lo com peccado grave. Abraçando fervorosas, e professando a Regra, e Instituto da V. Ordem da Penitencia, cumpríraõ com perfeiçaõ os piedosos exercicios que ella prescreve. Recolhidas em suas casas, occupadas no honesto trabalho de suas maõs, de que se sustentavaõ, servindo, e obedecendo a seus pais, sempre com a lembrança no Céo, e na Paixaõ de Christo, naõ queriaõ outros divertimentos que seus devotos exercicios de Oraçaõ, que faziaõ de manhã, e á noite; liçaõ espiritual, e Via-Sacra nos dias Santos; nem appeteciaõ outras romarias do que irem todos os Domingos, e dias Santos á sua Igreja para se confessarem, e commungarem, e tambem algumas vezes no anno a Varatojo consultarem seus Directores espirituaes no que respeitava ao aproveitamento de sua alma, prática das virtudes, e caminho do Céo. Naõ desejáraõ outras gallas que as da penitencia. Mortificavaõ as suas paixoens, e seus corpos, naõ só com aspereza do vestido grosseiro de que usavaõ, e jejuns que praticavaõ em certos dias, mas tambem com o rigor de cilícios, e flagellaçaõ das disciplinas

nas que tomavaõ, ſegundo a prudente direcçaõ de ſeus Confeſſores, naõ havendo moleſtia, ou outra cauſa juſta que fizeſſe ſuſpender eſtes exercicios. Elles ſervíraõ de armas poderoſas a eſtas venturoſas donzellas, para ſe defenderem ſempre dos tres inimigos da alma; e de remedios ſaudaveis, e efficazes para perſeverarem no caminho do Céo, e conſervarem a Graça Divina em toda a ſua vida, que termináraõ conſoladas com morte ſocegada, e precioſa em premio de ſuas virtudes, e fidelidade a Deos no inteiro cumprimento da ſua Lei, e obſervancia pontual dos Mandamentos da Santa Madre Igreja, Eſpoſa do meſmo Senhor. A ſua contínua meditaçaõ era na Vida, e Morte de Chriſto, que ſempre tiveraõ por exemplar de ſuas operaçoens.

CA-

CAPITULO XI.

Vida de tres exemplares Parochos; da Carvoeira, Cunhados, Vimeiro, e do devoto Padre Jacintho de Oliveira, do mesmo lugar.

554 TAmbem venturosamente neste seculo, nas visinhanças de Varatojo, se viraõ florecer, entre outros, tres zelosos Parochos, Filhos da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, os quaes por sua conducta exemplar, e por suas heroicas virtudes no emprêgo Pastoral, justamente foraõ considerados como tres candieiros luzentes, que a invisivel Maõ de Deos collocou nas Igrejas da Carvoeira, do Vimeiro, e dos Cunhados. Todos elles cheios de zêlo alumiavaõ, animavaõ, e caminhavaõ com a luz da sua doutrina, com a voz efficaz, e persuasiva do seu exemplo no caminho do Céo, e vida Christã, naõ só a seus Parochianos, mas a muitas almas que vinhaõ de longe ás suas Freguezias, para no Tribunal do Sacramento da Penitencia receberem sólidas instrucçoens de espirito, e importantes avisos da eterna salvaçaõ. Eraõ ador-

adornados estes benemeritos, e memoraveis Parochos das relevantes qualidades, que na pessoa de hum Bispo requer S. Paulo em qualquer Pastor, que tem a seu cargo ovelhas de Jesu Christo. O qual para cumprir com seu emprêgo, segundo o mesmo Apostolo, deve na sua conducta ser irreprehensivel, sabio, prudente, concertado, casto, amigo da hospitalidade, capaz de ensinar, modesto, benigno, justo, santo, que naõ seja sujeito a vinho, nem propenso a espancar; mas moderado, alheio de contestaçoens, desenteressado, que naõ seja soberbo, nem iracundo, nem amigo de sórdidas ganancias. Que seja fortemente addicto ás verdades da Fé, como ellas lhe foraõ ensinadas; a fim de que tenha capacidade para exhortar, segundo a sã Doutrina, e para convencer os que se lhe opposerem. As mencionadas qualidades que requeria S. Paulo nos Prelados da Igreja, tinhaõ estes tres memoraveis Parochos copiadas no seu espirito.

555 Era o primeiro Caetano Ferreira Palha, natural do lugar da Ameixoeira, Freguezia de Nossa Senhora da Consolaçaõ da Villa do Chaõ de Couce, Bispado de Coimbra. Falleceo no Senhor com claro conhecimento,

con-

consolado, e roborado com todos os ultimos Sacramentos da Igreja, que pedio, e recebeo cheio de ternura, e devoçaõ, banhado em lagrimas, a 15 de Fevereiro de 1763. Foi sepultado com o Habito de nosso Seraphico Padre S. Francisco, de que era Filho na sua Terceira Ordem da Penitencia, na Igreja Parochial da Carvoeira, onde por muitos annos tinha sido benemerito Prior, e onde se conserva memoravel o seu nome. Este zeloso, e illuminado Pastor das Ovelhas de Jesu Christo, naõ só cuidava solícito em roborá-las, e illuminá-las, e apascentá-las com a luz da Doutrina sã, com o espiritual, e substancial alimento da Confissaõ, e Sagrada Communhaõ frequente, mas ainda muito mais com o exemplo da sua pessoa nos exercicios devotos, e piedosos da Oraçaõ Mental, Via-Sacra, Terço da Mãi de Deos, e em alguns dias tambem disciplina, que fazia na sua Freguezia. Tambem para conservar esta livre de escandalos, e peccados públicos, e para livrar as suas Ovelhas das garras, e boca do lobo infernal na figura de alguma pessoa escandalosa, e libertina, soube usar de hum meio, que sendo facil lhe servio de remedio summario,

prom-

prompto, efficaz, e preſervativo contra o contagio dos eſcandalos na ſua Freguezia. Foi Caetano Ferreira Palha fallar com o Miniſtro Regio de Torres Vedras, e lhe expôz a obrigaçaõ que elle tinha, como Miniſtro do Principe, de proteger os Sagrados Cánones, e auxiliar a Santa Igreja, e a ſeus Miniſtros; que eraõ infinitas as utilidades, que a ella, e ao Eſtado ſe ſeguiaõ de andar ſempre unido o Imperio com o Sacerdocio; que com o auxilio prompto, e efficaz da força do braço Secular em favor da Igreja, e de ſeus Miniſtros, evitando ſe innumeraveis offenſas de Deos, obſervaõ os póvos as Leis Divinas, e humanas, e ſe conſervaõ na humilde ſujeiçaõ, reverencia, e obediencia aos Prelados da meſma Santa Igreja, aos Monarchas, e Principes; e que faltando eſta providencia ſuccedia laſtimoſamente tudo pelo contrario. Que em conſideraçaõ diſto prevenia a elle Miniſtro, que tanto que lhe déſſe aviſo, que alguma peſſoa da ſua Freguezia da Carvoeira era merecedora de caſtigo, a mandaſſe logo buſcar preſa, para tê-la na cadêa por todo o tempo que mereceſſe o ſeu delicto, ſem jamais dar ouvidos, nem attender a em-

pe-

penhos de respeitos humanos que lhe fizessem, para soltá-la com offensa da Justiça, e tambem de Deos. Nem o Ministro, nem o Parocho faltáraõ a seus devêres, e ao que amigavelmente estipuláraõ entre ambos, sem outro interesse que o bem público, e a causa de Deos. O certo he que desta sorte conservou este memoravel Parocho venturosamente a sua Freguezia, sem escandalo algum público de Freguez seu, mas todos com tal refórma nos costumes, com tal observancia das Leis Divinas, e humanas, com tal caridade entre si, e com tal fervor de espirito na prática das virtudes, na humilde sujeiçaõ, e obediencia aos Ministros da Igreja, e ao seu Principe, que pareciaõ Cristaõs da Primitiva. Oh! se todos os Ministros Regios, e Parochos tivessem este zêlo, que bens se seguiriaõ á Igreja, e ao Estado, e que males, e peccados se evitariaõ! Naõ morreo empenhado este insigne Pastor, mas só oito tostoens lhe acháraõ de seu depois da sua morte.

556 Era o outro memoravel Parocho, Henrique Gomes Ventura, natural de Rendide, em cuja Igreja de S. Pedro da Cadeira recebeo o Baptismo no anno de 1707. Foi benemerito Cu-

ra por eſpaço quaſi de quarenta annos na Freguezia do Vimeiro da Lourinhã, duas legoas diſtante de Varatojo, o qual cheio de dias, e de merecimentos morreo no Senhor entre ſuas Ovelhas, que doridas, e choroſas, diziaõ: Morreo o noſſo Paſtor juſto, falleceo o noſſo Padre ſanto, acabou a vida o noſſo amparo, o noſſo allívio, e toda a noſſa conſolaçaõ. Ai, que ſerá de nós! Falleceo no anno de 1779. Foi ſepultado ſeu veneravel cadaver na meſma Igreja. Gaſtava a maior parte do dia, e tambem da noite na ſua Igreja, e Confeſſionario com tal promptidaõ, e zêlo, que poucos Freguezes ſeus deixavaõ de ſe confeſſar, e commungar nos dias Santos, e muitos com mais frequencia. Moſtrava ſanta impaciencia, ſe os naõ via chegar á Santa Meſa nos dias Santos ao menos. Fazia-lhes todos os dias Oraçaõ na Igreja de manhã, e de tarde ordinariamente pelas Meditaçoens do V. P. Manoel Bernardes. Enſinava-lhes a Doutrina. Perſuadia-lhes com efficacia que tiraſſem por fructo de ſua Oraçaõ, e exercicios piedoſos a inteira obſervancia da Lei de Deos, e odio a todo o peccado; que foſſem cordiaes devotos da Santiſſima Virgem, tomando-

lhe

lhe a bençaõ pela manhã, e á noite; que se fizessem Filhos de S. Francisco na sua Terceira Ordem da Penitencia, cuja Regra elle professou, e guardou com perfeiçaõ em quanto lhe durou a vida, que toda desde seus primeiros annos empregou no serviço de Deos, e da Igreja, sendo Sacerdote, e Parocho de conducta exemplar, e irreprehensivel. Quasi pelo mesmo tempo morreo no osculo do Senhor, no mesmo lugar do Vimeiro, donde era natural, o exemplar Sacerdote Padre Jacintho de Oliveira, Filho benemerito da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, tio do Sargento Mór da Comarca, e sobrinho do V. P. Fr. Antonio do Rosario, Missionario de Varatojo, tendo florecido em virtudes, especialmente na hospitalidade, na caridade, e zêlo da salvaçaõ das almas, alimentando-as com o paõ da Doutrina, Oraçaõ, e Sacramentos, que administrava na sua Igreja, naõ por obrigaçaõ de Parocho, mas por effeito da caridade.

557 Igual comportamento de espirito Ecclesiastico, de vida sempre edificante, e irreprehensivel, e de zêlo paternal com suas Ovelhas se admirou em Antonio Duarte, Cura memoravel

por mais de quarenta annos na Freguezia dos Cunhados, legoa e meia distante de Varatojo. Era natural de Rendide, Freguezia de S. Pedro da Cadeira, onde foi baptizado. Foi Estudante de costumes innocentes, sempre devoto da Mãi de Deos, criado com Oraçaõ, e frequencia de Sacramentos debaixo da direcçaõ do seu Confessor, que sempre conservou em Varatojo. Com permissaõ deste jejuava certos dias, e alguns a paõ, e agua, mortificava os seus sentidos, e seu corpo com o uso de cilicios, e disciplinas. No Collegio de S. Antaõ de Lisboa, onde com os Padres da Companhia de Jesus estudou Philosophia, e Theologia, se distinguio por seu raro talento entre seus Condiscipulos com plena satisfaçaõ de seus Mestres. Dos quaes recebeo muitos livros de grande preço em premio dos triunfos, que nos argumentos literarios alcançava de seus rivaes. Crescia nas Letras, e na piedade, de que sempre deo conhecidas provas, apartando-se em todo o tempo de homens máos, e libertinos, e acompanhando sempre com pessoas virtuosas, e tementes a Deos. Com inclinaçaõ, e vocaçaõ ao estado Ecclesiastico, e desejos de servir a Igreja,

ja, logo que foi ordenado de Diácono, e de Presbytero, se applicou ao ministerio da santa palavra, sendo reputado por insigne Prégador do seu tempo, e chamado até da Villa de Peniche, e de outras terras distantes para prégar. Prégava a Jesu Christo, buscando o aproveitamento espiritual de seus Ouvintes, e conversaõ dos peccadores, e naõ applausos, e interesses terrenos. Colhia no Confessionario em que foi contínuo o fructo de suas prégaçoens Evangelicas. Sempre trouxe por inseparavel companheira a mortificaçaõ de suas paixoens, e crucificada a sua carne com os cravos do temor. Jamais se esfriou o seu espirito nos piedosos exercicios da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, que professou, e de que por vezes foi zeloso Ministro. Nem jamais, durante a sua vida, deixou o exercicio das virtudes compativeis com o seu estado, que fazia praticar com perfeiçaõ em gráo heroico.

558 Na Oraçaõ, escóla em que se enriquece a alma com a erudicçaõ de todas as virtudes, foi Antonio Duarte contínuo. A virtude da Fé sobrenatural, princípio, e raiz da justificaçaõ, e base fundamental de todas as virtu-

des,

des, tinha assento no seu coraçaõ. A Esperança, alento generoso que esporêa ao coraçaõ para a importante empreza da conquista do Céo, a teve em gráo heroico. A Caridade, corôa, e alma das outras virtudes, foi sublime, e extremosa neste verdadeiro Levita, Sacerdote do Senhor, e Pastor vigilante de suas Ovelhas. Na castidade foi puro, sem jámais deixar macular o seu corpo, e a sua alma em toda a sua vida com a nódoa de peccado immundo. A humildade profunda que se lhe admirou, lhe servio de base no edificio das virtudes, e fabrica da perfeiçaõ espiritual a que subio. No zêlo da salvaçaõ das almas, especialmente com as da sua Freguezia, foi ardentissimo Sempre seus Freguezes o achavaõ prompto para da Cadeira os instruir na Doutrina Christã, na observancia das Leis Divinas, e humanas, no cumprimento dos devêres proprios de cada hum; para os ouvir de confissaõ no Tribunal da Penitencia, e para lhes repartir o Paõ dos Anjos na Santa Mesa; para ir a suas casas confessá-los, e ajudá-los a bem morrer quando se achavaõ enfermos. Era rara a pessoa na sua Freguezia, que deixasse de chegar á fonte da

con-

confiſſaõ, e á Meſa da Sagrada Communhaõ ao menos cada mez, e grande número cada oito dias, e ainda com mais frequencia. Tanto os Freguezes deſta Freguezia, como das duas proximamente aqui mencionadas pareciaõ na caridade, e fervor de eſpirito Chriſtaõs da Igreja primitiva.

559 E naõ deixa de cauſar grande admiraçaõ que ſendo, tanto o Curato deſta Igreja, como o do Vimeiro de taõ tenue rendimento, que naõ recebem eſtes pobres Parochos ſenaõ huma limitada congrua, e nada de dizimos das Igrejas; e por outra parte ſendo ſuas reſidencias hoſpedarias de peregrinos, e Religioſos, e ſervindo tambem ſuas proprias caſas como de celeiros públicos, e boticas patentes para pobres, e enfermos de ſuas Freguezias, naõ deixa, digo, de cauſar grande admiraçaõ que naõ viveſſem, nem morreſſem empenhados eſtes Parochos, antes pelo contrario tendo na vida, e na morte diſtribuido liberaes eſmólas, ainda com indigentes de fóra de ſuas Freguezias, naõ deixáraõ gravados com dívidas a ſeus herdeiros, e parentes. Fallei com peſſoa que me aſſeverou recebêra do Padre Antonio Duarte, pouco antes da ſua mor-

morte, doze mil e oitocentos reis para os diſtribuir em eſmólas com os pobres de S. Pedro da Cadeira, e na propria Freguezia tinha feito o meſmo, e ainda com mais profuſaõ, ſegundo o teſtemunho do Meſtre P. Fr. Lourenço de S. Joſé, Eremita de S. Agoſtinho, conventual em Pena-firme, que aſſiſtio ao feliz tranſito deſte memoravel Eccleſiaſtico. Tambem cauſa admiraçaõ, que as Igrejas deſtes pobres Parochos no aſſeio, nos paramentos, nos traſtes, nos ornamentos, nos vaſos ſagrados, com tudo o mais excedam a muitas de Priores, e Abbades que tem muitos mil cruzados de rendimento nos dízimos, e paſſaes de ſuas Igrejas rendoſas. Porém eſtes ſaõ os grandes milagres da Providencia de Deos, que ſabe multiplicar cem vezes em dobro o que ſe dá por ſeu amor, e abençoar o pouco que reſta depois de diſtribuir muito por motivo de caridade dos proximos. Mas naõ coſtuma, nem póde multiplicar, e abençoar o que ſe conſome com deſordem, e ſe faz illicitamente paſſar pelos canaes do vicio. Falleceo o P. Antonio Duarte no mez de Fevereiro do anno de 1796, na avançada idade de oitenta e quatro annos, tendo ſido

do baptizado a 12 de Dezembro de 1712. Pedio, e recebeo os ultimos Sacramentos com claro conhecimento de que eſtava proxima a jornada da eternidade, expirando placidamente no Senhor, ſem géſto algum de que morria. Foi ſeu corpo enterrado na meſma Igreja, onde fôra Parocho, e onde ſerá ſempre memoravel o ſeu nome.

CAPITULO XII.

Vida da illuſtre D. Antonia Joaquina Tereza de Souſa Morato, exemplar, e virtuoſa Conſorte do memoravel Capitaõ Mór de Torres Vedras Franciſco Mendo Trigoſo Pereira Homem de Magalhaens.

560 COncluo finalmente eſta Hiſtoria com a compendioſa noticia da vida, e morte precioſa de D. Antonia Joaquina Tereza de Souſa Morato, illuſtre, e benemerita Filha da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de meu Seraphico Padre S. Franciſco. A qual em noſſos dias terminou a carreira de ſua vida mortal no Senhor placidamente, depois de ter florecido na perfeiçaõ de virtudes, que para imita-

taçaõ póde ſervir de modélo vivo a ſenhoras donzellas, e caſadas. Foi criada deſde ſeus tenros annos por ſeus virtuoſos, e nobres pais, ſegundo as maximas da verdadeira piedade, em exercicios ſantos, na leitura de livros piedoſos, na frequencia de Sacramentos, e no honeſto trabalho, recolhida na ſua Quinta junto á Madre de Deos nos ſuburbios de Lisboa, Freguezia de S. Engracia ao Paraiſo, onde foi baptizada. Logo que ella com a luz da razaõ, e da Fé conheceo a Deos, lhe conſagrou o ſeu coraçaõ, propondo amá-lo ſempre, e nunca offendê-lo. Foi fiel ás ſuas promeſſas. A honeſtidade, gravidade, fervor de eſpirito, innocencia de coſtumes, e perfeiçaõ de virtudes, que tinha eſta ſenhora em donzella, recolhida em caſa de ſeus pais, ſe naõ excedia igualava a conducta de huma Freira reformada no clauſtro. Ajuſtou-ſe-lhe caſamento com Franciſco Mendo Trigoſo Pereira Homem de Magalhaens, benemerito Capitaõ Mór de Torres Vedras.

561 Caſada D. Antonia por eleiçaõ de ſeus pais, e conſelho de ſeu Confeſſor, mudando de eſtado naõ mudou de coſtumes ſantos, que praticava em don-

donzella. Foi venturosa em seu Matrimonio; porque achou esposo Fidalgo, com nobreza, riqueza, e virtudes, que sendo-lhe fiel ao thálamo naõ lhe impedia o Oratorio, e exercicios de piedade, antes gostoso queria nelles acompanhar a sua devota, e illustre Consorte. Com elle viveo santamente em todo o tempo de casada, com tal paz, uniaõ, e socego, e com tal conformidade de genio, que sendo dous os córpos destes venturosos Consortes, parecia haver nelles huma só alma, hum só coraçaõ, huma só vontade. O que queria o Esposo, tambem queria a Esposa; o que ella sentia, sentia elle. Desde o berço criou os filhos que teve de suas honradas, e abençoadas bodas no santo temor de Deos, na devoçaõ da Santissima Virgem, no respeito á Igreja, e a seus Ministros, na frequencia dos Sacramentos que saõ canaes da Graça, na prática das virtudes, no ensino dos princípios da Religiaõ revelada, e com tal empenho, que apênas seus filhos sabíaõ fallar, já sabíaõ a linguagem do Céo, e a sciencia de Deos, já sabíaõ a Doutrina Christã, já em seus tenros annos estavaõ taõ perfeitamente instruidos nella, que como Theologos a podiaõ ensinar.

562 Querendo D. Antonia que ſua caſa ſe conſervaſſe ſempre eſcóla de bons coſtumes, e de virtudes, pôz ſolícita o primeiro cuidado em perſuadir com a maior efficacia a prática dellas com palavras, e exemplos a ſeus domeſticos, e criadas. Com eſte fim jamais conſentio que para ſua caſa, e familia ſe acceitaſſe, nem conſervaſſe criada que naõ trouxeſſe ſempre comſigo o ſello do temor de Deos, e que naõ vieſſe veſtida com a precioſa galla da honeſtidade, nem tambem queria que ſe admittiſſe para Capellaõ de ſua caſa Sacerdote, que naõ tiveſſe o authentico privilegio de virtuoſo, e exemplar. Donde os pais que tinhaõ ſuas filhas ſervindo na caſa da Quinta nova com eſta ſenhora, viviaõ taõ deſcançados, e ſatisfeitos, como ſe ellas moraſſem em recolhimento, e clauſura de clauſtro reformado. Huma das práticas ſantas, que eſta Heroîna da piedade queria ſe conſervaſſe na ſua caſa, e Quintas, como em cabeça de morgado, e herança de bençaõ, era a devoçaõ da Santiſſima Virgem, recommendando que em todas as noites, antes da refeiçaõ da comida, ao ſom do toque do ſino, ſe ajuntaſſe a familia para rezarem a Corôa, ou Ter-

ço

ço á Soberana Senhora Virgem Mãi de Deos. Foi hum Feitor desta devota casa taõ fiel, e taõ zeloso á recommendaçaõ que lhe tinhaõ feito seus amos, que achando-se elles ausentes, constando-lhe que huma pessoa familiar, e servente da casa, faltára sem causa a rezar o Terço da Senhora, a privou aquella noite da cêa, e refeiçaõ corporal por ter faltado á refeiçaõ espiritual do Terço da Virgem Mãi de Deos. Tambem D. Antonia querendo ser mãi, e mestra de suas criadas na prática das virtudes, e na inteira observancia da Lei de Deos, andava sempre solícita em acautelar qualquer máo exemplo, ou offensa de Deos que podésse haver na sua familia, lançando della toda a pessoa servente que escandalizasse as outras, se advertida se naõ emendava. Assim succedeo com pessoa familiar desta exemplar familia, que costumando fallar no diabo, e rogar pragas ás outras, a qual, porque sendo advertida se naõ emendou, foi logo lançada fóra, e despedida para exemplo, e escarmento de outras. Que admiravel conducta de senhora para com suas criadas, e serventes!

563 Deos admiravel sempre em seus

ſeus conſelhos, que permitte trabalhos, e males para maiores bens em almas que muito ama, e de quem he muito amado, querendo provar a paciencia, e com ella augmentar a corôa do merecimento a eſta ſua fiel ſerva, diſpôz que ella em grande parte de ſua vida paſſaſſe pelo criſol de tantas, e taõ complicadas queixas convulſivas, que quaſi de ordinario lhe penalizavaõ o corpo, além da enfermidade de eſcrupulos taõ moleſta, que frequentemente lhe opprimiaõ a ſua delicada conſciencia, e de tentaçoens taõ fortes, taõ contínuas, e taõ vehementes com que os inimigos da ſua alma a combatiaõ, que parecia viver por milagre. Eu aſſim o penſei as muitas vezes que tambem ſondei o ſeu bom eſpirito, ouvindo-a de confiſſaõ. Porém a fiel ſerva do Senhor ſem jamais eſcutar, nem attender ás vozes da natureza, e amor proprio, ainda que ſentia o corpo enfermo, tinha ſempre o eſpirito prompto para os louvores de Deos, e para os exercicios compativeis com ſuas enfermidades; poſto que opprimida com grandes eſcrupulos, e deſconfianças da ſalvaçaõ, as depunha, obedecendo como a Deos aos Directores de ſeu eſpirito. Sim,

D.

D. Antonia, ainda que atacada com vehementes tentaçoens, e ſuggeſtoens, ella naõ ſuccumbindo a nenhuma de todas alcançava glorioſa, e venturoſamente a palma, e triunfo, pelejando ſempre com as armas de Deos, que lhe aconſelhavaõ ſeus Directores. Eraõ eſtas fervente Oraçaõ a Deos; recurſo á Santiſſima Virgem; uſo frequente da Confiſſaõ, e Communhaõ Sagrada; lembrança, e meditaçaõ dos Noviſſimos, e da Sacratiſſima Vida, Paixaõ, e Morte de Chriſto.

564 Ella, além de outras devotas rezas vocaes, logo de manhã, entregando o ſeu coraçaõ a Deos, nutria a ſua alma com o ſuſtento da Oraçaõ Mental; o meſmo coſtumava á noite, roborando ſeu eſpirito com fervoroſos Actos de Fé, Eſperança, Caridade, Contriçaõ, e Attriçaõ, e com propoſitos firmes de antes morrer, do que offender a Deos. E quando ſe ſentia opprimida das enfermidades, tanto do corpo, como do eſpirito, dizia: Faça-ſe a vontade de Deos. Quando ſe via atacada, e cercada dos inimigos da ſua alma com tentaçoens, dizia animoſa: O dito, dito, antes mil vezes morrer, do que huma ſó peccar. Meu Deos, vinde em minha ajuda, ſoc-

ſoccorrei-me, livrai-me do peccado, e das tentaçoens de meus inimigos. Virgem Mãi de Deos, aſſiſti-me com o poderoſo braço da voſſa protecçaõ. Antes de ſe recolher fazia exame de conſciencia, pedindo perdaõ a Deos de alguns defeitos em que tinha cahido, e tropeçado naquelle dia, propunha a emenda para o futuro, rezava a Eſtaçaõ ao Santiſſimo Sacramento, tomava a bençaõ á Soberana Virgem Mãi de Deos, a quem deſde menina obſequiava com o tributo da ſua Corôa, ou Roſario, que lhe rezava cada dia cheia de fervor, e devoçaõ. Chegava frequentemente com devota preparaçaõ á fonte da Confiſſaõ Sacramental, para purificar a ſua alma, naõ de peccados graves, que a juizo de ſeus Confeſſores naõ os commetteo por grande, e eſpecial beneficio de Deos, tanto em donzella, como em caſada, mas de alguns defeitos, e faltas leves em que cahem, e tropéçaõ algumas vezes almas de eminente virtude, ſem que por iſſo percaõ a Graça, nem deixem de ſer muito amadas de Deos. Roborava o ſeu eſpirito com o Celeſtial Paõ do Senhor Sacramentado, que cheia de reverencia recebia da Santa Meſa, naõ ſó nas Feſtas principaes,

mas

mas de ordinario nos dias Santos, de Jubileo, e de ſua eſpecial devoçaõ, lembrada de que ſe na Confiſſaõ recebia a Graça, na Communhaõ recebia o Author da Graça. Recommendava a ſuas criadas, familia, e filhos eſte louvavel, e proficuo uſo frequente dos Sacramentos, recorrendo. Quando ſe achava na ſua caſa da Quinta-nova, e naõ podia ir a Varatojo, recorria ao Guardiaõ do Seminario que lhe mandaſſe Confeſſor para ella ſe confeſſar, e ſua familia.

565 A pezar das grandes, e complicadas moleſtias corporaes, que de ordinario acompanhavaõ a eſta ſerva de Deos, ainda ſeu fervoroſo eſpirito appetecia padecer mais por Chriſto, ainda deſejava caſtigar o ſeu corpo com mais penitencias. Porém os Confeſſores deſta fervoroſa, e grande alma, em conſideraçaõ das queixas habituaes, que ella padecia, a que de alguma ſorte ſe lhe podiaõ chamar eſpecie de martyrio lento, naõ lhe concedêraõ o uſo de cilícios, diſciplinas, jejuns, abſtinencias de certas iguarias, e de outras auſteridades corporaes que ella intentava, mas conſolando-a a certificavaõ, que pezando tambem na balança de Deos para o merecimento os

 bons

bons desejos, poderiaõ os della diante do mesmo Senhor ter igual, ou maior merecimento, se em lugar das austeridades, e penitencias corporaes, mortificasse os seus sentidos, a sua vontade, o seu genio, as suas paixoens, e levasse com espirito de paciencia, e conformidade a grande Cruz do corpo, e espirito que padecia, continuando a exercitar as virtudes da caridade, humildade, obediencia, fé viva, e esperança firme em Deos, tendo-o sempre presente, virtudes todas estas compativeis com suas queixas, que lhe vinhaõ da maõ do mesmo Senhor para seu maior merecimento, e salvaçaõ. Querendo a serva de Deos a exemplo de Christo ser obediente até á morte, fazia inteiro sacrificio da sua vontade, rendendo-a inteiramente á dos Ministros do mesmo Senhor, que lhe dirigiaõ o seu espirito.

566 Em testemunho da cordeal devoçaõ, que sempre teve ao Senhor Sacramentado, quando ella se achava na sua casa da Quinta-nova, de ordinario estava huma hora de manhã, outra de tarde na presença do mesmo Augusto Senhor Sacramentado, que alli se conserva na sua Capella, e na mesma visitava frequentemente a Via-

Sa-

Sacra em memoria da Paixaõ do Senhor, que tinha por delicias do seu espirito. Assim passou a memoravel D. Antonia Joaquina Tereza de Sousa Morato o melhor da sua vida, sempre occupada, e nunca ociosa. Naõ gastava, nem perdia o precioso tempo em diversoens de divertimentos frívolos, de festins, passeios, jogos, romarias, danças, Óperas, Comedias, em que domina o espirito do Mundo, e donde vive desterrado o de Jesu Christo. Naõ consumindo muitas horas cada dia no toucador em adornar o corpo com artificio de gallas, e enfeites profanos, e excessivos, segundo as invençoens, e modas do seculo corrupto, para parecer bem, e agradar aos filhos, e filhas do mesmo seculo, e conformar-se com suas depravadas maximas. Naõ em leituras de livros, que contém novellas, materias, e assumptos profanos, e nada de Deos, nem de piedade. Longe de ter esta Heroîna similhante conducta, ella occupava santamente o tempo da sua vida no serviço de Deos. Gastava horas no Oratorio para afformosear o seu espirito com a preciosa galla das virtudes. Divertia se com o trabalho honesto, e interessante de suas maõs

juntamente com ſuas criadas. Trajava com decencia, e moderaçaõ que convem a huma ſenhora, e Fidalga Chriſtã com o fim ſó de agradar a Deos, e em Deos a ſeu Conſorte, e nunca ao Mundo. Tinha os ſeus penſamentos no Céo, e a Deos preſente em toda a parte. Lia por livros piedoſos, que continhaõ vidas de Santos, e doutrinas que davaõ luz ao entendimento, e calor á vontade para conhecer, e amar a Deos, e ao proximo. Da Vida, e Morte de Chriſto conſervava viva lembrança, tendo eſte Senhor por modélo de ſuas operaçoens. Verdadeiramente eſta ſerva de Deos, na terra em corpo mortal, fazia vida de alguma ſorte Angelica. Começou com Chriſto, viveo com Chriſto, acabou com Chriſto fortalecida com os ultimos Sacramentos da Igreja, naõ cercada, e opprimida de eſcrúpulos, e dúvidas da ſalvaçaõ, como andava em vida, mas banhada em paz, e inteira tranquillidade de eſpirito, de ſorte que, apênas recebeo com inteiro conhecimento o Sagrado Viatico, falleceo pouco depois a 15 de Junho de 1795 na ſua Quinta, onde naſcêra, e ſe mandou enterrar no Habito da Senhora do Carmo, na Igre-

ja

ja dos Religiosos Calçados desta Ordem em Lisboa. Depois de escrever estas ultimas Memorias me chegou huma carta, que as confirma, como se vê na cópia seguinte. « R.mo Senhor;
» D. Antonia Joaquina Tereza de Sousa Morato, baptizada na Freguezia de S Engracia, naõ sei em que idade morreo, porém pouco passava de quarenta annos. A sua vida, e estado da sua consciencia sabe V. R.ma porque tambem a confessou... Ella fazia os bons officios de mãi de familias, sempre recolhida em casa, naõ era de andar em visitas, nem em Óperas; em fim naõ era de divertimentos do Mundo, era huma alma boa, fazia bem a todos, tinha muito de seu que distribuia com os pobres, além de pagar casas a huns, e ajudá-los a viver, repartia com todos, e a maior parte das esmólas eraõ occultas. Era muito amiga de Deos, e dos seus Santos. Tinha muito retiro, e guardava muito silencio. Tinha liçaõ de livros espirituaes, como era o *Kempis*, *Retiro Espiritual*, e outros similhantes. Frequentava os Sacramentos. A sua vida foi hum contínuo tor-

» men-

» mento de espirito, e só achava con-
» solaçaõ na doutrina de *Kempis*. Na
» ultima enfermidade padeceo muito,
» pois lhe durou perto de nove me-
» zes. Nesta se confessou muitas vezes,
» como costumava. Pois pensar ella
» que podia commetter peccado mor-
» tal era morrer, e só naõ temia mui-
» to a morte. . . Em fim era alma te-
» mentissima a Deos. Recebeo os ul-
» timos Sacramentos, e o Sagrado
» Viatico, que eu lhe administrei com
» authoridade do Parocho. E quando
» espirou havia tres quartos de hora
» que tinha commungado. Acabou co-
» mo hum Anjo sem apertos, nem
» signaes espantosos, em fim com mor-
» te de justa; morte de quem sempre
» viveo dominada do temor de Deos.
» Sempre se tratou sem faustos, nem
» enfeites, mas com honestidade, e
» a maior decencia. Do que digo pó-
» de V.R.ma discorrer da sua conducta;
» e advirta que desde o seu nascimen-
» to sempre assim foi; pois muitas
» vezes chorando, antes de casar,
» me dizia que antes queria ser mui-
» to pobre, e pedir huma esmóla,
» do que vêr-se senhora do patrimo-
» nio de seus pais, pois via-se obri-
» gada a casar, o que ella naõ que-

» ria,

„ ria, e foi hum dos grandes ſacrifi-
„ cios que ella fez, pois lhe cuſtou
„ accidentes, e muitas lagrimas. Eu o
„ ſei; por quanto ſeus pais me encarre-
„ gáraõ deſte negocio, e foi hum dos
„ grandes apertos em que me vi. Em
„ fim acabou com Deos, deixando a
„ todos cheios de ſaudades. Falleceo
„ a 15 de Junho, depois do meio dia,
„ e a 17 foi a ſepultar no Convento
„ do Carmo no Habito da Senhora,
„ pela devoçaõ que lhe tinha, a quem
„ chamava Mãi, e fazia tudo o que
„ em nome da Senhora ſe lhe pedia.

F I M.

Proteſtaçaõ do Author.

RAtifíco de novo o Proteſto, que fiz no fim do I. Tomo deſta Hiſtoria, ſujeitando-me em tudo o que tenho eſcrito, á correcçaõ, cenſura, e juizo da Santa Madre Igreja, e de ſeus Miniſtros, eſpecialmente aos Decretos relativos á veneraçaõ, que ſe permitte aos ſervos de Deos, que vivêraõ, e morrêraõ em opiniaõ de ſantidade, declarando que a minha intençaõ ſempre foi, he, e ſerá conformar-me em tudo com a intençaõ, e juizo da meſma Santa Igreja, que como columna da verdade, que naõ póde errar, he ſó abaixo de Deos a quem pertence decidir da ſantidade, e veneraçaõ de ſeus filhos.

Fr. Manoel de Maria Santiſſima.

IN-

INDEX

DAS

COUSAS MAIS ESPECIAES,

que se contém neste II. Tomo.

A.

Sa-

B.

Sua

C.

D.

Eleu-

E.

F.

Fran-

G.

Gas-

Fi-

Issi-

L.

Ma-

Ma-

ci-

R.

S.

T.

V.

FIM.

CATALOGO

DAS OBRAS IMPRESSAS, que compoz o mesmo Author desta Historia.

COmpendio Doutrinal, e Historico, em 12. 1797. —— 160.

Devoto Instruido na vida, e na morte. Quarta Ediçaõ correcta, e accrescentada, em 8. 1792. —— 480.

Directorio Christaõ, que facilita a Oraçaõ Mental, o modo de ouvir a Santa Missa, visitar a Igreja, e Via-Sacra; preparar para Confessar, e Commungar; fazer a Novena de N. Senhora, e das Almas; e que propoem dictames breves, e sólidos, para alcançar a perfeiçaõ Christá. Terceira Ediçaõ mais correcta por seu Author, em 12. 1799. —— 200.

Novena do Seraphico Padre S. Francisco de Assis. Segunda Ediçaõ, em 12. 1796. 60.

Terceiro Franciscano instruido nas obrigaçoens do seu Instituto, com a noticia de muitas Indulgencias concedidas á Terceira Ordem da Penitencia, em 8. 1787. —— 400.

Virtuoso Instruido na prática facil, e suave das virtudes Christás, em 8. 1787. Segunda parte do Devoto Instruido na vida, e na morte. —— 400.

ERRATAS.

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
10	12	elles.	todas ellas.
13	29	menſagueira.	menſageira.
16	3	compendioſas.	compendioſa.
20	20	bordaõ.	bordaõ,
49	15	Saulo.	ſeculo.
56	3	e convertêraõ.	e ſe convertêraõ.
58	19	Excellencia.	Eminencia.
ibid.	26	Excellencia.	Eminencia.
77	14	a ſeus	ſeus.
87	8	Excellentiſſimo.	Eminentiſſimo.
127	27	do ſeu nome.	do Santo do ſeu nome.
137	10	e ſupportava.	e ſe portava.
145	30	cada hum	a cada hum.
146	3	trabalhos.	trabalho.
197	10	obſervaçoens.	obſervancias.
209	10	vicioſas.	viçoſas.
214	20	baſtaria.	baſtará.
262	13	Morgado.	em Morgado.
301	5	amador.	amado.
302	14	caſas.	covas.
314	30	viſinhanças.	e viſinhanças.
334	28	neſte.	neſta.
343	18	Chriſtaõ.	Chriſtã.
348	30	deſta.	diſtante da.
354	25	Fr. Gaſpar.	Gaſpar.
ibid.	26	effeitos.	defeitos.
361	2	me animei.	me animo.
381	19	com tal.	com toda.
427	2	Peliçaõ.	Pelicaõ.
430	10	meſma.	minha.
439	22	ſo officio.	o ſeu officio.
474	31	delle.	dalli.
478	30	penetrando.	penetrado.
485	16	e que quanto.	e quanto.
489	15	poderemos.	puderamos.
500	17	cella pobre.	a ſua cella era taõ pobre.
570	23	e cuidou.	e eſtudando.
580	31	a occupaçaõ.	na occupaçaõ.
587	3	que ſou	porque ſou
611	15	viverem.	a viverem.
632	26	abſtençaõ.	abſtracçaõ.

Pag.	*Lin.*	*Erros.*	*Emendas.*
646	22	virtudes.	as virtudes.
669	22	caminhavaõ.	encaminhavaõ.
689	8	recorrendo.	recebendo-os.